27ª EDIÇÃO

VOL. 01

UNIVERSIDADE EM DIÁLOGO: CIÊNCIA, CULTURA E TERRITÓRIO

ENTREVISTA COM DRª MARTHA MARANDINO (USP)//
Os diálogos e possibilidades da popularização da ciência e a extensão universitária dialógica

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS //
Caminhos Floridos: a fotografia como mediadora da visibilidade botânica entre estudantes do sertão baiano

ARTIGOS CIENTÍFICOS //
Bordando a Cidade: memória, identidade e afeto



REVISTA EXTENSÃO E CULTURA DA UFRB

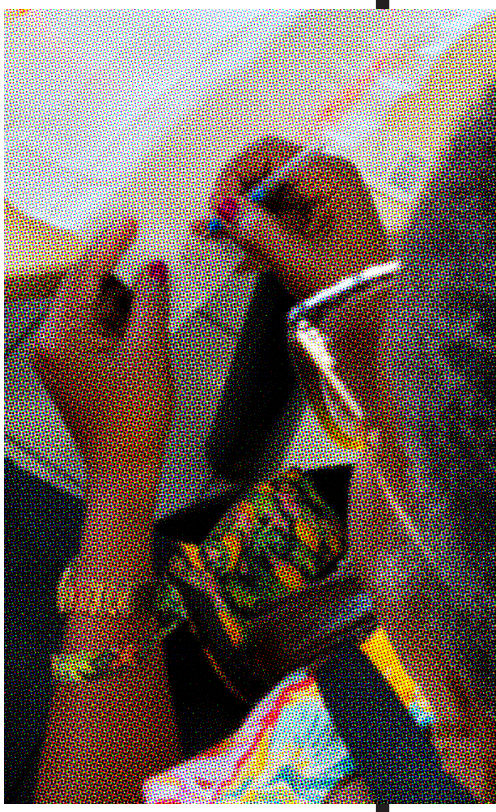
REC

27ª EDIÇÃO

VOL. 01

Cultura e território

FOTO CAPA:
DESFIAMENTO 2024 LEILA CARVALHO





EDITORIAL //

REC: Universidade em diálogo: ciência, cultura e território

TERRITORIOS EM ARTE // BORDANDO A CIDADE

Bordando a cidade: memória, identidade e afeto

ENTREVISTA // Martha Marandino

Os diálogos e possibilidades da popularização da ciência e a extensão universitária dialógica

“ A UNIVERSIDADE PRECISA DEIXAR A SOCIEDADE ENTRAR.”

MARTHA MARANDINO

SUMÁRIO

1 ARTIGOS CIENTÍFICOS

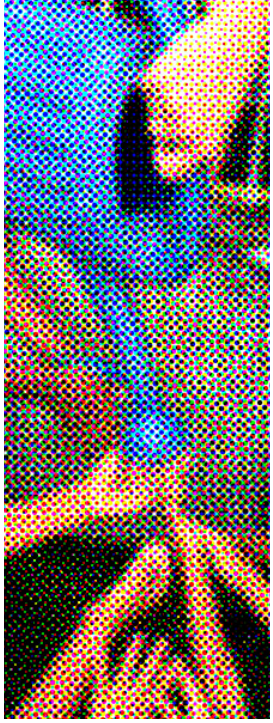
ARTIGO
CULTURA E ARTES //
Bordando a cidade: memória, identidade e afeto

ARTIGO
CULTURA E ARTES //
De heranças e espectros na literatura brasileira contemporânea

ARTIGO
EDUCAÇÃO //
A relação professor-estudante na extensão universitária: horizontalidade, autonomia e o impacto na formação discente

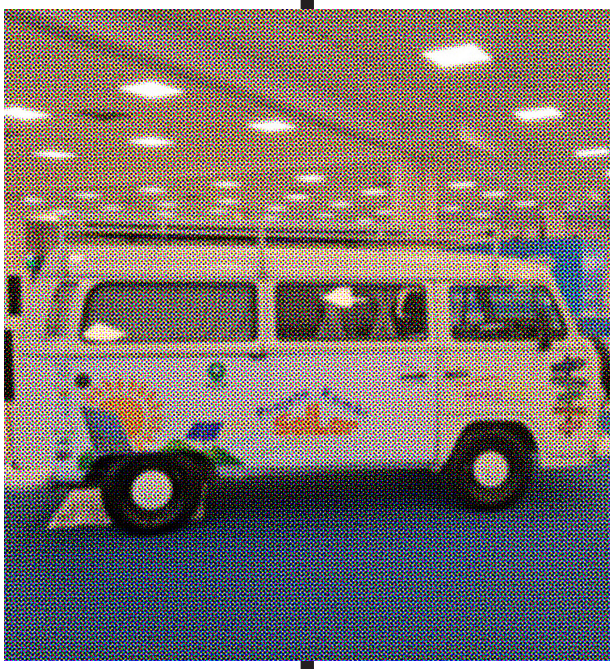
ARTIGO
SAÚDE //
Conectando saberes: experiências das PICS em ações de extensão no SUS e SUAS

ARTIGO
MEIO AMBIENTE //
A potência da Col-Íris como estratégia pedagógica de conexão das pessoas com o oceano



ARTIGO
EDUCAÇÃO //
Estratégias para divulgação científica sobre a megafauna do Pleistoceno/ Holoceno do Estado da Bahia

ARTIGO
EDUCAÇÃO //
Vivências extensionistas na Licenciatura em Matemática: formação para a inclusão



O SUMÁRIO REC FAZ PARTE DA REVISTA EXTENSÃO E CULTURA DA UFRB / REC UMA REALIZAÇÃO DA PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA (PROEXC) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB)

ACESSE A EDIÇÃO COMPLETA DA REVISTA

PROEXC
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

UFRB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



(...) TRANSPÕE A TRANSMISSÃO DE UM SABER; TRATA-SE DE RECONHECER E FORTALECER UM CONHECIMENTO QUE CARREGA AFETO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA.

BRITO ET AL., 2026

ARTIGOS CIENTÍFICOS

ARTIGO

EDUCAÇÃO // Robótica como ferramenta para introdução da Cultura Maker e programação na educação básica

ARTIGO

TECNOLOGIA E PRODUÇÃO // Kombi sollar: uma experiência itinerante de educação ambiental e tecnologias sustentáveis visual e prevenção de parasitoses

ARTIGO

DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA // Curricularização da extensão: a experiência da Unicatólica do Rio Grande do Norte com as trilhas de extensão em relações étnico-raciais e direitos humanos

ARTIGO

GÊNERO E SEXUALIDADE // Formação universitária e o enfrentamento da violência de gênero: relatos e análises de um projeto de extensão

ARTIGO

EDUCAÇÃO // Crianças, saúde e extensão: ações integradas de promoção da saúde visual e prevenção de parasitoses

P.U.C

ACESSE A EDIÇÃO COMPLETA DA REVISTA

2

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

RELATO

CULTURA E ARTES //
Caminhos floridos: a fotografia como mediadora da visibilidade botânica entre estudantes do sertão baiano.

RELATO

MEIO AMBIENTE //
Educação ambiental no ensino fundamental: o lúdico como ferramenta de aprendizagem



(...) TOMAR POSSE SIMBÓLICA E AFETIVA DO QUE NOS CERCA, INCLUINDO O TERRITÓRIO EM QUE HABITAMOS. CONHECER A FLORA LOCAL É TAMBÉM UMA FORMA DE SE RECONHECER PERTENCENTE.

BESSA, 2026



RELATO

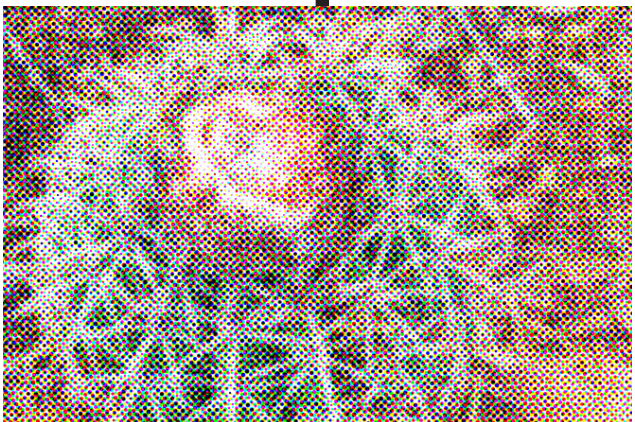
EDUCAÇÃO //
Experiência com sementes crioulas na educação do campo através do programa institucional de bolsa de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RELATO

SAÚDE //
"Vozes-mulheres que circulam": um relato de experiência de escuta do luto silenciado e da potência coletiva de mulheres negras

RELATO

DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA //
Tecendo diálogos sobre raça e gênero: uma experiência extensionista entre universidade e escola pública



RELATO

EDUCAÇÃO //
Educação física na educação infantil: relato de experiência em uma creche pública do município de Amargosa/ba

RELATO

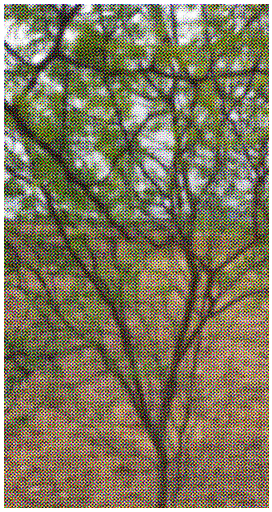
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA //
Curso de formação étinico-racial: um relato de experiência da extensão universitária

RELATO

TECNOLOGIA E PRODUÇÃO //
Projeto de melhoria em uma indústria de fraldas: um relato de experiência

RELATO

TECNOLOGIA E PRODUÇÃO//
Um relato de experiência: projeto de melhoria numa fabricação de brownies



RELATO

EDUCAÇÃO //
Jogos didáticos e popularização da ciência: experiências formativas de licenciandas em química na SNCT/UFRB

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS



RELATO

CULTURA E ARTES//
Não ler custa caro: a experiência de um clube de leitura na formação de novos leitores

RELATO

SAÚDE//
Ensino e extensão: relato de experiência do projeto "NUTRIRSAJ – atendimento ambulatorial de nutrição clínica" na formação do nutricionista

RELATO

GÊNERO E SEXUALIDADE//
Escrever dores e lutas: relato de experiência de oficinas de combate à misoginia e ao feminicídio

RELATO

CULTURA E ARTES //
Agentes quilombolas em curso: turismo comunitário e promoção da igualdade racial

RELATO

COMUNICAÇÃO //
Estratégias para a divulgação científica: uma experiência extensionista de gestão do Instagram na promoção da ciência

RELATO

EDUCAÇÃO //
Educação em diálogo: desafios da modernidade, saberes docentes e construção coletiva no ensino

RELATO

EDUCAÇÃO //
Dialogando sobre inclusão de pessoas surdas: articulação entre a universidade e a Ronda Escolar Portal do Sertão

RELATO

EDUCAÇÃO //
Juventude camponesa e permanência universitária: entre desafios e resistências

RELATO

EDUCAÇÃO //
Mediação Cultural no Memorial de Ensino Agrícola Superior da Bahia – MEASB: relatos de experiências com diferentes perfis de público visitante

RELATO

GÊNERO E SEXUALIDADE//
Educação sexual na infância: construindo saberes por meio da educação popular

RELATO

SAÚDE//
Tem criança na cozinha: um relato de experiência em educação alimentar e nutricional na infância

RELATO

EDUCAÇÃO //
Inclusão e ensino colaborativo: a superação do trabalho paralelo

RELATO

EDUCAÇÃO //
Educação alimentar e nutricional e autismo: vivências de um estágio docente de mestrado na educação infantil

RELATO

SAÚDE //
Educação, descolonização e extensão popular no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: um relato de experiência

RELATO

TRABALHO //
Aprender fazendo: o programa de jovens agentes de comercialização

RELATO

CULTURA E ARTES //
Casa do Duca: espaço de partilhamento culturais, ancestrais e artísticos

RELATO

EDUCAÇÃO //
"Se eu fizer errado, vai ter problema?": relato de experiência em uma oficina de literatura de cordel



EXPEDIENTE
QUEM FAZ //

REC

REITORA
Georgina Gonçalves do Santos

VICE-REITOR
Fábio Josué Souza dos Santos

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA
Danillo Silva Barata

COORDENADORIA DE CULTURA E UNIVERSIDADE (CCU)
Fabiana Comerlato

COORDENADORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (CEU)
Maria da Conceição de Menezes Soglia

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS (NUEDAC)
Tabata Figueiredo Dourado
Maria Barbara Goncalves dos Santos Silva

NÚCLEO DE CULTURA E TERRITÓRIOS (NUCTER)
Caroline de Jesus Fonseca da Silva

EDITORES-CHEFES
Fabiana Comerlato
Tabata Figueiredo Dourado

EDITORA EXECUTIVA
Tabata Figueiredo Dourado

EDITORA ASSISTENTE (BOLSISTAS DE EXTENSÃO)
Layza Miranda B. Figueredo
Leila Santana da Silva de Carvalho

COMITÊ EXECUTIVO
Fabiana Comerlato, Dra. **UFRB**
Tabata Figueiredo Dourado, Dra. **UFRB**
Sandrine Souza, Ma. **UFRB**
Maria da Conceição de Menezes Soglia, Dra. **UFRB**

CONSELHO EDITORIAL/ CIENTÍFICO
Tatiana Ribeiro Velloso, Dra. **UFRB**
Ana Rita Santiago, Dra. **UFRB**
Custódia Martins, Dra. **UMINHO/Portugal**
Juan A. C. Rodriguez, Dr. **UACH/México**
José Alberto Pereira, Dr. **IPB/ Portugal**
Odette Gonsález Aportela, Dra. **UH/Cuba**

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Sandrine Souza, Ma. **UFRB**

EDITORAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Leila Santana da Silva de Carvalho

PROJETO GRÁFICO
Casa Grida

AVALIADORES AD HOC DA 25ª EDIÇÃO, ANO 2024.1
Alaíde Regia Sena Nery de Oliveira / **IFCE**
Aldaci Santos Lopes / **UNEB**
Alessandra Barbosa Adão / **UFSB**
Alex Duarte de Araújo / **UnB**
Andreia Pereira de Macedo / **UFRRJ**
Angelo Márcio Valle da Costa / **UFF**
Antonio Lucas Brito de Souza / **UECE**
Antonio Luís de Quadros Altieri / **UNICAMP**
Artur Pires de Camargos Júnior / **UNIVÁS**
Caliane Costa dos Santos da Conceição / **SEC BA**
Caroline Barbosa Vieira / **UERGS**
Caroline de Jesus Fonseca da Silva / **UFRB**
Cristiane Mesquita da Silva Gorgonio / **UFRJ**
Daniel Gois Rabelo Marques / **UFRJ**
Danielle Teixeira de Oliveira / **UFMG**
Davi Leal Sousa / **UFPI**
Deyla Paula de Oliveira / **UFT**
Djane da Anunciação do Espírito Santo / **UFBA**
Fabiana Comerlato / **UFRB**
Fabrício Aparecido Bueno / **IFSULDEMINAS**
Fabrício de Souza de Oliveira / **UFBA**
Filipe Arnaldo Cezarinho / **UFRRJ**
Gabriela Soares Santos / **UFBA**
Geovane de Melo Leal / **UFMS**
Graziela Hahn / **UFSC**
Hellyegenes de Oliveira / **UNESA**
João Fernando Costa Júnior / **UFT**
João Vitor Teodoro / **UFTM**
Jordana Rodrigues da Silva / **UFSM**
Júlio Cesar da Silva / **UNIFAA**
Leandro Augusto / **UFF**
Lucas da Silva Maia / **UFRB**
Lucas Patricio de Souza / **USP**
Luiz Carlos Nunes de Santana / **UNISANTOS**
Mara Solange da Silva Amaral / **USCS**
Márcia Farsura de Oliveira / **UFV**
Marcio Lacerda Lopes Martins / **UFRB**
Marcos Roberto da Silva / **UFRB**
Maria da Conceição de Menezes Soglia / **UFRB**
Maria Eduarda Bezerra Lacerda Swendsen / **UFPB**
Mauricio de Oliveira Miranda / **UFRB**
Moisés Henrique de Mendonça Nunes / **UNEB**
Paulo Henrique Prado da Silva / **UENF**
Polianna dos Santos de Farias / **UNIVASF**
Priscila Lisboa Baptista / **UNESP**
Priscila Miraz de Freitas Grecco / **UFRB**
Rafaela Domingues Pereira / **UNESP**
Raniere de Carvalho Almeida / **SEC CE**
Renata Borba de Amorim Oliveira / **UFRJ**
Rhegysmere Myrian Rondon Alves / **UFMS**
Robson Nunes Vieira / **UFSB**
Sandro Augusto Lobato de Lima / **UNIFAMAZ**
Sandro Juliati / **UFES**
Simone Gomes de Faria / **UFPel**
Solano Sávio Figueiredo Dourado / **UFS**
Tabata Figueiredo Dourado / **UFRB**
Tamiris Batista Diniz / **UERJ**
Tatiane Martins Moacir de Almeida / **UFSCAR**
Tayronne de Almeida Rodrigues / **UNIVASF**
Tercio da Silva Menezes / **UFRB**
Timóteo de Araújo Pereira / **UESC**
Vanda do Carmo Lucas dos Santos / **UFV**
Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins / **UFRB**
Wanderson Santos Silva / **Sesc RJ**



PROEXC
PUBLICAÇÕES

Revista Extensão. 27ª edição, vol. 1 (Junho, 2026) –
Cruz das Almas, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2026
Semestral

ISSN: 2236-6784

e-ISSN: 2764-5878

1. Extensão Universitária – Periódicos. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

CDD 378.81

PERMITE-SE A REPRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES PUBLICADAS, DESDE QUE SEJAM CITADAS AS FONTES.

ALLOWS REPRODUCTION IN PUBLISHED INFORMATION, PROVIDED THAT SOURCES ARE CITED.

PEDE-SE PERMUTE.

WE ASK FOR EXCHANGE.

REALIZAÇÃO

PROEXC
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

UFRB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Rua Rui Barbosa, 710, Centro, Cruz das Almas — 44.380-000, Bahia, Brasil

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FABIANA COMERLATO
COORDENADORIA DE CULTURA E UNIVERSIDADE (PROEXC UFRB)//



TABATA FIGUEIREDO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS (PROEXC UFRB)//

EDITORIAL É com muita satisfação que apresentamos a nova edição da Revista de Extensão e Cultura da UFRB. A revista celebra os seus 15 anos de existência reafirmando o compromisso com a Extensão Universitária sob a égide do pluralismo, da interdisciplinaridade e da interculturalidade. Destacamos a importância das revistas voltadas a Extensão Universitária, já que elas cumprem um papel crucial na difusão das reflexões e práticas junto com as comunidades e a circulação e troca de saberes acadêmicos e tradicionais. Em sua trajetória, a REC consolidou-se como uma revista que aponta para a diversidade e para as experiências educativas em diversos espaços institucionais e sociais.

A 27ª edição da REC, com o título **"Universidade em Diálogo: ciência, cultura e território"** reúne trabalhos que evidenciam a potência da extensão universitária como espaço de formação, diálogo de saberes, essencialmente articulada com a produção cultural, artística e científica dos territórios com os quais se relaciona.

Na editoria *Territórios em Arte*, percorremos as linhas e cores da arte têxtil do Recôncavo da Bahia, por meio de fotografias do projeto Bordando a Cidade. Sob a ótica dos estudos patrimoniais, o bordado tradicional de Santo Amaro é mediador das memórias e identidades em um diálogo intergeracional.

Na seção Entrevista, temos a honra de compartilhar a entrevista **"Os diálogos e possibilidades da popularização da ciência e a extensão universitária dialógica"** com a professora Martha Marandino, que atualmente é professora titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Com larga experiência na área de Educação Museal e Educação Científica, a professora Martha nos brinda com reflexões sobre o campo da popularização da ciência no atual cenário brasileiro e latino-americano.

Os textos desta edição transitam por diferentes campos do conhecimento, contemplando discussões sobre educação, saúde, cultura, trabalho, relações étnico-raciais, gênero, divulgação científica,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

sustentabilidade, tecnologias sociais e permanência estudantil. E, entre as áreas mais recorrentes nesta edição, destacam-se a Educação, a Saúde e as Ciências Humanas, em estreita interlocução com práticas interdisciplinares e extensionistas. Destaca-se o compromisso com perspectivas críticas e emancipadoras da educação, por meio de temas como decolonialidade, educação popular e educação inclusiva.

Predominam os relatos de experiência extensionistas em relação direta com a comunidade, revelando o caráter vivo, coletivo e territorializado das ações desenvolvidas nas universidades e em diálogo com a sociedade. E as experiências apresentadas abordam desde ações na educação infantil, educação do campo e formação docente até iniciativas voltadas à saúde coletiva, nutrição, práticas integrativas, inclusão de pessoas surdas, promoção da saúde e enfrentamento das violências de gênero e do racismo. Também ganham relevância as produções voltadas à popularização da ciência, à cultura e às expressões artísticas, evidenciando a extensão como espaço de mediação cultural. Ao lado disso, emergem experiências ligadas à sustentabilidade ambiental, à agroecologia, à segurança alimentar, à economia solidária e ao fortalecimento de comunidades quilombolas e camponesas com suas identidades e memórias coletivas.

Também chama atenção, nesta edição da REC, a presença de trabalhos que evocam sensibilidade, poesia e potência estética, revelando a extensão como espaço de afeto, escuta, memória e criação coletiva. Trabalhos como *Caminhos Floridos, Bordando a Cidade, Vozes-Mulheres que Circulam e Escreviver Dores e Lutas* anunciam, já em seus títulos, experiências marcadas pela subjetividade, delicadeza e pelo compromisso com narrativas de resistência, pertencimento e transformação social.

A diversidade temática do volume é acompanhada pela pluralidade institucional com textos de autores e autoras vinculados a diferentes universidades, institutos e organizações. As experiências reunidas retratam diferentes realidades regionais, especialmente do estado da Bahia e do Nordeste brasileiro, contando ainda com trabalhos oriundos de instituições das regiões Sudeste e Sul do país, fortalecendo redes de colaboração acadêmica e comunitária em diferentes contextos socioculturais.

O processo de edição da REC foi pensado em proporcionar uma experiência de aprendizado e inspirar pessoas para o engajamento em processos educativos entre a Universidade e a sociedade brasileira.

Boa leitura!

Territorios em arte
Bordando a cidade



ENSAIO
CULTURA E ARTES //

O "Bordando a Cidade"[1] nasceu de encontros. Entre universidade e comunidade, entre memória e técnica, entre bordado e cidade. Nasceu também de uma experiência específica: a chegada da UFRB a Santo Amaro e, da minha chegada ao Recôncavo baiano, em 2014, quando a atuação docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia passou a se entrelaçar às práticas de extensão universitária, à educação patrimonial e às investigações antropológicas sobre saberes, ofícios e cotidianos. A cidade, suas festas, seus modos de viver e suas expressões culturais produziram deslocamentos importantes na maneira de compreender tanto a antropologia quanto a própria universidade.

1
Texto de autoria de Thaís Fernanda Salves de Brito.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878





“MAIS DO QUE ENSINAR TÉCNICAS, OS ENCONTROS BUSCAVAM PRODUZIR RELAÇÕES”

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878





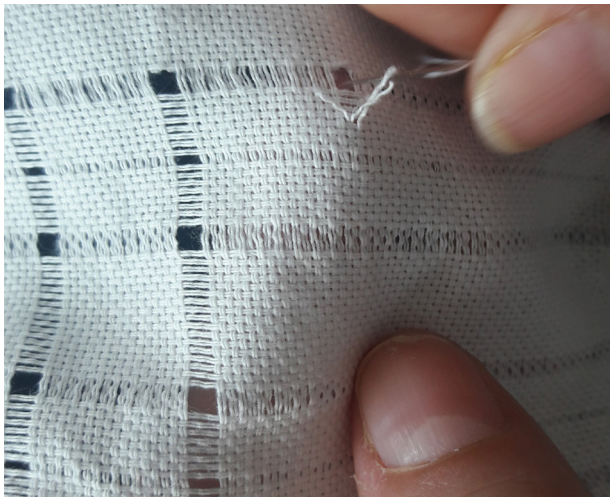


ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

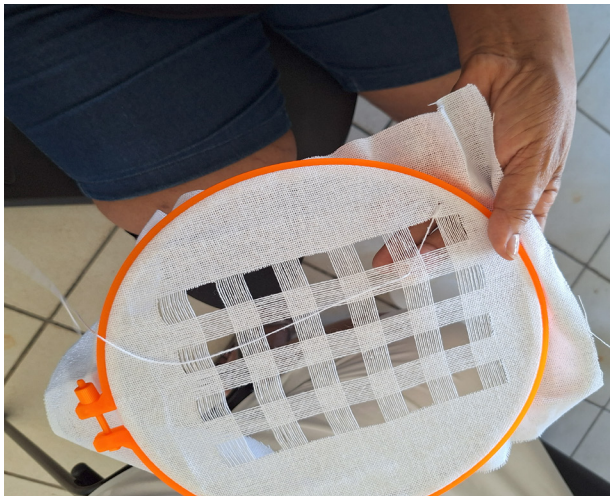


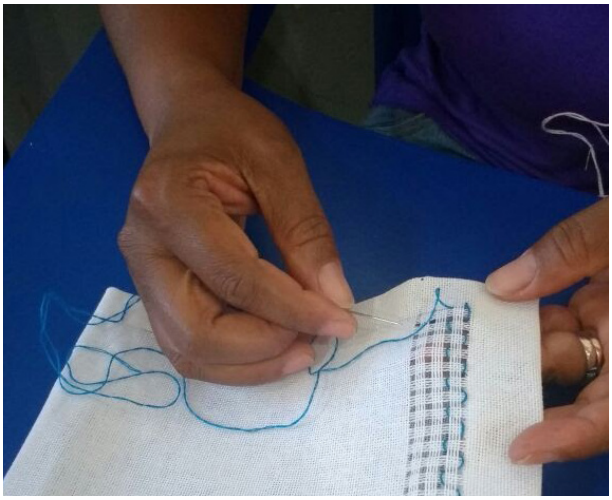
1. **AS FOTOGRAFIAS EXPOSTAS FORAM PRODUZIDAS ENTRE OS ANOS DE 2014 E 2025 PELA COORDENADORA DO PROJETO E DEMAIS COLABORADORES, DURANTE OS ENCONTROS REALIZADOS. AS AMOSTRAS APRESENTADAS CORRESPONDEM ÀS PRODUÇÕES DESENVOLVIDAS PELAS MULHERES QUE FORMARAM O PROJETO.**

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878









INTRODUÇÃO Inicialmente, o projeto surgiu de forma experimental, quase como uma tentativa de criar espaços de convivência e troca a partir das técnicas têxteis e dos saberes relacionados ao bordado, enquanto buscávamos criar aproximações entre universidade e comunidade santamarense. A experiência anterior de pesquisa sobre bordadeiras e produção artesanal têxtil no Nordeste brasileiro já apontava que o bordado não poderia ser entendido apenas como ornamentação ou trabalho manual. Os bordados carregam narrativas, memórias familiares, formas de transmissão de conhecimento, relações de gênero, circuitos econômicos e modos de interpretar o mundo.

Ao longo do tempo, o "Bordando a Cidade" passou a reunir oficinas, rodas de conversa, atividades de formação, ações de educação patrimonial e experimentações pedagógicas. Mais do que ensinar técnicas, os encontros buscavam produzir relações. Bordava-se enquanto se falava da cidade, das trajetórias de vida, das famílias, do trabalho, da religiosidade e das transformações do território. Nesse

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

processo, a prática extensionista deixou de funcionar apenas como "retorno" universitário para a comunidade e passou a operar como espaço de produção compartilhada de conhecimento. Essa perspectiva aparece, posteriormente, no artigo "Por uma antropologia ouriçada", no qual a experiência extensionista é compreendida como uma forma de relação etnográfica marcada por curiosidades mútuas, deslocamentos e abertura ao inesperado.

"Bordando a cidade – Oficinas de bordado e de educação patrimonial" consolidou-se institucionalmente por meio de sua articulação com o Massapê – Programa de Educação Patrimonial, ativo desde 2014, e com o Grupo de Pesquisa Mesclas. E, desde então, temos ampliado sua atuação, fortalecendo vínculos entre estudantes da universidade e a comunidade santamarense, especialmente mulheres interessadas nas práticas do bordar e nos debates sobre memória e patrimônio cultural.

Uma das experiências mais importantes dessa trajetória foi a formação do grupo "Bordadeiras da Ilha", criado a partir das oficinas realizadas na Ilha do Dendê, região periférica de Santo Amaro. Entre 2014 e 2018, desenvolvemos atividades no bairro que promoveram encontros entre mulheres da comunidade que passaram a bordar coletivamente, produzindo não apenas peças artesanais, mas também espaços de convivência, ocupação e geração de renda. O impacto dessa experiência foi registrado em documentos institucionais do projeto, nos quais se destaca a importância da extensão universitária na transformação das relações entre universidade e território.

Paralelamente às ações comunitárias, o "Bordando a Cidade" também produziu reflexões acadêmicas e desdobramentos de pesquisa. O projeto gerou trabalhos de conclusão de curso, relatórios, apresentações em congressos, artigos e capítulos de livro. Entre eles, destaca-se o texto "Aula de bordado", publicado na coletânea Artes, Saberes, Antropologias (2022), que discute uma experiência pedagógica realizada no contexto universitário a partir das práticas do bordar. O texto propõe pensar o bordado como dispositivo de memória, aprendizado e transformação, mostrando como estudantes passaram a revisitar histórias familiares, experiências de trabalho e conhecimentos cotidianos frequentemente invisibilizados no espaço acadêmico.

Nos últimos anos, o projeto passou a se dedicar especialmente ao bordado barafunda, técnica tradicional presente nas indumentárias do Candomblé na Bahia. O interesse por esse tipo de bordado surgiu da aproximação com práticas culturais e religiosas do Recôncavo, especialmente da percepção de que os bordados desempenham papel fundamental nas formas de devoção, distinção e expressão pública das religiões afro-brasileiras. O barafunda é um bordado realizado sobre tecido desfiado, formando uma espécie de mosaico a partir do urdir das linhas. Sua execução exige precisão técnica, paciência e domínio de um conhecimento transmitido entre gerações e, sobre essa



modalidade de bordado específica, Leila Carvalho, uma das participantes do projeto e mestranda da UFRB está desenvolvendo sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

As oficinas mais recentes reuniram estudantes, mulheres da comunidade e participantes idosas, criando um espaço intergeracional de aprendizagem e troca. Ao mesmo tempo, essas experiências passaram a dialogar diretamente com pesquisas mais amplas sobre pedagogias do cotidiano, artes e saberes da pessoa comum, vinculadas ao projeto de pesquisa.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Ao longo dessa trajetória, o "Bordando a Cidade" tornou-se mais do que um projeto de oficinas. Transformou-se em espaço de investigação antropológica, prática pedagógica, ação extensionista e experiência de convivência. Seus caminhos nunca foram lineares. Houve dificuldades institucionais, problemas de financiamento, interrupções e reformulações. Ainda assim, o projeto continuou produzindo encontros, deslocamentos e perguntas importantes sobre memória, patrimônio, cidade e universidade.

Hoje, talvez uma das questões mais difíceis seja justamente pensar seu futuro. Depois de tantos anos, o projeto já não cabe apenas como ação extensionista ou atividade acadêmica. Ele se tornou parte de uma reflexão mais ampla sobre os modos de construir relações entre conhecimento, território e vida cotidiana. Permanecer, transformar-se ou encerrar um ciclo são possibilidades que seguem em aberto. Talvez porque alguns projetos não existam para produzir respostas definitivas, mas para manter vivas certas formas de encontro, escuta e elaboração coletiva do mundo.



ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ENTREVISTA
EDUCAÇÃO //
MARTHA MARANDINO

Os diálogos e possibilidades da popularização da ciência e a extensão universitária dialógica

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

27ª ED. VOL. 1 2026

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Entrevista
Martha Marandino

Os diálogos e possibilidades da popularização da ciência e a extensão universitária dialógica

QUEM É //
MARTHA MARANDINO



MARTHA MARANDINO Professora associada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP e docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ensino de Ciências da instituição. Pesquisadora referência nos campos da educação não formal, divulgação científica e educação museal, coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação da Ciência (GEENF). Sua trajetória acadêmica reúne pesquisas, publicações e ações de formação voltadas às relações entre museus, ciência, cultura e sociedade, com destaque para os estudos sobre mediação cultural, alfabetização científica e educação em museus. Também colabora com iniciativas de formação em divulgação científica junto à Fundação Oswaldo Cruz, consolidando-se como uma das principais referências brasileiras no campo da educação museal e da comunicação pública da ciência.

Entrevista
Martha Marandino

INTRODUÇÃO Entre museus, salas de aula, movimentos sociais e debates sobre ciência, a trajetória da professora Martha Marandino se consolidou como uma das mais relevantes do país no campo da educação não formal e da divulgação científica. Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora bolsista de produtividade do CNPq e coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciência (GEENF), Marandino construiu uma carreira marcada pela articulação entre ensino, pesquisa e extensão, sempre atravessada pela defesa de uma ciência mais pública, crítica e conectada com a sociedade.

Nesta entrevista, a pesquisadora revisita momentos decisivos de sua formação – da atuação como professora de educação básica e pesquisadora em ensino de ciências à experiência no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e nos museus universitários da USP. Ao refletir sobre sua trajetória, Martha também apresenta um panorama das transformações vividas pelo campo da divulgação científica nas últimas décadas, discutindo os impactos das políticas de extensão universitária, os desafios da comunicação pública da ciência e as disputas em torno da produção de conhecimento em um contexto marcado pela desinformação e pela polarização social.

Com uma perspectiva crítica e profundamente dialógica, a entrevistada propõe uma compreensão ampliada da educação científica, capaz de reconhecer diferentes saberes, territórios e sujeitos sociais. Ao longo da conversa, ela aborda temas como alfabetização científica, curricularização da extensão, museus universitários, controvérsias científicas e os limites de modelos tradicionais de divulgação da ciência. Mais do que respostas prontas, Martha Marandino oferece provocações e convida o leitor a pensar o papel da universidade e da ciência diante das urgências contemporâneas.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Professora, sua trajetória acadêmica se consolida no campo da educação não formal e da divulgação científica. Quais experiências e escolhas foram decisivas para direcionar sua atuação para essas áreas e como esse campo se transformou ao longo dos anos?

Posso identificar vários momentos decisivos na minha trajetória. Sou bióloga e sempre gostei muito da área da Educação. Mesmo durante a graduação, quando realizei pesquisas em áreas mais específicas da Biologia, eu já tinha a convicção de que queria ser professora.

Minha atuação na Educação Básica e em projetos ligados à aprendizagem de ciências de pessoas com deficiência despertou em mim muitas inquietações sobre o cotidiano da sala de aula. Isso me levou ao mestrado em Educação, na PUC-Rio. Sou carioca e, naquela época, trabalhei com formação continuada de professores de Ciências. Fui orientada pela professora Vera Maria Ferrão Candau, uma referência importante no campo da Didática.

Durante o mestrado, também atuei em uma ONG de direitos humanos projeto Novamérica, a convite da própria Vera Candau. Trabalhei com ações de divulgação relacionadas aos direitos humanos em um momento muito especial do país, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando havia uma expectativa muito forte de consolidação democrática no pós-ditadura.

Na pesquisa de mestrado, entrevistei pessoas envolvidas com formação continuada de professores no Rio de Janeiro. Uma delas foi Guaracira Gouveia, que havia coordenado o Centro de Ciências do Rio de Janeiro e, naquele momento, atuava no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). A aproximação com ela foi fundamental, porque me levou a ingressar no museu e atuar na Coordenação de Educação. Esse foi um momento decisivo da minha trajetória, pois eu vinha caminhando mais na direção dos movimentos sociais e dos direitos humanos e, a partir desse convite, retomei de maneira mais intensa o diálogo com as Ciências Naturais.

O MAST tinha – e ainda tem – uma forte articulação entre educação e pesquisa. Quem trabalha lá participa de grupos de estudos e desenvolvia investigações sobre as próprias práticas educativas. Assim, comecei a atuar na Educação em museus ao mesmo tempo em que pesquisava essas práticas. Isso marcou profundamente minha trajetória.

Mais tarde, fiz doutorado na USP, orientada pela professora Myriam Krasilchik, uma referência histórica no Ensino de Ciências e de Biologia

“A UNIVERSIDADE PRECISA DEIXAR A SOCIEDADE ENTRAR.”

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

no Brasil. Meu doutorado já estava voltado para os museus, mas articulando Educação em Ciências e Ensino de Biologia. Pesquisei diferentes tipos de museus e analisei como os discursos expositivos eram construídos e transformados. Meu interesse era compreender como a ciência se transforma quando é divulgada ao público, porque ela deixa de ser apenas o discurso científico e passa a assumir outras finalidades sociais, educativas e comunicacionais.

Em 2002, ingressei como docente na Faculdade de Educação da USP e fundei o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação da Ciência (GEENF), que existe há mais de duas décadas. Minha trajetória sempre esteve ligada a essa inquietação: compreender melhor as práticas educativas e a relação entre ciência, educação e sociedade.

Você tem uma atuação importante na interface entre educação e museus. Como avalia o papel dos museus universitários e demais espaços não formais na promoção de uma educação científica mais dialógica e conectada com a sociedade?

Para responder a essa pergunta, preciso falar um pouco sobre extensão universitária. Em meu concurso para professora titular, desenvolvi uma reflexão justamente sobre **a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão na universidade, especialmente no campo da divulgação científica e da educação não formal**.

Uma questão que considero central é a presença da educação não formal na formação inicial de professores. Essa é uma luta antiga. Recentemente, com a nova resolução do Conselho Nacional de Educação, os estágios curriculares em espaços não formais passaram a enfrentar restrições. Isso representa um retrocesso, porque muitas universidades, especialmente as federais, já vinham consolidando experiências importantes de formação em museus, centros de ciência e outros espaços educativos.

Existe, muitas vezes, uma falsa oposição entre escola e museu, como se os espaços não formais viessem suprir "supostas" falhas da escola. Não vejo dessa maneira. Há escolas excelentes e há museus com inúmeras dificuldades estruturais. A questão não é estabelecer uma dicotomia, mas construir relações de parceria.

Nesse sentido, **os museus universitários ocupam um lugar privilegiado. Eles articulam pesquisa, ensino e extensão de forma muito orgânica**. São espaços vinculados à produção de conhecimento, à formação acadêmica e, ao mesmo tempo, ao diálogo com a sociedade por meio de exposições, ações educativas e atividades culturais.

Além disso, os museus universitários podem favorecer uma perspectiva mais dialógica da educação científica, especialmente quando reconhecem outros saberes e outras formas de produção de conhecimento. Isso inclui os conhecimentos de povos originários, comunidades tradicionais, movimentos sociais e diferentes grupos sociais historicamente marginalizados.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Hoje, a universidade precisa enfrentar esse debate. Há tensões internas, inclusive resistências a essa ampliação do conceito de conhecimento e mesmo de ciência. Mas **considero fundamental pensar a educação científica de maneira intercultural, aberta ao diálogo entre diferentes perspectivas e experiências**.

Nos últimos anos, observa-se um movimento de maior abertura das universidades para o diálogo com o público. Como a senhora analisa esse processo de ampliação da comunicação pública da ciência no ensino superior?

Esse movimento tem relação com a própria consolidação do campo da divulgação científica e da comunicação pública da ciência no Brasil e na América Latina. Embora muitas vezes se diga que chegamos "atrasados" a esse debate, acredito que precisamos olhar para nossa própria trajetória latino-americana, especialmente para as teorias da comunicação e da recepção produzidas aqui.

Ao longo das últimas décadas, houve também um fortalecimento das políticas públicas de popularização da ciência, especialmente a partir dos primeiros governos Lula, com a criação de estruturas específicas no Ministério da Ciência e Tecnologia voltadas para essa área no (Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação). Esse movimento esteve articulado a muitos outros, como exemplo de iniciativas latino-americanas, como a Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia da América Latina e do Caribe (RedePOP), que reúne experiências de popularização da ciência na América Latina e no Caribe.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que o campo da divulgação científica foi inicialmente muito influenciado por modelos europeus e estadunidenses, sobretudo por perspectivas centradas na alfabetização científica e no chamado "modelo do déficit", que entende a divulgação como uma simples transmissão de informações científicas para uma população considerada carente de conhecimento.

Hoje, existem movimentos importantes de revisão crítica dessas perspectivas. Passamos a **discutir comunicação pública da ciência a partir das nossas realidades, dos nossos problemas sociais e políticos, e das especificidades latino-americanas**.

Outro marco importante foi a curricularização da extensão universitária. Ela trouxe a extensão para o centro do debate acadêmico, mas também gerou muitas tensões. Em vários casos, a extensão acabou subordinada à lógica da graduação e transformada apenas em carga horária curricular, perdendo parte de sua dimensão política e social. Ainda assim, considero que esse processo abriu novas possibilidades de diálogo entre universidade e sociedade.

Considerando sua inserção em redes nacionais e internacionais, quais características marcam a produção brasileira no campo da educação em ciência? Há especificidades ou

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

contribuições que nos diferenciam nesse cenário?

Acredito que uma das principais características da produção brasileira hoje é justamente o esforço de pensar nossas questões, interesses, problemas e desafios a partir de referenciais latino-americanos, de perspectivas decoloniais e das experiências dos povos originários e tradicionais.

Continuamos dialogando com autores europeus e estadunidenses, mas há um movimento crescente de autonomia intelectual e de produção de referenciais próprios. Isso significa olhar para nossos problemas sociais, políticos e culturais de maneira situada.

Para mim, a pandemia foi um momento de inflexão importante. Passei a questionar mais profundamente determinadas perspectivas que utilizava em minhas pesquisas e a buscar outras formas de interpretar os museus, a ciência e a educação científica.

Hoje me interessa muito pensar os museus como instituições que historicamente legitimaram o poder e o conhecimento de determinados grupos sociais e silenciaram, muitas vezes de forma violenta, outras formas de conhecimento. Não há como contar a história dos museus sem reconhecer seu papel na legitimação da colonização. Mas não se trata de rejeitar os museus ou a ciência, mas de compreender criticamente seus processos históricos e criar outras possibilidades de atuação.

Tenho trabalhado muito com a ideia freireana de denúncia e anúncio: **denunciar as narrativas silenciadas, os processos de exclusão e as relações de poder presentes na ciência e nos museus, mas também anunciar outras formas possíveis de construção do conhecimento e de relação com a sociedade**.

Quais são hoje os principais desafios para a consolidação da alfabetização científica na educação básica, especialmente em um contexto de circulação ampliada de informações e desinformação?

Trabalhei muitos anos com o referencial da alfabetização científica e continuo considerando fundamental que as pessoas tenham acesso ao conhecimento científico de maneira crítica e informada.

No entanto, penso que o debate sobre fake news e desinformação precisa ser mais problematizado. Muitas vezes, coloca-se sobre a ciência a responsabilidade de "salvar" a sociedade da desinformação, como se bastasse acessar a informação científica para resolver o problema. Não acredito nisso.

A desinformação não se combate apenas com mais informação, mas com a maneira como essa informação é trabalhada socialmente. Isso exige discutir como a ciência é construída, quais interesses políticos, econômicos e sociais atravessam a produção científica e quais contradições fazem parte desse processo.

A ciência não é neutra. Historicamente, ela legitimou teorias racistas, eugenistas e diversas formas de violência. Reconhecer isso

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

não significa negar a ciência, mas compreendê-la como uma produção humana, histórica e social.

A pandemia evidenciou muito claramente essas tensões. Houve pesquisas divulgadas rapidamente, sem o tempo necessário para consolidação dos resultados, a percepção de interesses econômicos envolvidos e de diferentes disputas. Isso faz parte do funcionamento real da ciência.

Por isso, considero importante desenvolver ações de divulgação científica e alfabetização científica que discutam não apenas os conteúdos científicos, mas também a natureza da ciência: como ela é produzida, quais são seus limites, suas disputas e seus processos de validação.

Esse tipo de abordagem pode gerar desconfortos, mas acredito que ela contribui mais para a formação de um pensamento crítico do que uma visão idealizada da ciência como produtora absoluta da verdade.

Para estudantes e pesquisadores que desejam atuar na educação não formal e na divulgação científica, que caminhos, competências ou experiências a senhora considera fundamentais?

Acho importante que pesquisadores, professores e divulgadores científicos trabalhem não apenas os aspectos conceituais, mas também as dimensões políticas, sociais e culturais da ciência.

Tenho me interessado muito pelos chamados temas controversos. Um exemplo recente é o trabalho de doutorado de um orientando sobre a exposição de animais em museus e zoológicos. O estudo mostra como o público manifesta incômodos e questionamentos em relação à exposição de animais taxidermizados ou mantidos em cativeiro.

Esses debates evidenciam que não existe apenas uma única e certa perspectiva, a científica, sobre os problemas. Diferentes grupos sociais, movimentos ambientalistas, e comunidades também têm muito a dizer sobre essas questões. Os biólogos, físicos e químicos devem dialogar com os educadores, antropólogos, sociólogos: articular ciências naturais, sociais e humanas é fundamental para entender o mundo.

Trabalhar com temas controversos significa abrir a "caixa-preta" da ciência e mostrar que ela envolve disputas, negociações e diferentes posições. Isso pode gerar tensões, inclusive institucionais, mas considero fundamental para uma educação científica mais crítica e democrática.

De que forma a extensão universitária, em uma perspectiva dialógica, pode se articular com a educação científica e a popularização da ciência? Que caminhos a senhora enxerga para fortalecer práticas mais participativas e socialmente comprometidas?

Acredito que **a universidade precisa se deixar atravessar pela sociedade**. Isso significa permitir que outros conhecimentos, experiências e sujeitos participem efetivamente da produção de conhecimento acadêmico e científico.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Entrevista
Martha Marandino

Participei recentemente de um projeto de extensão com um coletivo LGBTQIA+ da cidade de São Paulo voltado para a construção de um inventário participativo do território e de um museu virtual, o Museu de Ocupação e Narrativas do Arouche LGBTQIA+ (MONA) a convite da colega Simone Scifoni. Foi uma experiência muito marcante porque, naquele contexto, meu conhecimento acadêmico não era central. O mais importante era o conhecimento produzido pelas próprias pessoas do coletivo sobre suas vivências e seus territórios.

Meu papel foi contribuir tecnicamente em alguns aspectos museológicos e metodológicos, mas o conteúdo do projeto foi construído coletivamente. Isso me deslocou de uma posição tradicional de especialista e me fez perceber o quanto ainda precisamos aprender a dialogar de maneira mais horizontal.

Esse tipo de experiência mostra que não se trata de abandonar o rigor acadêmico, mas de colocar o conhecimento científico em diálogo com outros saberes. Para mim, é nesse encontro que surgem as possibilidades mais interessantes de transformação social e de fortalecimento de uma extensão universitária realmente participativa e comprometida com a sociedade.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGOS CIENTÍFICOS



ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
CULTURA E ARTES //

Bordando a cidade: memória, identidade e afeto

THAÍS FERNANDA SALVES DE BRITO
LEILA SANTANA DA SILVA DE CARVALHO
GERIVALDO CALDAS DE OLIVEIRA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Embroidering the city: memory, identity, and affection

Bordando a cidade: memória, identidade e afeto

Embroidering the city: memory, identity, and affection

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
PATRIMÔNIO.
RELIGIOSIDADE.
BORDADO BARAFUNDA.

RESUMO Os bordados integram um conjunto de técnicas de ornamentação de tecidos que envolvem saberes práticos, revelando processos de aprendizado, criatividade e trabalho (Brito, 2022). Este artigo relata o processo de retomada e de realização das oficinas de bordado, em consonância com as perspectivas dos estudos sobre o patrimônio cultural, como extensão universitária, realizadas na cidade de Santo Amaro (BA). Como resultado, observamos como o fazer manual de um tipo de bordado tradicional e ligado ao território do Recôncavo se articula à construção de memória e de identidades, à elaboração de afeto intergeracional e ao fortalecimento de vínculos entre mulheres bordadeiras. Parte-se da apresentação do projeto Bordando a Cidade e de sua continuidade, que é o foco deste artigo, para refletir sobre os modos como práticas manuais se transformam em espaços de memória, de patrimônio e de produção coletiva.

KEYWORDS
UNIVERSITY EXTENSION.
RELIGIOSITY.
HERITAGE.
BARAFUNDA EMBROIDERY.

ABSTRACT Embroidery is one of a group of textile ornamentation techniques that involves practical knowledge, revealing processes of learning, creativity, and work (Brito, 2022). This article reports on the process of restarting and conducting the embroidery workshops, realised through a university extension project in the city of Santo Amaro (BA). This edition of the embroidery workshops was structured in consonance with the perspectives of cultural heritage studies, and therefore focused on a specific type of traditional embroidery intrinsically related to the Recôncavo region, which allowed us to observe how the process of hand embroidery is connected to the construction of memory and identities, the development of intergenerational affection, and the strengthening of bonds between women embroiderers. We begin with a presentation of the Bordando a Cidade project and its continuity, which is the focus of this article, to reflect on how manual practices are transformed into spaces of memory, heritage, and collective production.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

THAÍS FERNANDA SALVES DE BRITO
Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: thaisbrito@ufrb.edu.br

LEILA SANTANA DA SILVA DE CARVALHO
Pós-graduanda em Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. *Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil* (CAPES).
E-mail: leeilalia@aluno.ufrb.edu.br

GERIVALDO CALDAS DE OLIVEIRA
Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: gericaldas@hotmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Bordando a Cidade é um projeto de extensão que articula a prática do bordado aos processos de educação patrimonial, compreendendo o fazer manual como forma de produzir memória, pertencimento e reflexão sobre o território. Vinculado ao Massapê – Programa de Educação Patrimonial e sediado no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o projeto retomou suas atividades em 2025 por meio de oficinas de bordado, integradas ao projeto de pesquisa "Pedagogias do cotidiano: artes, saberes e fazeres da pessoa (em)comum". [1]

Em seu primeiro quadriênio, entre 2015 e 2019, a iniciativa alcançou cerca de 70 mulheres em Santo Amaro, especialmente moradoras da Ilha do Dendê e do Derba, bairros situados em áreas consideradas

1
O projeto de pesquisa "Pedagogias do cotidiano: artes, saberes e fazeres da pessoa (em)comum", financiado pela Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 – Faixa A vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Mesclas – Memória, Espaço e Culturas, sediado nesta universidade.

periféricas da cidade. Durante aquela primeira edição, semanalmente, essas mulheres foram atendidas com cursos de técnicas de bordado, oficinas de educação patrimonial e cursos de formação empreendedora para o artesanato. Ali, construímos uma rotina de trabalho, em parceria com a ONG Caritas - que nos cedeu o espaço nos primeiros dois anos - e com o Programa de Permanência Qualificada da UFRB[2], o que nos proporcionou uma aproximação consistente com a comunidade santamarense, através de três bolsas de pesquisa para alunas do Cecult.

Espontaneamente, com o desenvolver das oficinas de bordados e das conversas sobre o patrimônio, vimos nascer o grupo Bordadeiras da Ilha. Entre os anos de 2018 e 2019, cerca de 15 mulheres que se reuniram para bordar e criar peças com referências ao patrimônio cultural do Recôncavo passaram a comercializar estes produtos em eventos na cidade e por encomenda, com clientes, inclusive, fora do país. Esta história foi contada nesta mesma revista, em 2018.[3]

Infelizmente, esse modelo de trabalho não se sustentou por muito tempo. De um lado, não conseguimos atender às exigências burocráticas envolvidas na gestão de uma associação formalizada; de outro, faltaram condições para estruturar a comercialização das peças de forma contínua. A pandemia da Covid-19, por sua vez, inviabilizou os encontros presenciais e aprofundou fragilidades já existentes. Trata-se, contudo, de obstáculos recorrentes na trajetória de muitas associações de artesãs, que enfrentam desafios estruturais relacionados à formalização jurídica, à gestão administrativa e à inserção estável no mercado.[4]

Voltamos da pandemia, mas não foi simples voltar a nos reunir. O grupo havia se dispersado, e o interesse se perdeu nos difíceis dias de reclusão. Entretanto, a vontade de viver novamente aquela experiência permanecia, mas não sabíamos como retomar o caminho abandonado. Em um primeiro momento, pensamos em experimentar uma nova possibilidade de uso dos bordados: o "craftivismo" (neologismo, do inglês *craft* (artesanato) + ativismo – referindo-se aos ativismos políticos, baseados no DIY – do *it yourself*). Mas, ainda nos faltava algo.

Seguindo os passos do primeiro projeto de fomento ao bordado e à sensibilização para a educação patrimonial, desejávamos intercalar oficinas de educação patrimonial e de técnicas de bordado, por isso resolvemos levar a sério a perspectiva patrimonial e considerar os bordados não somente como didática ou caminho para se pensar o patrimônio. Passamos a pensar no bordado, entendendo-o, em si, como patrimônio. Por isso, iniciamos uma pesquisa sobre as atividades de linhas e agulhas e, neste contexto, um bordado específico, presente no Recôncavo em vários níveis da experiência das mulheres e também da coletividade, emergiu: o bordado barafunda.

Por isso, nesta edição, o projeto Bordando a Cidade dedicou-se ao bordado barafunda que se tornou muito popular na Bahia, principalmente na indumentária sacra do Candomblé. O bordado barafunda, como é popularmente conhecido na cidade de Salvador e em todo o Recôncavo Baiano, apresenta semelhanças com técnicas como o crivo e o labirinto, que também utilizam a retirada de fios do tecido base para formar padrões vazados. Embora compartilhem princípios estruturais semelhantes, o barafunda possui características estéticas próprias, marcadas pela complexidade dos desenhos que fazem menção a aspectos do cotidiano, algo que é muito explícito no nome dos pontos, bem como pela riqueza

2
A ONG Cáritas Brasileira, fundada em 1956 por iniciativa de Dom Helder Camara, é um organismo da CNBB e integrante da Cáritas Internacional e, em Santo Amaro, atuava em parceria com a Igreja de N. S. do Rosário. Já o Programa de Permanência Qualificada constitui uma política institucional da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) voltada à permanência estudantil. À época, houve um esforço de vincular a bolsa de permanência às atividades de pesquisa e de extensão, iniciativa que se revelou fundamental para fortalecer as relações entre o novo campus e a comunidade santamarense. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/propaae/propaae?-task=view&id=32. Acesso em: 27 fev. 2026.

3
BRITO, Thaís Fernanda Salves de. Bordadeiras da Ilha (Santo Amaro/BA): um relato de experiência de vida e de extensão universitária. Revista da Extensão, Cruz das Almas, v. 14, p. 36–42, jul. 2018.

4
O período, contudo, foi academicamente fecundo: resultou em publicações de difusão universitária que registraram a trajetória do projeto e do grupo, apresentaram os produtos desenvolvidos e analisaram seus impactos na vida das participantes, além de aprofundar reflexões teóricas sobre patrimônio e aprendizagem técnica mediada por narrativas compartilhadas (um artigo na Revista de Extensão da UFRB, um artigo em periódico Qualis A e dois capítulos de livro)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ornamental, especialmente quando aplicado em panos e vestimentas de uso religioso.

Como qualquer bordado que busca a excelência, sua execução exige: atenção minuciosa, habilidade manual, compreensão clara dos processos, memória, persistência e controle emocional. Trata-se de uma técnica que convoca o olhar detalhado, os dedos treinados, a paciência no ritmo e a concentração profunda, às vezes, com gestos repetitivos que carregam uma dimensão quase meditativa. Essa exigência técnica e sensorial revela como o bordado, no qual o barafunda se afirma como prática de saber-fazer, tem profundo valor cultural, afetivo e simbólico.

Embora presente em outras regiões, o bordado barafunda aparece, com muita evidência, na indumentária da religiosidade do Candomblé, adquirindo uma função simbólica, sendo utilizado para compor os *ojás*[5], as saias e as vestimentas, frequentemente associadas à figura das mulheres mais velhas das casas de axé[6]. Essa prática não apenas marca um símbolo de graduação dentre os iniciados na religião e, também, o reconhecimento dentro da comunidade religiosa, o que reforça a tradição ancestral.

Durante o projeto de extensão *Bordando a Cidade: Oficinas de Bordado e de Educação Patrimonial*, tornou-se evidente que o ato de bordar, para além do desenvolvimento técnico, ativava memórias e mobilizava relatos pessoais e coletivos, configurando um espaço de troca e acolhimento. Ao reunir diferentes pessoas em torno desse fazer, o bordado operava como dispositivo de socialização e de elaboração de experiências. Nos gestos repetidos e na composição dos pontos, inscreviam-se modos de narrar o vivido, de interpretar o território e de afirmar trajetórias. Assim, mais do que ornamento, o bordado revelava-se como prática de continuidade e de afirmação da vida cotidiana.

OFICINA BORDANDO A CIDADE: METODOLOGIA No período que precedeu o retorno das oficinas, que durou cerca de um ano, contamos com a participação de duas estudantes bolsistas de Iniciação Científica, dedicadas aos ofícios de linhas e agulhas: Leila Carvalho e Karine Barros. Ao longo de 2023, ambas realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre teorias antropológicas relativas às atividades artesanais, às práticas regionais de produção de rendas e de bordados, e às intersecções entre expressões artísticas, ativismo, política e organização coletiva de mulheres.

Na etapa seguinte, integrou-se à equipe, como bolsista de iniciação à extensão (Proexc/UFRB), Baba Geri, estudante do Bicult, artista plástico, cenógrafo e bordador especializado na tipologia barafunda. Convidado a compartilhar esse saber, ele já vinha desenvolvendo uma pesquisa sobre a técnica, experimentando variações de pontos e organizando uma lâmina didática com peças emolduradas em papel. Esse recurso permitia que as pessoas visualizassem o bordado em modelo plano, facilitando a compreensão da composição e da estrutura da peça. A seleção dos pontos e das possibilidades compositivas trabalhadas nas oficinas levou em conta o tempo disponível, a progressão da aprendizagem técnica e os custos envolvidos.

Com equipe formada e objetivos bem definidos, retomamos o projeto de extensão Bordando a Cidade: Oficinas de Bordado e de Educação Patrimonial, idealizado e coordenado pela professora Thaís Brito. Desta

5
Conhecido também como turbante, é um tecido sagrado utilizado em rituais do candomblé, especialmente como faixa para cobrir ou proteger a cabeça (orí).

6
São espaços sagrados dedicados ao culto de orixás e outras divindades nas religiões de matriz africana, como o candomblé.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

vez, o projeto teve como propósito promover encontros de aprendizado do barafunda, valorizando as técnicas, muitas delas esquecidas, assim como os saberes e as experiências relacionados a este bordado, integrando-os à reflexão sobre patrimônio e cultura.

As oficinas foram ministradas por Baba Geri, organizadas por Leila Carvalho que atuou em parceria e apoio para o funcionamento do projeto. O curso teve grande repercussão e mobilização comunitária: as 20 vagas disponíveis foram preenchidas em menos de uma hora após a abertura das inscrições, o que resultou em uma extensa lista de espera. A divulgação foi estrategicamente orientada para alcançar participantes de diferentes faixas etárias, com ênfase em moradores da cidade. Utilizamos redes sociais de amplo alcance local, o que favoreceu uma composição intergeracional no público participante.

As oficinas ocorreram aos sábados, facilitando a participação do público e o uso das instalações do Cecult, considerando a limitação de salas de aula disponíveis durante a semana, quando há prioridade para as atividades didáticas da graduação. A aquisição dos materiais necessários para a realização deste projeto (tecidos, bastidores, agulhas e desfiadores e linhas) foi viabilizada com recursos do CNPq, advindos do Projeto Universal e pela docente responsável pela atividade.

Como parte da comissão organizadora, a artista visual Leila Carvalho, que participou desde os primeiros intentos de retomada do projeto, como aluna de Iniciação Científica, dedicou-se ao desenvolvimento dos materiais de comunicação e ao acompanhamento das participantes, fortalecendo os vínculos estabelecidos ao longo do processo. Sua inserção também se deu enquanto pesquisadora: os encontros permitiram o aprofundamento do saber-fazer que constitui o objeto de sua investigação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio (PPGAP) da UFRB, articulando prática artesanal, experiência etnográfica e estudo de arquivos.

Nesta nova edição, o projeto concentrou-se na criação de um espaço de formação e partilha em torno da técnica barafunda, priorizando sua dimensão pedagógica. A reflexão teórica acumulada nas etapas anteriores orientou o desenho metodológico das oficinas, mobilizando debates sobre as dimensões socioantropológicas do bordado. O fomento econômico não constituiu objetivo direto desta etapa, ainda que a formação técnica oferecida pudesse, posteriormente, ser mobilizada pelas pessoas participantes em iniciativas produtivas próprias.

A seguir, apresentamos os desdobramentos metodológicos do processo, entendendo que, no campo dos saberes artesanais, prática e teoria se entrelaçam de forma indissociável.

OFICINA BORDANDO A CIDADE: PRÁTICAS, SABERES E RESISTÊNCIA O curso teve início em 14 de setembro de 2024 e foi concluído em 14 de dezembro do mesmo ano. Os encontros do curso aconteceram no campus do Cecult, em Santo Amaro-BA, em alguns sábados, inicialmente a cada 15 dias; no entanto, devido a feriados e imprevistos, algumas aulas foram realizadas em dias úteis e em semanas subsequentes. Optou-se por disponibilizar 20 vagas, considerando que esse número seria adequado para que o ministrante e as demais coordenadoras pudessem oferecer atenção individualizada às participantes. A faixa etária dos participantes variava de 17 a 70 anos, com maior concentração entre

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

40 e 50 anos.

As aulas de bordado Barafunda inauguraram nosso contato sistemático com essa técnica que, como já mencionado, exige atenção, memorização e destreza manual. O primeiro encontro transcorreu em ambiente acolhedor, favorecendo conversas e permitindo que o grupo se conhecesse. Babá Geri, responsável pela condução das oficinas, apresentou ojás e panos da costa bordados por ele, nos quais estavam exemplificados os pontos que seriam trabalhados ao longo do curso.

A apresentação dessas peças gerou entusiasmo e curiosidade entre as pessoas participantes. A riqueza de detalhes e a complexidade dos pontos suscitaram perguntas sobre os processos de criação e de execução. Na mesma ocasião, foram expostos o roteiro das oficinas, os conteúdos previstos e distribuídos os materiais (tecido, linhas, agulhas e desfiador), além da introdução às primeiras técnicas de desfiamento.

O desfiamento foi iniciado em sala, mas, devido à complexidade e à dedicação que esse processo exige, sua conclusão ocorreu no espaço doméstico, no ritmo de cada participante. Ao final de cada encontro, seguíamos com uma tarefa semanal: dar continuidade ao que havia sido iniciado coletivamente, agora em prática individual. O bordado barafunda requer paciência, concentração e uma temporalidade própria, marcada pelo cuidado e pela atenção. Embora o desfiamento seja uma das etapas mais minuciosas da técnica, todas as pessoas participantes avançaram de forma consistente, seguindo o percurso proposto.

Após a conclusão do primeiro exercício, foram distribuídos novos tecidos e, pela primeira vez, foi introduzido o uso do bastidor. Esse instrumento é fundamental para a execução dos pontos seguintes, pois mantém o tecido tensionado e a linha firme, garantindo maior precisão no manejo da agulha. Para cada novo ponto que aprendemos, é necessário um novo tecido, previamente desfiado, que serve de base para o novo ponto. Há uma geometria que surge no desfiar e determina o plano em que serão forjadas as novas linhas. O processo de desfiar, normalmente, era iniciado coletivamente e concluído em casa, em uma repetição paciente que integrava a própria formação técnica.

Na etapa seguinte do primeiro exercício de desfiamento, foi apresentado o ponto percevejo. Diferentemente do anterior, ele exigia que o tecido fosse trabalhado tanto no sentido vertical quanto no horizontal, o que aumentava o grau de atenção necessário para evitar falhas que comprometeriam o pano. Esse acréscimo de complexidade gerou alguns atrasos, que foram superados com o acompanhamento próximo do ministrante. Enquanto parte do grupo avançava para a execução do novo ponto, outras pessoas concluíam o desfiamento e davam sequência à prática em casa, apoiadas por vídeos gravados por Leila a cada encontro.

Os desafios desse momento também estavam relacionados às condições concretas de vida das participantes: muitas cumpriam jornadas de até oito horas diárias e dispunham apenas do período noturno para as tarefas domésticas e para o bordado. Ainda assim, cada uma buscava inserir o aprendizado no tempo disponível, respeitando o próprio ritmo de trabalho.

O ponto Asa de Mosca revelou-se uma técnica ainda mais desafiadora. Esse ponto exige maior atenção, memorização de um passo a passo e a construção prévia de um esqueleto para sua execução. Permanecemos por cerca de três semanas na tentativa de concluí-lo. Em seguida,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 1 – PROCESSO DE DESFIAMENTO/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).



FIGURA 2 –MOMENTO DE APRENDIZAGEM COM O MINISTRANTE DURANTE A OFICINA/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).

finalizamos com o ponto Roda de Quiabo, cuja execução exige domínio prévio do ponto Flor de Abóbora. Em um dos encontros, vivenciamos o processo de execução desse ponto tão complexo.

Cabe destacar que, embora o fomento econômico não tenha sido o objetivo desta edição do projeto, os encontros evidenciaram o potencial do bordado como atividade capaz de gerar efeitos sociais e econômicos concretos. Parte das pessoas inscritas buscava aprender a técnica barafunda com a intenção de incorporá-la, futuramente, às próprias produções para comercialização. Algumas já atuavam com costura, realizavam encomendas e participavam de feiras culturais na cidade, vislumbrando, na nova técnica, uma ampliação do repertório e de possibilidades de trabalho.

O próprio ministrante constitui exemplo dessa articulação entre saber técnico e inserção econômica: parcela significativa de sua renda provém da produção de bordados barafunda, da confecção de vestimentas, prioritariamente para pessoas do Candomblé, e da oferta de cursos remunerados. Nesse sentido, o projeto não apenas contribui para a circulação e a continuidade da técnica, mas também torna visível sua inserção em circuitos de trabalho e de geração de renda, sem reduzir o bordado à sua dimensão produtiva.



FIGURA 3 –MOSTRUÁRIO DE BORDADO ELABORADO POR DONA ZENI, INTEGRANTE DA OFICINA DE BORDADO/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

BORDADO COMO PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E AFETO – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por muito tempo, o conceito de patrimônio esteve restrito à ideia de monumento, entendido como qualquer estrutura construída pela comunidade para lembrar eventos, sacrifícios, rituais ou crenças ao longo das gerações Choay (2006, p.11). No entanto, em um país tão diverso quanto o Brasil, com uma multiplicidade étnica, religiosa, social e regional, limitar a preservação apenas ao aspecto material pode ser considerado restrito. A nova política que começou a ser moldada com a chegada de Aloísio de Magalhães[7] ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na década de 1970 refletiu a necessidade e a viabilidade de formular uma política de preservação culturalmente inclusiva e socialmente representativa.

Durante décadas, prevaleceu um modelo de atuação preservacionista focado no registro de bens classificados como "pedra e cal", ou seja, aqueles de natureza exclusivamente material. (Gonçalves, 2003, p. 28) Contudo, essa perspectiva começou a mudar com a promulgação da Constituição Federal de 1988[8], que, em seus artigos 215 e 216, ampliou significativamente a noção de patrimônio cultural. A nova abordagem reconheceu a importância tanto de bens culturais materiais quanto imateriais, valorizando práticas, saberes, expressões e manifestações culturais que refletem a identidade e a memória de diferentes grupos sociais

Práticas culturais de grupos tradicionais, como o ofício das baianas, a capoeira e o samba de roda, passaram a ser reconhecidas como patrimônio por seu valor simbólico para as comunidades. Segundo Gonçalves (2003), o patrimônio está ligado à memória, à identidade e ao conflito e deve ser registrado, não tombado, com acompanhamento de suas transformações. Esse reconhecimento depende da valorização coletiva. No campo têxtil, destaca-se o saber-fazer da Renda Irlandesa, e este saber-fazer se expande para pensar outros bordados, como o da Barafunda.

Para além de sua dimensão ornamental, o bordado barafunda evidencia uma técnica historicamente associada a mulheres negras na Bahia, cuja prática revela estratégias de elaboração estética em contextos marcados por restrições sociais. As peças produzidas podem incorporar valores religiosos e identitários, ao mesmo tempo em que circulam em dinâmicas econômicas concretas.

Durante a oficina, muitas das memórias evocadas pelas participantes estavam vinculadas à religião e ao cotidiano doméstico. Algumas manifestaram o desejo de aprender a técnica para confeccionar vestimentas religiosas, explicitando a relação entre a fé e o pertencimento. Outras buscavam aplicá-la na produção de toalhas e enxovais destinados à venda, evidenciando a dimensão prática e econômica desse saber manual.

O aprendizado ocorreu de forma coletiva e colaborativa. Algumas participantes já possuíam conhecimento prévio da técnica, inclusive por terem aprendido determinados pontos com Baba Geri em outros contextos. Ainda assim, o processo não se concentrava na figura do professor. Havia circulação de saberes: ensinava-se e aprendia-se continuamente, em um ambiente marcado pela atenção mútua.

7 Aloísio Sérgio Barbosa de Magalhães (1927–1982) foi designer e gestor cultural brasileiro, tendo presidido o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no final da década de 1970, período em que contribuiu para a ampliação das políticas de preservação cultural no Brasil.

8 BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 215 e 216.

O gesto de bordar, constantemente observado, corrigido e ajustado, evidenciava que a técnica se inscreve na memória corporal, envolvendo a mente, a postura, o ritmo e a coordenação dos dedos. Para quem já dominava outras modalidades de bordado, a adaptação foi mais ágil; para as iniciantes, os primeiros momentos exigiram maior concentração e paciência. Tornava-se visível o esforço de acomodação do corpo à nova sequência de movimentos, até que os gestos encontrassem seu próprio compasso.

Como dito na seção anterior, a oficina reuniu participantes de diferentes gerações. Essa diversidade etária enriqueceu os encontros, ainda que as formas de participação variassem. A mais jovem do grupo, com 17 anos, mantinha-se mais reservada: observava com atenção, participava com gestos sutis, sorria diante das falas mais engraçadas e, ocasionalmente, se aproximava de outras participantes para se entrosar. As demais mantinham um convívio marcado por espontaneidade, conversas animadas, risadas constantes e até momentos de canto coletivo. Havia uma dinâmica de agrupamento e dispersão: em certos momentos, pequenas rodas de conversa se formavam, mas logo se dissolviam, retornando à convivência coletiva.



FIGURA 4 –REGISTRO DE INTERAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES E MINISTRANTE DURANTE A ATIVIDADE DA OFICINA/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

O espaço da oficina permitia uma relação viva, cheia de sons, gestos e afetos. O silêncio era pontual, surgia apenas quando o ministrante apresentava um novo ponto ou demonstrava uma técnica específica. No restante do tempo, o ambiente era marcado por vozes, pedidos de ajuda, ruídos, comentários espontâneos e muitas risadas, especialmente nos momentos de desfazer o bordado, quando os erros eram tratados de forma engraçada pelo ministrante. Diferentemente de alguns espaços formais de aprendizagem, ali não havia cobrança por silêncio ou por concentração única. Os sons não incomodavam, cada um parecia imerso no próprio gesto, mas também disponível para a presença do outro. O foco estava no fazer, mas também na troca.

Entre as participantes, criaram-se vínculos diversos: amizades que se prolongaram além da oficina, acordos de carona, reconhecimentos em histórias de vida e experiências religiosas semelhantes. Embora cada uma tivesse suas motivações individuais para estar ali, o bordado operava em muito dos momentos como linguagem igualitária.

Pensar a oficina de bordado Barafunda como prática cultural transpõe a transmissão de um saber; trata-se de reconhecer e fortalecer um conhecimento que carrega afeto, identidade e resistência. Ao ser compartilhado em contexto coletivo, o bordado deixa de ser apenas uma habilidade individual e passa a compor um tecido mais amplo de transmissão de saberes, marcado por experiências de pessoas religiosas, curiosas e artesãs. Ao promover a troca geracional, o fortalecimento de vínculos e a valorização de expressões culturais, a oficina se afirma também como um gesto político de reconhecimento, de visibilidade e de cuidado com aquilo que sustenta a cultura de forma cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Embora o bordado costuma ser percebido como prática silenciosa e individual, a experiência da oficina evidenciou sua dimensão política, entendida aqui como produção de formas de convivência, reconhecimento e circulação de voz entre as participantes. Ao longo dos encontros, consolidou-se um ambiente de escuta e abertura entre mulheres que, mesmo partindo de trajetórias distintas, encontraram no gesto de bordar um ponto de convergência. A convivência semanal fortaleceu vínculos e criou condições para a partilha de histórias, desafios e experiências, configurando uma rede de confiança construída no próprio fazer.

Esse fazer conjunto instaurava uma temporalidade distinta daquela que organiza grande parte das rotinas produtivas. Bordava-se no tempo da conversa, da tentativa e do erro, respeitando o ritmo de cada corpo e de cada processo de aprendizagem. Criava-se, assim, um espaço em que o fazer não estava orientado pela urgência ou pela produtividade imediata, mas pela atenção compartilhada.

Para além da experiência imediata, a oficina gerou expectativas de continuidade. Ao final do curso, multiplicaram-se as perguntas sobre novas edições e pedidos de encontros futuros. “Quando vamos bordar juntas novamente?” era uma questão recorrente no grupo de WhatsApp. Essas manifestações indicam que o espaço construído ultrapassou a dimensão estritamente formativa, assumindo o significado de lugar de convivência, reconhecimento e pertencimento.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS[9]

BRITO, T. F. S. Do enfeite à festa: o uso do bordado como narrativa, ação e engajamento em duas festas tradicionais brasileiras. **Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 26, n. 1, p. 945, 2022.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

GONÇALVES, J. R. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 13–24.

9
Este texto foi revisado com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT (OpenAI), utilizada exclusivamente para apoio na revisão linguística e aprimoramento formal da redação. As ideias, análises e responsabilidade pelo conteúdo são de autoria da(s) autora(s).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
CULTURA E ARTES //

De heranças e espectros na literatura brasileira contemporânea

MÔNICA GOMES DA SILVA
EMERSON CERQUEIRA RIBEIRO
MARIANA BRITO LOYOLA DOS SANTOS

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Of heritages and specters in contemporary brazilian literature

De heranças e espectros na literatura brasileira contemporânea[1]

Of heritages and specters in contemporary brazilian literature

PALAVRAS-CHAVE
A NATUREZA DA MORDIDA.
CARLA MADEIRA.
LEITURA LITERÁRIA.
ROMANCE.

RESUMO O presente artigo situa-se a partir dos resultados, reflexões e aprendizagens do Ciclo de Leitura - LEIA para viver! (3), dedicado à escritora Carla Madeira (1964). O ciclo propôs a discussão dos três romances da autora, Tudo é Rio (2014), A Natureza da Mordida (2018) e Véspera (2022), tendo como perspectiva as questões pertinentes à herança literária e seus espectros no contexto da literatura brasileira contemporânea. Para tanto, o projeto utilizou como referencial teórico relevante as obras de Leyla Perrone-Moisés (2016) e Antonio Candido (2011a), sobre as características dessa literatura recente; bem como os estudos de Antonio Candido (2011b) e de Rildo Cosson (2019), sobre o direito à literatura e o ensino da leitura literária; além de outros trabalhos sobre a contemporaneidade e a obra da autora. Ao longo dos sete encontros, realizados via Google Meet, os participantes puderam trazer contribuições sobre os temas abordados, além das partilhas das experiências de leitura, resultando em uma amostra dos resultados obtidos, evidenciando o impacto no fortalecimento da leitura crítica e no acesso às obras. Assim, este trabalho se volta para a apresentação dos resultados do Ciclo, com destaque para a análise do romance A natureza da Mordida.

KEYWORDS
A NATUREZA DA MORDIDA.
CARLA MADEIRA.
LITERARY READING.
NOVEL.

ABSTRACT This article is based on the results, reflections, and learnings from the Ciclo de Leitura - LEIA para viver! (Reading Cycle) (3), dedicated to the writer Carla Madeira (1964). The cycle focused on discussing the author's three novels: Tudo é Rio (2014), A Natureza da Mordida (2018), and Véspera (2022), from the perspective of issues related to literary heritage and its nuances in the context of contemporary Brazilian literature. To this end, the project utilized as key theoretical references the works of Leyla Perrone-Moisés (2016) and Antonio Candido (2011a), addressing the characteristics of recent literature; as well as the studies of Antonio Candido (2011b) and Rildo Cosson (2019) on the right to literature and the teaching of literary reading; in addition to other works on contemporary literature and the author's oeuvre. Throughout seven meetings conducted via Google Meet, participants shared contributions on the topics discussed, alongside personal reading experiences, culminating in a sample of results that highlighted the impact on strengthening critical reading skills and access to literary works. Thus, this article presents the outcomes of the Ciclo, with particular focus on the analysis of the novel A Natureza da Mordida.

1
Financiamento: Programa Institucional de Bolsa de Extensão Universitária (PIBEX-UFRB).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

MÔNICA GOMES DA SILVA
Prof.ª Adj. de Literatura Brasileira no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP-UFRB).
E-mail: mgs@ufrb.edu.br

EMERSON CERQUEIRA RIBEIRO
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: cultura, educação e linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCEL/UESB).
E-mail: emersonribeiro@aluno.ufrb.edu.br

MARIANA BRITO LOYOLA DOS SANTOS
Disc. do Curso de Licenciatura em Letras no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP-UFRB).
E-mail: marianabritoloyola@aluno.ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO "*Se, como vimos, é o contemporâneo que fraturou as vértebras do seu tempo (ou, ainda, quem percebeu a falha ou o ponto de quebra), ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações*" (Agamben, 2009, p. 71, grifo nosso).

O Ciclo de Leitura – LEIA para viver!, projeto de extensão integrante das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes), em sua terceira edição destinou-se a apresentar e analisar os romances de Carla Madeira. A escritora, mineira de Belo Horizonte, com formação em Jornalismo e Publicidade, estreou na literatura em 2014, com a obra *Tudo é rio*, que teve uma grande repercussão nos anos seguintes, conquistando leitores de todas as idades. Em seguida, ela lançou mais duas obras, *A natureza da mordida* (2018) e *Véspera* (2022). Em 2023, tornou-se a autora mais lida no Brasil

(Marques, 2023). *Tudo é rio* foi agraciado com o prêmio Bertrand, em 2024, sendo eleito o livro do ano de maior sucesso editorial.

Pensar a obra de Madeira vai além do sucesso de vendas e das menções midiáticas da autora. É importante ressaltar a sua inserção na literatura contemporânea e a forma como os autores, deste início de século, evocam a tradição da chamada "alta modernidade", num sentido intempestivo, conforme estuda Giorgio Agamben (2009). Na perspectiva do filósofo italiano, ser contemporâneo é possuir a capacidade de desvelar o que ninguém consegue/quer perceber, colocando em evidência aspectos sombrios da época vivida a partir de uma relação especial entre o presente e o passado:

> Pertence a seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que outros, de perceber e compreender o seu tempo (Agamben, 2009, p. 58–59).

O artista/intelectual possui o compromisso, partindo duma fratura instaurada no tempo, de corresponder a uma exigência ética, ainda que não possua as respostas para os impasses e desafios encontrados. Assim, o contemporâneo tem um ângulo de visão especial quanto aos vestígios, sobreposições e coincidências entre o momento presente e o momento passado, entendendo como essas permanências seguem ecoando e influindo na atualidade. Essas sobrevivências de rastros do passado são vistas como uma herança que, dialeticamente, pode ser entendida como legado, ou seja, algo benfazejo, bem a ser usufruído, ou, então, um espectro, uma presença que assombra e lembra as perdas e maldições (Perrone-Moisés, 2016). Nessa duplicidade, a arte contemporânea faz sua moradia ao ressignificar procedimentos, símbolos e temas, fundindo-os em novas combinações.

Desse modo, a atividade extensionista do ciclo de leitura reflete a importância de se ter uma intersecção com tradição literária – lê-se, aqui, aqueles escritores com notável legado crítico e importância para a literatura brasileira – com um alcance massivo de leitores na expressão hodierna. Ademais, a força de Carla Madeira não está somente nos espectros herdados; implica, também, como esse fundamento literário se acopla ao estilo e marca da escritora no tempo presente, ajudando a definir um lugar na literatura contemporânea. Evidencia-se, de tal modo, um diálogo produtivo e interdisciplinar a que se serviram os encontros do Ciclo de Leitura.

Sendo assim, tendo como base a descrição e a discussão o *Ciclo de Leitura*, o artigo analisa a relação que o artista contemporâneo estabelece com a tradição literária, tendo como recorte, no *corpus* trabalhado pelo Ciclo, o romance *A natureza da mordida*. O trabalho se estrutura, além da introdução e das considerações finais, na seção metodológica, na qual consta o percurso para a construção e a execução do ciclo; o referencial teórico, fundamentando as questões no que tangem à tradição, aos espectros e à herança literária na literatura contemporânea brasileira e, por fim, os resultados e discussões produzidos pelo projeto acerca da obra de Carla Madeira, com ênfase na análise do romance selecionado.

METODOLOGIA

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

há [...] conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (Candido, 2011b, p. 178, grifos do autor).

O terceiro ciclo de leitura teve dois procedimentos metodológicos principais. O primeiro concernente ao levantamento bibliográfico, a fim de contemplar os assuntos pertinentes à proposta apresentada: o processo de constituição do sujeito leitor, em especial, a importância da leitura literária na formação de futuros professores; a universidade como local de formação do leitor e como ambiente de oferta de bens culturais; a noção de fruição estética; a vinculação entre artes e direitos humanos; a metodologia de pesquisa e artigos científicos. Além de bibliografia específica sobre as artes e as literaturas contemporâneas e a fortuna crítica relativa às obras de Carla Madeira.

O segundo procedimento metodológico diz respeito à elaboração e aplicação das ações a fim de promover a leitura literária, priorizando a fruição estética e a capacidade de formação humana a partir da fabulação. Para isto, houve um período para o planejamento e a organização dos encontros entre a coordenadora do projeto e os estudantes integrantes da ação.

O projeto contou com o financiamento do Programa Institucional de Bolsa de Extensão Universitária (PIBEX), com um estudante bolsista e uma estudante voluntária. Ambos auxiliaram na divulgação do evento e na interlocução acadêmica durante as apresentações, seja por meio da função de debatedor, no caso do bolsista, seja através da monitoria, no caso da voluntária. Em relação às atividades concernentes ao estudante bolsista, contam-se a submissão de resumo e de apresentação de comunicação oral no VIII RECONCITEC - 2024, com os resultados parciais do projeto. Incluem-se, ainda, a redação dos relatórios e a elaboração do produto final – no caso, este artigo – como parte dos requisitos da bolsa.

Participaram, igualmente, do projeto, três professores debatedores, assegurando o viés inter e multidisciplinar da proposta, através das contribuições da pedagoga Erica Bastos da Silva, do historiador Fernando Henrique Tisque e da filósofa Giovana Temple. Os debatedores ampliaram o arco das discussões no que tange à condição feminina no Brasil de meados do século XX aos dias de hoje, permitindo estabelecer paralelos da literatura, especialmente, com a história e a filosofia.

A elaboração das ações pertinentes à construção e à discussão do referencial teórico ocorreu entre os meses de junho e agosto de 2024. Ao longo do projeto, os estudantes participaram da seleção das temáticas trabalhadas no ciclo de leitura, – entre as quais, as intertextualidades constitutivas dos romances, a condição feminina, a família, os traumas, a relação entre os afetos e o corpo – e foram orientados no processo de leitura de textos teóricos e das obras literárias selecionadas. A organização do ciclo aconteceu em agosto de 2024, quando se delineou a estrutura de apresentação dos três romances

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

de Madeira.

Foram realizados sete encontros, que ocorreram entre 10 de setembro e 22 de outubro de 2024, sendo divididos em duas etapas: um momento inicial dedicado à apresentação da organização do ciclo de leitura e a discussão sobre as características da arte contemporânea, a partir da instalação *Celacanto provoca maremoto* (2004-2008)[2] de Adriana Varejão (1964) e do filme *Retratos fantasmas* (2023) de Kléber Mendonça Filho (1968), bem como o panorama da literatura contemporânea brasileira no início deste século; um segundo momento voltado para a leitura dos romances de Carla Madeira, com dois encontros para cada obra literária.

A duração dos encontros, realizados virtualmente, foi de duas horas de atividades síncronas, destinando igual carga horária para as atividades assíncronas que compreenderam a leitura dos romances e, eventualmente, a assistência de produção fílmica. Eles foram estruturados a partir da proposta de Rildo Cosson (2019) sobre o ensino de leitura literária. Conforme ressalta o autor, a leitura é um "ato solidário", em suma, um processo dialógico: "Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço" (Cosson, 2019, p. 27).

Neste sentido, a dinâmica dos encontros se concentrou em propiciar momentos de diálogo entre os participantes das atividades com vistas a estabelecer uma "comunidade de leitores", trabalhando as especificidades da leitura literária, entendida como aquela que possui "os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem" (Cosson, 2019, p. 30). Para tanto, colocou-se como fio condutor o jogo de linguagem, que constitui toda a literatura e é o fator preponderante para a humanização. Relembrando Antonio Candido, forma e conteúdo, na literatura, apresentam-se numa "fusão inextricável", em que o "conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere" (Candido, 2011b, p. 180).

Esta compreensão orientou a leitura realizada em cada encontro, dividindo-o em dois momentos principais: uma breve apresentação dos temas principais da obra em paralelo com os procedimentos literários para expressá-los – equivalentes às etapas de Motivação e Introdução (Cosson, 2019, p. 54-60) – seguidas da leitura e da discussão de trechos selecionados dos romances – correspondendo, portanto, às etapas de Leitura e Interpretação (Cosson, 2019, p. 62-64).

Para o primeiro momento, recorremos a outros textos literários, músicas, filmes, discussões filosóficas/históricas para a apresentação da temática preponderante de cada romance, de modo a ativar o repertório de conhecimentos prévios dos leitores e, assim, ajudar a "entrar" no texto literário. Na sequência, destacaram-se os elementos estruturais da narrativa, abordando a fatura textual e como a romancista realiza um cuidadoso trabalho artístico, desde a escolha do título, epígrafes, o uso de figuras de linguagem e a tessitura de uma rede metafórica/alegórica para cada romance, a caracterização dos personagens, a construção da voz narrativa e a organização dos

2
Cf.: Adriana Varejão, Celacanto provoca maremoto, 2004-08, óleo e gesso sobre tela, 110 cm x 110 cm cada, 184 peças. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/celacanto-provoca-m aremoto/>. Acesso em 04 set. 2024.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

capítulos, etc.

No segundo momento, foi realizada a leitura de trechos que estivessem dentro das temáticas discutidas, previamente, e o compartilhamento das interpretações dos participantes foi acontecendo de forma processual, seja a partir de questões demandadas pela coordenadora e/ou pelos debatedores, seja de modo espontâneo quando eram feitas intervenções, dos participantes, em trechos polêmicos e de forte impacto, especialmente, aos que se referem à violência infantil e contra a mulher.

Talvez, a abordagem "demasiada humana" que constitui a obra de Carla Madeira ajude a compreender seu imenso sucesso editorial e foi um dos aspectos mais enfatizados pelos participantes do ciclo. Assim, os romances da autora se revelam uma "aventura" intensa de problematização do real, como bem formula Antonio Candido (2011b, p. 177-178):

> A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] A respeito desses dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade.

Ademais, a avaliação das experiências de leitura dos participantes foi registrada por meio de um formulário *on-line* no Google Forms[3]. O questionário foi estruturado com questões objetivas e espaços para comentários livres. O instrumento buscou mensurar a satisfação dos participantes e identificar sugestões para aprimorar ciclos futuros, além de avaliar o cumprimento dos objetivos propostos, como o aprofundamento do conhecimento sobre as obras de Carla Madeira e a promoção de diálogos entre literatura e outras artes. As perguntas objetivas abordaram aspectos como inscrições, dinâmica dos encontros, material utilizado e expectativas atendidas, enquanto as questões abertas exploraram contribuições qualitativas sobre o impacto do ciclo.

Os dados foram analisados por métodos estatísticos descritivos para respostas objetivas e a análise de conteúdo para os comentários qualitativos, o que possibilitou a categorização de temas recorrentes e sugestões relevantes. A elaboração do instrumento considerou as especificidades do público a ser atendido pelo projeto, formado por estudantes, docentes e entusiastas da obra de Carla Madeira, assegurando clareza e adequação nas perguntas. Os resultados permitiram uma visão abrangente sobre o sucesso do ciclo e identificaram caminhos para o seu aperfeiçoamento, conforme tratamos na seção de resultados e discussões.

3 Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdfaSN7gP-CxZOlrDZBbtRrrvT13gLy47dW_ DhyBQCCck p8Dew/viewform>. Acesso em 02 dez. 2024.

REFERENCIAL TEÓRICO

> O herdeiro deve responder a uma intimação dupla e contraditória: reafirmar o que veio antes e se comportar livremente com respeito ao passado [...] Mas os vivos devem falar com os espectros (Perrone-Moisés, 2016, p. 52-168).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Considerar e refletir sobre a contemporaneidade, na literatura, é crucial para analisar as obras de Carla Madeira, suas temáticas e a tessitura textual que a singularizam, ao mesmo tempo que as ancoram num diálogo profícuo com a tradição literária. Desse modo, ser contemporâneo significa relacionar-se, intempestivamente, com o seu tempo, instaurando um modo especial de se situar no presente, através da distância gerada por uma postura inquieta e crítica:

> Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico; é no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um "muito cedo" que é, também, um "ainda não". E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós (Agamben, 2009, p. 65-66).

É em termos de urgência diante do real – traço distintivo da arte contemporânea – que Antonio Candido relacionou à narrativa brasileira das décadas finais do século passado. No ensaio "A nova narrativa" (2011a), Candido estuda o panorama da prosa de ficção no Brasil, indo do século XIX até a década de 1970, e assinala o processo de transformação pela qual ela passava, em 1979 (quando o texto é proferido pela primeira vez), e distingue as características que, posteriormente, ajudariam a definir a literatura contemporânea brasileira. Primeiro, o autor detecta a superação das disjunções – entre o geral *X particular, esquerda X direita, social X intimismo, popular X erudito* – que caracterizavam a prosa de ficção até a década de 1950:

> Pontos como estes, antes controversos, já não têm sentido com relação a livros marcados por uma experiência abrangente, segundo a qual a tomada de partido ou denúncia são substituídos pelo modo de ser e existir, do ângulo da pessoa ou do grupo (Candido, 2011a, idem, p. 249).

Paulatinamente, ganham força duas tendências que formam a "nova narrativa": a primeira expressa uma "espécie de notícia crua da vida" (Candido, 2011a, p.255), nos passos do "realismo feroz" de Rubem Fonseca (1925-2020); e a segunda de viés memorialista (Candido, 2011a, p. 259), a exemplo do ciclo autobiográfico de Pedro Nava (1903-1989). A primeira tendência, identificada como a "literatura do contra" (Candido, 2011a, p. 256), prima pela reinvenção da escrita, marcada não mais pelo registro que preza a forma bem polida, bela, simétrica e harmoniosa; entra em voga uma narrativa do impacto, o qual o mero alumbramento contemplativo é colocado em outros planos. A natureza experimental e dialética passa a ter o intuito de "causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetram com vigor mas não se deixam avaliar com facilidade" (Candido, 2011a, p. 258). A segunda tendência vai no sentido oposto ao apresentar uma "escrita antes tradicional, com ausência de recursos espetaculares, aceitação dos limites da palavra escrita, renúncia à mistura de recursos e artes, indiferença às provocações estilísticas e estruturais" (Candido, 2011a, p. 259). Destarte, essas duas tendências que caminhavam, em paralelo, passam cada vez mais a convergir no panorama literário de fim do século XX e início de século XXI:

> a ficção contemporânea não pode ser entendida de modo satisfatório na clave da volta do engajamento realista com os problemas sociais, nem na clave do retorno da intimidade do autobiográfico, pois, nos melhores casos, os dois caminhos convivem e se entrelaçam de modo

paradoxal e fértil (Schøllhammer, 2011, p. 16).

Ao retomar as tendências da literatura brasileira contemporânea, é possível postular algumas hipóteses a respeito do sucesso editorial de Carla Madeira, principalmente, a partir da sua inserção neste panorama. A confluência das tendências surpreendidas por Candido, ainda em estágio embrionário, seja duma escrita que penetra com intensidade no real, mas também pela recorrência a formas tradicionais de prospecção intimista, está na base dos romances da escritora mineira. Logo, suas obras aliam o melhor das duas vertentes: o experimentalismo formal junto ao entrecho de elaborada "disposição imaginosa".

Coadunando-se às reflexões de Candido e Schøllhammer, Leyla Perrone-Moisés, em seu livro *Mutações da literatura no século XXI (2016)*, destaca que a literatura contemporânea segue em processo de contínua transformação, reforçando o seu caráter intervalar, de "'pré' alguma coisa que ainda ignoramos" (Perrone-Moisés, 2016, p. 49). Embora seja difícil, em um cenário tão cambiante, definir características precisas para a literatura de ficção deste início de século, a autora destaca que a prosa contemporânea "prolonga a experimentação praticada na alta modernidade sem, no entanto, repeti-la; ela já assimilou as conquistas do século passado" (Perrone-Moisés, 2016, p. 238).

Nesse sentido, a leitura da obra de Carla Madeira passa, também, por entendermos a duplicidade experimentada pelo artista contemporâneo em relação à tradição literária. Perrone-Moisés, com base nas reflexões do filósofo Jacques Derrida (1930-2004), chama a atenção para dois temas fundamentais e que se inter-relacionam na atitude dos autores contemporâneos ao lidarem com o legado estético da "alta modernidade": a literatura como herança e os espectros da modernidade literária.

O tema da herança literária aparece, inicialmente, como um dom. As grandes obras do passado são consideradas um "bem a que se tem direito" (Perrone-Moisés, 2026, p. 51). A autora descreve, com um grão de ironia, as ações dos herdeiros – leitores e escritores – com o legado recebido. A dilapidação dos bens, como sói acontecer com aqueles que não compreendem a importância do legado, implicaria numa "infinidade de pequenas obras de mero entretenimento, ou nem isso" (Perrone-Moisés, 2026, p. 50). Entretanto, aqueles que compreendem o peso da herança e desejam ser dignos dela se dedicam a uma reinterpretação da literatura por meio de novas obras: "Ser fiel à herança não é deixá-la intacta; é transformá-la, relançá-la, mantê-la viva" (Perrone-Moisés, 2016, p. 52). Ao lermos a obra de Carla Madeira, é nítido o trabalho em honrar o legado recebido como um "potencial inesgotável que deve ser constantemente desconstruído, isto é, reinterpretado, e lançado ao futuro" (Perrone-Moisés, 2016, p. 52).

Como Janus, o herdeiro propõe perpetuar o legado, projetando o tempo vindouro, mas, igualmente, precisa aprender a se relacionar com o passado. Herdar, também, acarreta um trabalho com a memória do passado, cujos resquícios são densos de significados, persistentes e relutantes de se retirarem. Portanto, o passado não é apenas benfazejo, mas pode ser "um fardo" e, para a atual literatura, o peso tem a ver com a dependência em relação ao passado:

A literatura de ficção da modernidade tardia é assombrada pelo espectro da alta modernidade. Qualificada de "pós-moderna", ela carrega esse "pós" como um fardo do qual deseja

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

se livrar, mas que a condiciona de maneira persistente. As principais formas que a literatura contemporânea tem assumido são dependentes desse passado recente. Citação, reescritura, fragmentação, colagem, metaliteratura, todas remetem à história e às obras desse passado (Perrone-Moisés, 2016, p. 149, grifo nosso).

Voltando-se para o início do século XX, é possível ver o início de uma grande transformação no gênero romanesco com Marcel Proust (1871-1922), James Joyce (1882-1941) e Virginia Woolf (1882-1941), inaugurando uma prosa densa de significados psicológicos; a cisão digressiva temporal e agudas reflexões filosóficas (Perrone-Moisés, 2016, p. 85). Desse modo, "na literatura contemporânea, o tempo aparece menos sob forma de história linear e progressiva do que sob forma de memória estilhaçada e desordenada" (Perrone-Moisés, 2016, p. 149). Em relação à representação do passado por uma memória sobrecarregada e esfacelada, ela enseja o caráter fantasmático que assombra a atual literatura:

Em todas as épocas, a memória foi indispensável aos homens para avançar no futuro. Mas em nossa época, ela mais pesa e desorienta do que auxilia. Jamais o homem carregou uma memória histórica tão vasta quanto a atual. E a memória recente, a do século XX com suas guerras e horrores, é culpabilizante. Daí a frequência do tema do espectro na literatura contemporânea. O espectro é o morto mal enterrado, que volta para cobrar alguma coisa mantida em instância. Por outras palavras, é o passado que se recusa a morrer (Perrone-Moisés, 2016, p. 150).

Assim, a figura do espectro traz à tona o conflito decorrente do par herança e dívida resultante da relação entre vivos e mortos: "segundo Derrida, estamos hoje nos explicando com vários fantasmas, isto é, mortos que enterramos prematuramente" (Perrone-Moisés, 2016, p. 151). Ao herdeiro resta o lugar da filiação e "Três atitudes [...] suscitadas pelo espectro: o luto, a consciência das gerações, o trabalho do espírito" (Perrone-Moisés, 2016, p. 151). O herdeiro, assim como pode fazer bom ou mau uso da herança, também pode encarar os espectros herdados de modo positivo ou negativo:

O herdeiro é responsável em face do fantasma. Mas a resposta que o herdeiro pode dar é dupla: uma resposta passiva, que consiste em reafirmar o que veio antes dele, ou uma resposta ativa, que consiste em dizer "sim" ao fantasma, sem se comprometer a deixar a herança intacta, mas, pelo contrário, ser capaz de transformá-la e dar-lhe uma nova vida. "O próprio de um espectro" diz Derrida, "é que não se sabe se, ao voltar, ele é testemunha de um vivo passado ou de um vivo futuro" (Perrone-Moisés, 2016. p. 152).

É este o desafio da literatura contemporânea, "assombrada" pelos fantasmas da "alta modernidade" que não "cessa[m] de voltar", e que "se ressente de uma situação desajustada e potencialmente terminal" (Perrone-Moisés, 2016, p. 168). Se o espectro retorna para exigir solução para situações não resolvidas, cabe ao vivo invocá-los "para pedir-lhe explicações" (Perrone-Moisés, 2016, p. 168). Por conseguinte, a literatura contemporânea, ao encarar reflexiva e criticamente o legado literário, consegue produzir uma resposta positiva para as heranças espectrais: "A presença fantasmagórica do passado no presente é, ao mesmo tempo, uma exigência de memória e um estímulo aos vivos, para que estes a usem em benefício do porvir" (Perrone-Moisés, 2016, p. 169). Passamos, assim, à resposta formulada por Carla Madeira, em sua obra, ao desafio do diálogo com a tradição da chamada "alta modernidade".

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mas você deixa tudo/ deixou/ você deixa mágoa/ deixou/ você deixa frio/ deixou/ e me deixa na rua/ deixou. /Você jura, jura, jurou, /você me despreza/ prezou,/ você vira a esquina/ esquinou/ [...] pra mim não tem jeito/ não tem beijo final/ e não vai ter happy end/ e não vai ter happy end/ e não vai ter happy. (Tom Zé, 1972).

Para abordarmos os resultados alcançados pelo Ciclo, em seu objetivo principal de leitura da obra de Carla Madeira, tendo como eixo a questão da "herança espectral" na literatura contemporânea, começamos com a avaliação de satisfação dos participantes. Do total dos 21 participantes, 9 responderam, voluntariamente, às questões. Em geral, as respostas foram extremamente positivas, no que tange à organização e conteúdo das atividades, conforme as porcentagens registradas:

- **88,9%** consideraram o material utilizado adequado ao propósito de acesso qualificado à literatura e que a abordagem teórica foi adequada aos temas selecionados;
- **100%** consideraram a dinâmica dos encontros apropriada ao objetivo de leitura das obras selecionadas e significativa a relação estabelecida entre a literatura e outras artes (cinema, pintura, música, etc) para a compreensão dos romances;
- **88,9%** concordaram que a comunicação sobre as atividades foi eficiente;
- **22,2** tiveram as expectativas iniciais atendidas quanto à proposta do Ciclo, para 11,1% foram parcialmente atendidas e para 66,7% foram superadas.

Houve questões abertas nas quais os respondentes fizeram contribuições construtivas quanto às atividades. O caráter interdisciplinar do projeto foi grandemente valorizado, proporcionando discussões enriquecedoras que conectaram áreas como Filosofia, História e Artes. Essa abordagem ampliou, significativamente, os horizontes interpretativos dos participantes e foi percebida como um diferencial na qualidade das atividades propostas. Para atividades futuras, entre as principais sugestões, foi apontada a necessidade de aumentar o número de encontros para evitar a densidade excessiva das discussões e a inclusão de intervalos maiores entre as sessões, permitindo que os participantes realizem a leitura das obras com mais tranquilidade.

Os participantes também destacaram o valor da experiência coletiva, ressaltando como a troca de diferentes perspectivas enriqueceu a compreensão dos textos e incentivou leituras mais sensíveis e aprofundadas. Desse modo, o projeto superou expectativas em termos de qualidade e aprofundamento, sendo descrito como uma experiência transformadora e impactante na formação dos envolvidos, o que era, justamente, o escopo da proposta sobre o acesso e o ensino da leitura literária.

Visando a exemplificar a experiência de leitura partilhada pela comunidade de leitores do Ciclo, abordamos, sucintamente, o romance *A natureza da mordida* (2018), obra na qual o trabalho com a tradição literária se faz mais explícita e estruturante entre os livros de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Carla Madeira. Em sua estreia literária – *Tudo é rio* –, às personagens incidem aflições que revelam algo além do lado dúbio e controverso da vida; explora o caráter volúvel das escolhas e como o ser humano vai se moldando às transformações e implicações idiossincráticas das mesmas, dentro daquela primeira tendência na literatura brasileira, "a literatura do contra". De modo diferente não o é em Véspera, o frágil fio das relações é exposto em uma saga familiar; repressão, preconceito, medo e inveja são alguns dos temas que prefiguram essa nudez humana transposta na escrita de Madeira.

Em consonância com o estilo que Carla Madeira delineou, já em seu primeiro romance, a natureza do fenômeno *humano, demasiado humano*[4], irrompe mais uma vez na segunda obra, *A natureza da mordida*. Carimbando sua marca, o segundo livro é este perene devir sem respostas da vida, tendo como tema central o abandono. A narrativa sobre a história de Olívia – jornalista em pleno luto pela morte da amiga Rita e no esforço de compreender os abandonos que a marcaram – e Emma/Biá – psicanalista "decindida" pelo trauma das relações rompidas com Teo e a filha de ambos, Teresa, sofrendo um processo demencial e em luta com o próprio corpo – aponta para o aspecto fantasmático dessas recordações que seguem assombrando a vida das duas protagonistas.

4
Alusão à obra de aforismos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Devido à sua densidade, um trecho do segundo romance foi escolhido como o ponto de partida para a apresentação do Ciclo, em paralelo, com a obra *Celacanto provoca maremoto* (2004) de Adriana Varejão, no cartaz do evento[5], aludindo à forma de se relacionar com a tradição dentro da arte contemporânea:

> Fez uma parede inteira de azulejos pintados à mão com bico de pena que simplesmente me hipnotizava. [...] Uma vez vi numa revista a foto daquela parede e estremeci de emoção. [...] É a sensação de estar subitamente diante de uma compreensão nuclear, compacta, que por um segundo reveste toda a vida que já passou e a que está por vir de algo precioso (Madeira, 2022, p. 117-118).

Desse modo, unir ambas obras, plástica e literária, nos permitiu apontar convergências da fatura artística própria da contemporaneidade, especialmente, o retorno da tradição em diferença. No fazer artístico de Adriana Varejão, a técnica portuguesa de azulejaria barroca ganha outras dimensões, com novas escalas e a transformação das sobreposições da restauração dos murais barrocos resultando em uma técnica reflexiva e criativa, mesclando arte erudita e arte das ruas, ao citar o grafite *Celacanto provoca maremoto*. A artista relata seu impacto diante desse processo descontínuo de reconstituição do passado:

5
Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/celacanto-provocamaremoto/hwH2WWUak sHM1Q?hl=pt-BR>. Acesso em: 21 ago. 2024.

> Eu pesquisava em um livro de arte religiosa barroca brasileira e me deparei com uma imagem do claustro do Convento de São Francisco, em Salvador. Nesse quadro, já vejo o prenúncio de muitas coisas que vieram depois. A descontinuidade dos azulejos colocados fora do lugar, a substituição do motivo representado no painel por outra paisagem, quase chinesa, o uso de tons de azul e branco, a espessura... muita coisa já estava anunciada ali, no quadro. Voltei a essa azulejaria do Convento de São Francisco um sem-fim de vezes e de muitas maneiras. É um conjunto monumental, impressionante (Varejão, 2022, p. 97, grifo nosso).

É interessante notar como esta visão alumbrada aparece no

fragmento do romance de Carla Madeira, quando uma das protagonistas, Olívia, vê e se emociona diante do painel de azulejos da artista plástica Luciana, mãe de sua grande amiga Rita. Por outro lado, se Varejão retoma e redimensiona os azulejos para contar aspectos do processo colonial solapados, na obra de Madeira, as citações literárias funcionam como estes azulejos restaurados e deslocados do desenho original. No romance, a citações formam um painel que recompõe, palimpsesticamente, as histórias de Biá e Olívia. Assim, como a artista plástica, Carla Madeira realiza uma composição que mescla obras eruditas e obras da chamada "cultura de massa", especialmente, o melodrama, como o folhetim *televisivo A escrava Isaura*. Ainda são fundamentais, dentro da obra, a menção à música, sejam clássicas ou populares que acompanham o enredo, e a inserção descritiva de fotografias e pinturas, criando quase uma galeria de arte.

Logo, as heranças e os espectros de *A natureza da mordida trazem*, tanto a dubiedade do papel do artista contemporâneo, no diálogo com a tradição; quanto à duplicidade inerente à contraditória condição humana que aparece na metáfora que dá título ao livro: "A vida, [...] gosta de nos exibir a extensão da mordida que nos dará com deboches e ironias ao invés de dentes" (Madeira, 2022, p. 19). No que diz respeito à construção das personagens Olívia e Biá, há uma busca comum por uma reconciliação com o passado, marcado de inquietações e angústias. O livro possui uma atmosfera de suspense e mistério enquanto as histórias vão, paulatinamente, sendo reconstituídas, trabalhando as lacunas e rastros das memórias das personagens – em meio a tantos outros temas, além do abandono. Nesse sentido, Olívia segue a recomendação de falar com os "espectros" para sair de um lugar secundário e esquivo, a defesa encontrada diante da violência traumática, para ocupar a primeira fila da própria vida.

Ora, é, então, a partir de duas personagens, Olívia e Biá, que os temas do livro se agudizam. Biá, dada a idade, é substancialmente perspicaz em sentenciar suas reflexões sobre as coisas da vida, aquelas passíveis de respostas ou não; enquanto Olívia, ainda jovem, agarra-se ao não dito da perda e do abandono. Biá reflete a possibilidade da morte ser, de fato, um fim e ela já não luta "para introduzir no tempo de cada dia eternidades" (Madeira, 2022, p. 16-17). É muito provável que essa morte absoluta e renúncia pela eternidade seja restrita à própria personagem, a despeito de que a própria Biá se torne uma porta-voz de uma imortalidade literária no romance: "Algumas coisas que li não se contentaram com minha memória, caíram no meu sistema digestivo, e eu as incorporei como a um bom bife. A ponto de não saber mais se são minhas as palavras que digo ou se eu deveria viver entre aspas" (Madeira, 2022, p. 79).

Se Olívia e Biá buscam (re)conciliar os bens/males herdados do passado, Carla Madeira reinventa, através das citações, grandes nomes da literatura para se fundirem ao enredo. O tema da morte/imortalidade se revela crucial para demarcar a herança literária na escrita de Madeira. O texto do romance é entremeado de inúmeros fragmentos de autores como Liev Tolstói, Victor Hugo, Wisława Szymborska, Charles Baudelaire, James Joyce, William

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Shakespeare, Gabriel García Márquez, etc. Em relação à literatura brasileira, há a presença de escritores como Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Paulo Leminski, Guimarães Rosa, Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, os três últimos retomando uma paisagem literária mineira, principalmente, no desejo de universalidade a partir da transfiguração dos temas locais. De todas as obras incorporadas à trama textual, sem dúvida, "A terceira margem do rio" de Guimarães Rosa (1962, 1ª ed.) ajuda a formar o eixo central da trama de Biá e, a partir da conexão entre literatura e fotografia, a psicanalista alegoriza a sua paixão fracassada pelo fotógrafo Teo, o isolamento, o abandono e a solidão que ambos vão experimentar:

Sinto que esse homem pra sempre no meio do rio, esse rio largo com jeito de mar, em sua canoa sem movimento mais forte do que a correnteza, pois o rio é manso e lento... esse homem distante, mas diante dos que o amam... sinto... que posso fotografar a solidão. — E abrindo os olhos ainda me disse: — É lindo ver você sair de si (Madeira, 2022, p.78).

Se a história de Olívia é impactada pela beleza dos azulejos da casa de Rita, a história de Biá ganha o registro doloroso, à moda de Drummond: "Itabira é apenas uma fotografia na parede/ Mas como dói" (Andrade *apud* Madeira, 2022, p. 170). Além da relação de Biá e Teo, há a filha do casal, Teresa, que sofre a questão do abandono paterno e a fotografia aparece como uma tradução disso:

A última foto de meu pai comigo quem fez foi minha mãe. Eu sei de cor cada detalhe. Ele vestia uma blusa branca de malha, larga e mal-arrumada, estava descalço e descabelado. Eu vestia uma camisa dele, imensa, e estava sentada no chão agarrada em suas pernas...(Madeira, 2022, p.188-189).

Ao explorar a relação da literatura com a imagem reforça-se a percepção de estarmos numa época voltada para os espectros. Podemos pensar na fotografia "como pertencente à espectralidade: ela torna visível o que já é passado, o que já morreu" (Perrone-Moisés, 2016, p. 155). O poder do registro fotográfico de eternizar momentos potencializa a narrativa à medida que a personagem Biá recorda a sina de um grande amor, demonstrando como a faceta do clique intermedeia início e fim da relação:

Enquadrou, aproximou, inclinou e clique!, fez a primeira fotografia de sua exposição: um olhar sobre a universidade. Ao revelá-la em seu quartinho escuro, o que foi que você viu? Eu. Lá no canto, afastada, sentada debaixo de uma árvore, lendo. Você não me viu na hora em que fez a foto, foi preciso antes uma revelação para que eu aparecesse. Pego de surpresa, tentando decidir se eu havia estragado ou dado um sentido a mais ao seu projeto, segundo suas próprias palavras, começou a se apaixonar. Ao me ver intrusa, passou a me ver, e isso me foi dito na primeira vez que fizemos amor (Madeira, 2022, p.169).

Pode-se engendrar, aqui, a análise da fotografia como uma insígnia do espectro, e a memória, ainda que estilhaçada, é porta-bandeira da herança. No fim, a fotografia não é como a memória que pode nos trair, e, no enredo, ela situa a seu modo

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

explícito, demarca os acontecimentos. Ela reverbera, então, na prosa, em sua condição de aparição – perene fantasmagoria –, anunciando, agora, o fim das coisas: "O belo é tão útil quanto as coisas úteis, disse ele. As rosas ficam! – disse Biá, aumentando a voz. – E que fiquem eternamente, como nas fotografias de Teodoro, pai de minha filha, meu amor perdido" (Madeira, 2022, p. 32). O excerto mostra o desejo da personagem de que as fotografias cumpram o seu papel, uma vez que é algo simbólico dessa relação, ao contrário da sua memória que, já decadente, não tem forças para as incidentais reflexões.

O fato é que você veio e me mostrou que a garota circulada por uma caneta preta em todas as fotografias era eu. Fora eu quem o inspirara, e, sem que eu tivesse tempo de saber o que senti, você me convidou para sair. "Chega de não me ver!" Foi o que você disse. E eu sei que meu amor por você começou nesse momento. Mas hoje, Teo, aqui no meu quarto, o seu amor por mim é só uma fotografia na parede (Madeira, 2022, p.170).

Reafirma-se a incidência do fenômeno contemporâneo: a fotografia e seus espectros de um amor findo alçando uma viagem no tempo. Se a memória Biá já não conseguia definir o que era seu ou herança literária, a fotografia, de modo diferente, ajuda a tecer e entramar os fios dessa história.

Em paralelo à história de Biá, Teresa e Teo, há a relação de amizade entre Olívia e Rita, envolta de um mistério mais profundo em torno do abandono. Se Teresa é abandonada pelo pai, Olívia é rejeitada por Rita, sem grandes ou mínimas explicações, deixando um rastro espectral de uma amizade outrora forte e acolhedora. A história de Rita e Olívia, curiosamente, tem um tom espectral, assim como as fotos de Teo, mas o espectro de Olívia só encontra o suporte da memória.

Minha mãe quis me manter ali com eles, mas eu escapuli, com medo de que o cheiro de cigarro me denunciasse o vício, e quando por costume me virei para encostar o portão, pensei ver o vulto de Rita já desaparecendo nos fundos da casa por onde eu sempre passava quando subia a grade que dava em seu quarto. [...] E foi assim que adormeci às vésperas de um dos piores dias de minha vida (Madeira, 2022, p.134-135, grifos da autora).

Do "vulto" de Rita desencadeia a saga do abandono que persistiu anos sem explicações, o ínfimo momento eternizado pela memória, a perda de uma amizade emerge como uma aparição; "pensou ver" o fantasma de Rita, esse lapso de luz que cortou a visão, mas não conferiu a certeza. Mais uma vez o espectro atravessa a narrativa em seu caráter volúvel, fugidio, digressivo e desconfortável, marcando aquilo que é própria à arte contemporânea.

Por fim, podemos fazer uma nova inter-relação com outra arte que também explora os fantasmas: o cinema. Em *Retratos Fantasmas*, Kleber Mendonça aborda, de forma metalinguística, o medium de registro em contraponto às perdas irreparáveis que deixam apenas seus vestígios a serem decifrados, sobrevivências frágeis e precárias. A música "Happy End" de Tom Zé pontua esta agridoce compreensão do finito das coisas e das relações. Tal e qual a ironia dilacerante de A natureza da mordida, em cujo

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

reencontro entre as duas antigas amigas se instala o trágico, intempestivo e irreversível, já que para Rita e Olívia também "*não vai ter happy end*".

CONSIDERAÇÕES FINAIS *"porque os livros nunca me tiraram de mim, sempre me devolveram a mim" (Madeira, 2022, p. 79).*

Este artigo buscou apresentar a dinâmica da atividade extensionista *Ciclo de Leitura - LEIA para viver* (3) que buscou promover a leitura da obra da romancista mineira Carla Madeira, dentro do marco das questões da literatura contemporânea. Diante da metodologia adotada, da discussão teórica estruturada e dos resultados alcançados, podemos afirmar que a proposta central do projeto para a oferta e o ensino de literatura, cumpriu aquilo que nos legou Antonio Candido em "O direito à literatura" (2011b): entender e possibilitar a fruição estética que muito diz sobre a constituição humana em sua complexidade. Humanizar para viver!

AGRADECIMENTOS A todos os participantes do "*Ciclo de Leitura LEIA para viver*" (3) pela partilha de histórias e leituras.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: _____. **A educação pela noite.** 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011a, p. 241–260.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos.** 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011b, p. 171–193.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. 9. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

MADEIRA, C. **A natureza da mordida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

MADEIRA, C. **Tudo é rio.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MADEIRA, C. **Véspera.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

MARQUES, F. O caminho do best-seller. Como a publicitária Carla Madeira se tornou uma das escritoras mais lidas do país. In: **Revista Piauí**, Edição 196, Janeiro 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-caminho-do-best-seller/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RETRATOS FANTASMAS. Direção e roteiro: Kleber Mendonça Filho. Documentário/ 91'. Produção: Emilie Lesclaux. Coprodução: Silvia Cruz, Felipe Lopes. Brasil: Vitrine Filmes, CinemaScópio, 2023.

ROSA, J. G. "A terceira margem do rio". In: ROSA, J. G. **Ficção completa.** Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SCHØLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

TOM ZÉ. **Happy end.** Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/ pop_tom72_happy.html>. Acesso em: 02 dez. 2024.

VAREJÃO, A. Adriana Varejão: Suturas, Fissuras, Ruínas. In: **Dasartes**, nº 121 | Ano 14, Julho 2022, p. 92-115. Disponível em: <https://dasartes.com.br /a-revista/dasartes-121/#magazine-embed>. Acesso em: 10 dez. 2024.

VAREJÃO, A. **Celacanto provoca maremoto.** 2004. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/celacanto-provoca-maremoto/>. Acesso em: 04 set. 2024.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
EDUCAÇÃO //

A relação professor-estudante na extensão universitária: horizontalidade, autonomia e o impacto na formação discente

LUIS FELIPE PEREIRA DE CARVALHO
ROSARIA DA PAIXÃO TRINDADE

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

The university extension professor-student relationship: horizontality, autonomy and impact on student training

ARTIGO
EDUCAÇÃO //

A relação professor-estudante na extensão universitária: horizontalidade, autonomia e o impacto na formação discente[1]

The university extension professor-student relationship: horizontality, autonomy and impact on student training

PALAVRAS-CHAVE
PRÁXIS.
MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.
DIALOGICIDADE.
FORMAÇÃO CRÍTICA.
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.

RESUMO A extensão universitária apresenta-se como um dos pilares da universidade brasileira, ao lado do ensino e da pesquisa. O presente artigo apresenta resultados da pesquisa que analisa a dinâmica da relação professor-estudante em projetos de extensão universitária e sua contribuição para autonomia e o desenvolvimento dos estudantes. Por meio de uma abordagem qualitativa, que utilizou entrevistas semiestruturadas e observações como instrumentos de coleta de dados, a pesquisa investiga como essa interação contribui para a formação discente. Os resultados indicam que a extensão universitária favorece uma relação mais horizontal e dialógica entre docentes e discentes, impulsionando o desenvolvimento da autonomia estudantil e de habilidades essenciais para a formação profissional e cidadã. A análise aponta que a qualidade dessa relação, pautada na mediação e construção do conhecimento, é crucial para a articulação entre teoria e prática. Conclui-se que a extensão, ao promover esse ambiente colaborativo, pode contribuir, significativamente, para o melhor desenvolvimento dos estudantes.

KEYWORDS
PRAXIS.
PEDAGOGICAL MEDIATION.
DIALOGICITY.
CRITICAL EDUCATION.
KNOWLEDGE CONSTRUCTION.

ABSTRACT University extension is one of the pillars of Brazilian universities, alongside teaching and research. This article presents the results of research that analyzes the dynamics of the teacher-student relationship in university extension projects and its contribution to student autonomy and development. Through a qualitative approach, which used semi-structured interviews and observations as data collection tools, the research investigates how this interaction contributes to student education. The results indicate that university extension favors a more horizontal and dialogical relationship between teachers and students, boosting the development of student autonomy and essential skills for professional and citizen training. The analysis shows that the quality of this relationship, based on mediation and co-construction of knowledge, is crucial for the link between theory and practice. The conclusion is that extension, by promoting this collaborative environment, can contribute significantly to better student development.

1
Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

LUIS FELIPE PEREIRA DE CARVALHO
Universidade Estadual de Feira de Santana.
Graduando em Engenharia da Computação.
E-mail: luisoftbr@outlook.com.br

ROSARIA DA PAIXÃO TRINDADE
Universidade Estadual de Feira de Santana.
Doutorado em Difusão do Conhecimento.
E-mail: rosapt@uefs.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A Constituição Federal de 1988 defende o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, na universidade brasileira. Tal princípio tornou importante a formação do estudante, que perpassa pela formação para além da sala de aula. Nesse contexto, a extensão universitária emerge como uma perspectiva formativa, pedagógica e cidadã, que busca estabelecer uma relação colaborativa e transformadora entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Essa transformação ocorre em vários níveis: (i) a universidade, ao interagir com as realidades sociais, é enriquecida e desafiada a repensar suas práticas de ensino e pesquisa; (ii) a sociedade é beneficiada com a utilização do conhecimento acadêmico/científico na resolução de problemas e na promoção do desenvolvimento. (iii) e professores e estudantes vivenciam um processo de formação teórica e prática, que supera os limites da sala de aula, desenvolvendo, no estudante, autonomia, senso crítico e engajamento social. Superando a concepção de uma atividade complementar, o processo de extensão qualifica o valor da construção do conhecimento acadêmico, ético e político da instituição, tornando-se mais um caminho de construção do saber e de promoção da formação dos sujeitos da universidade e da comunidade.

No âmbito da extensão universitária, é importante, também, atentar-se para a qualidade da relação entre professor e estudante. Essa interação tem o potencial de influenciar nas escolhas metodológicas e avaliativas do professor, repercutindo também no processo educativo e na formação do estudante. A extensão pode fortalecer as atividades

desenvolvidas em sala de aula ao proporcionar um espaço de aprendizagem, onde a vivência de forma prática e a interação com comunidades com realidades sociais diferentes se tornam elementos centrais. Ao aproximar a universidade das demandas e problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, a extensão favorece uma aprendizagem de forma mais contextualizada e supera a ideia de que o conhecimento só se constrói na sala de aula. Essa característica própria à extensão potencializa a capacidade de aprender dos estudantes, oferecendo uma formação que perpassa os limites da sala de aula e os prepara para agir de forma mais consciente e participativa na sociedade.

Nesse cenário, a extensão universitária amplia o espaço de ensino e aprendizagem para além dos muros da academia. Ela oferece aos estudantes e professores a oportunidade de se envolverem com realidades sociais e culturais distintas, o que faz com que se comece a pensar mais sobre a dinâmica das relações sociais, os problemas socioeconômicos do país e a cultura nacional e local. As atividades extensionistas, ao promoverem essa interação, tornam o aprendizado mais humano e significativo, pois estabelecem laços mais estreitos da universidade com a realidade econômica, social, política e cultural. Dessa forma, a extensão universitária rompe com a visão de que o conhecimento produzido na universidade se limita ao aspecto técnico – perspectiva que, por muito tempo, predominou nas instituições. Ao promover experiências que vão além do fazer técnico, a extensão também contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos.

Diante desse contexto, o presente artigo se propôs a analisar como a relação professor-estudante se configura nos projetos de extensão universitária, investigando de que maneira essa dinâmica contribui para a construção da autonomia e o desenvolvimento dos estudantes. Este trabalho está estruturado em seções que abordam, inicialmente, o referencial teórico que fundamenta a discussão sobre a relação professor-estudante e o papel da extensão. Em seguida, será apresentada a metodologia adotada na pesquisa, detalhando os procedimentos de coleta e análise de dados. Posteriormente, são apresentados os resultados obtidos, correlacionando os achados empíricos com a literatura pertinente. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, sintetizando as contribuições do estudo e apontando perspectivas para futuras investigações.

METODOLOGIA A presente seção detalha a abordagem metodológica empregada na condução da pesquisa, englobando o delineamento do estudo, a seleção dos participantes, os instrumentos utilizados para a coleta de informações e os procedimentos adotados para a análise dos dados.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, por ser mais adequada à compreensão das relações sociais e das experiências subjetivas dos participantes em seu contexto natural. Conforme assinala Gil, a análise qualitativa envolve a redução, categorização e interpretação dos dados, sendo menos formal e mais dependente da natureza das informações coletadas. Diferentemente da abordagem quantitativa, em que as categorias são pré-definidas, na qualitativa elas podem ser modificadas ao longo da investigação para alcançar sentidos mais abrangentes e significativos, o que reforça sua pertinência para estudos que buscam compreender processos dinâmicos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

vivenciados por grupos sociais (Gil, 2008).

Lakatos e Marconi destacam que a pesquisa qualitativa permite ao investigador "penetrar no mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca", buscando a compreensão da realidade em sua complexidade e das interações entre os sujeitos, o que se alinha à proposta de investigar as nuances da relação professor-estudante no contexto da extensão universitária (Lakatos; Marconi, 2003). A natureza exploratória visou investigar o tema da relação professor-estudante na extensão universitária, um campo em constante desenvolvimento, buscando identificar e analisar suas nuances e dinâmicas. O caráter descritivo, por sua vez, teve como propósito detalhar as características observadas nessa relação, oferecendo um panorama rico e contextualizado das interações.

Os participantes da pesquisa foram professores e estudantes de dois projetos de extensão universitária desenvolvidos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Para a preservação da privacidade e confidencialidade, os nomes dos participantes, bem como dos projetos específicos, não serão divulgados no presente artigo, garantindo o anonimato em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por todos os envolvidos e em consonância com as diretrizes éticas da pesquisa. Os participantes serão denominados da seguinte forma (Quadro 1):

PROJETO	PARTICIPANTES	DENOMINAÇÃO NA PESQUISA
1	Professor 1	P1
1	Estudante 1	E1
1	Estudante 2	E2
2	Estudante 2	P2
2	Estudante 3	E3
2	Estudante 4	E4

TABELA 1 – DENOMINAÇÃO DOS PARTICIPANTES E PROJETO AO QUAL PERTENCEM/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

A coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos: entrevistas semiestruturadas e observações. Conforme Lakatos e Marconi, a entrevista é um encontro entre duas pessoas para a obtenção de informações sobre determinado assunto, sendo um procedimento fundamental na investigação social para a coleta de dados. Já a observação é uma técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos para obter informações sobre aspectos da realidade, não se limitando a ver e ouvir, mas também a examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (Lakatos; Marconi (2003).

As entrevistas semiestruturadas, conduzidas com roteiros específicos elaborados para professores e para estudantes, permitiram aprofundar temas mais específicos, como o desenvolvimento do discente, ao mesmo tempo em que asseguraram a cobertura dos objetivos centrais da investigação. Essa técnica possibilitou a obtenção de informações sobre as experiências e percepções dos participantes em relação à dinâmica

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

professor e estudante no âmbito da extensão. De maneira complementar, as observações de atividades de projetos de extensão ofereceram uma visão contextualizada e a chance de analisar as conversas e o comportamento no ambiente real, enriquecendo o que foi obtido através das entrevistas. O uso combinado de instrumentos de coleta, também conhecido como triangulação, fortalece a robustez dos achados da pesquisa.

Em ambos os projetos investigados, os estudantes ministraram cursos voltados à comunidade, atuando como professores e monitores das atividades. Essa prática ocorreu sempre sob a supervisão e orientação constante dos professores, que acompanharam os estudantes por meio de reuniões regulares, feedbacks e intervenções pedagógicas. Tal configuração reforça a natureza colaborativa da relação entre professor e estudante e fornece uma base rica para a análise das dinâmicas extensionistas observadas nesta pesquisa.

A coleta de dados seguiu um protocolo baseado na ética em pesquisa com seres humanos e detalhado no TCLE. Todas as entrevistas foram previamente agendadas conforme a disponibilidade dos participantes e gravadas em áudio (com gravador digital portátil e/ou smartphone), mediante permissão e assinatura do TCLE por todos os envolvidos.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática, proposta por Bardin (1977). Essa técnica permite a organização sistemática e a interpretação das mensagens obtidas, desvelando os núcleos de sentido que compõem a comunicação. O processo analítico, conforme estabelecido por Bardin (1977), compreende três fases distintas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Na fase de pré-análise, houve a organização do material, a leitura preliminar das transcrições das entrevistas e das anotações das observações, e a constituição do corpo da pesquisa. A exploração do material envolveu a codificação e a categorização das respostas, onde os dados foram transformados em unidades para análise, permitindo a identificação dos temas recorrentes e das nuances presentes nas falas dos professores e estudantes. Por fim, a fase de tratamento dos resultados (inferência e interpretação) consistiu na análise crítica das categorias e subcategorias. Nela, foram realizadas conexões com o referencial teórico. Esse processo organizado garantiu uma análise detalhada e precisa dos dados, ajudando a criar um conhecimento sólido e importante sobre a relação professor-estudante no contexto da extensão universitária.

REFERENCIAL TEÓRICO

➔ RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE: IMPLICAÇÃO NA/DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Esta seção apresenta a base teórica que ampara a compreensão da dinâmica entre professores e estudantes no âmbito da extensão universitária. O foco incide sobre como a extensão universitária atua como catalisador das transformações na própria relação professor-estudante e como ela ajuda na formação complementar do estudante.

Reconhecida, conforme indicado na Constituição Brasileira de 1988, como um dos pilares indissociáveis da universidade, junto ao ensino e à pesquisa, a extensão vai além de uma formalidade legal ou atividade complementar: constitui um "processo educativo, cultural

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade" (Síveris, 2013, p. 98).

A natureza da extensão universitária é caracterizada como sendo uma "via de mão dupla". Isso significa que o fluxo de saberes não ocorre de forma unidirecional, da universidade para a comunidade, mas sim em uma troca contínua e mútua. A comunidade acadêmica, ao interagir com a sociedade, tem a chance de colocar em prática um conhecimento acadêmico, ao mesmo tempo em que reconhece e aprende com os saberes produzidos fora do ambiente universitário. Portanto, através da extensão, há uma troca e um aprendizado mútuo, onde a universidade aprende com a comunidade e vice-versa.

Esse processo pode resultar na produção de novos conhecimentos, tornando o saber universitário acessível a um público mais amplo e promovendo a participação ativa da comunidade nas ações da universidade. Como Síveres destaca, "se a compreensão estiver associada à vivência, a extensão universitária torna-se um espaço de construção de conhecimentos significativos e de práticas sociais relevantes" (Síveres, 2013, p.63). Essa dinâmica de conectividade dialógica fortalece os projetos pedagógicos dos cursos e o projeto da instituição.

Nesse cenário, a extensão universitária amplia o espaço de ensino e aprendizagem para além dos muros da academia. Ela oferece aos estudantes e docentes a oportunidade de se envolverem com realidades sociais e culturais distintas, o que os instiga a refletir sobre a dinâmica das relações sociais, os problemas socioeconômicos do país e a cultura nacional e local. As práticas extensionistas, ao promoverem essa interação, tornam o aprendizado mais humano e significativo, pois estabelecem laços mais estreitos da universidade com a realidade econômica, social, política e cultural. Dessa forma, a extensão supera a visão limitada de que o conhecimento desenvolvido na universidade é puramente técnico, que por muito tempo priorizou apenas esse aspecto nas instituições sociais, ao possibilitar a vivência de experiências que vão além do fazer técnico e incluem o desenvolvimento pessoal e profissional.

A relação professor-estudante assume um papel central e crucial nesse processo. Conforme Aquino (1996), a qualidade dessa relação é de suma importância, a ponto de "estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos". Uma relação positiva entre ambos aumenta a probabilidade de um maior aprendizado e produz resultados educativos mais satisfatórios.

Nesse sentido, a extensão favorece a aproximação entre docentes e discentes, flexibilizando hierarquias e promovendo a colaboração. Essa aproximação está em sintonia com o pensamento de Paulo Freire (1996), que defende o diálogo como elemento essencial de uma prática pedagógica democrática. Para o autor, "ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si" (Freire, 1996, p. 47), pois o conhecimento se constrói na interação entre sujeitos históricos e críticos.

José Pacheco (2011), ao propor a experiência da Escola da Ponte, também valoriza o rompimento com a rigidez hierárquica tradicional. Em sua proposta, a escuta ativa, a autonomia e a

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

corresponsabilidade tornam-se fundamentos de uma educação participativa e mais humanizada.

Assim, a dialogicidade torna-se um princípio estruturante dessa nova configuração relacional, permitindo que professores e estudantes troquem saberes, questionem e construam juntos o conhecimento, em uma prática pedagógica orientada pela emancipação e pelo respeito mútuo.

A contribuição da extensão para a formação dos estudantes é multifacetada e abrange diversas áreas como a educacional e a social. Conforme Sampaio (2011), a motivação para a realização da extensão reside na compreensão dos processos (des)construídos nas relações do sujeito individual com o outro social, e a extensão sempre produzirá conhecimento porque há muito a conhecer na interação com o desconhecido. Essa experiência de contato direto com a realidade social permite que a teoria trabalhada em sala de aula converse com os desafios do mundo real, promovendo a capacidade das pessoas de relacionar teoria e prática.

Além disso, a extensão universitária tem um papel muito importante para formar atitudes de cidadania e mudar valores pessoais. Ao proporcionar aos estudantes o contato com realidades diversas, permite com que eles desenvolvam um pensamento crítico, essencial para o exercício pleno da cidadania, o que os leva a se comprometer com causas sociais. A autonomia, para Paulo Freire (1996), não é um estado inato ou estático, mas um processo de amadurecimento do ser que se constrói e se consolida na experiência de decidir e de se responsabilizar. Complementarmente, Rossetto (2005) a define como "a capacidade do sujeito de elaborar normas próprias e de segui-las, sem que para isso necessite de coação externa". A extensão universitária, conforme destacada por Villar (2011), é fundamental para a formação cidadã, pois é um espaço privilegiado para que o saber científico e o popular se integrem na construção de um novo conhecimento e na transformação social. Essa prática pode, inclusive, influenciar a cultura das pessoas, contribuindo para a acumulação de forças contrárias à dominação, à exclusão e ao descaso com as políticas públicas. O desenvolvimento estudantil, um conceito abordado por Freire (1996), é intrinsecamente ligado a essa vivência, pois é na ação e na reflexão sobre a prática que os sujeitos se tornam mais capazes de decidir por si e de intervir na realidade, fortalecendo sua autonomia.

Portanto, na interligação, a extensão universitária não apenas ressalta o valor do conhecimento e da instituição na sociedade, mas também fortalece e ressignifica a relação entre professor e estudante, ao promover espaços de diálogo, cooperação e vivências compartilhadas. Essa relação que, no modelo tradicional costuma ser unidirecional (professor transmite o conhecimento e o estudante só recebe), vira um espaço onde se constrói o conhecimento em conjunto. Nela, professores e alunos aprendem e ensinam uns com os outros e com a comunidade, o que impacta significativamente na formação e na participação social dos futuros profissionais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A presente seção dedica-se à apresentação e à discussão dos resultados obtidos na pesquisa. A compreensão

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

da dinâmica dessa relação é dividida em subtemas que explicam as mudanças vivenciadas por estudantes e professores nesse contexto interativo.

O PAPEL DO PROFESSOR/COORDENADOR NA EXTENSÃO: MEDIAÇÃO DO PROCESSO

A análise das entrevistas infere que há uma mudança no papel do professor quando ele trabalha na extensão universitária, onde pode adotar uma postura pedagógica que difere de um modelo centrado na docência. Os professores que foram entrevistados afirmam que se percebem mais como mediadores do processo e coordenadores das atividades do que como simples transmissores de conteúdo. Sua atuação concentra-se no acompanhamento dos estudantes, que atuam como educadores nos projetos, e na forma como desenvolvem as atividades propostas. Essa adaptação responde à diversidade dos públicos envolvidos nas ações extensionistas.

P2 descreve que seu trabalho no projeto se baseia em reuniões para acompanhar o andamento dos estudantes e oferecer suporte às dificuldades pedagógicas dos estudantes. Como afirma: "o meu papel dentro desse projeto é estar fazendo reuniões semanais com eles (...) e estar em contato com eles, se eles estão com alguma dificuldade na parte de didática" (P2, 2025). Ele destaca que os próprios estudantes "estão fazendo o papel de professor", o que exige acompanhamento cuidadoso por parte do professor.

Essa mudança também é percebida por P1, que relata a necessidade de adaptar continuamente suas estratégias diante da diversidade de públicos: "é uma população variada", diz, abrangendo desde "leigos" até "estudantes" e profissionais, o que a faz sentir que "tem que me adequar a cada público" (P1, 2025).

Essa concepção do professor como mediador dialoga com Belotti e Faria (2010), que defendem que o educador, ao promover relações horizontais, contribui para uma formação continuada, superando a lógica da transmissão unilateral. No contexto da extensão, isso se traduz em uma prática pedagógica sensível às realidades sociais, centrada na colaboração e no fortalecimento da autonomia estudantil.

Tal concepção também se alinha ao que propõe Paulo Freire, que defende a construção do conhecimento pelo próprio aluno, com o professor criando condições para que isso ocorra (Freire, 1996). A atuação na extensão, marcada pelo diálogo e pela colaboração, favorece o aprimoramento do conhecimento e a participação ativa, resultando em um aprendizado mais significativo e humanizado. O engajamento do professor nesse processo, longe de ser um problema, é visto como estimulante por P1, que afirma: "eu não considero isso dificuldade, nem desafio não, eu acho estimulante" (P1, 2025), reforçando o caráter dinâmico e transformador da relação entre professor e estudante.

EXTENSÃO: DIÁLOGO, PARCERIA E AUTONOMIA

A forma como professores e estudantes interagem nos projetos de extensão universitária investigados nesta pesquisa infere-se como uma relação aberta e dialógica, com espaço para troca de ideias

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

e decisões compartilhadas. As análises indicam uma relação de parceria na construção do conhecimento, em que a autonomia dos estudantes é estimulada.

Essa parceria e a promoção da autonomia são evidentes na qualidade da comunicação e no ambiente de colaboração, conforme o professor P1, ao falar sobre a internação, confirma que a troca é constante e de boa qualidade. Ele afirma que "sempre há espaço para que eles desenvolvam um bom trabalho, onde eles se sintam confortáveis. E isso tem muito agregado e feito crescer o projeto" (P1, 2025).

Essa dinâmica participativa é percebida também pelos estudantes, que demonstram liberdade para propor e ajustar atividades em conjunto com os professores. E1 descreve que o processo de decisão é compartilhado, e que todas as escolhas são realizadas em conjunto com os docentes orientadores. Ele menciona que, antes de implementar determinados pontos, é necessário o aval dos orientadores para adequar aspectos que, muitas vezes, os estudantes não percebem, mas que os docentes, com maior experiência, conseguem sinalizar.

E3 reforça essa ideia ao mencionar a relação com P2 como uma "conversa de via dupla":

> "A gente de uma forma bem amigável, sugere ideias também que poderiam ajudar a gente; nós conseguimos propor ideias e também conseguimos obter um feedback das ideias e novas ideias em cima disso também, então é uma conversa de via dupla com o professor" (E3, 2025).

P2 também valoriza a iniciativa trazida por parte dos estudantes, apontando como o espaço de troca favorece o crescimento coletivo. Para ele,

> "é legal que às vezes eles trazem ideias, sabe? Ah, professor, eu tentei fazer tal coisa e deu certo. E e essa reunião semanal é legal para isso, porque daí eles acabam trocando informações, sabe? Tipo, algum recurso didático que um usou, que deu certo, já compartilha com todo mundo" (P2, 2025).

Essa dinâmica reflete a dialogicidade proposta por Paulo Freire (1996), que enfatiza a escuta crítica e a troca de saberes para a construção do conhecimento, afirmando que "somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele". A autonomia discente se desenvolve na experiência de propor e decidir, e a relação de parceria demonstra a importância do diálogo para promover um aprendizado interativo e colaborativo, conforme afirmam Belotti e Faria (2010).

A valorização das ideias dos estudantes e o incentivo à sua criatividade podem promover um ambiente de coaprendizagem e corresponsabilidade. A relação mais horizontal aproxima professores e estudantes e ajuda na troca de experiências mútuas, contribuindo para o aprendizado e crescimento mútuos dos envolvidos no processo, a partir das diferenças que caracterizam suas interações. Essa colaboração mútua na construção do saber é uma das bases da extensão.

IMPACTO DA RELAÇÃO PROFESSOR–ESTUDANTE NA FORMAÇÃO E NA ARTICULAÇÃO TEORIA–PRÁTICA

A relação professor e estudante na extensão universitária tem um impacto grande na formação dos alunos no que tange à integração entre teoria e prática. Essa interação permite que os estudantes

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

utilizem o conhecimento acadêmico em problemas reais, desenvolvendo novas estratégias e percebendo a importância da responsabilidade social.

As observações e relatos dos participantes confirmam que essa vivência contribui para o desenvolvimento de habilidades práticas e socioemocionais, como empatia e comunicação com diferentes públicos. P1, por exemplo, destaca que a extensão

> "faz com que eles [os alunos] busquem soluções em problemas comuns na comunidade e através da busca dessas soluções, desenvolvam estratégias adicionais diferentes daquelas existentes na faculdade" (P1, 2025).

Essa atuação prática expressa a práxis, conceito abordado por Paulo Freire (1996), no qual teoria e prática se complementam. P2, ao avaliar as habilidades dos estudantes, enfatiza a importância da comunicação e aprimoramento pedagógico. Ele destaca que a experiência em projetos de extensão contribui para que os estudantes desenvolvam a capacidade de se expressar com confiança e de organizar suas ideias, aspectos cruciais não apenas para uma futura atuação docente, mas para diversas outras áreas profissionais, ressaltando que o "aprender a ensinar" é um ganho essencial dessa vivência durante o processo de extensão (P2, 2025).

Os estudantes também reconhecem esse crescimento. O estudante E1 relata que a evolução da relação com os docentes tem sido muito positiva, indicando que essa interação se aperfeiçoou com o tempo, resultando em um entendimento mútuo e eficaz (E1, 2025). Ele menciona que os docentes acolhem as questões dos estudantes e fornecem orientações pertinentes, ressaltando a necessidade de contato contínuo para a evolução, não apenas acadêmica, mas também pessoal (E1, 2025). O estudante afirma que "essa relação docente-discente tem sido aperfeiçoada com o tempo, de forma que nós conseguimos nos entender muito bem", e que os docentes "acatam as nossas questões, também dão orientações muito pertinentes" (E1, 2025).

O Estudante (E2) destaca o desenvolvimento de diversas habilidades a partir da convivência com os professores. Ele relata ter aprimorado a comunicação e a capacidade de compartilhar conteúdos complexos de forma acessível. Além disso, menciona ter aprendido sobre organização de atividades e a compreensão de práticas específicas que, embora abordadas teoricamente, foram de fato apreendidas na vivência extensionista com os professores (E2, 2025). O estudante pontua que desenvolveu "habilidade, assim, de comunicação" e que aprendeu "a organizar as atividades" (E2, 2025).

O estudante E3 relata que a experiência no projeto contribuiu para que ele demonstrasse sua competência e evidenciasse habilidades profissionais que vão além do conhecimento teórico, o que fortaleceu sua relação com o professor (E3, 2025). Segundo ele, o desenvolvimento dessas competências foi favorecido especialmente pela vivência prática fora da sala de aula, espaço no qual teve a oportunidade de afirmar sua capacidade e aprofundar o vínculo com o docente que o acompanhava (E3, 2025).

O estudante E4 também enfatiza que a relação mais próxima com o professor, no âmbito da extensão, foi fundamental para seu

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

desenvolvimento. Ele relata que essa interação, marcada por conversas frequentes e pelo esclarecimento contínuo de dúvidas relacionadas às atividades da extensão, "pode tornar o estudante mais confortável e engajado com os estudos de sua área, levando a uma melhor absorção dos conteúdos e, consequentemente, ao crescimento acadêmico e profissional" (E4, 2025).

Essa integração entre teoria e prática, associada ao desenvolvimento de competências socioemocionais, comunicacionais e de autonomia dos estudantes, caracteriza a formação ampliada que é proporcionada pela extensão. Ao conectar o conhecimento acadêmico com as realidades sociais, a extensão humaniza o processo educativo, fortalece o compromisso social e prepara o estudante para desafios profissionais e para o exercício da cidadania.

DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES E PROJETOS DE EXTENSÃO

Mesmo com uma dinâmica de colaboração e de uma relação menos hierarquizada, a interação professor e estudante na extensão também tem seus desafios. Na maioria das vezes, esses desafios estão relacionados à organização ou à comunicação inicial, mas os desafios costumam ser superados com diálogo e flexibilidade.

O estudante E1, por exemplo, aponta que o maior obstáculo diz respeito ao alinhamento entre os horários e a disponibilidade dos professores e monitores. Ele reconhece que tais situações foram raras, mas destaca que, quando ocorreram, os docentes "compreenderam muito bem" e se mostraram abertos ao diálogo (E1, 2025).

Essa percepção é reforçada por E3, que menciona a dificuldade de conciliar as agendas dos envolvidos. Ele observa que "marcar o horário para a comunicação" era desafiador, mas que a equipe encontrou soluções, como a realização de reuniões online por meio da plataforma Discord, o que facilitou os encontros e contribuiu para o andamento do projeto (E3, 2025).

E1 também comenta que, quando surgem divergências, elas normalmente estão ligadas a "falha na comunicação", mas são resolvidas com rapidez e harmonia, em um ambiente que ele descreve como "muito harmônico", onde não há grandes conflitos pessoais (E1, 2025).

De forma semelhante, E2 relata uma situação em que, no início do projeto, houve divergência sobre estratégias de comunicação visual. Após conversar com o professor, sua sugestão de "humanizar a representação visual" foi acolhida e aperfeiçoada em conjunto, demonstrando que o processo de resolução foi construído de forma dialogada e colaborativa (E2, 2025).

Essa capacidade de resolver problemas através do diálogo, flexibilização e respeito entre professores e estudantes reforça a importância de uma relação de confiança e colaboração. O diálogo surge como uma ferramenta fundamental não só para a comunicação, mas também para a resolução de impasses e para o aprendizado com as diferenças de perspectiva. Paulo Freire (1996) destaca a "escuta crítica" e a "disponibilidade para o diálogo" como elementos essenciais no processo de ensino e aprendizagem, pois o diálogo segundo Freire (1992), não é a transferência de informações ou de conhecimentos,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

mas um encontro de sujeitos que exercitam a busca do significado das informações e dos conhecimentos. Superar esses desafios, que muitas vezes são práticos e organizacionais, demonstra a resiliência e o comprometimento dos envolvidos. Isso fortalece a parceria e contribui para que as atividades de extensão fluam melhor, além de promover o amadurecimento e uma aperfeiçoamento na relação professores e estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Os resultados da pesquisa apontam que a extensão se configura como um espaço privilegiado para a construção de práticas educativas distintas do modelo tradicional de sala de aula. Nesse contexto, a relação se estabelece de forma mais horizontal, dialógica e centrada na experiência prática, favorecendo a troca de saberes, o protagonismo dos estudantes e a participação ativa de todos os envolvidos.

O papel do professor na extensão se configura como mediador do processo formativo. Os professores entrevistados ao se verem como "mediadores" e "coordenadores de projetos", demonstram preocupação em adaptar suas abordagens às necessidades dos estudantes e aos contextos reais. Isso se alinha aos princípios abordados por Paulo Freire (1996) e Belotti e Faria (2010), onde a formação do aluno é indissociável da reflexão e do aprimoramento contínuo do próprio professor. A extensão, nesse sentido, apresenta-se como uma possibilidade de o professor se tornar um "aventureiro responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente" (Freire, 1996, p. 26), potencialmente enriquecendo sua própria prática e qualificando a formação dos alunos.

A interação, nos projetos de extensão observados, é marcada por diálogo contínuo e valorização da autonomia. Observa-se um espaço claro onde os estudantes podem propor ideias, e eles se sentem animados a participar nas decisões e no planejamento das atividades. Essa "conversa de via dupla", como os alunos relatam, indica a possibilidade de criar uma relação de parceria e de construção do conhecimento em conjunto, onde a expertise docente se soma à iniciativa estudantil. Essa horizontalidade, em oposição a posturas impositivas, mostra-se fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, permitindo que exerçam sua capacidade de decidir e de intervir no processo, conforme defendido por Freire (1996). Esse ambiente participativo contribui para a superação de paradigmas do ensino tradicional e para a construção de um processo formativo mais engajado e humanizado.

Apesar dos desafios – geralmente relacionados à organização e à comunicação –, a relação professor-estudante mostra-se resiliente. As dificuldades, como acerto de horários ou falhas na comunicação, podem ser frequentemente resolvidas com conversa e flexibilidade. O diálogo tende a aparecer como a ferramenta principal para resolver essas questões e para aprender com as diferentes formas de ver as coisas. A "escuta crítica" e a "disponibilidade para o diálogo" apresentam-se como essenciais nesse processo, potencialmente transformando as diferenças em chances de melhora. A resiliência e o compromisso mútuo, que aparecem quando superam esses desafios práticos e de organização, indicam um fortalecimento da parceria e uma contribuição para a fluidez das atividades extensionistas e para o amadurecimento da relação entre docentes e discentes.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

O impacto dessa relação na formação dos estudantes é expressivo. Além de consolidarem conhecimentos técnicos, os estudantes desenvolvem competências socioemocionais, como empatia, comunicação e liderança. A atuação como monitores favorece esse processo, ao permitir que enfrentem desafios reais e coloquem em prática o que foi aprendido nos projetos extensionistas. Essa vivência promove uma aprendizagem mais significativa, que desperta o interesse e fortalece o vínculo com a área de estudo.

Conclui-se que a extensão universitária, quando favorecem relações horizontais e dialógicas, constitui-se como um espaço fértil para a aprendizagem mútua, o exercício da autonomia e o desenvolvimento dos estudantes. Reconhecer e investir em políticas e estruturas institucionais que favoreçam essa forma de interagir mostram-se essenciais para potencialmente firmar seu papel em formar profissionais qualificados e comprometidos com a sociedade. Dessa forma, a universidade brasileira pode cumprir sua missão de interagir de forma transformadora e significativa com a sociedade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Gropa. A relação professor–aluno: do pedagógico ao institucional. in: BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação professor/aluno. **Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, p. 01–12, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. **Relação professor/aluno**. Saberes da Educação, v. 1, n. 1, p. 01–12, 2010. Disponível em: https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/salua.pdf Acesso em: 30 jun. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: https://www.ufpb.br/ccca/contents/documentos/noticias/pedagogia-da-autonomia-livro-completo.pdf/view. Acesso em: 30 jun. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 07 jul. 2025

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em: 08 jul. 2025.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2011.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ROSSETTO, Maria Célia. **A construção da autonomia na sala de aula: na perspectiva do professor**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7520/000546740.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 19-34. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232083. Acesso em: 30 jun. 2025.

SAMPAIO, Jorge Hamilton. Autoanálise e autogestão das comunidades: contribuição da sociopsicanálise para metodologias de extensão. In: SÍVERES, L. (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 66.

VILLAR, Ana Eugênia Vasconcelos. **Extensão universitária: concepções e ações na UFRN sobre a temática direitos humanos e justiça no período de 2008 a 2010**. Tese de Mestrado. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/b272216f-c9c1-4685-b492-0146c45cc69d/content. Acesso em: 10 jul. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
SAÚDE //

Conectando saberes: experiências das pics em ações de extensão no sus e suas

EDVALDO CALDAS DE ANDRADE NETO
ANA CAROLINA SILVA MIRANDA
LAÍRLA DIAS DOS ANJOS
LUCAS BASTOS DOS SANTOS
MARIA BEATRIZ DE JESUS SILVA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Conectando saberes: experiences of integrative and complementary health practices in extension actions in the sus and suas

Conectando saberes: experiências das pics em ações de extensão no sus e suas

Conectando saberes: experiences of integrative and complementary health practices in extension actions in the sus and suas

PALAVRAS-CHAVE
SAÚDE.
ANCESTRALIDADE.
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE.
PICS.

RESUMO As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) constituem um conjunto de abordagens terapêuticas, tais como massoterapia, arteterapia e plantas medicinais, que visam a promoção e prevenção da saúde por meio dos saberes tradicionais, com foco no cuidado biopsicossocial do sujeito. A Liga Acadêmica de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (LAPICS), vinculada ao Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), desenvolveu o projeto de extensão "Conectando Saberes", que realizou três ações baseadas nessas práticas em equipamentos sociais vinculados ao Sistema Único de Assistência Social e ao Sistema Único de Saúde no município de Santo Antônio de Jesus, Bahia. O objetivo deste estudo foi relacionar a literatura acadêmica com as experiências vivenciadas na Liga. O principal empecilho encontrado para o desenvolvimento e continuidade da extensão foi a escassez de investimentos voltados para as PICS, o que corrobora a problemática do financiamento da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Por isso, a necessidade da implementação de projetos que valorizem a ancestralidade e assegurem o uso ético das PICS, consolidando-as como instrumentos relevantes para o cuidado integral e o protagonismo comunitário na saúde.

KEYWORDS
HEALTH.
ANCESTRY.
POPULAR HEALTH EDUCATION.
ICHP.

ABSTRACT Integrative and Complementary Health Practices (ICHP) comprise a set of therapeutic approaches, such as massage therapy, art therapy, and medicinal plants, aimed at health promotion and prevention through traditional knowledge, with a focus on the biopsychosocial care of individuals. The Academic League of Integrative and Complementary Health Practices (LAPICS), linked to the Center for Health Sciences (CCS) at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB), developed the extension project "Connecting Knowledge", which carried out three actions based on these practices in social facilities linked to the Unified Social Assistance System and the Unified Health System in the municipality of Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brazil. This study aimed to relate academic literature to the experiences developed within the League. The main challenge identified for the development and continuity of the extension activities was the scarcity of investments directed toward ICHP, which corroborates the broader issue of funding for the National Policy on Integrative and Complementary Practices. Therefore, it is essential to implement initiatives that value ancestral knowledge and ensure the ethical use of these practices, consolidating them as relevant instruments for comprehensive care and for strengthening community protagonism in health.

1
Projeto aprovado e financiado pelo Programa de Apoio à Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAEx/UEMG) no âmbito do Edital 01/2022.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

EDVALDO CALDAS DE ANDRADE NETO
Especialista em Neuropsicologia (UNIAENE).
E-mail: edvaldocaldaspsi@gmail.com

ANA CAROLINA SILVA MIRANDA
Bacharel em Saúde (UFRB).
E-mail: ascarolinamiranda@gmail.com

LAÍRLA DIAS DOS ANJOS
Bacharel em Saúde (UFRB).
E-mail: lairladias@gmail.com

LUCAS BASTOS DOS SANTOS *Mestre em gestão de políticas públicas e segurança social* (UFRB).
E-mail: lucasbastos091@gmail.com

MARIA BEATRIZ DE JESUS SILVA
Bacharel em Saúde (UFRB).
E-mail: mariabeatrizdejsilva@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) constituem um conjunto de abordagens terapêuticas que visam à promoção, prevenção e tratamento de agravos, por meio de métodos não convencionais e com foco no cuidado integral do sujeito. Essas práticas foram regulamentadas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), instituída pela Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006 do Ministério da Saúde, sendo incorporadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) como estratégia para fortalecer a integralidade da atenção à saúde (Brasil, 2006).

A PNPIC foi, posteriormente, revisada, ampliada e sistematizada na sua segunda edição, publicada em 2015, e introduziu novas práticas, atualizou diretrizes e aprofundou os fundamentos técnicos e estratégicos desta política (Brasil, 2015). Essa atualização representa um esforço de ampliação do acesso e de consolidação das PICS como parte integrante

da promoção da saúde no SUS. Desde então, práticas como fitoterapia, homeopatia e acupuntura passaram a ser legitimadas no SUS, ampliando o leque terapêutico no cuidado à população (Sousa et al., 2012).

Adotou-se a Educação Popular em Saúde como eixo metodológico das ações, reconhecendo seu potencial em fomentar a construção coletiva do cuidado, ancorada na valorização dos saberes locais e na escuta ativa dos sujeitos envolvidos (Brasil, 2022). Essa abordagem dialoga profundamente com os princípios das PICS, na medida em que ambas propõem uma concepção ampliada de saúde baseada na integralidade, equidade e protagonismo dos usuários. Habimorad et al. (2020) ressaltam que essa articulação fortalece a implementação das PICS na atenção primária, pois promove práticas de cuidado que superam a lógica biomédica e incorporam aspectos culturais, participativos e comunitários.

Diante desse contexto, a Liga Acadêmica de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (LAPICS), vinculada ao Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), desenvolveu o projeto de extensão "Conectando Saberes". O projeto realiza ações e atividades de extensão com base nas PICS, atuando em equipamentos sociais vinculados ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e ao SUS no município de Santo Antônio de Jesus - BA.

Dentre os equipamentos públicos voltados à garantia de direitos sociais, destaca-se o Espaço Conviver, vinculado ao Sistema Único de Assistência Social. Esse espaço tem como principal objetivo fortalecer vínculos familiares e comunitários, promover o direito à convivência e prevenir situações de risco social, especialmente entre crianças, adolescentes, pessoas idosas e outros grupos em situação de vulnerabilidade (Brasil, 2004).

Outro importante serviço socioassistencial é o espaço de acolhimento institucional para crianças, intitulado de "Casa das Cores", também vinculado ao SUAS, destinado à proteção integral de crianças e adolescentes afastados temporariamente do convívio familiar por medida protetiva, ou em situação de vulnerabilidade social, assegurando-lhes cuidados básicos, apoio psicossocial, educação e convivência comunitária, conforme definido pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Brasil, 2014).

No campo da saúde, a Policlínica vinculada ao SUS se insere na rede de atenção especializada, ofertando atendimentos ambulatoriais multiprofissionais e em diversas especialidades médicas, contribuindo para a integralidade e continuidade do cuidado ao paciente (Brasil, 2010). Tanto o SUAS quanto o SUS compõem políticas públicas fundamentais para a promoção da cidadania, organizando ações intersetoriais baseadas nos princípios da universalidade, equidade, descentralização e controle social (Brasil, 2010).

Com base na perspectiva de Santos (2007), que adota a ecologia de saberes como referência, as ações da LAPICS foram orientadas para a construção de práticas de cuidado que respeitassem e dialogassem com diferentes formas de conhecimento, buscando superar a hegemonia epistemológica da racionalidade biomédica. Logo, a articulação entre Educação Popular em Saúde e as PICS se apresenta como um caminho estratégico para a promoção de um cuidado integral, participativo e sensível às realidades socioculturais dos sujeitos. Essa abordagem busca não apenas ampliar a eficácia das intervenções como também fortalecer o

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

protagonismo comunitário nos processos de saúde.

Assim, este trabalho tem como objetivo relacionar a literatura acadêmica à experiência com práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) desenvolvidas por meio de atividades extensionistas da Liga Acadêmica de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (LAPICS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), realizadas em equipamentos vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Busca-se, ainda, evidenciar a importância do uso ético das PICS, que trabalhe os saberes tradicionais e a ancestralidade, e seus possíveis benefícios para a integralidade do cuidado e para o fortalecimento das políticas públicas de saúde e assistência social.

METODOLOGIA Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritivo-analítico. A abordagem qualitativa foi selecionada por sua adequação para aprofundar a compreensão de um fenômeno social complexo, a implementação de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) em um contexto de extensão universitária, principalmente pela análise de seus significados e processos (Minayo, 2014). O caráter descritivo se manifesta na exposição das atividades extensionistas, enquanto a dimensão analítica está na articulação crítica entre a experiência empírica e o referencial teórico-político pertinente.

O cenário da pesquisa constituiu-se dos espaços institucionais onde foram desenvolvidas as atividades de extensão da Liga Acadêmica de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (LAPICS), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tais locais incluem equipamentos da rede de atenção do Sistema Único de Saúde (SUS) e da rede de proteção do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no município de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

O referencial teórico e documental foi fundamentado na triangulação de duas fontes distintas e complementares: revisão de literatura e análise documental. Realizou-se uma revisão narrativa da produção científica e de documentos oficiais. O levantamento bibliográfico ocorreu nas bases de pesquisa bibliográfica Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados os seguintes descritores e suas combinações: "Práticas Integrativas e Complementares"; "Extensão Universitária" e "Integralidade em Saúde". A pesquisa incluiu, ainda, a análise de políticas e portarias ministeriais afetas à temática.

O corpus empírico foi constituído por documentos elaborados no âmbito das atividades da LAPICS. Para tanto, foram selecionados e analisados relatórios de gestão, planejamentos de ações, diários de campo dos membros e atas de reunião, compreendendo o período entre 29 de novembro e 19 de dezembro de 2023. Nesse sentido, a análise do material foi conduzida a partir de uma perspectiva hermenêutico-dialética, conforme proposta por Minayo (2014). De acordo com essa abordagem, o processo analítico é compreendido como um movimento interpretativo orientado à apreensão dos sentidos produzidos nas experiências, nas narrativas e nas interações estabelecidas no campo investigado. Dessa forma, a análise foi realizada por meio de leituras interpretativas do

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

material descritivo e reflexivo produzido ao longo das ações, buscando compreender os significados emergentes da experiência e suas implicações tanto para a prática quanto para a reflexão teórica (Minayo, 2014).

Procedeu-se à sistematização dos documentos e à formulação de indicadores para a análise, com base nos objetivos do estudo. A partir da convergência e relevância desses núcleos, definiram-se as categorias temáticas para a discussão. Buscou-se, assim, relacionar a prática extensionista com a literatura acadêmica, a fim de evidenciar a importância do uso adequado das PICS, a valorização dos saberes tradicionais e seus benefícios para a integralidade do cuidado e o fortalecimento de políticas públicas.

O estudo respeitou todos os preceitos éticos relacionados à pesquisa envolvendo seres humanos. Nesse sentido, por se tratar de um relato de experiência fundamentado na análise de documentos de domínio interno da Liga e de acesso público, sem a identificação de participantes ou a utilização de dados sensíveis, a pesquisa enquadra-se nas hipóteses de dispensa de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as normativas vigentes. Ademais, a confidencialidade das instituições e dos sujeitos eventualmente mencionados nos relatórios foi preservada, garantindo-se o anonimato das informações apresentadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O campo da saúde é constituído por múltiplos sistemas de conhecimento, entre os quais se destacam os saberes tradicionais e o saber biomédico. Os saberes tradicionais emergem das experiências coletivas, são transmitidos oralmente e enraízam-se nos modos de vida das comunidades, com práticas de cura associadas à espiritualidade, ao uso de plantas medicinais e ao cuidado integral com o ambiente e a cultura local (Ribeiro, 2009). Por sua vez, o saber biomédico está sustentado na racionalidade científica moderna, fundamentado em evidências laboratoriais, especialização técnica e uma visão fragmentada do corpo humano (Camargo, 2005). Como afirmam Biehl e Locke (2017), essas formas de conhecimento expressam distintas concepções de saúde e doença, que frequentemente se tensionam nas práticas institucionais de cuidado.

Luz (2012) argumenta que a biomedicina consolidou-se como racionalidade hegemônica, muitas vezes desqualificando saberes outros como "não científicos". Menéndez (2003) aponta que essa hierarquização resulta de processos históricos que silenciam práticas de cuidado não ocidentais, amplamente utilizadas por populações periféricas. Em contraponto a essa lógica excludente, Santos (2007) propõe a ideia de uma ecologia de saberes, na qual diferentes formas de conhecimento, especialmente os tradicionais, são reconhecidas em sua legitimidade, contribuindo para práticas de saúde plurais, enraizadas no território e na cultura.

O resgate da ancestralidade como prática terapêutica tem revelado sua importância na promoção da saúde integral, sobretudo em contextos historicamente negligenciados. Ao valorizar os saberes ancestrais, rompe-se com o modelo biomédico centrado exclusivamente na doença e com cuidado fragmentado, que passa a observar o sujeito nas dimensões biopsicossociais, além de fomentar sua própria participação no processo de saúde (Schveitzer; Esper; Silva,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

2012).

Para Krenak (2019), o bem viver está ligado à preservação das relações entre os seres humanos, a natureza e os saberes ancestrais que orientam modos de existência mais coletivos, sensíveis e sustentáveis. Nesse âmbito, o autor afirma que reencontrar essas raízes não é apenas um gesto de memória, mas um caminho necessário para resistir à lógica destrutiva de um mundo que adoece ao negar outras formas de vida e cuidado.

Entre as terapias integrativas utilizadas nas ações comunitárias, destacam-se a auriculoterapia, a massoterapia, a arteterapia, o escalda-pés e o uso de plantas medicinais e fitoterapia. A auriculoterapia, fundamentada na medicina tradicional chinesa, consiste na estimulação de pontos na orelha para promover equilíbrio físico e emocional (Correa *et al.*, 2020). Enquanto isso, a massoterapia é feita com toques suaves e deslizantes no corpo, um amassamento da pele com os dedos, facilitando o relaxamento e a diminuição de dores (Couto *et al.*, 2023) A arteterapia, por sua vez, utiliza processos criativos, como desenho, pintura ou colagem, para facilitar a expressão de emoções e promover o autoconhecimento (Reis, 2014).

O escalda-pés, de acordo com Spagnol (2019), é uma prática ancestral presente em diversos povos, atua como relaxante físico e emocional, e seu uso associado a ervas potencializa seus efeitos terapêuticos, ainda que não descrito na PNPIC, se utiliza de uma junção de técnicas (aromaterapia por óleos essenciais, plantas medicinais e banho medicinal) para o seu preparo. Já as plantas medicinais e fitoterápicos (Badke *et al.*, 2012) resgatam práticas de cuidado transmitidas oralmente e culturalmente, reforçando a autonomia popular sobre seus próprios processos de cura.

Silva et al. (2020) trazem que, dentre os desafios relacionados à institucionalização da PNPIC, encontra-se o financiamento. A resistência encontrada para a aprovação desta política pode ser justificativa para essa problemática, uma vez que o modelo do seu financiamento está atrelado aos serviços de média e alta complexidade, o que se diferencia da realidade vivenciada nos municípios, que ofertam as PICS principalmente na Atenção Primária (Silva *et al.*, 2020). Esse desencontro entre a PNPIC e o cotidiano dos usuários e profissionais de saúde prejudica o bom funcionamento e maior adesão destas práticas.

A valorização dessas práticas evidencia o potencial do diálogo entre os saberes tradicionais e as abordagens contemporâneas de cuidado. Trata-se de ampliar o campo da saúde a partir de uma perspectiva crítica à colonialidade, que reconhece e legitima epistemologias historicamente silenciadas (Guimarães *et al.*, 2020). Apostar nessa integração é também afirmar a pluralidade de modos de ser e cuidar, fortalecer vínculos comunitários e estimular a autonomia dos sujeitos em seus territórios.

RESULTADOS E DISCUSSÕES As experiências vivenciadas nas ações de extensão abrangeram diversas nuances, especialmente em razão da variedade de públicos e contextos envolvidos. Nesse sentido, na primeira ação, realizada na Policlínica Regional do Recôncavo (Reconvale), destacou-se a importância de alinhar a comunicação aos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

diferentes níveis de escolaridade do público participante. Isso se deve ao fato de que a formação universitária frequentemente envolve a utilização recorrente de termos técnicos, o que tende a habituar os discentes ao uso de nomenclaturas que nem sempre são compreendidas pelo público em geral. Nesse panorama, a comunicação em saúde deve considerar o nível de letramento em saúde da população, adaptando a linguagem utilizada para favorecer a compreensão das informações e fortalecer a relação entre profissionais e comunidade (Sørensen et al., 2012; Nutbeam, 2008).

Dessa forma, abordar a temática por meio de uma comunicação acessível mostrou-se fundamental para a construção coletiva do conhecimento entre os discentes e os participantes da Reconvale. Tal perspectiva dialoga com o que Paulo Freire (2019) aponta como um princípio essencial da Educação Popular, ao possibilitar que os sujeitos se reconheçam como protagonistas do processo educativo, e não como indivíduos passivos inseridos em um modelo de ensino bancário.

Durante a condução da roda de conversa, realizada no primeiro momento da ação com os usuários que aguardavam atendimento na área externa, foi possível identificar a presença de conhecimentos prévios sobre as PICS, sobretudo no que se refere ao uso de chás e ervas medicinais. Nesse contexto, a utilização de fitoterápicos para o tratamento de sintomas e a prevenção de doenças constitui uma prática amplamente presente na cultura popular e bastante recorrente no Recôncavo, configurando-se como um importante elemento das tradições e saberes dos povos locais (De Farias *et al.*, 2021). Além disso, os relatos compartilhados, especialmente por mulheres idosas, evidenciaram a roda de conversa como um espaço de troca de conhecimentos, no qual a escuta ativa e a valorização dos saberes tradicionais se apresentam como recursos relevantes para a construção de práticas de saúde integrais (Brasil, 2015).

No segundo momento da ação, com a atuação de três estudantes do curso de psicologia, a palestra participativa ocorreu no espaço destinado a atividades de Educação em Saúde, frequentemente utilizado para a realização de salas de espera. Com um público-alvo melhor delimitado, composto por homens adultos e idosos, foi abordado o tema "Saúde do Homem e PICS". Essa etapa se iniciou com uma conversa sobre as PICS regulamentadas pelo SUS, ressaltando seus benefícios complementares para a saúde, seu papel no fortalecimento do cuidado integral e a possibilidade de acesso gratuito nas Unidades de Saúde (Brasil, 2015). Destacou-se o uso de plantas medicinais e chás como parte das práticas, valorizando saberes tradicionais que já haviam sido citados anteriormente - pelo público anterior - e fazem parte do cotidiano dos usuários, o que, segundo Guimarães *et al.* (2020), reforça a mútua importância dos conhecimentos científicos e populares para o cuidado integral da saúde da pessoa.

Adicionalmente, foi abordada a importância do autocuidado masculino e as razões que levam muitos homens a evitarem os serviços de saúde, entre elas o machismo, a crença na invulnerabilidade e a vergonha associada a determinados procedimentos, como o exame de próstata (Schraiber; Gomes; Couto, 2005). Nesse contexto, também foram discutidas algumas das doenças mais prevalentes na população masculina, como doenças cardiovasculares, hipertensão arterial, câncer de próstata e outras causas externas, reforçando a necessidade de maior

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

adesão às práticas preventivas. Entretanto, essa etapa da atividade apresentou desafios, uma vez que envolveu o enfrentamento de resistências culturais e a abordagem de temas considerados sensíveis. Diante disso, tornou-se necessário adotar uma condução pautada na escuta qualificada, no acolhimento das falas e na mediação cuidadosa das interações, de modo a favorecer a participação dos usuários e a reflexão crítica sobre as questões discutidas.

Ainda que esse momento destinado aos homens tenha apresentado alguns impasses, ele possibilitou o surgimento de interações marcadas por forte carga emocional entre usuários e ligantes, como no relato de um participante sobre as mudanças em sua rotina e as barreiras enfrentadas após se tornar uma pessoa com deficiência. Tal relato suscitou reflexões relevantes acerca das condições de vulnerabilidade, do cuidado e do acesso aos serviços de saúde por parte desse grupo. Além disso, um homem idoso aproveitou o gancho das falas temerosas e negativas manifestadas por outros participantes sobre o exame de próstata, para compartilhar sobre a sua própria experiência com o câncer de próstata. Ele relatou que o incômodo de realizar um exame como esse, se tornava irrelevante ao considerar as dificuldades impostas pela doença, o que gerou a sensibilização dos demais, e os incentivou a buscarem a prevenção. Apesar desses desafios, a atividade mostrou-se exitosa, contando com a participação ativa de cerca de vinte homens adultos e idosos, que contribuíram com relatos e questionamentos. Desse modo, o envolvimento do público possibilitou o aprofundamento de discussões relacionadas à saúde, à prevenção e ao cuidado integral.

Na ação de promoção de saúde realizada com trabalhadoras do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), realizada por uma média de dez estudantes do curso de enfermagem e psicologia, com a participação de cerca de doze servidoras, destacou-se a importância de introduzir as Práticas Integrativas nesse contexto, mostrando como elas podem ser úteis para atividades de integração do grupo e manutenção do bem-estar das profissionais (Rossetto *et al.*, 2023). Com o objetivo de promover um espaço de relaxamento para as trabalhadoras, foi ofertada a realização de auriculoterapia e massoterapia, práticas bastante utilizadas por sua eficácia na diminuição do estresse, da ansiedade, no alívio da dor e da insônia, contribuindo positivamente na qualidade de vida das pessoas (Graça et al., 2020; Couto et al., 2023).

Além das práticas corporais realizadas, o momento de diálogo entre discentes e profissionais do SUAS foi indispensável para compreender a visão das trabalhadoras sobre as Práticas Integrativas, por meio do compartilhamento de suas experiências pessoais e profissionais. Dessa forma, a Educação Popular (Freire, 2019) se mostra essencial nesse processo de vinculação e construção do saber, proporcionando abertura à crítica - nesse contexto - quanto à ancestralidade envolta nessas práticas, não apenas da auriculoterapia e massoterapia, mas também de outros meios de promoção de saúde contemplados pelas PICS, como as já citadas anteriormente, como por exemplo, ervas medicinais e chás, abarcados na fitoterapia, e que perpassa gerações (De Farias *et al.*, 2021).

Nesse sentido, as PICS entram como aliadas ao cuidado, uma vez que "[...] o processo de produção em saúde é complexo, depende de condições biopsicossociais e de valores culturais. É favorecer a reflexão dos sujeitos em relação à sua saúde e condição de vida" (Schveitzer; Esper;

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Silva, 2012). Assim, tais práticas entram como um aliado no processo de cura, e não como um substituto. A visão biomédica e a tradicional podem e devem coexistir, com o objetivo de proporcionar uma clínica ampliada e que tenha o usuário como protagonista (Schveitzer; Esper; Silva, 2012), como o que foi experienciado com as trabalhadoras do SUAS.

Na oficina de arteterapia realizada com vinte e cinco crianças na Casa das Cores, os extensionistas, da área de psicologia e enfermagem, vivenciaram uma experiência marcada por forte sensibilidade e implicação com o contexto social do público atendido. O desenvolvimento de ações com crianças em situação de vulnerabilidade social requer uma postura pautada em consciência social crítica, considerando que muitas delas vivenciam contextos de fragilização de vínculos e, em alguns casos, de abandono familiar, o que demanda uma atuação comprometida com a compreensão das condições sociais que produzem tais vulnerabilidades (Lane, 1984).

Durante a atividade, foi possível observar maior envolvimento e interesse das crianças, tanto nas atividades propostas quanto nas interações estabelecidas com os discentes. Além disso, as atividades possibilitaram momentos de ludicidade, diversão e socialização, elementos importantes para o desenvolvimento infantil e para a construção de vínculos (Silva, 2023).

A arteterapia é compreendida por Spadarotto e Moreira (2024) como uma forma de transformação do sujeito por meio da arte, possibilitando o desenvolvimento das emoções e do chamado mundo interior e, consequentemente, favorecendo processos de autoconhecimento. Quando relacionada à infância, esse potencial transformador tende a se ampliar, tendo em vista que, nesse período do desenvolvimento, experiências expressivas, simbólicas e criativas desempenham papel fundamental na elaboração das emoções, na construção de sentidos e no desenvolvimento subjetivo. Nesse sentido, conforme destacam as autoras, "as crianças podem ter dificuldade em expressar suas emoções complexas verbalmente. [...] A arteterapia ajuda a lidar com essas emoções, facilitando a exploração e a compreensão dos sentimentos" (Spadarotto; Moreira, 2024, p. 858). Assim, considerando a especificidade do público atendido na última oficina, a escolha dessa prática mostrou-se particularmente pertinente, contribuindo para a adequada execução das ações desenvolvidas.

Tais atividades dialogam com os princípios de proteção integral previstos no artigo 227 da Constituição Federal (Brasil, 1988) e no artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, que atribuem à família, à sociedade e ao Estado a responsabilidade conjunta pelo desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes (Brasil, 1990). Esse marco fortaleceu a centralidade da família nas políticas públicas, rompendo com práticas repressivas e institucionalizantes (Cunha; Boarini, 2010). A partir da Constituição de 1988 e da Lei Orgânica da Assistência Social (Lei nº 8.742/93) (Brasil, 1993), e, de acordo com Nunes e Silva Palmeira (2023), a assistência social passou a integrar o Sistema de Seguridade Social como política pública não contributiva, culminando na criação do SUAS e na Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que priorizam a convivência familiar e comunitária (Brasil, 2004).

Nesse contexto, o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

e Comunitária (Brasil, 2006) representou um importante marco nas políticas de proteção à infância e adolescência no país, ao tensionar a histórica cultura da institucionalização e reafirmar a centralidade dos vínculos familiares e comunitários no desenvolvimento infantojuvenil. Nessa direção, a experiência desenvolvida na Casa das Cores evidencia a possibilidade de articulação entre práticas de arteterapia e as diretrizes das políticas públicas de proteção social, ao mobilizar o potencial terapêutico e expressivo da arte em consonância com o compromisso legal e ético de promoção do direito à convivência familiar e comunitária.

Com relação à organização e ao funcionamento das práticas, os membros da LAPICS, considerando a disponibilidade de carga horária e as possibilidades de atuação nos dias ofertados pelas instituições, indicavam previamente os períodos em que poderiam desenvolver as atividades. A partir dessas disponibilidades, as equipes foram organizadas por meio de um grupo de WhatsApp, no qual os integrantes também articulavam coletivamente o planejamento das ações, elaborando atividades para cada encontro. A diretora de extensão da liga, em conjunto com o presidente, ficou responsável pelo contato direto com os representantes de cada espaço em que as atividades foram desenvolvidas, bem como pela articulação com profissionais de saúde colaboradores que participaram de algumas ações.

A escolha dos espaços ocorreu a partir do contato mais próximo dos diretores da liga com determinadas instituições, o que facilitou a viabilização das atividades. De modo geral, observou-se receptividade por parte das instituições parceiras, o que contribuiu para o desenvolvimento das ações e para uma experiência colaborativa entre os extensionistas e os servidores dos espaços envolvidos.

Entre os principais desafios enfrentados no desenvolvimento das atividades, destaca-se a escassez de investimentos voltados para as práticas efetivas junto à comunidade, visto que a ausência de recursos financeiros compromete a aquisição de materiais básicos para a realização das práticas, para a manutenção de instrumentos terapêuticos e para a viabilidade de ações continuadas nesta área de atendimento. Além disso, a logística de locomoção, que contou apenas com os recursos dos próprios estudantes para chegar até os territórios de atuação, dificultou a presença regular da equipe e, consequentemente, a consolidação dos vínculos com os usuários do SUS da região.

Essas dificuldades revelam a importância de um maior comprometimento institucional com a extensão universitária, que, como afirma Dourado et al. (2020), necessita de apoio estrutural e financiamento adequado para se consolidar como prática formativa e transformadora da realidade social. As ações extensionistas em saúde, com destaque para aquelas voltadas à promoção das PICS, são estratégias fundamentais no enfrentamento das desigualdades no acesso ao cuidado, pois possibilitam a democratização do conhecimento em saúde, ao mesmo tempo em que oferecem vivências centradas no bem-estar, como momentos de relaxamento, escuta qualificada, expressão artística e fortalecimento de vínculos sociais (Ferreira; Novaes, 2020).

Ao contemplar diferentes públicos, como trabalhadoras, crianças em situação de vulnerabilidade e homens adultos, essas práticas ampliam o alcance das políticas públicas e reafirmam o compromisso social da universidade em práticas de extensão. Nessa perspectiva, a extensão

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

é compreendida como um espaço de articulação entre saberes científicos e populares, promovendo uma atenção integral à saúde. Segundo Vasconcelos (2008), a educação em saúde deve ser territorializada, dialógica e comprometida com a transformação das condições concretas de vida dos sujeitos, reforçando o papel da universidade como agente de mudança social.

Além disso, a saúde mental pode ser promovida de forma significativa por meio das ações de educação em saúde, especialmente quando essas práticas se fundamentam em princípios de escuta ativa, vínculo e construção coletiva do cuidado à comunidade (Dalmolin; Heidemann; Freitag, 2019). Em vez de se limitarem a uma abordagem meramente informativa, essas ações assumem um papel mais amplo, envolvendo práticas relacionais, afetivas e territoriais que favorecem a autonomia e o protagonismo dos sujeitos.

Benevides et al (2005) destacam que a humanização nas políticas públicas de saúde deve considerar a singularidade das vivências e os modos de existir dos usuários, sendo a educação em saúde um canal potente para isso. Já Vasconcelos (2008) ressalta a importância da educação popular em saúde como uma estratégia que valoriza os saberes locais e contribui para a transformação das realidades sociais e subjetivas dos participantes, especialmente em territórios marcados por desigualdades.

Para os discentes envolvidos, essas experiências reforçaram a importância da comunicação acessível, da escuta qualificada e da valorização dos múltiplos saberes na construção de práticas de saúde horizontais, emancipadoras, inclusivas e abrangentes. Nesse sentido, vivências dessa natureza favorecem a integração entre ensino, serviço e comunidade, o que, conforme destacam Ceccim e Feuerwerker (2004), contribui para uma formação crítica e ampliada dos estudantes, possibilitando o reconhecimento da complexidade dos contextos de saúde e o desenvolvimento de competências essenciais para a prática profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS As PICS têm se destacado como ferramentas essenciais para repensar o modelo hegemônico vigente, tradicionalmente centrado no paradigma biomédico e no tratamento exclusivamente da doença. Ao enfatizar a promoção da saúde e a sua prevenção, as atividades desenvolvidas no presente projeto possibilitaram a proposição de uma nova abordagem do cuidado ao paciente, pautada na integralidade e na participação ativa dos sujeitos envolvidos.

Entre os resultados positivos, observa-se uma maior aproximação dos discentes com os potenciais das PICS, bem como um avanço no conhecimento dos profissionais de saúde e da população envolvida. Além disso, houve o fortalecimento do aprendizado coletivo, evidenciando a importância da valorização dos múltiplos saberes, incluindo aqueles tradicionais e locais, que enriquecem as práticas de cuidado em saúde (Brasil, 2015).

O emprego de práticas como arteterapia, fitoterapia, aromaterapia, massoterapia, auriculoterapia e escalda-pés também se mostrou viável do ponto de vista do custo-benefício, sendo adequadas ao contexto dos serviços públicos. Soma-se a isso a relevância de espaços educativos fundamentados na educação popular, que promovem a autonomia dos sujeitos e fomentam a construção coletiva do cuidado, ampliando o alcance e

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

a efetividade das ações de saúde (Freire, 2019; Brasil, 2015).

Apesar dos avanços alcançados, o projeto apresentou limitações relacionadas ao curto período de execução e ao alcance restrito do público beneficiado. Essas restrições indicam a necessidade de iniciativas com maior longevidade e abrangência, que possam alcançar mais pessoas e espaços nos sistemas públicos de saúde e assistência social. É fundamental que tanto os profissionais quanto a população tenha ciência de que o acesso às PICS é um direito garantido pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), prevista no SUS (Brasil, 2015), e que sua implementação deve ocorrer de forma adequada e ética, respeitando as especificidades dos usuários e as diretrizes do sistema.

Assim, recomenda-se a implementação de novos projetos que valorizem os saberes tradicionais e assegurem o uso ético e adequado das PICS, consolidando-as como instrumentos relevantes para o cuidado integral, a prevenção de doenças e a promoção da saúde no âmbito do SUS. Esses esforços contribuem para a transformação dos processos formativos e assistenciais, alinhando-os às demandas contemporâneas de justiça social e equidade em saúde.

REFERÊNCIAS

BADKE, M. R.; BUDÓ, M. D. L. D.; SILVA, F. M. D.; RESSEL, L. B. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. **Esc Anna Nery**, v. 15, n. 1, p. 132–9, 2011.

BENEVIDES, R.; PASSOS, E. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 561–571, 2005.

BIEHL, João; LOCKE, Peter. **Antropologia médica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Presidência da República,. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993.** Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 8 dez. 1993. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm. Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004.** Brasília, DF: MDS, 2004. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** ano 1990, Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm . Acesso em: 6 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Educação Permanente e Educação em Saúde.** 2022. Disponível em: < https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai/dapsi/

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

educacao-permanente-e-educacao-em-saude>. Acesso em: 05 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde do SUS.** Brasília: MS, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso.** 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_sus.pdf. Acesso em: 30 jul. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004.** Brasília: MDS, 2004.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação nacional de serviços socioassistenciais:** reimpressão. Brasília: MDS, 2014.

BRASIL. Portaria n. 971, de 3 de maio de 2006. **Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS).** Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

CAMARGO JR, K.R. A Biomedicina. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15(Suplemento):177-201, 2005.

CECCIM, Ricardo Burg; FEUERWERKER, Laura C. M.. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 41-65, jun. 2004. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312004000100004.

CORREA, H. P.; MOURA, C. D. C.; AZEVEDO, C.; BERNARDES, M. F. V. G.; MATA, L. R. F. P. D.; CHIANCA, T. C. M. Effects of auriculotherapy on stress, anxiety and depression in adults and older adults: a systematic review. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, p. e03626, 2020.

COUTO, M. B.; SILVA, R. M. C. R. A.; PEREIRA, E. R.; CHÍCARO, S. C. R.; REFRANDE, S. M.; PRADO, L. D. A. S. R. Benefícios da massoterapia anti-estresse na melhoria da saúde. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 14, n. Especial, p. 61-65, 2023.

CUNHA, Carolini Cássia; BOARINI, Maria Lucia. A infância sob a tutela do Estado: alguns apontamentos. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 12, n. 1, p. 208-224, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 ago. 2025.

DALMOLIN, I. S.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; FREITAG, V. L. Práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde: desvelando potências e limites. **Revista da Escola de Enfermagem da USP,** v. 53, p. e03506, 2019.

DE FARIAS, P. D. S.; DE FREITAS, R. M. O.; MATIAS, M. I. D. A. S.; NOGUEIRA, N. W.; SOUZA, R. N.; FERNANDES, A. C. O. Plantas medicinais utilizadas por mulheres em comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p. e328101219916-e328101219916, 2021.

DOURADO, L. F. et al. Extensão universitária como práxis acadêmico-social: desafios e perspectivas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 56, p. 1–24, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/20683. Acesso em: 2 ago. 2025.

FERREIRA, A. V.; NOVAES, A. L. PRODUZINDO NOVOS SENTIDOS SOBRE O ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DAS PICS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM OFICINA DA UATI/UEFS. **Anais da Jornada de**

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Extensão da UEFS, v. 2, n. 2, 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GRAÇA, B. C. D.; NASCIMENTO, V. F. D.; FELIPE, R. N. R.; ANDRADE, A. C. D. S.; ATANAKA, M.; TERÇAS-TRETTEL, A. C. P. Uso da auriculoterapia no controle da lombalgia, ansiedade e estresse de profissionais do sistema penitenciário. **BrJP,** v. 3, p. 142-146, 2020

GUIMARÃES, M. B.; NUNES, J. A.; VELLOSO, M.; BEZERRA, A.; SOUSA, I. M. D. As práticas integrativas e complementares no campo da saúde: para uma descolonização dos saberes e práticas. **Saúde e Sociedade,** v. 29, n. 1, p. e190297, 2020.

HABIMORAD, P. H. L.; CATARUCCI, F. M.; BRUNO, V. H. T.; SILVA, I. B. D.; FERNANDES, V. C.; DEMARZO, M. M. P.; SPAGNUOLO, R. S.; PATRICIO, K. P. Potencialidades e fragilidades de implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 395–405, fev. 2020.

KRENAK, Ailton. 2019. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras.

LANE, S. T. M. (1984). **Psicologia social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense.

LUZ, Madel Terezinha. Racionalidades médicas e práticas integrativas e complementares de cuidado: estudo teórico nas ciências sociais e humanas em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 3, p. 673–683, 2012.

MENÉNDEZ, Eduardo. Modelos explicativos e práticas de atenção: uma revisão com base na antropologia médica crítica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 6, p. 2333–2342, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.09462020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NUNES E SILVA PALMEIRA, G. O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E SEUS DESAFIOS. **Caderno de Direito da Criança e do Adolescente**, [S. l.], v. 5, 2023. Disponível em: https://revistas.direitosbc.br/DCA/article/view/1202. Acesso em: 8 ago. 2025.

NUTBEAM, Don. The evolving concept of health literacy. S**ocial Science & Medicine**, v. 67, n. 12, p. 2072–2078, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2008.09.050. Acesso em: 11 mar. 2026.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Santa Catarina, v. 34, n. 1, p.142-157, jan, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011>. Acesso em: 05 ago. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

ROSSETTO, M.; LUZARDO, A. R.; SCHMATZ, L.; BARBATO; P. R., LIMA, J. F.; DE ALMEIDA, M. E. Equipe multiprofissional e práticas integrativas e complementares no serviço de saúde do trabalhador. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e418997461-e418997461, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3–46, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.4000/rccs.753.

SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciência & Saúde**

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Coletiva, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 7-17, mar. 2005. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232005000100002.

SCHVEITZER, Mariana Cabral; ESPER, Marcos Venicio; SILVA, Maria Júlia Paes da. Práticas integrativas e complementares na atenção primária em saúde: em busca da humanização do cuidado. **Mundo Saúde,** São Paulo, v. 3, n. 36, p. 442-451, set. 2012.

SILVA, G. K. F.; SOUSA, I. M. C.; CABRAL, M. E. G. S.; BEZERRA, A. F. B.; GUIMARÃES, M. B. L. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares: trajetória e desafios em 30 anos do SUS. **Physis: Revista De Saúde Coletiva,** v. 30, n. 1, p. e300110, 2020.

SILVA, Jucira Moura Vieira da. A Importância do Brincar para o desenvolvimento na Educação Infantil. **Revista Primeira Evolução**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 37, p. 69–75, 2023.

SØRENSEN, Kristine et al. Health literacy and public health: a systematic review and integration of definitions and models. **BMC Public Health**, v. 12, p. 80, 2012. Disponível em: https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-12-80. Acesso em: 11 mar. 2026.

SOUSA, I. M. C.; BODSTEIN, R. C. D. A.; TESSER, C. D.; SANTOS, F. D. A. D. S.; HORTALE, V. A. Práticas integrativas e complementares: oferta e produção de atendimentos no SUS e em municípios selecionados. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 11, p. 2143- 2154, 2012.

SPADAROTTO, Mariana Machado; MOREIRA, Luciene Corrêa de Miranda. A arteterapia na infância. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p. 846-865, dez. 2024.

SPAGNOL, Carla Aparecida. Escalda-pés: cuidando da enfermagem no Centro de Material e Esterilização. **Revista SOBECC**, São Paulo, ed capa, v. 20, n.1, jan./mar. 2015. Disponível em: http://www.sobecc.org.br/arquivos/artigos/2015/pdfs/v20n1/v20n1_45-52.pdf. Acesso em:15 out. 2019.

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular e atenção à saúde: a experiência do SUS em Belo Horizonte.** São Paulo: Hucitec, 2008.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
MEIO AMBIENTE //

A potência da col-íris como estratégia pedagógica de conexão das pessoas com o oceano

IRAMAIA DE SANTANA
CARLA STHEFANY BARROSO TELES
MARIA EDUARDA PASTORE DE SANTANA
DANILLE DOS SANTOS ROSENDO
JOÃO CLEBER PEREIRA DO ESPÍRITO SANTO SANCHES

The power of col-íris as a pedagogical strategy for connecting people as an ocean

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

ARTIGO
MEIO AMBIENTE//

A potência da col-íris como estratégia pedagógica de conexão das pessoas com o oceano[1]

The power of col-íris as a pedagogical strategy for connecting people as an ocean

PALAVRAS-CHAVE
DÉCADA DOS OCEANOS.
CULTURA OCEÂNICA.
COLEÇÕES DIDÁTICAS.
EXPOSIÇÃO ITINERANTE.
MODELAGEM 3D.

RESUMO A implementação de estratégias à conservação da diversidade é uma das funções dialógicas da academia com a comunidade e serve de base ao objetivo primário da Década dos Oceanos, Década que convocou interessados em colaborar fora de suas comunidades tradicionais, ao desencadeamento de uma revolução na ciência dos oceanos. Uma das estratégias para atender a este chamado reside na exploração do caráter extensionista de coleções científicas de peixes, as quais, neste contexto, têm a missão de catalisar soluções transformadoras que conectem pessoas ao oceano. Sob esta perspectiva, aqui se discorre acerca da ação extensionistas da exposição itinerante do projeto Coleção Ictiológica de Referência do Litoral Norte da Bahia(Col-Íris) a qual propõe reflexões sobre a dinâmica das comunidades pesqueiras ao passo que desvela como os peixes chegam às nossas mesas. Com base na pesquisa-ação, aproximação metodológica qualitativa, a investigação relata como uma estratégia pedagógica interdisciplinar voltada à promoção da cultura oceânica e ao fortalecimento da curricularização da extensão integra discentes de diferentes áreas e níveis escolares, em atividades que abrangem desde a taxonomia de peixes e a ilustração científica até a modelagem 3D, aplicada ao desenvolvimento de recursos digitais à criação de sessões interativas que alcançaram um público estimado de 700 visitantes presenciais em exposições itinerantes e visitas laboratoriais, além de expandir a divulgação científica nas redes sociais por meio de personagens que compuseram a "Turminha do Labmarh", consolidando a Col-Íris como um instrumento eficaz de educação para a convivência com o oceano.

KEYWORDS
UNITED NATIONS DECADE OF OCEAN SCIENCE.
OCEAN LITERACY.
EDUCATIONAL COLLECTIONS.
TRAVELING EXHIBITION.
3D MODELING.

ABSTRACT Implementing strategies for biodiversity conservation is one of the dialogical functions of academia with the community and serves as the basis for the primary objective of the Decade of the Oceans, a decade that called upon those interested in collaborating outside their traditional communities to trigger a revolution in ocean science. One of the strategies to meet this call lies in exploring the outreach character of scientific fish collections, which, in this context, have the mission of catalyzing transformative solutions that connect people to the ocean. From this perspective, this paper discusses the outreach activities of the traveling exhibition of the Ichthyological Reference Collection of the Northern Coast of Bahia (Col-Íris) project, which proposes reflections on the dynamics of fishing communities while revealing how fish reach our tables. Based on action research, a qualitative methodological approach, this investigation reports how an interdisciplinary pedagogical strategy aimed at promoting ocean literacy and strengthening the curricularization of extension activities integrates students from different areas and school levels in activities ranging from fish taxonomy and scientific illustration to 3D modeling, applied to the development of digital resources and the creation of interactive sessions that reached an estimated audience of 700 in-person visitors in traveling exhibitions and laboratory visits, in addition to expanding scientific dissemination on social networks through characters that made up the "Labmarh Gang," consolidating Col-Íris as an effective instrument of education for coexistence with the ocean.

1
Financiado pelos Programas Institucionais de Bolsa Iniciação Cientifica (PIBIC/CNPq) e de Iniciação a Extensão (PROIEX) da Universidade do Estado da Bahia

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

IRAMAIA DE SANTANA
Universidade do Estado da Bahia. Doutora em Biologia Marinha e Aquicultura e Analista Bioenergética.
E-mail: irasanta@uneb.br

CARLA STHEFANY BARROSO TELES
Universidade do Estado da Bahia. Licenciada em Ciências Biológicas.
E-mail: sthefany.teles@hotmail.com

MARIA EDUARDA PASTORE DE SANTANA *Universidade do Estado da Bahia. Graduanda em Engenharia de Software.*
E-mail: mepastore18@gmail.com

DANILLE DOS SANTOS ROSENDO
Universidade do Estado da Bahia. Licenciada em Ciências Biológicas e Mestra em Modelagem e Biossistemas.
E-mail: rosendodanisantos@gmail.com

JOÃO CLEBER PEREIRA DO ESPÍRITO SANTO SANCHES *Universidade do Estado da Bahia. Graduando em Engenharia de Software.*
E-mail: jscleberpsanches@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A Década das Nações Unidas da Ciência dos Oceanos para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030), conhecida como a Década dos Oceanos, convocou, em 2017, interessados em colaborar fora de suas comunidades tradicionais, ao desencadeamento de uma revolução na ciência dos oceanos (Unesco), principalmente quando a percepção pública sobre o oceano revela politização do debate em detrimento de evidências científicas, distanciamento psicológico em relação ao oceano e a falta de compreensão sobre o funcionamento dos sistemas oceânicos (Schuldt *et al.* 2016), o que pode ser descrito como cegueira oceânica e caracteriza um processo educacional deficiente sobre a temática que não favorece a "compreensão da influência do oceano em nós e nossa influência sobre os oceanos"(Unesco, 2020, p.15).

Aqui, a cegueira, longe de ser uma condição física, dialoga com a significação de Saramago (1985) que a demonstra como uma condição contemporânea de fragilidade e crueldade do humano em contraposição a empatia e solidariedade de outros humanos. E este tipo de distanciamento dos mares, pretende ser combatido através do fortalecimento da cultura oceânica na sociedade, que, segundo a Unesco (2020, p. 16) visa facilitar a construção de uma sociedade consciente sobre o oceano, apta a tomar decisões informadas e responsáveis sobre seus recursos e sua sustentabilidade.

Podemos citar como exemplos exitosos as ações do Projeto Tamar, que atua na pesquisa, manejo e conservação das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, promovendo também ações de educação ambiental, envolvimento comunitário e apoio às comunidades litorâneas que substituíram o uso direto das tartarugas por práticas de proteção a esses animais (Thomé, 1997). A atuação da Oceana Brasil, como organização que promove ações voltadas à justiça social, à sustentabilidade da pesca e à proteção dos ecossistemas marinhos, visando assegurar um futuro mais justo e saudável para as populações que dependem do mar (Oceana, 2014). Além do engajamento ambiental, que tem

sido ampliado por meio de produções audiovisuais, como o documentário Seaspiracy, que contribui para o debate crítico e dialógico sobre os impactos da pesca industrial nos ecossistemas marinhos em escala global (Tabrizi, 2021) e o documentário Mar Brasileiro o qual descreve a magnitude da costa braseira e sua importância para o equilíbrio ecossistêmico nacional.

Dentro do sistema oceânico, os peixes talvez sejam o principal grupo animal amplamente conhecido, muito por sua importância na segurança alimentar, na configuração de comunidades tradicionais seculares, ou por seu rentável uso midiático. Entretanto, pouco se sabe sobre como estes chegam às nossas mesas e as interrelações socioambientais mantidas por estes animais vertebrados (De Santana, 2019, p. 49) e criar uma representação digital dos oceanos que sirva como um hub de guarda, compartilhamento e troca de informações, de dados e produtos de dados é uma das prioridades imediatas da Década (Calewaert et al. 2024). Esse contexto urgência na ampliação de formas de acesso às informações científicas produzidas pela academia que favoreçam a difusão do conhecimento, destacando as dinâmicas socioambientais originárias a partir do ecossistema marinho e seus impactos diretos à conservação dos oceanos.

Os conteúdos virtuais, como um dos efeitos recentes da pandemia da COVID-19, transformaram-se em forte estratégia de acesso ao conhecimento em todo o globo, mesmo no Brasil, um país onde apenas 22% dos lares possuem conectividade significativa, ainda que mais de 84% das pessoas acima de 10 anos tenham acessado a Internet nos últimos cinco anos (CGI.br, 2024). A pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua (PNAD Contínua), investigou, pela primeira vez em 2022, a frequência com que as pessoas normalmente utilizavam a Internet (IBGE, 2023) e os resultados demonstraram que o uso de 93,4% era habitual, 3,2%, de quatro a cinco dias por semana; 2,7% utilizavam de cinco a seis dias por semana e 0,7% utilizavam com uma frequência inferior a uma vez por semana. (PNAD Contínua, 2022).

Neste sentido, as coleções científicas são uma das estratégias de conservação da diversidade da vida no planeta, pois reúnem exemplares de animais, vegetais, fungos, bactérias e até mesmo vírus; adquirindo pleno significado quando se articulam com a extensão universitária. Isto ocorre quando o seu caráter pedagógico é destinado ao processo de ensino-aprendizagem a estudantes de todos os níveis de ensino e como parte de material de exposição para o público em geral, como por exemplo, aquelas promovidas pelos Museus e Universidades.

As coleções científicas, como bem definiu Martins (1994) sobre as zoológicas, "são patrimônio nacional e internacional seculares, utilizadas para a produção científica sobre taxonomia e biologia dos grupos zoológicos colecionados". Partindo deste princípio, as coleções ictiológicas, um tipo de coleção científica destinada à catalogação e salvaguarda da memória e genoma da diversidade de peixes, quando destinada ao público, representa a "devolutiva da comunidade científica do conhecimento disponibilizado à comunidade tradicional" (Soares, 2009), para soluções de problemas, visando a troca de saberes, onde gera-se um tipo de conhecimento novo, co-produzido e propiciado à sociedade.

Partindo destes aspectos, a elaboração e implementação de estratégias de sensibilização e aproximação de viventes, perto ou longe da

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

costa, ao oceano, é uma das funções dialógicas da Coleção Ictiológica de Referência e Interesse Socioeconómico de Ecossistemas Marinhos (Col-*Íris*), concebida a partir do projeto de extensão 'Exposição Itinerante em Espaços Formais, Informais e Não-formais de Educação da Col-*Íris*'. E, sob a perspectiva dos *hubs* guardiões dos oceanos, este trabalho apresenta a Col-*Íris* como uma estratégia pedagógica interdisciplinar de promoção da cultura oceânica e fortalecimento da curricularização da extensão, a qual incluiu discentes da licenciatura de Ciências Biológicas e bacharelado de Engenharia de *Software*, subsidiado pela taxonomia (identificação das espécies biológicas), pela ilustração científica e modelagem 3D, ao contexto das representações aplicadas ao desenvolvimento de recursos digitais educativos sobre espécies marinhas e dinâmica da pesca artesanal.

METODOLOGIA O acrônimo Col-Íris é a representação de um projeto de extensão experiente na elaboração de material de divulgação científica, que busca conscientizar o público sobre a importância da conservação da vida marinha, cuja ação principal está calçada na vivência durante uma sessão da Exposição Itinerante da Col-*Íris*, desenvolvida em ambiente físico e virtual como parte do projeto Embarcados na Década dos Oceanos, o qual possui as licenças de coleta e manuseio de material biológico (SISBIO: 10714-1/2008; 93680-1/2024), de ética no uso de animais e conformidade de uso de vertebrados em pesquisa científica (CEUA: 05/2018; 2024.011.0030209-16) e de ética em pesquisa com humanos (CEP: 6.934.366/2024) e priorização no sistema de planejamento e gestão universitário da Universidade do Estado da Bahia (SPGU- UNEB (27.2024.94 e 27.2025.128).

Nos termos desta ação extensionista, usamos o conceito de vivência como a

> forma de experiência educativa de imersão sociopolítico-cultural para promover a ampliação das compreensões sobre si e sobre mundos coexistentes. Uma vivência se caracteriza pela imersão nas diferenças e na diversidade que compõem a humanidade e o mundo que nos cerca. As vivências são importantes dispositivos para a superação de visão limitada sobre si, sobre o outro, sobre as formas de ser e existir, sobre a Natureza" (UNEB, 2025 p.2).

A base teórica à promoção da compreensão de si, está centrada nas comunidades tradicionais litorâneas, entendidas como "os mundos co-existentes" e a Natureza, representada pelos oceanos e tem por fundamento os princípios do objetivo do desenvolvimento sustentável (ODS) 14,"vida no mar", definidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, associado aos sete princípios essenciais da cultura oceânica,

> A Terra tem um Oceano global e muito diverso;
> O Oceano e a vida marinha têm uma forte ação na dinâmica da Terra;
> O Oceano exerce uma influência importante no clima;
> O Oceano permite que a Terra seja habitável;
> O Oceano suporta uma imensa diversidade de vida e de ecossistemas;
> O Oceano e a humanidade estão fortemente interligados e
> Há muito por descobrir e explorar no Oceano (Unesco, 2020, p. 28)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

A Estruturação da Exposição Itinerante

A exposição da Col-Íris ocorre em instituições públicas e privadas de ensino, por demanda espontânea, oferta ativa, ademais de convites à participação em eventos extensionistas diversos, bem como visitação aos espaços do Laboratório de Recursos Pesqueiros Marinhos (Labmarh) na UNEB, atualmente nesta ordem. A escolha dos espaços informais das atividades presenciais privilegia as praças públicas de grande circulação e, globalmente, à exposição podem ser levadas entre cinco a 10 das diferentes, interconectadas e sequenciais sessões que variam entre temas marinhos atuais e as linhas de pesquisa e extensão do Labmarh (Figura 1).

As atividades são dirigidas para que os visitantes da Col-Íris tenham contato direto com exemplares inteiros de peixes ou parte destes, a dinâmica da pesca artesanal, até a chegada dos peixes à mesa do consumidor, a fim de que o público reconheça formas de como a Ciência e cada pessoa pode apoiar o processo de conservação dos oceanos. Para isso, utilizamos material de apoio à exposição, com destaque para painéis dialógicos, muito utilizados para as sessões autoinformativas, elementos de jogos, vídeos curtos e carimbos temáticos, os quais são construídos para oferecer experiências lúdicas ao processo pedagógico, além dos mostradores de espécimes e/ou partes específicas destas, escolhidas para que possam ser exemplos da proximidade e distanciamento dos humanos com o mar, além de utilizamos equipamentos de microscopia para possibilitar ao visitante conhecer o micromundo dos peixes e as diferentes nuances das atividades que um pesquisador-extensionista tem contato e labora. Ademais, depoimentos espontâneos foram registrados por escrito, sempre que permitido e sem registro da identidade do depoente, como forma de aferição do distanciamento ou proximidade do mar, e do grau de satisfação do público.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

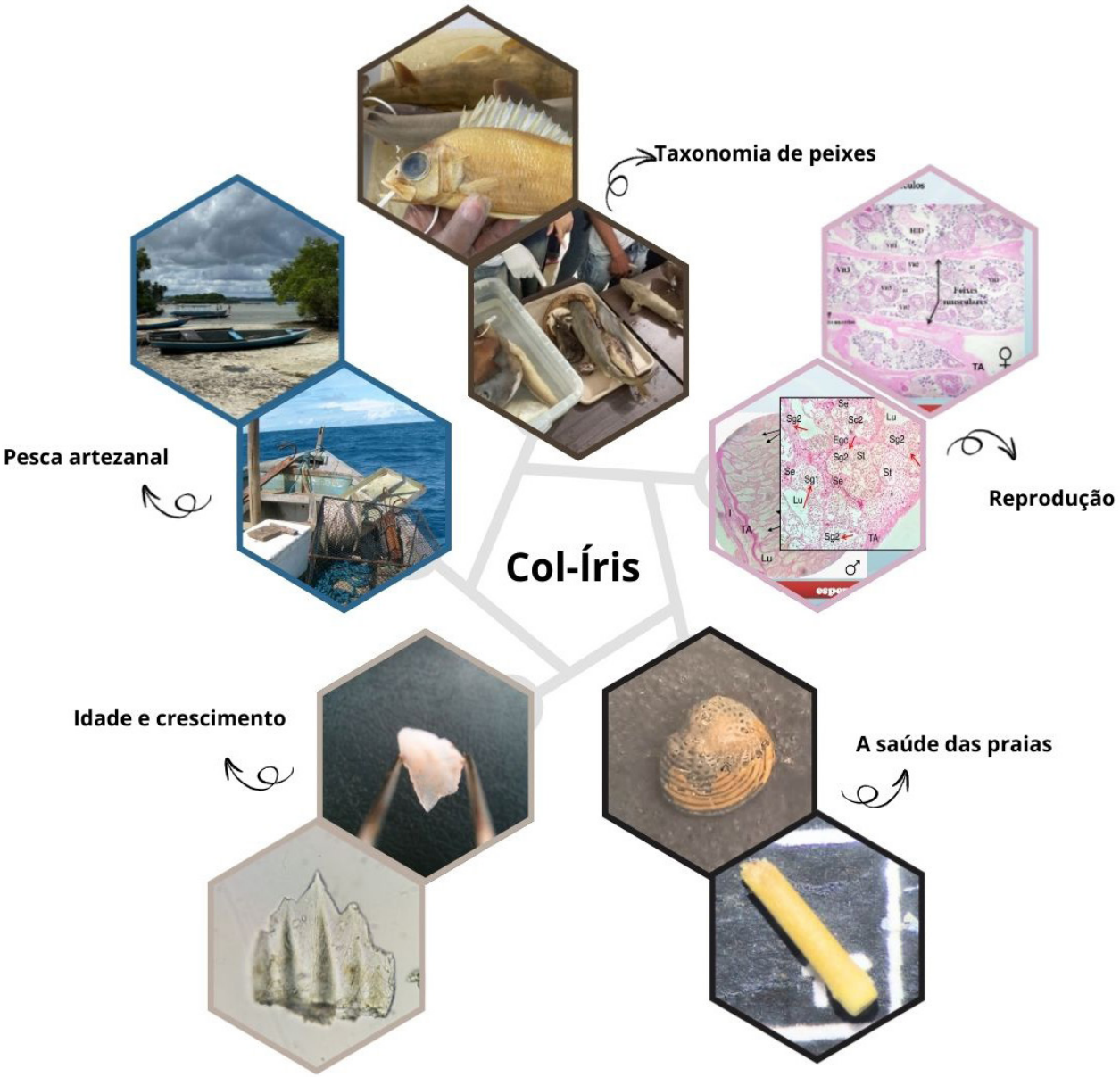


FIGURA 1 – ILUSTRAÇÃO DE CINCO DAS 10 SESSÕES DA COLEÇÃO ICTIOLÓGICA DE REFERÊNCIA E INTERESSE SOCIOECONÓMICO DE ECOSSISTEMAS MARINHOS - COL-ÍRIS./ FONTE: LABMARH, 2025

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Comunicação Científica

Para facilitar a comunicação científica, foi construído o livro "Cações e Arraias: Guia de Identificação para Cientistas e Curiosos pelo Mar", o qual, por meio de uma abordagem didática e ilustrativa, o material aproxima o conhecimento científico da sociedade e combater mitos e estigmas por meio da popularização da ciência, podendo ser levado às escolas, comunidades, e para onde mais as ações extensionistas. Para isso, tem como base a ilustração científica que "auxilia o pesquisador na comunicação dos resultados e descobertas, facilitando a comunicação entre pares e o público em geral" (Santos-Silva, 2015), aliada com a experiência prática e sensorial vivida em laboratório, os espécimes foram ilustrados, por meio de pinceis digitais capazes de capturar as características únicas e diagnósticas de cada espécie, sob a supervisão dos expertos em peixes da iniciação científica, estratégia pedagógica de ensino-aprendizagem utilizada para possibilitar a transgeracionalidade interdisciplinar do conhecimento, dentro do próprio Laboratório.

@Labmarh na Rede

A Exposição Itinerante transcende os espaços físicos e se materializa no meio digital através do @labmarh, utilizando elementos de jogos para promover a interatividade nas publicações em forma de cards dos conteúdos das sessões presenciais, promovendo a atualização dos temas mais importantes a serem publicados nas redes sociais e na revisão das sessões da Col-Ìris. A interação, determinada por comentários, repostagens e curtidas, foi o termômetro para definir o alcance da Exposição no ambiente virtual.

A Turminha do Labmarh

Desenvolvemos representações gráficas em versões 2D de espécies-chave da Col-Íris para a criação de personagens representativos das linhas de pesquisa, projetos e espírito do Labmarh, a fim de facilitar a comunicação com o público e desmistificar o mar da ideia de ambiente impenetrável. O processo criativo contou com as ferramentas Clip Studio Paint e Nomad Sculpt 3D e gerou cinco personagens que são usados em diferentes formas de divulgação da produção do Labmarh.

REFERENCIAL TEÓRICO O estudo da biodiversidade possui extrema relevância no mundo, pela urgência da conservação dos organismos para preservar a resiliência dos ecossistemas e a sustentabilidade global (Viana, 2023). O conhecimento das populações humanas acerca da biodiversidade constitui um recurso estratégico para a elaboração de planos de manejo e conservação ambiental (Geraque, 2004). Entre os ecossistemas mais impactados pelas atividades antrópicas, os oceanos ocupam posição central, por abrigarem uma vasta diversidade de organismos essenciais ao equilíbrio ambiental e à subsistência de milhões de pessoas (Machado, 2024).

Mais de 1,3 bilhão de pessoas vivem em costas tropicais, principalmente em países em desenvolvimento, muitas dependem de mares costeiros adjacentes para alimentação e meios de subsistência (Sale *et al.* 2014). Os oceanos possuem um papel cultural significativo,

sendo fonte de inspiração, recreação e descoberta para diversas sociedades (Brooke, 2017). No entanto, o avanço da degradação marinha exige medidas urgentes para garantir a sustentabilidade desses ecossistemas.

Em 2016, as Nações Unidas concluíram a primeira avaliação mundial sobre os oceanos, e apontou a necessidade de gerenciar de forma sustentável as atividades no oceano (Meros do Brasil). Como resposta, em 2017 foi proclamada a Década dos Oceanos, compreendida entre os anos de 2021 e 2030, com o objetivo de cumprir os compromissos da Agenda 2030, especialmente acerca do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 14 – vida no mar – (MCTI, 2024). Essa iniciativa busca conscientizar a população global sobre a importância dos oceanos e mobilizar atores públicos, privados e da sociedade civil organizada em ações que favoreçam a saúde e a sustentabilidade dos mares (Christofoletti, 2022).

O Brasil, em atenção à Década dos Oceanos, desenvolveu o Programa Ciência no Mar, cujo objetivo é promover a gestão do conhecimento para o uso e exploração sustentável dos recursos marinhos. Entre suas metas, destaca-se a criação de uma sociedade ativamente participante na produção de conhecimento sobre o mar, por meio da ciência cidadã (Guimarães, 2020).

Na educação oceânica, um dos maiores desafios é superar a limitação da percepção pública sobre os oceanos (McKinley *et al.* 2012). Muitas pessoas enxergam o mar apenas como aquilo que podem ver da costa, sem compreender sua complexidade e importância global. No entanto, as tecnologias atuais de divulgação estão ajudando a mitigar essa barreira física, permitindo maior acesso ao conhecimento sobre os oceanos e incentivando a conscientização ambiental (Santoro, 2020).

Nessa perspectiva, o oceano torna-se um importante instrumento de educação ambiental. Através das coleções científicas, o conhecimento produzido sobre a biodiversidade marinha pode ser disponibilizado à população de forma didática e acessível, promovendo a socialização da informação e ampliando a compreensão sobre a importância dos ecossistemas marinhos, especialmente no caso dos peixes representativos do ambiente marinho que os rodeia e influência (Viana, 2021).

Impedir a perda da biodiversidade, reduzir o lixo marinho e aumentar a proteção do ambiente oceânico – ou seja, implementar o ODS 14 – exigirá mudanças significativas nos estilos de vida e na forma como pensamos e agimos (Hirales Cota, 2022). Para alcançar essa transformação, é fundamental o desenvolvimento de novas habilidades, valores e atitudes que incentivem sociedades mais sustentáveis e conscientes da importância do oceano para a vida no planeta (Unesco, 2020) e a Col-Íris persegue a construção da cultura oceânica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Exposição itinerante e a Curricularização da Extensão

Realizada há aproximados 10 anos, inclusive durante a pandemia, quando desenvolveu a perspectiva digital, a Exposição tem desempenhado um papel fundamental na divulgação científica dos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

seus oito temas iniciais, que retratam, desde a história do Labmarh, passando pela diversidade animal marinha, aspectos da pesca artesanal baiana, reprodução, idade e crescimento dos peixes, a importância do ambiente marinho e os riscos reais das mudanças climáticas. No último ciclo do projeto, em 2024, experienciamos acréscimo de duas outras sessões: "A Década dos Oceanos, e eu com isso?", e a sessão "Conectando pessoas ao mar: somos também Tecnologia da Informação", as quais focam diretamente nos princípios seis: "O Oceano e a humanidade estão fortemente interligados" e sete: "Há muito por descobrir e explorar no Oceano" (Unesco, 2020, p.28) da cultura oceânica.

Durante este último período, a Exposição recebeu fisicamente aproximados 700 visitantes, oriundos de espaços formais, não formais e informais de educação, originários de instituições da rede pública e privada, além de diferentes turmas do Instituto Federal Baiano da região, representando cerca de 20 escolas do território de identidade do Litoral Norte e Agreste Baiano, atingindo um público diversificado e amplo, incluindo pessoas não associadas a instituições de ensino, por sua participação em eventos realizados em praças públicas, além de pessoas da Universidade Aberta à Terceira Idade, devido ao caráter de itinerância da Col-Íris.

A eficiência em sua função dialógica com a sociedade, muito se valeu do entendimento de toda a equipe acerca do artigo 3.º do Plano Nacional de Extensão na Educação Superior Brasileira (Brasil, 2018, art. 3.º), por ter em sua estratégia pedagógica "atividades processuais interdisciplinares, políticas, culturais e científico-tecnológicas integradas à matriz curricular e à organização da pesquisa". Exemplo disto é a Col-Íris em praças (Figura 2), que alcança um público irrestrito, onde a interação com o mundo dos peixes é o foco, e discentes de diferentes cursos de graduação e pós graduação *strictu senso*, que compõem a equipe do Labmarh em consonância com a educação básica, promovem "interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa" (Brasil, 2018, art. 3.º), reforçando o papel da extensão universitária como vitrine do papel social e formativo da própria Universidade.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 2– A COL-ÍRIS DURANTE A ZOOGINCANA NA PRAÇA DOS ESPORTES, ALAGOINHAS (05/2024) À ESQUERDA, PARTE DOS EXTENSIONISTAS E PÓS-GRADUANDOS E ESTAGIÁRIO DO MAIS FUTURO DO LABMARH. À DIREITA, MANUSEIO DOS ESPÉCIMES POR DISCENTES DE UMA DAS ESCOLAS VISITANTES. / FONTE: LABMARH.

Essa iniciativa permite que estudantes do ensino médio conheçam o Labmarh, o espaço físico da Universidade, e possam despertar interesse pela área. Para alguns, essa experiência se torna um incentivo para ingressar no ensino superior, como destacou uma caloura do curso de Ciências Biológicas durante a Semana de Acolhimento, em março de 2025:

"Ver o estande do Labmarh na Zoogincana quando era estudante do ensino médio, foi um dos motivos que me levou a escolher esse curso".

De estudantes com faixa etária entre 11 a 25 anos, além de alguns gestores escolares, foi possível ouvir frases como:

"Vou cursar Biologia"
"Queria cursar Biologia"
"Agora tenho certeza que irei cursar a Biologia".

Reações de surpresa em visitantes de diversas instituições visitantes sobre as informações divulgadas foram comuns, como a recorrente exclamação, quando da descoberta dos dentes renováveis dos tubarões:

"O tubarão tem todos esses dentes !?"

Espantos e gargalhadas ao explicar a anatomia dos dentes dos tubarões foi corriqueira. E, para ressaltar os impactos educacionais, a satisfação dos professores destas instituições, ao contemplar a extensão universitária em ação e retornar à Exposição com docentes de outras áreas para além da biologia foi o maior deles.

Em virtude de o público das exposições ser composto em maioria por frequentadores não habituais das praias, demostrar como a nossa conduta de consumo no continente gera poluição ao mar é extremamente necessário. A comoção é sempre identificável

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

nos olhares das pessoas expectadoras do vídeo "Lixo: do continente ao mar", produzido pelo Labmarh, com imagens selecionadas cuidadosamente para que representassem o prejuízo global à vida marinha causados pela nossa forma de consumo. Além das reações visíveis, também são registrados depoimentos, como:

"É muito triste saber que fazemos parte de tudo isso" e "como posso fazer para impactar menos?"

Ações extensionistas desenvolvidas para apoiar a cultura oceânica têm sido vistas em diferentes locais, como aquelas do projeto Universidade do Mar (Araujo et al., 2024), que se destaca por propiciar aos discentes atividades práticas, vivência junto às comunidades costeiras com seus potenciais e conflitos, desenvolvimento de conhecimento e inovação que possam contribuir à formação de oceanógrafos mais cientes de seu potencial de atuação junto à sociedade (Freire, 1983). A Exposição cultura oceânica teve como um dos principais indicadores de êxito enquanto projeto extensionista, o fato de serem demandados a realizarem outras exposição no decorrer de uma apresentação (Nakagaki *et al.*, 2024) e o projeto Atendendo ao Povo das Águas (Santos *et al.*, 2025), tem obtido relevantes resultados no processo da aproximação a pessoas-oceano. Corrija a estrutura deste texto. O fato de reavaliarmos ao final de cada evento promovido ou participado, e, ao final do ano de vigência do projeto, os pontos positivos e negativos, bem como a qualidade e alcance do material, com base na percepção da equipe interdisciplinar e dos depoimentos registrados de visitantes, qualificou a cada ano o projeto para nova edição dentro da Universidade, ao aumento da demanda espontânea de visitas in locu por diferentes instituições. Atualmente atendemos mais às demandas espontâneas do que promovemos sessões, haja visto que o principal desafio da Col-*Íris* tem sido a permanência dos discentes no projeto por questões intrínsecas à dinâmica de distribuição de bolsas da Universidade.

Por outro lado, a estratégia pedagógica assegura que as ações de extensão geradas pela Col-*Íris* "façam parte do percurso acadêmico discente, possibilitando-lhes autonomia e protagonismo para que experimentem uma formação acadêmica integral, interdisciplinar e indissociável entre ensino, pesquisa e extensão" (UNEB, 2019) nos níveis de graduação e pós-graduação, percebido nos seguintes depoimentos:

"Por meio do trabalho realizado na exposição, descobri minha paixão pela biologia marinha e pela divulgação científica. Ter a oportunidade de levar os materiais desenvolvidos na Universidade para nossa cidade, seja em escolas ou até mesmo em praças, e de compartilhar o que é desenvolvido, contribuímos para aproximar a UNEB da comunidade de Alagoinhas, evidenciando a presença e a importância da Universidade."

– Carla Sthefany, extensionista de graduação da Col-Íris

"A extensão não é fixada em um único período, as marcas positivas das ações extensionais que dão sentido a exposição, ultrapassam as barreiras de uma graduação ou

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ensino básico e alcançam triunfos que marcam a vida pessoal, e que dão ânimo para trilhar produzindo para a comunidade externa na pós-graduação, com projetos de escalas imensuráveis que permitem devolver de forma mais direta às comunidades pesqueiras, o conhecimento sobre a pesca artesanal que elas nos dão"

– Danille Rosendo, extensionista de graduação da Col-Íris

@Labmarh na Rede

O objetivo principal de levar a Col-Íris para o ambiente virtual, foi o de seguir conectando o Labmarh e a biologia marinha principalmente com os viventes distantes do mar, surgindo como um dos efeitos – positivos - da pandemia da COVID-19, também sendo uma forma de divulgar defesas de trabalhos de conclusão de curso de graduação e mestrado, registro de visitas e eventos diversos que envolvem o Labmarh.

O interesse populacional pode ser mostrado nas estatísticas disponibilizadas pela rede social Instagram. Em 2024, as publicações trazidas, além de alcançar os usuários que já conheciam o laboratório (63%), chegou a outros 36% que desconheciam o laboratório; deixando claro a importância das redes como ferramenta para o alcance de novos horizontes no meio digital (figura 3).

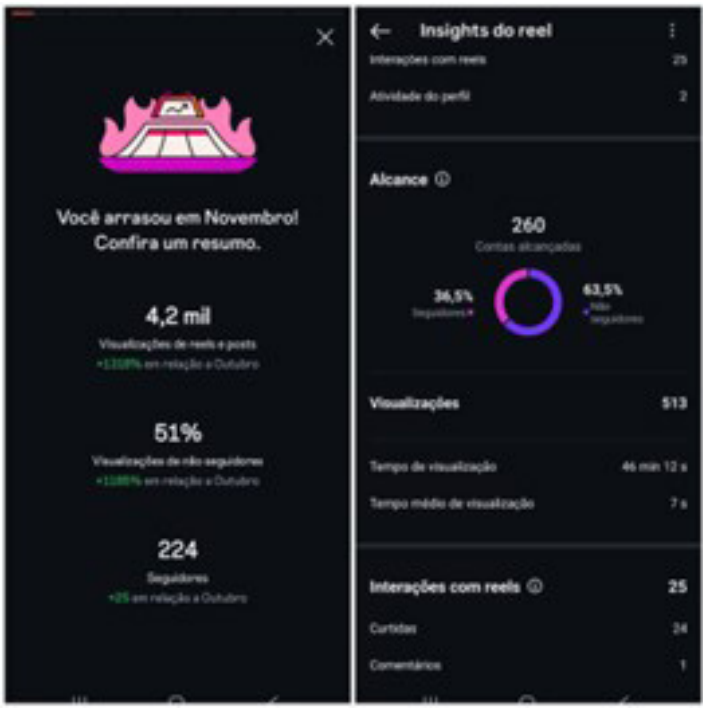


FIGURA 3– INSIGHTS DAS PUBLICAÇÕES E DESEMPENHO DO PERFIL DO LABORATÓRIO EM 2025/ FONTE: LABMARH

Além disso, o @labmarh na rede serve de substrato, também, para o *feedback* continuum avaliativo e auto avaliativo do projeto e da equipe dado, por exemplo, pelo número de curtidas e visualizações nas publicações. Partindo-se da premissa de que a divulgação científica, destina-se a não-cientistas nas

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

vertentes do ensino de ciências para incentivar a formação de novos cientistas; a descodificação dos achados científicos para o público em geral e a comunicação com vistas a profissionais, técnicos, gestores (Silva *et al.*, 2021) é função da universidade, a qual podemos exemplificar com o caso dos peixes cartilaginosos.

Os elasmobrânquios, representados no Brasil pelos tubarões, cações e arraias, desempenham um papel determinante nos ecossistemas oceânicos, entretanto, "a reputação dos tubarões ainda é fortemente marcada, com um semblante de perigo e ameaça a vida humana, o que contribui para o distanciamento entre as pessoas e esses animais" (Teles, 2025, p.20).

Fato determinante do enfoque especial a este grupo na elaboração de material próprio de comunicação científica para disseminar a real reputação que este grupo de peixes deveria ter. Esta é a função do guia de identificação elaborado pelo Labmarh. Com informações ecológicas das espécies, importância socioeconômica, destaca os mitos que maculam a reputação deste grupo e fatos que propiciam a reflexão sobre a importância da sua conservação para o equilíbrio ambiental e preservação da espécie humana.

A turminha do Labmarh

As representações gráficas em marcas famosas são uma poderosa ferramenta de fixação na memória do público (Maranhão, 2013), e o mesmo princípio se aplica ao desenvolvimento da Turminha do Labmarh. Criados a partir das linhas de pesquisa e projetos do laboratório, os personagens – em versões 2D e 3D – foram desenvolvidos para facilitar a comunicação com o público e comunicar sobre a biologia dos oceanos, e desmistificar o mar como um bicho de sete cabeças. A figura 4 ilustra parte da Turminha do Labmarh e a porcentagem de escolha dos seus personagens como avatar, por 198 pessoas respondentes de um questionário construído para investigar a percepção e conhecimento da população sobre peixes cartilaginosos em um trabalho de conclusão de curso desenvolvido pelo LABMARH.

A seleção das linhas de pesquisa e da essência do Labmarh revelou temas como tecnologia, universidade aberta à terceira idade, raça, gênero, pessoas com deficiência, história dos mares e análise do discurso. Com a junção desses temas surgiram os personagens, idealizados pelo desenhista e pela designer 3D do laboratório, sendo aqui apresentados, três, dos sete criados até o momento: Kroki, Bayo e Lucas – cada um representando um aspecto do laboratório e de seus pesquisadores.

Na figura 4, por exemplo, temos a Kroki, um tubarão humanóide simboliza a linha de pesquisa sobre análise do discurso voltada a animais injustamente taxados como "perigosos" e o menino *Balistes* ou Lucas, um híbrido humano-peixe

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

inspirado no peixe capado (Balistes vetula Linnaeus, 1748), uma espécie de extrema importância na construção e limpeza dos recifes de corais e para a economia da pesca artesanal, e, por este motivo, representa os pesquisadores-extensionistas do laboratório.

Com uma lupa estampada com a logo do Labmarh, Lucas expressa a curiosidade e o espírito investigativo dos estudantes dos oceanos. Ainda nesta mesma figura, temos a Bayo, representante da vertente da Engenharia de *Software* que materializa muitas das ferramentas de comunicação desenvolvidas pelos biólogos, para o diálogo com sociedade. Esses personagens foram projetados para alcançar tanto o meio digital quanto o físico, e aparecer em diferentes objetos e materiais educativos, e dessa forma, tornam a biologia marinha mais acessível e interessante, mostrando que é possível aprender sem medo, mesmo sobre temas considerados complexos e inacessíveis.

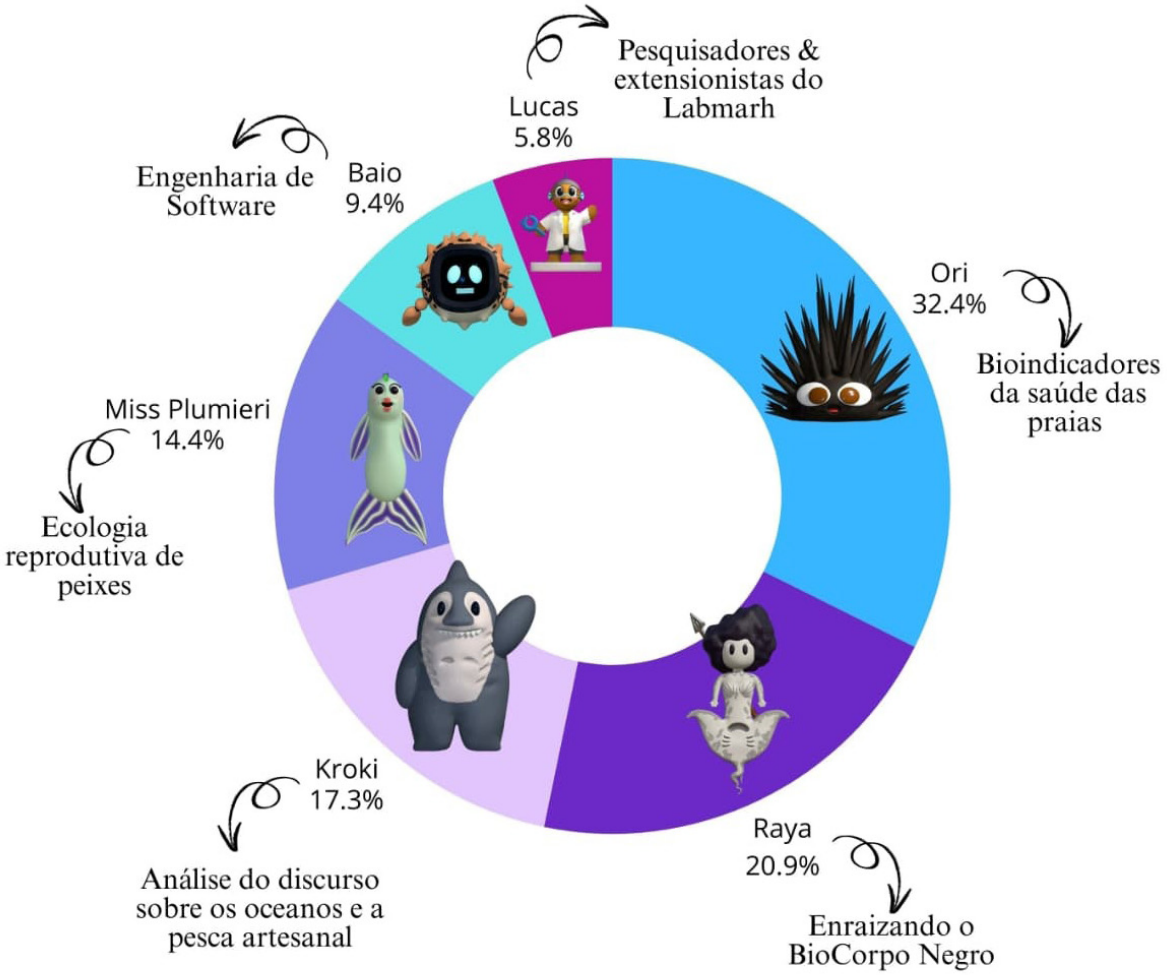


FIGURA 4– TURMINHA DO LABMARH EM SUA VERSÃO 3D/ FONTE: ILUSTRAÇÕES POR MARIA EDUARDA PASTORE

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

CONSIDERAÇÕES FINAIS A Coleção Ictiológica foi consolidada processualmente ao longo da trajetória do Labmarh, por meio de coletas vinculadas a projetos de pesquisa. Há mais de dez anos, o acervo é mantido por bolsistas e voluntários dedicados às atividades do laboratório. Contudo, a flutuação no número de estudantes associados ao projeto impõe desafios a ampliação do atendimento à mais instituições, limitando a diversificação do público alvo, principalmente no tocante àquele dos espaços informais de educação. Apesar disso, a cada semestre, o ingresso, ainda que tímido de estudantes renova o fôlego do projeto, trazendo a esperança de continuidade da Col-Íris no processo de educação pública quanto a conservação da diversidade marinha, por meios de suas iniciativas que, atingem diferentes espaços forma colaborativa e interdisciplinar, promovendo engajamento social em prol dos oceanos

A Exposição consolidou-se como um importante instrumento de divulgação científica ao longo dos últimos anos, promovendo a sensibilização sobre a cultura oceânica e a conservação dos ambientes marinhos, através da interdisciplinariedade e itinerância que lhe permitiu alcançar um público diverso, juntamente com o uso das redes sociais reforçando a importância do meio digital na comunicação científica, permitindo a interação com o Labmarh.

Ainda sobre essas perspectivas, o guia de Identificação facilita a identificação das espécies, mas também contribui para desmistificar concepções errôneas e ressaltar a importância ecológica e socioeconômica de espécies tidas como perigosas, atuando em consonância com a Turminha do Labmarh que, através de personagens carismáticos, ampliam o alcance da ciência e fortalece sua conexão com a sociedade de maneira lúdica e educativa, sendo o próximo passo, a implementação das sessões da Col-Íris no chão de escolas litorâneas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Fernanda C. S.; VIVACQUA, Adriana; FRANÇA, Juliana B. S. Desenvolvendo competências computacionais no ensino fundamental: integração do pensamento computacional e do metaverso no ambiente educacional. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS COLABORATIVOS (SBSC)**, 19., 2024, Salvador, BA. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p. 1-6. DOI: https://doi.org/10.5753/sbsc_estendido.2024.238397.

BROOKE, S. D.; WATTS, M. W.; HEIL, A. D.; RHODE, M.; MIENIS, F.; DUINEVELD, G. C. A.; DAVIES, A. J.; ROSS, S. W. Distributions and habitat associations of deep-water corals in Norfolk and Baltimore Canyons, Mid-Atlantic Bight, USA. D**eep-Sea Research Part II: Topical Studies in Oceanography**, [S. l.], v. 137, p. 131–147, 2017. DOI: https://doi.org/10.1016/j.dsr2.2016.05.008. Acesso em: 7 ago. 2025.

CALEWAERT, J.-B.; CAPET, A. Promovendo as melhores práticas em previsão oceânica por meio de um Nível de Prontidão Operacional. **Frontiers in Marine Science**, [S. l.], 2024. Disponível em: https://

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

www.frontiersin.org/journals/marine-science/articles/10.3389/fmars.2024.1443284/full. Acesso em: 24 mar. 2025.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI. **Conectividade significativa: propostas para medição e o retrato da população no Brasil.** [S. l.]: CGI.br, 2024. Disponível em: https://cetic.br/pt/publicacao/conectividade-significativa-propostas-para-medicao-e-o-retrato-da-populacao-no-brasil/. Acesso em: 26 mar. 2025.

HIRALES COTA, R. I. **Pesquerías y operación de flotas riberеñas en Isla Espíritu Santo y zonas aledañas, BCS**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Marinhas) – Universidad Autónoma de Baja California Sur, [S. l.], 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rosa-Isela-Hirales-Cota/publication/362658247_Pesquerias_y_operacion_de_flotas_riberenas_en_Isla_Espiritu_Santo_y_zonas_aledanas_BCS/links/62f69a6f52130a3cd717e89c/Pesquerias-y-operacion-de-flotas-riberenas-en-Isla-Espiritu-Santo-y-zonas-aledanas-BCS.pdf. Acesso em: 24 mar. 2025.

CHRISTOFOLETTI, R. A. et al. Escola Azul: educação, ciência, cidadania e a Década da Ciência Oceânica no Brasil. **Parcerias Estratégicas (impresso), Brasília**, v. 27, n. 52, p. 35–45, jul./jun. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362373619_Escola_Azul_educacao_ciencia_cidadania_e_a_Decada_da_Ciencia_Oceanica_no_Brasil. Acesso em: 7 ago. 2025.

DE SANTANA, I. de. **O mar de fora: peixes e pessoas no manejo da pesca de linha no Litoral Norte da Bahia. Salvador: Eduneb,** 2019. 121 p.: il. Disponível em: https://eduneb.uneb.br/o-mar-de-fora-peixes-e-pessoas-no-manejo-da-pesca-de-linha-no-litoral-norte-da-bahia/. Acesso em: 26 mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GERAQUE, E. Perceber a biodiversidade. **Formação & Informação Ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**, São Paulo: Summus Editorial, 2004. p. 79. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=RdqlC6hgSUkC&printsec=frontcover . Acesso em: 7 ago. 2025.

GUIMARÃES, Mauro. A dimensão ambiental na educação. Campinas: Papirus Editora, 2020. **Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.** Disponível em: https://www.barnesandnoble.com/w/dimens-o-ambiental-na-educa-o-mauro-guimar-es/1137173033. Acesso em: 08 mar. 2025.

MACHADO, V. G. **Migrantes ambientais: o direito migratório frente às mudanças climáticas e ao colapso dos serviços ecossistêmicos.** [S. l.], 2024. Disponível em: https://repositorio.universidade.br/migrantes-ambientais.pdf. Acesso em: 4 mar. 2025.

MARANHÃO, T. A. P. A importância da gestão da marca para o sucesso de uma empresa. **Caruaru: O Autor,** 2013. Disponível em:https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/31482/1/MARANH%C3%83O%2C%20Thiago%20Alexandre%20Pires.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

MCTI – MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. **Década da Ciência Oceânica Brasil**. 2024. Disponível em: https://decada.ciencianomar.mctic.gov.br/sobre-a-decada/. Acesso em: 20 mar. 2024.

MEROS DO BRASIL. **Meros na Década do Oceano – Projeto Meros do Brasil**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://merosdobrasil.org/meros-na-decada-do-oceano/. Acesso em: 7 abr. 2025.

MCKINLEY, E.; FLETCHER, S. **Improving marine environmental health through marine citizenship: a call for debate**. Marine Policy, v. 36, n. 3, p. 839–843, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.marpol.2011.11.007. Acesso em: 01 mar. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

NAKAGAKI, Jelly Makoto; VETORELLI, Michelle Pinheiro; CHACUR, Mônica Mungai; MANSUR, Cynthia de Barros; HONORATO, Claucia Aparecida. Exposição Cultura Oceânica: a Década do Oceano. Barbaquá: **Revista de Extensão e Cultura**, v. 6, e8979, 2024. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/barbaqua/article/view/8979. Acesso em: 2 mar. 2026.

OCEANA Brasil. **Sobre nós. Brasília: Oceana Brasil,** [s.d.]. Disponível em: https://brasil.oceana.org/sobre-nos/ . Acesso em: 05 mar. 2025.

SALE, P. F. et al. **Transformando a gestão dos mares costeiros tropicais para lidar com os desafios do século XXI**. Marine Pollution Bulletin, v. 85, n. 1, p. 8–23, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2014.01.010. Acesso em: 03 abr. 2025.

SANTOS, Daniele dos; BRANDÃO, Ana Cláudia; TRIVELATO, Sílvia Frateschi. **Letramentos acadêmicos e inteligência artificial: analisando a simulação da compreensão do artigo acadêmico por meio do ChatGPT. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação,** v. 30, e103500, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eb/a/LXqGNnkmFhyvDbpkhqzTWgm/. Acesso em: 3 mar. 2026.

SANTOS-SILVA, M. A. A ilustração científica como parceira na conservação do Cerrado. **Núcleo de Ilustração Científica** – Instituto de Biologia, Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sust/article/view/15687/14028. Acesso em: 18 set. 2024.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=9qZxDwAAQBAJ. Acesso em: 03 abr. 2025.

SANTOS, B. O. TELES, C.S.B. DE SANTANA, I. Divulgação Científica das Coleções Ictiológicas na Conservação da Diversidade Marinha. II **CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNEB:** extensão universitária nas bordas multiterritoriais. 2023, Seabra Anais. 1. ed. — Campinas, SP: Pontes Editores. ISBN: 978-85-217-0404-1. Disponível em:https://saberaberto.uneb.br/items/7cd708c6-4630-4459-afaf-3404c58fa720. Acesso 26 mar 2025.

SCHULDT, J. P.; MCCOMAS, K. A.; BYRNE, S. E. Communicating about ocean health: theoretical and practical considerations. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences,** v. 371, n. 1689, p. 20150214, 5 mar. 2016. Disponível em: https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstb.2015.0214. Acesso em: 26 mar. 2025.

SILVA, N. E. K.; CÉSAR, A.; VENTURA, M. Comunicação científica na Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde: análise do discurso oficial. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 4, e190585, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/w3ySHsjqBvp3Q9fCtdt9t5H/. Acesso em: 26 mar. 2025.

SOARES, Moisés Nascimento. **Sentidos sobre o ensino de biologia e sobre a trajetória formativa: as vozes dos licenciandos sob a égide da perspectiva crítica**. 2009. 201 p. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99813. Acesso em: 07 abr. 2025.

TABRIZI, Ali; ANDERSEN, Kip (dir.). **Seaspiracy**. Documentário, Netflix, 2021. Disponível em: https://www.netflix.com/title/81014008

TELES, C.S.B. **Peixes Marinhos Perigosos?** 92 p. Monografia (Graduação)- Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2025. Disponível em: https://saberaberto.uneb.br/items/b7c2258a-aefb-42b2-8fa5-3c63717ead0f

THOMÉ, J. C. A. Projeto TAMAR – **Programa Nacional de Conservação e Pesquisa das Tartarugas Marinhas**. Relatório, ICMBio, 1997. Disponível em: https://repositorio.icmbio.gov.br/handle/cecav/2038. Acesso em:

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

05 mar. 2025.

UNESCO. **Cultura Oceânica para todos Kit Pedagógico. Paris e Veneza**, 2020. ISBN 978-92-3-700011-3. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373449. Acesso em: 01 ago 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Edital nº 067/2025** – [Referente ao Aviso n.º 102/2025, publicado no D.O.E de 27/06/2025.]. Salvador, 2025. Disponível em: blob:https://inscricao.uneb.br/5b5a22cc-3221-4067-a290-28753b7a8fd9. Acesso em: 10 mar. 2025.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB). **Resolução CONSEPE n.º 2.018, de 2019**: Regulamento das ações de curricularização da extensão nos cursos de graduação e pós-graduação da UNEB. Anexo único. Salvador, 2019. Disponível em: https://ppgecoh.uneb.br/wp-content/uploads/2020/11/2019-4.pdf. Acesso em: 08 mar. 2025.

VIANA, S. R. S. et al. **Biodiversidade e educação ambiental: ampliando conexões com mapas conceituais**. Brazilian Journal of Development, v. 9, n. 11, p. 30457–30477, 2023. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/65178. Acesso em: 06 abr. 2025.

VIANA, D. L. et al. **Ciências do mar: dos oceanos do mundo ao Nordeste do Brasil: oceano, clima, ambientes e conservação**. 1. ed. Olinda, PE: Via Design Publicações, 2021. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/secirm/sites/www.marinha.mil.br.secirm/files/publicacoes/ppgmar/CienciasdoMarVol1.pdf. Acesso em: 04 abr. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
EDUCAÇÃO//

Estratégias para divulgação científica sobre a megafauna do pleistoceno/holoceno do estado da Bahia

ANDRESSA ANDRADE DE OLIVEIRA
KAIQUE FROES NEIVA MERCÊS
CAROLINA SALDANHA SCHERER
ROBERTO NOVAES
FELIPE MAGALHÃES DE LIMA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Strategies for scientific disclosure about the pleistocene/holocene megafauna of the state of Bahia

ARTIGO
EDUCAÇÃO//

Estratégias para divulgação científica sobre a megafauna do pleistoceno/holoceno do estado da Bahia

Strategies for scientific disclosure about the pleistocene/holocene megafauna of the state of Bahia

PALAVRAS-CHAVE
PALEONTOLOGIA.
KIT DIDÁTICO.
EDUCAÇÃO.
RÉPLICAS.
FÓSSEIS.

RESUMO A paleontologia é a ciência que estuda os fósseis e apresenta um papel fundamental na formação de cidadãos. Apesar de sua importância, comumente o conhecimento sobre a paleontologia fica restrito ao ambiente acadêmico. Deste modo, o objetivo deste trabalho foi promover estratégias de divulgação científica sobre a Paleontologia, para serem aplicadas no Museu de Zoologia e Paleontologia da UFRB (MURB) e em escolas de Cruz das Almas e região, assim como em municípios onde os fósseis já foram registrados. Como metodologia aplicada, inicialmente, com o intuito de investigar o conhecimento sobre o tema, foi realizado um levantamento por meio de entrevista, principalmente com a comunidade estudantil do município de Cruz das Almas, BA. Em seguida passou-se à elaboração de kits didáticos de paleontologia, com a confecção de réplicas de material fóssil, assim como material informativo impresso para posterior aplicação em escolas. Também foram desenvolvidos recursos visuais voltados ao púbico visitante da exposição do MURB. A partir do levantamento realizado notou-se uma carência acerca dos conteúdos básicos sobre a paleontologia e desconhecimento sobre os fósseis encontrados no estado da Bahia. Através da aplicação do kit didático nas escolas, além de miniexposições com fósseis de mamíferos da megafauna pleistocênica, palestras sobre os conceitos básicos da paleontologia e exposição do MURB, foi possível perceber o interesse da população pelo tema, mostrando a importância da divulgação do patrimônio fossilífero do estado. Conclui-se que as estratégias desenvolvidas, sobretudo a confecção de recursos visuais e réplicas, puderam contribuir para o processo de divulgação dos fósseis da Bahia e para a conscientização da população acerca do patrimônio paleontológico do Estado.

KEYWORDS
PALEONTOLOGY.
TEACHING KITL.
EDUCATION.
REPLICAS.
FOSSILS.

ABSTRACT Paleontology is the science that studies fossils and plays a fundamental role in education. Despite its importance, knowledge of paleontology is often limited to the academic setting. Thus, the objective of this study was to promote strategies for science communication on Paleontology, to be implemented at the Museu de Zoologia e Paleontologia of UFRB (MURB) and in schools in Cruz das Almas and the surrounding region, as well as in municipalities where fossils have already been recorded. As the methodology applied, initially, with the aim of investigating knowledge on the subject, a survey was conducted through interviews, primarily with the student community in the municipality of Cruz das Almas, BA. Next, we proceeded to develop paleontology educational kits, including the creation of fossil replicas, as well as printed informational materials for subsequent use in schools. Visual resources were also developed for the visitors to the MURB exhibition. Based on the survey conducted, a lack of basic knowledge about paleontology and a lack of awareness regarding the fossils found in the Bahia state were noted. With the educational kit in schools, mini-exhibitions featuring fossils of Pleistocene megafauna mammals, lectures on the basic concepts of paleontology, and the MURB exhibition, it was possible to observe the public's interest in the subject, highlighting the importance of promoting the state's fossil heritage. It is concluded that the strategies developed, particularly the creation of visual aids and replicas, contributed to the process of promoting Bahia's fossils and raising public awareness about the state's paleontological heritage.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ANDRESSA ANDRADE DE OLIVEIRA
Graduanda de Bacharelado em Biologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCAAB-UFRB).
E-mail: andressandrade@ufrb.edu.br

KAIQUE FROES NEIVA MERCÊS
Graduando de Bacharelado em Biologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCAAB-UFRB).
E-mail: kaiquemerces@gmail.com

CAROLINA SALDANHA SCHERER
Docente do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: carolina.ss@ufrb.edu.br

ROBERTO NOVAES
Graduando de Bacharelado em Biologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCAAB-UFRB).
E-mail: robertonovaes@aluno.ufrb.edu.br

FELIPE MAGALHÃES DE LIMA
Graduando de Bacharelado em Biologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCAAB-UFRB).
E-mail: felipe.maglima99@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A Paleontologia é a ciência que estuda os fósseis e apresenta um importante papel na formação de cidadãos, pois trata de conceitos fundamentais na compreensão da evolução do planeta e dos seres vivos (CARVALHO, 2010). Apesar de sua importância, comumente o conhecimento sobre a paleontologia fica restrito ao ambiente acadêmico e percebe-se pouco conhecimento entre os estudantes de escola básica, e sobretudo, a população geral acerca desta ciência.

O ensino desta ciência no Brasil ainda não recebe a devida importância. Sendo os principais problemas encontrados nos ensinos Fundamental e Médio, a falta de preparação dos professores e a utilização de livros que em sua maioria, abordam os conceitos de forma inadequada e/ou incompleta (CRUZ & MORAES, 2019). Combinado a isso, tem-se um ensino feito de forma descritiva e com excesso de terminologias, sem métodos interativos de aprendizados (DANTAS & ARAÚJO, 2006).

É notória a necessidade de trabalhar a Paleontologia ao longo de todo o Ensino Fundamental, a fim de criar uma base teórica essencial para compreensão da evolução dos organismos no decorrer do nível básico e preparar os estudantes para o nível seguinte. Entretanto, o aprofundamento deste assunto se tornou ainda mais difícil com a restrição da abordagem destes conhecimentos apenas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio (CRUZ et al., 2019).

O Estado da Bahia é amplamente conhecido pelo amplo registro de fósseis da megafauna do Pleistoceno, o qual é relatado, assim como em outros estados do país, desde o século XIX, ocorrendo em cavernas ou em tanques naturais em toda região Nordeste (DANTAS & TASSO, 2007). Sendo assim, a divulgação do conhecimento cientifico acerca dos fósseis provenientes da região Nordeste, através de kits didáticos e recursos visuais, pode ser de grande relevância para o conhecimento da população em geral sobre este patrimônio. Este tipo de recurso pode servir para a acessibilidade da paleontologia, despertando o interesse para a compreensão dos ambientes, suas modificações ao longo do tempo e a

importância da preservação do patrimônio fossilífero (FERNANDES et al., 2003).

METODOLOGIA

Etapa investigativa

Para compreensão do conhecimento atual do público alvo, inicialmente, foi realizada uma etapa de diagnóstico. O método utilizado para recolhimento de dados foi um levantamento através de questionários com a comunidade, principalmente com comunidades escolares. O propósito foi detectar as maiores dificuldades relacionadas à compreensão de tópicos da paleontologia, bem como os temas que despertaram maior interesse no público.

Para a elaboração do questionário foi necessário realizar uma revisão bibliográfica, utilizando-se livros, artigos e vídeos, seguida da leitura e interpretação de todo material. A partir deste, foram elencados conceitos fundamentais para a compreensão do que é a Paleontologia, os seus objetos de estudo, o que é um fóssil e como este seria formado (CARVALHO, 2010). Outra importante temática adicionada ao questionário, foi sobre os fósseis da Bahia, com o intuito de avaliar o nível de conhecimento dos participantes sobre o patrimônio fossilífero do estado.

Foi elaborado um questionário contendo cinco questões, sendo que todas elas continham a opção de marcar "sim" ou "não", e caso o participante assinalasse a primeira opção, era solicitado que justificasse sua resposta, a fim de realizar uma avaliação mais assertiva de seu conhecimento. As questões foram aplicadas a estudantes de escolas públicas e comunidade geral de Cruz das Almas, BA. De acordo com a definição, entende-se questionários por um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado (GIL, 1991). Desta forma, as perguntas realizadas não penetraram na intimidade dos entrevistados, foram formuladas de maneira clara e objetiva, e sem sugerir respostas. Sendo assim, um instrumento de coleta de dados.

Posteriormente a aplicação dos questionários foi feita sua análise para verificar quais os conhecimentos prévios que os participantes possuíam sobre o tema e dessa forma auxiliar na elaboração dos recursos didáticos.

Produção de réplicas e montagem de kits didáticos

A produção das réplicas teve início com uma etapa de capacitação dos participantes do projeto, sendo estes, discentes, técnicos e professores da UFRB. Através do Minicurso "Confecção de réplicas de material fóssil - 3ª edição" realizado em junho de 2023, seguindo o referencial teórico de Oliveira et al. (2015).

Posterior à produção de algumas peças para aquisição de experiência, seguiu-se a escolha dos fósseis a serem replicados para a composição do kit didático. A escolha do material a ser replicado teve como principal objetivo realizar a divulgação dos fósseis de animais da megafauna encontrados em tanques e cavernas na Bahia. Além de divulgar a ampla variedade de organismos ou partes deles, que podem ser fossilizados, a exemplo, peixes, plantas, conchas e ossos e vestígios, como impressões e coprólitos (fezes fossilizadas).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

O processo de confecção das réplicas seguiu, respectivamente, os seguintes passos, como ilustra a Figura 1, preparação do fóssil (A), criação do molde a partir do fóssil (B), preenchimento do molde (C), acabamento (D, E), réplica finalizada ao lado do fóssil original (F).



FIGURA 1– A, TRONCO FÓSSIL ESCOLHIDO PARA COMPOR O KIT DIDÁTICO; B, NA CONFECÇÃO DO MOLDE O FÓSSIL FOI PROTEGIDO COM DETERGENTE, POSICIONADO EM UMA BASE DE MASSA DE MODELAR, AO SEU REDOR FOI ERGUIDA UMA PAREDE DE PAPEL CARTÃO E EM SEGUIDA DESPEJADO SILICONE NO INTERIOR; C, COM O MOLDE PRONTO, O INTERIOR FOI PREENCHIDO COM GESSO; D, RÉPLICA DE GESSO SECA E LIXADA; E, PROCESSO DE PINTURA; F, RÉPLICA FINALIZADA À ESQUERDA DA IMAGEM E TRONCO FÓSSIL À DIREITA./ FONTE: AUTOR (2023)

Já a segunda etapa do projeto contou com a elaboração de réplicas para compor o membro posterior (perna) de uma preguiça gigante - espécie representativa da megafauna pleistocênica no nordeste do Brasil, para integrar o acervo expositivo do Museu de Zoologia e Paleontologia da UFRB (MURB). Esta etapa iniciou com estudos morfológicos com fósseis do acervo do MURB e pesquisas bibliográficas, para levantar as características anatômicas e assim, realizar a produção dos elementos do membro posterior. Após esses estudos, foram selecionados os fosseis com menos alterações tafonômicas para servir como base em todo o processo estrutural. As réplicas do fêmur, tíbia, astrágalo, calcâneo, ossos tarsais e falanges foram produzidos em escala de 1/3 do tamanho dos espécimes fósseis originais. Sendo utilizado como material base o isopor, para modelar a estrutura geral de cada osso e gesso para dar a cobertura com textura lisa e porosa, após esses processos, as peças foram pintadas e levadas para exposição, onde compõem um cenário juntamente com uma pintura da espécie *Eremotherium laurillardi* em seu habitat.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Materiais informativos

Paralelo à montagem dos kits didáticos, foi realizada uma etapa igualmente importante, a produção de conteúdo informativo, tanto para divulgação do projeto nas redes sociais, quanto para acompanhar o kit. Sendo que, a última fase permite que ele seja trabalhado em sala de aula ou em qualquer ambiente de forma autoexplicativa. Esta etapa teve como base o interesse apontado pelo público alvo durante a análise dos questionários.

Foram elaborados um folder informativo e um guia didático de paleontologia, com base em pesquisa bibliográfica para levantamento dos conceitos contidos no material. Os temas abordados nestas ações foram conceitos básicos da Paleontologia e do Tempo geológico, informações de procedência e idade dos fósseis que compõem o kit, bem como aspectos sobre os fósseis na Bahia e ainda noções sobre a preservação do patrimônio fossilífero brasileiro e a importância dos fósseis como patrimônio cultural.

Confecção de tabela do tempo geológico

Outra atividade para compor o acervo expositivo do Museu de Zoologia e Paleontologia da UFRB (MURB) foi a confecção de um modelo de tabela do Tempo Geológico. Esse material foi elaborado com a finalidade de mostrar de forma mais didática os intervalos do Tempo Geológico da Terra. Deste modo, a construção da tabela teve início com estudos dos períodos e eras geológicos e seus respectivos registros fósseis, visando selecionar representantes de cada período, mostrando assim, a evolução dos principais grupos de organismos. Após a seleção, foram impressas imagens de cada exemplar em adesivo, juntamente com os nomes de cada período. Em seguida, foi escolhido um aquário de vidro de 40cmx40cm, posteriormente preenchido por areia, um material de fácil manipulação e versatilidade no uso. Durante a montagem da tabela a areia foi peneirada, dividida e pigmentada em 12 partes, representando a quantidade de períodos com registros fósseis (CARVALHO, 2010). Sendo respectivamente, verde musgo - Cambriano, Azul claro - Ordoviciano, verde claro - Siluriano, marrom claro - Devoniano, Azul escuro - Carbonífero, rosa - Permiano, roxo - Triássico, vermelho - Jurássico, amarelo - Cretáceo, verde - Paleogeno, marrom escuro - Neógeno, marfim - Quaternário. Por fim, a areia tingida foi colocada no aquário na ordem do período mais antigo ao mais atual, os adesivos com os nomes dos períodos e as imagens foram colados em cada camada. E para finalizar a produção da tabela, foi incluso um Qrcode que direciona o visitante para o site do Serviço Geológico do Brasil, onde mostra de forma mais aprofundada a escala do tempo geológico.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino da Paleontologia durante o Ensino Médio e Fundamental é indispensável, pois é esta uma ciência que unifica conceitos da Biologia e Geologia e atua conscientizando os alunos sobre a importância de preservar e valorizar a vida em suas variadas formas e registros, além de permitir uma compreensão mais detalhada sobre o surgimento e evolução da vida no planeta Terra (DANTAS E ARAÚJO, 2006).

Apesar de temas relacionados com a paleontologia estarem

presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos livros didáticos adotados na Educação Básica brasileira, há uma ausência quase completa de relação entre os referidos conteúdos e a paleontologia regional e até mesmo nacional. E esta aparenta ser uma das principais causas do desconhecimento desta ciência por parte de estudantes (OLIVA, 2018).

Muitos colégios têm adotado o uso de atividades interdisciplinares e projetos pedagógicos, visando a incorporação de novas descobertas e tecnologias ao ensino e por consequente o aprofundamento do conhecimento dos alunos. Desta maneira, é nesse espaço que a Paleontologia pode ser inserida. Para suprir a falta e complementar os assuntos trazidos pelos livros didáticos, dando ênfase principalmente aos temas que foram restringidos na BNCC (CRUZ et al., 2019).

Neste sentido, o processo de intervenção pedagógica atua mapeando um problema/deficiência no processo de ensino e aprendizagem através de uma atividade diagnóstica e a partir dos resultados compilados desenvolve estratégias que auxiliem no processo de superação do problema ora identificado (MENDES et al., 2015).

Somado a isso, há uma dificuldade dos professores quanto ao desenvolvimento no ensino da Paleontologia, devido à escassez de material didático referente a fósseis brasileiros e fósseis em geral. As escolas públicas geralmente não possuem condições financeiras para aquisição do material, o que resulta em aulas menos interessantes (RIBEIRO et al.,2007).

Dessa forma, a aplicação de modelos didáticos contribui para um processo de ensino-aprendizagem significativo, que permite a melhor compreensão dos conteúdos paleontológicos trabalhados, em que o aluno pode ter contato físico e visual com o objeto, constituindo uma excelente forma de ensino. Portanto, investir em intervenções dessa natureza, principalmente em municípios reconhecidos por seu potencial fossilífero, contribui com o desenvolvimento de uma sensibilidade para a preservação dos fósseis e seus locais de ocorrência, bem como para o surgimento de uma identidade cultural histórica com o patrimônio fóssil. Desta maneira, o conhecimento paleontológico prejudicado pelo ensino curricular fragmentado, pode ser reforçado por meio de intervenções educativas com foco na divulgação científica e popularização da ciência. (COSTA et al., 2022).

Além de contribuir para sanar a deficiência do tema na Educação Básica, a confecção de réplicas de fósseis é uma importante aliada no processo de conservação do patrimônio fossilífero de uma determinada região. Ao utilizar cópias fiéis do fóssil original, o mesmo pode ser mantido em segurança na coleção da instituição a qual pertence. Já a réplica pode ficar disponível ao público, minimizando os riscos de danos ao material original. Além de preservar a informação contida no fóssil, a confecção de réplicas permite uma maior troca de conhecimento entre diferentes instituições. Sendo uma maneira muito eficaz de divulgar e trabalhar a paleontologia na sala de aula. Tornando mais palpável e visual a ideia de existência de seres vivos extintos a muito tempo. Principalmente, em situações em que há apenas um único exemplar fossilizado, sendo o processo de replicação a principal maneira de diversas instituições compartilharem esse patrimônio (OLIVEIRA, 2015).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

A educação nos museus está relacionada fortemente a realização de visitas guiadas, entretanto, uma gama de outras atividades podem ser planejadas e realizadas de maneira a atender o papel do museu na divulgação e educação nas ciências. Entre elas está a produção de kits didáticos destinados a empréstimo para escolas. Os kits permitem aos professores o acesso a informações confiáveis e o maior contato com os estudos realizados nos museus (BRAUNSTEIN et al., 2020).

A realização de eventos com palestras, oficinas teóricas, jogos, e o uso de réplicas proporcionam a materialização de conteúdos usualmente ensinados de maneira conceitual, além de permitir que o aluno questione e reflita sobre o conteúdo abordado de forma prazerosa. Dessa maneira, métodos didáticos podem promover a inclusão de alunos e a melhor aprendizagem do conteúdo paleontológico (DIAS & MARTINS, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diagnóstico do público alvo

Uma análise geral dos questionários foi realizada com o intuito de diagnosticar quais os interesses mais persistentes no público alvo, como também, o nível de compreensão de conteúdos sobre a paleontologia. Desta maneira, algumas questões chaves foram elencadas e serão relatadas a seguir.

A primeira pergunta do questionário foi **"Você já ouviu falar de fósseis? ( ) Não; ( )Sim, o que você acha que é? "**. Por ser um dos principais objetos de estudo desta ciência, o nível de proximidade com o termo "fósseis" também era um indicativo da afinidade do público com a paleontologia. Grande parte dos participantes afirmou já ter tido algum tipo de contato com a palavra (74,5%), porém cerca de 30% não especificou o que acreditava ser. Já as respostas justificadas, em sua maioria atribuíam o termo a restos de animais/ ossos/ esqueletos, o que não é uma definição errônea, porém está incompleta. Outros 25,5% dos participantes afirmaram nunca ter ouvido falar em fósseis.

Em relação a questão, **"Você já teve a oportunidade de ver algum fóssil? ( ) Sim, onde? ( ) Não. "** Cerca de 81% dos participantes afirmaram nunca ter visto um fóssil. Sendo este dado, um grande indicativo da importância de divulgação da ciência para além dos portões da Universidade. O contato direto com um fóssil, ainda que seja uma réplica, torna mais palpável e visual a ideia da existência de seres vivos extintos há muito tempo, sendo também, uma importante aliada na conservação do patrimônio fossilífero (OLIVEIRA, 2015). Dentre os 19% do público que afirmaram já ter visto um fóssil, uma parcela não justificou onde (6%), a parcela justificada citou ter visto em museus, na universidade, zoológico, exposição, na internet e em livros.

A terceira questão elencada foi **"Você sabe se há fósseis na Bahia? ( )Sim, onde? ( )Não."** Esta foi uma das questões de maior interesse para o projeto, visto o mesmo tratar da divulgação dos fósseis da megafauna pleistocênica encontrados na Bahia. Foi a partir dela que conseguimos mesurar se o público sabia da existência ou já se tiveram algum contato com o patrimônio fossilífero do estado. Em

análise, 72% dos participantes afirmaram não saber se há fósseis na Bahia. Ou seja, mais da metade dos participantes nunca ouviram falar do assunto. Reforçando a importância da divulgação do conteúdo científico com o objetivo de fortalecer a conscientização da comunidade sobre o patrimônio paleontológico.

Com o presente trabalho, foi possível notar o conhecimento prévio que a comunidade estudantil, bem como a comunidade geral possuía sobre a paleontologia. Sendo possível averiguar que conceitos importantes para uma aprendizagem significativa não estavam presentes, como o conceito adequado de fósseis, um contato visual e palpável com os fósseis, além de conhecer o patrimônio do estado. Sendo assim, com a constatação do que eles já sabiam corretamente e a carência em conceitos chave da temática, foi construído o kit didático de paleontologia. Buscando contextualizar o conhecimento do público e enfatizando a megafauna pleistocênica da Bahia.

Aplicação do material didático e informativo

Para a montagem do kit didático, ao total, foram escolhidos vinte e três fósseis para a confecção das réplicas, dentre estes, dez fósseis foram encontrados no estado da Bahia e pertencem a animais da megafauna que viveu no Período Quaternário (desde 2,5 milhões atrás), oito foram encontrados na região Nordeste e apenas cinco dos fósseis não são brasileiros. Ao todo, foram montados 10 kits com o intuito de realizar empréstimos e miniexposições na escolas do município de Cruz das almas (BA) e região, assim como em municípios com registro de fósseis. Para a identificação do material ser realizada de forma autoexplicativa, o kit foi acompanhado um guia didático com fotos das réplicas, a nomenclatura científica e comum referente ao fóssil replicado, além da idade do material e sua procedência, como mostra a figura 2.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 2– GUIA DO KIT DE RÉPLICAS DE PALEONTOLOGIA./ FONTE: AUTOR (2023)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Paralelo à montagem do guia, foi realizada a produção de um folder explicativo (Figura 3), visto a carência de conceitos fundamentais para a compreensão da paleontologia durante o diagnóstico do público-alvo. Desta maneira, o kit pode ser trabalhado em sala de aula por docentes e nortear algumas dúvidas que poderiam surgir durante a apresentação do material aos estudantes. A linguagem utilizada também foi adequada a termos mais usuais do ensino básico, além da adição de imagens que agregaram na exemplificação, como, que é um fóssil, descrição do processo de fossilização ou na adição do mapa da Bahia com as cidades que possuem registro fóssil. Esta etapa visou principalmente criar uma proximidade do aluno com o tema.



FIGURA 3– FOLDER EXPLICATIVO DE PALEONTOLOGIA./ FONTE: AUTOR (2023)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Durante todo o andamento do projeto, foram feitas publicações no Instagram do Laboratório de Paleontologia da UFRB (@lapaleoufrb). Estas, tinham como principal objetivo divulgar as ações do projeto, bem como o kit didático para empréstimo às escolas. O empréstimo dos kits didáticos e miniexposição de fósseis nas escolas foi realizada em cinco instituições de ensino e em duas edições do evento "CCAAB para Você", vinculado ao programa de extensão de mesmo nome que tem caráter itinerante de divulgação científica em diferentes localidades.

Dentre as escolas participantes, destaca-se aqui a aplicação do kit didático realizada no município de Santaluz, BA, local onde há um grande registro fóssil de animais da megafauna, sendo um importante palco de estudo e coletas. O evento ocorreu na escola municipal no povoado de Lajedinho (zona rural da cidade de Santaluz), e contou com a participação dos alunos do ensino fundamental da escola sede do evento, como também de escolas vizinhas, além dos moradores da região. O material informativo foi distribuído de forma mista com o uso banners, exposição dos fósseis encontrados na região em coletas anteriores, exposição das réplicas do kit didático. E para conceituar todo o material foi realizada uma palestra com as principais linhas de estudo da paleontologia (Figura 4), o que faz o paleontólogo, como cuidar do patrimônio fóssil, seguida pela apresentação do material em exposição.



FIGURA 4–EXPOSIÇÃO DE PALEONTOLOGIA EM NO COLÉGIO JOÃO PAULO II/ FONTE: AUTOR (2023)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Durante a apresentação do kit didático o público pode segurar as réplicas, comparar a cópia do material que era originário do município com o fóssil que estava sendo exposto em uma mesa ao lado e tirar dúvidas gerais sobre a temática. Sendo este momento, de extrema importância para preparar os alunos e moradores para o reconhecimento de fósseis em ambientes externos, assim como associar natureza e sala de aula (LICCARDO et al., 2017).

A segunda etapa do evento contou com um diagnóstico das informações passadas durante a palestra e conversa em sala de aula. Esse momento foi possível, pois, durante a apresentação antes de apresentar um conceito (por exemplo, o que é um fóssil), era perguntado aos participantes o que eles compreendiam do assunto. Então, posteriormente, realizamos uma pequena gincana com as crianças presentes, onde elas foram divididas em duas equipes para as quais foram feitas 4 perguntas sobre os assuntos abordados na palestra. Desta maneira, mesmo que de forma redundante, foi possível observar que os alunos conseguiram definir após o evento o que era um fóssil, seus exemplos, onde poderiam ser encontrados, termos que antes não eram indicados com facilidade.

Por fim, uma etapa lúdica foi realizada, a brincadeira de caça ao fóssil. Neste momento as crianças puderam realizar a procura de réplicas (que haviam sido previamente enterradas) simulando uma coleta de fósseis. Deste modo, elas puderam vivenciar o trabalho de um paleontólogo de forma prática. A aplicação de métodos práticos desta natureza serve para estimular os alunos a construírem seu conhecimento desde o início da escolarização, instigando-os a explorar, observar, comparar, debater, levantar, hipóteses, buscar informações e descobrir padrões e exceções (DIAS & MARTINS, 2018).

Durante as apresentações nas escolas, o contato dos estudantes com o material resultou em diferentes respostas de interesse, empolgação, curiosidade, e assimilação do assunto. Apesar de não comentar exatamente como o kit didático foi absorvido pelos estudantes podemos considerar que o ser humano está em um contínuo processo de aprendizagem e por isso sempre aprendendo, por mais que seja difícil mensurar em que medida, já que essa avaliação é subjetiva (DONATO & DANTAS, 2015). Portanto, a utilização do kit didático juntamente com outras metodologias práticas são importantes ferramentas no aprendizado da temática pois juntam aspectos cognitivos aos lúdicos, raciocínio e assimilação dos conteúdos da educação formal de modo espontâneo.

CONFECÇÃO DOS RECURSOS VISUAIS PARA A EXPOSIÇÃO DO MURB A tabela de tempo geológico foi produzida e incluída no acervo expositivo do Museu de Zoologia e Paleontologia da UFRB (MURB), a qual vem servindo como apoio didático para explicar os períodos geológicos e o surgimento dos variados grupos de cada período (Figura 5A).

A confecção das réplicas dos ossos da perna da preguiça gigante, após todo o processo de modelagem e acabamento, também foi exposta no (MURB) e integrado a um painel com a imagem da espécie Eremotherium laurillardi em seu habitat, feito em parceria com a primeira edição do projeto de extensão financiado por meio do Edital PROARTES (Pintura de painéis para Museu de Zoologia e Paleontologia da Universidade

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Federal do Recôncavo da Bahia). As réplicas foram posicionadas sobre a pintura, em posição anatômica dos ossos (Figura 5B). A ideia consistiu em mostrar ao público uma imagem de como seria o mamífero extinto no seu habitat, no passado, e relacionar aos fósseis encontrados hoje, já que alguns deles também fazem parte da exposição do MURB.

As visitas à exposição do MURB já foram abertas ao público escolar, desde setembro de 2024, e através delas foi possível perceber o interesse e admiração pelo painel confeccionado, já que, para a maioria do público, o contato com os fósseis e com uma reconstituição dos animais extintos aconteceu pela primeira vez.



FIGURA 5– MATERIAIS DESENVOLVIDOS PARA EXPOSIÇÃO NO MUSEU DE ZOOLOGIA PALEONTOLOGIA DA UFRB (MURB). A, PAINEL DA PREGUIÇA GIGANTE ASSOCIADO À ESCULTURA DO MEMBRO POSTERIOR; B, TABELA DO TEMPO GEOLÓGICO./ FONTE: AUTOR (2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS A construção do kit didático de paleontologia, realizado a partir de réplicas, principalmente de animais da megafauna pleistocênica da Bahia, associado ao guia didático e o folder explicativo, podem ser utilizados por qualquer professor ou aluno para obter conhecimentos sobre a Paleontologia. A aplicação do material didático teve uma boa recepção e avaliação positiva, visto a demonstração de interesse e curiosidade por docentes e estudantes.

A aplicação de modelos lúdicos para o ensino de paleontologia, como o painel da preguiça gigante com a escultura da sua perna e a tabela do tempo geológico, permitiu ao público uma compreensão visual e abordagem mais dinâmica dos temas.

O investimento em intervenções dessa natureza, principalmente em regiões conhecidas pelo potencial fossilífero contribui de forma significativa para o desenvolvimento da sensibilidade à preservação dos fósseis e seus locais de ocorrência, bem como para o surgimento de uma identidade cultural e histórica com o patrimônio fóssil. Desta maneira, o conhecimento paleontológico prejudicado pelo ensino curricular fragmentado, que muitas vezes fica restrito às universidades e não atinge as escolas, pode ser reforçado por meio de intervenções educativas com foco na divulgação científica e popularização da ciência.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BRAUNSTEIN, G. K.; SPADONI, M. S.; FARIAS, M. E. Kit didático "Vertebrados Fósseis do Rio Grande do Sul": relevância e uso no ensino / Didactic kit "Vertebrados Fósseis do Rio Grande do Sul": relevance and use in the teaching. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 12, p. 93771–93781, 2020. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/20814. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

CARVALHO, I. S. **Paleontologia: conceitos e métodos**. 3. ed. Rio de Janiero: Interciência, 2010. 756 p.

COSTA, K. C. R. da; SILVA, P. da C. G.; OLIVEIRA, P. V. de; FARIAS, P. L. C. C. The use of didatic models for teaching paleontology in Science and Biology disciplines. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 5, p. e41511528082, 2022. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28082. Acesso em: 8 fevereiro 2024.

CRUZ, I. de C. O.; MORAES, S. S. de; CHAVES, R. S. Importância dada à Paleontologia e Geologia no ensino de Ciências Naturais e Biologia: o que mudou? **Terrae Didatica**, Campinas, v. 15, p. e019055, 2019. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8654886. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

DANTAS, M. A. T.; ARAÚJO, M. I. O. Novas tecnologias no ensino de Paleontologia: CD-rom sobre os fósseis de Sergipe. **Revista eletrônica de Investigación em Educación en Ciencias**, v. 1, n. 2, p. 27-38, 2006. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1850-66662006000200002. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

DANTAS, M. A. T.; TASSO, M. A. L. Megafauna do Pleistoceno final de Vitória da Conquista Bahia: taxonomia e aspectos tafonômicos. **Scientia Plena**, São Cristóvão, v. 3, n. 3, 2011. Disponível em: https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/603. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

DIAS, B. B; MARTINS, R. M. Métodos Didáticos no Ensino da Paleontologia na Educação Básica do Brasil. **Anuario IGEO**, v. 41, n. 2, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.11137/2018_2_22_30. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

DONATO, C. R.; DANTAS, M. A. T. Cd-Room como instrumento de aprendizagem significativa sobre a Bioespeleologia Sergipana. **Revista Electrónica de Investigación en Educación en Ciencia**, v. 4, n. 2, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.54343/reiec.v4i2.40. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

FERNANDES, C. H. M.; ALVES, R. S.; SILVA, A. C. B. L.; BARRETO, A. M. F. Preparação de Kits didáticos paleontológicos de exemplares típicos das bacias sedimentares PE-PB e Araripe. **Paleontologia em destaque.** n. 44, p. 5, 2003.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002. 176 p.

LICCARDO, A.; SANTOS, C. V.; LOPES, C.M. Criação de um kit de fósseis para inserção na educação. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 35., 2017, Foz do Iguaçu. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: UENP, 2017. p. 844-849. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/server/api/core/bitstreams/d575fc19-6e04-4968-8fa5-ddf1ce9abbcd/content. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

MENDES, L. A. S.; NUNES, D. F.; PIRES E. F. Avaliação do conhecimento Paleontológico com Intervenção em escolas do ensino médio: Um estudo de caso no estado do Tocantins. **Holos**. v. 8, p. 384-396, 2015. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1991. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

OLIVA, E. **Ensino de Paleontologia em espaços não formais**. 2018.

Dissertação (Mestrado em Paleontologia) – Universidade de Évora Escola de Ciência e Tecnologia, Universidade de Nova Lisboa Faculdade de Ciência e Tecnologia, Évora, 2018.

OLIVEIRA, T. V; PRETTO, F. A.; PAES-NETO, V. D.; MACEDO, P. A. de. Técnicas para confecção de réplicas de fósseis. In: SOARES, M. B. (org.). **A paleontologia na sala de aula**. Ribeirão Preto: Imprensa Livre, 2015. p. 438-454. Disponível em: https://www.paleontologia-nasaladeaula.com/. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

RIBEIRO, A. M.; FERIGOLO, J.; HADLER, P.; SCHERER, C. S.; HSIOU, A. S.; MATUSIAK, M. A. Atividades educacionais na Seção de Paleontologia do Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. In: CARVALHO, I. S. et al. (Org.). **Paleontologia: cenários da vida**. Rio de Janeiro: Interciência, 2007. p. 3-12.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
EDUCAÇÃO //

Vivências extensionistas na Licenciatura em Matemática: formação para a inclusão

MEL CERQUEIRA DO ESPÍRITO SANTO
THAINE SOUZA SANTANA
CARLA MOTA DE JESUS

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Extension experiences in the mathematics teacher education program: training to inclusive

Vivências extensionistas na Licenciatura em Matemática: formação para a inclusão

Extension experiences in the mathematics teacher education program: training to inclusive

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA. MATERIAIS CURRICULARES EDUCATIVOS INCLUSIVOS. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

RESUMO Este artigo tem como objetivo discutir as contribuições do Projeto de Extensão Materiais Curriculares Educativos na Perspectiva Inclusiva: diálogos, construção e uso (PEMCEI) para a formação inicial de professores de Matemática, com foco na Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. A partir da análise de relatos e relatórios produzidos por licenciandos, identificaram-se cinco dimensões formativas: vivência e escuta ativa; troca de saberes; formação crítica; produção de materiais; e protagonismo estudantil. Tais dimensões evidenciam o potencial do projeto para articular teoria e prática, fortalecendo saberes docentes comprometidos com a inclusão. Ao lado dessas potencialidades, emergem limitações relacionadas a aspectos institucionais, como a baixa articulação com o currículo da licenciatura e a participação reduzida de estudantes. Ainda assim, os resultados reafirmam a importância da extensão universitária como espaço de formação ampliada, capaz de fomentar reflexão crítica, produção colaborativa e compromisso com uma Educação Matemática mais inclusiva e justa.

KEYWORDS
INCLUSIVE MATHEMATICS EDUCATION. INCLUSIVE EDUCATIONAL CURRICULUM MATERIALS. UNIVERSITY EXTENSION.

ABSTRACT This article discusses the contributions of the Extension Project Educational Curriculum Materials from an Inclusive Perspective: dialogues, construction, and use (PEMCEI) to the initial training of Mathematics teachers, with a focus on Special Education from the Perspective of Inclusive Education. Based on the analysis of reports and narratives produced by undergraduate students, five formative dimensions were identified: lived experience and active listening; knowledge exchange; critical formation; material production and student protagonism. These dimensions highlight the project's potential to bridge theory and practice, strengthening teaching knowledge committed to inclusion. Alongside these strengths, certain limitations emerge related to institutional aspects, such as weak alignment with the teacher education curriculum and low student participation. Nevertheless, the results reaffirm the importance of university extension as a space for broadened formation, capable of fostering critical reflection, collaborative production, and a commitment to a more inclusive and equitable Mathematics Education.

MEL CERQUEIRA DO ESPÍRITO SANTO
Licenciatura em Matemática - UFRB
Mestranda em Ensino de Matemática- PPGENM*(*UEFS*).*
E-mail: melcerqueirades@gmail.com

THAINE SOUZA SANTANA
Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências-PPGEFHC *(*UFBA/UEFS*).*
E-mail: thainesantana@ufrb.edu.br

CARLA MOTA DE JESUS
*Licencianda em Matemática na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (*UFRB*).*
E-mail: carlamota@aluno.ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A Educação Matemática Inclusiva emerge como um campo de reflexão e ação que articula saberes da Matemática, da Educação Inclusiva e da formação de professores, tendo como horizonte a construção de práticas pedagógicas comprometidas com o direito de todos à aprendizagem (Costa; Silva; Noronha, 2021). Historicamente, a Educação Matemática – assim como outras áreas do conhecimento – esteve marcada por lógicas classificatórias e por modelos pedagógicos que favoreciam apenas determinados modos de aprender, silenciando ou excluindo sujeitos que não se enquadravam nesses parâmetros. Entretanto, com o avanço dos debates sobre inclusão, sobretudo a partir dos anos 1990, começa a se constituir uma crítica mais incisiva às práticas homogeneizadoras no ensino da Matemática, abrindo caminho para experiências que valorizem a

diferença, a pluralidade e a acessibilidade como princípios educativos (Souza; Moura, 2022).

Nesse processo, a Educação Matemática Inclusiva se consolida como um campo que questiona perspectivas tradicionais que ditam quem é considerado competente em matemática, exigindo do professor não apenas o domínio de conteúdos, mas também sensibilidade para reconhecer e acolher as múltiplas formas de aprender. Isso implica repensar o próprio fazer docente e desafiar as práticas pedagógicas estabelecidas. Assim, refletir sobre inclusão torna-se uma tarefa indispensável desde a formação inicial, que não deve se limitar à abordagem pontual de temas sobre deficiência ou uso de recursos adaptativos, mas como aponta Mantoan (2006), requer deslocamentos epistemológicos e metodológicos capazes de transformar a maneira como concebemos a docência, o currículo e as relações pedagógicas.

Contudo, apesar dos avanços legais e da crescente produção acadêmica na área, muitas licenciaturas ainda não garantem espaços consistentes para a abordagem da inclusão como eixo transversal na formação docente. Sobre isso, Borges (2024) ressalta que as discussões sobre formação para a inclusão e da inclusão na formação ganham força à medida que se articulam de forma transversal no tripé Ensino x Pesquisa x Extensão, principalmente quando falamos de licenciaturas. Esta discussão aponta para a urgência de propostas formativas que articulem teoria e prática, e que promovam uma escuta sensível às experiências dos licenciandos da diversidade.

É nesse contexto que os projetos de extensão universitária ganham centralidade como espaços de formação necessários. Ao promoverem o diálogo entre universidade e escola, os projetos de extensão possibilitam que os licenciandos se aproximem das realidades vividas por professores e estudantes da educação básica, vivenciando situações que desafiam e ressignificam os conhecimentos adquiridos em sala de aula (Ribeiro; Screrre, 2022). Quando orientados por uma perspectiva crítica e inclusiva, tais projetos ampliam o repertório teórico, político e pedagógico dos futuros professores, contribuindo para a construção de uma postura mais ética, sensível e engajada.

O Projeto de *Extensão Materiais Curriculares Educativos na Perspectiva Inclusiva: diálogos, construção e uso* (PEMCEI), ativo desde 2023, é um exemplo significativo dessa atuação. Vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o PEMCEI tem se constituído como um espaço de escuta, estudo e reflexão coletiva sobre os sentidos e desafios da inclusão na Educação Matemática (Santana, 2025). Suas ações são organizadas em encontros quinzenais formativos internos, com leitura e discussão de textos teóricos, produção de Materiais Curriculares Educativos na perspectiva inclusiva e diálogo entre pares. A extensão também resultou na produção de um Trabalho de Conclusão de Curso (Silva, 2024) relacionado à temática do projeto e também em ações externas, como o Ciclo de Palestras sobre Educação Matemática Inclusiva, que já realizou duas edições.

Esses eventos reuniram professores da educação básica, licenciandos e pesquisadores de referência nacional, promovendo trocas que valorizam diferentes saberes e experiências no campo da inclusão. A partir desses espaços, os licenciandos são provocados a questionar

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

concepções cristalizadas sobre ensinar e aprender, especialmente no que se refere à ideia de competência matemática e às barreiras que a escola impõe aos estudantes público-alvo da Educação Especial.

Dessa forma, esta pesquisa tem como propósito discutir, a partir dos relatos de estudantes da Licenciatura em Matemática, a importância da abordagem da inclusão no processo formativo docente, reconhecendo que o contato com essa temática não se esgota em conteúdos disciplinares, mas se constrói nas experiências vividas ao longo da formação. Neste percurso investigativo, o PEMCEI é compreendido como um dispositivo formativo que pode oferecer aos licenciandos oportunidades para ampliar seus repertórios pedagógicos e repensar concepções sobre ensino e aprendizagem. O objetivo desta investigação é analisar de que modo as ações promovidas pelo projeto contribuem para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas no contexto da formação inicial de professores. Busca-se, assim, evidenciar possíveis contribuições e limitações dessas ações na constituição de uma docência ética, crítica e comprometida com a equidade.

METODOLOGIA Esta pesquisa está ancorada em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, centrada na escuta de estudantes do curso de Licenciatura em Matemática, do Centro de Formação de Professores, da UFRB. O objetivo é compreender como diferentes experiências formativas, vividas ao longo da graduação, com foco nas ações do Projeto de Extensão Materiais Curriculares Educativos na Perspectiva Inclusiva: diálogos, construção e uso, têm contribuído para a constituição de práticas pedagógicas mais inclusivas por parte dos futuros professores. Trata-se de uma iniciativa que articula a participação de pesquisadores, licenciandos, mestrandos, professores da educação básica e professores do nível superior em encontros que visam à produção, o uso e à reflexão crítica sobre Materiais Curriculares Educativos na Perspectiva Inclusiva. Busca-se, assim, evidenciar tanto as contribuições formativas quanto os limites observados no contexto da formação inicial docente.

A escolha pela abordagem qualitativa se justifica por seu compromisso com a compreensão profunda de processos educativos, a partir das percepções e significados atribuídos pelos próprios sujeitos da pesquisa às suas trajetórias (Bogdan; Biklen, 1994). Nesse sentido, o estudo se orienta pela escuta atenta e interpretativa de licenciandos com diferentes níveis de envolvimento com as ações de extensão, incluindo aqueles que participaram diretamente do projeto e aqueles cuja formação ocorreu à margem dessas iniciativas, permitindo uma leitura mais ampla e contrastiva das experiências vividas.

Entre as ações formativas promovidas, evidenciamos o I e II Ciclo de Palestras sobre Educação Matemática Inclusiva, realizado de forma remota por meio da plataforma Google Meet. Esses eventos reuniram sujeitos de diferentes contextos, promovendo o diálogo entre universidade e escola e possibilitando a construção coletiva de saberes sobre inclusão no ensino de Matemática.

O primeiro ciclo, realizado em 2023, abordou temas

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

estruturantes da área, como a relação entre a formação inicial e os desafios da inclusão escolar, com destaque para a discussão Educação Matemática Inclusiva na Licenciatura em Matemática da UFRB: lacunas e possibilidades. Também foram realizadas palestras e rodas de conversa que trataram do ensino de matemática para surdos, da modelagem matemática no ensino de estudantes com deficiência intelectual e da atuação com alunos com baixa visão e cegueira, reunindo relatos de práticas pedagógicas inclusivas. Além disso, foram discutidas as práticas de numeramento da Educação Financeira por estudantes surdos bilíngues e os desafios da formação de futuros professores na interface com a Educação Especial, com atenção à discalculia.

Já o segundo ciclo, realizado em 2025, teve como foco central o compartilhamento de experiências e práticas docentes mais recentes. Nesse momento, foram abordadas as experiências com Materiais Curriculares Educativos Inclusivos desenvolvidos na UFRB, as narrativas de professoras que atuam na Educação Matemática Inclusiva com estudantes que possuem deficiência visual, bem como reflexões sobre a formação de professores que ensinam matemática aliada ao desenvolvimento de aplicativos sob uma perspectiva inclusiva. Esses momentos se consolidaram como espaços potentes de escuta, reflexão e circulação de saberes, ampliando os horizontes formativos dos licenciandos e fortalecendo os vínculos entre teoria e prática no campo da Educação Matemática Inclusiva.

A coleta dos dados ocorreu a partir de um conjunto heterogêneo de materiais, com licenciandos do Centro de Formação de Professores (CFP/UFRB), com foco em suas trajetórias formativas e vivências relacionadas à inclusão a partir dos relatos de experiência e relatórios produzidos em contextos diversos da licenciatura, como estágios, programas de iniciação à docência e projetos de extensão que abordassem, direta ou indiretamente, aspectos da inclusão relacionado às ações extensionistas do PEMCEI no ensino de Matemática. O número de participantes não foi previamente definido, uma vez que o objetivo da pesquisa não é a generalização dos dados, mas a escuta atenta e situada de diferentes vozes e sentidos atribuídos à inclusão no processo de formação inicial docente. Considera-se que podem variar conforme as realidades formativas e institucionais vivenciadas pelos licenciandos, sendo, portanto, fundamental reconhecer a pluralidade dessas experiências.

Ao reunir fontes diversas, esta investigação reconhece a complexidade da formação docente e permite múltiplas entradas interpretativas, possibilitando uma compreensão mais ampla, crítica e sensível sobre como a Educação Matemática Inclusiva é compreendida, vivida e, por vezes, tensionada pelos futuros professores. As análises serão conduzidas com base em uma leitura minuciosa dos documentos e falas coletadas, em diálogo com autores da Educação Matemática, da Educação Inclusiva e da formação de professores, reconhecendo que os discursos e práticas em torno da inclusão são atravessados por disputas, invisibilidades e possibilidades formativas que precisam ser continuamente problematizadas.

Para garantir o rigor ético da pesquisa, serão adotados pseudônimos a fim de preservar o anonimato dos participantes, assegurando

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

que nenhuma informação permita sua identificação. Além disso, as falas dos licenciandos serão numeradas para facilitar a organização e distinção dos licenciandos (por exemplo, licenciando 1) – relatos ou relatórios. O uso dos dados será restrito aos objetivos desta pesquisa, respeitando os princípios éticos que assegurem o respeito, à autonomia e à confidencialidade das informações, conforme as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde (2016).

REFERENCIAL TEÓRICO A formação inicial de professores de Matemática, constitui-se como um espaço fundamental para que o licenciando vivencie e reflita sobre o ensino em diferentes contextos, preparando-se para sua atuação profissional em realidades escolares marcadas pela diversidade. Esse processo formativo implica, para além da aquisição de conhecimentos específicos da área, a apropriação de diferentes abordagens pedagógicas, compreendendo o quê, por quê, para quem e como ensinar. Assim, a formação precisa ser pensada de forma integral, crítica e inclusiva, considerando a heterogeneidade dos sujeitos e contextos escolares (Borges, 2024).

Torna-se, deste modo, imprescindível um olhar mais atento à formação inicial de professores no que tange à Educação Especial[1] na perspectiva da Educação Inclusiva no contexto da Educação Matemática, já que, há lacunas na formação dos futuros professores nessa área (Borges, 2024; Borges; Cyrino; Nogueira, 2020). Apesar da existência de propostas e atividades pontuais voltadas à inclusão, ainda são poucas as iniciativas estruturadas, e muitos professores relatam dificuldades em implementá-las diante da complexidade das situações vividas em sala de aula (Silva, 2024). Nesse cenário, cresce o interesse por abordagens formativas que favoreçam o planejamento e a execução de práticas pedagógicas inclusivas.

Entre essas estratégias, destacam-se os Materiais Curriculares Educativos (MCE), que têm por objetivo oferecer suporte pedagógico ao professor, indo além da aprendizagem dos alunos para também contribuir com o desenvolvimento profissional docente (Santana, 2015). Os MCE são constituídos por diversos elementos, como narrativas, vídeos, planos de aula, sugestões metodológicas e soluções didáticas, que apoiam a organização do ensino e a tomada de decisões pedagógicas. Portanto, podem ser entendidos enquanto ferramentas de comunicação entre o conteúdo e o professor, podendo representar práticas pedagógicas contextualizadas e sinalizar aspectos importantes do processo educativo, como planejamento, interação em sala, organização dos estudantes, e possíveis encaminhamentos didáticos (Prado, 2014; Santana, 2015).

Ao visar também a aprendizagem do professor, os MCE tornam-se instrumentos que podem promover mudanças na forma como o docente participa das práticas de ensino (Santana, 2015). Eles funcionam como mediadores da formação pedagógica ao oferecerem suportes para orientarem a condução das aulas, especialmente ao buscar a promoção de contextos inclusivos de ensino e aprendizagem. Por esta razão, os MCE podem ser aliados importantes no desenvolvimento de práticas pedagógicas acessíveis e sensíveis à diversidade (Santana, 2025).

Quando estes materiais são elaborados com foco na aprendizagem docente acerca de práticas pedagógicas inclusivas, buscando dar suporte aos professores para que possam planejar, refletir e mediar aulas que

1
O público-alvo são os estudantes com deficiência (física, intelectual, auditiva, visual e múltipla), com transtornos globais do desenvolvimento, como os transtornos do espectro autista (TEA), e com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2008).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

contemplem a todos estudantes, respeitando suas singularidades, estes são chamados de Materiais Curriculares Educativos Inclusivos (Silva, 2024; Santana, 2025). Costa, Silva e Noronha (2021) destacam que construir materiais e práticas pedagógicas inclusivas, não significa reduzir a complexidade, mas ampliar o acesso ao currículo, para tanto, o professor necessita de diferentes estratégias de ensino, recursos e materiais didáticos. Os Materiais Curriculares Educativos Inclusivos (MCEI), ao priorizarem a formação do professor para a inclusão, tornam-se ferramentas fundamentais na consolidação de práticas pedagógicas equitativas e inovadoras.

Silva (2024), em seu trabalho monográfico, vinculado ao projeto de extensão aqui discutido, investigou as percepções de um professor e de um aluno com deficiência visual sobre um MCEI voltado ao ensino introdutório de funções, evidenciando tanto suas potencialidades quanto suas limitações. A pesquisa apontou que os materiais podem promover apoio efetivo à prática docente inclusiva ao oferecer materiais, tarefas contextualizadas e planos de aula detalhados. Sua análise revela que os MCEI, quando bem planejados, têm potencial para enriquecer o ensino de matemática e colaborar com a formação de professores mais preparados para a diversidade presente nas salas de aula.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de licenciatura (Brasil, 2024) reforçam esse compromisso ao estabelecerem que os cursos devem assegurar a consolidação da educação inclusiva como princípio formativo. O Art. 10º, inciso IX, afirma que o egresso deve ser capaz de "aplicar estratégias e práticas didáticas diferenciadas, voltadas à promoção da aprendizagem de todos os estudantes, inclusive daqueles da Educação Especial, em seus diversos contextos culturais, socioeconômicos e linguísticos" (Brasil, 2024, p. 6). Essa diretriz aponta, de forma inequívoca, para a imprescindibilidade de repensar a formação inicial, não como uma etapa neutra ou genérica, mas como um processo que reconhece e valoriza a diversidade desde seu início.

Apesar das discussões e diretrizes para um cenário normativo e teórico avançado, Borges, Cyrino e Nogueira (2020) ressaltam que, na maioria dos cursos de licenciatura, a inclusão ainda é tratada de forma fragmentada, restrita a disciplinas isoladas ou a iniciativas individuais de alguns professores engajados. Tal fragmentação compromete a constituição de uma base sólida e articulada de formação inclusiva, dificultando a incorporação de princípios como equidade e acessibilidade de maneira transversal no currículo.

Neste contexto, a extensão universitária se apresenta como estratégia potente para articular ensino, pesquisa e prática social na formação docente (Silva; Oliveira; Rodrigues, 2023). No âmbito da UFRB, a resolução Conac nº 57/2022 reforça esse compromisso ao estabelecer que a extensão universitária constitui parte indissociável da formação acadêmica que é compreendida como um processo educativo, cultural e científico, que articula pesquisa e sociedade, contribuindo com o desenvolvimento profissional dos discentes e a valorização da diversidade. Por esta razão, tais experiências permitem ao licenciando ampliar sua compreensão sobre a realidade educacional, desenvolver sensibilidade às diferentes condições de aprendizagem e fortalecer sua identidade profissional.

Silva, Oliveira e Rodrigues (2023) destacam que as ações

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

extensionistas contribuem significativamente para a formação docente, uma vez que permitem aos licenciandos vivenciarem, na prática, a aplicação dos conhecimentos teóricos. Essa experiência favorece a compreensão da realidade escolar e social, além de desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de intervenção educativa. A articulação entre teoria e prática, proporcionada pela extensão, pode ampliar o repertório dos futuros professores e os aproxima das demandas concretas da sala de aula, principalmente no que diz respeito à inclusão.

Dessa forma, as discussões sobre Educação Matemática Inclusiva, bem como a análise, construção e uso de MCEI no contexto da formação inicial, podem potencializar a prática pedagógica inclusiva em aulas de matemática (Silva, 2024), já que ao oferecer suporte para o professor, visa diminuir o desafio de ensinar em salas de aula inclusivas, especialmente considerando que muitos docentes não estão devidamente preparados devido à falta de formação para inclusão (Manrique, 2014).

A literatura aqui discutida aponta que a formação inicial de professores de Matemática pode se tornar mais sensível à diversidade quando integrada a propostas inclusivas, como o uso de MCEI e ações extensionistas (Santana, 2025; Silva, 2024; Silva, Oliveira, Rodrigues, 2023). Assim, a análise dos relatos das experiências formativas na seção a seguir, busca compreender como as ações extensionistas do PEMCEI podem contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A análise dos relatos de estudantes da Licenciatura em Matemática mostram lacunas significativas na formação inicial no que se refere à preparação para a docência inclusiva. Há uma percepção recorrente de que a temática da inclusão ainda é tratada de forma pontual ou superficial na graduação. Como relata a licencianda 1,

> "percebi que faz-se necessário que a educação inclusiva faça parte da nossa formação inicial e continuada. Apesar de vermos uma disciplina no curso que nos possibilita ter um contato inicial com a LIBRAS, acredito que isso não nos dá subsídios suficientes para promover aulas inclusivas, necessitando por nossa parte buscar mais formação nesse sentido".

Essa fala evidencia não apenas a fragilidade da carga horária dedicada ao tema da inclusão nos cursos de licenciatura, mas também a ausência de um aprofundamento teórico-prático capaz de subsidiar, de forma efetiva, o desenvolvimento de competências profissionais inclusivas. Sobre esta lacuna formativa, Nascimento (2019) destaca que as fragilidades nos cursos de formação inicial torna-se evidente quando os próprios professores apontam a falta de preparo para organizar suas práticas considerando as necessidades educacionais de seus alunos. Essa autopercepção de despreparo, frequentemente atribuída à formação inicial, revelam uma lacuna entre o que é discutido nas universidades e a real demanda do cotidiano escolar.

Conforme destacam Glat e Pletsch (2012), o ensino da LIBRAS ou a apresentação pontual de legislações não são suficientes para garantir uma atuação docente crítica e comprometida com a inclusão. É preciso que os cursos de formação inicial proporcionem vivências, reflexões críticas e experiências com a diversidade, de modo que os futuros professores não apenas conheçam a legislação, mas

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

reconheçam o valor da diferença como constitutiva do processo educativo.

Além da limitação na formação formal, os estudantes demonstram preocupação com a falta de preparo para lidar com a diversidade no cotidiano escolar, o licenciando 2 reafirma esse desafio no trecho a seguir,

"é possível perceber a importância de promover eventos e discussões sobre inclusão, haja vista que no dia-a-dia escolar nos deparamos com muitos estudantes com deficiências e é necessário um preparo para acolher esses estudantes."

Este trecho apresenta com clareza a compreensão de que eventos formativos cumprem um papel crucial na preparação de futuros professores para a realidade escolar. A afirmação aponta para dois aspectos fundamentais: primeiro, há o reconhecimento da presença constante de estudantes com deficiência nas salas de aula, o que demanda do professor não apenas sensibilidade, mas também conhecimento técnico e pedagógico; segundo, há a consciência de que o preparo para acolher esses estudantes não é automático nem garantido apenas pela formação regular, o que justifica a necessidade de espaços adicionais, como eventos e discussões, que ofereçam reflexões, experiências e práticas voltadas à inclusão. De maneira semelhante, outro relato da licencianda 1, destaca a ausência da perspectiva inclusiva no planejamento pedagógico,

"[...] percebi que criamos tarefas, atividades, mas não pensamos se haverá algum aluno com deficiência. Acredito que discutir artigos com essa temática é de extrema importância para discutir e criar mais tarefas de inclusão".

Este recorte revela o posicionamento crítico por parte da licencianda. A estudante apresenta uma lacuna formativa comum: a tendência de planejar atividades didáticas com base em um modelo de estudante "padrão", sem considerar a diversidade da sala de aula. Ao afirmar "*não pensamos se haverá algum aluno com deficiência*", a estudante reconhece que a inclusão ainda não faz parte do seu repertório de planejamento, o que pode dar indícios de que, até aquele momento, a formação inicial não tem dialogado de maneira transversal, com uma perspectiva inclusiva em suas práticas pedagógicas. Trata-se de uma crítica importante à formação docente tradicional, ao que Borges (2024) denomina como o "currículo oculto da exclusão", no qual a diversidade é silenciada ou tratada como exceção, reforçando a ideia de que a deficiência é um elemento externo à rotina escolar. Segundo o autor, a ausência de intencionalidade inclusiva no planejamento pedagógico destaca a necessidade de formação que aborde a inclusão não como um conteúdo pontual, mas como um eixo estruturante da prática docente.

Diante dessas lacunas, as ações promovidas pelo PEMCEI, emergem como espaços formativos relevantes e complementares à formação inicial. Os eventos organizados pelo projeto, como os Ciclos de Palestras sobre Educação Matemática Inclusiva foram destacados por alguns estudantes como momentos de ampliação de discussões e de aprofundamento das reflexões sobre práticas pedagógicas mais acessíveis. Conforme aponta o relato da licencianda 3,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

"O Ciclo de Palestras sobre Educação Matemática Inclusiva da UFRB reforçou a ideia de que a inclusão é um processo contínuo, que demanda a participação de todos os envolvidos na educação. Através da troca de conhecimentos e experiências, é possível avançar na construção de uma educação matemática cada vez mais inclusiva e acessível a todos."

Ao afirmar que "*a inclusão é um processo contínuo*", o relato rompe com a noção de que bastaria adaptar conteúdos ou aplicar estratégias isoladas para garantir uma prática inclusiva. Aponta, portanto, para a necessidade de transformações constantes na cultura escolar e na formação docente (Pinto et al, 2023). O trecho também destaca a dimensão coletiva da inclusão, ao dizer que ela "demanda a participação de todos os envolvidos na educação". Isso enfatiza que o trabalho inclusivo não é responsabilidade exclusiva do professor da sala comum, do profissional do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou do coordenador pedagógico. Ao contrário, trata-se de um compromisso coletivo que demanda o envolvimento articulado de toda a comunidade escolar e acadêmica, incluindo estudantes em formação, professores, pesquisadores, gestores e famílias.

Nesta perspectiva, Espírito Santo (2025) propõe o conceito de Rede de Apoio Inclusiva do Estudante (RAI), compreendida como o conjunto de sujeitos, serviços e estratégias que oferecem suporte contínuo e compartilhado aos estudantes público- alvo da Educação Especial, contribuindo para a efetivação do direito à educação de maneira colaborativa, contextualizada e responsiva às singularidades de cada aluno. Ao destacar "*Através da troca de conhecimentos e experiências, é possível avançar*", o relato também ressalta a relevância do Ciclo de Palestras como ação extensionista que amplia a formação para além do espaço restrito da sala de aula e do currículo formal. O evento, portanto, configura-se como um espaço formativo que promove a aprendizagem compartilhada, articulando saberes entre a universidade, a escola e a comunidade. Está dimensão extensionista é essencial para consolidação da inclusão, pois cria oportunidades concretas de escuta mútua, troca de vivências e fortalecimento da relação entre teoria e prática. Uma vez que, traz a tona experiências reais e promove o diálogo entre diferentes atores educacionais, o evento permite a reflexão crítica, o contato direto com práticas pedagógicas inclusivas e a problematização de desafios enfrentados no cotidiano escolar, qualificando, assim, a formação docente inicial de forma mais situada e sensível à diversidade.

A esse respeito, a licencianda 4 reforça a importância dos eventos ao afirmar que,

"As palestras contribuíram para o aprofundamento da temática da inclusão na educação matemática, com foco na acessibilidade e nas práticas pedagógicas inovadoras."

Aqui, evidencia-se o valor formativo das ações extensionistas ao apontar que as palestras não apenas trataram da inclusão de forma superficial, mas proporcionaram um aprofundamento temático, essencial para a construção de uma docência crítica, consciente e responsiva às necessidades da diversidade. Ao indicar que houve "*aprofundamento da temática da inclusão*", o relato revela que os encontros possibilitaram uma reflexão mais densa e contextualizada sobre os desafios e possibilidades de se pensar a educação matemática numa perspectiva inclusiva. Além da escuta e da troca, o projeto

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

promove a produção de Materiais Curriculares Educativos com foco na acessibilidade, aspecto ressaltado na monografia da licencianda 5, integrante do projeto de extensão,

"Os resultados indicam a validade da intenção de construir um MCEI que desse suporte ao professor na promoção de uma aula na perspectiva inclusiva".

O trecho expressa uma implicação significativa, fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do PEMCEI, e apresenta o impacto concreto dessa iniciativa na formação docente. A fala valida a proposta central do projeto: a construção de Materiais Curriculares Educativos Inclusivos como instrumentos pedagógicos capazes de auxiliar professores na elaboração de práticas mais acessíveis e equitativas. Ao afirmar que há "validade na intenção", a autora do trabalho reconhece, com base na análise dos dados, que a elaboração do MCEI não é apenas relevante, mas necessária para apoiar o professor diante dos desafios da inclusão em sala de aula.

Essa constatação dialoga com o estudo de Gomes e Oliveira (2024), ao apresentarem que os Materiais Curriculares Educativos têm orientações sistematizadas que podem dar subsídios à formação e aprendizagem de professores, eles orientam o docente sobre o que se espera em sala de aula, indicando como conduzir determinada tarefa, abordar as ideias e estratégias dos estudantes, bem como antecipar possíveis erros e dificuldades durante a realização das atividades. Nesse sentido, reforça-se o papel da extensão universitária não apenas como espaço de disseminação de conhecimento, mas também como campo de investigação e produção de práticas pedagógicas alinhadas à realidade da escola.

Outro ponto relevante das ações do projeto é o incentivo à participação ativa dos estudantes como sujeitos da formação. A exemplo, o *licenciando 6*, também participante do projeto de extensão, relata sua experiência no II Ciclo de Palestras, afirmando que,

"[...] no II Ciclo de Palestras sobre Educação Matemática Inclusiva da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pude assistir palestras muito interessantes, destaco a palestra que fez a abertura do evento, intitulada "A Educação Matemática Inclusiva na Formação de Professores", a qual eu fui palestrante e tive a oportunidade de falar sobre a presença da Educação Matemática Inclusiva na minha formação enquanto licenciando".

Essa participação ativa demonstra o protagonismo estudantil estimulado pelas ações de extensão, fortalecendo o vínculo entre o estudante e a construção de uma docência comprometida com a equidade. De forma geral, os dados evidenciam que, apesar das fragilidades apontadas na formação inicial quanto à temática da inclusão, as ações do projeto de extensão têm contribuído para suprir parte dessas lacunas ao promover momentos de reflexão, socialização de experiências, construção coletiva de saberes e produção de Materiais Curriculares Educativos numa perspectiva Inclusiva. Esses espaços ampliam a compreensão dos licenciandos sobre a inclusão e os preparam, ainda que de forma complementar, para atuar de maneira mais consciente e responsiva frente à diversidade presente nas salas de aula. Como destacam Cruz e Glat (2014), a formação de professores deve estar comprometida com uma prática docente capaz de responder à heterogeneidade do contexto escolar, reconhecendo a inclusão

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

como responsabilidade de todos os envolvidos na educação. Nesse sentido, as vivências extensionistas apresentadas nesta seção reafirmam o papel da universidade na constituição de uma formação docente que reconhece a inclusão não como uma tarefa adicional, mas como um princípio orientador das práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A análise dos relatos de licenciandos em Matemática, envolvidos em distintas experiências de formação inicial como estágios, trabalhos de conclusão de curso e participação em projetos de extensão, possibilitou identificar cinco dimensões significativas que evidenciam tanto lacunas na formação docente quanto as contribuições efetivas do projeto de extensão Materiais Curriculares Educativos na Perspectiva Inclusiva: diálogos, construção e uso (PEMCEI). São elas: vivência e escuta ativa, troca de saberes, formação crítica, produção de materiais e protagonismo estudantil na própria formação.

Essas dimensões configuram-se como pilares mobilizados pelas ações do Projeto, que vem se consolidando como espaço coletivo de aprendizagem e reflexão na formação inicial docente. Muitos dos relatos analisados revelam, desde o início, fragilidades na estrutura curricular do curso de Licenciatura em Matemática, especialmente no que diz respeito à Educação Matemática Inclusiva. A formação em Libras, por exemplo, é frequentemente apontada como superficial e insuficiente, enquanto a ausência de debates mais aprofundados sobre inclusão é mencionada como uma lacuna formativa. Esses apontamentos, recorrentes nos relatos anteriores à vivência extensionista, funcionam como um diagnóstico dos limites do currículo frente aos desafios da inclusão.

É nesse cenário que as ações do PEMCEI ganham relevância particular. Atividades como os Ciclos de Palestras têm proporcionado experiências significativas de escuta e vivência, por meio do contato direto com professores, estudantes e pesquisadores comprometidos com a Educação Matemática Inclusiva. Tais experiências favoreceram não apenas o desenvolvimento da empatia pedagógica, mas também o reconhecimento da complexidade do cotidiano escolar e da necessidade de práticas concretas para enfrentá-lo.

A troca de saberes promovida pelas ações extensionistas destaca-se pela construção coletiva de conhecimento em espaços horizontalizados e dialógicos. Os licenciandos puderam compartilhar dúvidas, confrontar certezas e aprender com a experiência do outro. Essa vivência colaborativa também impulsionou uma formação crítica, pois ao refletirem sobre os limites de sua formação e se engajarem em práticas inclusivas, os estudantes passaram a questionar tanto o conteúdo que lhes é oferecido quanto o papel que desejam assumir como futuros docentes.

Esse movimento crítico gerou efeitos concretos, como a elaboração de tarefas inclusivas e o interesse em construir propostas didáticas mais acessíveis, especialmente por meio da produção de Materiais Curriculares Educativos Inclusivos. A construção colaborativa desses materiais, conforme aponta Silva (2024) mostrou-se uma estratégia potente para articular teoria e prática, desenvolvendo sensibilidade no planejamento acessível, além de competências técnicas e didáticas para o trabalho com a diversidade.

Os dados analisados também revelam licenciandos atuando como

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

sujeitos ativos de sua própria formação. Ao assumirem papéis de pesquisadores, autores de materiais, participantes e até palestrantes em eventos promovidos pelo projeto, deixam de ocupar apenas a posição de receptores de saberes e passam a protagonizar processos formativos. Esse envolvimento reforça o potencial da extensão universitária, quando integrada à licenciatura, de promover deslocamentos importantes na forma como os futuros professores se percebem e se posicionam frente aos seus compromissos ético-políticos com a educação de todos.

Contudo, é necessário reconhecer que tais ações, embora potentes, enfrentam limitações no contexto da formação inicial. Por vezes, as ações do projeto acabam sendo vivenciadas por um grupo restrito, gerando entraves em seu alcance e na possibilidade de promover transformações mais amplas na cultura formativa dos cursos de licenciatura. Além disso, quando tratada como uma prática pontual e não como parte estruturante da formação docente, a extensão tende a perder forças em suas ações de transformação nas práticas pedagógicas escolares (Castro, 2022). Para que cumpra, de fato, seu papel, é preciso que a extensão universitária seja articulada de maneira indissociável ao currículo, à escola e à realidade dos sujeitos que ensinam e aprendem matemática.

Assim, apesar destas lacunas, as ações promovidas pelo PEMCEI evidenciam o potencial da extensão como espaço de escuta, criação e transformação. Mais do que responder a exigências legais, trata-se de proporcionar vivências formativas que provoquem os futuros docentes a repensarem seu lugar na escola e o papel que desejam exercer diante das múltiplas formas de ser, aprender e ensinar. Formar para a inclusão, nesse horizonte, exige o compromisso ético de formar com e para a diferença, estabelecendo pontes entre o que se aprende na universidade e o que pulsa nas complexidades da vida escolar.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, F. A. Incluir na formação e formar para a inclusão: reflexões acerca das licenciaturas em Matemática. In: PRIORI, Ana; FELIPE, Danilo Araújo; PEREIRA, Mariana Jorge (org.). Conversas sobre direitos humanos e práticas educativas no espaço escolar. **Maringá: Edições Diálogos**, 2024. p. 91–105.

BORGES, F. A.; CYRINO, M. C. de C. T.; NOGUEIRA, C. M. I. **A formação do futuro professor de Matemática para a atuação com estudantes com deficiência: uma análise a partir de projetos pedagógicos de cursos**. Boletim GEPEM, [S. l.], n. 76, p. 134–155, 2020.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura). Brasília: CNE, 2024.

CASTRO, M. C. S. de. A formação inicial de professores que ensinam matemática: desafios e possibilidades pelo caminho da extensão universitária. **Revista de Educação Matemática da SBEM-SP**, São Paulo, v. 19, Edição Especial, p. 1–26, 2022. Disponível em: https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/72/72. Acesso em: 01 ago. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 abr. 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 29 jul. 2025.

COSTA, P. K. A. da; SILVA, S. de C. R. da; NORONHA, A. M. Formação Inicial de Professores de Matemática na Perspectiva da Educação Inclusiva. **REMATEC**, [S. l.], v. 16, n. 38, p. 01–18, 2021.

CRUZ, G. de C.; GLAT, R. Educação inclusiva: desafio, descuido e responsabilidade de cursos de licenciatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 34, p. 1–16, 2021.

ESPÍRITO SANTO, M. C. do. N**otas que contam, números que tocam: uma harmonia inclusiva**. 2025. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Amargosa, 2025.

GLAT, R.; PLETSCH, M. D. **Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. (Série Pesquisa em Educação).

GOMES, F. S.; OLIVEIRA, A. M. P. de. O que está implícito na recontextualização dos Materiais Curriculares Educativos de Matemática na Educação de Jovens e Adultos? **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 1–20, 2024. DOI: 10.37001/ripem.v14i1.3672. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/periodicos/index.php/ripem/article/view/3672. Acesso em: 31 jul. 2025.

MANRIQUE, A. L. **A formação de professores que ensinam matemática e a educação especial**. Ensino da Matemática em Debate, v. 1, n. 2, 2014.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: **Moderna**, 2006.

NASCIMENTO, E. A. do. **Perspectivas da formação docente no contexto da inclusão de pessoas com deficiências no ensino regular**. 2019. 55 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

PRADO, A. da S. **As imagens da prática pedagógica nos textos dos materiais curriculares educativos sobre modelagem matemática**. 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia; Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2014.

RIBEIRO, O.; SCHERRE, P. P. **Ensino, Pesquisa e Extensão na Formação Inicial: Ressignificando o princípio essencial da indissociabilidade**. In: NOVAES, M. A. B. de et al. (org.). Ensino, pesquisa e extensão na formação de professores. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2022. p. 58–70. ISBN 978-65-5376-039-4. DOI: 10.36599/qped-ed1.150.

SANTANA, T. S. **A recontextualização pedagógica de materiais curriculares educativos operada por futuros professores de matemática no estágio de regência**. 2015. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

SANTANA, T. S. **Materiais curriculares educativos inclusivos: desafios e diálogos na formação inicial de professores de matemática**. CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA – I CONEI, 2025. No prelo.

SILVA, J. L. **Material Curricular Educativo para o ensino de função: análise das percepções de um aluno com deficiência visual e de seu professor.** 2024. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Amargosa, 2024.

SILVA, A. C. da et al. Contribuições da extensão universitária para a formação inicial de professores de geografia. Anais IX CONEDU. Campina Grande: **Realize Editora**, 2023. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/98607. Acesso em: 05 ago. 2025.

SOUZA, P. de O.; RODRIGUES-MOURA, S. **A educação inclusiva e ensino da matemática. 2022**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Modalidade a Distância.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). **Resolução CONAC/UFRB n.º 57**, de 23 de maio de 2022. Dispõe sobre a aprovação das normas que disciplinam as ações de Extensão Universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e revoga a Resolução n.º 38/2017. Cruz das Almas, 25 maio de 2022. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/proexc/images/20220525111544_Resolucao_CONAC_57_2022.pdf. Acesso em: 07 ago. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
EDUCAÇÃO//

Robótica como ferramenta para introdução da Cultura Maker e programação na educação básica

MORGANA SOUSA FERNANDES
LEANDRO BRITO SANTOS
MARIANE DE JESUS BATISTA
LUCAS SANTOS REIS
NILMAR DE SOUZA

Robotics as a tool for introducing maker culture and programming in basic education

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

ARTIGO
EDUCAÇÃO //

Robótica como ferramenta para introdução da Cultura Maker e programação na educação básica

Robotics as a tool for introducing Maker Culture and programming in basic education

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
ROBÓTICA EDUCACIONAL.
STEM.
APRENDIZADO.

RESUMO A robótica educacional emerge como uma ferramenta inovadora no ensino básico, facilitando a introdução da cultura maker e a aprendizagem de programação. Com a crescente presença da tecnologia no cotidiano, torna-se essencial desenvolver habilidades em ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), bem como fomentar o pensamento crítico e a resolução de problemas. Este estudo teve como objetivo promover a robótica de forma lúdica em um contexto educacional, incentivando o interesse das crianças e oferecendo novas perspectivas em uma comunidade socialmente vulnerável. O projeto foi estruturado em três módulos: Fundamentos da Robótica, Lógica de Programação e Cultura Maker, sendo desenvolvido em uma associação no bairro da Queimadinha, Feira de Santana. As atividades envolveram conceitos de condutibilidade elétrica, sensores, e o uso de plataformas como Arduino e LEGO. Os resultados demonstraram que a abordagem contribuiu significativamente para o engajamento dos alunos, proporcionando uma base sólida para o aprendizado e o desenvolvimento de competências essenciais para os desafios do século XXI.

KEYWORDS
EDUCATIONAL ROBOTICS.
STEM.
PROGRAMMING.
LEARNING.

ABSTRACT Educational robotics is emerging as an innovative tool in primary education, facilitating the introduction of maker culture and the learning of programming. With the growing presence of technology in everyday life, it is essential to develop skills in science, technology, engineering, and mathematics (STEM), as well as foster critical thinking and problem-solving. This study aimed to promote robotics in a playful way in an educational context, stimulating children's interest and offering new perspectives in a socially vulnerable community. The project was structured in three modules: Fundamentals of Robotics, Programming Logic, and Maker Culture, and was developed at an association in the Queimadinha neighborhood of Feira de Santana. The activities involved concepts of electrical conductivity, sensors, and the use of platforms such as Arduino and LEGO. The results demonstrated that the approach contributed significantly to student engagement, providing a solid foundation for learning and developing essential skills for the challenges of the 21st century.

MORGANA SOUSA FERNANDES
Graduanda, discente UFRB.
E-mail: morganafernandes@aluno.ufrb.edu.br

LEANDRO BRITO SANTOS
Doutor, docente UFRB.
E-mail: lbsantos@ufrb.edu.br

MARIANE DE JESUS BATISTA
Graduanda, discente UFRB.
E-mail: marianebatista@aluno.ufrb.edu.br

LUCAS SANTOS REIS
Bacharel em engenharia de tecnologia assistiva e acessibilidade.
E-mail: lucasreis@aluno.ufrb.edu.br

NILMAR DE SOUZA
Doutor, docente UFRB.
E-mail: nilmar@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A educação básica desempenha um papel essencial na formação de indivíduos críticos e preparados para os desafios da sociedade contemporânea. Com a rápida evolução tecnológica, a integração de novas metodologias de ensino torna-se fundamental. A robótica educacional surge como uma estratégia inovadora que alia tecnologia e aprendizagem ativa, favorecendo a cultura *maker* e o ensino de programação. Este artigo discute a implantação de um projeto pedagógico baseado em robótica, voltado para estudantes do ensino básico em uma comunidade vulnerável, visando desenvolver habilidades em *STEM* e estimular a resolução de problemas.

Segundo a Lei nº 9.394/1996, em seu Art. 32, inciso II, o ensino fundamental é obrigatório, com duração de 9 anos, sendo gratuito, tendo por objetivo a formação básica do cidadão, assim como a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. A tecnologia por sua vez, se tornou uma ferramenta indispensável, presente em todos os setores, tornando-se impensável viver sem seu auxílio. (SOUZA; CUNHA, 2019).

Com o intuito de trabalhar com kits de robótica para introduzir a cultura *maker*, foram utilizados dois modelos de kits de robótica diferentes, sendo eles LEGO e Arduino. Com base nos valores essenciais do Grupo LEGO, a LEGO Education oferece experiências de aprendizagem lúdicas há mais de 30 anos com a missão de tornar o aprendizado divertido e impactante e criar aprendizes ativos, colaborativos e para a vida toda. Ao longo do tempo, a LEGO Education oferece uma ampla gama de materiais para pré-escolas (desde 1980), escolas de ensino fundamental e médio (desde 1982). Os materiais consistem em Manuais do Professor, Manual do Aluno e produtos psíquicos baseados em elementos LEGO que se encaixam nos requisitos curriculares (LEGO,1989).

Para educadores do ensino fundamental, médio e universitário que desejam oferecer aulas *STEAM* relevantes, divertidas e criativas, a abordagem de código aberto e o conteúdo interdisciplinar da Arduino Education são ferramentas essenciais que desenvolvem e capacitam os alunos à medida que eles progridem na educação STEAM (ARDUINO,

2021).

Sendo assim, torna-se essencial a relação intrínseca entre a tecnologia e a educação, garantindo que o aluno tenha acesso a uma educação de qualidade que o transforme em um indivíduo com plena capacidade de viver em sociedade, acompanhando as evoluções tecnológicas. A Cultura *Maker* é inspirada pelo conceito *Do-It-Yourself* (*DIY*, ou "faça você mesmo") e requer um planejamento cuidadoso, além de estratégias bem definidas. Ela motiva indivíduos a criarem seus próprios projetos de maneira prática, criativa, inovadora e intuitiva. Nesse processo, diversas tecnologias são utilizadas, como robótica, Arduino, FabLabs, impressoras 3D, softwares livres e eventos como a *Campus Party* e a Feira *Maker*, que são componentes importantes do movimento *maker*. (CARVALHO et al., 2018).

Barros (2022, p. 19) observa que a união de métodos de ensino inovadores, como o *STEM*/*STEAM*, é essencial para aprimorar os modelos educacionais tradicionais. O movimento DIY é um grande aliado ao aprendizado, já que o ambiente escolar pode tornar-se um espaço amplo para experimentação e prática do conhecimento. Atrelado a esses métodos de ensino está o *STEM*/*STEAM*, que auxilia no desenvolvimento de habilidades na área de tecnologia e das ciências a partir de materiais planejados.

A robótica possui natureza interdisciplinar e tem ganhado expressiva atenção ao longo dos anos devido à sua eficácia no campo da educação. A robótica educacional se apresenta como uma ferramenta poderosa para a construção do conhecimento e garantir a qualidade do ensino, especialmente nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática (*Science, Technology, Engineering and Mathematics* - *STEM*). Este modelo visa preparar os alunos para os desafios de um mundo hiperconectado. Além disso, em sinergia com a cultura maker, promove uma metodologia de ensino extremamente eficaz, habilitando os estudantes para futuras situações de resolução de problemas. Quando associada às disciplinas da matriz curricular, essa abordagem torna o processo de aprendizagem mais atrativo e envolvente para os alunos.

Dado o exposto, o projeto "Robótica como Ferramenta para Introdução da Cultura *Maker* e Programação na Educação Básica", realizado no bairro da Queimadinha, em Feira de Santana, e intermediado pela associação do bairro, teve como objetivo proporcionar aos participantes novas experiências, potencializando alternativas para um futuro profissional. Isso se faz especialmente relevante em uma comunidade marcada pela violência. No projeto, foram apresentados conceitos básicos de robótica e lógica de programação, incentivando os alunos a aplicarem o que aprenderam para pensar em soluções para problemas cotidianos que eles identificaram em suas vidas.

METODOLOGIA A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda a necessidade de promover um ensino voltado para a realidade dos alunos e para a utilização das tecnologias. Destacando a criação de tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética para resolver problemas e construir conhecimento. (BRASIL, 2017)

Com a ideia de promover o ambiente de ensino detalhado pela BNCC, o processo metodológico aplicado consistiu na divisão do projeto

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

em três módulos: Fundamentos da Robótica, Lógica de Programação e Cultura *Maker*. Desse modo, houve uma melhor organização e direcionamento de quais atividades seriam aplicadas para avaliar o desempenho da turma. Cada módulo abordou aspectos específicos por meio de atividades práticas e interativas.

No primeiro módulo, os conceitos de robótica e eletrônica básica foram trabalhados de forma lúdica, por meio de atividades práticas. Os componentes utilizados incluíram uma placa Arduino, LEDs, resistores, sensores, massinha de modelar e um buzzer. As principais atividades envolveram a montagem de um circuito de semáforo, que foi relacionado à experiência de condutibilidade elétrica usando massinha de modelar. Além disso, a construção de um labirinto elétrico serviu para estimular a compreensão do conceito de circuito e a interação entre os componentes utilizados.

No módulo lógica de Programação as atividades propostas foram iniciadas apresentando lógica condicional "se, então", fazendo uso de quebra cabeças criados no Centro de Ciência de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS). A atividade foi planejada para que os alunos utilizassem peças que representassem condições e consequências, estimulando o raciocínio lógico em uma aula. Além dessa atividade os alunos foram levados ao CETENS para explorar a plataforma do scratch enquanto construíam um jogo com a programação em blocos criando uma lógica simples utilizando esses elementos.

O terceiro módulo a proposta foi estimular o raciocínio lógico e o trabalho em equipe entendendo que essa é a ideia da cultura *maker*. A atividade foi realizada utilizando cartas que destacavam as diferenças, semelhanças e possibilidades de criação com LEGO e Arduino. O objetivo era ajudar os participantes a compreenderem as características de cada material e os diferentes níveis de dificuldade envolvidos em seus usos. Na atividade prática de construção de um ventilador, o foco era permitir que eles explorassem a criação de forma independente, comparando as etapas e desafios de trabalhar com LEGO e Arduino. Assim, os alunos perceberam que é possível criar soluções funcionais enquanto aprendem e se divertem.

Riikonen et al. (2020) afirmam que a interação social não é a única que afeta a natureza da colaboração, mas também as ferramentas, espaços e materiais disponíveis, que são igualmente importantes para o desempenho das atividades. Entendendo esses desafios a metodologia adotada foi pensada e adaptada de acordo com as demandas e desafios enfrentados durante o projeto. Esses ajustes foram realizados em reuniões semanais entendendo a realidade e as ferramentas disponíveis para a realização do projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO A BNCC discorre a respeito da educação básica definindo normas para garantir o ensino progressivo de aprendizagens essenciais assegurando o direito das crianças, jovens e adultos, preocupando-se em adaptar a metodologia de ensino de acordo com a realidade. Conforme estabelecido pela BNCC (BRASIL, 2017), no artigo 4, item 2, ressalta-se a importância de:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2017).

As mudanças e avanço tecnológicos ocorrem de forma muito rápida e há a necessidade de acompanhar essas mudanças em todos os contextos principalmente o educacional com ênfase na educação básica. Segundo Sales, Brasileiro, Castro e Vasconcelos (2023, p. 447):

Em meio às mudanças advindas com a modernidade, temos as tecnologias incorporadas na sociedade atual, que é cada vez mais digital, móvel e conectada. Portanto, não há como pensá-las senão fazendo parte das atividades pedagógicas e curriculares da sala de aula. (SALES, BRASILEIRO, CASTRO e VASCONCELOS 2023,p. 447).

Entendendo que a afirmação desses autores é uma análise essencial para entender o panorama e as mudanças e desafios da atualidade, faz-se necessário analisar as abordagens metodológicas aplicadas e perceber que as metodologias tradicionais já não se mostram eficientes e eficazes na transmissão de conhecimento. Os autores Filatro e Cavalcanti (2022) afirmam que:

As metodologias ativas propõem um tipo de inovação incremental que pode ser adotado dentro do circuito escolar-universitário, sem desorganizar a estrutura clássica das instituições de ensino [...] O movimento maker é uma perspectiva ativa de aprendizagem centrada no conceito de aprendizagem experiencial. Maker é uma pessoa que participa ativamente de todo o processo de fabricar um objeto com as próprias mãos (FILATRO e CAVALCANTI, 2022, p. 24, 60).

Pensando na perspectiva dos avanços ocorridos ao longo dos anos, há um engajamento para construir e garantir aprendizagens significativas baseado em metodologias *STEAM* através da cultura maker, em que o aluno deixa de ser apenas um receptor passivo e passa a participar ativamente de atividades em grupo, como afirmam Rocha et al. (2023, p. 7) sobre Papert, idealizador da robótica educacional.

A idealização do Construcionismo, por Papert, e suas experiências possibilitou trazer para a sala de aula atividades práticas envolvendo tecnologias inovadoras, que antes pareciam inalcançáveis, ou possíveis apenas em filmes de ficção científica, demonstrando o quanto a criança pode ser capaz de produzir conhecimento, por intermediação do uso de ferramentas cibernéticas com o fim de garantir as aprendizagens (ROCHA et al. 2023,p. 7).

As Metodologias de Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL) e *STEAM*, são essenciais e seguem os conceitos do construcionismo de Papert. No entanto, a robótica educacional não foi implementada nos currículos do ensino fundamental e médio uma vez que o método tradicional de ensino ainda é muito presente nas instituições de ensino. Magrin *et al*, (2022), ressalta que:

[...] Apesar de muitas escolas ainda praticarem o método tradicional de ensino, a aplicação de metodologias ativas têm sido um grande aliado na evolução da aprendizagem e a tecnologia não pode mais ficar fora deste contexto, visto que ela faz parte do nosso cotidiano desde a primeira infância, podendo ser aplicada em diferentes metodologias e integrando alunos e disciplinas distintas, como é o caso das metodologias PBL e STEAM (MAGRIN et al, 2022).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

As atividades propostas neste projeto foram desenvolvidas e pensadas para que a cultura maker, sendo introduzida pela robótica educacional e programação fossem metodologias que se mostrassem eficientes e eficazes em sua aplicação. Os resultados serão apresentados no próximo tópico discutindo sobre as metodologias ativas e as dificuldades encontradas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES Neste tópico, serão apresentadas as análises sobre os módulos: Fundamentos da Robótica, Lógica de Programação e Cultura *Maker*, de forma individual, onde as atividades realizadas serão detalhadas de modo que se compreenda o que foi executado com facilidade e o que necessitava de adaptações considerando o ambiente, as condições e o tempo disponível para sua realização. Será debatido também o que foi abordado pela literatura dos autores anteriormente citados e o que pode ser confirmado a partir das análises já realizadas pelos estudiosos mencionados neste artigo.

Os resultados demonstraram um aumento significativo no engajamento dos alunos e na compreensão dos conceitos *STEM*. Os participantes relataram maior interesse em atividades tecnológicas e uma melhor compreensão da relação entre teoria e prática. Esses achados estão alinhados com estudos anteriores (FILATRO; CAVALCANTI, 2022), que destacam a cultura *maker* como uma metodologia eficaz no ensino de ciências exatas. Apesar do sucesso da abordagem, desafios como a falta de infraestrutura e recursos adequados foram identificados, indicando a necessidade de investimentos em tecnologia educacional.

Fundamentos da robótica

Durante o primeiro módulo as atividades foram realizadas diante de um esforço contínuo para que as abordagens práticas e interativas fossem integradas aos conceitos da robótica.

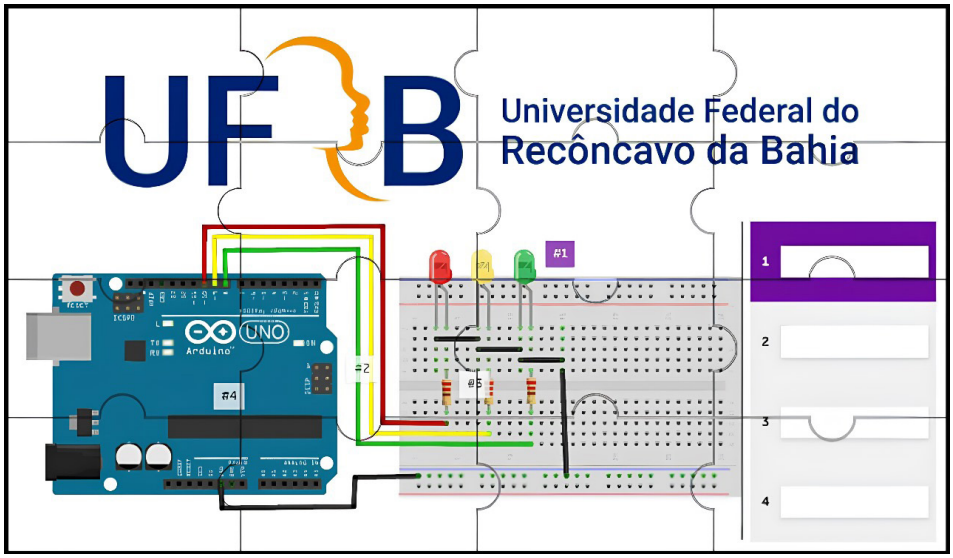
As atividades práticas são fundamentais para obter a atenção dos discentes e construir uma metodologia eficiente de comunicação. Assim, é importante adaptar as estratégias de ensino para viabilizar uma discussão efetiva com os participantes sobre os fundamentos da robótica. Na aula inaugural foi trazida a proposta de introdução ao arduíno por meio da montagem de um circuito de semáforo servindo para traçar um paralelo e aproximar as crianças aos conceitos básicos da robótica. A progressão das atividades consistiram em fazer o uso de massinha de modelar para ensinar sobre condutibilidade elétrica, já enfrentando os desafios iniciais relacionados a polaridade dos LEDs e promovendo a correção por tentativa e erro.

Uma abordagem lúdica foi introduzida com o labirinto elétrico, que reforçou o conceito de circuito e ajudou a superar dificuldades observadas em atividades anteriores. Nesse contexto, os alunos também aprenderam sobre polarização e a importância de conexões adequadas. O aprendizado foi complementado com um quebra-cabeça de circuito Arduino, Figura 1a, que estimulou a reflexão e desafiou os participantes a identificarem componentes e suas funções.

O encerramento do módulo incluiu uma visita ao campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - CETENS, onde os recursos de robótica foram apresentados, juntamente com a realização de um jogo da memória, Figura 1b, que reforçou a nomenclatura dos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

componentes eletrônicos, essa atividade foi realizada no laboratório de informática do campus e evidenciou como os alunos se desempenhavam com a presença de recursos tecnológicos a disposição. Todas as atividades foram realizadas com sucesso, demonstrando que os alunos estavam progredindo em relação aos assuntos apresentados e aptos para novos conceitos dos próximos módulos.



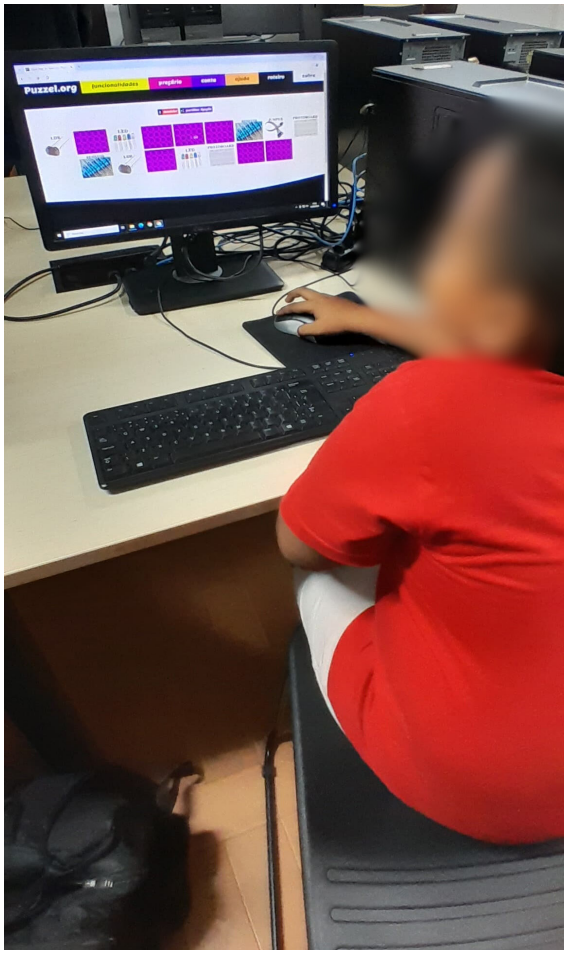


FIGURA 1–A) QUEBRA CABEÇA DO CIRCUITO DE SEMÁFORO ARDUINO B) ALUNO CONCENTRADO JOGANDO JOGO DA MEMÓRIA NO COMPUTADOR, COM CARTAS ROXAS NA TELA./ FONTE: O AUTOR (2025)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Os resultados obtidos evidenciam um progresso significativo na compreensão prática e teórica dos temas propostos. As dificuldades enfrentadas foram superadas por meio de metodologias adaptativas, enquanto o engajamento e o desempenho dos alunos melhoraram com a continuidade das atividades, havendo sugestão dos alunos para atividades para os módulos seguintes, comprovando que, ao realizar o estímulo necessário para que o aluno migre de uma atuação passiva para ativa, ajuda no desenvolvimento e compreensão da atividades, de forma que o ele consiga em seu cotidiano solucionar os desafios a partir dos recursos disponíveis. Essa observação é reforçada por Filatro e Cavalcanti (2022) que enfatizavam sobre uma perspectiva de aprendizagem centrada principalmente na aprendizagem experimental como é o caso da cultura *maker*.

Lógica de programação

No segundo módulo: "Lógica de Programação", foi criado um jogo de quebra cabeça, Figura 2, para ilustrar a lógica de *IF/ELSE* (se, então). O plano da atividade era explorar conceitos de lógica condicional, ajudando os alunos a compreenderem e aplicarem decisões básicas em condições específicas, assim visando ensinar a lógica condicional "se, então", onde os alunos montam peças que representam condições e consequências, estimulando o raciocínio lógico.

As atividades subsequentes foram a criação de um caça-palavras,com nomes de componentes em que eles encontraram os nomes de todos os componentes já trabalhados em aulas anteriores e posteriormente deveriam criar uma lógica utilizando pelo menos dois componentes de sua escolha para resolver alguma situação que eles considerassem um problema ou que poderia ser melhorada fazendo uso dos componentes escolhidos por eles. Na atividade da construção do jogo com a plataforma scratch, os alunos foram incentivados a explorar a plataforma enquanto construíam um jogo com a programação em blocos, criando uma lógica simples utilizando esses elementos. Essa atividade também foi realizada no CETENS sendo necessário o deslocamento dos alunos até a universidade uma vez que na Associação não havia recursos disponíveis para trabalhar com os alunos. Situação esta que é ressaltada por Riikonen *et al*. (2020) quando afirmam que além da interação social outros fatores podem afetar o desempenho das atividades, deixando evidente que para haver uma boa aplicação e obter bons resultados é necessário que recursos que vão além da interação.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

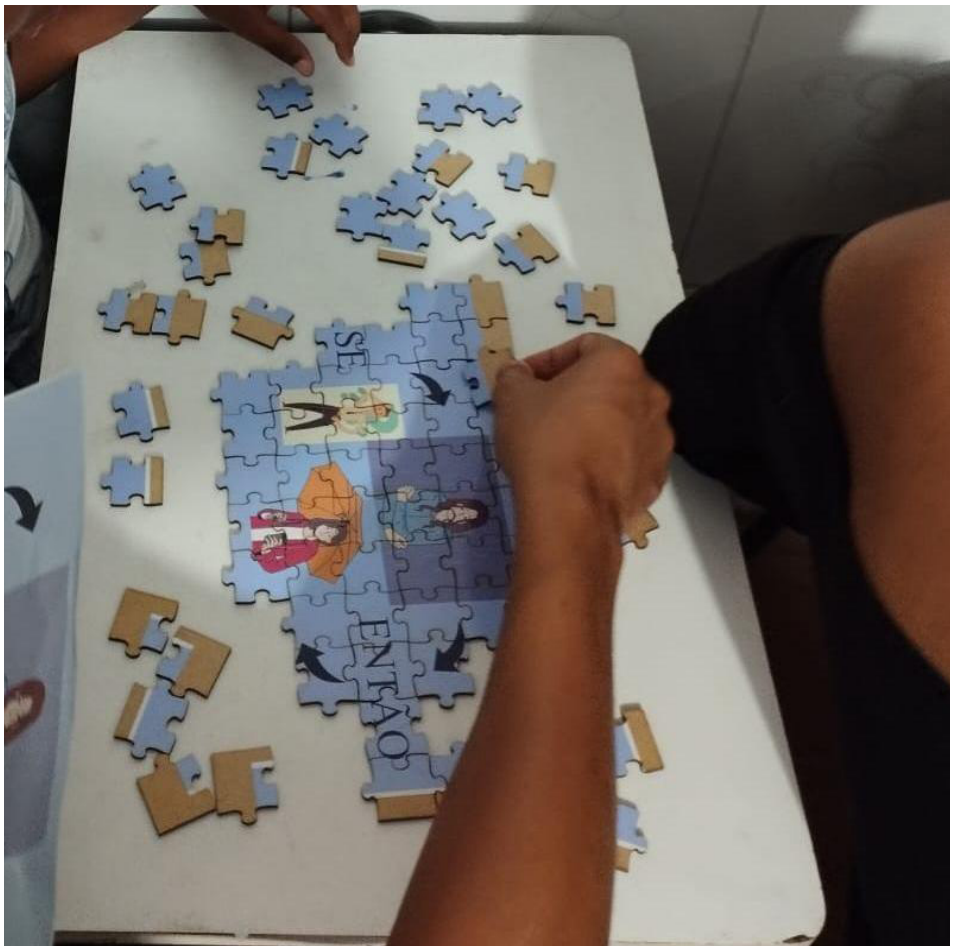


FIGURA 2–ALUNO RESOLVENDO QUEBRA CABEÇA COM A LÓGICA IF/ELSE (SE, ENTÃO) AUXILIADO POR UMA VOLUNTÁRIA. / FONTE: O AUTOR (2025)

Cultura maker

A cultura *maker* já estava inserida no primeiro e segundo módulo, mas o terceiro módulo foi dedicado para colocar todo o conhecimento em prática, buscando reforçar conceitos que ainda causavam dúvidas e estimulando o trabalho em equipe. As atividades escolhidas foram o Jogo de cartas sobre semelhanças e diferenças entre LEGO e Arduino, Figura 3a, facilitando a compreensão das características de ambas as plataformas, promovendo a comparação de forma interativa, jogo verdadeiro ou falso sobre LEGO e Arduino, enriqueceu o aprendizado, em que consolidou informações sobre as duas tecnologias, ajudando os alunos a reterem o conteúdo de forma lúdica.

As atividades foram realizadas utilizando cartas que destacavam as diferenças, semelhanças e possibilidades de criação com LEGO e Arduino. O objetivo era ajudar os participantes a compreenderem as características de cada material e os diferentes níveis de dificuldade envolvidos em seus usos.

O módulo foi finalizado com uma atividade prática de construção de um ventilador, Figura 3b, o foco foi permitir que eles explorassem a criação de forma autônoma, comparando as etapas e desafios de trabalhar com LEGO e Arduino. Assim, os alunos perceberam que é possível criar soluções funcionais enquanto aprendem e se divertem, ou seja quando Magrin *et al*, (2022) afirma que a aplicação de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

LEGO: Só funciona com peças LEGO **Arduino:** Funciona com várias peças diferentes.	**LEGO:** Vem com kits prontos **Arduino:** Você monta do seu jeito.	LEGO	LEGO
		ARDUINO	ARDUINO

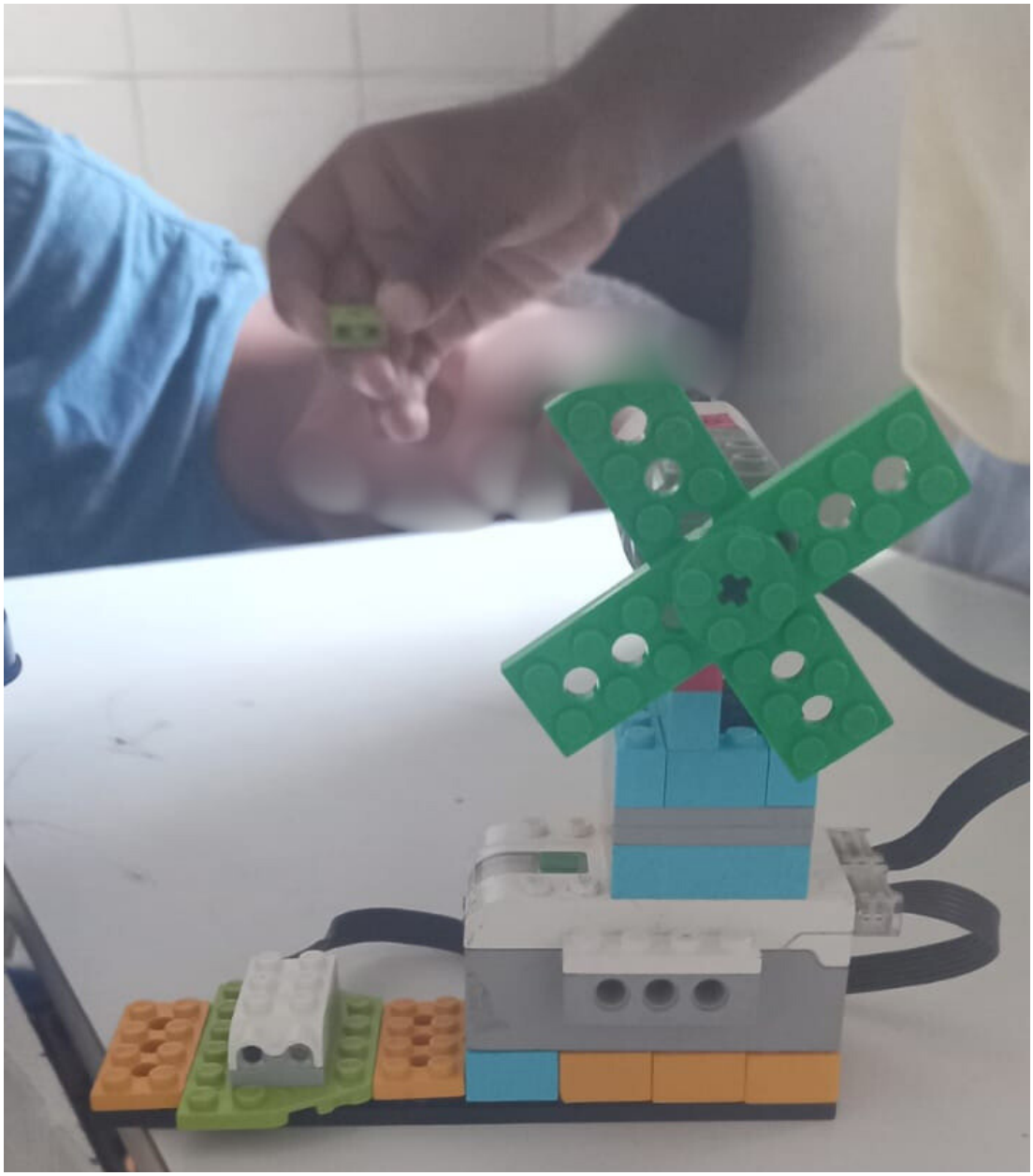


FIGURA 1–A) CARTAS CRIADAS APRESENTANDO SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE LEGO E ARDUINO. B) ALUNOS REALIZANDO A MONTAGEM DE UM VENTILADOR COM PEÇAS LEGO./ FONTE: O AUTOR (2025)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

metodologias ativas têm sido um grande aliado na evolução da aprendizagem, significa dizer que é uma ótima ferramenta para construir o saber e desenvolver o ensino-aprendizagem de forma leve e lúdica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Este estudo demonstrou que a robótica educacional integrada à cultura maker é uma abordagem eficiente para o ensino básico, promovendo maior engajamento e aprendizado significativo. A implementação do projeto em uma comunidade vulnerável destacou a necessidade de iniciativas semelhantes em ambientes de baixa infraestrutura. Para futuras pesquisas, recomenda-se avaliar o impacto a longo prazo dessas metodologias no desempenho acadêmico dos alunos e explorar novas estratégias para otimizar a aplicação da robótica educacional em diferentes contextos.

A educação básica é fundamental para o desenvolvimento de pessoas capazes de resolver problemas com criatividade, gerando processos concretos que proporcionam maior aprendizagem e melhor formação profissional. A atividade extensionista alcançou seu objetivo de aproximar docentes, discentes e a comunidade externa do tema proposto, além de introduzir, de forma lúdica, a cultura maker e a robótica. Essa abordagem despertou o interesse das crianças e ofereceu uma nova perspectiva frente à realidade de uma comunidade marcada pela violência.

O projeto criou uma base sólida para continuidade, mas é essencial que ações voltadas ao aprendizado lúdico e eficiente sejam implementadas com inovação e uso consciente das tecnologias educacionais. A metodologia da cultura maker, integrada a outras disciplinas, é uma ferramenta transformadora, desde que aplicada com incentivos financeiros adequados e adaptada à realidade de cada contexto.

Desse modo, a atividade mostrou que é importante haver novas abordagens de ensino, abandonando o modelo de ensino tradicional enraizado colocando o aluno como o protagonista da própria aprendizagem. Sendo necessário também um educador maker para potencializar a cultura da inovação para haver outros professores que façam a promoção da inovação e formem futuros educadores.

Agradecemos a UFRB pelo apoio financeiro do projeto.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878
27ª ED. VOL. 1 2026
REC

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

ARDUINO. **Sobre o Arduino**. 2025. Disponível em: https://www.arduino.cc/en/about#edu. Acesso em: 28 fev. 2025.

BARROS, Maria Isabela de Souza. **A cultura maker como facilitadora no processo de ensino-aprendizagem de lógica de programação**: uma sequência didática através do uso de robótica. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br. Acesso em: 16 jan. 2025.

CARVALHO, Ana Beatriz Gomes; BLEY, Dgamar Pocrifka. Cultura maker e o uso das tecnologias digitais na educação: construindo pontes entre as teorias e práticas no Brasil e na Alemanha. **Revista Tecnologias na Educação**, v. 26, p. 21–40, 2018.

FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina. **Metodologias inov-ativas**. 2. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022.

LEGO. **G-LEGO Education**. 2021. Disponível em: https://www.lego.com/en-us/history/articles/g-lego-education. Acesso em: 28 fev. 2025.

MAGRIN, Carlos Eduardo et al. Promovendo a aprendizagem da robótica nas escolas com metodologias ativas e o desenvolvimento de um robô móvel acessível para redução das desigualdades sociais. **Cadernos de Tecnologia e Ciência**, v. 13, p. 212–219, 2022. DOI: 10.14210/cotb.v13.p212-219.

RIIKONEN, S. M. et al. The development of pedagogical infrastructures in three cycles of maker-centered learning projects. **Design and Technology Education: An International Journal**, v. 25, n. 2, 2020. DOI: 10.24377/DTEIJ.article1278.

ROCHA, Erimar Pereira da et al. A robótica na educação básica: perspectivas curriculares e qualidade de ensino. **Revista Foco**, Curitiba, v. 16, n. 9, p. 01–11, 2023.

SALES, G. Felismino et al. Cultura maker no ensino de Ciências na educação básica: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Educar Mais**, v. 7, p. 444–459, 2023. DOI: 10.15536/reducarmais.7.2023.3120.

SOUZA, Karla; CUNHA, Mônica Ximenes Carneiro da. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, p. 204–217, 2019.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
TECNOLOGIA E
PRODUÇÃO //

Kombi Sollar: uma experiência itinerante de educação ambiental e tecnologias sustentáveis

ROBERTO JOSÉ BATISTA CÂMARA
GABRIELE COSTA GONÇALVES DANTAS
UESLEI SANTANA DOS SANTOS
HENRIQUE CERQUEIRA LIMA SILVA
FILLIPE VALENTE BRAZ

Kombi Sollar: an itinerant experience of environmental education and sustainable technologies

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

ARTIGO
TECNOLOGIA E PRODUÇÃO //

Kombi Sollar: uma experiência itinerante de educação ambiental e tecnologias sustentáveis

Kombi Sollar: an itinerant experience of environmental education and sustainable technologies

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
SUSTENTABILIDADE.
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
ENERGIA SOLAR.
EDUCAÇÃO AMBIENTAL.
TECNOLOGIA SOCIAL.

RESUMO O projeto de extensão Kombi SolLar visa promover a conscientização ambiental e a difusão de práticas sustentáveis por meio de uma unidade móvel equipada com tecnologias de energia solar fotovoltaica. A iniciativa consiste na conversão de uma Kombi em um laboratório itinerante que percorre escolas, praças e eventos, realizando oficinas, palestras e demonstrações sobre energias renováveis, reaproveitamento de resíduos e sustentabilidade. O projeto oferece uma abordagem prática e acessível de educação ambiental, com foco em comunidades escolares e públicas diversas. Este artigo relata os objetivos, metodologia, experiências práticas e impactos sociais do projeto, reforçando a importância das ações extensionistas para a transformação socioambiental.

KEYWORDS
SUSTAINABILITY.
UNIVERSITY EXTENSION.
SOLAR ENERGY.
ENVIRONMENTAL EDUCATION.
SOCIAL TECHNOLOGY

ABSTRACT The Kombi SolLar extension project aims to promote environmental awareness and the dissemination of sustainable practices through a mobile unit equipped with photovoltaic solar energy technologies. The initiative involves converting a van into a traveling laboratory that visits schools, public squares, and events, offering workshops, lectures, and demonstrations on renewable energy, waste reuse, and sustainability. The project provides a practical and accessible approach to environmental education, targeting diverse school and public communities. This paper reports the project's objectives, methodology, practical experiences, and social impact, highlighting the importance of extension activities for socio environmental transformation.

ROBERTO JOSÉ BATISTA CÂMARA
Doutor, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: robertocamara@ufrb.edu.br

GABRIELE COSTA GONÇALVES DANTAS
Doutora, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: gabicg@ufrb.edu.br

UESLEI SANTANA DOS SANTOS
Graduando no Bacharelado em Energia e Sustentabilidade, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: ueslei@aluno.ufrb.edu.br

HENRIQUE CERQUEIRA LIMA SILVA
Bacharel em Energia e Sustentabilidade; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.
E-mail: henriquelimasc@aluno.ufrb.edu.br

FILLIPE VALENTE BRAZ
Engenheiro de Energias; Aurion Solar.
E-mail: fvbraz@hotmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A crise ambiental que atravessa o século XXI é marcada pela intensificação das mudanças climáticas, degradação dos ecossistemas e crescente desigualdade socioambiental. Esses desafios evidenciam a urgência da construção de alternativas sustentáveis que envolvam a sociedade como um todo. Nesse contexto, a educação ambiental desponta como uma ferramenta essencial para a formação de cidadãos críticos, conscientes e engajados com a transformação da realidade.

As instituições de ensino superior têm o dever social de contribuir com soluções inovadoras para os problemas que afetam suas comunidades, e a extensão universitária se apresenta como um dos principais instrumentos para concretizar esse compromisso. Ao promover a integração entre o saber acadêmico e os saberes populares, a extensão fortalece a função social da universidade e contribui para a democratização do conhecimento.

O projeto Kombi SolLar surge nesse cenário como uma proposta concreta de enfrentamento das questões ambientais e de popularização de tecnologias sustentáveis. A iniciativa visa não apenas informar, mas transformar: despertar o senso de pertencimento, responsabilidade e protagonismo dos sujeitos frente aos desafios ambientais locais e globais. Através de uma estrutura móvel, interativa e autossuficiente, o projeto leva a educação ambiental a espaços muitas vezes desassistidos, conectando teoria e prática em experiências significativas.

O presente artigo tem por objetivo relatar a trajetória do projeto Kombi SolLar, suas bases teóricas, estratégias metodológicas, impactos alcançados e perspectivas futuras, reafirmando a importância da extensão como agente de transformação social e ecológica.

METODOLOGIA A metodologia adotada no projeto Kombi SolLar foi estruturada em três eixos: planejamento técnico, formação da equipe executora e execução itinerante das atividades.

No eixo técnico, foi realizada a conversão da Kombi em um veículo autônomo com capacidade para operar com energia solar fotovoltaica. Para isso, instalou-se no bagageiro do veículo um sistema composto

por um painel solar, controlador de carga, bateria estacionária e um inversor de tensão, criando um sistema off-grid funcional. Esse sistema fornece energia suficiente para alimentar os eletrodomésticos da kombi que são: frigobar, fogão elétrico, bomba de água para alimentação da pia, iluminação interna de led e por fim uma tomada para carregamento de computador e celular.

O interior da Kombi ainda foi adaptado para receber uma cama com capacidade para duas ou três pessoas. Além disso, são transportados materiais didáticos, painéis de demonstração, estrutura para atividades práticas e espaço para pequenos grupos em oficinas presenciais. Toda a estética visual do veículo também foi pensada com caráter educativo, exibindo mensagens, infográficos e informações ambientais em sua pintura externa.

No eixo formativo, a equipe extensionista – composta por professores e estudantes do curso de Engenharia de Energias – participou de reuniões periódicas, minicursos e capacitações internas. Esses encontros prepararam os bolsistas e voluntários para atuarem como facilitadores das oficinas e agentes multiplicadores nas comunidades, com domínio técnico, sensibilidade didática e abordagem interdisciplinar.

Na execução, o projeto definiu um roteiro de visitas mensais a escolas públicas e particulares das zonas urbanas e rurais, praças, feiras comunitárias e eventos educacionais, priorizando regiões com baixos indicadores socioambientais. Cada atividade envolvia desde a montagem da estrutura até a realização de oficinas temáticas, rodas de conversa, exibição de vídeos educativos, simulações de consumo energético e jogos pedagógicos.

A avaliação foi realizada de forma qualitativa e participativa, por meio de registros fotográficos, formulários de opinião, observações in loco e relatórios reflexivos elaborados pelos membros da equipe. Esse material foi essencial para o aprimoramento contínuo das ações, permitindo identificar demandas locais, ajustar metodologias e potencializar os resultados.

REFERENCIAL TEÓRICO A fundamentação teórica do projeto Kombi SolLar baseia-se na convergência entre educação ambiental crítica, tecnologia social e extensão universitária transformadora. Esses três pilares fornecem o arcabouço necessário para compreender o papel ativo da universidade na promoção da sustentabilidade e no enfrentamento das desigualdades socioambientais.

A educação ambiental crítica, conforme Loureiro (2012), propõe uma abordagem política, dialógica e emancipatória da questão ambiental, indo além da perspectiva conservadora e utilitarista do meio ambiente. Nessa concepção, a educação ambiental é orientada pela análise das causas estruturais dos problemas ambientais e pela transformação das relações sociais que os produzem.

Freire (1996), ao defender uma pedagogia da autonomia e do diálogo, contribui significativamente para essa perspectiva. A educação libertadora se realiza na prática consciente e crítica da realidade, o que se coaduna com o objetivo do projeto ao provocar o engajamento comunitário e o protagonismo dos sujeitos na construção de alternativas sustentáveis.

A tecnologia social é outro conceito central. Dagnino (2004)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

define-a como o conjunto de produtos, técnicas e metodologias reaplicáveis, desenvolvidas com a participação da comunidade e que representem soluções efetivas para inclusão social. Diferente da tecnologia convencional, que frequentemente reforça padrões de exclusão, a tecnologia social parte de uma lógica colaborativa, comprometida com a transformação social.

Sachs (2004) defende que o desenvolvimento sustentável só se realiza com a integração das dimensões ambiental, social, econômica e cultural, o que exige uma profunda mudança nos padrões de produção, consumo e distribuição. Nesse contexto, a democratização do conhecimento técnico e científico é essencial para viabilizar a transição ecológica em larga escala.

A proposta também se inspira na "ecologia de saberes" de Santos (2006), que reforça a ideia de que não há uma hierarquia entre os diferentes modos de conhecimento. O diálogo entre o saber acadêmico e os saberes tradicionais é fundamental para construir soluções contextualizadas e socialmente legítimas.

Por fim, segundo a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), a extensão deve ser compreendida como um processo educativo que promove o intercâmbio entre universidade e sociedade. O projeto Kombi SolLar insere-se nesse contexto ao promover ações que articulam ensino, pesquisa e extensão com foco no enfrentamento das desigualdades socioambientais.

Nos últimos anos, a literatura tem apontado o potencial da energia solar e das tecnologias sustentáveis no combate às desigualdades e à exclusão digital. Segundo Rodrigues et al. (2024), experiências no Sul Global demonstram que a energia solar, quando aliada a projetos educacionais, impacta positivamente indicadores sociais, especialmente em regiões periféricas.

David et al. (2024) destacam o crescimento de iniciativas de geração distribuída e projetos solares flutuantes, reforçando a importância de soluções descentralizadas em comunidades de baixa renda. De acordo com Turner et al. (2023), projetos educacionais com foco em energia solar têm gerado efeitos positivos em ambientes escolares, promovendo maior engajamento e desempenho dos estudantes.

Muniz et al. (2025) relataram que a introdução de compostagem em escolas, junto a conteúdos de educação ambiental crítica, estimula a autonomia estudantil e o engajamento com práticas sustentáveis. Paganelli et al. (2019) mostram que o uso de gamificação e Internet das Coisas no ensino de energia contribui para ampliar a participação dos alunos no processo educativo.

A realidade virtual também tem sido utilizada como ferramenta para formação em energia solar. Estudo de Alqallaf e Ghannam (2024) mostrou que simulações em ambientes virtuais aumentam a retenção de conhecimento e interesse dos participantes.

Gonçalves et al. (2023) reafirmam que práticas de extensão rural com base em tecnologias sociais têm ampliado a soberania energética e alimentar em comunidades do semiárido. Já Campello (2024) analisa os desafios políticos que ainda limitam a expansão de soluções solares em escala nacional.

A experiência brasileira Revolusolar, documentada por fontes como a Reuters (2024), demonstra que a união entre energia limpa,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

educação e empoderamento comunitário em favelas urbanas pode inspirar políticas públicas de maior escala.

Assim, o projeto Kombi SolLar articula práticas pedagógicas interativas, tecnologia social e sustentabilidade, contribuindo para a formação de indivíduos ecológicos e para a democratização da ciência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos resultados do projeto Kombi SolLar permitiu identificar impactos positivos em quatro dimensões principais: técnica, pedagógica, social e institucional.

Na dimensão técnica, observou-se que o sistema fotovoltaico instalado na Kombi apresentou desempenho estável e confiável durante as visitas realizadas. A autonomia energética do veículo permitiu a realização de atividades em locais sem infraestrutura elétrica adequada, demonstrando a viabilidade de sistemas off-grid para fins educativos e sociais.

Dentre as atividades desenvolvidas na execução do projeto até o momento destacaram-se quatro exposições/apresentações.

1. Feira Internacional de Petróleo, Gás e Energia (BOGE 2025 – Bahia Oil Gas Energy 2025). Bahia Oil & Gas Energy é um evento internacional com foco no setor de petróleo e gás do Norte/Nordeste do Brasil, que aborda assuntos relevantes das etapas de exploração e produção, transporte, refino, petroquímica, naval e integração energética. O evento promoveu um ambiente de negócios setorial com conferências, área de exposição, encontros de negócios e arenas temáticas. Segundo informações do site Bahia Oil & Gas Energy (2025) a edição deste ano que ocorreu entre os dias 28 e 30 de maio, contou com a presença de mais de 250 expositores e um público maior que 12 mil pessoas. A Kombi SolLar ficou exposta na asa sul do centro de convenções de Salvador, conforme registrado na Figura 01.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 1– PROJETO KOMBI SOLLAR NO BOGE 2025./ FONTE: AUTOR (2025).

Nessa exposição o coordenador e os integrantes do projeto ficaram durante os dias da feira apresentando o projeto aos transeuntes. Foram registradas mais de 200 visitas durante a exposição.

2. Feira de Empreendedorismo do Senai Dendezeiro – A Kombi SolLar ficou exposta durante todo o dia 06 de junho durante este evento. Além de discentes dos cursos profissionalizantes da instituição, como os do curso de instalador de placas solares, o projeto foi visitado por dezenas de estudantes secundaristas. Esse evento apresentou aos participantes os principais conceitos do empreendedorismo moderno, e seu papel como alternativa e complemento a inserção no mercado de trabalho.

3. Colégio Estadual Odorico Tavares – No dia 10 de julho o projeto foi apresentado nessa escola estadual no município de Feira de Santana. As turmas de terceiro ano foram divididas durante o período da manhã e foi realizada uma apresentação sobre fontes energéticas renováveis, não renováveis e transição energética. Após as palestras, os grupos de alunos foram direcionados a Kombi para a visitação.

4. Colégio Contemporâneo – No dia 14 de julho o projeto visitou o Colégio Contemporâneo no município de Cruz das Almas, Bahia. Os alunos do sétimo, oitavo e nono ano tiveram um momento inicial com a equipe do projeto. Nessa atividade foram apresentados conceitos de transição energética, energias renováveis, não renováveis e a situação atual do estado da Bahia na produção de energias renováveis e sustentabilidade. Essa atividade foi realizada em sala de áudio visual da escola.

Após cada apresentação da equipe, as turmas divididas seguiam para a apresentação do veículo. Os discentes da UFRB explanaram sobre todo o processo de elaboração dos cálculos e dimensionamento do sistema solar off grid. Além disso mostravam aos estudantes a placa solar localizada no bagageiro e todo o processo como a energia elétrica era gerada e armazenada na bateria estacionária. Os posters com o nome do projeto e todo o seu desenvolvimento ficaram expostos por todo tempo e foram fundamentais para o entendimento dos alunos.

Do ponto de vista pedagógico, os encontros foram desenvolvidos com materiais interativos, simulações e kit solar, proporcionando uma aprendizagem significativa. A receptividade dos estudantes, especialmente no ensino fundamental e médio, indicou um aumento na curiosidade científica e no interesse por práticas sustentáveis. Professores relataram maior envolvimento dos alunos após as visitas, motivando discussões em sala sobre meio ambiente e tecnologia.

Na dimensão social, o projeto atendeu mais de centenas de pessoas nas comunidades em que foram realizadas as exposições e visitas. Houve ainda fortalecimento das redes de apoio comunitário e parcerias com organizações não governamentais, secretarias municipais e estaduais e movimentos sociais.

Na dimensão institucional, a iniciativa promoveu a articulação entre diferentes cursos da instituição, reforçando o caráter interdisciplinar da extensão. Estudantes relataram ganhos em habilidades técnicas, comunicacionais e sensibilidade social. O projeto também fomentou novos projetos de pesquisa e ações educativas ligadas à

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

sustentabilidade nas escolas em que foi apresentado.

Esses resultados demonstram que a educação ambiental itinerante, baseada em tecnologias sustentáveis e metodologias participativas, pode ser um instrumento eficaz de transformação local e fortalecimento da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS O projeto Kombi SolLar consolidou-se como uma experiência exitosa de extensão universitária voltada à promoção da educação ambiental crítica, da sustentabilidade e da popularização de tecnologias sociais. Ao unir ciência, tecnologia e compromisso social, a iniciativa demonstrou que é possível articular saberes acadêmicos com as necessidades reais das comunidades.

A experiência revelou que o uso de uma unidade móvel equipada com energia solar amplia o alcance das ações educativas, favorecendo a inclusão de populações que normalmente não têm acesso a atividades científicas ou ambientais. A dimensão itinerante do projeto também contribuiu para a formação de vínculos com diferentes públicos e contextos socioculturais.

Além dos benefícios diretos observados nas comunidades atendidas, o projeto promoveu a formação cidadã dos estudantes envolvidos, estimulando o protagonismo juvenil, a interdisciplinaridade e a capacidade de articulação com atores sociais diversos.

Como perspectivas futuras, destacam-se a replicação da iniciativa em outras regiões, o aperfeiçoamento dos recursos didáticos utilizados nas oficinas e a consolidação de uma rede de extensão sustentável integrada com escolas, movimentos sociais e políticas públicas locais.

Um dos pontos que evidenciam o êxito do projeto é a quantidade de pessoas e alunos interessados em entender como funciona esse sistema off grid sobre rodas. Já foram registradas mais de 700 pessoas em menos de dois meses de operação do projeto.

Esse sucesso evidencia que práticas pedagógicas transformadoras, quando orientadas pelos princípios da educação ambiental crítica e sustentadas por tecnologias sociais, são capazes de promover mudanças concretas em direção a uma sociedade mais justa, solidária e ambientalmente responsável.

REFERÊNCIAS

ALQALLAF, S.; GHANNAM, R. Virtual reality for solar photovoltaic training. Electronics, Basel, v. 4, n. 1, p. 1–18, 2024.

BAHIA OIL & GAS ENERGY. **Bahia Oil & Gas Energy**. Disponível em: https://www.bahiaoilgasenergy.com.br/. Acesso em: 13 jul. 2025.

CAMPBELLO, R. Barreiras políticas à transição energética no Brasil. **Instituto ClimaInfo**, 2024.

DAGNINO, R. Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade. **Revista Tecnologia Social**, Brasília, v. 2, p. 5–11, 2004.

DAVID, T. M. et al. Revisão da legislação solar no Brasil (2018-2023). **Energy Informatics**, v. 7, p. 1–14, 2024.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, A. C. et al. Tecnologias sociais e extensão rural agroecológica. **Revista de Desenvolvimento Rural**, Porto Alegre, v. 20, p. 44–60, 2023.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental e formação de sujeitos ecológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MUNIZ, L. M. et al. Compostagem e educação ambiental crítica no PIBID: uma experiência em escolas públicas. **arXiv preprint**, 2025. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2501.13313. Acesso em: 11 jul. 2025.

PAGANELLI, M. et al. **Gamification and IoT for Energy Education**. arXiv, 2019. Disponível em: https://arxiv.org/abs/1909.00699. Acesso em: 11 jul. 2025.

RODRIGUES, H. et al. **Solar energy adaptation in the Global South: A review of opportunities and constraints**. Heliyon, Amsterdam, v. 10, n. 7, p. e24040404, 2024.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TURNER, J. A. et al. **Global Review of Solar Power in Education Initiatives: Challenges and Benefits**. ResearchGate, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374796993. Acesso em: 11 jul. 2025.

REUTERS. **Solar power project in Brazil's favelas hopes to shine G20 spotlight**. Reuters, 2024. Disponível em: https://www.reuters.com/sustainability/climate-energy/solar-power-project-brazil-favelas-hopes-shine-g20-spotlight-2024-11-16/. Acesso em: 11 jul. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
DIREITOS HUMANOS
E JUSTIÇA //

Curricularização da extensão: a experiência da Unicatólica do Rio Grande do Norte com as trilhas de extensão em relações étnico-raciais e direitos humanos

LENNY GABRIELY DE OLIVEIRA NEVES
VICTOR LEONARDO DIAS OLIVEIRA

Revista Extensão
e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Curricularization of extension: the experience of Unicatólica do Rio Grande do Norte with extension tracks in ethnic-racial relations and human rights

ARTIGO
DIREITOS HUMANOS
E JUSTIÇA //

Curricularização da extensão: a experiência da Unicatólica do Rio Grande do Norte com as trilhas de extensão em relações étnico-raciais e direitos humanos

Curricularization of extension: the experience of Unicatólica do Rio Grande do Norte with extension tracks in ethnic-racial relations and human rights

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
EDUCAÇÃO JURÍDICA.
ÉTNICO-RACIAL.

RESUMO O presente artigo tem como objetivo analisar a experiência da UniCatólica do Rio Grande do Norte na curricularização da extensão universitária, por meio do desenvolvimento da disciplina Trilha de Extensão – Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos I, integrada ao curso de Direito. Para tanto, discute o histórico, os conceitos e as práticas da extensão como componente indissociável do tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão), conforme previsto no artigo 207 da Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). A pesquisa adota o método dedutivo, com revisão bibliográfica e análise qualitativa da legislação pertinente, complementadas por relato de experiência e observação participante, considerando o envolvimento direto da autora como discente extensionista e do professor orientador na coordenação da disciplina. A abordagem evidencia a relevância das ações extensionistas para a democratização do ensino superior, o fortalecimento do vínculo universidade-comunidade e a formação acadêmica crítica, contribuindo para a promoção da cidadania, o enfrentamento das desigualdades étnico-raciais e a valorização dos direitos humanos.

KEYWORDS
UNIVERSITY EXTENSION.
LEGAL EDUCATION.
ETHNIC-RACIAL.

ABSTRACT The experience of UniCatólica do Rio Grande do Norte in incorporating university extension into the curriculum is analyzed through the development of the course Extension Track – Ethnic-Racial Relations and Human Rights I, integrated into the Law program. The article discusses the history, concepts, and practices of extension as an inseparable component of the university triad (teaching, research, and extension), as provided for in Article 207 of the Federal Constitution and in the Law of Guidelines and Bases for National Education (Law No. 9,394/1996). The research adopts the deductive method, with a bibliographic review and qualitative analysis of the relevant legislation, complemented by experience reports and participant observation, considering the direct involvement of the author as an extension student and the supervising professor in the coordination of the discipline. The approach highlights the relevance of extension activities for the democratization of higher education, the strengthening of university-community ties, and critical academic training, contributing to the promotion of citizenship, the confrontation of ethnic-racial inequalities, and the valorization of human rights.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

LENNY GABRIELY DE OLIVEIRA NEVES *Graduanda no curso de Direito na Unicatólica do Rio grande do Norte.*
E-mail: lennygabriely@gmail.com

VICTOR LEONARDO DIAS OLIVEIRA
*Mestrando em Serviço Social e Direitos Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (*PPGSSDS/UERN*). Professor do curso de Direito da UniCatólica do Rio Grande do Norte.*
E-mail: doliveiravictor19@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO O processo de criação das universidades no Brasil foi extremamente moroso. Ao observamos o surgimento dessas instituições é notório que houveram diversos obstáculos que influenciaram esse ritmo lento. O marco inicial dessa trajetória ocorre com a chegada da Companhia de Jesus, que tinha a missão de ensinar os povos tradicionais habitantes daquele território à época e "convertê-los" ao cristianismo. Com o passar do tempo, o ensino foi se espalhando, resultando na fundação de escolas em várias regiões do país (Meira, 2009). Foi dentro dessas escolas jesuíticas que surgiram os primeiros sinais do que mais tarde viria a ser o ensino universitário no Brasil, embora na época ainda não fosse reconhecido como tal.

Desse modo, após anos de demora para a implantação das universidades no Brasil, devido à forte ligação com Portugal – sendo a Faculdade de Coimbra o destino mais acessível para os europeus –, a vinda da família real portuguesa ao Brasil fez com que se reconhecesse a necessidade de estabelecer essas instituições no país.

Trazendo para a realidade atual, percebemos que a universidade desempenha um grande papel de conhecimento na vida de muitas pessoas em sociedade, na qual promove transformação social. No entanto, o acesso ao ensino superior no Brasil ainda enfrenta diversas barreiras sociais, econômicas, culturais, impactadas, principalmente, pela

reprodução das desigualdades sociais, uma vez que, como discutido por Bourdieu (1970), os que já possuem capital cultural possuem, na maioria das vezes, mais chances de sucesso.

Nesse contexto, a extensão universitária surge como uma alternativa para superar essas barreiras: tornar o conhecimento acadêmico mais acessível e desenvolver uma conexão mais dinâmica entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e a sociedade (Universidade Estadual de Goiás, 2025). Com isso, o pensamento Freiriano se concentra em levar o que é produzido no centro acadêmico até à população, já que é importante uma construção de uma educação com diálogos e críticas, que tem a meta de fortalecer a consciência crítica dos alunos e sua participação ativa na transformação da sociedade (Freire, 1987).

As iniciativas acadêmicas sociais promovem a inclusão e o acesso a oportunidades que antes pareciam distantes, sendo como uma troca para ambas as partes. Nesse sentido, recentemente, muitas dessas práticas vêm acontecendo por meio da Extensão Universitária, sendo, inclusive, práticas curricularizadas.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo geral analisar como as ações de extensão desenvolvidas na disciplina de Trilha de Extensão – Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos I, que compõe a grade curricular do 3º período do curso de Direito da UniCatólica do Rio Grande do Norte, podem contribuir com a sociedade, de modo a aproximar as Instituições de Ensino Superior da comunidade. Para alcançar esse propósito, estabelecem-se como objetivos específicos: (I) discorrer sobre a Extensão Universitária, seu histórico, conceito e práticas; (II) investigar como se dá o processo de interação dialógica entre as Instituições de Ensino Superior e a Sociedade; e (III) analisar as contribuições das ações de extensão desenvolvidas no componente curricular para esse processo de interação dialógica.

METODOLOGIA A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, utilizando-se do método dedutivo e de procedimentos bibliográfico e documental, tendo por base, entre outros, dados coletados e publicados em artigos científicos que versam sobre a temática, além de análises qualitativas dos dispositivos constitucionais relevantes à matéria e da legislação nacional específica, isto é, a Lei nº 9.394, de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), e a Resolução CNE/CES nº 5, de 2018, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Direito. Para tanto, realizou-se inicialmente uma revisão bibliográfica em bases como SciELO, Google Acadêmico e no acervo da biblioteca institucional, abrangendo livros, artigos, teses e dissertações sobre extensão universitária, curricularização, relações étnico-raciais, direitos humanos, o pensamento de Paulo Freire e a Comunicação Não-Violenta (CNV), o que permitiu construir o referencial teórico que fundamenta a discussão proposta.

Para dialogar com a revisão bibliográfica, e favorecer o raciocínio indutivo, em busca de uma "experiência mais sensível e concreta", conforme orienta Severino (2013, p. 82), utilizou-se do relato de experiência a partir das vivências que o Grupo de Pesquisa e Extensão proporcionou no âmbito da disciplina Trilha de Extensão – Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos I, ofertada no curso de Direito da

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

UniCatólica do Rio Grande do Norte durante o semestre 2025.1. Nessa etapa, foram descritas e analisadas as ações extensionistas desenvolvidas pelos discentes, considerando suas temáticas, modalidades (palestras, rodas de conversa, intervalos culturais) e os impactos observados na relação entre a universidade e a comunidade.

Além disso, utilizou-se da observação-participante, de modo que os autores do trabalho estavam diretamente inseridos na ação de extensão como aluna e professor, o que permitiu captar nuances do processo pedagógico, das interações entre os sujeitos envolvidos, das dificuldades enfrentadas e dos avanços alcançados durante a execução das atividades, conferindo maior profundidade interpretativa à análise. Os dados obtidos foram organizados e interpretados à luz da análise de conteúdo temática, buscando identificar categorias emergentes relacionadas ao diálogo universidade-comunidade, à formação crítica dos discentes e à contribuição das ações extensionistas para o enfrentamento das desigualdades étnico-raciais. Dessa forma, a metodologia adotada buscou não apenas descrever a experiência vivenciada, mas também compreendê-la criticamente, articulando teoria e prática e evidenciando o potencial transformador da extensão curricularizadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A extensão universitária desempenha um papel fundamental na integração da universidade com a sociedade, sendo um processo educativo, cultural e científico que visa aproximar o ensino e a pesquisa, promovendo uma relação transformadora entre a universidade e a comunidade. Para o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), que teve seu primeiro encontro nacional realizado em 1987, a extensão é definida como "o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade" (Forproex, 1987).

Seguindo a construção histórica das atividades extensionistas, destaca-se como ponto de partida as mudanças ocorridas no século XIX, conforme explica Nogueira:

> A Extensão Universitária surge na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, vinculada com a ideia de educação continuada, destinada não apenas às camadas menos favorecidas, mas à população adulta em geral, que não se encontrava na universidade. Alguns anos depois, registram-se atividades de Extensão nas Universidades americanas, caracterizadas pela prestação de serviços na área rural e também na área urbana (Nogueira, 2001, p. 58).

Ao trazer esse contexto para o Brasil, percebe-se que, por um longo período, a universidade no país esteve voltada, sobretudo, para a pesquisa e o ensino. Contudo, a sociedade passou a pressionar para que a universidade também se comprometesse com a realidade social e tratasse das demandas emergentes. Esse movimento ganhou força durante a redemocratização, por volta de 1980, quando surgiram grandes expectativas em relação à postura das instituições de ensino superior diante dessa cobrança (Nogueira, 2001). Nesse cenário, a extensão universitária tem como objetivo levar o conhecimento acadêmico para além dos muros da universidade, facilitando a troca entre o saber científico e os saberes populares.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Essas atividades possuem diversos destinatários: grupos sociais populares e suas organizações; movimentos sociais; comunidades locais ou regionais; governos locais; o setor público; o setor privado (Santos, 2010). Além de promover essa interação entre o meio acadêmico e a sociedade, a extensão universitária também ganhou reconhecimento formal ao longo dos anos, sendo incorporada em diretrizes e normativas que orientam sua implementação. Esse fundamento legal reflete a importância da extensão como um dos pilares da educação superior, ao lado do ensino e da pesquisa, garantindo que as ações extensionistas sejam institucionalizadas e valorizadas.

Dessa forma, a valorização da extensão universitária está devidamente prevista na Constituição Federal de 1988, que, em seu artigo 207, preceitua a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988). Essas funções essenciais devem ser tratadas de forma equivalente pelas instituições de ensino superior, caso contrário, estarão desrespeitando o preceito legal.

A ideia central do dispositivo citado anteriormente é promover, dentro das universidades, o desenvolvimento do senso crítico nas pessoas – não apenas dentro do ambiente acadêmico, mas também após a formação. O objetivo é cultivar uma visão ampla do mundo, permitindo que os indivíduos não apenas observem, mas também abordem, de forma equilibrada e sensível, os diversos temas sociais, independentemente de sua natureza.

O questionamento e o senso crítico são essenciais na tríade ensino, pesquisa e extensão, pois promovem uma aprendizagem ativa e reflexiva. No ensino, estimulam os alunos a questionarem conceitos e práticas. Na pesquisa, impulsionam o avanço do conhecimento por meio da revisão constante de hipóteses e resultados. Na extensão, garantem que as ações sociais sejam analisadas de maneira profunda, gerando soluções eficazes para a sociedade. Assim, esses elementos são fundamentais para formar profissionais críticos e inovadores, que atuem de forma significativa tanto no campo acadêmico quanto nas práticas sociais. Nesse caso, essa relação vai ao encontro do exposto por Silva (2016, p. 38):

> É por meio da compreensão de que a Universidade se insere em um território que apresenta problemas sociais diversos de outros, que o tripé formado por Ensino, Pesquisa e Extensão pode atuar sobre essa realidade e responder aos problemas que o diálogo com os diversos segmentos da sociedade lhe permitirão identificar.

Em complemento, o artigo 213, § 2º, da Constituição Federal de 1988, estabelece que as atividades de pesquisa, extensão e fomento à inovação realizadas por universidades e instituições de educação profissional e tecnológica podem receber apoio financeiro do Poder Público (Brasil, 1988). Esse apoio é fundamental para garantir o desenvolvimento contínuo dessas atividades, garantindo recursos para que essas instituições possam não apenas desempenhar suas funções educativas, mas também impulsionar o desenvolvimento social e econômico por meio da inovação e do vínculo com a sociedade.

Ainda que existam discussões e um crescente reconhecimento da importância da extensão nos currículos dos cursos de graduação, persistem desafios institucionais, acadêmicos e pedagógicos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

que precisam ser superados. O Direito, em sua maioria, é visto como um sistema normativo autônomo e estruturado, o que abre espaço para sua rigidez (Kelsen, 2009). Isso faz com que os discentes, acostumados a um ensino tradicional e fragmentado, apresentem certa resistência às metodologias de pesquisa e extensão (Lampert, 2008).

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece a educação como um direito fundamental e promove a qualidade do ensino em todos os níveis e modalidades. O artigo 43°, trata de competências destinadas ao ensino superior, em seus incisos III e VII, explanam sobre o incentivo e a realização de práticas de extensionistas.

O inciso III destaca a pesquisa e a investigação científica como essenciais para o avanço da ciência, tecnologia e cultura, reconhecendo o papel das instituições de ensino superior na produção e difusão do conhecimento. Já o inciso VII enfatiza a educação como meio de desenvolvimento humano, promovendo a reflexão crítica -como mencionado anteriormente-, a autonomia intelectual e a formação ética, preparando os indivíduos para uma atuação consciente e responsável na sociedade (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB).

A interação dos projetos extensionistas com a universidade é essencial para a troca de saberes entre a academia e a comunidade. Para que isso aconteça de forma eficaz, é necessário que os discentes adquiram conhecimento antecipado, permitindo que levem informações relevantes e transformadoras para outras pessoas, garantindo o impacto positivo das ações extensionistas. Com essa perspectiva, a Resolução CNE/CES nº 5, de 2018, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Direito, estabelece parâmetros fundamentais para essa articulação, reforçando a importância da pesquisa e da extensão no desenvolvimento do ensino jurídico.

De acordo com o Artigo 2º da referida resolução, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) deve contemplar elementos estruturais indispensáveis para uma formação completa e coerente. Dentre esses elementos, destaca-se o incentivo à pesquisa e à extensão, reconhecidos como fatores essenciais para o aprimoramento da atividade de ensino e para a iniciação científica (§ 1º, inciso IX). Essa determinação visa fortalecer a produção acadêmica e a aplicação prática do conhecimento jurídico, preparando os estudantes para uma atuação crítica e reflexiva no meio jurídico e social.

Além disso, o § 3º do Artigo 2º do referido dispositivo reforça a necessidade de que as atividades de ensino estejam diretamente articuladas às práticas de extensão e de iniciação à pesquisa. Essa diretriz busca garantir que o aprendizado teórico seja complementado por experiências práticas, promovendo uma formação integral e alinhada às transformações sociais. A conexão entre ensino, pesquisa e extensão possibilita que os futuros profissionais do Direito desenvolvam competências não apenas técnicas, mas também analíticas e humanísticas, contribuindo para uma atuação mais consciente e comprometida com a realidade social.

Portanto, a Resolução CNE/CES nº 5, de 2018, reafirma o compromisso das instituições de ensino superior com a construção de um currículo jurídico que vá além da transmissão de conteúdos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

teóricos. Ao incentivar a pesquisa e a extensão como partes essenciais da formação acadêmica, a norma fortalece o ensino jurídico como um instrumento de transformação social, preparando os discentes para lidar com os desafios contemporâneos do Direito de maneira crítica, inovadora e responsável.

Na contemporaneidade, as Instituições de Ensino Superior (IES) vêm se reinventando ao integrar o conhecimento científico aos saberes populares, superando a abordagem tradicional de extensão unilateral. Essa nova perspectiva valoriza a comunicação como ferramenta de emancipação, onde docente e discente se reconhecem como sujeitos críticos e ativos na transformação de suas realidades. Conforme Paulo Freire (1983, p. 36) afirma:

> O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação.

A universidade tem um papel essencial na sociedade, indo além da função tradicional de transmissão do conhecimento. Seu compromisso vai além da formação acadêmica dos estudantes e se expande para o desenvolvimento social e econômico, por meio de um diálogo ativo com a comunidade. Essa interação se configura como um dos pilares fundamentais da função social da universidade.

Inicialmente, é necessário esclarecer o que se entende por "função social". De acordo com o pensamento de Panizzi (2002, p. 13) a função social:

> [...] retoma a natureza da universidade como a instituição do debate e da reflexão. Nesse sentido, a universidade precisa assumir que a discussão acadêmica, a pesquisa científica e o acesso ao conhecimento não conhecem fronteiras. Essa perspectiva coloca a universidade diante dos desafios contemporâneos do mundo globalizado. O que está posto para a sociedade, portanto, é o destino do conhecimento como patrimônio social, e da educação como bem público. Esses compromissos devem ser afirmados e reafirmados pela universidade junto à pertinência da educação na relação às demandas sociais. [...] as universidades têm extraordinária importância para nossas sociedades como lugar da diversidade cultural e da pluralidade ideológica, do debate e do diálogo que constroem sujeitos e coletividades, da crítica comprometida com a ética, que busca ser verdadeira e justa.

A universidade, enquanto instituição social, passa a ser orientada por uma lógica de gestão e planejamento, buscando cada vez mais a eficiência e o controle em suas práticas. Assim, ela não se limita a questionar sua própria existência ou o papel que ocupa nas dinâmicas sociais, mas também se adapta às estruturas econômicas e políticas em que está inserida.

Sua função social é constantemente repensada a partir dessa inserção, com práticas voltadas para o reconhecimento público de sua legitimidade e atribuições (Chauí, 2001). No entanto, a adaptação da universidade não deve ocorrer de forma mecânica ou acrítica. Ela precisa refletir constantemente sobre sua própria função social, pois, como afirma Campos (2012, p. 1), "as funções da universidade são plurais, mas é possível afirmar que a sua principal atribuição é pensar a si mesma, isto é, refletir sobre sua própria função social".

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Esse exercício de autocrítica, portanto, deve ser permanente, permitindo à universidade ajustar suas práticas, avaliar criticamente seu papel na sociedade e garantir que o conhecimento produzido tenha um impacto real e transformador. Dessa forma, a universidade reafirma seu compromisso com a sociedade, não apenas como um espaço de ensino e pesquisa, mas também como um agente ativo no desenvolvimento social.

Nesse contexto, a extensão universitária se destaca como uma das formas de a universidade estabelecer seu papel social, ao levar o conhecimento acadêmico para as necessidades concretas da sociedade, promovendo um diálogo ativo e transformador. Assim, como pensa Rocha (2007, apud Silva, 2011, p. 2):

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações socioeducativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Entende-se que a extensão se consolida como uma função social, podendo ser vista como uma via de mão dupla, isto é, a extensão não valida apenas o conhecimento produzido na universidade, mas também envolve a sociedade como parte ativa no processo de conhecimento.

Ao ser o público-alvo dos projetos de extensão, a sociedade contribui com suas experiências e necessidades, participando ativamente da construção do saber (Nogueira, 2005). Em suma, ao democratizar o acesso ao conhecimento, a extensão reafirma seu papel como elo imprescindível entre a universidade e a sociedade, promovendo a construção coletiva de um saber que reflete as necessidades e experiências de todos, como afirma Silva et al. (2019, p. 34):

"o impacto das ações de extensão, desenvolvidas pelos participantes, demonstram a vitalidade que o fazer extensionista pode atingir, enquanto se mantiver como proposta aberta, não apenas para seus integrantes, mas para o público interno e externo da universidade".

Portanto, o diálogo se apresenta como um elemento essencial para que a universidade cumpra sua função social. Segundo Freire (1987), o diálogo é uma "exigência existencial", indo além da mera troca de opiniões e assumindo um papel fundamental na construção da consciência e da intersubjetividade. Para que essa troca ocorra de forma genuína, cada sujeito – seja ele membro da universidade ou da comunidade – deve se reconhecer como autor de sua própria fala e participante ativo da construção do saber. Assim, o diálogo entre universidade e comunidade não deve ser unilateral, mas sim uma relação dinâmica, na qual ambas as partes se reconhecem e se influenciam mutuamente, exatamente como Morin (2011, p.11-18) afirma:

Fato que a universidade tem várias contribuições a fazer para a sociedade brasileira. Mas o inverso também é verdadeiro, pois a sociedade também tem contribuições a fazer à universidade. Para que a construção de uma universidade democrática possa acontecer, a complexidade do mundo deve ser reconhecida e não excluída da universidade. Trazer a complexidade para dentro de seus muros, estimulando a diversidade, compreendê-la são

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

formas de avançar para o modelo mais inclusivo, mais democrático de universidade.

Dentro dessa perspectiva, a Comunicação Não-Violenta (CNV), desenvolvida por Marshall Rosenberg, se apresenta como uma ferramenta eficaz para o diálogo entre a universidade e a comunidade. A CNV promove a escuta ativa, a empatia e a construção de relações baseadas no respeito mútuo, permitindo uma comunicação mais genuína e transformadora. Como Rosenberg (2021, p. 18-19) afirma: "identifiquei uma abordagem específica da comunicação – falar e ouvir – que nos leva a nos entregar de coração, ligando-nos a nós mesmos e aos outros de modo que a compaixão brote naturalmente".

A CNV também enfatiza alguns princípios fundamentais para um diálogo eficaz, que podem contribuir para a construção de uma comunicação mais clara e respeitosa. De forma específica, esses princípios podem ser divididos em: (I) Separar observações de avaliações, o que facilita uma comunicação sem julgamentos e mais objetiva; (II) Identificar e expressar sentimentos e necessidades, criando um ambiente de diálogo mais honesto e construtivo; e (III) Fazer pedidos claros e não exigentes, promovendo um diálogo colaborativo e eficaz (Rosenberg, 2021). Esses princípios são essenciais para estabelecer uma comunicação genuína entre a universidade e a comunidade, gerando um impacto social real e transformador.

Ademais, o diálogo entre a universidade e a comunidade deve ser entendido como um processo contínuo. A continuidade das ações de extensão universitária é essencial para garantir um impacto duradouro na sociedade. Muitos projetos começam com boas intenções, mas falham em manter a sequência necessária, criando uma lacuna no impacto social esperado. A falta de acompanhamento e retorno das ações prejudica o papel transformador da extensão (Oliveira et al., 2016).

Cabe, ainda, destacar que o papel da universidade vai além do ensino e da pesquisa, sendo um espaço de transformação social. Leite (2005) destaca que a qualidade da universidade está ligada à sua capacidade de viver e praticar os valores democráticos, promovendo a participação e a responsabilidade cidadã entre seus membros.

A extensão universitária desempenha um papel fundamental nesse processo, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade, não apenas com a transmissão de conhecimento, mas também na construção de uma nova cultura política, mais inclusiva e participativa. Por meio da prática da democracia, a universidade confirma seu compromisso com a sociedade, tornando-se um agente de mudança, alinhando teoria e prática em um ciclo contínuo de aprendizado e transformação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES No aspecto legal, a base para incluir a creditação das atividades de extensão nos cursos de graduação das Instituições de Ensino Superior (IES) está no princípio constitucional que diz que ensino, pesquisa e extensão devem estar sempre ligados. A disciplina Trilha de Extensão: Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos I integra o currículo do curso de Direito da UniCatólica do Rio Grande do Norte, com o propósito de aproximar os estudantes das questões sociais relacionadas à diversidade étnico-racial e aos direitos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

humanos. Seu principal objetivo é promover a reflexão crítica e a formação cidadã, capacitando os alunos para atuarem de maneira ética e consciente na promoção da equidade e da justiça social.

O método adotado privilegia a aprendizagem ativa e participativa, por meio do desenvolvimento de projetos extensionistas que articulam teoria e prática. As atividades incluem rodas de conversa, palestras, oficinas e ações comunitárias, que estimulam o engajamento dos estudantes com a realidade social, promovendo competências como trabalho coletivo, responsabilidade social e interdisciplinaridade. Dessa forma, os discentes são colocados em posição de protagonismo, vivenciando experiências que vão além da teoria, conforme enfatizam Sacristán e Gómez. (1998, p. 123): "É preciso ver o ensino não na perspectiva de ser atividade instrumento para fins e conteúdos pré-especificados antes de empreender a ação, mas como prática, na qual esses componentes do currículo são transformados e o seu significado real torna-se concreto para o aluno(a)".

Desse modo, é importante reconhecer que, historicamente, a extensão universitária nem sempre foi compreendida como prática transformadora. Em muitos contextos, prevaleceu uma concepção assistencialista, na qual a universidade assume o papel de quem "leva" conhecimento a comunidades consideradas carentes, sem estabelecer um diálogo real com seus saberes e vivências. Essa lógica se expressa na ideia de que os que possuem conhecimento e recursos ajudam os que não possuem, nem sabem. Trata-se de uma visão que reforça a desigualdade e a descontinuidade das ações, afastando a extensão de seu potencial emancipador. Superar essa postura exige reconhecer as comunidades como parceiras no processo educativo, capazes de produzir conhecimento e propor soluções junto aos estudantes e docentes (Saviani, 1986, p. 54).

Assim, a curricularização da extensão universitária representa uma ruptura com as práticas assistencialistas tradicionais, constituindo-se como um caminho para a efetiva integração entre universidade e sociedade. Sendo normatizada no Brasil por meio da resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, as unidades de ensino tiveram que se adaptar a essa inserção da extensão universitária na grade curricular, fazendo com que parasse de ser vista como algo pontual e se tornasse uma pratica transformadora e crítica (Brasil, 2018). Com isso, a extensão deixa de ocupar um espaço marginal na estrutura acadêmica e passa a influenciar diretamente os projetos pedagógicos dos cursos, exigindo um novo olhar da universidade sobre seus próprios métodos, prioridades e compromissos sociais.

Durante a disciplina Trilha De Extensão: Relações Étnico Raciais e Direitos Humanos I, ofertada no semestre 2025.1, foi realizado um aprofundamento teórico com o intuito de estabelecer uma base sólida para a posterior execução das ações de extensão.

Foram estudados os conceitos de extensão universitária, sua importância para a relação entre universidade e sociedade, além de aspectos fundamentais do desenvolvimento de projetos extensionistas. Conteúdos como a Comunicação Não-Violenta (CNV) e estratégias de mediação de conflitos também foram abordados para qualificar o diálogo em contextos de diversidade étnico-racial e ampliar a atuação dos participantes de forma ética e empática.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Nesse sentido, Freire (2010) aborda que a relação entre teoria e prática se torna essencial, pois, sem essa articulação, a teoria tende a se tornar vazia e desconectada da realidade, enquanto a prática corre o risco de se transformar em ações automáticas, desprovidas de análise crítica e embasamento reflexivo.

Diante dessa fundamentação, tornou-se possível direcionar as ações extensionistas para temas que dialogam diretamente com as demandas sociais mais urgentes. A escolha do eixo "relações étnico-raciais" vai além do que o próprio nome da disciplina sugere, pois, a intenção também foi abordar temáticas relacionadas às desigualdades sociais, reconhecimento identitário e a justiça social, promovendo reflexões críticas e pautando assuntos que, atualmente, são pouco discutidos. Assim, Silva (2021, p.102) afirma que a questão racial e étnica não deve ser tratada apenas como um "tema transversal"; trata-se de um eixo fundamental que envolve produção de conhecimento, disputas de poder e construção de identidades.

Portanto, discutir esse eixo no contexto da extensão universitária é essencial para romper silenciamentos históricos, ampliar a consciência crítica e contribuir para uma sociedade mais equitativa e plural.

Para dar efetividade a essa abordagem, as ações extensionistas foram estruturadas, pelos próprios discentes, em diferentes formatos metodológicos, com a intenção de abarcar o máximo de temáticas possíveis. As estratégias utilizadas incluíram palestras, rodas de conversa e intervalos culturais, formas diversas de adentrar no eixo das "relações étnico-raciais".

As palestras promoveram o conhecimento técnico-científico, oferecendo espaços para a exposição de conceitos, dados e experiências fundamentadas. As rodas de conversa estimularam o diálogo reflexivo e a escuta ativa, favorecendo o compartilhamento de vivências. Já os intervalos culturais valorizaram a expressão simbólica e o patrimônio cultural, reforçando a identidade e a diversidade étnico-racial por meio de manifestações artísticas. Cada formato foi cuidadosamente escolhido para potencializar a participação ativa, o diálogo aberto e o fortalecimento do sentimento de pertencimento e reconhecimento, elementos essenciais para a valorização das identidades étnico-raciais.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

TEMÁTICA	MODALIDADE	BREVE DESCRIÇÃO
Os Direitos Humanos sob a ótica do Policial brasileiro e a questão Étnico-Racial	Palestra	Refletiu sobre dilemas e desafios vividos na prática policial, estimulando o debate crítico sobre os impactos do racismo institucional nas abordagens e políticas de segurança pública.
A criminalização do funk na sociedade brasileira	Roda de Conversa	Promoveu diálogo sobre o preconceito ao funk, destacando como questões raciais e culturais influenciam a percepção e criminalização do gênero.
Liderar é escutar: Relações Étnico-Raciais, existências e resistências no enfrentamento ao racismo	Palestra	Reforçou a importância da escuta qualificada como postura transformadora frente às resistências e vivências de quem enfrenta o racismo cotidianamente.
Corredor cultural: exposição de personalidades negras	Intervalo cultural	Trouxe vivências inspiradoras e referências de trajetórias negras, ampliando o repertório identitário.
A luta de Martin Luther King	Palestra	Baseada em sua biografia, a palestra elucidou aspectos pouco conhecidos da trajetória de Martin Luther King, trazendo informações que ampliaram a percepção do público sobre sua vida, pensamento e legado.
Capoeira e Cultura Afro: educação e resistência	Intervalo cultural	Destacou a capoeira como expressão de resistência e pertencimento, valorizando saberes e práticas ancestrais da cultura afro-brasileira.
O desafio do acesso à justiça e a importância da Defensoria Pública	Palestra	Explorou desigualdades no acesso aos direitos e o papel estratégico da Defensoria Pública na efetivação da justiça social e racial.
Relações Étnico-Raciais no contexto empresarial	Roda de conversa	Propiciou troca de experiências e estratégias para promover ambientes corporativos mais plurais, inclusivos e sensíveis à equidade racial.

TABELA 1 – AÇÕES DE EXTENSÃO DESENVOLVIDAS NO ÂMBITO DA DISCIPLINA "TRILHA DE EXTENSÃO – RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DIREITOS HUMANOS I" (2025.1) / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

Essa abordagem metodológica foi complementada por uma proposta pedagógica que conferiu autonomia e responsabilidade aos alunos. Embora recebessem direcionamentos e apoio constante do docente responsável pela disciplina, cabia aos próprios grupos de estudantes a escolha da temática específica a ser desenvolvida em cada ação, a decisão sobre a inclusão de convidados externos e toda a organização prática do evento no dia da realização. "A curiosidade

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

como desafio para provocar algum conhecimento provisório de algo" (Freire, 2010, p. 87). Essa estratégia não visava apenas aprofundar a temática das relações étnico-raciais, mas também desenvolver no grupo responsável por cada ação competências essenciais como liderança, organização, gestão de projetos, trabalho em equipe e a capacidade de lidar com imprevistos, promovendo uma formação integral que transcende os muros da sala de aula e prepara os futuros profissionais para atuar de forma ética e engajada na sociedade, deixando-os curiosos do que poderia surgir mais à frente.

De modo geral, o percurso desenvolvido na disciplina reforça a potência do diálogo entre prática extensionista, autonomia estudantil e compromisso ético com a transformação social e o enfrentamento das desigualdades raciais. O olhar atento para os múltiplos formatos de ação e para o protagonismo discente constitui um passo importante no fortalecimento de iniciativas mais plurais e críticas no âmbito universitário, articulando conhecimento acadêmico, responsabilidade coletiva e abertura para novos desafios formativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Este trabalho realizou uma análise aprofundada acerca da extensão universitária, especialmente no contexto da disciplina Trilha de Extensão – Relações Étnico Raciais e Direitos Humanos I, do curso de Direito da UniCatólica do Rio Grande do Norte. A retomada geral do estudo evidencia a trajetória histórica e conceitual da extensão universitária no Brasil, sua função social e a importância do diálogo efetivo entre universidades e a comunidade. O trabalho também destaca o embasamento legal e pedagógico que sustenta essa prática, mostrando como a extensão pode ser um instrumento essencial para a democratização do conhecimento e para a transformação social.

A questão central da pesquisa – de que maneira as ações de extensão universitária podem contribuir para fortalecer o diálogo entre as instituições acadêmicas e a sociedade, promovendo transformação social – é respondida de forma consistente. O estudo demonstra que, ao incorporar práticas extensionistas, sobretudo aquelas curricularizadas, as universidades tornam-se espaços estimuladores do conhecimento capaz de impactar concretamente a comunidade externa. Essa interação dialógica, alinhada com o pensamento pedagógico de Paulo Freire e com princípios de comunicação não-violenta, reforça o papel social da universidade como agente de inclusão, emancipação e desenvolvimento crítico. Ademais, o artigo destaca que a extensão permite não apenas a disseminação do conhecimento acadêmico, mas também a valorização dos saberes populares, configurando uma via de mão dupla que enriquece ambos os lados.

Por fim, o destaque dado ao diálogo como algo fundamental reforça uma ideia mais humana e democrática da universidade, que é essencial para ela cumprir seu papel social de forma completa. Reconhecemos que a pesquisa contribui significativamente para compreender como a extensão curricular pode ser um caminho eficaz para ampliar o impacto social da educação superior e formar profissionais mais críticos, conscientes e engajados com a realidade sociocultural em que atuam.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 05 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 (Plano Nacional de Educação 2014-2024). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=105102-rces007-18&Itemid=30192. Acesso em: 24 jul. 2025.

CAMPOS, Névio de. Qual o papel social da universidade no século 21? **Gazeta do Povo**, Paraná, 18 dez, 2012. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/qual-o-papel-social-da-universidade-no-seculo-21-31436hclxguvb4y45vsgmvexa. Acesso em: 26 mar. 2025.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CES n.º 5, de 17 de dezembro de 2018**. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN52018.pdf?query=270/2001-CEE/MS. Acesso em: 05 mar. 2025.

FORPROEX. Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 1987, Brasília. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Disponível em: http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-NacionaldoFORPROEX.pdf. Acesso em: mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KELSEN, Hans. T**eoria Pura do Direito.** 8.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVA, Valéria. **Ensino, pesquisa e extensão:** Uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica. Vitória, 2011. Base de dados do Scielo. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, Wagner Pires da; SOUZA, Ana Carmita Bezerra; BARBOSA, Erlene Pereira; MACIEL, Paulo Henrique Freitas. Entendendo a desigualdade, como forma de combatê-la, por meio das ações extensionistas do Viés Cariri. **Revista Raízes e Rumos,** Rio de Janeiro, v. 7,

p. 31-36, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre Universidade**. São Paulo, SP: Cortez/Autores Associados, 1986. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, n. 10)

LAMPERT, Ernâni. O ensino com pesquisa: realidade, desafios e perspectivas na universidade brasileira. Portal de periódicos UNB: **Revista Linhas Críticas**, v. 14, n. 26, p. 5-24, 2008.

LEITE, Denise (Org.). **Reformas universitárias**: avaliação institucional participativa. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEIRA, Débora. **A Companhia de Jesus e os índios na Capitania do Rio de Janeiro: séculos XVI, XVII e XVIII. 2009**. Pesquisa (Departamento de História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya**. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2011.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Extensão universitária no Brasil:** uma revisão conceitual. Construção conceitual da extensão universitária na América Latina. Brasília: UNB, p. 57-72, 2001. Disponível em: http://escritoriopiloto.org/sites/default/files/documentos/Nogueira,%20Maria%20das%20Dores.%20Extens%C3%A3o%20 Universit%C3%A1ria%20no%20Brasil%20-%20uma%20revis%C3%A3o%20conceitual.pdf. Acesso em: 07 mar. 2025.

OLIVEIRA, Franklin Learcton Bezerra de; ALMEIDA JÚNIOR, José Jailson de; SILVA, Maria Leonor Paiva da. Percepção dos acadêmicos em relação às dificuldades no desenvolvimento de projetos de extensão universitária. **Rev. Ciênc**. Ext.v.12, n.2, p.18-25, 2016.

PANIZZI, Wrana Maria. **Universidade:** um lugar fora do poder. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

RODRIGUES, Horácio Wanderlei. **Cursos de Direito no Brasil:** diretrizes curriculares e projeto pedagógico. Florianópolis: Habitus, 2019.

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não-Violenta:** Técnicas para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais. 5. ed. São Paulo: Ágora, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2010.

SACRISTÁN, J. G. GÓMEZ, A. P. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4. ed. Artmed, 1998. p. 121-123.

SILVA, Wagner Pires da. **As ações de extensão na construção de uma universidade sertaneja. 2016**. 135f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG). **O que é extensão universitária?** Disponível em: https://ueg.br/pre/referencia/11050. Acesso em: 24 fev. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
GÊNERO E SEXUALIDADE //

Formação universitária e o enfrentamento da violência de gênero: relatos e análises de um projeto de extensão

LUANA SIQUEIRA
GLAUCIA LELIS ALVES
MAÍRA CARVALHO PEREIRA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

University education and confronting gender-based violence: reports and analyses from an extension project

ARTIGO
GÊNERO E SEXUALIDADE //

Formação universitária e o enfrentamento da violência de gênero: relatos e análises de um projeto de extensão[1]

University education and confronting gender-based violence: reports and analyses from an extension project

PALAVRAS-CHAVE
DESIGUALDADE DE GÊNERO.
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
FEMINISMO.
EDUCAÇÃO.

RESUMO Este artigo apresenta relatos e análises de ações de extensão universitária voltadas ao estudo e reflexão sobre violência de gênero, trabalho reprodutivo e trabalho doméstico no processo de acumulação capitalista. Nesta oportunidade, serão abordadas as experiências e expectativas das ações do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista (BFPV): os minicursos "Qual fogo que te queima? A violência nossa de cada dia" e "A Biblioteca Feminista vai ao ensino fundamental e médio". O objetivo é refletir sobre o papel da extensão na formação universitária de qualidade, laica, gratuita e socialmente referenciada.

KEYWORDS
GENDER INEQUALITY.
UNIVERSITY EXTENSION.
FEMINISM.
EDUCATION.

ABSTRACT This article presents reports and analyses of university extension activities focused on the study and reflection on gender violence, reproductive work, and domestic work in the process of capitalist accumulation. On this occasion, we will address the experiences and expectations of the activities of the Feminist Library Teaching, Research, and Extension Project (BFPV): the mini-courses "What fire burns you? The violence we experience every day" and "The Feminist Library goes to elementary and high school". The objective is to reflect on the role of extension in quality, secular, free, and socially referenced university education.

1
Em 2025 o projeto contou uma bolsa Programa Institucional De Fomento Único De Ações De Extensão (PROFAEX), com duração de 12 meses.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

LUANA SIQUEIRA
Professora da Escola de Serviço Social da UFRJ*. Coord. do projeto de ensino, pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista da Praia Vermelha vai ao ensino médio.*
E-mail: luanass81@yahoo.com.br

GLAUCIA LELIS ALVES
Professora da Escola de Serviço Social da UFRJ*. Coord. do projeto de ensino, pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista da Praia Vermelha vai ao ensino médio.*
E-mail: glaucialelisalves@gmail.com

MAÍRA CARVALHO PEREIRA
Doutoranda em Serviço Social - UFRJ*. Integrante do projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista da Praia Vermelha vai ao ensino médio. Bolsista* FAPERJ*.*
E-mail: mai.carvalho@outlook.com

INTRODUÇÃO O presente trabalho apresenta as sínteses das ações de extensão voltadas ao debate sobre o trabalho reprodutivo, o trabalho doméstico e a violência de gênero, compreendendo-os como pilares da acumulação capitalista. Através das experiências do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão Biblioteca Feminista (BFPV) – especificamente os minicursos "Qual fogo que te queima? A violência nossa de cada dia" e "A Biblioteca Feminista vai ao ensino fundamental e médio" – discute-se a importância da extensão na formação de competências técnico-operativas e ético-políticas de futuros professores e assistentes sociais. A ênfase no debate de gênero não é apenas uma demanda teórica para a pesquisa, mas uma exigência histórica, econômica, política, social, cultural, extremamente atual

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

e diretamente relacionadas às desigualdades sociais, à divisão sexual do trabalho e à violência contra mulheres e crianças.

Tendo como referência debates histórico-críticos no campo do feminismo e direito das mulheres, compreende-se que o trabalho reprodutivo, majoritariamente realizado por mulheres, não é uma "vocação natural", mas um trabalho não remunerado que cria e sustenta a força de trabalho essencial para manter as relações sociais de produção de riqueza.

Assim, a explicita apropriação do capitalismo por formas e organizações da vida social anteriores a sua existência recria uma estrutura onde a exploração de classe e a opressão de gênero se retroalimentam. Contudo, o debate de gênero na universidade pública não é apenas uma demanda acadêmica, mas uma exigência ética e política: as relações sociais de gênero estão no cerne da divisão sexual do trabalho e da violência, elementos centrais da dinâmica de exploração intrínseca ao modo de produção capitalista.

Além da preocupação com a qualidade e a dimensão crítica das ações extensionistas, a curricularização da extensão universitária tem sido um ponto central nas discussões sobre a educação superior brasileira. Prevista legalmente como um dos pilares da formação acadêmica, juntamente com o ensino e a pesquisa, a extensão tem ganhado cada vez mais relevância nas últimas duas décadas, tendo em vista os marcos legais como a Estratégia 12.7 do PNE (2014-2024) e a Resolução CNE/CES nº 7/2018. Contudo, essa obrigatoriedade tem gerado intensas controvérsias teóricas e políticas.

A curricularização da extensão no Brasil, neste contexto, se torna um campo de disputas que opõe o potencial pedagógico às barreiras estruturais. Seus defensores enfatizam a formação crítica e a integração teoria-prática, que aproxima o acadêmico das demandas sociais e estimula pesquisas inovadoras. Contudo, a obrigatoriedade impõe desafios severos, como a sobrecarga de alunos trabalhadores, a escassez de recursos públicos e o risco de mercantilização das atividades. A coexistência desses benefícios e fragilidades torna a implementação um processo complexo e polêmico.

A obrigatoriedade da extensão universitária, todavia, gera controvérsias ao confrontar benefícios pedagógicos e obstáculos reais. Pelo lado positivo, a prática fortalece o nexo teoria-prática, desenvolve habilidades interpessoais e estabelece um canal de mão dupla entre universidade e sociedade. Por outro lado, a medida enfrenta a falta de infraestrutura e financiamento nas instituições públicas, além de desconsiderar a realidade do aluno trabalhador. Sem planejamento orgânico, corre-se o risco de transformar a extensão em mera burocracia ou em uma via para a privatização do ensino público.

Embora a extensão curricularizada promova uma formação crítica e socialmente referenciada, sua implementação esbarra em limites estruturais. A falta de financiamento, a sobrecarga discente e docente, se somam ao risco de desvirtuamento mercantil e da privatização (através de venda de serviços) da universidade gratuita, laica e socialmente referenciada, configurando um dos gargalos que ameaçam a qualidade do ensino superior e a equidade de distribuição dos recursos.

O debate atual reflete, portanto, a tensão entre o ideal

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

pedagógico de integração com a comunidade e a precariedade das condições institucionais para efetivá-lo. Não há dúvidas de que a extensão é uma prática pedagógica essencial para uma formação crítica e socialmente engajada. Ela aproxima a academia da realidade social, permitindo a realização interventiva dos conhecimentos científicos e o desenvolvimento de habilidades cruciais como trabalho em equipe, comunicação e adaptação. Além disso, fortalece a relação universidade-sociedade, impulsionando novas pesquisas e soluções inovadoras.

Por outro lado, a imposição da extensão levanta questões e desafios significativos. A sobrecarga curricular e a falta de tempo dos estudantes trabalhadores são preocupações constantes. A obrigatoriedade, por si só, não garante a qualidade ou a relevância dos projetos, que exigem vínculo orgânico e continuado entre planejamento, supervisão e avaliação.

As universidades, especialmente as públicas, enfrentam escassez de estrutura, recursos, financiamento e corpo docente qualificado, dificultando a oferta de projetos de qualidade para todos os alunos. A gestão de um sistema de extensão obrigatória é complexa e exige diretrizes claras, resultando em diferenças entre cursos e universidades. Há, ainda, o risco de a extensão ser vista como uma "atividade a ser cumprida" em vez de uma oportunidade de aprendizado, e a preocupação com o viés de privatização, que, frente aos cortes orçamentários, estimula a venda de serviços e a captação de financiamento privado, comprometendo a autonomia da produção universitária pública.

Neste cenário de tensões e desafios, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão emerge como uma estratégia potente para sustentar práticas formativas críticas e socialmente referenciadas, sobretudo diante do desmonte da educação pública e da crescente escassez de recursos. A sistematização de atividades que envolvem debates sobre feminismo, gênero e violência, desenvolvidas por estudantes e docentes, evidencia esse potencial. Por meio da produção de materiais didáticos, eventos culturais e oficinas, tais ações têm alcançado tanto a comunidade acadêmica quanto setores da sociedade civil, como escolas e movimentos sociais, reafirmando a importância da universidade pública e democrática.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO LEGAL E POLÍTICO-PEDAGÓGICO BRASILEIRO

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei 9.394/96 já previam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como pilares da educação superior. A autonomia didático-científica das universidades (Art. 207 da CF/88) permite diferentes abordagens pedagógicas em relação à extensão. A LDB, em seu Art. 43, detalha as finalidades da educação superior, incluindo a pesquisa como meio de criação e difusão de conhecimento e cultura, e o ensino como forma de "divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade" (BRASIL, 1996).

Especificamente sobre a extensão, o Art. 43, § VII, da LDB a compreende como um aspecto democrático da gestão institucional,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

visando à criação e ampliação das conquistas das lutas sociais, e à "difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição" (BRASIL, 1996).

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em sua dinâmica de organização e sistematização da extensão, classifica os âmbitos didáticos e metodológicos dessa prática pedagógica nos seguintes aspectos: programa, conjunto articulado de projetos ou outras ações de extensão que integram ensino, pesquisa e extensão, orientados por um objetivo comum e geridos conforme diretrizes institucionais; projeto, ação de caráter educativo, social, cultural ou científico, com objetivo específico, podendo estar ou não vinculado a um programa de extensão; curso, atividade teórico-prática, presencial ou a distância, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos; evento, apresentação ou exibição pública de aspectos culturais, artísticos, esportivos, científicos ou tecnológicos, reconhecida pela universidade; prestação de serviço, realização de serviços oferecidos pela universidade e contratados por terceiros.

Este último ponto levanta a importante polêmica referente à privatização e à autonomia da produção científica, uma vez que a ausência de recursos e o cenário de contingenciamento progressivo levam as ações extensionistas a assumir um viés de venda de serviços e captação de financiamento privado, comprometendo a isonomia e autonomia da produção universitária pública.

O Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 reforçou a meta de que as universidades garantam, no mínimo, dez por cento do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014). Isso representa um avanço significativo na formalização da extensão como parte integrante da formação.

No entanto, a implementação desses 10% de créditos curriculares em extensão, com ênfase em áreas de grande pertinência social, desafia todos os setores da universidade – discentes, docentes, gestão e também o público envolvido (Serafim, 2023). A integralização da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como prática orgânica na universidade opera um desafio pedagógico de construção crítica, criativa e comprometida, especialmente frente ao inócuo e insuficiente investimento público nas áreas humanas e sociais.

A ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social) tem alertado sobre a necessidade de defender a educação pública, gratuita e laica, resistindo às tendências de privatização no campo da educação, combatendo a cobrança de taxas em programas, projetos, cursos ou na prestação de serviços para a comunidade de natureza mercantil, e enfrentando a questão do voluntariado (ABEPSS, 2021). O financiamento e as garantias das condições para o desenvolvimento das atividades de extensão estão cada ano mais diminutos, tornando a creditação da extensão cada dia mais inviável ou precarizada, o que impacta diretamente a formação profissional e as ações junto à comunidade externa.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA E O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS: A PARTICULARIDADE DO SERVIÇO SOCIAL

O documento da ABEPSS sobre a Curricularização da Extensão e Serviço Social (2022) enfatiza a necessidade de priorizar atividades que se vinculem às lutas da classe trabalhadora, fortalecendo a direção ético-política da profissão. A formação do assistente social, conforme as Diretrizes Curriculares, busca uma visão de totalidade da realidade social no contexto do capitalismo, almejando um profissional qualificado ética e teoricamente, comprometido com as pautas e lutas da classe trabalhadora, com capacidade de atuar coletivamente no enfrentamento das múltiplas expressões da questão social.

A integração da extensão no Serviço Social exige uma articulação entre graduação e pós-graduação para promover e implementar mudanças nos projetos político-pedagógicos e impactar toda a comunidade de forma interdisciplinar e cientificamente. Historicamente, as universidades públicas brasileiras têm sido excludentes, reforçando um perfil seletivo e desigual. A manutenção da universidade pública é uma pauta central na luta da classe trabalhadora, defendendo uma formação científica e crítica, como apontado por Florestan Fernandes (1979). É nesse contexto que projetos de extensão, como o da Biblioteca Feminista, buscam aproximar a universidade do ensino médio e fundamental, reforçando as lutas e conquistas da classe trabalhadora.

O PROJETO DE EXTENSÃO: BIBLIOTECA FEMINISTA

A ideia da construção do Coletivo de Mulheres na Escola de Serviço Social (SESO) teve seu marco político em 2014, motivada pela violência sofrida por mulheres na instituição. O objetivo inicial foi denunciar a violência de gênero e solicitar que nenhuma aluna fosse obrigada a ter aulas com o professor agressor. Este fato evidenciou a violência tanto no âmbito público quanto privado, chamando a atenção para a necessidade de fomentar o debate sobre a violência contra a mulher. O Coletivo de Mulheres do SESO passou a realizar ações político-pedagógicas críticas, criativas, competentes e propositivas, ampliando o debate sobre as diversas opressões no ambiente acadêmico, articulando teorias marxistas e feministas para desvelar a realidade e promover mudanças.

O Coletivo se tornou um espaço de acolhimento para relatos de violência, reconhecendo que a violência contra a mulher não se restringe ao privado, mas é um fenômeno multifacetado que se insere em uma dinâmica estrutural de reprodução da lógica patriarcal e machista que compõe a formação social brasileira. As proporções são extremamente significativas, especialmente por se tratar de uma profissão majoritariamente feminina, que ao ser pensada para atuar com políticas sociais que respondem às manifestações da questão social, as violências cotidianas atravessam tanto a dimensão privada, quanto a profissional e político-pedagógica da questão, exigindo debates e ações político-pedagógicas junto a toda a comunidade.

As alunas que construíram o Coletivo de Mulheres do SESO reconheceram a existência do machismo institucional e demais opressões próprias da sociedade capitalista com relações sociais

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

patriarcais, ampliando o entendimento sobre a importância da organização das mulheres e percebendo a urgência de problematizar o lugar de subalternidade do trabalho feminino, ressaltando a necessidade da universidade fomentar o debate sobre o feminismo e sua importância para a formação e capacitação permanente, bem como para a valorização da produção e teorias feministas nos conteúdos programáticos de todas as disciplinas obrigatórias.

Entendendo que o machismo perpassa todas as relações sociais e que ninguém vive o cotidiano descolado dessa reprodução, foi problematizado a necessidade premente e central do debate de gênero, abarcando ações de ensino, pesquisa e extensão que corroborassem para a construção ético-política e teórico-metodológica de uma cultura antipatriarcal, sobretudo no âmbito da universidade e de seus distintos sujeitos políticos.

As ações do coletivo tiveram o interesse de provocar as pessoas, tirando-as do lugar comum com a mediação da arte, em suas manifestações plurais, compreendida em sua função social e política, como uma forma central de objetivação do ser social, de expressão de um tempo histórico. Foram implementadas instalações com fios e linhas tecidas com a perspectiva de compor uma teia que representasse tanto a rede que articula história, consciência e luta feminista, mas que também explicitasse as formas de combate à violência contra a mulher.

Outra estratégia foi a instalação de um mural de relatos sobre as expressões de machismo sofrido por mulheres no espaço universitário, com o objetivo de dar voz às mulheres, garantindo seu anonimato e expor os agressores e sujeitos que cometeram violências e violações às mulheres de modo didático e que provocasse a reflexão político-pedagógica acerca da temática. Essas e outras manifestações artísticas tiveram sempre um eixo comum: demonstrar o quanto é naturalizada a opressão de gênero e como é importante explicitar e desvelar esse fenômeno e suas formas de resistência.

A arte, nessa perspectiva, revela-se como uma das objetivações do ser social que contribui para a leitura de totalidade e o desvelar de fenômenos obnubilados, tal qual o machismo, a estrutura patriarcal e o campo ideológico de mistificação que os envolve.

O feminismo tem como desafio enfrentar os ataques e o avanço dos valores conservadores dessa sociedade patriarcal. Com a finalidade de instrumentalizar os assistentes sociais e profissionais de áreas afins para uma atuação coerente com o compromisso ético-político, propusemos a construção de um grupo de estudos e a criação da Biblioteca Feminista (BFPV). Seu objetivo é subsidiar teoricamente todas as pessoas que desejam apreender e desvelar as contradições que envolvem as questões de gênero em suas múltiplas expressões – econômica, cultural, histórica e política –, proporcionando a compreensão histórica do papel e lugar da mulher nessa sociedade misógina, racista e homofóbica, fortalecendo os laços e criando unidade no combate a toda e qualquer forma de opressão contra a mulher.

A bandeira abraçada pelo coletivo e, posteriormente, consubstanciada teórica e politicamente no projeto "Biblioteca Feminista da Praia Vermelha" é combater toda e qualquer forma de violência contra a mulher e fomentar o debate dentro e fora da Escola de Serviço

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Social, fortalecendo o compromisso ético-político da categoria para qualificar as futuras assistentes sociais a atenderem as maiores usuárias de serviços públicos, que são as mulheres.

O corpo social do Coletivo de Mulheres da Escola de Serviço Social é composto por alunas, professoras, trabalhadoras terceirizadas e técnicas em educação, bem como ex-alunas, pois compreende que o machismo é estrutural e institucional. Analisar os determinantes que se colocam em suas vidas se torna fundamental para uma ação profissional qualificada. Apropriar-se do debate de gênero, raça e classe, sendo indissociáveis, é fundamental para a categoria profissional.

A Biblioteca Feminista constituiu-se como mais uma das ações propostas pelo coletivo em articulação com diversos cursos, tendo em vista democratizar o debate sobre as temáticas do feminismo, das questões de gênero, da divisão sexual, social e racial do trabalho, a partir do acesso à bibliografia física e virtual em diversos espaços nos coletivos, movimentos sociais e instituições.

AÇÕES ATUAIS DO PROJETO

As ações do projeto, pautadas na formação profissional de qualidade, na ampliação do espaço universitário e na popularização de conteúdos sobre direitos dos trabalhadores, movimentos sociais e feminismo, dividem-se em dois grandes grupos:

Produção de materiais didáticos: transformar textos acadêmicos e feministas em materiais acessíveis e lúdicos (exposições, vídeos curtos, publicações didáticas) para divulgação em universidades, escolas públicas, sindicatos, movimentos sociais, ONGs e favelas, legitimando e socializando o trabalho científico. A preocupação é tornar os conteúdos mais facilmente compreendidos por toda a comunidade, criando recursos didático-pedagógicos que decodificam a linguagem acadêmica, por meio de exposições sobre autoras e personalidades artísticas e políticas, vídeos curtos e publicações didáticas.

E também, a Biblioteca Feminista no ensino fundamental e médio: Divulgação do material produzido para diversos públicos, com atividades específicas para alunos de escolas públicas. Nesses encontros, alunos da graduação e pós-graduação organizam debates, apresentam o campus universitário, discutem formas de acesso e políticas de permanência, além de promover ações informativas sobre machismo, racismo, capacitismo, homofobia e misoginia, buscando a prevenção da violência. Assim, o projeto democratiza conteúdos e espaços acadêmicos, ao mesmo tempo em que promove a conscientização sobre diversas formas de opressão e sua intrínseca relação com a exploração.

OS MINICURSOS COM O TEMA "QUAL FOGO QUE TE QUEIMA?"

Um exemplo emblemático dessa prática de extensão são os minicursos "Qual fogo que te queima? A violência nossa de cada dia". Ao evocarem as fogueiras que queimaram mulheres na Idade Média, esses minicursos convidam participantes a denunciarem, de forma anônima, as violências cotidianas que ainda incidem sobre os corpos femininos. O objetivo é discutir e dar visibilidade à violência de gênero, construir coletivamente medidas preventivas e divulgar redes

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

de apoio.

A metodologia utilizada envolve a análise bibliográfica de autoras feministas marxistas, com destaque para a obra "Calibã e a Bruxa" (2017) de Silvia Federici. Além disso, são levantados e analisados os relatos obtidos nos "foguinhos", que são depoimentos anônimos depositados em uma urna, simbolizando os relatos de opressão. Este minicurso foi realizado em quatro ocasiões: em 2016 (na instalação artística da Semana de Integração Acadêmica Universitária), em 2023 (na Associação Gol de Letra), e nas edições de 2024 e 2025 da Semana Acadêmica do Serviço Social.

Na elaboração da atividade, tanto na dimensão prática quanto teórica, apropria-se dos sentidos e elementos da alegoria da "bruxa" presentes no imaginário social: o caldeirão, a vassoura, o espelho, a maçã, a fogueira e o chapéu. Essa proposta visa fomentar o debate teórico a partir de uma linguagem mais lúdica, onde as experiências pessoais são um importante aporte para a reflexão crítica.

O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL E OS RELATOS DOS PARTICIPANTES DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Os dados do Anuário de Violência Pública (2025) e do Mapa de Segurança Pública (Governo Federal, 2024) revelam um cenário alarmante da violência contra a mulher no Brasil. Crimes de estupro de vulnerável cresceram 111,2% em relação a 2023, e foram cerca de 227 notificações de estupros em 2024. Os feminicídios totalizaram 1.459 em 2024, e as tentativas de tal crime cresceram de 3.238 em 2023 para 3.870 em 2024 (19º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024).

As relações entre vítimas e agressores se distribuem principalmente entre parceiros ou ex-parceiros, familiares e amigos/conhecidos, evidenciando que a violência não se restringe a estranhos. O estudo aponta uma elevada taxa de subnotificação: apenas 8,5% dos casos chegam ao conhecimento da polícia e 4,2% são registrados pelo sistema de saúde, o que agrava a impunidade e a falta de acesso das vítimas a cuidados médicos e psicológicos.

A atividade "Qual é o fogo que te queima?" materializa, por meio das experiências vividas, aquilo que as estatísticas revelam de forma objetiva. Com um total de 53 participantes mulheres e 53 relatos anônimos, a atividade expõe a recorrência das violências de gênero vivenciadas no cotidiano. Dentre os registros: o assédio sexual foi a violência mais mencionada (26 relatos), seguido do medo e insegurança ao sair sozinha (20 menções), evidenciando como a simples ocupação de espaços públicos se torna um fator de risco. A violência sexual, incluindo estupro e tentativas, também se destacou (18 registros). Além disso, 16 relatos trouxeram experiências relacionadas à sexualização do corpo e das roupas, e 14 participantes relataram situações de controle sobre seus corpos e julgamentos morais.

Esses dados, quando analisados em conjunto, revelam um cenário estruturado de violência de gênero que perpassa as esferas pública e privada, reafirmando as imposições patriarcais naturalizadas na sociedade. O medo, a vergonha e o silenciamento impostos às mulheres são formas de disciplinamento social, que funcionam como ferramentas de controle, exatamente como descrito por Federici (2017)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ao analisar os impactos da caça às bruxas. Conforme Federici (2017, p. 205), historicamente, esse controle destruiu saberes femininos de resistência, resultando em uma regulação que consolidou o ideal da mulher passiva, feminina e obediente, moldada por relações sociais violentas.

A violência sexual se manifesta e se reproduz a partir de construções sociais que legitimam a opressão e a violação dos corpos femininos. Na lógica capitalista, o patriarcado se consolida como um instrumento que assegura a propriedade, exploração e dominação masculina, especialmente pelo controle da sexualidade e dos direitos reprodutivos das mulheres. Esse controle é reforçado por normas que naturalizam a heterossexualidade compulsória e a monogamia, que servem à manutenção da ordem patriarcal e à concentração de riqueza.

Nesse modelo relacional, a heterossexualidade se sustenta através de uma moralidade sexual assimétrica, que atribui aos homens o papel de sujeitos ativos e protagonistas, enquanto às mulheres é socialmente reservado um lugar de passividade. Tal configuração gera uma dinâmica onde o consentimento feminino é sistematicamente esvaziado, pois a cultura incentiva os homens à insistência, enquanto impõe às mulheres a negação de seus próprios desejos. Dessa forma, o desejo feminino é frequentemente deslegitimado, e a autonomia sobre seus corpos é apagada, contribuindo diretamente para a banalização do consentimento e a perpetuação da violência sexual (Campos, 2017).

A construção da sexualidade normativa, baseada na lógica machista/patriarcal, naturaliza a violência sexual e dificulta sua distinção de práticas sexuais socialmente legitimadas, exigindo a desconstrução dos modelos hegemônicos de heterossexualidade. Nesse contexto, o silenciamento das vítimas é reforçado pela culpabilização, que desconsidera os efeitos psíquicos da violência e responsabiliza as mulheres por suas reações durante o estupro. Soma-se a isso a baixa taxa de denúncias e condenações, especialmente nos casos em que a violência ocorre no âmbito doméstico ou é praticada por conhecidos. Como alerta Machado (1998):

> A continuidade da inversão da incidência entre ocorrências de denúncias e da incidência de penalização, quando se contrasta 'os estupros contra conhecidas' aos 'estupros contra desconhecidas', e 'os estupros ocorridos no âmbito doméstico' aos 'estupros ocorridos em lugares públicos', indica que as denúncias por estupro nas relações parentais ou entre conhecidos são mais difíceis de serem consideradas como crimes no decorrer dos processos investigativos e judiciários (Machado, 1998, p. 234).

O trabalho doméstico e reprodutivo – cuidar, alimentar, gerar, educar, sustentar emocionalmente – passou a ser naturalizado como parte do "instinto feminino" e, por isso, não reconhecido como trabalho e tampouco remunerado. Essa separação entre produção e reprodução, entre esfera pública e privada, aprofundou as desigualdades de gênero e sustentou a invisibilidade daquilo que, sem reconhecimento, continua sendo essencial (Bhattacharya, 2023).

Portanto, os "foguinhos" trazem marcas de violências que se repetem e se perpetuam: a violação sexual, o medo de sair à noite, a sobrecarga emocional e doméstica, e o controle sobre a liberdade

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

reprodutiva e sexual. Federici (2017) nos ajuda a compreender que essas experiências individuais não são isoladas ou circunstanciais; elas são a expressão concreta de uma lógica de poder construída historicamente para subjugar as mulheres, especialmente aquelas que ousam romper com os papéis esperados de submissão, docilidade e silêncio.

As reproduções biológicas, como gravidez, parto e amamentação, o trabalho doméstico e cuidados não remunerados, tornam as mulheres alvo de formas específicas de opressão no contexto das sociedades capitalistas. Essas opressões são intensificadas por mecanismos de controle estatal sobre seus corpos, evidenciando a dependência do capital em relação às funções reprodutivas femininas. Como afirmam Ferguson e McNally (2017, p. 40), "é isso que induz o capital e seu Estado a controlar e regular a reprodução feminina e o que os impele a reforçar uma ordem de gênero de dominância masculina". Historicamente, as chamadas leis sociais foram instrumentos desse controle, promovendo reformas que, embora aparentassem proteção, também regulavam os corpos das mulheres, como nas restrições ao trabalho feminino e infantil, na responsabilização do Estado pela educação das crianças e, sobretudo, na constante disputa em torno dos direitos sexuais e reprodutivos, incluindo o acesso ao aborto. Essas medidas operam diretamente na regulação da reprodução das atuais e futuras gerações de trabalhadores assalariados.

Assim como as bruxas foram punidas por sua autonomia, saberes e resistência, as mulheres de hoje ainda são punidas com violência, vergonha e silenciamento por existirem fora da norma. Esses "fogos" se traduzem em medo, dor, perda, invisibilidade e trauma. Mas também, como nos lembra Federici (2017), a figura da bruxa é símbolo de luta e insubordinação. Ao compartilharem seus relatos, essas mulheres não apenas denunciam o sistema que as oprime, mas reafirmam a potência coletiva de transformar dor em discurso, vergonha em resistência e silêncio em memória política.

A articulação entre os relatos e o debate construído coletivamente no minicurso traz à tona a dor que perpassa não apenas aqueles corpos ali presentes, mas todos aqueles lidos socialmente como femininos. O machismo não atinge apenas mulheres em determinado tempo e espaço; ele corrói quem somos a todo instante, desde o nascimento até o pós-morte, não permitindo segurança e descanso em qualquer ocasião, seja dentro de casa, no trabalho, na escola, no hospital, ou até mesmo no necrotério.

Os eixos de análise discutidos destacam a necessidade de adotar uma abordagem que considere a totalidade na compreensão do trabalho reprodutivo e sua centralidade para a dinâmica de acumulação do capital. Diante disso, torna-se fundamental articular de forma orgânica as lutas que ocorrem tanto no âmbito da economia formal quanto nas atividades historicamente desvalorizadas e invisibilizadas fora desse espaço. Nesse contexto, a atuação do Estado se materializa por meio de estratégias socioculturais, legislativas, educativas e ético-morais que reforçam e legitimam as opressões impostas às mulheres. Como observa Vogel (2022):

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

[...] as questões políticas e ideológicas entraram na discussão principalmente no processo de descrever o modo pelo qual as tendências estruturais localizadas no nível econômico tomam forma específica nas sociedades concretamente existentes (Vogel, 2022, p. 367).

A sociedade capitalista se apropria dos valores patriarcais e cria formas cruéis de proteção aos agressores e de culpabilização da vítima. Nos "foguinhos", esse cenário se apresenta diversas vezes, demonstrando os sentimentos de tristeza e raiva que tais situações propiciaram às vítimas, ou fazendo emergir o medo da imposição desse contexto. A responsabilização das mulheres sobre as violências vividas gera medos e receios, os quais provocam um apagamento de sua singularidade devido à tamanha violência, fazendo-as construir barreiras consigo mesmas e com os demais. Elas passam a questionar a maneira que se vestem, falam, andam e são, não se permitindo mais o contato ou o vínculo com determinados sujeitos.

A expropriação dos corpos das mulheres é primordial para a vigência do sistema capitalista. A partir dessa análise, pudemos compreender de maneira mais objetiva alguns dos relatos presentes nos "foguinhos", como a pressão de ser mãe, a responsabilidade do cuidado do lar voltada apenas às mulheres da família, ou a busca por atingir o status de "prendada" nos afazeres domésticos – visto pelo senso comum como necessário para a entrada da mulher numa relação matrimonial. Tais exposições escancaram as imposições sociais sofridas cotidianamente, as quais se iniciam na infância, demonstrado nas vivências relatadas no espaço dos minicursos.

Nos diálogos desenvolvidos no minicurso, a maioria das participantes, que se identificaram como mulheres, apresentaram semelhanças nas infâncias vividas, com a repetição da imposição de uma feminilidade e o discurso de cuidado do lar. Isso se refletia em brincadeiras (cozinhar, cuidar de bonecas, entre outros) ou nas tarefas atribuídas a elas, que passavam a substituir, de maneira forçada, a brincadeira e a infância pelo trabalho doméstico e o cuidado dos outros. Em determinados contextos, eram obrigadas a assumir a imagem materna para seus irmãos, trazendo uma sobrecarga maior para elas, mas que para os demais seria um aguçamento do "instinto feminino".

Outro ponto abordado é a violência física e psicológica que as atravessa durante esse período da vida, o que as levou a revelarem traumas e sofrimentos, muitas vezes causados por aqueles que deveriam compor sua rede de apoio/familiar. Uma demonstração da posição de "impunidade" e "poder" que ainda são dadas aos homens na sociedade atual.

A BIBLIOTECA FEMINISTA VAI AO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Uma outra dimensão do projeto é a divulgação dos materiais produzidos para o público bem diversificado, aqui destacaremos as atividades direcionadas aos alunos de escolas públicas que passam a enxergar a universidade como parte de seus projetos futuros. Com isso tralhamos os conceitos de luta de classe, de direitos sociais e sociedade.

Os encontros são organizados por alunos da graduação e da pós-graduação, que preparam os materiais didáticos que irão facilitar os

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

debates, organizam o espaço para receber alunos e professores das redes municipal e estadual, promovendo um passeio por todo o campus universitário contando sua história e a importância dos trabalhadores na construção do espaço público, transformando esta instância em divulgação das formas de acesso, as políticas de permanência e suas próprias experiências universitárias.

Assim, construímos um caminho de democratização dos conteúdos e espaços acadêmicos e também promovemos ações de informação sobre machismo, racismo, capacitismo, homofobia e misoginia, buscando a prevenção de crimes e ações de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EXTENSÃO Os desafios referentes à extensão universitária são diversos, sendo de ordem política, pedagógica, conceitual e acadêmica, tanto na gestão, quanto nas normativas e na esfera operacional. Com a curricularização e, portanto, sua obrigatoriedade, há um acirramento entre dois projetos educacionais: um que reforça a universidade pública, gratuita, laica e socialmente referenciada e outro de ordem privatista e empresarial.

Assim, a extensão pode, por um lado, qualificar a formação, assumindo um compromisso social (em linha com o PNE 2014-2024, que prioriza áreas de grande pertinência social). Por outro lado, pode reafirmar a tendência de mercantilização da educação, focada em critérios de eficiência e produtividade, transformando as universidades em prestadoras de serviços pautadas pelo mercado. Isso pode levar à precarização do trabalho docente e da formação discente, especialmente com as exorbitantes metas das pós-graduações e os critérios de pontuações na progressão funcional para docentes concentrados na produção intelectual, além da baixa carga horária para programas e projetos de extensão. A curricularização e sua obrigatoriedade, portanto, podem não resolver o lugar de subalternidade da extensão, de menor importância e de baixos recursos, apesar da enorme carga horária a ela destinada nos currículos.

Em um contexto de intenso cumprimento da agenda neoliberal, de redução de políticas de proteção social e de respostas eficazes às demandas dos setores mais subalternos da classe trabalhadora, o casamento entre a curricularização da extensão e as atividades voltadas para setores e áreas geográficas de maior pertinência social, no caso para segmentos em situação de pobreza, parece profícuo e oportuno, ou seja, uma ação voltada para o compromisso com a sociedade, com baixíssimo custo.

Tendo em vista a realidade das universidades públicas brasileiras e as tendências das políticas de corte de gastos e privatizações, que ora se apresentam através de medidas mais duras, ora mais flexíveis, a depender da conjuntura e do perfil dos governos (Fontenele, 2023), a extensão como forma de prestação de serviços à comunidade, associada à captação de recursos, já é uma realidade nas universidades. Nesse sentido, a ABEPSS adverte para a necessidade da defesa de uma educação pública, gratuita, resistindo às tendências de privatização no campo da educação, se contrapondo à instituição da cobrança de taxas em programas, projetos, cursos, ou mesmo à prestação de serviços para a comunidade de natureza mercantil e enfrentando a questão do voluntariado (ABEPSS, 2021).

Nessa mesma dinâmica, a extensão pode expressar o compromisso

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

social da Universidade com a sociedade e, ao mesmo tempo, pode também se constituir como um mecanismo de relativa substituição de outras políticas públicas em relação às demandas da sociedade, especialmente dos segmentos mais empobrecidos. Daí a importância das atividades extensionistas estarem alinhadas com a defesa de direitos universais e a ampliação da oferta de serviços e benefícios voltados para o conjunto da população brasileira e, a partir daí, alimentar criticamente a produção de um conhecimento socialmente referenciado.

O financiamento e as garantias das condições para o desenvolvimento das atividades de extensão estão a cada ano mais diminutos e a creditação da extensão está cada dia mais inviável ou mesmo precarizada, o que certamente está impactando a formação profissional e as ações junto à comunidade externa (ABEPSS, 2021). Portanto, a extensão deve constituir conceitos e práticas que possam estabelecer a articulação entre ensino/pesquisa/extensão, a unidade teoria/prática, entre saber acadêmico e popular, entre conhecimento, ação política, valores éticos e, acima de tudo, a luta por uma educação pública e de qualidade.

Ao propiciar um espaço para que as mulheres relatem suas experiências de dor, estabelece-se uma aproximação crucial entre o conhecimento acadêmico-teórico e a vivência cotidiana. Tal iniciativa contribui significativamente para a formação de futuros assistentes sociais e para o aprimoramento contínuo dos profissionais já atuantes na área, ao possibilitar uma análise crítica das expressões da questão social, fundamentada em uma perspectiva documental e bibliográfica. Dessa forma, este estudo não apenas evidencia as manifestações da questão social imbricadas na violência de gênero, mas também reafirma o compromisso intrínseco da profissão de Serviço Social com a compreensão e o enfrentamento das desigualdades e injustiças sociais inerentes ao sistema capitalista.

Esta abordagem aprofunda simultaneamente a percepção das relações de violência e machismo que estruturam a vida das mulheres, elementos que se manifestam recorrentemente no cotidiano profissional. Consequentemente, viabiliza-se o fortalecimento do vínculo profissional entre o assistente social e o usuário. Ao apreender a maneira pela qual a estrutura capitalista percebe e reproduz a subordinação feminina, o profissional estará mais apto a oferecer acolhimento compreensivo em casos específicos. Isso expande a capacidade do profissional de desenvolver intervenções mais direcionadas e éticas, visando não apenas mitigar o sofrimento, mas também contestar as raízes estruturais da opressão.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

ABEPSS. Comissão Temporária de Trabalho. **Documento preliminar acerca da Curricularização da Extensão.** Brasília, DF: Comissão Temporária de Trabalho, 2021.

ABEPSS. **Curricularização da extensão e Serviço Social.** Brasília, dezembro de 2022.

BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da reprodução social:** Remapear a classe, recentralizar opressão. São Paulo: Elefante, 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LDB 9.394/96.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024.

CAMPOS, Carmen Hein de; et al. Cultura do estupro ou cultura antiestupro? **Rev. direito GV**, [online]. 2017, vol.13, n.3, pp.981-1006.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, RJ, n. 24, 2003.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** 2. ed. rev. ampl. São Paulo, SP: Alfa-Ômega, 1979.

FERGUSON, Susan. Mcnally, David. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Revista Outubro**, n. 29, novembro de 2017. Disponível em: https://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf Acesso em: 20 fev. 2026.

FONTENELE, Iolanda. A universidade brasileira e o neoliberalismo: impactos na educação e na pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 44, e263842, 2023.

FORPROEX. Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Org.: Edison José Correa. **Extensão Universitária: organização e sistematização**. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 11, 1998.

SERAFIM, Andrea Bier. **A curricularização da extensão e o neoliberalismo: a governabilidade na resolução e nos discursos de docentes**. 2023. 111f. Tese, Universidade São Francisco (USF), Programa de Pós-Graduação em Educação, Itatiba, SP, 2023.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres rumo a uma teoria unitária**. Tradução Equipe do Grupo de Estudos sobre teoria da reprodução social. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ARTIGO
EDUCAÇÃO//

Crianças, saúde e extensão: ações integradas de promoção da saúde visual e prevenção de parasitoses

EMILLY MERCÊS VASCO
CAROLINE EMANUELLI RODRIGUES DE SOUZA
LETÍCIA OLIVEIRA LIMA
NEYLA SILVA DE ARAUJO
YASMIN FERREIRA CAPRINI

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Children, health, and outreach: integrated actions for visual health promotion and parasite prevention

Crianças, saúde e extensão: ações integradas de promoção da saúde visual e prevenção de parasitoses

Children, health, and outreach: integrated actions for visual health promotion and parasite prevention

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
PROMOÇÃO DA SAÚDE.
SAÚDE DA CRIANÇA.
ATENÇÃO PRIMÁRIA.

RESUMO O artigo relata a experiência de estudantes de medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em atividades extensionistas no contexto da Atenção Primária à Saúde. Foram desenvolvidas duas ações voltadas ao público infantojuvenil em parceria com uma Unidade de Saúde da Família: triagem de acuidade visual em escola pública, no âmbito do Programa Saúde na Escola (PSE), e atividade lúdico-educativa sobre higiene das mãos e alimentação saudável durante evento do Dia das Crianças. As intervenções permitiram identificar precocemente necessidades de saúde, promover práticas educativas participativas e fortalecer vínculos entre universidade, território e comunidade. Observou-se engajamento positivo das crianças e reconhecimento das ações por parte da equipe escolar e da unidade de saúde. A experiência evidencia a importância da extensão universitária na formação de profissionais de saúde comprometidos com a promoção da saúde e o cuidado integral.

KEYWORDS
UNIVERSITY OUTREACH.
HEALTH PROMOTION.
CHILD HEALTH.
PRIMARY CARE.

ABSTRACT This article reports on the experience of medical students at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB) in outreach activities within the context of Primary Health Care. Two initiatives aimed at children and adolescents were developed in partnership with a Family Health Unit: visual acuity screening in a public school, within the scope of the Health in School Program (PSE), and a recreational and educational activity on hand hygiene and healthy eating during a Children's Day event. The interventions enabled early identification of health needs, promoted participatory educational practices, and strengthened ties between the university, the region, and the community. Positive engagement among the children and recognition of the actions by the school and health unit staff were observed. This experience highlights the importance of university outreach in the training of health professionals committed to health promotion and comprehensive care.

EMILLY MERCÊS VASCO
Bacharela Interdisciplinar em Saúde e
Discente do curso de Medicina
*Centro de Ciências da Saúde (*CCS*)* – UFRB.
E-mail: emillyvsc00@gmail.com

CAROLINE EMANUELLI RODRIGUES DE SOUZA
Bacharela Interdisciplinar em Saúde e
Discente do curso de Medicina
*Centro de Ciências da Saúde (*CCS*)* – UFRB.
E-mail: caroline.med@aluno.ufrb.edu.br

LETÍCIA OLIVEIRA LIMA
Bacharela Interdisciplinar em Saúde e
Discente do curso de Medicina
*Centro de Ciências da Saúde (*CCS*)* – UFRB.
E-mail: leticialima@aluno.ufrb.edu.br

NEYLA SILVA DE ARAUJO
Bacharela Interdisciplinar em Saúde e
Discente do curso de Medicina
*Centro de Ciências da Saúde (*CCS*)* – UFRB.
E-mail: neylaaraujo@aluno.ufrb.edu.br

YASMIN FERREIRA CAPRINI
Bacharela Interdisciplinar em Saúde e
Discente do curso de Medicina
*Centro de Ciências da Saúde (*CCS*)* – UFRB.
E-mail: capriniyasmin@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A extensão universitária desempenha um papel fundamental na formação integral profissional, especialmente quando abordamos o profissional da área da saúde, ao promover aquele chamado de "tripé universitário", composto pelas faces de ensino, pesquisa e serviço à comunidade. Pensando em uma abordagem local, e tendo como central a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), a extensão é ainda uma maneira de cumprir com o princípio que fundamenta a criação da universidade: o serviço às comunidades do interior que acolhem a academia. Assim, com um contato direto e real com a população, o profissional em formação pode se envolver diretamente com as necessidades desse povo, desenvolver habilidades técnicas, sociais e de acolhimento, tão importantes para a saúde coletiva, prática clínica e humanidade.

A Constituição Federal de 1988 institui o Sistema Único de Saúde (SUS), assegurando o acesso universal dos cidadãos à saúde, com ênfase também na participação social:

> "A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação" (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, artigo 196)

Ainda no pensamento sobre o SUS, medidas continuaram sendo tomadas para que o Sistema se tornasse cada vez mais eficiente em seu objetivo, de maneira que, na Lei Orgânica de Saúde, fosse incorporado o conceito ampliado de saúde (muito além da saúde como ausência de doenças). Neste sentido, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) provoca mudanças nos modos de agir, organizar, planejar, realizar e analisar e avaliar o trabalho em saúde (Ministério da Saúde, 2018). Assim, na perspectiva dos objetivos do PNPS, no ano de 2007 foi instituído o Programa Saúde na Escola (PSE), como política intersetorial de Saúde e da Educação.

Em seu artigo 1º, o decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, decreta a instituição do PSE, no âmbito dos Ministérios da Educação e da Saúde, com a finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção,

promoção e atenção à saúde - em consonância com o conceito ampliado de saúde, cerne da Lei 8080. Outro ponto importante do PSE é que o planejamento das ações deve considerar o contexto escolar e social; o diagnóstico local em saúde do escolar; e a capacidade operativa em saúde do escolar.

Diante disso, entendendo a importância da extensão universitária, com a inserção do graduando na situação de saúde da comunidade que lhe acolhe, o artigo busca relatar e refletir sobre a experiência de um grupo de graduandos em medicina que, dentro do componente de Atividades Práticas em Saúde da Família, executaram duas atividades com o público infanto-juvenil, em conjunto com a Unidade Básica de Saúde que estagiam. A primeira atividade fazia parte do PSE, com a avaliação de acuidade visual dos estudantes de uma escola no território de abrangência da UBS; já a segunda atividade faz parte de uma atividade feita em comemoração ao dia das crianças, na própria unidade, que contou com o ensino de práticas de boa higiene e educação alimentar, por demanda da unidade e o que era entendido como necessidade local.

METODOLOGIA Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, baseado em ações extensionistas realizadas por estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no âmbito do componente curricular "Atividades Práticas em Saúde da Família" (APS). A extensão universitária, nesse contexto, configura-se como espaço formativo privilegiado, ao possibilitar a articulação entre ensino, serviço e comunidade, conforme previsto nas Diretrizes da Extensão para a Educação Superior Brasileira (BRASIL, 2018).

A atuação dos discentes foi direcionada pela concepção ampliada de saúde, que reconhece os determinantes sociais como condicionantes do processo saúde-doença, e pela Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), que preconiza a atuação intersetorial e o protagonismo dos sujeitos na produção de saúde (BRASIL, 2010). Assim, entende-se que práticas educativas voltadas para o público infantil contribuem não apenas para o desenvolvimento de habilidades preventivas nas crianças, mas também para a construção de comunidades mais saudáveis e conscientes.

As ações foram realizadas entre setembro e outubro de 2024, em parceria com uma Unidade de Saúde da Família (USF) localizada no Recôncavo da Bahia. O público-alvo foram crianças com idades entre 5 e 12 anos, residentes no território da unidade. As intervenções ocorreram em dois espaços distintos: uma escola pública local e a sede da própria USF.

A equipe executora foi composta por estudantes de medicina, sob supervisão de professores da universidade e profissionais da atenção primária vinculados à unidade. As atividades foram previamente discutidas com a equipe da unidade e com professores e diretoria da escola, respeitando as demandas percebidas no território e buscando o alinhamento com os objetivos do Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto nº 6.286/2007 (BRASIL, 2007).

A primeira atividade consistiu em triagem de acuidade visual com uso da Tabela de Snellen adaptada, conforme diretrizes do Ministério da Saúde (BRASIL, 2016), visando identificar precocemente alterações

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

visuais em crianças em idade escolar. Foram observados sinais clínicos como esforço visual, lacrimejamento e queixas escolares associadas à visão, bem como relatos das professoras sobre dificuldades de leitura e escrita. A detecção precoce de problemas visuais é considerada fundamental para o desempenho escolar e o desenvolvimento global da criança, conforme discutido por Zapparoli et al. (2009) e Costa et al. (2025).

A segunda atividade foi realizada na USF durante evento alusivo ao Dia das Crianças. A ação utilizou estratégias lúdicas para abordar temáticas de higiene das mãos e alimentação saudável. A ludicidade, conforme Coscrato et al. (2010), é uma importante ferramenta pedagógica no contexto da educação em saúde infantil, pois promove a participação ativa, favorece a retenção do conteúdo e permite que a criança compreenda conceitos abstratos por meio da experimentação. A primeira parte da ação consistiu na utilização de tintas guache para representar microrganismos invisíveis, tornando a prática de higienização das mãos mais significativa (SANTOS et al., 2021). Em seguida, foi promovida uma atividade de construção de pratos alimentares com figuras de alimentos variados, estimulando reflexão sobre hábitos e escolhas alimentares.

As observações realizadas pelas discentes foram registradas em diário de campo e utilizadas como base para a análise qualitativa. Não foram aplicados instrumentos estruturados de coleta de dados. Por se tratar de atividade com finalidade exclusivamente educativa e formativa, sem intervenção clínica, a pesquisa está isenta de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

As ações descritas refletem os princípios da educação popular em saúde e da extensão dialógica propostos por Freire (1987), ao reconhecerem o saber local e promover o protagonismo infantil como parte do processo educativo. Ainda, contribuem para o desenvolvimento de competências éticas, comunicativas e clínicas dos estudantes, ao mesmo tempo em que fortalecem os vínculos entre universidade, território e comunidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A extensão universitária possibilita a formação do profissional cidadão e se estabelece como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes, como prática acadêmica que interliga a Universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da população. (SCHEIDEMANTEL et al., 2004). Nesse sentido,

> "[...] a extensão universitária insere professores, técnicos e alunos na realidade do território extramuros da universidade. Uma inserção que deve ser permanente, uma vez que tira a universidade do isolamento e lhe permite a troca de experiências e vivências, assim como revisar constantemente seus valores" (SILVA, 2020, p. 28).

Quando se trata de programar uma extensão voltada ao público infantil, o desafio de 'fazer-se entender' se impõe de forma diferenciada, pois é necessário lançar mão de estratégias que sejam mediadoras e/ou facilitadoras do processo ensino-aprendizagem. Entram no cenário, então, as atividades lúdicas, que auxiliam nesse processo. Isso porque o lúdico contempla os critérios para uma aprendizagem efetiva, no sentido de que chama a atenção para um

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

determinado assunto, pode ser discutido entre todos os participantes e o conhecimento gerado a partir dele pode ser transportado para o campo da realidade (COSCRATO et al., 2010).

Sendo assim, no âmbito da Educação em Saúde, a ludicidade com os pequenos traz impactos positivos, visto que "educação em saúde vai além da transmissão de informações, configurando combinações de experiências de aprendizagem delineadas com vistas a facilitar ações voluntárias conducentes à saúde" (COSCRATO et al., 2010, p. 258).

Conclui-se, então, que projetos de extensão que promovem ações lúdicas na área da saúde estão relacionados com os direitos das crianças ao brincar e aproximam a teoria da prática dessa mesma forma. Além disso, são essenciais para fortalecer a Política Nacional de Humanização, garantir o cuidado integral à criança e sua família e estimular o desenvolvimento infantil (SOUZA et al., 2024).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Descrição das ações de extensão realizadas

A primeira ação foi realizada em uma escola do território adscrito à Unidade de Saúde da Família, no contexto da disciplina APS. A atividade teve como objetivo identificar precocemente possíveis alterações visuais em crianças do ensino fundamental, contribuindo para o fortalecimento das ações de prevenção em saúde ocular infantil, associando ao encaminhando para o especialista.

As discentes foram previamente capacitadas para realização dos testes por um oftalmologista, que também é docente da universidade. Utilizou-se a Tabela de Snellen adaptada como instrumento principal de triagem, por ser um instrumento simples, acessível, de baixo custo que permite rápida detecção de alterações visuais, especialmente em crianças a partir de 5 anos. Essa tabela consiste em uma escala padronizada composta por linhas de optótipos (letras ou símbolos), dispostas em tamanhos progressivamente menores. O exame é realizado com a criança posicionada a uma distância de cerca de 5 metros, cobrindo um olho de cada vez. A partir da linha mais inferior que a criança consegue ler corretamente, é possível estimar sua acuidade visual em relação ao padrão de normalidade, geralmente estabelecido como 20/20 (ou 1,0) (ZAPPAROLI, 2009; BRASIL, 2016).

Além da aplicação do instrumento, foram observados sinais clínicos visíveis, como presença de vermelhidão ocular, lacrimejamento, uso prévio de óculos ou sinais de esforço visual. Também foram levadas em consideração informações repassadas pelas professoras da turma, que relataram comportamentos sugestivos de dificuldades visuais, como aproximação excessiva do rosto ao caderno, apertar os olhos ao tentar enxergar o quadro ou distrações frequentes durante a leitura (BRASIL, 2016). Tais observações docentes foram fundamentais para compor um olhar integral sobre as crianças.

A segunda ação extensionista foi realizada no contexto das comemorações do Dia das Crianças, organizadas pela equipe da UBS do território de atuação. O evento contou com diversas atividades recreativas voltadas ao público infantil, como pintura facial realizada por animadoras, brinquedos infláveis e momentos lúdicos ao ar livre

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

em frente à unidade. Como forma de participar desse dia e promover educação em saúde, as estudantes decidiram por uma ação que envolvesse a promoção de hábitos de higiene e alimentação saudável, mediante uma abordagem lúdico-educativa, alinhada aos princípios da promoção da saúde e da educação em saúde na APS (BRASIL, 2007; BRASIL, 2013).

A atividade foi dividida em dois momentos: inicialmente lavagem de mãos e, em seguida, sobre alimentação saudável. A prática educativa sobre higienização das mãos utilizou pincéis e tintas guache como ferramenta pedagógica para representar os microrganismos e resíduos invisíveis presentes nas mãos. Ao aplicar tinta colorida nas palmas e entre os dedos das crianças, a proposta era tornar visível a "sujeira" e, assim, demonstrar quais áreas frequentemente não são alcançadas durante a lavagem inadequada. Após essa etapa, as crianças foram orientadas a realizar a lavagem das mãos, observando, de forma prática, se conseguiam remover toda a tinta, especialmente nas regiões de difícil acesso, como entre os dedos, unhas e punhos.

O segundo momento da ação foram as orientações sobre alimentação saudável. Foram impressas e recortadas figuras de alimentos diversos, tanto saudáveis quanto ultraprocessados e as crianças foram convidadas a colorir os desenhos e "montar pratos" com aquilo que gostavam de comer e com o que acreditavam ser saudável. Tal atividade foi pensada não apenas para promover um momento lúdico de educação alimentar, mas também para que as discentes pudessem compreender os hábitos alimentares das crianças e, a partir disso, orientar possíveis mudanças adequadamente.



FIGURA 1– ATIVIDADE COM TINTA GUACHE./ FONTE: ACERVO PRÓPRIO.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878









FIGURA 2- PRÁTICA SOBRE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS/ FONTE: ACERVO PRÓPRIO.

FIGURA 3- PRÁTICA SOBRE EDUCAÇÃO ALIMENTAR/ FONTE: ACERVO PRÓPRIO.

FIGURA 4- DISCENTES RESPONSÁVEIS PELA AÇÃO/ FONTE: ACERVO PRÓPRIO.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 5- DISCENTES RESPONSÁVEIS PELA AÇÃO/ FONTE: ACERVO PRÓPRIO.



FIGURA 6- TRIAGEM DE ACUIDADE VISUAL/ FONTE: ACERVO PRÓPRIO.

DISCUSSÃO Durante a ação realizada no âmbito do Programa Saúde na Escola (PSE), observou-se uma receptividade muito positiva por parte da equipe escolar. A coordenadora e as professoras já tinham uma percepção prévia de alunos com possíveis alterações visuais, em função de dificuldades de leitura e escrita percebidas. No entanto, destacaram que a atuação da equipe de extensionistas permitiu ampliar o número de indivíduos triados; esse apoio foi dito como de grande relevância pela equipe docente, que demonstrou satisfação pela parceria estabelecida. As crianças, por sua vez, mostraram-se bastante engajadas durante a atividade de triagem visual. O uso da Tabela de Snellen adaptada, aliado ao caráter interativo da ação e ao fato de se tratar de uma experiência diferente da rotina escolar, contribuiu para despertar curiosidade e participação ativa.

A realização da triagem de acuidade visual em ambiente escolar foi, então, uma importante estratégia para o fortalecimento das ações de prevenção em saúde ocular na Atenção Primária. Houve a oportunidade de detecção precoce de sinais indicativos de alterações visuais em crianças, contribuindo diretamente para o processo de cuidado integral e de promoção do desenvolvimento infantil saudável. A ação se inseriu diretamente nos objetivos do PSE, que visa integrar políticas de saúde e educação como estratégia para o enfrentamento das vulnerabilidades que podem comprometer o desenvolvimento saudável infantojuvenil (BRASIL, 2011). A utilização de ferramentas simples, como a Tabela de Snellen, demonstrou ser eficaz em triagens de rotina, especialmente quando associada à observação clínica e à escuta atenta da equipe escolar (LOUZADA, 2024), destacando o potencial do território como espaço privilegiado de construção do cuidado.

Embora não tenha havido sistematização formal de dados, a experiência permitiu identificar casos suspeitos e, com auxílio da médica que acompanhou as discentes extensionistas, realizar os encaminhamentos para o oftalmologista, cumprindo com o papel da APS de coordenar o cuidado e organizar os fluxos de acesso à atenção especializada (BRASIL, 2010). Além disso, a atividade contribuiu para o desenvolvimento de habilidades clínicas, comunicativas e éticas por parte das discentes, ao mesmo tempo em que promoveu maior vínculo entre a universidade, o território e a comunidade escolar.

Quanto às atividades realizadas em alusão ao Dia das Crianças, o envolvimento das crianças também foi notável. Tanto na dinâmica da lavagem das mãos quanto na atividade de montagem dos pratos saudáveis, percebeu-se alta participação e entusiasmo. O uso de recursos visuais e práticos contribuiu para que estivessem motivados, favorecendo a interação das crianças com os extensionistas e o aprendizado dos conceitos abordados.

A abordagem visual e interativa da atividade de lavagem de mãos favoreceu a aprendizagem ativa e permitiu que as crianças compreendessem, por meio da experimentação, a importância da técnica correta da limpeza adequada (MARTINS, 2022). Conforme apontam Santos et al. (2021), o uso de tintas guache em dinâmicas com crianças escolares permite representar os patógenos de maneira simbólica e facilita o entendimento de conceitos abstratos, como prevenção de doenças infecciosas. Nesse sentido, a experiência também se alinha aos princípios da Política Nacional de Promoção da Saúde (BRASIL, 2010), que orienta a

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

construção de ações educativas participativas, baseadas no diálogo, na autonomia dos sujeitos e na valorização das práticas sociais locais. O uso da tinta como representação simbólica da sujeira possibilitou à criança compreender um conceito abstrato (os microrganismos) por meio de uma vivência prática, promovendo a transformação do saber em prática cotidiana (SANTOS et al., 2021).

Na atividade sobre alimentação saudável, a estratégia de construção dos "pratos" permitiu que as crianças pudessem expressar suas preferências e percepções sobre alimentação. Foi um espaço não apenas de criação, mas também de escuta ativa por parte das discentes, pois surgiram falas espontâneas das crianças sobre hábitos alimentares e influências familiares, por exemplo. Tal momento representou um exercício de educação em saúde baseado no diálogo, em que o conhecimento é construído com as crianças, e não apenas transmitido a elas. Esse tipo de abordagem favorece o desenvolvimento do pensamento crítico desde a infância, permitindo que a criança reflita sobre seus hábitos alimentares e suas escolhas, ao mesmo tempo em que contribui para a valorização de sua autonomia (BRASIL, 2022). A educação alimentar na infância deve ir além da prescrição nutricional, sendo compreendida como um processo formativo, afetivo e cultural, que respeita a realidade do território e as subjetividades dos sujeitos envolvidos (MOREIRA, 2023).

De forma geral, as ações contribuíram para sensibilizar a comunidade sobre práticas preventivas de saúde, favorecendo reflexões tanto entre crianças quanto entre profissionais sobre os temas abordados. A parceria estabelecida entre Universidade com Escola e Unidade de Saúde evidencia a importância de iniciativas de extensão no fortalecimento das estratégias de promoção da saúde no contexto da Atenção Primária à Saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A experiência relatada evidencia a relevância da extensão universitária como espaço formativo, tanto para os estudantes quanto para a comunidade atendida, ao integrar ensino, serviço e sociedade no contexto da Atenção Primária à Saúde. As ações desenvolvidas junto ao público infantojuvenil – avaliação de acuidade visual no âmbito do Programa Saúde na Escola e atividades lúdico-educativas em comemoração ao Dia das Crianças – demonstraram impacto positivo na promoção da saúde ocular, na educação em saúde e no fortalecimento de vínculos entre universidade, território e comunidade.

As intervenções realizadas permitiram, além da identificação precoce de necessidades de saúde, a construção de práticas pedagógicas baseadas no diálogo, na participação ativa e na valorização dos saberes locais, em consonância com os princípios do SUS e da Política Nacional de Promoção da Saúde. Também contribuíram para o desenvolvimento de competências técnicas, éticas e comunicativas nos estudantes, aproximando-os da realidade social e sanitária do território.

Dessa forma, reafirma-se a importância de iniciativas extensionistas como estratégia essencial na formação de profissionais de saúde comprometidos com a integralidade do cuidado, com a humanização dos serviços e com a construção de uma sociedade mais justa e saudável.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União, 24 maio 2016**. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf.

BRASIL. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007.** Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 dez. 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Diretrizes de educação em saúde visando à promoção da saúde: documento base - documento I**. Brasília: Funasa, 2007. Disponível em: https://www.funasa.gov.br/documents/20182/38937/Educa%C3%A7ao++em+Saude+-+Diretrizes.pdf.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília**: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/diretrizes-da-extensao. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos temáticos do PSE: Saúde Ocular**. Brasília: MS, 2016. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/caderno_saude_ocular.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Fascículo 4**: protocolos de uso do guia alimentar para a população brasileira na orientação alimentar de crianças de 2 a 10 anos. Universidade de São Paulo. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/protocolo_guia_alimentar_fasciculo_4.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3. ed. Brasília: MS, 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Saúde na Escola – PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, S.I. Disponível em: https://sisaps.saude.gov.br/pse/. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Programa Saúde na Escola – PSE. Brasília: Ministério da Saúde, S.I.. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pse. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. **Passo a passo PSE: Programa Saúde na Escola:** tecendo caminhos da intersetorialidade. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica, Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passo_a_passo_programa_saude_escola.pdf

BRASIL. **Política Nacional de Humanização (PNH)**. 1 ed. Brasil: DF, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf

COSCRATO, G.; PINA, J. C.; MELLO, D. F. **Utilização de atividades lúdicas na educação em saúde: uma revisão integrativa da literatura**. Acta Paul. Enferm., v. 23, n. 2, p. 257–263, 2010.

COSTA, M. G. R. et al. **Extensão universitária de uma liga acadêmica de oftalmologia no combate aos distúrbios visuais em escolares**

na Bahia: um projeto social. Rev. Bras. Oftalmol., 84: e0009, 2025. DOI: https://doi.org/10.37039/1982.8551.2025.0009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOUZADA, R. N.; COSTA FILHO, A. A.; ALVES, M. R. **Sobre a necessidade de políticas nacionais de educação em saúde ocular no Brasil**. eOftalmo, v. 10, n. 1, p.1-4, 2024.

MANDA, A. M. et al. **Problemas visuais em crianças e o aprendizado escolar.** Revista Eletrônica Acervo Saúde. Vol. 24(9), 2024. DOI: https://doi.org/10.25248/REAS.e16021.2024

MARTINS, Carolina Silva et al. **Higienização das mãos: uma ação preventiva na escola**. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 2, p. 8747-8756, 2022. DOI: https://doi.org/10.34117/bjdv8n2-022

MOREIRA, J. M. A. et al. **Promoção da alimentação adequada e saudável na educação infantil**: uma revisão sistemática. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., Recife, 23: e20220238, 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1806-9304202300000238

SANTOS, G. R. et al. **A promoção da saúde através do ensino da lavagem das mãos em escola pública de Araucária, no Paraná**. Rev. Extensão em Foco, n. 22, p. 208–221, 2021.

SCHEIDEMANTEL, S. E.; KLEIN, R.; TEIXEIRA, L. I. **A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir**. Anais do 2° Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte; 2004.

SILVA, W. P. **Extensão Universitária: Um conceito em Construção**. Rev Extensão e Sociedade. 2020; 11(2). Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491

SOUZA, M. A. DE . et al.. **Implementação de espaço lúdico em unidade de hospitalização pediátrica por meio de extensão universitária**. Escola Anna Nery, v. 28, p. e20240112, 2024.

ZAPPAROLI, M. et al. **Avaliação da acuidade visual Snellen**. Arq. Bras. Oftalmol., v. 72, n. 6, p. 783–788, 2009.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS



ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REC

RELATO
CULTURA E ARTES //

Caminhos floridos: a fotografia como mediadora da visibilidade botânica entre estudantes do sertão baiano

LARA DE SOUZA BESSA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Flowered paths: photography as a mediator of botanical visibility among students from the bahian backlands

Caminhos floridos: a fotografia como mediadora da visibilidade botânica entre estudantes do sertão baiano

Flowered paths: photography as a mediator of botanical visibility among students from the bahian backlands

PALAVRAS-CHAVE
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS.
FOTOGRAFIA.
TERRITÓRIO.
VISIBILIDADE BOTÂNICA.

RESUMO Este artigo apresenta uma experiência pedagógica com estudantes do segundo ano do Ensino Médio/Técnico em Meio Ambiente, em uma escola estadual do sertão baiano, com o objetivo de promover a visibilidade botânica por meio da fotografia. A partir do conceito de invisibilidade botânica, compreendido como expressão das ausências e marginalizações dos vegetais no ensino de Ciências, o trabalho articula saberes científicos, estéticos e ancestrais para estimular uma relação mais sensível e afetiva com os vegetais do entorno. Amparada pela metodologia do relato de experiência, a proposta foi desenvolvida em quatro aulas, nas quais os/as estudantes foram convidados(as) a observar, fotografar e dialogar sobre elementos da flora local, utilizando o celular como ferramenta de mediação entre o olhar e a natureza. As imagens produzidas revelaram não apenas os vegetais, mas também as singularidades de quem os registrou, configurando um exercício de presença, sensibilidade e pertencimento. Inspirado nas epistemologias de Antônio Bispo dos Santos, Ailton Krenak e Vandana Shiva, o trabalho defende o envolvimento com o território como forma de resistência à homogeneização do pensamento e como possibilidade de reencantar o ensino de Biologia. Nesse contexto, a fotografia emerge como linguagem que amplia o olhar, colore o cotidiano e contribui para visibilizar aquilo que historicamente foi silenciado.

KEYWORDS
SCIENCE EDUCATION.
PHOTOGRAPHY.
TERRITORY.
BOTANICAL VISIBILITY.

ABSTRACT This article presents a pedagogical experience with second-year students of a Technical High School program in Environmental Studies at a public school in the backlands of Bahia, Brazil, aiming to promote botanical visibility through photography. Based on the concept of plant blindness, understood as the absence and marginalization of plants in science education, the study articulates scientific, aesthetic, and ancestral knowledge to encourage a more sensitive and affective relationship with the surrounding vegetation. Supported by the methodology of an experience report, the proposal was developed over four classes in which students were invited to observe, photograph, and discuss elements of the local flora, using mobile phones as tools mediating the relationship between perception and nature. The images produced revealed not only the plants themselves but also the singularities of those who captured them, configuring an exercise in presence, sensitivity, and belonging. Inspired by the epistemologies of Antônio Bispo dos Santos, Ailton Krenak, and Vandana Shiva, the work advocates engagement with territory as a form of resistance to the homogenization of thought and as a possibility to re-enchant biology education. In this context, photography emerges as a language that expands perception, colors everyday life, and contributes to making visible what has historically been silenced.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

LARA DE SOUZA BESSA
Mestranda em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (UFRB).
E-mail: laradesouzabessa@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO "Mandacaru quando fulora na seca / É o sinal que a chuva chega no sertão / Toda menina que enjoa da boneca / É sinal que o amor já chegou no coração." (Gonzaga; Dantas,1987). Inicio este texto com os versos cantados por Luís Gonzaga porque eles anunciam o milagre da floração em tempos áridos. No sertão, o verde que desponta é mais que cor: é esperança, é resistência.

A caatinga, tantas vezes vista como seca e dura, revela uma fertilidade silenciosa, tanto no solo quanto nas gentes que ali vivem. Mesmo diante das transformações trazidas pela globalização e das rupturas culturais cada vez mais acentuadas, ainda resistem memórias vivas.

Neste caminhar, os vegetais ganham destaque. São eles a base da vida, sustentando silenciosamente os ciclos da Terra. Pela fotossíntese, transformam luz em alimento, liberam o oxigênio que respiramos e retiram da atmosfera o carbono que aquece o planeta (Brito, 2019; Vieira et al., 2009). No entanto, ainda são muitas vezes reduzidos a pano de fundo da paisagem, como se fossem apenas cenário, e não sujeitos ecológicos fundamentais à existência.

Apesar disso, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda são poucos os docentes que incorporam a linguagem da imagem em sala de aula (Campanholi, 2014). E no entanto, ela carrega em si o poder de multiplicar olhares: uma mesma planta pode ser vista de muitas formas, a depender de quem segura a câmera e de como se permite ser atravessado por aquilo que vê.

Para sustentar as raízes deste trabalho, foi necessário ouvir vozes que brotam das margens e que, justamente por isso, têm denunciado com mais força os efeitos da homogeneização do mundo. Dentre esses nomes, destacam-se Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e Vandana Shiva, pensadores e pensadora que caminham na contramão da

monocultura do pensamento e nos convocam a reconhecer a beleza da diversidade, em todas as suas formas.

Reencantar o olhar sobre os vegetais, reconhecendo neles não apenas elementos bioquímicos, mas também marcadores de identidade cultural, é uma das bases do pensamento de Santos (2023). Envolver-se é assumir uma escuta atenta às singularidades do lugar, é saber que os cactos da caatinga não são meramente organismos adaptados, mas símbolos vivos da resistência e da estética nordestina.

Na mesma linha, Krenak (2022) afirma que recriar mundos exige mergulhar profundamente na terra. Ele critica o desejo capitalista por um mundo homogêneo, no qual a beleza natural, por não gerar lucro imediato, é ignorada. Para o capital, a lucidez é ameaça e o encantamento, desvio. Assim, somos constantemente empurradas(os) a consumir modos de vida prontos, exibidos nas vitrines digitais que moldam o que vemos.

Nessa crítica à uniformização da existência ressoam também os escritos de Shiva (2003). A autora denuncia que a monopolização da agricultura, marcada por monoculturas de exportação como a soja, empobrece o solo e o imaginário alimentar dos povos. A perda da biodiversidade ambiental caminha junto à erosão da diversidade cultural e intelectual. Mentes lineares refletem um mundo que exige tudo igual, previsível e controlável, onde a aniquilação das diversidades torna-se parte do próprio projeto.

O ponto de partida desta reflexão é o conceito de "cegueira botânica" (hoje revisto como "invisibilidade botânica"), cunhado por Wandersee e Schussler (1999). O termo descreve um fenômeno social profundamente enraizado: o desinteresse coletivo pelos vegetais, frequentemente percebidos apenas como elementos decorativos, e não como a base que sustenta a vida na Terra.

Ursi e Salatino (2022), ao revisitarem o conceito, apontam que a expressão "cegueira botânica" carrega um viés capacitista ao associar cegueira à ignorância, propondo a adoção do termo "invisibilidade botânica". As autoras também destacam que esse desinteresse está ligado à percepção sensorial: por não se moverem nem provocarem medo, os vegetais tendem a receber menos atenção.

Outro fator associado a essa invisibilidade é o que Katon (2015) identifica como "zoochauvinismo", termo difundido por Hershey (1996), que descreve a tendência histórica e pedagógica de valorizar mais os animais do que os vegetais, especialmente no ensino de Ciências.

Este trabalho, portanto, teve como objetivo geral promover a aproximação de estudantes de uma escola estadual da Bahia com a flora local por meio da fotografia. Os objetivos específicos foram: (1) possibilitar que os vegetais do entorno adentrassem o espaço escolar como parte viva do processo de aprendizagem; (2) incentivar o fazer artístico como ferramenta de presença e expressão; (3) estimular a reflexão crítica sobre o papel da tecnologia quando utilizada como ferramenta de sensibilização e transformação social.

METODOLOGIA Como percurso metodológico, este trabalho configura-se como um relato de experiência, no qual descrevo vivências pedagógicas desenvolvidas com uma turma do segundo ano do Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Meio Ambiente do Centro

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Territorial de Educação Profissional de Araci (CETEP/Araci), localizado no município de Araci/BA, no Território de Identidade do Sisal.

A escolha da turma deveu-se à presença, em sua matriz curricular, do componente Projeto Experimental, ministrado por mim, o que possibilitava a criação e o desenvolvimento de propostas pedagógicas de caráter transversal. Além disso, o trabalho com fotografia dialogava com a pesquisa de mestrado que eu começava a desenvolver no Programa de Pós Grdauação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID/UFRB), voltada à fotoperformance.

Evidenciar que o saber científico não se encontra apenas nos livros ou nos laboratórios, mas também pulsa nas folhas que balançam ao vento, nas flores que despontam nos muros da escola e nos cactos que insistem em viver mesmo em solos áridos, revela-se uma experiência profundamente enriquecedora.

Por meio da fotografia, buscou-se estimular um outro olhar: mais atento, sensível e implicado com o ambiente. Um olhar que não apenas observa, mas se envolve. As etapas das aulas que desdobram esse processo são apresentadas a seguir.

AULAS	PROCEDIMENTOS
Aula 01	Explanação sobre invisibilidade botânica e exibição de imagens de meu arquivo pessoal, de vegetais que fotografo em meu cotidiano.
Aula 02	Orientação sobre o que irão fotografar. Ex: vegetais na íntegra ou parte dos vegetais (flores, frutos, folhas, etc).
Aula 03	Entrega das fotos registradas pela turma.
Aula 04	Exposição das fotos em slides e discussão do conteúdos das mesmas.

TABELA 1 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA EXPERIENCIADA EM UMA TURMA DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO/TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE NO SERTÃO DA BAHIA/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Cada aula teve duração de 45 minutos. O percurso iniciou-se na Aula 1, dedicada à introdução do conceito de invisibilidade botânica. Com o auxílio do datashow, apresentei à turma fotografias autorais registradas com o celular em meus percursos cotidianos, entre o quintal de casa e o trajeto até o trabalho.

As imagens exibidas compunham um mosaico de encontros com a vida vegetal: flores de variadas formas e cores, uma pinha repousando sob a luz da manhã (Figura 1), um cacto que, desafiando a lógica, brotara sobre o galho de uma árvore (Figura 2).

A intenção era simples, mas profunda: despertar na turma um olhar mais atento aos vegetais do entorno, mostrando que eles não habitam apenas livros didáticos ou áreas de preservação, mas também nossos caminhos cotidianos, muitas vezes invisibilizados pela pressa e pelo desinteresse socialmente cultivado.

Na Aula 2, propus aos estudantes uma atividade de observação sensível e criação imagética: fotografarem, com seus próprios celulares, os vegetais presentes em seus arredores: nos quintais, nas calçadas, nos canteiros da rua ou mesmo em vasos esquecidos em alguma janela.

As imagens poderiam contemplar o vegetal em sua totalidade ou destacar apenas uma de suas partes (raiz, caule, folhas, flores, frutos ou

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 1- PINHA À LUZ DO DIA/ FONTE: ARQUIVO PESSOAL, TEOFILÂNDIA/BA, 2024.



FIGURA2- CACTO SOBRE TRONCO/ FONTE: ARQUIVO PESSOAL, TEOFILÂNDIA/BA, 2024.

sementes) como forma de revelar a beleza escondida nos detalhes.

Na Aula 3, os registros começaram a florescer. Recebi quarenta fotografias, revelando uma rica diversidade de olhares e de vegetais: cactos que resistem ao sol, hortaliças cultivadas com cuidado, frutos maduros, flores em plena abertura e árvores frutíferas que compõem o cotidiano das famílias.

As fotografias foram encaminhadas por meio do aplicativo WhatsApp e, posteriormente, organizadas em uma pasta no meu computador pessoal, onde cada arquivo carregava, não apenas uma representação visual, mas também uma história, um gesto de atenção, um momento de conexão entre o estudante e o vegetal observado.

Na Aula 4, realizamos a exposição das fotografias com o auxílio do datashow. Uma a uma, as imagens foram projetadas e seus autores e autoras convidados a comentar suas escolhas: por que aquele vegetal, por que aquele ângulo, o que chamou sua atenção. Assim, as fotografias ganharam voz e os registros visuais se transformaram em narrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A realização das aulas sobre invisibilidade botânica revelou, com certa inquietação, que os vegetais ainda permanecem em um lugar de silêncio e apagamento no imaginário escolar.

O espanto tomou forma quando percebi que muitas(os) estudantes sequer sabiam que os vegetais são seres vivos; uma constatação que, além de alarmante, evidencia o distanciamento entre os sujeitos e o mundo natural que os cerca.

Tal condição se refere à dificuldade de perceber as plantas no ambiente, reconhecer sua diversidade e compreender sua importância ecológica e cultural, resultando em sua recorrente desvalorização nos processos educativos e na sociedade (Ursi; Salatino, 2022).

Ursi e Salatino (2022) ainda ressaltam que essa limitação perceptiva extrapola o ambiente escolar e se relaciona a uma tendência cultural que privilegia os animais em detrimento dos vegetais, contribuindo para que as plantas permaneçam invisibilizadas no cotidiano e no ensino de Biologia.

Como aponta Santos (2023), o chamado desenvolvimento não é neutro, ele destrói, subjuga e desumaniza tudo aquilo que não se encaixa nos moldes da produtividade e do lucro. Para ele, trata-se de uma expressão da cosmofobia por outras formas de se relacionar com o mundo.

Esse modelo desconecta de tal maneira que até o óbvio se desfaz: não reconhecer um vegetal como ser vivo revela uma ruptura profunda com a vida e com os vínculos que nos constituem. É deixar de ver o que está ao redor e, ao fazer isso, deixar de ver também a si mesmo.

Tal distanciamento pode ser compreendido à luz do que a literatura denomina Transtorno do Déficit de Natureza (TDN), termo popularizado por Richard Louv (2016) para descrever os impactos físicos, emocionais e cognitivos decorrentes do afastamento progressivo das pessoas, especialmente crianças e jovens, do ambiente natural.

Estudos apontam que a redução das experiências ao ar livre e do contato sensorial com a natureza está associada a dificuldades de atenção, aumento do estresse, ansiedade e prejuízos nos processos de aprendizagem, evidenciando o quanto essa desconexão afeta o desenvolvimento humano de forma integral (De Oliveira; Velasquesb, 2020; Louv, 2016).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

As fotografias entregues pelos estudantes foram como sementes lançadas ao vento: diversas, sensíveis, surpreendentes. Revelaram olhares plurais sobre os vegetais e os contextos onde se encontram, resgatando o que muitas vezes passa despercebido na correria do dia-a-dia.

Havia registros de flores delicadas (Figura 3), troncos retorcidos como se contassem histórias (Figura 4), árvores frutíferas, frutos como a pinha, a siriguela e o mamão, hortaliças como o coentro e o hortelã grosso além de muitos cactos.



FIGURA 3- FLORES DELICADAS/ FONTE: ARQUIVO PESSOAL, TEOFILÂNDIA/BA, 2024.



FIGURA 4- TRONCOS RETORCIDOS/ FONTE: ARQUIVO PESSOAL, TEOFILÂNDIA/BA, 2024.

Em meio às conversas despertadas pelas fotografias, um momento em especial trouxe à tona a força do território e das memórias que nele germinam. Uma estudante, ao apresentar sua imagem do cacto coroa-de-frade (Figura 5), compartilhou com simplicidade e firmeza: "- *Professora, lá na roça da minha família, quando faltava comida para o gado, a gente queimava esse cacto e depois dava pra ele comer.*"

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 5- CACTO COROA-DE-FRADE/ FONTE: ARQUIVO PESSOAL. ARACI/BA, 2024.

Esse relato, singelo e profundo, ilumina com nitidez o que Santos (2023) conceitua como envolvimento. Mais do que uma ideia, o envolvimento é prática viva, é conhecimento que nasce da experiência cotidiana, dos gestos herdados, da relação direta com a terra e com os seres que a habitam.

Aos poucos, os celulares tornaram-se extensões do olhar, revelando também um fazer artístico sensível por parte dos estudantes. Alguns registraram o vegetal em sua totalidade, como na fotografia de uma mangueira com seu tronco robusto, folhas fartas e flores discretas. Outros preferiram o detalhe, aproximando a lente do fruto, como na imagem de uma siriguela capturada com delicadeza.

Essas escolhas fotográficas revelam mais do que técnica ou estilo: revelam sujeitos(as), histórias, formas únicas de se relacionar com o mundo. A pluralidade de olhares sobre os vegetais reafirma a importância de reconhecer e valorizar cada estudante em sua singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Este trabalho abriu caminhos para refletirmos sobre a importância de tomar posse simbólica e afetiva do que nos cerca, incluindo o território em que habitamos. Conhecer a flora local é também uma forma de se reconhecer pertencente.

Lançar mão das tecnologias presentes no cotidiano, como o celular,

para favorecer aprendizagens significativas constitui um dos desafios e também uma das potências da educação contemporânea. A fotografia, nesse contexto, revela-se uma linguagem sensível e estética, capaz de capturar não apenas imagens, mas também sentidos, afetos e silêncios.

Ao longo do percurso, a flora local assumiu papel de protagonismo. A diversidade de formas, cores e texturas registrada pelos estudantes revelou a riqueza do território e ampliou os modos de olhar para os vegetais.

Assim, ao visibilizar as plantas e suas diversidades, busca-se também visibilizar as subjetividades dos/das estudantes e fortalecer o pertencimento a partir de um gesto simples, mas profundo: a atenção à vida que cresce ao nosso redor.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BRITO, Heitor Cardoso de. **Aplicação do modelo matemático predador-presa de Lotka-Volterra no consumo do gás carbônico atmosférico por árvores na cidade de Ipatinga/MG. 2019**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia, Ambiente e Sociedade) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Teófilo Otoni, 2019. Disponível em: https://acervo.ufvjm.edu.br/server/api/core/bitstreams/4e06dfc8-9ce7-4f80-a614-0f622bc26d1c/content. Acesso em: 26 maio 2025.

CAMPANHOLI, Julie. Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. **Revista Primus Vitam**, n. 16, 2014. Disponível em: https://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_7/julie.pdf. Acesso em: 26 maio 2025.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. **O xote das meninas**. In: GONZAGA, Luiz. 50 anos de chão. Intérprete: Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: BMG Brasil, 1996. 1 CD.

HERSHEY, David. A historical perspective on problems in botany teaching. **The American Biology Teacher**, Largo, v. 58, n. 6, p. 340-347, set. 1996.

KATON, Geisly França. **Percepção ambiental de professores em ecossistemas costeiros: influência de uma vivência formativa do Projeto Trilha Subaquática**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas – Botânica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

OLIVEIRA, Mônica Maria Souza de; VELASQUES, Bruna Brandão. Transtorno do déficit de natureza na infância: uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. **Latin American Journal of Science Education**, v. 7, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

URSI, Suzana; SALATINO, Antônio. É tempo de superar termos capacitistas no ensino de Biologia: impercepção botânica como alternativa para "cegueira botânica". **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo**, v. 39, p. 1-4, 2022. Disponível em: https://revistas.usp.br/bolbot/article/view/206050/189636. Acesso em: 26 maio 2025.

VIEIRA, Gislaine et al. Teores de carbono em espécies vegetais da caatinga e do cerrado. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v. 7, n. 2, p. 145-155, 2009. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/cienciaanimal/article/view/9846. Acesso em: 26 maio 2025.

WANDERSEE, James H.; SCHUSSLER, Elisabeth E. Preventing plant blindness. **The American Biology Teacher**, v. 61, n. 2, p. 82-86, 1999.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Experiência com sementes crioulas na educação do campo através do programa institucional de bolsa de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

LUCIANO DOS REIS SILVA
LAISE SILVA DO CARMO
THIAGO LEANDRO DA SILVA DIAS

Experience with creole seeds in rural education through the institutional extension scholarship program of the Federal University of Recôncavo da Bahia

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Experiência com sementes crioulas na educação do campo através do programa institucional de bolsa de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia[1]

Experience with creole seeds in rural education through the institutional extension scholarship program of the Federal University of Recôncavo da Bahia

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
AGROECOLOGIA.
MULTIPLICAÇÃO DE SEMENTES.
MILHO CRIOULO.
EDUCAÇÃO POPULAR.

RESUMO O relato de experiência busca apresentar e discutir as ações desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) da UFRB. As atividades desenvolvidas pretendiam fomentar a realização de espaços formativos na Educação do Campo sobre a ocorrência e monitoramento de contaminação transgênica em variedades crioulas de milho (Zea mays L.), bem como o manejo, reprodução de sementes e criação de redes de proteção. Como resultado das ações dos bolsistas PIBEX 2024, podem ser destacadas as que foram realizadas no Sistema Agroflorestal Antônio Conselheiro (SAF AC) e no Campo Produtivo do Laboratório Vivo, ambos no Campus da UFRB de Feira de Santana, materializando práticas de reprodução de sementes através de canteiros com consórcios agroecológicos para multiplicação de uma variedade de milho testada negativa para transgenia e doada pelos Povos Kiriri do Alto da Jurema (Banzaê-Ba) durante a realização de um Intercâmbio Formativo. Destaca-se também a consolidação de parcerias com instituições, escolas do campo e movimentos sociais na luta pela salvaguarda das sementes crioulas no estado da Bahia.

KEYWORDS
AGROECOLOGY.
SEED MULTIPLICATION.
CREOLE CORN.
POPULAR EDUCATION.

ABSTRACT This experience report aims to present and discuss the actions developed within the scope of the Institutional Extension Grant Program (PIBEX) of UFRB. The activities developed aimed to promote the creation of training spaces in Rural Education on the occurrence and monitoring of transgenic contamination in Creole corn varieties, as well as the management, reproduction of seeds and the creation of protection networks. As a result of the actions of the PIBEX 2024 scholarship holders, we can highlight those carried out in the Antônio Conselheiro Agroforestry System (SAF AC) and in the Productive Field of the Living Laboratory, both on the UFRB Campus in Feira de Santana, materializing seed reproduction practices through seedbeds with agroecological consortia for the multiplication of a corn variety tested negative for transgenics and donated by the Kiriri Peoples of Alto da Jurema (Banzaê-Ba) during a Training Exchange. Also noteworthy is the holding of the 1st Seminar on Agroecological Knowledge and Creole Seeds and the consolidation of partnerships with institutions, rural schools and social movements in the fight to safeguard Creole seeds in the state of Bahia.

1
O projeto de extensão foi contemplado pelo Edital PIBEX nº 01/2024 – Programa Institucional de Bolsa de Extensão da UFRB e contou com o apoio financeiro do Projeto de Atividades do Tempo Comunidade – SECADI/MEC (2023-2024), através da aquisição de fitas imunocromatográficas e outros materiais de consumo.

LUCIANO DOS REIS SILVA
Graduando em Licenciatura em Educação do Campo – Matemática, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: lupiaodosertao@gmail.com

LAISE SILVA DO CARMO
Graduanda em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: laisesilva@aluno.ufrb.edu.br

THIAGO LEANDRO DA SILVA DIAS
Doutor em Ensino de Ciências, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: thiagodias@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO As sementes crioulas carregam consigo a força da pluralidade genética, ampliando a possibilidade de ocorrência de variedades e raças capazes de se adaptar às mais diversas condições ambientais que afetam os ecossistemas. Essa diversidade é fundamental para a resiliência dos sistemas agrícolas, especialmente em contextos de mudanças climáticas e limitações edafoclimáticas. Tal dinâmica ocorre, em parte, devido à recombinação genética, que permite novos arranjos entre alelos já existentes, contribuindo para a manutenção da variabilidade genética entre os indivíduos de uma espécie.

Nesse contexto, a agricultura familiar desempenha um papel central na conservação e dinamização dessa variabilidade. Por meio de práticas como a seleção massal, o manejo de variedades locais e tradicionais, a troca de sementes entre comunidades e a adaptação contínua às condições ambientais e socioculturais, agricultores e

agricultoras atuam como agentes ativos de conservação *on-farm* da agrobiodiversidade. Diferentemente dos sistemas agrícolas convencionais, baseados na homogeneização genética, esses sistemas mantêm populações geneticamente diversas em constante processo de coevolução com os ambientes e com os modos de vida locais.

Com a utilização cada vez maior de sementes geneticamente modificadas para fins específicos que atendem prioritariamente às demandas do agronegócio, a engenharia genética tem se servido do uso de genes de bactérias que sobrevivem aos principais agrotóxicos utilizados nesse modo de produção ostensivo, incorporando-os ao material genético de outras espécies, como o milho (*Zea mayz L.*), originando Organismos Geneticamente Modificados (OGM), os chamados transgênicos. Um verdadeiro pacote tecnológico da morte engloba esse processo, onde os(as) agricultores(as) que o implementam ficam reféns desde as sementes, insumos, maquinários e lógicas monoculturais, que impactam diretamente a saúde humana e ambiental através do envenenamento por exposição aos agrotóxicos (RODRIGUES, 2024).

Quando as sementes crioulas de milho são contaminadas com as transgênicas, além dos impactos na autonomia e soberania dos povos campesinos e tradicionais, perdemos a possibilidade de exercer o enfrentamento aos diversos efeitos das mudanças climáticas que nos acometem atualmente e num futuro próximo. Sendo assim, são de suma importância as iniciativas que promovem a cumprem o papel de salvaguardar tanto as sementes como os guardiões e seus saberes, tais como as que foram realizadas no âmbito de dois Projetos de Extensão da UFRB: *Banco de Sementes Crioulas e Nativas no Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP) da Bacia do Jacuípe II e Saberes Agroecológicos e Sementes Crioulas: resistindo à transgenia na luta por soberania*.

Com o objetivo de apresentar e discutir as ações desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Extensão da UFRB, vinculado aos projetos citados, pretendemos dar continuidade ao fomento e realização de espaços formativos na Educação do Campo sobre a ocorrência e monitoramento de contaminação transgênica em variedades crioulas de milho, bem como o manejo, multiplicação e testagem de sementes, criando uma rede proteção de salvaguarda das sementes crioulas.

METODOLOGIA Para o desenvolvimento das ações dos projetos buscamos sempre a unidade entre a teoria e a prática, como forma de construir e re-construir a teoria a partir de uma sequência de práticas refletidas criticamente, constituindo uma forma de fazer pesquisa participante pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária (BRANDÃO; BORGES, 2007).

Para tanto, foram realizados espaços formativos no intercâmbio de partilha entre universidade, movimento social e unidades escolares para capacitação em torno dos processos de manejo, armazenamento, multiplicação, análise e troca de sementes crioulas. A coleta das amostras integrou uma estrutura de formação e mobilização através do uso de cartazes/cards, folders e cartilhas, e foi conduzida tendo como base

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

referencial as metodologias emancipatórias e a educação popular na problematização da realidade, no direito à fala, ao planejamento e à definição de projetos e ações desde os povos e camadas populares (ZANELLI *et al.*, 2021).

Tomamos como referência a proposta de investigação agroecológica a partir de práticas didático-experimentais na Educação do Campo (DIAS *et al.*, 2023) e projetamos delineamentos experimentais atrelados aos processos de multiplicação e conservação de sementes de milho crioulo. A análise de proteínas transgênicas foi realizada através dos testes com fitas imunocromatográficas. Já os testes de vigor e germinação de sementes foram realizados mediante delineamento experimental comparativo do Índice de Velocidade de Emergência (IVE), da Porcentagem de Emergência de Plântulas (PEP) e de variáveis referentes ao crescimento vegetativo das plântulas e morfometria de espigas e sementes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES O projeto teve atuação em associações, escolas famílias agrícolas, acampamentos e assentamentos de reforma agrária do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), no Sistema Agroflorestal Antônio Conselheiro (SAF AC) e no Campo Produtivo do Laboratório Vivo do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), materializando práticas de coleta, testagem e reprodução de sementes crioulas em consórcios agroecológicos, atreladas ao processo formativo com base na educação popular.

O trabalho de avaliação da contaminação dos milhos crioulos teve início na ocasião em que o Curso de Licenciatura em Educação do Campo foi contemplado com o apoio financeiro da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI), através do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), para subsidiar as ações voltadas para o Tempo Comunidade do Curso. Foram adquiridos os Testes de fitas AgraStrlp® com o fornecedor Romer Labs e realizados estudos de planejamento e desenho metodológico das ações formativas integradas ao monitoramento.

INTERCÂMBIOS E ESPAÇOS FORMATIVOS

Dentro do bojo de atividades do projeto, as ações de extensão assumem um local de destaque, haja vista a necessidade de interação com diversas comunidades onde foram realizadas trocas de saberes durante as palestras, intercâmbios e oficinas relacionadas com a temática das sementes crioulas e os testes de contaminação transgênica em sementes de milho.

O projeto despertou em todos os envolvidos, direta ou indiretamente, uma maior acuidade ao se debruçar sobre o tema das sementes crioulas, tornando-se o vetor de uma busca constante sobre mais informações, fomentando momentos de discussões que contemplam, inclusive, o cotidiano do curso de Licenciatura em Educação do Campo do CETENS/UFRB, onde diversos estudantes, mesmo não compondo o quadro do projeto, participaram das formações realizadas, passando a solicitar constantemente informações e sementes de milho para plantar em suas localidades. Uma grande maioria destes incorporaram a testagem em suas práticas do Tempo Comunidade,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

abrindo possibilidades para consolidação do trabalho de extensão do projeto.

Enquanto extensionistas PIBEX, temos passado por uma transformação muito grande pois, a cada artigo, livro ou mesmo debate que participamos, amadurecemos o olhar sobre as diversas possibilidades de intervenção junto à sociedade, principalmente nas comunidades camponesas e quilombolas. A importância de salvaguardar as sementes crioulas já era uma tônica em nossas vidas mas, no momento que percebemos o quanto estamos vulneráveis e prestes a perdê-las, abraçamos verdadeiramente o compromisso da reprodução, proteção, distribuição e formação de novos companheiros de luta nessa caminhada. Junto ao MPA, temos incorporado a temática formativa que já existe na dinâmica do movimento, avançando na significação da importância de salvaguardar as sementes crioulas e refletir sobre o seu papel no contexto da capacidade adaptativa frente às mudanças climáticas que nos acometem.

Iniciamos com a perspectiva da testagem num formato de oficina, fluindo para a discussão da necessidade de formar redes de proteção das guardiãs e guardiões identificados(as) durante o processo. Iniciamos a pesquisa de diferentes substratos, consórcios e técnicas agroecológicas que ajudassem todos aqueles que se propusessem a reproduzir as sementes. O curso de Bombeiro Agroecológico mediado pelo MPA e ministrado por Sebastião Pinheiro tornou-se um norteador para as diversas práticas que foram desenvolvidas.

Nesses momentos de intercâmbio[2] de saberes aprendemos muito com as comunidades visitadas e fomos ajustando a nossa metodologia de testagem no intuito de que a ideia e importância do projeto fossem melhor compreendidas e incorporadas no cotidiano das comunidades visitadas. Logo, os espaços formativos tornaram-se momentos valorosos para a construção e afinamento da nossa metodologia, bem como de diagnóstico das necessidades de formações complementares que corroboram com a efetiva reprodução, entendimento político da conservação das sementes e, muitas vezes, a reincorporação delas nas comunidades.

As atividades de extensão tornaram-se momentos valorosos de formação de diversas parcerias e a criação de uma rede de proteção junto à Teia dos Povos durante a última Jornada de Agroecologia, espaço formativo que foram apresentados trabalhos do projeto bem como a testagens de sementes, atraindo muitos parceiros e guardiões para uma discussão mais abrangente da importância de uma grande rede de proteção.

GERMINAÇÃO E EMERGÊNCIA DE SEMENTES CRIOULAS DE MILHO

A germinação de sementes em testes de laboratório configura a emergência e desenvolvimento das estruturas essenciais do embrião, demonstrando sua aptidão para produzir uma planta normal sob condições favoráveis de campo (MAPA, 2009). Como o objetivo de avaliar o poder germinativo (emergência de plântulas) de variedades crioulas de milho, foi planejado um delineamento experimental comparativo do Índice de Velocidade de Emergência (IVE). Tal iniciativa justificou- se pela necessidade de estimar um valor e selecionar as variedades para semeadura e multiplicação em campo.

2 Destacamos, entre outras, a Escola Família Agrícola dos Municípios Integrados da Região de Irará (EFAMI), a Escola Comunitária Família Agrícola de Ribeira do Pombal (ECFARP), a Associação Regional de Convivência Apropriada ao Semiárido (ARCAS), o Assentamento Terra Nossa (MPA-Ponto Novo), a Aldeia Kiriri do Alto da Jurema (Banzaê), as Comunidade Quilombolas de Lagoa Grande (Feira de Santana), Massaranduba e Baixinha (Irará).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

O teste de germinação e emergência da plântula foi realizado com quatro variedades de milho crioulo livre de transgênicos e oriundo dos seguintes territórios: Alto da Jurema da Aldeia Kiriri, município de Banzaê; Associação Regional de Convivência Apropriada ao Semiárido (ARCAS), município de Cícero Dantas; Comunidade Quilombola da Lagoa Grande, Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana e Escola Comunitária Família Agrícola de Ribeira do Pombal (ECFARP).

O experimento foi desenvolvido com blocos inteiramente casualizados (DIC) com 4 tratamentos (variedades de milhos) e 3 repetições contendo 30 sementes cada, a partir das seguintes etapas: (a) Seleção das sementes, preparo do substrato e montagem do experimento; (b) Irrigação e contagem diária de plantas emergidas e registro da quantidade e tempo em tabela até a estabilização da emergência das plântulas; (c) Após a última contagem das plântulas, foi calculada IVE em cada tratamento.

A variedade com maior Índice de Velocidade de Emergência (58,8) foi a oriunda da Aldeia Kiriri, seguida pelo milho da ARCAS (36,8), e o da ECFARP (18,2). A variedade da Lagoa Grande não germinou e estamos investigando as hipóteses possíveis para tal resultado negativo. O menor IVE da ECFARP justifica-se pelo fato da semente ter sido da safra de 2022 e não ter sido armazenada nas melhores condições, o que impactou a viabilidade da mesma.

➲ CRESCIMENTO DE MILHO KIRIRI EM SUBSTRATOS AGROECOLÓGICOS

A análise do desenvolvimento do milho crioulo foi realizado no Sistema Agroflorestal (SAF) Antônio Conselheiro. Este espaço surgiu a partir das intervenções agroecológicas do estudante Luciano Reis com um grupo de voluntários que participaram de formações locais. As sementes foram doadas por indígenas Kiriri na ocasião de um Intercâmbio Formativo durante as atividades do Tempo Comunidade de uma turma da Licenciatura em Educação do Campo.

O layout do experimento foi definido em 5 leras de 11 m de comprimento separadas umas das outras por 1m: A lera 1 foi estabelecida como controle e ficou isenta de tratamento; As leras 2 e 3 receberam um Tratamento A na proporção de: 1 de húmus (H); 2 de pó de pedra (P); 0,5 de pó de carvão (C); 2 de terra (T). As leras 4 e 5 receberam um Tratamento B na proporção de: 1 de húmus (H); 0,5 pó de pedra(P); 0,5 de pó de carvão (C); 2 de terra (T).

No período de dois meses foram observados que os pés de milho das leras 4 e 5 apresentaram um maior diâmetro e altura, enquanto a lera 1 (controle) apresentou os menores valores para os parâmetros mensurados. As leras do tratamento B tiveram um melhor desenvolvimento, demonstrando que a proporção menor de pó de pedra influenciou positivamente o crescimento das plantas. Em estudos futuros iremos aumentar os parâmetros agronômicos a serem analisados e relacionar com os diferentes estágios de desenvolvimento dos milhos (vegetativo e reprodutivo) para compor uma caracterização de manejo agroecológico de milhos crioulos.

➲ MORFOMETRIA DE ZEA MAYS L. PRODUTO DE UM MANEJO

A importância da caracterização morfométrica de sementes de milho proporciona dados para se avaliar aspectos como: potencial reprodutivo, qualidade e aplicabilidade dos grãos, reconhecimento das espécies e viabilidade quanto ao potencial reprodutivo das plântulas. A escolha das sementes observando os parâmetros implicará numa melhor germinação de acordo com a aplicação desejada na qualidade final das sementes.

Para a realização do teste de morfometria foram realizadas medições de alguns parâmetros das sementes de milho crioulo oriundo do município de Irará, Comunidade Quilombola da Massaranduba. As sementes foram plantadas em uma das linhas do Sistema Agroflorestal no Espaço Agroecológico Sintrópico (EAS) consorciadas com aipim e banana, utilizando-se para análise das espigas de milho colhidas: trena, paquímetro e balança digital, efetuando a coleta das seguintes características: com relação à espiga - comprimento, diâmetro, fileiras, grãos por fileira, peso da espiga com milho, peso da espiga sem milho, total de sementes por espiga e total de sementes descartadas. Com relação às sementes - comprimento, largura e espessura.

Os pés de milho das extremidades do canteiro produziram espigas menores, enquanto que as situadas na região intermediária apresentaram um tamanho e volume maiores. Entendemos a importância dos dados obtidos para uma posterior identificação das possibilidades de separação e uso dessas sementes de acordo com a sua aplicação final, que pode ser desde a produção de grãos ou para a silagem. Os parâmetros coletados são importantes para melhorar o estabelecimento dessas análises.

➲ SISTEMATIZAÇÃO DOS EVENTOS TRANSGÊNICOS EM MILHO CRIOULO

A contaminação das sementes crioulas por organismos geneticamente modificados (OGMs) pode ocorrer de diversas maneiras, incluindo a introdução consciente de sementes transgênicas numa propriedade, a polinização cruzada e a mistura inadvertida durante o armazenamento e plantio. Essa contaminação compromete a pureza genética das variedades crioulas e consequente capacidade adaptativa, além de ameaçar a autonomia das comunidades camponesas e tradicionais que dependem delas para garantir a continuidade de suas práticas agrícolas e culturais.

Ao realizarmos os testes com as fitas imunocromatográficas, que permitem a identificação rápida e eficiente de OGMs em sementes de milho, obtivemos dados importantíssimos para traçar o perfil do fluxo transgênico, tornando os testes uma ferramenta acessível para esse monitoramento. A sistematização dos dados coletados durante as oficinas itinerantes e intercâmbios formativos realizados no âmbito do Projeto de Extensão *Saberes Agroecológicos e Sementes Crioulas: resistindo à transgenia na luta por soberania*, materializa uma ferramenta importante para se pensar políticas públicas que se alinhem com a proposta da defesa dessas sementes.

Foram realizados 100 testes em dezenove municípios objetivando a ocorrência das seguintes proteínas de origem transgênica: LL (PAT), VIP3A, CP4 EPSPS (RUR) / Cry3Bb / Cry1A e Cry1F / Cry34. Como resultado final encontramos um cenário alarmante de 68% de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

sementes contaminadas e apenas 32% de sementes livres de transgênicos, observando que 53% destes testes foram realizados em Irará, Feira de Santana e Ponto Novo. Algo a se pensar seria o status do entorno desses locais diagnosticados sem contaminação pois, em muitos casos, temos a forte possibilidade de contaminação futura; além disso, para os locais em que foram verificadas as contaminações, criar estratégias de doação de sementes e plantação fora do período convencional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A partir dos resultados observados abre-se um leque de possibilidades de aplicações, o que sugere a necessidade por estudos complementares de monitoramento e avaliação de estratégias de diversos consórcios no plantio com essas sementes crioulas, para obtermos resultados alinhados com o nosso bioma que resulte numa elevação da produtividade em meio ao semiárido. Além disso, as ações formativas integradas aos delineamentos experimentais com sementes crioulas na Educação do Campo precisam ser melhor investigadas em outros contextos e realidades.

A necessidade de geração de dados na construção de políticas públicas que fortaleçam as pesquisas acadêmicas e os(as) agricultores nas práticas de manejo cotidiano com resultados promissores para geração de renda é uma das possibilidades vislumbradas e esperamos, com a continuidade das ações vinculadas à extensão, ao ensino e à pesquisa, selecionar geneticamente sementes crioulas de milho melhor adaptadas para necessidades específicas exigidas pelos agricultores, agricultoras e consumidores(as), na contramão dos transgênicos.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. **A pesquisa participante: um momento da educação popular.** Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62, 2007.

DIAS, T. L. S.; SANTOS, I. J.; SILVA, L. R. Educar pela pesquisa agroecológica: vivências didático- experimentais no âmbito da licenciatura em educação do campo (CETENS/UFRB). **Cadernos de Agroecologia**, v. 18, n.1 (2023): Anais do III Seminário Nacional de Educação em Agroecologia-Construindo caminhos para o fortalecimento dos territórios de Bem Viver, Castanhal, PA.

MAPA. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Regras para análise de sementes.** Secretaria de Defesa Agropecuária. Brasília: Mapa/ACS, 2009.

RODRIGUES, J. J. **Os impactos dos agrotóxicos na saúde dos trabalhadores rurais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior em Segurança no trabalho) - Instituto Federal da Paraíba, Campus Patos-PB, 2024.

ZANELLI, F. V.; BARBOSA, W. A.; CARDOSO, I. M. Metodologias Emancipatórias. In: DIAS, A. P.; BARROS, A.; MOURA, S. L. H. G.; VARGAS, M. C. **Dicionário de Educação e Agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
SAÚDE//

“Vozes-mulheres que circulam”: um relato de experiência de escuta do luto silenciado e da potência coletiva de mulheres negras

SHIRLEY GONÇALVES AMARAL DOS SANTOS
SILIER ANDRADE CARDOSO BORGES

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

“Voices-women that circle”: an experience report of listening to the mourning silenced and collective power of black women

“Vozes-mulheres que circulam”: um relato de experiência de escuta do luto silenciado e da potência coletiva de mulheres negras

“Voices-women that circle”: an experience report of listening to the mourning silenced and collective power of black women

PALAVRAS-CHAVE
SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA.
LUTO.
VULNERABILIDADE SOCIAL.
SAÚDE MENTAL.
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

RESUMO Este artigo tem como objetivo compartilhar a experiência discente em um projeto de extensão dedicado à escuta mútua de mulheres negras em sofrimento em razão do assassinato de seus filhos, refletindo sobre os efeitos dos sistemas de opressão na produção de subjetividades dessas mulheres. Trata-se de um relato de experiência da atuação da autora no projeto “Escutatórias”, com registros produzidos por meio de diários de campo. Os relatos evidenciaram uma dor coletiva atravessada pela política de morte de jovens negros, pelo luto silenciado e pela sobrecarga imposta às mulheres negras enquanto cuidadoras. Essas vivências expressam um sofrimento político-subjetivo que subjaz o projeto histórico de desumanização das existências não somente pelo genocídio de jovens negros e atuação seletiva das instituições, mas sobretudo pela produção de apatia, perda da vontade de viver e morte simbólica que resulta da produção social do banzo contemporâneo. Todavia, a experiência evidenciou a potência das mulheres negras enquanto protagonistas na construção coletiva de cuidado. As rodas atuaram como um espaço no qual suas vozes desacreditadas puderam emergir com força e legitimidade, atuando na reparação simbólica diante das perdas.

KEYWORDS
BLACK PEOPLE.
GRIEF.
SOCIAL VULNERABILITY.
MENTAL HEALTH.
UNIVERSITY EXTENSION.

ABSTRACT This article aims to share the student experience of an outreach project dedicated to listening to black women in their suffering following the murder of their children, reflecting on the effects of systems of oppression on the production of these women’s subjectivity. This is an experience report based on the author’s work in the “Escutatórias” project, with records produced through field diaries. The accounts revealed a collective pain permeated by the policy of death of young black men, by silenced mourning, and by the burden imposed on black women as caregivers. These experiences express a suffering that reflects the dehumanization of existences caused by the genocide of young black men and the production of apathy, loss of the will to live, and symbolic death resulting from the social production of contemporary banzo. However, the experience highlighted the power of black women as protagonists in the collective construction of care. The meetings indicated a space in which their discredited voices could emerge with strength and legitimacy, acting in symbolic reparation in the face of loss.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

SHIRLEY GONÇALVES AMARAL DOS SANTOS
Bacharela em Saúde e Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: shirleyamarall@hotmail.com

SILIER ANDRADE CARDOSO BORGES
Doutor em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/ UFBA). Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: silier@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Este trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência discente em um projeto de extensão dedicado à escuta mútua de mulheres negras em sofrimento em razão do assassinato de seus filhos, refletindo sobre os efeitos dos sistemas de opressão na produção de subjetividades dessas mulheres.

A partir da escuta, emergiu a percepção de que os relatos partilhados nas rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) são singulares e coletivos, porque ressoam nas trajetórias de muitas mulheres que co-construíram os encontros do projeto Escutatórias. Como no poema de Conceição Evaristo (2017), são vozes-mulheres marcadas por dimensões afetivas e sociais que evidenciam as marcas políticas e subjetivas do extermínio da juventude negra.

Entendemos que o sofrimento vivido por essas mulheres reflete uma violência socialmente produzida. Reconhecer esse sofrimento implica compreender que um jovem executado pelo racismo afeta todo o tecido social. Essas mulheres, que também são mães, não apenas sofrem com a dor da ausência diante das existências fugidias de seus filhos, mas enfrentam a negação do reconhecimento de sua humanidade diante do processo socialmente diferenciado do morrer entre as experiências negras.

Para Mbembe (2016), o colonialismo e a escravidão foram as

primeiras formas de experimentação biopolítica que inauguraram a relação entre política e terror, lançando pessoas negras a um perpétuo estado de exceção e espetáculo de dor. A hipervigilância e o medo persistente da morte dos filhos não surgem apenas como um trauma circunscrito às biografias, mas como trauma colonial (Kilomba, 2019), dada a natureza de continuidade entre passado e presente na experiência coletiva do racismo cotidiano. Manifesta-se consequente ao silenciamento imposto à população negra como uma ferramenta estratégica de fragilização das formas de reação do grupo subalternizado. Em territórios periféricos, onde o direito à vida é sustado ou relativizado, o trauma colonial assume a forma de adoecimento que evidencia a continuidade histórica do projeto de desumanização.

O Atlas da Violência (Cerqueira; Bueno, 2024) revela que, apesar de uma redução geral nas taxas de homicídio da população negra no Brasil entre 2012 e 2019, essa tendência não se distribui de forma equitativa entre os grupos de pessoas negras e não negras. Em todas as regiões do país a taxa de homicídios de negros é superior à de não negros. No Brasil, em 2023, o risco de uma pessoa negra ser vítima de homicídio foi 2,7 vezes maior do que o risco de uma pessoa não negra. A maior diferença foi identificada na região Nordeste, que apresentou taxa de 41,7 homicídios de pessoas negras e taxa de 11,6 homicídios de não negros a cada 100 mil habitantes. No Nordeste, a Bahia (50,8) se destacou como o estado com maior taxa de homicídios de pessoas negras por 100 mil habitantes (Cerqueira; Bueno, 2024).

Diante desse cenário de violência institucionalizada que se inscreve em determinados corpos e territórios, é fundamental direcionar o olhar não só aos que sucumbem, mas também às que sobrevivem ao projeto de extermínio: as mulheres negras, frequentemente cuidadoras, elo de coesão comunitária e responsáveis pela subsistência familiar, mas raramente cuidadas. Nomeadas de "fortes" e "aguerridas" ao tempo em que têm seus sofrimentos negligenciados, vivenciando no cotidiano do país o entrelaçamento do racismo, classismo e sexismo e empurradas para a base da pirâmide social (Gonzalez, 2020).

Jeane Tavares (2021) discute como a expressão da perda, vivida por pessoas negras no Brasil, é invalidada, socialmente interditada e solitária. Privadas do direito ao luto, as mulheres negras e periféricas enfrentam perdas recorrentes e significativas em suas histórias de vida, pois a banalização dessas perdas reforça um ciclo de violências simbólicas que dificulta a elaboração do luto.

A repressão e o controle da população negra não se dão exclusivamente pelo encarceramento ou extermínio de corpos negros, mas também pelo epistemicídio. Para Sueli Carneiro (2023), o epistemicídio não se reduz à apropriação e apagamento dos saberes das populações negras, mas mais amplamente, envolve a inferiorização dessas pessoas como sujeitos do conhecimento, desestruturando até mesmo o senso de comunidade dos povos diaspóricos. Nesse contexto, muitas práticas tradicionais de cuidado e de enfrentamento cultural à produção social do banzo contemporâneo foram sendo fragilizadas, proibidas, perseguidas, demonizadas e, finalmente, esquecidas e solapadas pelo eurocentrismo (Borges, 2023).

Dessa forma, a TCI se apresenta como um dispositivo potente

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

na reconstrução dos laços sociais, acolhimento e mobilização comunitária. Formulada por Adalberto Barreto (2008) na década de 1980, a TCI propõe um espaço de escuta coletiva e compartilhamento de sofrimentos que, ao serem verbalizados e refletidos, frequentemente revelam saídas locais às consequências sociais e subjetivas das desigualdades.

A TCI valoriza a escuta, o saber da experiência e a construção coletiva do cuidado, mobilizando o conhecimento produzido no território e promovendo um encontro dialógico e horizontal. É possível identificar aproximações entre a forma como a TCI é organizada e a lógica da circularidade proposta por Antônio Bispo dos Santos (2015), a medida em que rompe com a racionalidade colonial quando propõe outras formas possíveis de organização do tempo, do cuidado e do saber.

Para Antonio Bispo dos Santos (2015), o conhecimento não é hierárquico ou cumulativo, vivido e partilhado. Sua potência emerge na troca de experiências, sustentada por uma escuta afetiva e pela força dos vínculos comunitários. Assim, ainda que possuam origens distintas, a TCI também se ancora em um saber que circula, reafirmando modos de existência e cuidado que rompem com as estruturas verticalizadas de poder-saber.

Em territórios vulnerabilizados, a atenção psicossocial na atenção primária enfrenta desafios significativos, como a fragmentação dos serviços e os desequilíbrios entre oferta e demanda, comprometendo a universalização e a efetividade do cuidado em saúde mental (Dimenstein; Macedo; Fontenele, 2022). Nesse contexto, o nosso espaço foi particularmente importante para aquelas mulheres, proporcionando um cuidado que inexiste na rede de serviços formais.

METODOLOGIA Este trabalho consiste em um relato de experiência, elaborado a partir da participação da autora no projeto "Escutatórias: ajuda e suporte mútuos em saúde mental e educação popular no território", desenvolvido entre julho de 2024 e janeiro de 2025, no município de Santo Antônio de Jesus, recôncavo baiano. O projeto foi vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária, com vigência de seis meses (cf. Borges; Gama; Bitencourt et al., 2025).

A metodologia adotada se baseia nas recomendações de Oscar Holliday (2006), que compreende a sistematização como um processo de reflexão crítica sobre o vivido. Nesse sentido, o envolvimento integral de quem experiencia é essencial para dimensionar a complexidade das ações, extrair aprendizagens e produzir conhecimentos que contribuam para a relação teoria-prática.

Como instrumento metodológico, foi utilizado o diário de campo, compreendido como recurso de formação e também de produção de saberes. A escrita deste trabalho partiu da releitura dos próprios diários produzidos ao longo do projeto e pelas reflexões que suscitaram, fundamental para a elaboração das análises que estruturam este relato.

Inicialmente, a equipe com dez extensionistas realizou encontros internos de formação teórica, fundamentais para a construção

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

do olhar e da prática territorial, seguidos por rodas de TCI com estudantes da UFRB. Essas rodas buscaram não apenas preparar as extensionistas para as ações extensionistas, mas também acolher o sofrimento psíquico vivenciado por elas naquele contexto acadêmico, exercitando a escuta e o acolhimento como práxis coletiva.

Posteriormente, por meio de articulação com a Associação de Moradores, as ações passaram a ser realizadas diretamente no território: um bairro vulnerabilizado por processos históricos de exclusão, racismo estrutural, vazios assistenciais e alta letalidade policial. As participantes das rodas, em sua maioria, foram mulheres negras e pobres, com idades entre 30 e 60 anos.

REFERENCIAL TEÓRICO

"AS VOZES MUDAS CALADAS ENGASGADAS NA GARGANTA" E A LEGITIMAÇÃO DO SOFRIMENTO ENTRE MULHERES NEGRAS

A cada partilha nas nossas "rodas de escuta e ajuda mútua", desencadeada pelo mote "quem já viveu problema semelhante e o que fez para lidar melhor com essa dificuldade?", despontavam fragmentos da vivência de mães negras que perderam seus filhos precocemente. A banalização dessas perdas, presentes em todos os relatos ao longo dos encontros, denotavam o sentimento coletivo de injustiça que se impõe aos familiares.

Essa vivência expressa um sofrimento político-subjetivo que subjaz o projeto histórico de desumanização das existências não somente pelo genocídio de jovens negros e atuação seletiva das instituições disciplinares, mas sobretudo pela produção de apatia, perda da vontade de viver e morte simbólica que resulta da produção social do banzo contemporâneo (Borges, 2023; Borges et al., 2025). Partilhadas no espaço da roda, essas experiências revelam como o racismo estrutural e a necropolítica seguem definindo o Estado moderno a partir do direito soberano de matar (Mbembe, 2016), especialmente nas periferias brasileiras, onde a política é exercida como tecnologia de morte, confundindo-se mutuamente.

Nas rodas esse dado deixava de ser meramente estatístico: a perda ganhava nome e rosto. As mães se descobriram também vítimas do extermínio, obrigadas a conviver com a ausência de justiça. Assim, a escuta mútua revelava um campo de afetos entrelaçados por perdas semelhantes e marcas sociais que não cabem no suposto de sofrimento individual.

Os relatos das mães apontaram para uma ruptura profunda em seus modos de existir, indicando que o impacto da perda se prolonga no cotidiano. Ouvimos com frequência que aquele era o primeiro espaço em que muitas delas falavam pela primeira vez sobre dores represadas por anos ou décadas. O reconhecimento comunitário dessas experiências parecia inaugurar um processo catártico.

O silenciamento da dor se assemelha à máscara de flandres, ferramenta de tortura que, como metáfora, nos aponta para uma compreensão simbólica do silenciamento imposto aos negros como tecnologia colonial (Kilomba, 2019). É pela boca que se exerce o controle da existência e ao mesmo tempo por onde se pode liberá-la. Ao passo que as participantes das rodas foram impedidas de manifestarem

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

publicamente sua dor, perpetuava-se uma lógica de silenciamento intergeracional que não só fazia sofrer, como bloqueava a construção de pertencimento e reconhecimento da experiência.

Além disso, percebemos como a ausência de perspectiva de futuro deixava o presente em estado de suspensão, paralisando a vida. Trata-se da manifestação da dificuldade de reconstrução do eu que decorre da negação social do luto vivenciado por pessoas negras. Cornel West (2021) define como uma perigosa ameaça a perda de esperança, de sentido e de amor, como fenômeno histórico imposto à população negra. Para West (2021), o niilismo é uma ameaça persistente que destrói subjetividades ao produzir vidas sem propósito, minando a capacidade de resistir às opressões. Assim, o silenciamento do luto e o apagamento das dores dessas mulheres podem ser compreendidos como expressões da desumanização, que nega não apenas o reconhecimento da dor, mas também a possibilidade de se projetar para o futuro ou experienciar o existir no tempo presente, as impedindo que se reconhecerem como sujeitos de dores e de alegrias, afeto e dignidade.

Nos chamou a atenção algumas mães que afirmavam não mais se sensibilizar com a morte de outros jovens negros ao se deparar com notícias de jornais. Esses relatos apontam para os efeitos da superexposição continuada à violência como parte da rotina embrutecedora em territórios vulnerabilizados. Tavares (2021) afirma que essa exposição impacta significativamente a saúde mental da população negra, tornando o luto uma experiência suspensa e ilegítima. A dificuldade em nomear esses eventos como resultado de uma política de morte aprofunda o sofrimento, pois quando a experiência não é nomeada, resta espaço para a culpabilização (expressa em discursos como "má criação") e o medo continuado da perda de outro familiar.

Percebemos ainda nas falas das mulheres os efeitos psíquicos da sobrecarga do cuidado. Foram muitas as narrativas sobre uso prejudicial de álcool, adoecimento físico, exaustão e uso recorrente de medicações psiquiátricas como forma de dar continuidade à responsabilidade ininterrupta do cuidado, que frequentemente recai sobre essas mulheres adoecidas. Histórias que evidenciaram o sofrimento como herança inaugurada na diáspora, quando a função delas foi reduzida ao cuidado, como aliás ocorria com as chamadas "mães pretas", obrigadas a dirigir os cuidados maternos aos filhos de seus algozes (Gonzalez, 2020).

"RECOLHENDO EM SI A FALA E O ATO": A ESCUTA SENSÍVEL NO TERRITÓRIO ONDE CRESCI

Cresci no bairro onde o projeto foi desenvolvido, e, embora tenha me mudado aos dezoito anos, minha história continua entrelaçada àquele território: meus pais, familiares e amigos de infância ainda residem ali. Retornar, agora como concluinte de Psicologia, mobilizou afetos antigos sob uma nova lente. A escuta que se aprende na formação transformou esse reencontro em uma experiência potente também para mim. Mais do que revisitar um lugar familiar, foi a possibilidade de ouvir as mulheres que sempre estiveram por perto. Estar ali como "escutadora", aberta a suas histórias, me permitiu acessar camadas do território antes invisíveis a mim: memórias

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

partilhadas, cicatrizes abertas, esperanças e silêncios carregados de sentido. Participar das rodas de TCI, nesse contexto, foi estar diante de narrativas de perdas violentas e de medo, mas também de resistência e solidariedade entre mulheres.

A escuta exigiu presença inteira, abertura para o inesperado e sensibilidade para o que não é dito. Ao ouvir as mulheres do território, fui levada também a olhar para dentro, reconhecer incômodos, entender o quanto as histórias do outro atravessavam a minha e acolher silêncios que ainda não havia nomeado. Iniciei também a minha construção em coletivo: o que se constituiu não foi apenas uma Psicóloga, mas uma "escutadora" mais sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS As vivências compartilhadas nas rodas de TCI do projeto Escutatórias, embora frequentemente silenciadas, ganharam espaço para serem ouvidas, acolhidas e legitimadas. A escuta comunitária fortaleceu os vínculos entre as mulheres, promovendo o reconhecimento coletivo das dores e transformando a palavra em ato político. Essas rodas se mostraram como um importante dispositivo comunitário em territórios vulnerabilizados, oferecendo às mulheres negras e periféricas um espaço seguro onde suas vozes desacreditadas puderam emergir com força e legitimidade.

A experiência evidenciou a fala e a escuta como práticas transformadoras, que atuam na reparação simbólica diante do luto socialmente não reconhecido. A extensão popular se revelou território de inéditos-viáveis que, longe de oferecerem respostas prontas, abriram caminhos para o reconhecimento de mulheres negras e periféricas como sujeitos do conhecimento, vozes-mulheres[1] que circulam em coletivo.

1
Referência ao poema de Conceição Evaristo (2017), presente no livro "Poemas da Recordação e Outros Movimentos".

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária passo a passo.** 3 ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

BORGES, Silier Andrade Cardoso; GAMA, Helena Ayla Monteiro; BITENCOURT, Ingrid da Silva; SANTOS, Shirley Gonçalves Amaral dos; SILVA, Maria Eduarda Bonfim da. "A certidão de óbito veio lavrada desde os negreiros": extensão e educação popular em saúde mental diante da produção social do banzo contemporâneo. **Revista Acadêmica GUETO**, [S. l.], v. 11, n. 21, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/gueto/article/view/5398

BORGES, Silier Andrade Cardoso. **"Eu saí da rua, mas a rua não saiu de mim"**: narrativas de pessoas em situação de rua em ações coletivas de luta e resistência. 2023. Tese (doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/39902

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (Org.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031

DIMENSTEIN, Magda; MACEDO, João Paulo; FONTENELE, Mayara Gomes. Atenção psicossocial nos serviços de atenção primária à saúde: desafios à integração no Brasil. **Mental**, Barbacena, v. 14, n. 25, p. 1-13, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272022000100004&script=sci_abstract

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez. 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos:** modos e significados. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

TAVARES, Jeane Saskya Campos. Expressão do luto na população negra: entre o invisível e o patológico. In: SANTANA, Jacimara Souza (Org.). **Saúde das populações negras na América e África**. Salvador: EDUNEB, 2021, p. 63-83.

WEST, Cornel. **Questão de raça**. 2 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
MEIO AMBIENTE //

Educação ambiental no ensino fundamental: o lúdico como ferramenta de aprendizagem

FABIANA DE OLIVEIRA SOUZA
MARILTON QUEIROZ BORGES FILHO
GUILHERMINO DOS SANTOS NETO
MARIA VANDERLY ANDREA

Environmental education in elementary school: playfulness as a learning tool

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Educação ambiental no ensino fundamental: o lúdico como ferramenta de aprendizagem

Environmental education in elementary school: playfulness as a learning tool

RESUMO Este relato apresenta os resultados de um projeto de extensão universitária em educação ambiental, realizado com alunos de 4 a 12 anos do Colégio Municipal Joaquim Medeiros, em Cruz das Almas, Bahia. O objetivo principal da ação extensionista foi sensibilizar estudantes do ensino fundamental para a conservação da fauna silvestre e para a adoção de atitudes ambientalmente responsáveis no ambiente escolar, por meio de estratégias pedagógicas lúdicas. O projeto teve como objetivo promover a sensibilização ambiental por meio de estratégias lúdicas voltadas à conservação da fauna silvestre e ao estímulo de atitudes sustentáveis no contexto escolar. A ação foi conduzida por discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no contexto da disciplina CCA 1037 – Criação e Preservação de Animais Silvestres em Cativeiro e do Edital PROEXT nº 07/2023, com base na metodologia da pesquisa-ação. As atividades, planejadas em parceria com a escola, incluíram jogos educativos, oficinas com materiais recicláveis, gincanas e contação de histórias. Os resultados demonstraram o engajamento dos estudantes e a construção de conhecimentos ambientais significativos. Apesar do caráter qualitativo da análise, a experiência evidenciou o potencial das práticas lúdicas para a promoção da cidadania ambiental. Recomenda-se, em ações futuras, o uso de instrumentos avaliativos que permitam medir com maior precisão os impactos das atividades.

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL.
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.
CONSERVAÇÃO DA FAUNA.
EDUCAÇÃO ESCOLAR.

ABSTRACT This report presents the results of a university extension project in environmental education conducted with students aged 4 to 12 from Colégio Municipal Joaquim Medeiros, located in Cruz das Almas, Bahia, Brazil. The main objective of the extension activity was to raise awareness among elementary school students about wildlife conservation and the adoption of environmentally responsible attitudes in the school environment through playful pedagogical strategies. The project aimed to promote environmental awareness through playful activities focused on wildlife conservation and the encouragement of sustainable attitudes within the school context. The initiative was carried out by undergraduate students from the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) as part of the course CCA 1037 – Creation and Preservation of Wild Animals in Captivity and under the PROEXT Public Call No. 07/2023, based on an action-research methodological approach. The activities, planned in partnership with the school, included educational games, workshops using recyclable materials, environmental competitions, and storytelling sessions. The results demonstrated high levels of student engagement and the development of meaningful environmental knowledge. Despite the qualitative nature of the analysis, the experience highlighted the potential of playful practices to promote environmental citizenship. For future initiatives, the adoption of structured assessment instruments is recommended in order to more accurately measure the impacts of the activities.

KEYWORDS
UNIVERSITY EXTENSION.
ENVIRONMENTAL AWARENESS.
PEDAGOGICAL PRACTICES.
WILDLIFE CONSERVATION.
SCHOOL EDUCATION.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

FABIANA DE OLIVEIRA SOUZA
Graduanda em Medicina Veterinária Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: fabiana_oliveiramn@hotmail.com

MARILTON QUEIROZ BORGES FILHO *Graduando em Zootecnia Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).*
E-mail: mariltonqbf@gmail.com

GUILHERMINO DOS SANTOS NETO *Graduando em Zootecnia Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).*
E-mail: fgneto046@gmail.com

MARIA VANDERLY ANDREA
Doutora em Ciências Biológicas Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Conselheira Efetiva do Conselho Regional de Medicina Veterinária da Bahia (CRMV-BA), gestão 2025–2028, representando a categoria dos zootecnistas.
E-mail: mvander@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A preocupação com as questões ambientais transcende a temporalidade e reflete a complexidade das relações humanas com o meio construído e natural. Como ressaltado por Higuchi e Azevedo (2004), a natureza é fundamental para a sobrevivência e existência humana, tornando a Educação Ambiental uma necessidade incontestável. O ambiente escolar, historicamente valorizado como o epicentro do saber social, emerge como um lócus estratégico

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

para a transformação de mentes e comportamentos voltados para o desenvolvimento sustentável.

É na escola que o público infantojuvenil pode desenvolver novas condutas ambientais e ecológicas, tornando-se mais responsável com o meio em que está inserido, uma vez que a percepção construída a partir de experiências educativas influencia diretamente a forma como os estudantes compreendem e se posicionam diante das questões ambientais (De Queiroz Borges Filho, 2026). A educação ambiental infantil configura-se como uma abordagem pedagógica que visa sensibilizar as crianças desde cedo para questões relacionadas ao meio ambiente, promovendo a consciência ecológica, o respeito pela natureza e o desenvolvimento de atitudes sustentáveis, a escola desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e éticos.

Como destaca Jacobi (2003), a educação para a cidadania torna-se uma possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar diferentes formas de participação em potenciais caminhos de dinamização da sociedade. Apesar de o professor ser sensibilizado para a inclusão da preservação ambiental em seu trabalho, ainda existe uma lacuna no processo educativo quando tais ações não se traduzem em mudanças efetivas de comportamento. O projeto em questão nasce da necessidade de preencher essa lacuna ao focar em crianças e adolescentes como público-alvo, uma vez que eles passam grande parte do tempo no ambiente escolar, tornando-o um ponto de referência para a construção de valores sociais.

Diante desse panorama, o projeto proposto teve como objetivo não apenas sensibilizar, mas também transformar a realidade local, ao proporcionar experiências significativas e estimulantes que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo valores como respeito, cuidado e responsabilidade ambiental, especialmente no que se refere à prática ilegal da captura, da criação e do comércio de animais em Cruz das Almas – BA.

A relação entre comunidades humanas e a fauna silvestre envolve dimensões culturais, simbólicas e históricas que influenciam práticas e percepções sobre os animais, demandando abordagens educativas contextualizadas (Rodrigues; Saheb, 2018; Borges-Filho et al., 2025). O envolvimento de jovens e crianças, aliado aos esforços de diretores e professores, configura-se como uma força-tarefa essencial para combater essa atividade prejudicial ao meio ambiente.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar uma ação extensionista desenvolvida por discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), voltada à promoção da educação ambiental no ensino fundamental por meio de estratégias pedagógicas lúdicas, buscando sensibilizar os estudantes para a conservação da fauna silvestre e estimular atitudes sustentáveis no ambiente escolar.

METODOLOGIA Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa de abordagem exploratória, fundamentada nos princípios da pesquisa-ação, uma vez que promoveu a participação ativa dos discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) no

planejamento, execução e avaliação de práticas educativas voltadas à educação ambiental.

A investigação foi conduzida no Colégio Municipal Joaquim Medeiros, localizado no município de Cruz das Almas (BA), no contexto da disciplina CCA 1037: Criação e Preservação de Animais Silvestres em Cativeiro, como parte das ações vinculadas ao edital PROEXT nº 07/2023.

A população-alvo foi composta por aproximadamente 120 alunos do ensino fundamental, com idades entre 4 e 12 anos, distribuídos entre turmas dos turnos matutino e vespertino. Foram considerados participantes os estudantes regularmente matriculados e presentes nos dias de realização das atividades educativas. Participaram também professores da escola, a equipe gestora e os discentes da UFRB, subdivididos em cinco equipes temáticas nomeadas com espécies da fauna silvestre brasileira: Seriema, Onça-Pintada, Mico-Leão, Arara-Azul e Coral-Verdadeira.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante, técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas por permitir a inserção do pesquisador no contexto investigado (Lüdke e André, 1986; Gil, 2008). Segundo Gil (2008), a observação participante possibilita compreender de forma mais aprofundada as interações sociais no ambiente pesquisado, enquanto Lüdke e André (1986) destacam sua relevância para a análise de processos educativos em contextos escolares (Tozoni-Reis e Campos, 2014). Foram utilizados registros em diário de campo, anotações descritivas sistematizadas, documentação fotográfica e relatos escritos produzidos pelos próprios discentes extensionistas.

As ações educativas incluíram palestras introdutórias, oficinas lúdicas, brincadeiras pedagógicas, leitura de histórias, atividades de colagem com materiais recicláveis, jogos da memória e gincanas com temáticas ambientais. Durante o desenvolvimento do projeto, foram realizadas reuniões prévias com a equipe pedagógica da escola para alinhamento dos objetivos, definição do cronograma, escolha dos espaços e integração das atividades à rotina escolar.

Essas reuniões também permitiram identificar práticas ambientais já existentes na instituição, evitando sobreposição de ações e promovendo inovação pedagógica. Cada grupo da UFRB foi responsável por uma etapa específica do projeto, atuando de forma colaborativa e supervisionada. Os materiais e recursos foram previamente organizados e distribuídos, garantindo planejamento e execução sistematizados.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com inferência e interpretação. Essa abordagem permitiu a identificação de categorias emergentes, tais como: aprendizado por meio do lúdico, sensibilização ambiental precoce, engajamento discente e impacto das ações na prática docente e na formação extensionista.

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa observou os preceitos estabelecidos pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, aplicáveis a pesquisas envolvendo seres humanos. A realização das atividades foi previamente autorizada

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

pela gestão escolar, e os responsáveis legais pelos alunos foram informados sobre a natureza educativa e extensionista da ação. As imagens utilizadas para fins de registro respeitaram a preservação da identidade dos participantes, sendo selecionadas de modo a não permitir sua identificação direta.

A validade das interpretações foi reforçada por meio da triangulação de dados, com base em relatos escritos, observações diretas e reflexões em grupo realizadas ao término das atividades. A devolutiva final à escola, bem como as manifestações espontâneas das crianças e professores, também contribuíram para a avaliação dos resultados qualitativos alcançados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

DIAGNÓSTICO INICIAL E CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS EDUCANDOS

O projeto contemplou um conjunto de atividades voltadas a estudantes do Colégio Municipal Joaquim Medeiros, com idades entre 4 e 12 anos. Desde o início das intervenções, observou-se que os educandos demonstravam familiaridade com conceitos ambientais, evidenciada na habilidade de distinguir animais silvestres de domésticos, reconhecer seus sons e discutir espontaneamente temas como preservação das matas e limpeza urbana.

Essa constatação compôs a categoria analítica "conhecimentos prévios e percepção ambiental inicial", identificada na etapa de pré-análise da investigação. O conhecimento prévio sinaliza o impacto de práticas escolares anteriores, ao mesmo tempo em que reforça a importância de aprofundar tais conteúdos com abordagens mais dinâmicas e integradoras.

Foi realizada algumas atividade iniciais no projeto: a pintura facial com temáticas de fauna silvestre. O recurso simbólico e lúdico favoreceu o envolvimento afetivo das crianças com os conteúdos ambientais. Como apontado em relatos espontâneos, a exemplo do comentário de uma criança de cinco anos – "*Eu gostei da pintura, o Batman*" –, percebe-se que a introdução de elementos simbólicos facilita a criação de vínculos emocionais com a temática ambiental, fator essencial para o engajamento contínuo.

LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Apesar das críticas à educação ambiental como instrumento isolado de mudança comportamental (Cavalcanti, 1997), os resultados indicaram a efetividade das práticas lúdicas no processo de sensibilização. A atividade "Jogo da Memória com animais silvestres", destacou-se pela combinação entre aprendizado visual, memória e ludicidade, estimulando o reconhecimento de espécies brasileiras e sua importância ecológica.

Essa etapa originou a categoria "aprendizagem mediada pelo lúdico", evidenciando que estratégias interativas ampliam a retenção de conteúdos e o interesse discente.

A ação de colagem com materiais recicláveis integrou arte e educação ambiental, demonstrando que o reaproveitamento de resíduos pode ser incorporado à prática pedagógica de forma significativa.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Além de estimular a criatividade, a atividade promoveu reflexão sobre consumo consciente e reutilização, pilares da sustentabilidade.

CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO E DIÁLOGO ESCOLA–COMUNIDADE

A abordagem incluiu roda de conversa sobre animais silvestres, exóticos e domésticos, seguida por jogo de identificação visual e leitura de narrativa temática sobre anfíbios anuros. A ênfase nos anfíbios atendeu a uma demanda da equipe pedagógica, evidenciando o caráter contextualizado da intervenção.

A confecção de sapinhos de bexiga reforçou a articulação entre teoria e prática. Essa etapa foi categorizada como "contextualização e integração curricular", destacando a importância do diálogo entre universidade e escola para a consolidação de práticas ambientalmente significativas.

No turno vespertino, a produção coletiva de uma árvore com materiais recicláveis estimulou noções de ciclo de vida e pertencimento ambiental. A atividade também fortaleceu vínculos socioemocionais, elemento essencial à educação integral. A culminância ocorreu com a Gincana Ecológica, estruturada para promover cooperação e aprendizagem ativa. Destacaram-se as dinâmicas "Roleta da Dieta" e "Caça ao Lixo", que possibilitaram a compreensão prática de cadeias alimentares e separação de resíduos. Essas ações favoreceram o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, alinhadas à promoção da cidadania ambiental.

LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Os resultados observados foram predominantemente qualitativos, baseados em registros observacionais e percepções imediatas. A ausência de instrumentos avaliativos estruturados – como aplicação de questionários diagnósticos pré e pós-intervenção ou escalas padronizadas de atitudes ambientais – limita a mensuração objetiva dos impactos das ações.

Além disso, a inexistência de grupo controle impede análises comparativas mais robustas. Reconhecer tais limitações fortalece o rigor científico do estudo e aponta caminhos para aprimoramentos futuros.

Recomenda-se, para pesquisas subsequentes, a adoção de métodos mistos (quantitativos e qualitativos), com acompanhamento longitudinal e definição de indicadores mensuráveis de mudança comportamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas destacaram a importância da extensão universitária como ferramenta para fortalecer a educação ambiental no ensino fundamental. Fundamentadas em práticas lúdicas, como jogos, contação de histórias, oficinas e dinâmicas, essas ações mostraram-se eficazes na sensibilização de crianças e adolescentes quanto às questões ambientais. A proposta ultrapassou a simples transmissão de conteúdos, promovendo a internalização de valores, o estímulo à reflexão crítica e o desenvolvimento de atitudes sustentáveis. As vivências proporcionadas despertaram nos educandos uma consciência ativa sobre suas ações no meio ambiente, reafirmando

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

o potencial transformador da infância na construção de uma sociedade mais sustentável (Viégas; Guimarães, 2004).

A parceria com a escola municipal foi fundamental para contextualizar as ações e garantir sua aplicabilidade pedagógica. A troca entre universidade e escola gerou um ambiente de aprendizado mútuo, beneficiando tanto os discentes da UFRB quanto os alunos do ensino fundamental. Esse intercâmbio fortaleceu a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ampliando o alcance formativo da experiência e evidenciando o papel da extensão universitária como estratégia institucional de aproximação entre universidade e sociedade.

Embora os resultados tenham sido positivos, identificou-se a necessidade de maior integração curricular da temática ambiental nas escolas. Projetos dessa natureza devem ser institucionalizados e incorporados ao planejamento anual, promovendo a continuidade das ações e fortalecendo o vínculo entre universidade e comunidade escolar. Dessa forma, conclui-se que a experiência descrita pode servir como referência para outras instituições de ensino superior interessadas em desenvolver práticas extensionistas voltadas à educação ambiental. A replicação e o aprimoramento de iniciativas semelhantes também contribuem para o fortalecimento das políticas de extensão universitária, ao consolidar práticas formativas comprometidas com a transformação social e o diálogo entre universidade e comunidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES FILHO, M. DE Q.; GUERREIRO, J. T. M.; DÍAZ VÁZQUEZ, J. J.; SOSA-MONTES, E.; LA FUENTE, J. I. A. DE. Review Understanding Ethno-Ornithology - Birds of the Residents?. **Acta Scientiarum. Animal Sciences**, v. 47, n. 1, p. e70971, 5 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view. Acesso em: 19 fev. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view. Acesso em: 19 fev. 2026.

CAVALCANTI, Clóvis (org.). Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. In. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 384-390.

COSTA, O. S.; OLIVEIRA, S. **A importância da ludicidade na educação infantil: um estudo na Escola São Miguel Arcanjo**. Campo do Saber, 2022. Disponível em: https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/463/0. Acesso em: 20 mar. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

DE QUEIROZ BORGES FILHO, M. Percepção dos discentes dos cursos de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia sobre a permanência de animais silvestres no Zoológico de Salvador. **Revista Ouricuri**, v. 15, n. 2, p. 3–19, 2026.

FARIA, C. Desmatamento da Mata Atlântica. **InfoEscola**, 2021. Disponível em: https://www.infoescola.com/geografia/desmatamento-da-mata-atlantica/. Acesso em: 20 abr. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HIGUCHI, M. I. G.; AZEVEDO, G. C. Educação como processo na construção da cidadania ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, n. 0, p. 63-70, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/9675257/Educacao_como_processo_na_construcao_da_cidadania_ambiental. Acesso em: 20 abr. 2025.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa,** n. 118, p. 189-205, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000100008

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, C. S.; MARCIEL, H. S.; BARROS, I. L. S.; FERREIRA, S. D.; FERREIRA, T. P. A importância do brincar na educação infantil. *Revista ISCI* – **Revista Científica**, n. 4, 2018.

QUEIROZ, R. C.; CARVALHO, A. W. A. A importância do lúdico na educação infantil. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**, v. 4, n. 1, p. 161-165, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1750. Acesso em: 02 fev. 2025.

RODRIGUES, D. G.; SAHEB, D. A educação ambiental na educação infantil segundo os saberes de Morin. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 253, p. 573-588, 2018. DOI: https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i253.3607

SILVA, M. M. P.; LEITE, V. D. Estratégias para realização de educação ambiental em escolas do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, n. 4, 2009.

TOZONI-REIS, M. F. de C.; CAMPOS, L. M. L. Educação ambiental escolar, formação humana e formação de professores: articulações necessárias. **Educar em Revista**, Edição Especial n. 3, p. 145-162, 2014.

TRISTÃO, M. As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento. In: RUSCHEINSKY, A. (org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 169-173.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA //

Tecendo diálogos sobre raça e gênero: uma experiência extensionista entre universidade e escola pública

PEDRO HENRIQUE BASTOS OLIVEIRA
EDVANA MARIA SANTANA FERREIRA
FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Weaving dialogues on race and gender: an outreach experience between the university and public school

RELATO
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA //

Tecendo diálogos sobre raça e gênero: uma experiência extensionista entre universidade e escola pública[1]

Weaving dialogues on race and gender: an outreach experience between the university and public school

PALAVRAS-CHAVE
INTERSECCIONALIDADE.
RACISMO.
EDUCAÇÃO.

RESUMO Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), a maioria da população se autodeclara negra (pretos e pardos). Apesar disso, pessoas negras apresentam piores indicadores sociais, devido a uma estrutura social marcada pelo racismo. Tal sistema de opressão, se expressa também na educação, ao colocar pessoas de determinados grupos raciais ou étnicos em desvantagem no acesso e permanência no ensino superior, se agravando quando analisamos a partir da interseccionalidade, a situação de mulheres negras. Diante deste cenário, o presente projeto buscou criar espaços de aprendizagem capazes de fomentar debates na população estudantil sobre os impactos do racismo e do sexismo no acesso aos direitos sociais. Num primeiro momento, através de um curso de extensão em relações raciais e de gênero, organizados no Centro de Ciências da Saúde da UFRB, voltados para estudantes de graduação. Após a finalização do curso, nos dirigimos para os/as estudantes do Ensino médio regular público de Santo Antônio de Jesus–BA, através de debates acerca da mesma temática, utilizando como ferramenta um videodocumentário. O escopo do projeto transcende a acumulação de conhecimento acadêmico, focando na instrumentalização dos(as) participantes para combater desigualdades, e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

KEYWORDS
INTERSECTIONALITY.
RACISM.
EDUCATION.

ABSTRACT According to data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2024), the majority of the population identifies as Black (Black and Brown). Despite this statistic, Black people continue to experience the worst social indicators, a reality explained by the persistence of a social structure marked by racism. This system of oppression also manifests itself in education, placing people of certain racial or ethnic groups at a disadvantage in accessing and remaining in higher education, which is exacerbated when we analyze the situation of Black women through the lens of intersectionality. Given this scenario, this project sought to create learning spaces capable of fostering debate among students about the impacts of racism and sexism on access to social and institutional rights. Initially, this project was implemented through an extension course on race and gender relations, organized at the UFRB Health Sciences Center, aimed at undergraduate students. After completing the course, we addressed regular public high school students in Santo Antônio de Jesus, Bahia, through discussions on the same topic, using a video documentary as a dialogical tool. The scope of the project transcends the mere accumulation of academic knowledge, focusing on empowering participants to combat social inequalities and thus contribute to the construction of a more just and equitable society.

1
Projeto financiado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PEDRO HENRIQUE BASTOS OLIVEIRA
Bacharel em saúde, Graduando em psicologia, *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).*
E-mail: pedrobastoos@aluno.ufrb.edu.br

EDVANA MARIA SANTANA FERREIRA
Bacharela em Psicologia, Especialista em gestão em saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia *(UFRB).*
E-mail: vitoriaaraujojornalismo@aluno.ufrb.edu.br

FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA
Professora auxiliar. Mestra em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia *(UFRB).*
E-mail: flaviasilva@ufrb.edu.br.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), aproximadamente 56,7% da população brasileira se autodeclara negra, compreendendo pessoas pretas e pardas, o que representa a maioria do contingente populacional do país. No entanto, essa representatividade numérica não se reflete em condições equitativas de vida. Persistem, entre a população negra, os piores indicadores sociais, a exemplo das altas taxas de mortalidade infantil, do desemprego, da baixa expectativa de vida, do analfabetismo, entre outros. Esses dados revelam a permanência de desigualdades estruturais que são fruto de um racismo sistêmico, profundamente enraizado na formação social brasileira e diretamente vinculado ao legado escravocrata, que produziu e ainda reproduz hierarquias raciais e sociais, consolidando iniquidades (Werneck, 2016).

A abolição da escravatura no Brasil, sancionada por meio da Lei

Áurea em 1888, não foi acompanhada por políticas públicas que garantissem a inclusão do sujeito negro recém-liberto na sociedade. Ao contrário, a abolição foi marcada pela ausência de ações reparatórias e pela continuidade de mecanismos de exclusão, baseados na violência e no racismo como formas de dominação social. Isso implicou na consolidação de profundas desigualdades no contexto histórico-social, político, econômico, cultural e psicológico da população negra, em contraste com os privilégios historicamente reservados à população branca (Zamora, 2012).

As repercussões desse processo histórico ainda são visíveis, por exemplo, na ocupação desigual de vagas no ensino superior. Embora pessoas pretas e pardas representem a maioria da população brasileira, elas ocupam apenas 48,3% das vagas nas instituições de ensino superior, segundo dados do IBGE (2023). Apesar desse percentual indicar avanços em relação às décadas anteriores – sobretudo após a implementação da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas (Brasil, 2012) –, a discrepância ainda evidencia os efeitos persistentes do racismo estrutural sobre o acesso à educação superior.

O racismo institucional se expressa por meio de normas, práticas e condutas que colocam determinados grupos raciais e étnicos em situação de desvantagem no que diz respeito ao acesso, permanência e êxito em espaços educacionais. Pode-se citar ações indiretas que afetam esses estudantes, como a falta de políticas de permanência estudantil; processos seletivos baseados em trajetórias desiguais; a falta de produções de autores negros na grade curricular dos cursos de graduação, dessa forma o estudante tem menos referências positivas de si mesmo no espaço acadêmico. Além disso, diversas ações diretas também marcam de forma negativa a trajetória da pessoa negra no ensino superior, como as micro agressões raciais, o isolamento social e a hiper vigilância nos espaços da universidade.

Marcadores sociais como raça, gênero e classe influenciam decisivamente a trajetória de estudantes negros no ensino superior, impondo obstáculos que vão desde o ingresso até a conclusão dos cursos mais valorizados socialmente. A transição entre o ensino médio e o ensino superior segue, assim, uma lógica de desigualdade que reforça distâncias históricas entre estudantes negros e brancos, especialmente nos índices de permanência e sucesso acadêmico (Santana; Meireles; Nacif, 2019b).

Essas desigualdades tornam-se ainda mais acentuadas quando analisadas sob a ótica da interseccionalidade, especialmente em relação ao gênero. Conforme apontam Queiroz e Santos (2016), historicamente, às mulheres negras foram destinadas funções socialmente desvalorizadas. Mesmo após a abolição, esse grupo permaneceu à margem dos recursos sociais e políticos necessários para alcançar condições básicas de educação e trabalho (Góis, 2008). Como consequência, mulheres negras continuam expostas a múltiplas vulnerabilidades, que impactam diretamente sua saúde física e mental, além de restringirem seu pleno acesso a direitos fundamentais.

O Recôncavo da Bahia, por sua vez, é uma região marcada por significativa presença da população negra e de comunidades tradicionais. De acordo com levantamento realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Social da Bahia, cerca de 70% dos Povos Tradicionais do estado estão concentrados nessa região (PNUD, 2008). É nesse território que se insere a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com a missão de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

articular ensino, pesquisa e extensão em diálogo constante com a sociedade local.

A universidade tem buscado consolidar sua atuação como instrumento de transformação social, promovendo a valorização dos saberes tradicionais e contribuindo para o enfrentamento das desigualdades que afetam historicamente os povos do Recôncavo, especialmente no município de Santo Antônio de Jesus, considerado a capital regional.

Diante dessa realidade, torna-se fundamental a formação de estudantes conscientes dos impactos do racismo e das múltiplas formas de discriminação que dificultam o acesso pleno a direitos sociais e institucionais. A construção de uma cultura educacional antirracista depende da criação de espaços pedagógicos que favoreçam a reflexão crítica e o comprometimento com a justiça social. Com base nesse entendimento, o presente projeto buscou fomentar espaços de aprendizagem voltados à conscientização da comunidade estudantil sobre a condição da população negra e os efeitos do racismo nas trajetórias educacionais e no acesso a direitos fundamentais.

METODOLOGIA Dessa forma, o presente projeto, em consonância com o planejamento de ações do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde (NEGRAS), concebeu o III Curso de Extensão em Relações Raciais e de Gênero do NEGRAS/UFRB, intitulado "É tempo de falar de nós mesmas: um debate sobre relações étnico-raciais e de gênero". A proposta foi elaborada com base em uma abordagem metodológica decolonial, atualizando o modelo tradicional de sala de aula para o formato de sala invertida.

Este curso de formação, composto por oito encontros quinzenais, foi realizado entre 29 de abril e 12 de outubro de 2024, tendo cada um, a duração média de duas horas. As atividades ocorreram presencialmente, nas instalações do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e foram direcionadas a estudantes de cursos regulares de graduação deste Centro. A escolha deste público-alvo partiu da percepção do ambiente escolar e universitário como espaço fértil de formação de sujeitos capazes de transformar a realidade social do território em que vivem/estudam.

O encontro inaugural teve como foco a apresentação do curso, seguido de uma conferência magna que abordou o papel da universidade pública brasileira na superação do sexismo e do racismo no contexto nacional. Nos encontros subsequentes, foram realizadas exposições dialogadas com debatedores(as) convidados(as) da própria UFRB e de outras universidades, a partir de textos indicados na bibliografia de cada sessão. Para alcançar os objetivos propostos, foram implementadas estratégias pedagógicas diversificadas, com a definição prévia de temas como: noções conceituais de relações raciais e de gênero; feminismo negro decolonial; interseccionalidade entre raça, classe e gênero; racismo estrutural e institucional; saúde mental da população negra no Brasil; a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) e os efeitos do racismo na saúde da população negra.

O último encontro do curso culminou em uma atividade prática, na qual os(as) participantes puderam escolher entre três temáticas previamente definidas: raça, racismo e direitos sexuais e reprodutivos; soberania e segurança alimentar; e violência e saúde da população negra.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Em apresentações coletivas, com formato de livre escolha, os(as) discentes articularam os conteúdos discutidos ao longo do processo formativo com as temáticas propostas, fomentando a participação ativa e consolidando a compreensão da relevância do debate sobre racismo e desigualdades de gênero no ambiente universitário.

No segundo momento, após a conclusão do curso, foram realizadas ações voltadas à comunidade externa, especificamente para estudantes do ensino médio regular público de Santo Antônio de Jesus. O município foi selecionado por sediar o campus do Centro de Ciências da Saúde da UFRB.

Nesta etapa, a equipe do projeto promoveu, em uma escola de ensino médio, um debate sobre relações étnico-raciais e de gênero, utilizando como recurso pedagógico um vídeo documentário. Cabe destacar que todos(as) os(as) estudantes participantes encontravam-se no último ano do ensino médio e prestes a ingressar em processos seletivos para o ensino superior.

A obra apresentada, "É tempo de falar de nós mesmas" (2023), narra a trajetória de sete mulheres negras egressas do curso de Medicina da UFRB, problematizando como as opressões de gênero, classe e raça atravessaram suas vivências antes, durante e após a formação universitária. O documentário evidencia, ainda, como a organização coletiva dessas mulheres foi fundamental para sua permanência na universidade e para sua atuação profissional. Após a exibição, realizou-se um diálogo com os(as) estudantes, no qual foram esclarecidas dúvidas sobre o ingresso e a permanência no ensino superior.

RESULTADOS E DISCUSSÕES Os resultados do projeto perpassam a contribuição na conscientização e na formação dos(as) estudantes acerca do racismo e do sexismo que afeta a população negra, particularmente em Santo Antônio de Jesus, onde 75% da população é composta por pretos e pardos (IBGE, 2017) e há um dos maiores índices de mortalidade de jovens negros do Brasil (IPEA, 2022). A iniciativa promoveu ainda uma utilização contra-hegemônica do espaço universitário, transformando-o em um ambiente que fomenta a crítica e a reflexão, em oposição à reprodução de estruturas discriminatórias.

Nesse sentido, apesar dos avanços nas políticas de democratização do ensino superior, a universidade pública ainda reproduz desigualdades sociais profundas, o que exige uma análise interseccional capaz de compreender como diferentes dimensões sociais influenciam as experiências acadêmicas. A Lei de Cotas, por exemplo, teve como metodologia reservar 50% das vagas das IFES para estudantes que cursaram o ensino médio exclusivamente em escola pública, e dessas, 50% iriam para pessoas negras, quilombolas ou pessoas com renda per capita inferior ou igual a um salário-mínimo e meio (BRASIL, 2012).

Para além de uma das modalidades das políticas de reparação histórica, tais medidas, no contexto brasileiro, escancaram as disparidades decorrentes de um processo estrutural e estruturante do racismo ainda bastante velado na nossa sociedade (Gomes, 2002). Em 2003, por exemplo, pessoas autodeclaradas negras, que é a soma daqueles estudantes que se declaram pretos e pardos, somavam apenas 34,2% da população das IFES. Em 2010, pouco antes da Lei de Cotas, mas com um aumento expressivo nas vagas do Ensino Superior, esse índice aumentou para 40,8%,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

chegando a 47,6% em 2015. Em valores absolutos, a população negra quase triplicou sua participação nos três anos iniciais da Lei de Cotas, comprovando o efeito desta política na democratização do acesso (ANDIFES, 2018).

No mesmo documento, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) aponta que, no ano de 2018, o percentual de negros(as) alcança, pela primeira vez, a maioria absoluta do universo pesquisado: 51,2% (ANDIFES, 2018). Entretanto, nos cursos considerados mais tradicionais das universidades públicas, e, portanto, mais concorridos, a presença de estudantes brancos continua expressivamente maior, mesmo após a Lei de Cotas, como é o caso das Engenharias e dos cursos de Medicina (ANDIFES, 2018). A partir de dados dos três primeiros ciclos completos do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), Ristoff (2014, p. 730) observa que, em geral, o "Campus Universitário brasileiro é 20% mais branco que a sociedade brasileira", principalmente nos cursos de medicina veterinária, medicina, psicologia, odontologia e direito. Neste cálculo, entram dois dos cursos que estão presente em nosso Centro.

É nesse contexto que se insere a proposta formativa do projeto. O aprendizado dos(as) cursistas em temas como raça/etnia, gênero e classe foi particularmente expressivo, evidenciado nos seminários que abordaram racismo, direitos sexuais e reprodutivos, soberania alimentar e saúde da população negra.

A metodologia de sala de aula invertida resultou em um notável incremento no engajamento dos(as) participantes ao longo do curso. Cada encontro teve como objetivo explorar os conceitos centrais de textos previamente estudados, fomentando discussões em grupo e promovendo um aprendizado colaborativo. Essa estratégia favoreceu o desenvolvimento de habilidades voltadas para a compreensão das interseccionalidades que compõem a identidade dos indivíduos, envolvendo raça, gênero e classe. Afinal, as divisões sociais de classe, gênero e raça encontram-se interligadas nas estruturas de poder, criando uma falsa percepção de igualdade de condições que, na prática, não se sustenta (BILGE; COLLINS, 2021).

Ao realizá-lo, a expectativa era de que o curso ultrapassasse a mera acumulação de conhecimento acadêmico, voltando-se para a instrumentalização dos(as) estudantes de graduação no enfrentamento das desigualdades sociais, de modo a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Tal abordagem buscou transformar estudantes de agentes passivos em sujeitos ativos na promoção de mudanças sociais em suas comunidades.

Além das atividades formativas, o projeto também se articulou com outros espaços institucionais da universidade. Ainda no espaço da Universidade, o projeto incluiu atividades como roda de conversa durante o evento RECONCITEC e o Fórum Internacional Pró-igualdade Racial e Inclusão Social do Recôncavo, na UFRB, campus de Cruz das Almas, ocasiões em que foi exibido o documentário "É tempo de falar de nós mesmas", seguido de debates entre equipe do projeto, estudantes e visitantes dos eventos.

De maneira complementar, o projeto se propôs a estabelecer pontes entre as comunidades interna e externa à UFRB, promovendo compartilhamento de saberes e experiências. Mais que isso, buscou impactar a

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

formação dos estudantes, incentivando um compromisso com a equidade tanto no exercício profissional quanto na cidadania. A ampliação da discussão sobre opressões étnico-raciais e de gênero nas escolas públicas de ensino médio de Santo Antônio de Jesus constituiu um passo significativo para a reflexão sobre o lugar do estudante na universidade pública e para o debate sobre políticas de acesso e permanência. O documentário apresentou narrativas que reforçam a presença e a relevância da mulher negra na medicina, ampliando perspectivas e possibilidades para o futuro acadêmico e profissional dos participantes. Dessa forma, o projeto buscou fortalecer o papel da UFRB como agente político comprometido com a promoção da igualdade, da equidade e da justiça social dentro e fora de seus campi.

Por fim, para nós, enquanto estudantes da graduação, a experiência proporcionada por este curso serviu como importante complemento formativo, possibilitando o encontro com temáticas que não são apresentadas na formação de base. O contato direto com debates sobre relações raciais e de gênero não apenas ampliou nosso repertório teórico, mas também provocou reflexões pessoais sobre nossos lugares sociais e responsabilidades profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A análise das reflexões apresentadas neste trabalho revela a complexidade e a persistência das desigualdades estruturais que permeiam o acesso da população negra, especialmente no Ensino Superior no Brasil. As interseccionalidades de raça, gênero e classe se entrelaçam, criando barreiras que impactam não apenas o desempenho acadêmico, mas também a permanência e a inclusão social nesses espaços.

O projeto descrito foi fundamental para instigar a consciência crítica entre os estudantes do Centro de Ciências da Saúde da UFRB e da rede pública de ensino, visando à desconstrução de preconceitos e à construção de uma cultura educacional antirracista, visto que o domínio cultural do poder ajuda a fabricar e disseminar a falsa narrativa de "fair play" que afirma que cada um de nós tem acesso igual às oportunidades. Individualizando questões de cunho social, que devem ser tratadas como pautas coletivas, evitando o silenciamento de injustiças que são abafadas pela ideia errônea de igualdade entre todos. Através da coletivização de ideias e educação racial, se torna possível a criação de políticas realmente equitativas (Bilge e Collins, 2021).

As ações realizadas, que incluíram discussões profundas sobre racismo e suas implicações, bem como a utilização de metodologias inovadoras como a sala de aula invertida, mostraram-se eficazes em fomentar um aprendizado colaborativo e participativo. Além disso, o projeto reforçou a importância de uma abordagem interseccional na educação, uma vez que possibilitou discutir as construções sociais que marginalizam grupos específicos. O fortalecimento da UFRB como um agente político comprometido com a equidade e justiça social, aliado ao diálogo com as comunidades locais, destaca a relevância da universidade como espaço propulsor de transformação social.

Assim, este trabalho não apenas traz à luz os entraves enfrentados pela população negra no acesso ao Ensino Superior, mas também aponta caminhos para a ação, enfatizando a necessidade de uma educação que promova a consciência e a luta contra as desigualdades raciais, de gênero e sociais. Ao formar estudantes capacitados para reconhecer e combater

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

essas injustiças, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A trajetória que se inicia nas salas de aula deve continuar a se estender para além dos muros da universidade, impactando positivamente as comunidades e contribuindo para a desconstrução das narrativas de "fair play" (Bilge e Collins, 2021) que mascaram as realidades das desigualdades sociais no Brasil.

REFERÊNCIAS

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior; Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras: 2018**. Uberlândia: Fonaprace, 2019.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 29 ago. 2012.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

GÓIS, J. B. H. **Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior.** Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 3, p. 743–769, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Organização: FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 20 abr. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/. Acesso em: 08 ago. 2025. Fórum Brasileiro de Segurança Pública

GOMES, Nilma Lino. **Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira**. In: SOUSA, Boaventura de Souza Santos;

MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492-516. **PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Disponível em: http://www.pnud.org.br/raca/reportagens/index.php?id01=3123&lay=rac. Acesso em: [sem data].

PRESTES, C. R. S.; PAIVA, V. S. F. **Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 673–688, set. 2016.

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, C. M. As mulheres negras brasileiras e o acesso à educação superior. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 25, n. 45, p. 71–87, 2016. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/2286. Acesso em: [sem data].

RISTOFF, D. O NOVO PERFIL DO CAMPUS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, 2014. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/2058. Acesso em: 12 ago. 2023.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

SANTANA, L. A. A.; MEIRELES, E.; NACIF, P. G. S. **Inclusão e diversidade na educação superior brasileira: sínteses estatísticas**. Cruz das Almas: UFRB, 2019b.

SANTOS, V. A. dos et al. A saúde das mulheres negras: atuação da psicologia na atenção básica. **Saúde e Sociedade**, v. 32, n. 2, 2023.

WERNECK, J. **Racismo institucional e saúde da população negra. Saúde e Sociedade,** São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535–549, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 3 mar. 2024.

ZAMORA, M. H. R. N. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 563–578, set. 2012.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Educação física na educação infantil: relato de experiência em uma creche pública do município de Amargosa/BA

DANIELA MACHADO SOUSA
GRACIELLE ALMEIDA DOS SANTOS
MARCIA VALÉRIA COZZANI

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Physical education in early childhood education: experience report in a public daycare center in the municipality of Amargosa/BA

Educação física na educação infantil: relato de experiência em uma creche pública do município de Amargosa/BA[1]

Physical education in early childhood education: experience report in a public daycare center in the municipality of Amargosa/BA

PALAVRAS-CHAVE
CULTURA CORPORAL.
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
GÊNERO.

RESUMO A Educação Infantil no Brasil é uma política educativa de acesso, permanência e educação que tem diversas problemáticas existentes, como a indefinição da identidade pedagógica. A função da escola pública é possibilitar o acesso ao conhecimento científico em suas formas mais elaboradas e ao desenvolvimento integral, assegurando uma educação de qualidade. Pensar em educação de qualidade, envolve possibilitar a formação humana. As atividades da Cultura Corporal constituem o conjunto de atividades humanas que desempenham essa função. Sendo assim, o que qualifica o trabalho pedagógico no campo do conhecimento relativo à Educação Física na Educação Infantil? O objetivo geral deste estudo é relatar a experiência com o ensino dos fundamentos chutar e arremessar em duas turmas do Grupo I, em uma creche pública de tempo integral do município de Amargosa/BA. A extensão em sua relação dialógica e crítica na bidirecionalidade universidade-comunidade se consolida pelo trabalho colaborativo, com o compartilhamento dos conhecimentos e de desenvolvimento da conduta ética-política em prol da transformação da sociedade.

KEYWORDS
BODY CULTURE.
UNIVERSITY EXTENSION.
GENDER.

ABSTRACT Early Childhood Education in Brazil is an educational policy focused on access, retention, and education that faces several challenges, such as the lack of a defined pedagogical identity. The function of public schools is to enable access to scientific knowledge in its most elaborate forms and to holistic development, ensuring quality education. Thinking about quality education involves enabling human development. Physical Culture activities constitute the set of human activities that fulfill this function. Therefore, what qualifies pedagogical work in the field of knowledge related to Physical Education in Early Childhood Education? The general objective of this study is to report on the experience of teaching the fundamentals of kicking and throwing in two Group I classes at a full-time public daycare center in the municipality of Amargosa/BA. Extension, in its dialogical and critical relationship within the university-community bidirectionality, is consolidated through collaborative work, with the sharing of knowledge and the development of ethical-political conduct in favor of societal transformation.

1
Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária – PIBEX. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC (CNPq).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

DANIELA MACHADO SOUSA
Discente do curso em Educação Física da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: danielamachado@aluno.ufrb.edu.br

GRACIELLE ALMEIDA DOS SANTOS *Licenciada em Educação Física da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).*
E-mail: gracielle817@gmail.com

MARCIA VALÉRIA COZZANI
Docente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: mvcozzani@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A Educação Infantil no Brasil consolidou-se como política pública, após inúmeros embates pela garantia de direitos sociais e melhoria das condições de vida da classe trabalhadora. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996), foi assegurada a educação infantil de forma gratuita às crianças de até cinco anos de idade e reconhecida como primeira etapa da educação básica, com finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A educação infantil pública ainda apresenta diversas problemáticas existentes como a indefinição de uma identidade pedagógica, a manutenção de concepções naturalizantes e/ou assistencialistas e a precarização das condições de trabalho. A educação de qualidade, além dessas questões, também envolve assegurar a formação humana. Sendo assim, o acesso à tematização da Cultura Corporal, é um elemento indispensável para essa finalidade, visto que, considera a

natureza subjetiva e histórica das práticas corporais (Bonfietti *et al.*, 2019).

O ponto de partida deste trabalho, refere-se ao posicionamento em defesa de instrumentos normativos que assegurem a inserção de professores especialistas na primeira etapa da educação básica. Mesmo que a LDB, estabeleça que a Educação Física deve ser integrada à proposta pedagógica da escola como componente curricular obrigatório da educação básica, essa obrigatoriedade não chega de fato na primeira etapa, justificada pelo discurso de fragmentação do conhecimento. Contudo, fragmentar diz respeito às ações pedagógicas que não tratam o conteúdo na sua essência (Bonfietti *et al.*, 2019). A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), documento oficial que orienta as redes de ensino, reforça a ausência da Educação Física e limita o ensino de seus conteúdos específicos na Educação Infantil. A situação se agrava com a falta de respaldo legal no âmbito da obrigatoriedade de contratação de professores/as de Educação Física, a falta de estrutura física e de materiais adequados para realização do trabalho educativo (Teixeira; Taffarel; Albuquerque, 2025).

Na ausência do/a professor/a especialista, os conteúdos referentes às práticas corporais ficam sobre a responsabilidade de professores generalistas[2]. O limite na formação inicial desses professores para tratar pedagogicamente os conteúdos da cultura corporal, resulta na insegurança, desqualificação e falta de aprofundamento com as temáticas do corpo e movimento (Bonfietti *et al.*, 2019). Resultando no esvaziamento pedagógico das práticas corporais e secundarizando esse conteúdo a um momento de recreação ou reforçando velhas dicotomias que podem desencorajar a participação nas atividades da cultura corporal no decorrer da vida.

2
Profissional de magistério ou formação inicial em Pedagogia que ensina as diversas áreas de conhecimento.

Frente ao exposto, o desenvolvimento motor é condição de existência humana e inclui a aprendizagem e mudanças no comportamento motor que possibilitam o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (Gallahue *et al.*, 2013). Não é algo que ocorre de forma natural ou linear, mas é aprendido e o trabalho educativo qualifica esse processo. Sendo assim, o que qualifica o trabalho pedagógico no campo do conhecimento relativo à Educação Física na Educação Infantil? O objetivo geral deste estudo é relatar a experiência com o ensino dos fundamentos golpear/chutar e arremessar em duas turmas do Grupo I.

Este estudo foi subsidiado pelos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC (CNPq) e de Bolsas de Extensão Universitária - PIBEX (UFRB). Segundo a Resolução CONAC nº 57/2022, a extensão universitária representa um trabalho em que a relação universidade e comunidade torna-se uma possibilidade eficaz de diálogos, intercâmbios e interação (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2022). Esse diálogo aliado a finalidade apontada pela Resolução Normativa CNPq nº 17/2006 no que diz respeito à iniciação científica possibilita "despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação universitária" (CNPq, 2006). Enriquecendo a formação inicial e possibilitando a excelência acadêmica. Assim, a experiência com a extensão universitária se configurou como potente espaço para a formação inicial e com a participação de professoras, gestores e famílias nesse processo formativo, possibilitando o desenvolvimento de uma postura profissional ética-política comprometida com a formação humana e

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

com o ensino público qualitativamente significativo, ao oferecer um conjunto amplo de vivências teórico-práticas aos profissionais em formação e pelo engajamento com a pesquisa e produção científica" (Breschiliare *et al.*, 2025, p.3).

METODOLOGIA O relato de experiência tem o intuito descrever a experiência vivida de iniciação à docência, em duas turmas do Grupo I, em uma creche pública do município de Amargosa/BA, por meio de um projeto de pesquisa/extensão com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, mediante protocolo CAAE: 68284723.5.0000.0056. As atividades desenvolvidas foram autorizadas pela Secretaria Municipal de Educação do município de Amargosa/Ba e contou com o apoio da equipe gestora (direção, vice-direção, coordenação pedagógica) e professores/as de referência das turmas de creche.

O percurso metodológico será detalhado mais adiante e apresenta a seguinte estrutura: (1) observação participante; (2) planejamento e apropriação teórica; e (3) intervenção pedagógica. O Centro de Educação Infantil funciona como creche e pré-escola e atende crianças de seis meses a quatro anos em tempo integral. Localizada em uma comunidade que é fruto de uma política pública habitacional, no município de Amargosa/BA que tem uma população de 36.521 habitantes[3], um total de 1.326 crianças matriculadas na Educação Infantil[4] distribuídas em seis creches na zona urbana, sendo três públicas e três privadas.

3
BGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/conhecendo-o-brasil.html.

4
INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar da Educação Básica 2024. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/censo-escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES Os resultados são apresentados de acordo com as etapas da pesquisa a saber: (1) observação participante da rotina e atividades pedagógicas desenvolvidas pelas professoras regentes, entre os meses de abril a junho/2024; (2) planejamento e apropriação teórica e (3) intervenção pedagógica dos meses de setembro e novembro/2024.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DA ROTINA E DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

As observações ocorreram entre os meses de abril e junho do ano de 2024, em duas turmas do Grupo I, no período vespertino (entre às 14h00 e 15h00). Cada turma é constituída por 20 crianças e a tabela 1 apresenta maiores detalhes sobre as turmas.

TURMA	CRIANÇAS MATRICULADAS	CRIANÇAS FREQUENTES	FAIXA ETÁRIA
Sala I	20	15	1,0 a 1,6 meses
Sala II	20	16	1,6 a 1,11 meses

TABELA 1 – CARACTERÍSTICAS DAS TURMAS/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2024).

Cada sala tinha uma professora regente e uma assistente de sala. A assistente de sala auxiliava na higienização e alimentação, enquanto a professora regente auxiliava na alimentação e realizava a atividade pedagógica planejada. Para fins deste relato, destacamos as observações gerais a partir das anotações e registros (fotográficos e videográficos). De modo geral, todas as aulas observadas em ambas as turmas iniciaram com as crianças sentadas em uma área delimitada por tatames tendo na sequência o desenvolvimento de uma atividade pedagógica

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

específica pela professora regente, ao mesmo tempo em que cada criança (individualmente) era acompanhada pela professora assistente de sala para o banho e, posterior retorno à atividade. Na sequência, após a atividade pedagógica específica, houve o momento do lanche da tarde e finalização do momento de nossa observação.

No período de observação foi possível verificar que as atividades desenvolvidas com as crianças tiveram como prioridade o uso do espaço delimitado com tatames e, todas as atividades pedagógicas observadas neste período buscaram, por meio das interações e brincadeiras, dar oportunidades para que as crianças pudessem, por meio de suas ações e interações com os seus pares, construir e se apropriarem dos conhecimentos ali experimentados.

Ao observarmos as interações entre as crianças e delas com as professoras, a partir das atividades propostas e com o recurso de materiais como bonecos (fantoches), contação de histórias e aproximações com a literatura infantil, percebemos que a fala e linguagem das crianças se constituiu um dos aspectos de maior atenção no processo de acompanhamento das possibilidades e aprendizagens das crianças. Podemos dizer que uma das primeiras impressões durante o período de observação foi o fato de que as crianças permaneciam quase que todo tempo apenas olhando as atividades do que propriamente interagindo, por meio dos diferentes modos e possibilidades de expressarem suas linguagens.

Chamou a atenção dos autores/pesquisadores para o fato das crianças permanecerem quase sempre sentadas, em posições corporais mais ou menos rígidas e controladas e sem demonstrarem grande interesse ou disposição de explorarem, por meio de sua corporalidade, outras formas de linguagem e comunicação. Notamos que as crianças poderiam experimentar mais as experiências concretas por meio das aproximações com saberes e conhecimentos fundamentais vivenciados com o corpo e pela cultura corporal. Tal como proposto na BNCC, no campo de experiência "Corpo, gestos e movimentos", explorar o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno estabelecendo relações cada vez mais conscientes de suas corporalidade. Nessa perspectiva, buscamos planejar e organizar atividades priorizando um pouco mais este eixo/campo de experiência no momento de nossa intervenção com as turmas.

PLANEJAMENTO E APROPRIAÇÃO TEÓRICA

O planejamento caracteriza o ponto de chegada e abrange a tríade – conteúdo, forma e destinatário, estabelecendo os recursos e procedimentos que serão utilizados e as formas de avaliação da aprendizagem (Coletivo de Autores, 1992). A instituição utiliza os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento propostos pela BNCC para definir o objetivo geral de ensino. No entanto, esse documento normativo norteia os currículos e propostas pedagógicas com o conjunto de aprendizagens essenciais, apresentando limites para o planejamento pedagógico. A tabela 2, apresenta o conteúdo organizado nos elementos mais embrionários da cultura corporal infantil até propriamente, as atividades próximas ao fenômeno esporte.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

TABELA 2 – PROPOSTA DE ENSINO

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
(EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.
(EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.
Objetivo geral
Ensinar, de forma introdutória, os fundamentos golpear/chutar e arremessar expressos na atividade da Cultura Corporal – esporte, com o intuito de desenvolver na criança, o domínio consciente e voluntário das ações corporais nas dimensões locomotora, manipulativa e estabilizadora.
Objetivos específicos
Ensinar a criança a golpear/chutar a bola com o pé em direção a um alvo;
Ensinar a arremessar a bola com as mãos em direção a um alvo.

TABELA 2– CARACTERÍSTICAS DAS TURMAS/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2024).

O esporte é um dos conteúdos da cultura corporal que se "projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica". (Coletivo de Autores, 1992, p.48). Caracterizado por ações motoras e conhecimentos sobre o corpo que podem levar às crianças a explorarem diferentes habilidades motoras, como também de controlar e coordenar os diferentes segmentos corporais na execução de ações sensório e perceptivo motoras de locomoção, estabilização e manipulação[5].

De acordo com Ortiz *et al.* (2020) a possibilidade de ensino e aproximações com conteúdos próprios das atividades da Cultura Corporal permitirá que as crianças pequenas, já na Educação Infantil, identifiquem particularidades, semelhanças e diferenças, e também organizem dados da realidade associados às primeiras categorias explicativas deste objeto, mesmo que ainda sob a base da experiência sensível na relação com esse conhecimento, neste primeiro ciclo da escolarização. Após a elaboração desta proposta inicial passamos à etapa seguinte que foi a intervenção pedagógica propriamente.

5
Estabilização, superação da força da gravidade para alcançar a postura ereta; locomoção envolve movimentar-se pelo ambiente em movimentos horizontais; e manipulação, é a aplicação de força sobre os objetos ou receber força deles (Gallahue et al., 2013).

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção configurou-se como uma ação de extensão universitária, com o diálogo com a comunidade escolar, a partir da troca de conhecimentos e que na convivência com a comunidade aprendem, atualizando seus saberes com ela. Essa, por sua vez, ressignifica esse arcabouço de conhecimento, maximizando a realidade por meio das contribuições científica nessa interface (Lavor et al., 2023). As crianças tiveram acesso, de forma introdutória, aos fundamentos do esporte, a atividade do acervo da Cultura Corporal. Para fins desta análise destacamos apenas cinco aulas, duas envolvendo o arremesso com as mãos e três envolvendo a ação de golpear/chutar a bola com os pés. Realizadas durante os meses de setembro e novembro do ano de 2024 em ambas as turmas do G1, com a experimentação das habilidades motoras, uso de diferentes materiais (bolas, arcos, caixas) e espaços.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878





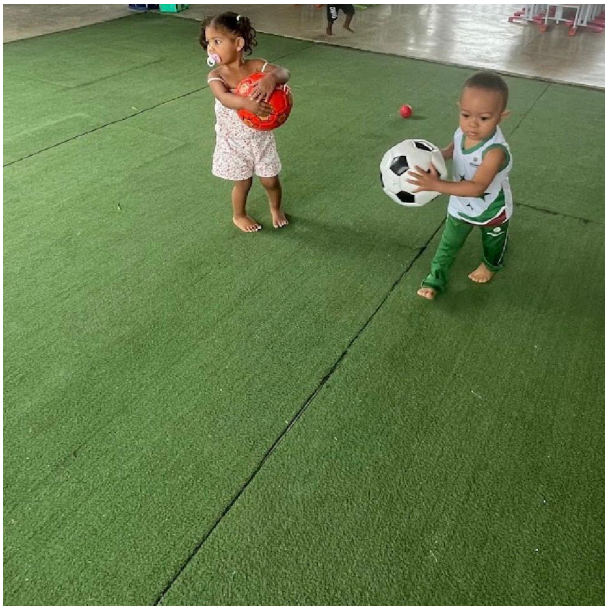


FIGURA 1 – HABILIDADES MOTORAS DE CHUTAR E ARREMESSAR / FONTE: AUTORIA DA EQUIPE DE TRABALHO (2024).

FIGURA 2 – HABILIDADES MOTORAS DE CHUTAR E ARREMESSAR / FONTE: AUTORIA DA EQUIPE DE TRABALHO (2024).

FIGURA 3 – HABILIDADES MOTORAS DE CHUTAR E ARREMESSAR / FONTE: AUTORIA DA EQUIPE DE TRABALHO (2024).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Na figura 1, 2 e 3, apresenta o primeiro contato das crianças com o ensino sistematizado da modalidade por meio das bolas esportivas. O objetivo naquele momento foi dar às crianças a oportunidade de conhecerem e explorarem diferentes bolas com dimensão, peso e textura variadas para que pudessem perceber quais funções e habilidades motoras eram possíveis de serem realizadas durante as brincadeiras e interações com os/as colegas da turma. Notamos, de imediato, grande interesse de todas as crianças em agarrar as bolas e, em seguida, trocar as bolas entre si. Isto proporcionou a cada criança, maior contato com os diferentes tipos de bolas. Num primeiro momento, as crianças deram preferência por agarrar, soltar e agarrar novamente as bolas de modo individual, sem grandes interações ou trocas entre si.

Durante as atividades solicitamos às crianças que chutassem e/ou arremessassem para algum outro colega. Esse foi um dos momentos em que todas as crianças puderam experimentar estas habilidades motoras com bolas médias, pequenas e grandes, alterando assim, as formas de arremesso. Notamos que as formas de arremesso variaram em função do tamanho da bola. As crianças optaram por arremessar com ambas as mãos com a bola de tamanho maior, em outros momentos a opção foi pelo arremesso com uma das mãos, por cima do ombro. Um tipo de arremesso mais complexo com maior demanda de precisão.

A avaliação na Educação Física permite a constatação, interpretação, compreensão e explicação da realidade acerca da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992). A figura 2, retrata uma aula cujo objetivo estabelecido às crianças foi golpear a bola com os pés em direção a um alvo. Notamos que os meninos realizaram o chute ou o golpe de imediato, sem que fosse, verbalmente, solicitado pelas professoras. Percebemos que a bola constituiu, um objeto com essa finalidade para os meninos. Por outro lado, notamos que entre as meninas a ação motora foi diferente, as tentativas foram em pegar, segurar e lançar a bola com as mãos.



FIGURA 4 – HABILIDADES MOTORAS DE CHUTAR E REBATER COM OS PÉS E INTERSECÇÕES DE GÊNERO / FONTE: AUTORIA DA EQUIPE DE TRABALHO (2024).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

A avaliação na Educação Infantil constitui uma reflexão do processo de aprendizagem que fornece subsídios para a intervenção pedagógica. A realização dos movimentos com os pés só foi realizada após solicitação das professoras, no momento das atividades. Compreendemos que essa situação ocorreu por fatores relacionados às diferenças de gênero em relação ao acesso às atividades da cultura corporal, desde muito precoce já demarcadas em crianças com essa idade. Percebemos que os "meninos" já chutavam a bola, diferentemente das "meninas" que permaneciam paradas apenas segurando a bola. Essa constatação reflete um contexto que pode limitar e desencorajar o acesso das meninas ao esporte refletindo ao longo da vida.

Segundo Goellner (2010, p.75) "o gênero não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e feminino". Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele. No estudo de Uchoga e Altmann (2016) notou-se que as expectativas e o reforço de comportamentos e atitudes distintas entre meninos e meninas, são direcionados aos corpos de ambos desde muito cedo, seja na família, nas brincadeiras com seus pares e também na escola. As autoras afirmam que a habilidade corporal pode ser um fator determinante na participação e inserção efetiva numa atividade e, pode também, ser um fator de desestabilização de uma ordem de gênero vigente durante situações de práticas corporais mistas. Ao deparar com a realidade escolar, esses achados envolvendo as questões de gênero podem subsidiar mudanças pedagógicas, formação docente e ações futuras de extensão para garantir o acesso igualitário as oportunidades de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Ao final desta experiência considerando os objetivos que foram traçados e alcançados neste trabalho, destacamos que a tematização da cultura corporal na Educação Infantil é, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade para impulsionar o processo de desenvolvimento integral das crianças. A extensão universitária é um espaço rico para a formação inicial de profissionais comprometidos com a educação pública de qualidade. Do mesmo modo, a interação entre universidade-comunidade é extremamente importante para a consolidação de ações educativas que incida sobre os desafios estruturais da Educação Infantil pública, relacionando-os com a necessidade de políticas que assegurem a presença de especialistas e o acesso à cultura corporal desde os primeiros anos. O ensino sistematizado das atividades da cultura corporal e seu acesso logo na Educação Infantil, constitui um conhecimento fundamental para superar o conhecimento espontâneo, promover o adequado desenvolvimento das habilidades motoras sem distinções e possibilitar a formação da personalidade.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BONFIETTI, Priscila Errerias; et al. O/a professor/a de educação física na educação infantil. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 160-176, janeiro/abril, 2019. Disponível em: https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/674. Acesso: 15 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRESCHILIARE, Fabiane Castilho Teixeira et al. A educação física na educação infantil: desafios e possibilidades na implementação de um projeto de extensão universitária. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 29, p. 1-19, 2025. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/20459. Acesso em: 21 fev. 2026.

CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Resolução Normativa nº 17**. Dispõe sobre Bolsas por Quota no País. Disponível em: https://www.gov.br/cti/pt-br/programas-de-bolsas/pibic/normas/rn-017-2006.pdf. Acesso em: 19 mar. 2025.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

GALLAHUE, David L.; et al. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7ª edição. Tradução: Denise Regina de Sales. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. C**adernos de Formação RBCE**, p. 71-83, março, 2010. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/105085. Acesso em: 19 mar. 2025.

LAVOR, Francisco Ivo Gomes de. et al. Extensão Universitária: conceituação, fundamentos e implementação. J**ournal of Multidisciplinary Sustainability and Innovation**, Iguatu, v. 1, n. 1, p. 5–11, 2023. Disponível em: https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/jmsi/article/view/839. Acesso em: 21 fev. 2026.

ORTIZ, Camila Aparecida; et al. Seção IV. Educação Infantil. Corpo, gestos e movimentos. **Currículo Municipal de Presidente Prudente**. In. Pelegrini, Sônia, Maria; Janial, Márcia Aparecida Pinheiro; Ponce, Rosiane de Fátima. 1ª edição. Presidente Prudente: Epub, 2020.

TEIXEIRA, D. R.; TAFFAREL, C. N. Z.; ALBUQUERQUE, J. O. **O ensino da cultura corporal na Educação Infantil: uma necessidade para humanização**. In: Cláudia Pagnoncelli; Júlia Malanchen; Leonete Della Vecchia Mazaro; Neide Silveira Duarte de Matos. (Org.). O Trabalho pedagógico nas disciplinas escolares: novas contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2025, v. 1, p. 121-148.

UCHOGA, Liane, Aparecida, Roveran; ALTMANN, Helena. Educação Física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.] v. 38, n. 2, p. 163-170, abril/junho, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4013/401345786009.pdf. Acesso em: 19 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Conselho Acadêmico. **Resolução nº 57/2022**. Dispõe sobre a aprovação das normas que disciplinam as ações de Extensão Universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2022. Disponível em: https://ufrb.edu.br/soc/atas=-e-resolucoes?cont=lists&ccname-documento&page=2. Acesso em: 15 mar. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA//

Curso de formação étinico-racial: um relato de experiência da extensão universitária

EDNEI DOS SANTOS BARBOSA
FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Ethno-racial training course: a university extension experience report

RELATO
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA //

Curso de formação étinico-racial: um relato de experiência da extensão universitária

Ethno-racial training course: a university extension experience report

PALAVRAS-CHAVE
POPULAÇÃO NEGRA.
RACISMO.
SENSIBILIZAÇÃO PÚBLICA.

RESUMO Fomentar discussões sobre raça/etnia faz parte do processo de reconhecimento da diversidade étnico-racial brasileira e como ela impacta diretamente no acesso aos serviços prestados em nosso território. Sob esse pressuposto, o objetivo do curso de extensão foi promover uma discussão crítica sobre as desigualdades étnicas/raciais que afetam a sociedade, além de sensibilizar e conscientizar os estudantes. A metodologia foi dividida em duas etapas, a primeira foi a construção de um curso realizado em oito encontros quinzenais para a comunidade interna do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e, na segunda etapa, foram realizadas ações voltadas à comunidade externa, especificamente para estudantes do ensino médio regular público do município de Santo Antônio de Jesus. Nesta os debates sobre as relações étnico-raciais e de gênero foram abordados a partir de um vídeo-documentário. Os resultados apontaram a importância de iniciativas acadêmicas que promovam o diálogo sobre racismo e gênero, tanto dentro da universidade quanto na comunidade externa. Sendo assim, conclui-se que que o curso atingiu o objetivo, pois, ao longo dos encontros, os participantes foram sensibilizados e estimulados a refletir sobre as relações raciais e de gênero, ampliando a compreensão sobre essas dinâmicas e fortalecendo o engajamento na luta contra essas mazelas sociais.

KEYWORDS
BLACK PEOPLE.
RACISM.
PUBLIC AWARENESS.

ABSTRACT Encouraging discussions on race/ethnicity is part of the process of recognizing Brazil's ethnic/racial diversity and how it directly impacts on access to the services provided in our territory. Under this assumption, the aim of the extension course was to promote a critical discussion about the ethnic/racial inequalities that affect society, as well as to sensitize and raise awareness among students. The methodology was divided into two stages: the first was the construction of a course held in eight fortnightly meetings for the internal community of the CCS, and the second stage was actions aimed at the external community, specifically for regular public high school students from the municipality of Santo Antônio de Jesus. The results showed the importance of academic initiatives that promote dialog about racism and gender, both within the university and in the external community. Therefore, it can be concluded that the course achieved its objective because, over the course of the meetings, the participants were sensitized and encouraged to reflect on race and gender relations, broadening their understanding of these dynamics and strengthening their engagement in the fight against these social evils.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

EDNEI DOS SANTOS BARBOSA
Graduando em medicina.
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: emanuelly.macedo.707@ufrn.edu.br

FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA
Mestra em Saúde Coletiva.
Médica de Família e Comunidade.
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: flaviasilva@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) surgiu como resultado da expansão do ensino superior no Brasil, viabilizada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Esse programa, parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) iniciado em 2003, tinha como objetivo ampliar o acesso à educação superior, especialmente no interior do país, com previsão de conclusão até 2012 (BRASIL, Presidência da República, 2007).

Diante desse cenário, a UFRB é firmada nos pilares das políticas afirmativas, ensino, pesquisa e extensão. Em que as políticas afirmativas visam garantir a permanência de discentes vulnerabilizados economicamente, o ensino é caracterizado pela transmissão de conhecimento preparando os estudantes para suas profissões e pensamento crítico, enquanto a pesquisa gera novos conhecimentos através de investigações científicas, contribuindo para o avanço da ciência e a formação de pesquisadores (Almeida, 2015). A extensão conecta a universidade com a sociedade, aplicando o conhecimento acadêmico para resolver problemas sociais, culturais e econômicos, promovendo o desenvolvimento social (Oliveira, 2023). Dessa

maneira, é essencial que a universidade esteja sempre com todos os pilares bem definidos, firmados e sempre cooperando para atenuar as lacunas existentes na sociedade.

Situada no território de identidade do Recôncavo da Bahia, a UFRB desempenha um papel essencial no desenvolvimento regional e local, promovendo a democratização do conhecimento e contribuindo para o fortalecimento social e econômico da região. Sua presença é especialmente significativa em um território onde a maioria da população é negra e carrega as marcas históricas da escravidão, tornando-se um vetor fundamental para a valorização da identidade, cultura e oportunidades para esses grupos que foram historicamente marginalizados (Silva; Silva, 2019).

Perante a persistência das discriminações nas relações interpessoais, o racismo institucional, segundo o Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI), manifesta-se em normas, práticas e comportamentos segregativos, feitos a partir da cor de pele e adotados no cotidiano do trabalho, colocando pessoas dos grupos raciais ou étnicos em situação de desvantagem no acesso a determinados benefícios, independentemente das questões de gênero ou quaisquer outros. A cor da pele e/ou fenótipo se tornam obstáculos para o ingresso e permanência nas instituições de ensino superior. Os marcadores de gênero, raça e classe influenciam diretamente no acesso e na participação social de mulheres negras no Ensino Superior, impondo barreiras no desempenho acadêmico e na continuidade dos cursos. Desse modo, esse grupo social, além de sofrer com práticas racistas e sexistas, estão subrepresentadas no Ensino Superior (Valério et al., 2021).

É importante ressaltar que houve uma crescente significativa no acesso das pessoas negras à educação superior, como resultado da implementação da política denominada Lei de cotas, nº 12.711/2012, sancionada em 29 de agosto de 2012 (Brasil, 2012). Todavia, devido à execução tardia de políticas compensatórias, muito ainda precisa ser desenvolvido para que o Brasil alcance a igualdade racial (Paixão et al., 2010). Nesse sentido, o racismo institucional na educação superior ainda atua no fomento e perpetuação dos privilégios brancos em detrimento às condições de existência das pessoas negras.

Dessa forma, o III Curso de Extensão em Relações Raciais e de Gênero do NEGRAS/UFRB e o II Seminário de Formação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde (NEGRAS) tiveram como objetivo promover uma discussão crítica sobre as desigualdades étnicas/raciais que afetam a sociedade. Essa iniciativa buscou sensibilizar e conscientizar os estudantes, incentivando a reflexão sobre as relações raciais e de gênero, além de fomentar a construção de um pensamento mais crítico e engajado na luta contra essas mazelas sociais.

METODOLOGIA Para a realização desse projeto, em um primeiro momento, foi construído um curso que foi intitulado como o III Curso de Extensão em Relações Raciais e de Gênero do NEGRAS/UFRB e o II Seminário de Formação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde (NEGRAS). Foram agendados oito encontros quinzenais, cujas datas seriam determinadas posteriormente, cada um com duração

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

máxima de duas horas. Esses encontros ocorreram de forma presencial, nas instalações do Centro de Ciências da Saúde da UFRB, voltados para estudantes dos cursos regulares de graduação deste centro. Os encontros realizados na UFRB contaram com a presença variável de estudantes, oscilando entre 50 e 90 participantes, de modo que cada encontro apresentou um quantitativo diferente.

O primeiro encontro teve como foco a apresentação do curso, seguido por uma conferência magna que abordou o papel da universidade pública brasileira na superação do sexismo e do racismo em nosso contexto. Nos encontros seguintes, foram conduzidas exposições dialogadas com debatedores/as convidados/as da própria UFRB, a partir dos textos recomendados na bibliografia de cada sessão. Durante cada exposição, buscou-se identificar os principais pontos-chave e conceitos apresentados em cada texto. Para isso, foram realizadas discussões em grupos sobre as ideias e argumentos levantados.

Os encontros foram estruturados com base nos seguintes temas: noções conceituais das relações raciais e de gênero; feminismo negro e decolonial; interseção entre as opressões de raça, classe e gênero; saúde mental da população negra; raça, racismo e direitos sexuais e reprodutivos; e violência e saúde da população negra. Para finalizar o curso, os participantes foram divididos em três equipes para apresentar o seminário final, com os seguintes temas: 1) Raça, racismo e direitos sexuais e reprodutivos; 2) Soberania e Segurança Alimentar para População Negra; 3) Violência e saúde da população negra.

Em um segundo momento, foram realizadas ações voltadas à comunidade externa, especificamente para estudantes do ensino médio regular público do município de Santo Antônio de Jesus. Nestas escolas, os debates sobre as relações étnico-raciais e de gênero foram abordados a partir de um vídeo-documentário.

A obra "*É Tempo de Falar de Nós Mesmas*" (2023) trouxe, por meio da história de sete mulheres negras egressas do curso de Medicina da UFRB, uma problematização sobre como as opressões de gênero, classe e raça atravessaram suas vivências antes, durante e depois da formação universitária, e como a organização entre elas foi essencial para a permanência na universidade e a atuação profissional. Apesar dos relatos desafiadores, o documentário ressaltou a importância dos afetos e da recusa ao silenciamento diante das injustiças.

A ideia inicial foi promover a projeção do vídeo-documentário, seguida de um debate mediado pelos/as estudantes que integraram a equipe deste projeto, além de outros/as que se juntaram ao processo. Devido a dificuldades de articulação institucional, o documentário foi exibido apenas no CETEP, em uma única sessão, que contou com a participação de aproximadamente 115 estudantes.

A ação extensionista descrita neste estudo originou-se do projeto de mestrado da docente orientadora, estando vinculada às atividades desenvolvidas no âmbito dessa pesquisa. Por integrar o referido projeto, foram adotados os mesmos procedimentos éticos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o protocolo nº N 6.291.080 e CAAE 71112023.7.0000.0056, conforme as normas das Resoluções n. 466, de 12 de dezembro de 2012, e n. 510, 07 de abril de 2016, ambas do Conselho Nacional de Saúde. As atividades foram conduzidas em

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

conformidade com os princípios estabelecidos pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012 e 510/2016, garantindo o respeito à dignidade, à autonomia e à privacidade dos participantes, bem como a obtenção do consentimento livre e esclarecido e o direito de recusa ou desistência a qualquer momento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES Primeiramente, vale salientar que a realização do III Curso de Extensão em Relações Raciais e de Gênero do NEGRAS/UFRB e do II Seminário de Formação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde (NEGRAS) representou um marco significativo na discussão acadêmica e comunitária sobre as questões raciais e de gênero. Os encontros quinzenais, organizados de forma presencial no Centro de Ciências da Saúde da UFRB, proporcionaram um espaço de debate crítico e de aprofundamento teórico sobre temas centrais para a compreensão das dinâmicas de opressão e resistência no Brasil.

A abertura do curso, com a conferência magna, demonstrou a relevância da universidade pública como agente de transformação social, destacando seu papel na superação do racismo e do sexismo. As sessões expositivas subsequentes permitiram a troca de conhecimentos entre estudantes e debatedores/as convidados/as, possibilitando uma abordagem interativa e reflexiva dos textos discutidos. As discussões em grupo reforçaram a compreensão coletiva e estimularam o engajamento dos participantes, ampliando o impacto da iniciativa.

Os temas abordados ao longo do curso foram fundamentais para a construção de um olhar mais crítico sobre as intersecções entre raça, gênero e classe, abordando aspectos essenciais como feminismo negro, decolonialidade, direitos sexuais e reprodutivos, saúde mental da população negra e violência. A dinâmica final, que envolveu seminários apresentados pelos participantes, consolidou os conhecimentos adquiridos e estimulou a autonomia dos estudantes na produção de saberes sobre essas questões.

No segundo momento do projeto, a interlocução com a comunidade externa foi essencial para ampliar a discussão sobre relações étnico-raciais e de gênero. A exibição do documentário "É Tempo de Falar de Nós Mesmas" (2023) revelou-se uma ferramenta poderosa para sensibilizar e conscientizar os jovens sobre as desigualdades enfrentadas por mulheres negras na trajetória universitária e profissional. A partir das histórias narradas, foi possível estabelecer pontes entre a vivência acadêmica e a realidade social desses estudantes, fomentando um debate profundo sobre racismo, resistência e permanência na educação superior.

Os debates subsequentes, mediados pelos/as estudantes envolvidos no projeto, proporcionaram um espaço de troca e reflexão coletiva, estimulando um maior engajamento na luta contra as desigualdades. A articulação interinstitucional desempenhou um papel crucial na organização dos encontros, garantindo que o projeto alcançasse um público amplo e diversificado.

Em síntese, os resultados desse projeto demonstram a importância de iniciativas acadêmicas que promovam o diálogo sobre racismo e gênero, tanto dentro da universidade quanto na comunidade

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

externa. A metodologia adotada, aliando discussão teórica e experiências práticas, mostrou-se eficaz para conscientizar e mobilizar os participantes, fortalecendo a construção de um conhecimento comprometido com a justiça social e a equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Conclui-se que o curso atingiu o objetivo de promover uma discussão crítica sobre as desigualdades étnico-raciais que permeiam a sociedade. Pois, ao longo dos encontros, os participantes foram sensibilizados e estimulados a refletir sobre as relações raciais e de gênero, ampliando a compreensão sobre essas dinâmicas e fortalecendo o engajamento na luta contra essas mazelas sociais.

Além disso, através de debates interativos, exposições dialogadas e da exibição do documentário "É Tempo de Falar de Nós Mesmas", o projeto possibilitou um espaço de troca e aprendizado significativo, tanto no meio acadêmico quanto na comunidade externa. A participação ativa dos estudantes e a articulação com instituições de ensino médio demonstraram a importância da continuidade dessas ações, reforçando o papel da educação na desconstrução de desigualdades e na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Dessa forma, a experiência reforçou a necessidade contínua de iniciativas que discutam racismo e gênero de maneira crítica e interseccional, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa. A mobilização de estudantes e pesquisadores fortaleceu o compromisso da universidade com a transformação social, evidenciando seu papel na produção de conhecimento que impacta positivamente a realidade da população negra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro Antonio. Seminários de ensino de história: experiência de integração entre ensino, pesquisa e extensão na UFRB. **História & Ensino**, v. 21, n. 1, p. 173-198, 2015.

BRASIL. Presidência da República. **DECRETO nº 6.096, de 7 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm. Acesso em: 10 jan. 2025.

Brasil. (2012, 29 de agosto). **Lei nº 12.711, de 29 de Agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília.

SILVA, Jorge Antonio Santos; SILVA, Ozana Rebouças. Políticas públicas de educação superior e desenvolvimento local: as transformações no município de Cachoeira (BA) após a implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Redes. **Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 24, n. 2, p. 209-232, 2019.

OLIVEIRA, Laisa Araujo de et al. **Extensão e formação de professores/as: o papel dos programas de extensão como estratégia para o ensino das relações étnico-raciais no centro de formação de professores/as-UFRB**. 2023.

Paixão, M., Rosseto, I., Montovanele, F., & Carvano, L. M. (2010). **Introdução**. In M. Paixão, I. Rosseto, F. Montovanele & L. M. Carvano (Eds.), Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2009-2010 (pp. 26-34). Rio de Janeiro: Editora Garamond.

VALÉRIO, A. C. de O.; BEZERRA, W. C.; SANTOS, V. S. dos; JÚNIOR, J. D.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

L.; FARIAS, M. N.; SANTOS, S. M. B. dos. Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde/ Racism and social participation in the university: experiences of black female students in health-related programs. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 29, p. e3007, 2021.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
TECNOLOGIA E
PRODUÇÃO //

Projeto de melhoria em uma indústria de fraldas: um relato de experiência

MAYLANE NERES COSTA SANTOS
THIAGO FERREIRA DOS SANTOS
VICTOR MOREIRA DE SOUZA
CRISTIANE AGRA PIMENTEL

Revista Extensão
e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Improvement project in a diaper industry: an experience report

Projeto de melhoria em uma indústria de fraldas: um relato de experiência

Improvement project in a diaper industry: an experience report

PALAVRAS-CHAVE
QUALIDADE.
CURRICULARIZAÇÃO.
EXTENSÃO.
DESPERDÍCIOS.

RESUMO A extensão universitária no Brasil evoluiu de uma simples prestação de serviços para uma abordagem mais ampla, dialogando com a universidade e a sociedade. Dessa forma, o projeto de melhoria aqui relatado é ligado à curricularização da extensão universitária com uma aplicação prática do conteúdo visto em sala de aula. O objetivo deste é apresentar um relato de experiência de como foi aplicar conceitos da área da qualidade em uma indústria de fraldas descartáveis localizada em Feira de Santana, com foco na redução do desperdício de embalagens no processo de empacotamento automatizado, utilizando a metodologia de análise de problemas e ferramentas da qualidade. O processo envolveu coleta de dados históricos sobre o desperdício de embalagens, a realização de brainstorming com os líderes da máquina, a priorização das causas com a matriz GUT e a elaboração de um plano de ação com base na metodologia 5W2H. Como resultado, o projeto obteve ganhos para a empresa como a identificação de causas raízes do problema, desenvolvimento de um plano de ação para mitigar ou eliminar o problema, permitindo assim a integração dos alunos com a empresa. Além de possibilitar ganhos financeiros expressivos caso seja implementado o plano de ação posteriormente.

KEYWORDS
QUALITY.
CURRICULUM.
EXTENSION.
WASTE.

ABSTRACT University extension in Brazil has evolved from simple service provision to a broader approach, engaging with both the university and society. Thus, the improvement project described here is linked to the curricularization of university extension, involving a practical application of content seen in the classroom. The objective is to present an experiential account of how quality-related concepts were applied in a disposable diaper industry located in Feira de Santana, focusing on reducing packaging waste in the automated packaging process, using problem analysis methodology and quality tools. The process involved gathering historical data on packaging waste, conducting brainstorming sessions with machine leaders, prioritizing causes using the GUT matrix, and developing an action plan based on the 5W2H methodology. As a result, the project yielded gains for the company, such as identifying root causes of the problem and devising an action plan to mitigate or eliminate it, thereby facilitating student integration with the company. Moreover, substantial financial gains are possible if the action plan is implemented in the future.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

MAYLANE NERES COSTA SANTOS
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Engenheira de Produção.
E-mail: maylanencs@aluno.ufrb.edu.br

THIAGO FERREIRA DOS SANTOS
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Discente do curso de Engenharia de Produção.
E-mail: thiago.ferreira@aluno.ufrb.edu.br

VICTOR MOREIRA DE SOUZA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Discente do curso de Engenharia de Produção.
E-mail: victorsouza@aluno.ufrb.edu.br

CRISTIANE AGRA PIMENTEL
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Docente no curso de Engenharia de Produção.
E-mail: *cristianepimentel@ufrb.edu.br*

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO O processo de revisão da extensão universitária no Brasil segundo Vasconcelos (2012) deixou de ter um caráter essencialmente de prestação de serviços para dar abertura a um diálogo entre a universidade e a sociedade. Trazendo uma relação entre o saber fazer e a realidade socioeconômica, cultural e ambiental da região. Diante disso, a Resolução 7 do dia 18 de dezembro de 2018 do Ministério da Educação, no seu artigo 4, cita que as atividades de extensão devem compor pelo menos 10% da carga horária curricular do curso.

Segundo Carvalho et al. (2019) o ensino superior historicamente advindo da tradição ocidental, tem por objetivo 3 premissas: formação profissional dentro de diversas áreas e técnicas, resultantes do ensino/aprendizagem; formação de cientistas como produto do conhecimento metodológico e de conteúdos de múltiplas especialidades de formação; formação de pessoas com senso social e reiterado de sua cultura histórica e social.

É diante disso que o relato de experiência sobre o projeto de melhoria aqui apresentado é fundamentado. Visando contribuir integralmente para a formação dos estudantes, aplicando os conhecimentos acrescidos em sala de aula estimulando uma formação crítica e responsável. Este teve como foco aplicar as ferramentas e conhecimentos da área da qualidade aprendidas durante a componente de Gestão da Qualidade. A preocupação com a qualidade não é um assunto recente, apesar disso, os aspectos vêm evoluindo ao longo das últimas décadas e as empresas vêm implementando métodos como forma de garantir a conformidade dos produtos e processos de acordo com seus padrões pré-estabelecidos (GERMANO, 2013).

A indústria definida para a realização do projeto de melhoria está localizada na cidade de Feira de Santana - BA e é responsável pela produção de fraldas descartáveis.

O objetivo do trabalho foi utilizar as metodologias da disciplina Gestão da Qualidade para identificar a perda de embalagens

utilizadas no empacotamento automatizado das fraldas, apresentando ao final do projeto de melhoria um plano de ação à empresa com os possíveis impactos financeiros.

METODOLOGIA O presente trabalho trata de um estudo exploratório e descritivo do tipo relato de experiência, vivida por alunos que cursaram a disciplina de Gestão da Qualidade na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no período de fevereiro a junho de 2023, onde por meio de um projeto de melhoria aplicaram ferramentas da qualidade em uma indústria localizada na cidade de Feira de Santana. Exploratória, pois segundo Gil (2008), proporcionou maior familiaridade com o problema, também descritivo, pois segundo o mesmo autor é caracterizado pela coleta de dados e observação sistemática.

De acordo com Coelho *et al.* (2016) partindo do conceito de que a qualidade é a anuência entre o planejamento e a execução, as ferramentas da qualidade assumem um papel de melhorar processos e serviços, além de garantir a conformidade da qualidade dos produtos.

Segundo Martins *et al.* (2016) Método de Análise e Solução de Problemas (MASP) é uma metodologia utilizada para identificar, analisar e solucionar problemas, impedindo que eles se repitam, mediante a utilização do PDCA e das ferramentas de qualidade. Segundo Carpinetti (2012), é composto de oito fases, sendo elas: Identificação do Problema, observação, análise, plano de ação, ação, verificação, padronização e conclusão.

Assim, seguindo-se as etapas do MASP, foi inicialmente identificado o problema através de uma lista de verificação de falhas, a qual foi realizada diariamente nas duas linhas de produção. Evidenciando-se a situação de perda de embalagens em uma máquina embaladora de fraldas, que poderia ser aplicado o projeto de melhoria.

Feita a escolha do problema, foram escolhidas algumas ferramentas que seriam utilizadas no decorrer do projeto a fim de entender mais a fundo o problema. Foi realizado um *brainstorming* com os líderes da máquina nos três turnos de operação, onde foi disponibilizado um registro para que os mesmos descrevessem possíveis causas para o problema de falha no processo de embalagem. Em concomitância, foi realizado um levantamento de dados relacionados ao desperdício de embalagem.

A partir das informações levantadas foi possível definir a máquina a qual seria aplicada a melhoria, e qual modelo de fralda seria utilizado como base. Sendo possível ainda elencar as principais causas através de uma Matriz GUT e a partir desses pontos desenvolver um plano de ação com o método 5W2H, com possíveis medidas que poderiam ser tomadas para mitigar ou até mesmo eliminar o problema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A gestão da qualidade busca supervisionar e melhorar os processos e atividades realizadas no âmbito profissional a fim de garantir que o produto ou serviço prestado sejam constantemente ofertados com um alto padrão, buscando avaliar desde a entrada até a saída desses serviços e produtos (CARPINETTI et al., 2006). Com base na utilização das ferramentas da qualidade foi desenvolvido este projeto de melhoria e para sua realização alguns passos foram seguidos desde a definição do problema até a realização da proposta de plano

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

de ação utilizando as etapas do MASP que é dividido em: Identificação do Problema, Observação, Análise, Plano de Ação, Ação, Verificação, Padronização e Conclusão.

IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA E OBSERVAÇÃO

Uma das ações iniciais foi um acompanhamento na máquina embaladora e foi feito um registro do problema através de fotos e vídeos por parte de um dos autores. A partir desse registro foi possível detalhar o funcionamento da máquina e levantar algumas ideias sobre possíveis ações.

Foi necessário realizar uma coleta de dados no sistema com o auxílio do departamento de processos, a fim de obter um histórico da taxa de desperdício de embalagens, esse histórico de dados compreende do período de Setembro/2022 até Janeiro/2023. Através de uma estratificação, foi possível identificar qual modelo de fraldas descartáveis e linha de produção que gerava maior perda. Na figura 1 a seguir, pode-se observar que a máquina que gerava maior perda foi a Máquina 1 com R$ 21.660,33 de embalagens descartadas e nessa máquina o modelo que acontecia o episódio com mais frequência era a XG 18, acumulando R$ 8.748,00 de setembro à janeiro.

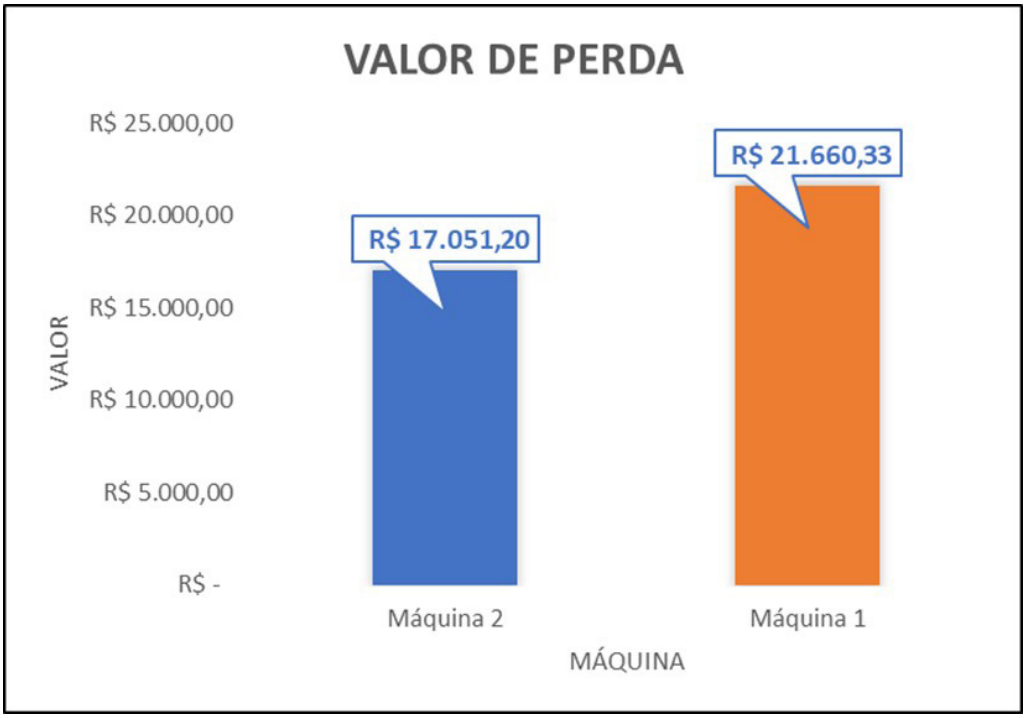


FIGURA 1 – ESTRATIFICAÇÃO DO PROBLEMA/ FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES (2023).

Como forma de integrar com os colaboradores e buscar ideias a partir de suas vivências, foi realizado um *brainstorming* estruturado com os líderes da máquina, conforme Figura 2. Durante o processo foi disponibilizada uma folha de papel A4, onde os mesmos eram livres para expor ideias e possíveis causas sem uma ordem estabelecida, a atividade aconteceu nos três turnos de funcionamento da máquina.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 2 – BRAINSTORMING REALIZADO COM OS OPERADORES/ FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES (2023).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Segundo Granado (2020) a técnica do *brainstorming* possibilita extrair toda criatividade e inteligência dos colaboradores a fim de construir ações para solução de problemas e deficiências presentes, o estímulo a criatividade deve ser feita sem criticidade, buscando obter o maior número de ideias, sejam elas reais ou não, as quais em alguns casos são a solução para o problema. As ideias obtidas no processo foram separadas e organizadas para serem filtradas a partir de outras ferramentas.

ANÁLISE

O *brainstorming* gerou bastante causas para o problema da perda de embalagens do modelo XG18. Dessa forma, foi utilizada a Matriz GUT que segundo Kepner (1981), é um método que para ser utilizado parametrizando todos os riscos de uma atividade, onde são definidas a gravidade (G), urgência (U) e tendência (T), através disso, é possível priorizá-las. Conforme Meireles (2001), ao final da construção da Matriz GUT, é feito um ranking que ajuda a determinar a importância de cada atividade e é importante que seja dada devida atenção às mais críticas. A Figura 3 ilustra a matriz GUT da problemática de perda de embalagens das fraldas descartáveis do modelo XG 18.

Matriz GUT					
Problema	Gravidade	Urgência	Tendência	Grau Crítico (GxUxT)	Ranking das atividades
Falta de procedimento na separação de embalagens	3	4	3	36	5º
Alteração do parâmetro dos componentes na configuração da máquina	4	4	5	80	3º
Falta de procedimento no ajuste da lâmina guia	5	5	5	125	1º
Resíduos da matéria-prima entupindo a bomba de vácuo do grampo levantador	5	3	5	75	4º
Defeito no grampo do levantador de sacolas	4	5	5	100	2º
Falta de apoio para o pacote da fralda no momento da embalagem	2	2	2	8	9º
Falta de manutenção preventiva no stacker	3	3	4	36	5º
Falta de sincronia entre a lâmina guia e o levantador	2	3	3	18	6º
Temperatura muito alta da faca de corte e solda	4	5	5	100	2º
Fralda ultrapassando a especificação de gramatura gerando mal dimensionamento das fraldas no pacote	4	3	3	36	5º
Falha no ajuste do posicionamento das fraldas no stacker por parte do operador	4	4	1	16	7º
Lote de embalagens com defeito na sua posição	2	3	2	12	8º

FIGURA 3 – MATRIZ GUT DO PROBLEMA DA PERDA DE EMBALAGENS / FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES (2023).

Dessa forma, deu-se atenção aos 3 primeiros problemas ranqueados: falta de procedimento no ajuste da lâmina guia, defeito no grampo levantador de sacolas, temperatura muito alta da faca de corte e solda e alteração do parâmetro dos componentes na configuração da máquina. Esses problemas destacados possibilitaram a elaboração de um plano de ação com o 5w2h, o qual seria apresentado à empresa como alternativa para diminuição no desperdício de embalagens.

PLANO DE AÇÃO

Como ponto de partida no plano de ação, foram definidos o que seria feito para resolver os problemas, desde criar Procedimentos Operacionais Padrões (POP's), até criar rotinas diárias de checklist de inspeção e criar especificações para parâmetros de máquina e processo. Logo em seguida, outros questionamentos foram respondidos como, o porquê cada ação precisa ser realizada, onde seriam

5W2H						
O que?	Porque?	Onde?	Quem?	Quando?	Como?	Quanto?
Criar Procedimento Operacional Padrão para ajustar a lâmina guia	Para garantir que sua regulagem seja feita da forma correta de acordo com o formato da fralda	Setor de Processos	Jurandi	31/05/2023	Relacionando o procedimento com as especificações da máquina levando em consideração o modelo da fralda	R$
Criar rotina diária de checklist de inspeção dos componentes da embaladora	Para identificar possíveis desgastes das peças	Setor de produção	Carlos, Lucas e Reinaldo	31/05/2023	Todo início de turno deverá analisar os componentes da embaladora e registrar o checklist. Caso haja alguma não conformidade, deverá ser passado para	R$
Criar uma especificação para a temperatura da faca de corte e solda	Para garantir que não haja problema ao selar e cortar as embalgens	Setor de Processos	Jurandi	15/05/2023	Verificar a temperatura recomendada pelo fabricante e criar um documento de fácil acesso	R$
Criar uma especificação dos parâmetros dos componentes da embaladora	Para garantir que a máquina funcione dentro dos parâmetros ideias	Setor de Processos	Jurandi	15/06/2023	Criar um documento com os parâmetros da máquina de acordo com o fornecido pelo fabricante	R$

FIGURA 4 – PLANO DE AÇÃO PARA REDUÇÃO DA PERDA DE EMBALAGENS/ FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES (2023).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

realizadas, por quem seriam realizadas, e quando seriam realizadas, para finalizar foi definido como as ações seriam feitas. Por fim foi definido o quanto seria gasto para resolução de cada uma das ações, no plano em questão não foi definido nenhum valor inicial.

Foi definida como meta inicial do trabalho a redução do desperdício de embalagens 30%, baseado no valor de desperdício atual apresentado em R$8.748,00 para as embalagens XG 18, a redução de 30% equivaleria a uma economia total em 5 meses de R$ 2.624,40. Analisando-se os valores de forma bruta, sem considerar outros desperdícios que seriam evitados como desperdício de mão de obra, retrabalho e de movimentação.

➲ VERIFICAÇÃO, PADRONIZAÇÃO E CONCLUSÃO

As ações propostas no plano de ação foram apresentadas em reunião gerencial e validadas na empresa. Algumas ações já haviam sido iniciadas e outras não, dessa forma o plano ação foi enviado via e-mail para todos os responsáveis com os respectivos prazos.

A verificação das ações a fim de analisar se estão sendo eficazes e se houveram melhorias ainda não foi possível ser relatado. Pois as ações ainda estão sendo implementadas e revisadas. O mesmo se aplica à etapa de padronização e conclusão das etapas do MASP, pois os problemas não foram solucionados para ocorrer a padronização e evitar que os mesmos voltassem a acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Diante do exposto, pode-se evidenciar que a extensão universitária no Brasil tem promovido uma maior integração entre a universidade e a sociedade, possibilitando a aplicação prática do conhecimento acadêmico em empresas. Dessa forma, ao aplicar as ferramentas e metodologias aprendidas na disciplina Gestão da Qualidade em uma indústria de fraldas descartáveis é exemplificado essa abordagem utilizada, apresentando os processos e desafios de implementação de projetos e mudanças em um ambiente industrial.

Através dos resultados, apontam-se aplicações de ordem gerencial no sentido de os estudantes terem tido a vivência na prática da aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, desenvolvendo habilidades de análise, resolução de problemas e trabalho em equipe. A universidade ganha maior visibilidade e possibilita uma relação mais estreita dos alunos com o mercado de trabalho, mesmo que de forma indireta contribuindo para a formação dos futuros profissionais e preparando-os para os desafios do mercado de trabalho.

O projeto demonstrou também a importância da gestão da qualidade na melhoria dos processos e na garantia da conformidade dos produtos. Caso o plano de ação proposto possa ser implementado no futuro, além dos ganhos financeiros, a redução do desperdício de embalagens também pode trazer impactos positivos em termos de eficiência e sustentabilidade.

Por fim, revelam-se aplicações de ordem teórica, no sentido de as empresas poderem utilizar as informações do trabalho para identificar possíveis melhorias e caminhos a serem seguidos. Assim como as instituições de ensino superior, alertando-as à necessidade de integrar a teoria e a prática e identificando de que forma pode ser feita essa integração.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

CARPINETTI, L. C. R. et al. **Gestão da Qualidade: Conceitos e Ferramentas.** 1a edição. São Carlos, 2006.

CARVALHO, R. K. de et al. **Papel e relevância da leitura na aprendizagem universitária: uma abordagem filosófico-educacional.** 2019.

COELHO, F. P. S. et al. **Aplicação das Ferramentas da Qualidade: Estudo de Caso em Pequena Empresa de Pintura.** Revista c. v.3, n.1, São Paulo, 2016.

VASCONCELOS, C, M. et al. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus: FORPROEX, 2012. E-book. 68p. Disponível em: https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf. Acesso em: 16 jul. 2023.

GERMANO, P. M. L.; GERMANO, M. I. S. **Sistema de Gestão: qualidade e segurança dos alimentos.** Barueri, SP: Manole, 2013.

GIL, C. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANADO, G. C. S. **Brainstorming e a aplicação do modelo clássico**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 10, Vol. 18, pp. 05-20, 2020.

KEPNER, C. H.; TREGOE, B. B. **O administrador racional.** São Paulo: Atlas, 1981. 58p.

MARTINS, G. H.; MARTINS, S. F.; FERREIRA, R. L. Aplicabilidade da metodologia de análise de soluções de problemas MASP através do ciclo PDCA no setor de embalagens: estudo de caso na" indústria de embalagens" no Brasil. **Journal of Lean Systems**, v. 1, n. 4, p. 02-22, 2016.

MEIRELES, M. **Sistemas Administrativos Clicentristas - Organização com foco no cliente.** São Paulo: Arte e Ciência Villipress, 2001.

SILVA, M. F.; MENDONZA, C. C. G. A importância do ensino, pesquisa e extensão na formação do aluno do Ensino Superior. **Revista Cientifica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 06, Vol. 08, pp. 119-133. Junho de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pesquisa-e-extensao. Acesso em: 30 jul. 2023.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
TECNOLOGIA E
PRODUÇÃO //

Um relato de experiência: projeto de melhoria numa fabricação de brownies

MARIA JILVANI DOS SANTOS SILVA
PEDRO HENRIQUE OLIVEIRA COUTO
YURI BOAVENTURA SANTANA PORTO
CRISTIANE AGRA PIMENTEL

Revista Extensão
e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

A report of experience: brownie manufacturing improvement project

Um relato de experiência: projeto de melhoria numa fabricação de brownies

A report of experience: brownie manufacturing improvement project

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
FERRAMENTAS DA QUALIDADE.
EFICIÊNCIA PRODUTIVA.
CURRICULARIZAÇÃO.
EXTENSÃO.

RESUMO Este relato de experiência enfatiza a relevância da extensão universitária e da curricularização das atividades de extensão no contexto da formação acadêmica. Através de um projeto de aprimoramento realizado na microempresa Mimos da Nina, o objetivo era dobrar a produção e reduzir o tempo de fabricação pelo menos um terço. Como metodologia utilizou-se as ferramentas de qualidade. Durante o projeto, identificou-se as principais causas e foram propostas ações para vencer os desafios relacionados ao tempo de confecção dos brownies e consequentemente na produção. Alguns resultados alcançados foram desenvolvimento de um novo processo, que diminuiu em 2 horas e 40 minutos o tempo de fabricação, permitindo a produção do dobro de produtos em um período menor. Adicionalmente, abordou-se questões como a gestão da cadeia de suprimentos, o controle de qualidade e práticas para a sustentabilidade do negócio, visando aprimorar a eficiência operacional e a satisfação dos clientes. Ao final do projeto obteve-se um resultado significativo de 51% de redução no tempo de fabricação e o dobro do aumento na produção. Assim percebe-se que a inclusão das atividades de extensão universitária no currículo acadêmico foi fundamental, estabelecendo uma conexão entre a academia e a comunidade, e se espera encorajar outros empreendedores a aplicarem técnicas de gestão de qualidade para otimizar suas operações.

KEYWORDS
QUALITY TOOLS.
PRODUCTIVITY
EFFICIENCY.
CURRICULARIZATION.
EXTENSION.

ABSTRACT This experience report emphasizes the relevance of university extension and the curricularization of extension activities in the context of academic education. Through an improvement project carried out at the microenterprise "Mimos da Nina", the objective was to double production and reduce manufacturing time by at least one third. Quality tools were used as the methodology. During the project, the main causes were identified, and actions were proposed to overcome the challenges related to the brownies' production time and, consequently, overall production. Some achieved results included the development of a new process that reduced manufacturing time by 2 hours and 40 minutes, allowing double the product output in a shorter period. Additionally, issues such as supply chain management, quality control, and sustainable business practices were addressed to enhance operational efficiency and customer satisfaction. At the end of the project, a significant result was obtained with a 51% reduction in manufacturing time and a doubling of production. Thus, it is evident that the inclusion of university extension activities in the academic curriculum was essential in establishing a connection between academia and the community. It is hoped that this will encourage other entrepreneurs to apply quality management techniques to optimize their operations.

.

MARIA JILVANI DOS SANTOS SILVA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Graduanda em Energias e Sustentabilidade.
E-mail: mariajilvani@aluno.ufrb.edu.br

PEDRO HENRIQUE OLIVEIRA COUTO
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Graduando em Energias e Sustentabilidade.
E-mail: p.h.oliveiraa@aluno.ufrb.edu.br

YURI BOAVENTURA SANTANA PORTO
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Graduando em Energias e Sustentabilidade.
E-mail: yuri.porto@aluno.ufrb.edu.br

CRISTIANE AGRA PIMENTEL
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Docente em Engenharia de Produção.
E-mail: *cristianepimentel@ufrb.edu.br*

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO O ensino, pesquisa e extensão apresentados principalmente pelas instituições de ensino público brasileiro, são um dos maiores benefícios para expressar o compromisso social. O exercício dessas palavras vai além do requerido como dado de excelência no ensino superior, pois se torna no âmbito universitário algo fundamental para a formação profissional à luz da apropriação e produção de conhecimento científico.

O processo de extensão universitária reforça que o contato do aluno ingressante deve transcender sua concepção tradicional de simplesmente disseminar conhecimento por meio de cursos, conferências e seminários ou fornecer serviços através de assistências, assessorias e consultorias. Em vez disso, deve se direcionar para uma visão mais ampla da universidade, na qual a relação com a população seja vista como uma necessidade vital para a vida acadêmica, proporcionando uma renovação constante. Como afirma a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB, 2022) na definição de extensão universitária, "[...] A extensão engloba experiências de popularização da ciência, e realiza atividades que favorecem a construção de caminhos que podem contribuir no enfrentamento de problemas e questões sociais. [...]".

A universidade atual é vista como uma instituição criada para atender as necessidades de comunidades locais de todo o país, uma das estratégias adotadas por estas instituições através dos séculos para que essa contribuição seja concretizada é baseada na extensão universitária atrelada a curricularização.

A curricularização da extensão é o processo de integrar as atividades de extensão no currículo acadêmico das instituições de ensino superior. Isso envolve a inclusão de disciplinas, projetos ou programas de extensão como parte obrigatória ou opcional dos cursos, permitindo que os estudantes participem de ações que promovam o diálogo entre a academia e a comunidade. Essa integração é essencial para promover

a interdependência entre ensino, pesquisa e extensão na universidade. Além disso, ela desempenha um papel fundamental ao estabelecer uma conexão necessária entre a universidade e a sociedade, ressaltando o papel social da instituição e a relevância social do ensino e da pesquisa. A "creditação curricular", conhecida como "curricularização da extensão" consiste na adequação dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) visando garantir um percentual mínimo na carga horária dos cursos para as atividades de extensão, em atendimento à Resolução (Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7/2018).

Considerando a importância da extensão na educação superior brasileira, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) adota as diretrizes estabelecidas na Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Essa resolução determina que as atividades de extensão devem representar pelo menos 10% da carga horária curricular dos cursos de graduação e devem fazer parte da matriz curricular desses cursos. Com base nessa diretriz, foi proposta a curricularização do componente de Gestão da Qualidade, o que levou ao desenvolvimento de um projeto de melhoria numa empresa da comunidade, utilizando ferramentas da qualidade apresentadas em sala de aula.

A empresa selecionada pela equipe para a elaboração do projeto de melhoria proposto em sala foi a Mimos da Nina, fundada em 2020 durante o início da pandemia. Inicialmente, a empresa trabalhava com a produção de lembrancinhas, doces personalizados, presentes e itens personalizados, tais como: Topper de bolo; bolos; caixas surpresas; buquês; caixas de presente; e caixas de doces. No entanto, em 2023, a empresa decidiu expandir sua gama de produtos e incluiu a fabricação de brownies em seu catálogo. No entanto, a empresa enfrentava dificuldades para otimizar seus processos, resultando em problemas de produtividade e escassez de produtos para atender à demanda. Esses desafios decorriam principalmente do longo tempo de processamento e fabricação dos brownies.

O objetivo do projeto consistiu em alcançar um aumento de 50% na produção e uma redução de pelo menos 35% no tempo necessário para fabricar os brownies, esses foram definidos baseando-se no histórico de venda e no potencial de crescimento para o mercado. Identificou-se que um dos principais desafios era o tempo de confecção desses, que demandava aproximadamente 5 horas e 30 minutos para produzir apenas 24 unidades. Com base nisso, o presente relato de experiência visa compartilhar o conhecimento adquirido e inspirar outros empreendedores e gestores a aplicarem técnicas de gestão da qualidade em suas operações, visando à otimização e sucesso de seus empreendimentos.

METODOLOGIA Optou-se por trabalhar com a Mimos da Nina, uma pequena empresa especializada na produção de *brownies* que enfrentava dificuldades na otimização de seu processo de fabricação.

Uma vez feita a escolha, iniciou-se um processo imersivo para determinar a melhor distribuição das fases de trabalho. Realizou-se pesquisas bibliográficas em livros e artigos utilizando palavras-chave como "resolução de problemas", "melhoria contínua", "inovação" e "criatividade". Com base nessas pesquisas, decidiu-se dividir o projeto nas quatro fases do processo criativo descritas por Barreto (1982). Essas fases são: preparação, incubação, iluminação e verificação, e assim adaptou-se

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

à metodologia e à ferramenta Metodologia de Análise e Solução de Problemas (MASP), visto em sala de aula, para guiar no processo de implantação do projeto de melhoria.

Na fase de identificação, reuniu-se todas as informações relevantes para o projeto. Realizou-se uma entrevista com a responsável da empresa, na qual se fez questionamentos para mapear a história, os problemas e os processos do negócio. Após coletar esses dados, iniciou-se a fase de preparação em conjunto com a proprietária. No entendimento do problema acompanhou-se a produção e elaborou-se um fluxograma de processo. Simultaneamente, foi feita uma cronoanálise das atividades, repetindo-se esse processo em três ocasiões diferentes para garantir a precisão dos detalhes e a assertividade do fluxograma.

Em seguida, utilizou-se a ferramenta da qualidade *Ishikawa* para identificar os problemas que agravavam ou impediam a otimização do processo. Mapeou-se todas as possíveis causas que influenciavam o tempo e a qualidade dos *brownies* e, posteriormente, estabeleceu-se um filtro baseado no fluxograma de processo criado para descartar as causas menos relevantes. Em seguida, foi realizado um *brainstorming* reverso, perguntando: "Como podemos piorar o problema?" Isso ajudou a identificar os pontos de intervenção mais eficazes.

A fase de incubação ocorreu de forma inconsciente. Quanto mais imersão nas informações acerca do problema e do processo escolhido pela equipe, mais ideias e soluções em potencial eram encontradas. Para organizar essas ideias, foi feito um *brainstorming* tradicional, no qual a equipe pôde compartilhar pontos de vista e sugestões de melhorias para as causas identificadas anteriormente com o uso do *Ishikawa*. Iniciou-se a fase de verificação utilizando a ferramenta 5W2H, na qual se detalhou um plano de ação e se seguiu rigorosamente para identificar quais ações teriam o maior impacto na produção. A seguir foram realizadas as últimas etapas do MASP.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

ANÁLISE DO PROCESSO

Visando melhor compreensão do processo, inicialmente mensurou-se o tempo de cada etapa, com o objetivo de identificar as etapas mais demoradas e criar ações para reduzir seu tempo, conforme pode ser observado na Tabela 1.

ETAPA	TEMPO (H)
Primeira receita	01:20
Segunda receita	02:20
Produção do recheio	00:45
Produção dos brownies recheados	00:40
Produção dos brownies normais	00:25
TOTAL	05:30

TABELA 1 – TEMPOS DE RECEITA INICIAL/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2023).

Para fins de comparação futura dos dados, também foram coletadas informações sobre a produção atual, como quantidade produzida, que era de 24 brownies e defeitos no processo, como mostra a

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

tabela 2.

TIPO	QUANTIDADE POR RECEITA
Primeira receita	01:20
Segunda receita	02:20
Produção do recheio	00:45

TABELA 1 – PROBLEMAS DE QUALIDADE / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2023).

Em seguida, detalhou-se o processo em etapas para criar um fluxograma (Figura 1), que permitiu uma melhor visualização dos tempos individuais de cada item. Isso possibilitou identificar tempos de ociosidade, retrabalho e etapas desnecessárias. Utilizou-se um hexágono para representar o início dos processos, retângulos para as etapas e retângulos com bordas para tempos de espera.

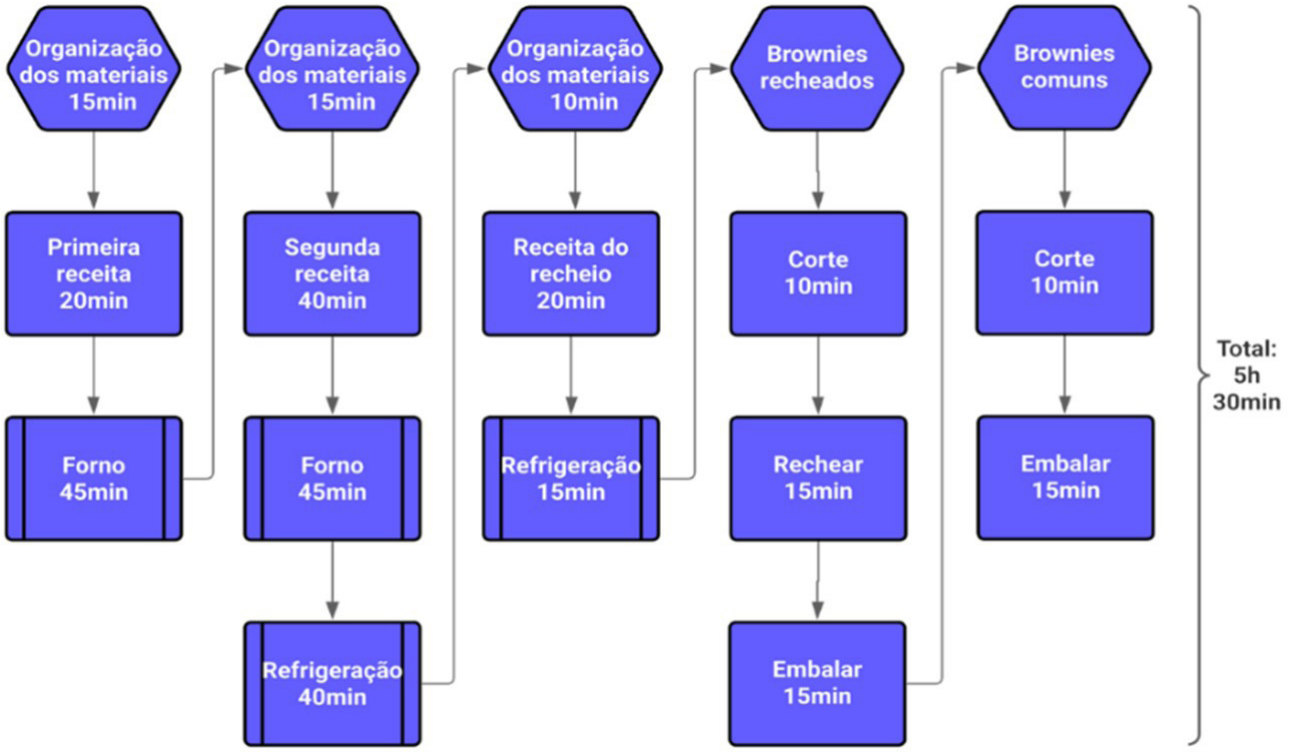


FIGURA 1 – FLUXOGRAMA INICIAL DO PROCESSO / FONTE: IBGE (2021)

Inicialmente, buscou-se maneiras de utilizar o tempo de espera para realização de outras etapas, reduzindo assim a ociosidade durante a confecção dos brownies e melhorando a eficiência. Também se notou que a separação e organização dos materiais estavam consumindo muito tempo, e que a etapa de corte, recheio e embrulho era feita em duplicidade, quando poderia ser feita simultaneamente. Além disso, também se observou que a organização dos materiais fora do processo era uma das razões para os gargalos na operação, uma vez que era realizada três vezes, demandando muito tempo.

Foi identificada a falta de uma receita que demonstrasse como cada processo deveria ser realizado e as respectivas quantidades. Também foi constatado, após discussão, que a temperatura mínima

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

do fogão estava acima da temperatura ideal indicada na receita utilizada, o que poderia resultar em brownies queimados. Por fim, ao analisar o local de armazenagem, identificou-se que uma das causas do retrabalho na organização dos materiais era a falta de padronização no armazenamento, dificultando a localização de certos ingredientes, ferramentas e máquinas.

Com todas as informações coletadas, iniciou-se o processo de criação de tarefas, especificando cada etapa utilizando o método 5W2H mencionado anteriormente, e definindo os responsáveis e prazos. Também foram criados indicadores de tempo, quantidade e defeitos para verificar a efetividade das alterações.

IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Após a execução das atividades, foi possível perceber que a etapa que mais impactou no tempo de execução foi a revisão do fluxograma de processos (Figura 2). Graças à redução do retrabalho e às alterações baseadas nas observações feitas, conseguiu-se criar um fluxograma com apenas 2 horas e 40 minutos, representando cerca de 48,36% do tempo original. Para isso, foram utilizadas as ações no fluxograma estudado anteriormente.

.

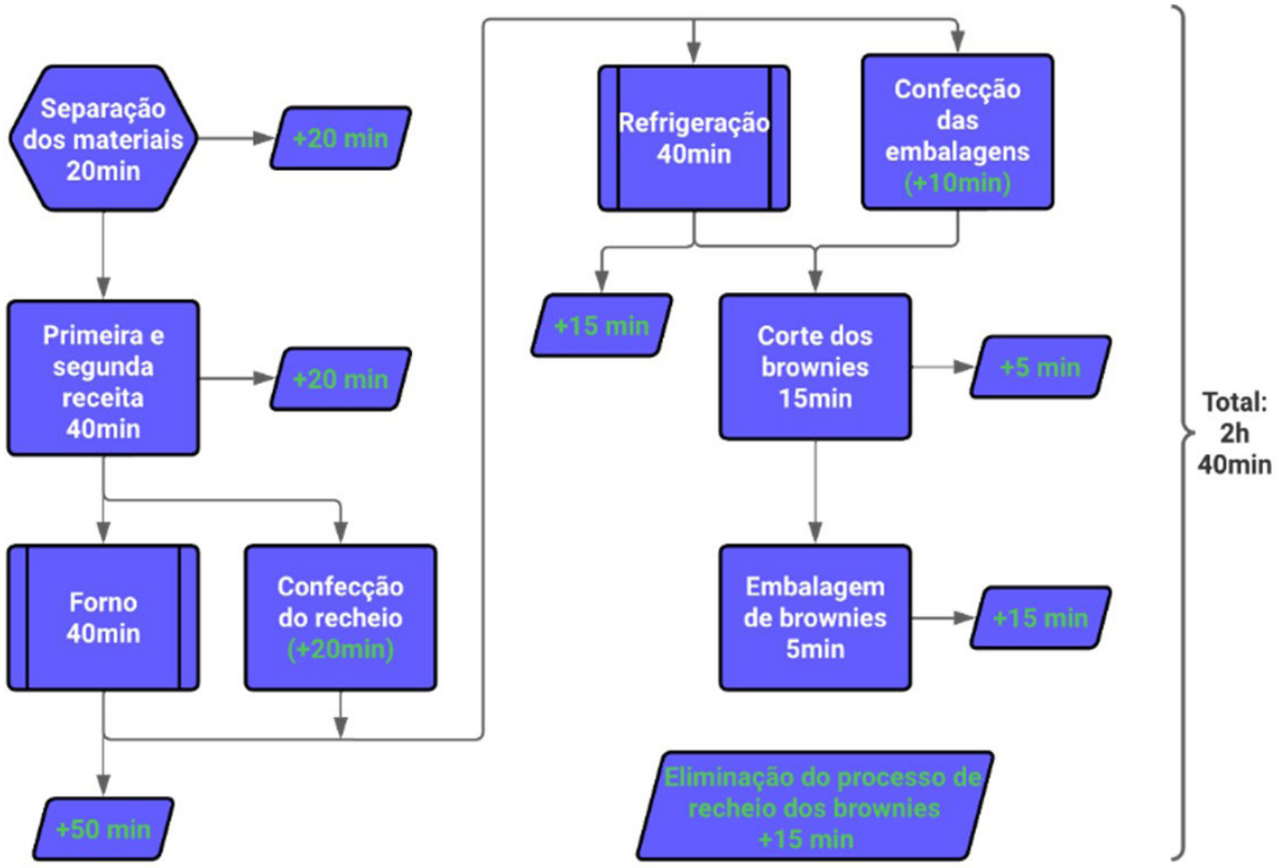


FIGURA2 – FLUXOGRAMA INICIAL DO PROCESSO / FONTE: IBGE (2021)

A separação dos materiais agora ocorre apenas uma vez no início do processo, com a padronização feita por meio da ferramenta 5S, indicando onde cada ferramenta e ingrediente devem estar. Como se trata de um ambiente doméstico compartilhado, não foi possível registrar imagens da padronização. No entanto, conseguiu-se reduzir

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

cerca de 20 minutos, conforme mostrado no novo fluxograma da Figura 2.

Como o forno era espaçoso, solicitou-se que testasse duas receitas simultaneamente, o que permitiu preparar as duas massas e colocá-las no forno ao mesmo tempo, economizando o tempo completo de uma das receitas (20 minutos e 50 minutos, respectivamente). Além disso, como não precisava do forno durante essa etapa, solicitou-se que a confecção do recheio fosse realizada durante o tempo de forno das receitas, economizando assim mais 20 minutos.

Durante o período de resfriamento das receitas, realizou-se a confecção das embalagens. Como o recheio já estava refrigerado nesse momento, propõe-se uma alteração na apresentação do recheio, agora entregue como sachê (Figura 3), permitindo que o consumidor escolhesse como e quanto aplicar o recheio. Isso também facilitou o controle de qualidade, pois qualquer defeito no recheio implicaria apenas no descarte do sachê, ao contrário do procedimento anterior, em que o brownie inteiro era descartado. Por fim, com as duas receitas sendo iguais, o corte e a embalagem eram feitos simultaneamente, reduzindo um total de 20 minutos.



FIGURA 3 – NOVO MODELO DE BROWNIE RECHEADO / FONTE: ELABORADO PELO AUTOR, (2023).

Apesar de serem pequenas, também houve melhorias nas outras tarefas. A documentação da receita e a criação do Procedimento Operacional Padrão (POP) resultaram em uma maior facilidade de consulta em relação a quantidades e tempos, reduzindo assim a quantidade de erros e defeitos no processo. Além disso, ao encontrar a temperatura ideal do forno, reduziu-se a quantidade de bordas queimadas de aproximadamente 3,3% para 1,2%. Todas as etapas foram feitas em 3 semanas, o que nos permitiu notar a melhoria progressivamente.

Portanto, ao final do processo, foi identificada uma redução de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

aproximadamente 51,64% no tempo de produção de uma receita, agora de 2 horas e 40 minutos. Com isso, foi possível realizar a receita duas vezes, com 10 minutos extras para limpeza e outras atividades. Isso resultou em um aumento de 100% na produção, que anteriormente era de 24 brownies em 5 horas e 30 minutos, para 48 brownies em 2 horas e 40 minutos, uma vez que a quantidade produzida por receita não foi alterada. Demonstrando assim que o objetivo proposto foi alcançado e muitas expectativas superadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A realização do projeto trouxe resultados positivos tanto para o aprendizado dos discentes envolvidos como também para o desenvolvimento na área de gestão da qualidade na empresa, que agora utiliza seu tempo extra para a confecção de novos produtos para venda. Apesar das dificuldades encontradas e da pouca experiência prática dos membros da equipe, os resultados alcançados foram extremamente satisfatórios e superaram às expectativas. Obteve-se o dobro do aumento na produção esperado e uma redução no tempo de receita de aproximadamente 51,64%. Assim, é possível constatar o sucesso na execução do projeto e a efetividade das ações propostas.

Graças à bem-sucedida realização do projeto de melhoria, tornou-se possível compreender de forma prática e efetiva a atuação do profissional em otimização de processos. A integração de atividades extensionistas ao currículo acadêmico permitiu a vivência de situações reais e desafiadoras para a área de engenharia de produção. Além disso, a inserção da extensão promoveu a compreensão da importância do engenheiro de produção como agente transformador nas empresas e indústrias.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Roberto Menna. **Criatividade em propaganda.** 3.ed. São Paulo: Summus, 1982.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO E FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **O Plano Nacional de Extensão Universitária Antecedentes.** Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf. Acesso: 11 Jun. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **RESOLUÇÃO No 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018.** Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso: 11 Jun. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS. **Curricularização: o que é.** Disponível em: https://portal.ifsuldeminas.edu.br/index.php/institucional-geral/3979-curricularizacao-o-que-e\. Acesso

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

em: 04 ago. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAIANO. **Extensão.** Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/cetens/extensao\. Acesso em: 04 ago. 2023.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Jogos didáticos e popularização da ciência: experiências formativas de licenciandas em química na SNCT/UFRB

MICHELE MARCELO SILVA BORTOLAI
GABRIELA ALMEIDA
YNGRID GISELLEN DE FREITAS RIBEIRO

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

didactic games and science popularization: formative experiences of chemistry undergraduates at SNCT/UFRB

RELATO
EDUCAÇÃO //

Jogos didáticos e popularização da ciência: experiências formativas de licenciandas em química na SNCT/UFRB

Didactic games and science popularization: formative experiences of chemistry undergraduates at SNCT/UFRB

PALAVRAS-CHAVE
POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA.
FORMAÇÃO DOCENTE.
JOGOS DIDÁTICOS.

RESUMO Este relato apresenta a experiência de duas licenciandas em Química na mediação de um jogo didático durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (SNCT/UFRB). O objetivo foi promover a popularização da ciência por meio de atividade lúdica e interativa sobre elementos químicos, tendo como público-alvo estudantes da Educação Básica. A atividade realizada em outubro de 2022 teve a duração aproximada de 15 minutos para cada grupo que visitou o espaço. Os resultados indicaram maior envolvimento dos estudantes e ampliação da compreensão sobre a Química no cotidiano. Conclui-se que eventos extensionistas fortalecem a formação docente, articulando teoria e prática de forma significativa.

KEYWORDS
SCIENCE POPULARIZATION.
TEACHER EDUCATION.
DIDACTIC GAMES.

ABSTRACT This report presents the experience of two chemistry undergraduates in facilitating an educational game during the National Science and Technology Week at the Federal University of Recôncavo da Bahia (SNCT/UFRB). The objective was to promote the popularization of science through a playful and interactive activity on chemical elements, targeting elementary and middle school students. The activity, held in October 2022, lasted approximately 15 minutes for each group that visited the space. The results indicated greater student engagement and an expanded understanding of chemistry in everyday life. It is concluded that outreach events strengthen teacher training by meaningfully integrating theory and practice.

Translated with DeepL.com (free version).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

MICHELE MARCELO SILVA BORTOLAI
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Doutora em Ciências.
E-mail: michelemsb@ufrb.edu.br

GABRIELA ALMEIDA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestranda em Educação em Ciências e Matemática.
E-mail: gabie15almeida@hotmail.com

THIAGO LEANDRO DA SILVA DIAS
Colégio Estadual de Tempo Integral de Amargosa. Mestra em Educação Científica, Inclusão e Diversidade.
E-mail: ygisellenf@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Com o propósito de formação de docentes-pesquisadores em ensino, as universidades estão adotando em seus programas de formação inicial, práticas formativas extensionistas que incluem a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão (Souza; Santos; Ghidini, 2019; Santos; Gouw, 2021). Este tipo de ação contribui para a formação do futuro docente da Educação Básica, resultando, assim, na melhoria da qualidade do ensino.

Nessa perspectiva, relatamos as observações realizadas por duas licenciandas em Química durante suas participações em uma experiência educacional vivenciada na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). Este foi um evento extensionista promovido pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e realizado com estudantes de Educação Básica das escolas públicas e particulares da cidade de Amargosa e do entorno, que se inscreveram na sua 19ª edição. O evento aconteceu entre os dias 25, 26 e 27 de outubro de

2022, em comemoração ao "Bicentenário da Independência: 200 anos de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil", recebendo mais de 1000 visitantes. A SNCT é um evento de divulgação e popularização da ciência, que busca apresentar para a população nacional, por meio de ações articuladas, uma conexão entre Ciência e Tecnologia.

A iniciativa foi coordenada e mediada por docentes e discentes dos cursos de Licenciatura do *campus*, integrando a comunidade e a universidade por meio de atividades lúdicas. O espaço utilizado para o evento foi dividido em estações com temáticas relacionadas aos conhecimentos de Química, Física, Matemática e Pedagogia.

No que se refere à Licenciatura em Química, organizamos a estação "Ludoquímica", que atendia estandes de jogos educativos elaborados pelos estudantes do componente curricular Didática em Educação Química. A ação apresentava-se alinhada à perspectiva de promover interações dialógicas entre licenciandos e comunidade, revendo conceitos químicos possivelmente estudados nos espaços institucionalizados, com especial destaque para a importância da tríade ensino-pesquisa-extensão para a formação inicial docente.

Optamos pelo uso do termo "jogo didático", ao invés de simplesmente "jogo", para ressaltar a intencionalidade pedagógica inerente à proposta, alinhada à formação docente e a popularização da ciência. A popularização da ciência, sob a ótica vygotskyana, é entendida como um processo de mediação cultural, no qual conhecimentos científicos são internalizados por meio de ferramentas simbólicas (linguagem, materiais didáticos, tecnologias) e interações sociais (Vygotsky, 2007).

No caso deste estudo, trazemos o jogo didático como recurso pedagógico intencionalmente elaborado para possibilitar interações por meio de troca de informações, assumindo a função de reforçar conceitos científicos já ensinados em sala de aula, articulando ludicidade e aprendizagem (Soares, 2021). Os jogos didáticos podem abranger formatos diversificados, como "jogos de tabuleiro (dominó), de cartas (super trunfo, pôquer) e trilhas (banco imobiliário)" (Soares, 2021, p. 302), cuja dinâmica, embora pautada em mecanismos repetitivos, visa à assimilação de conteúdos por meio de atividades lúdicas.

A opção por essa ação justifica-se, ainda, por seu potencial de mediação pedagógica, em que o conhecimento avança a partir da colaboração entre indivíduos mais e menos experientes. Para Vygotsky (2007, p. 103) "a aprendizagem é um processo social mediado por instrumentos culturais, como a linguagem e os signos". Nesse sentido, o jogo didático transcende a "mecanicidade"(Soares, 2021), motivando a participação e a reflexão, à medida que os participantes avançam em sua compreensão, utilizando signos culturais como mediadores cognitivos culturalmente situados.

O jogo didático pode ser planejado em todo o seu processo, desde a sua elaboração até a sua realização, de modo que não tenha um viés apenas recreativo, mas, principalmente, educacional. A sistematização de um jogo didático, auxilia na compreensão de seu impacto na apreensão de conhecimentos. Como ressalta Kishimoto (2011, p. 45), a efetividade pedagógica desse recurso está intrinsecamente vinculada a uma "intencionalidade educativa claramente definida em

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

seu planejamento". Sendo assim, a utilização de atividades lúdicas, sobretudo em componentes que exigem um pouco mais de abstração, oportuniza o desenvolvimento cognitivo e estimula o potencial dos alunos, possibilitando a atribuição de maiores significados às temáticas trabalhadas.

No âmbito do ensino de Química, os jogos didáticos configuram-se como dispositivos pedagógicos capazes de transpor a abstração característica da disciplina para uma dimensão concreta e com maior significado simbólico. Esse processo de significação ocorre de forma progressiva, à medida que os estudantes estabelecem relações entre os conceitos científicos e suas manifestações no cotidiano, corroborando a perspectiva vygotskyana de que a aprendizagem se consolida por meio da internalização de instrumentos culturais mediados (Vygotsky, 2007).

A ideia de Cunha (2012) de que os jogos ajudam na recuperação da aprendizagem por meio da experiência e da participação dos estudantes faz sentido quando pensamos na mediação cognitiva. Nesse contexto, o jogo didático funciona como um sistema de signos que facilita a criação de significados em comum, conforme explica Vygotsky (2007).De modo semelhante, as interações durante o jogo criam espaços dialógicos para articulação entre conceitos abstratos e aplicações práticas, demonstrando que o caráter epistemológico do jogo didático reside em sua dupla natureza: a lúdica, que engaja e motiva os participantes e a cognitiva, que estrutura o pensamento através de desafios progressivos.

Diante do exposto, este relato de experiência buscou destacar as potencialidades formativas da participação de licenciandas em Química na organização e mediação de um jogo didático elaborado a partir de uma perspectiva vygotskyana, isto é, enquanto instrumento mediador que promoveu interações dialógicas entre licenciandos e estudantes da Educação Básica, articulando ludicidade e aprendizagem para a popularização da ciência. Ao relatar essa experiência, esperamos contribuir para a reflexão sobre estratégias inovadoras no ensino de Química, destacando o potencial dos jogos didáticos como ferramentas pedagógicas intencionais, capazes de transformar conceitos abstratos em conhecimentos acessíveis e contextualizados.

METODOLOGIA Para fins desta narrativa, descrevemos as observações de duas licenciandas em Química ao planejarem e realizarem o jogo didático intitulado "Tabuleiro dos Elementos Químicos" na SNCT, contendo questões contextualizadas com situações do cotidiano. De acordo com Libâneo (2013), a formação inicial de professores deve articular os conhecimentos científicos, pedagógicos e as experiências práticas vivenciadas em contextos reais de atuação, superando a dicotomia entre teoria e prática. Nessa perspectiva, os eventos de extensão constituem espaços formativos fundamentais, pois favorecem a imersão do licenciando em realidades educativas diversas, possibilitando a análise crítica, a intervenção consciente e a construção de saberes docentes contextualizados.

O jogo didático foi concebido não apenas para familiarizar os estudantes com a Tabela Periódica, mas principalmente para estimular reflexões sobre como os elementos químicos se manifestam em objetos e

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

situações do cotidiano. Para otimizar a participação e a interação, organizamos as turmas visitantes em pequenos grupos de cinco estudantes cada, permitindo uma dinâmica mais envolvente e participativa.

A dinâmica do jogo foi estruturada da seguinte forma: cada grupo selecionava um representante para atuar como "peão" no tabuleiro. Estes posicionavam-se diante do tabuleiro - montado sobre tatames no chão para facilitar a interação física com os participantes - e iniciavam o jogo lançando o dado. O número obtido determinava quantas casas o peão deveria avançar. Ao alcançar a casa correspondente, os mediadores (licenciandas) forneciam pistas contextualizadas que auxiliavam o grupo a identificar qual elemento químico estava sendo referenciado. Esse sistema de dicas, entregues durante o desenrolar do jogo, possibilitava a interação entre os participantes, que relacionavam as características dos elementos com suas aplicações cotidianas (Figura 1).



FIGURA 1 – DISPOSIÇÃO DO TABULEIRO DOS ELEMENTOS QUÍMICOS NOS TATAMES / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA. (2022)

Ta dinâmica competitiva do jogo estabelecia que: 1- quando o participante-peão acertava o elemento químico com base nas pistas fornecidas, avançava-se uma casa; 2- respostas incorretas resultavam em retrocesso de uma casa ou na transferência da vez para o grupo adversário; 3- durante todo o processo, o representante podia consultar e receber auxílio dos membros de sua equipe. A vitória era concedida ao grupo cujo peão alcançasse primeiro a linha de chegada no tabuleiro. Cabe ressaltar que, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa, todas as imagens registradas foram devidamente tratadas com efeito de desfoque para preservar o anonimato dos participantes e garantir a proteção de suas identidades.

Complementando a dinâmica do jogo, desenvolvemos um conjunto de 25 cartas contendo pistas contextualizadas (dicas) que relacionavam os elementos químicos da Tabela Periódica com suas aplicações práticas em compostos do cotidiano. Cada carta apresentava indícios sobre propriedades dos elementos, exemplos de compostos formados por esses elementos e aplicações tecnológicas ou cotidianas dessas substâncias (Quadro 1).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ELEMENTOS QUÍMICOS	DICAS	ELEMENTOS QUÍMICOS	DICAS
Hidrogênio	Quando dois átomos desse elemento se juntam ao oxigênio, forma-se a molécula de água.	Oxigênio	Principal elemento que utilizamos para respirar.
Carbono	Está presente em todas as moléculas orgânicas.	Cálcio	Está presente em nossos ossos.
Lítio	É um dos principais materiais na composição da bateria.	Cloro	É utilizado para o tratamento de água, além de estar presente no sal de cozinha.
Nitrogênio	No estado líquido, pode ser usado na fabricação de sorvete.	Ferro	Um dos principais metais utilizados em construções, por ter característica rígida, sendo utilizado para sustentação.
Cobre	Este elemento é um bom condutor de energia, e está presente em fios de eletricidade.	Alumínio	Presente nas panelas.
Zinco	Muito utilizado em ligas metálicas e na proteção de metais, evitando a corrosão.	Magnésio	Seu nome é associado a uma bebida que possui função de laxante e combate a acidez estomacal.
Ouro	Metal presente nas medalhas para o primeiro colocado em competições.	Prata	Metal presente em medalhas para o segundo colocado em competições

TABELA 1 – EXEMPLOS DE DICAS CONTIDAS NAS CARTAS UTILIZADAS NO JOGO DE TABULEIRO/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2022).

Nosso primeiro contato com os participantes foi planejado para criar um clima de familiaridade com o espaço físico e os mediadores (licenciandas), objetivando estabelecer uma relação de proximidade entre os grupos visitantes e o jogo-didático que seria praticado. As discussões iniciais foram elaboradas a partir de uma linguagem acessível e adequada ao público-alvo; a complexidade também foi ajustada ao limitado tempo de permanência no estande (10-15 minutos por grupo), de modo a garantira participação a todos os visitantes do evento.

Ressaltamos que a mediação ativa das licenciandas, aliada ao caráter colaborativo da atividade, possivelmente reforçou o potencial do jogo didático como ferramenta de popularização da ciência, em consonância com os princípios vygotskyanos de aprendizagem socialmente mediada.

TEM QUÍMICA NO JOGO? TEM JOGO NA QUÍMICA? NOSSAS OBSERVAÇÕES

No início da atividade, quando questionados sobre como percebiam a química em seu cotidiano, a maioria dos participantes demonstrava dificuldade em identificar essas conexões. As respostas iniciais revelavam uma visão distanciada da

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ciência no dia a dia. Porém, ao final do jogo didático, ao repetirmos o mesmo questionamento, o cenário havia se transformado: os estudantes reconheciam exemplos concretos da presença da química em suas vidas, assim como, destacavam sua relevância. Essa mudança de percepção foi acompanhada de um envolvimento crescente durante a atividade – os participantes debatiam entre si, interpretavam as dicas oferecidas pelos mediadores e, movidos por curiosidade, formulavam novas perguntas que iam além do conteúdo proposto inicialmente.

Outro ponto que merece destaque é nossa percepção acerca da euforia dos participantes mais novos (Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais) para iniciarem o jogo. Segundo Vygotsky (2007, 2008), a euforia pode ser entendida como uma resposta natural ao caráter lúdico e simbólico do jogo, que está alinhado com a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) das crianças. Ou seja, o jogo é uma atividade desafiadora e acessível, pois elas já têm familiaridade com brincadeiras estruturadas.

Entretanto, observamos que esta situação se diferenciava com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, que apresentaram, a priori, rejeição ou timidez, mas acabavam se empolgando ao longo da atividade, demonstrando entusiasmo. Nessa fase, os adolescentes estão em um estágio de desenvolvimento em que a interação social inclui a preocupação com a imagem perante o grupo. No entanto, à medida que a atividade se mostra socialmente válida e os alunos percebem que podem colaborar, o entusiasmo emerge, reduzindo a resistência inicial. Isso mostra que, mesmo com reações distintas, o jogo cumpre um papel importante no desenvolvimento, desde que adequadamente mediado e contextualizado para cada faixa etária.

Notamos, também, que os alunos possuíam certa dificuldade para falar o nome do elemento químico quando algumas das cartas/dicas eram apresentadas; porém, quando apresentávamos a sua utilidade em um contexto com significado, percebíamos que os estudantes conseguiam estabelecer relações com aspectos do cotidiano que fazem parte de seu contexto de vida mais imediato. Por exemplo, na dica do elemento Rádio, falamos que ele é muito utilizado em tratamentos de doenças cancerígenas, como a radioterapia. Neste momento, percebemos que o silêncio era predominante e que os participantes se entreolharam para conferir a reação dos demais colegas frente à informação recebida.

Na ocasião, compreendemos a importância de que a linguagem utilizada pelo mediador seja familiar ao público com o qual se queira dialogar. A língua falada não deve ser abstrata e inatingível, principalmente, por entendermos que a maior parte dos conteúdos científicos já o são. Por meio da linguagem, estabelecemos a relação de proximidade entre o mediador-conhecimento-aluno (Moraes, 2010; Vygotsky, 2008).

A linguagem e as estratégias utilizadas com a realização do jogo didático podem ser observadas, também, quando os

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

estudantes estabeleceram relações entre o conhecimento já apreendido em outros momentos de suas vivências e o conceberam para encontrar uma resposta ao questionamento apresentado pelos mediadores (licenciandas). Isto é, os participantes se articularam em grupo para encontrar uma resposta à situação proposta, utilizando os saberes de senso comum. Esse argumento é evidente a partir da troca de conhecimentos entre mediadores e participantes, conforme a interação ocorrida (*vide* Quadro 2).

[mediadores-licenciandos]: O que é que diferencia o ferro que obtemos quando a gente come feijão e carne, por exemplo, do ferro que encontramos nas panelas das cozinhas da nossa casa?
[grupo A]: Mas não é tudo o mesmo ferro?
[grupo B]: A pergunta já deixa claro que existe uma diferença [...]. Ah, já sei, é igual quando minha mãe foi na nutricionista e ela disse pra não cozinhar em panela de ferro e alumínio [...].
[grupo A]: Então deve ser que um faz mal para saúde e o outro faz bem.
[mediadores-licenciandos]: Mas porque um "faz mal" e o outro "faz bem"?

TABELA 2 – DIÁLOGO ENTRE MEDIADORES-LICENCIANDOS E ESTUDANTES/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2022).

O diálogo entre os mediadores (licenciandas) e os grupos A e B ilustra um processo de construção colaborativa do conhecimento, no qual a interação social e a mediação linguística desempenham papéis centrais.A pergunta inicial feita pelos licenciandos funciona como um estímulo mediador, criando um conflito cognitivo que impulsiona a discussão. Essa estratégia é típica da ZDP, pois os estudantes não possuíam, inicialmente, a resposta pronta, mas foram capazes de avançar em sua compreensão por meio do diálogo.

A resposta do grupo A - "Não é tudo o mesmo ferro?" - revela um conhecimento espontâneo (baseado no senso comum), que entra em contradição com a pergunta, indicando a necessidade de mediação para alcançar um conhecimento científico. Nesse momento, ocorreu a intervenção do Grupo B – "Ah, já sei..." – em que um dos participantes recorre a uma experiência pessoal mediada culturalmente (a consulta da mãe à nutricionista), demonstrando como o conhecimento é construído socialmente.

Notamos que o diálogo realizado entre os participantes e os licenciandos ajudou na organização do pensamento. Inicialmente, o grupo A fez uma generalização, dizendo: "é tudo o mesmo ferro" - mas, após a provocação do grupo B: "A pergunta já deixa claro que existe uma diferença" - reformula sua ideia, afirmando: "Então deve ser que um faz mal para saúde e o outro faz bem". Ao final, a pergunta dos mediadores: "Por que um faz mal e o outro faz bem?" direciona o grupo para um nível superior de abstração, incentivando a busca por explicações causais (não apenas descritivas), mostrando que a aprendizagem é um processo inacabado e dinâmico, sempre mediado pelo social.

Ao final da atividade, os estudantes revelaram que embora conhecessem a existência dos elementos químicos, não conseguiam estabelecer conexões significativas entre esses conhecimentos e seu cotidiano. Essa dificuldade espelha um desafio mais amplo no ensino de ciências - o persistente abismo entre o conhecimento científico

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

formal e suas manifestações no mundo vivido.

A experiência demonstrou ainda o significativo potencial pedagógico do material desenvolvido. Além de sua aplicação como ferramenta de ensino, o jogo didático revelou-se um instrumento de avaliação formativa, possibilitando aos docentes identificar tanto os avanços conceituais dos estudantes quanto as dificuldades persistentes em sua compreensão dos fenômenos químicos. Destacamos ainda, que o recurso permite sua adaptação a diversos contextos educacionais, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com adequações necessárias a cada etapa de desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Os resultados deste estudo evidenciam que a experiência extensionista desenvolvida no âmbito da SNCT/UFRB constitui-se como um espaço formativo estratégico, no qual a articulação entre ensino, pesquisa e extensão se concretiza na formação inicial de professores. A participação das licenciandas na organização e mediação do jogo didático possibilitou a vivência de práticas pedagógicas em contextos reais, favorecendo o desenvolvimento de saberes docentes pautados na reflexão, na interação social e na adequação da linguagem científica a diferentes públicos.

Sob a perspectiva da popularização da ciência, a atividade reafirma o papel da extensão universitária como elo entre a universidade e a sociedade, ao promover a circulação de conhecimentos científicos em linguagem acessível e contextualizada. Ao aproximar conceitos químicos do cotidiano dos estudantes da Educação Básica, a proposta contribuiu para a ressignificação de suas percepções sobre a Química, reduzindo o distanciamento entre o conhecimento científico e suas experiências vividas. Por fim, destaca-se que a extensão universitária reafirma o compromisso social da universidade pública com a democratização do conhecimento, consolidando-se como um caminho relevante tanto para a formação docente quanto para a popularização da ciência.

REFERÊNCIAS

CUNHA, M. B. Jogos no Ensino de Química: considerações teóricas para sua utilização em sala de aula. **Química Nova na Escola**. v. 34, n. 2, p. 92-98, maio, 2012.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** Petrópolis: Vozes, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** 6ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAES, R. O significado do aprender: linguagem e pesquisa na reconstrução de conhecimentos. **Conjectura**, v. 15, n. 1, jan./abr., 2010.

SANTOS, P. M.; GOUW, A. M. S. Contribuições da curricularização da extensão na formação de professores. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 12, n. 34, p. 922-946, 2021.

SOARES, M. H. F. B. Concepções teóricas/epistemológicas do jogo e a epistemologia genética de Jean Piaget: delineamentos para um ensino de química lúdico. **Debates em Educação**, Maceió, v. 13, n. Especial 2, p. 290-305, 2021.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

27ª ED. VOL. 1 2026

REC

SOUZA, G. A. P.; SANTOS, B. M.; GHIDINI, A. R. Experiências da extensão universitária na formação de professores de ciências. **Scientia Naturalis**, Rio Branco, v. 1, n. 5, p. 130-139, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed., p. 159. 2008.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
CULTURA E ARTES //

Não ler custa caro: a experiência de um clube de leitura na formação de novos leitores

ROSA ALENCAR SANTANA DE ALMEIDA
VITÓRIA ARAÚJO DE ALELUIA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Not reading is expensive: the experience of a reading club in training new readers

Não ler custa caro: a experiência de um clube de leitura na formação de novos leitores

Not reading is expensive: the experience of a reading club in training new readers

PALAVRAS-CHAVE
RELATO.
LIVROS.
CETEC.
UFRB.

RESUMO O presente trabalho se debruça sobre a prática da leitura compartilhada em um grupo aberto à comunidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Trata-se de um relato construído a partir das vivências durante o período de vigência do projeto "Clube de Leitura CETEC". O objetivo é apresentar a dinâmica usada e os resultados obtidos. Aqui também estão apresentados alguns dos produtos elaborados, a exemplo de episódios de podcast e resenhas literárias. Pretende-se demonstrar o valor de iniciativas como essa, além de fortalecer a leitura como elemento de cultura e conhecimento.

KEYWORDS
REPORT.
BOOKS.
CETEC.
UFRB.

ABSTRACT This work focuses on the practice of shared reading at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). It is a report built upon experiences during the implementation of the "Clube de Leitura CETEC" project. The aim is to present the dynamics used and the results achieved. This report also showcases some of the materials produced, such as podcast episodes and literary reviews. The intention is to demonstrate the value of initiatives like this, as well as to reinforce reading as a means of culture and knowledge.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ROSA ALENCAR SANTANA DE ALMEIDA
Doutora em Energia e Ambiente (CIENAM – UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: rosaalencar@ufrb.edu.br

VITÓRIA ARAÚJO DE ALELUIA
Graduanda em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: vitoriaaraujojornalismo@aluno.ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Com a popularização da internet e o desenvolvimento de tecnologias baseadas em inteligência artificial, observou-se um aumento significativo no volume de informações e notificações transmitidas por dispositivos eletrônicos, como computadores e smartphones. Esse cenário tem contribuído para a fragmentação da atenção e, consequentemente, para a redução da disposição à leitura de textos mais densos e extensos, como artigos acadêmicos e obras literárias, tanto em formatos impressos quanto digitais. Segundo dados da pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", realizada pelo Instituto Pró Livro (IPL) e divulgada recentemente (2024), somente 47% dos brasileiros têm o costume de ler. Ademais, nos últimos dez anos este número vem caindo: em 2015 o percentual de entrevistados que se declarava leitor era de 56%. De acordo com a mesma fonte, a média de livros lidos por pessoa.ano-1 no Brasil caiu de 4,95 para 3,96 livros, entre os anos de 2019 e 2024, sendo que na região nordeste foram lidos apenas 2,88 livros por pessoa, em 2024. No recorte por escolaridade, os leitores estudantes leram 3,50 e 2,58 livros por pessoa, respectivamente, em 2019 e 2024, mostrando um decaimento substancial (PROLIVRO, 2024).

Ao apreciar os números desta pesquisa, Malgarezi e Milaneze (2025) classificam como urgente a definição de políticas públicas e outras ações para incentivar o hábito da leitura no Brasil. Sob o olhar destes autores, criadores do "Clube de Leitura Leia-se" em 2018, os

clubes de leitura são espaços importantes para esta investida pois desfazem narrativas dominantes que limitam o acesso à literatura criando condições de diálogo coletivo, permitem novos significados ao tempo e promovem novas experiências estéticas (Malgarezi e Milaneze, 2025). Ao analisar os seis anos de caminhada do "Clube de Leitura Leia-se", nos quais foram lidos 76 livros, em sua maioria romances (70%), os seus mentores destacam o coletivo como um exemplo de dispositivo cultural potente na formação de leitores, principalmente em face aos dados inquietantes sobre a queda no hábito de leitura no país.

De maneira semelhante, Marra et al (2024) ao analisar os resultados obtidos com a criação e atuação do Clube de Leitura Leia Mulheres: Século XIX, concebido para fomentar a leitura literária no âmbito da Faculdade de Letras da Universidade Estadual do Ceará, em Fortaleza, reconhecem os benefícios da iniciativa. A trajetória do clube contou com dez encontros, na sua maioria presenciais, no período de maio de 2023 a maio de 2024, nos quais foram discutidas sete obras (ou coletâneas) escritas no período definido no próprio título do clube. Na avaliação das autoras, para além das dificuldades na disponibilidade das obras selecionadas, a experiência foi exitosa, pois proporcionou momentos de descontração em algumas situações e a fidelização do público demonstrou qualidade na experiência (Marra et al, 2024).

A partir do relato destas experiências observa-se a conveniência e os benefícios que podem advir de ações que fomentem nos estudantes o hábito da leitura, muitas vezes ainda não consolidado quando eles e elas adentram à universidade. Esse incentivo, por meio da criação de clubes de leitura desvinculados das grades curriculares, agregando estudantes de variados cursos, para a escolha democrática e leitura de romances, contos, ensaios e outros gêneros literários, é perfeito. Quanto maior a diversidade de público, maiores são os benefícios. A seleção das leituras deve começar com temas atuais ou com os quais o estudante mais se identifica, despertando, assim, a curiosidade e o interesse por explorar novos autores, gêneros literários variados e, gradualmente, avançar para conteúdos e universos até então desconhecidos. A dificuldade em ler, interpretar textos, organizar as ideias, expressar uma opinião, seja de forma oral ou escrita, e defender argumentos pode ser suplantada pelo hábito da leitura.

Assim, a criação de um clube de leitura de livros literários torna-se uma atitude relevante para incentivar a formação de novos leitores. Participar de um clube de leitura é um exercício do fazer democrático: todos falam e ouvem, um aprende com o outro. É um espaço para reflexão sem a cobrança da sala de aula. É a união entre o lúdico e o crítico.

No entanto, esta iniciativa envolve vários desafios e oportunidades, principalmente no que se refere à adesão e retenção de integrantes, seleção de livros e organização de discussões, com participação efetiva dos membros.

O Clube de Leitura do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CETEC/UFRB) foi criado por iniciativa de professores daquele centro de ensino e ampliado a toda a comunidade acadêmica (servidores, docentes e discentes) da

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

UFRB. Trata-se de um grupo de leitores que estiveram interligados e se reuniram para debater sobre obras literárias e suas temáticas sociais. O diferencial do Clube residiu na sua pluralidade, tanto nas sugestões como em material colaborativo. O objetivo foi despertar o interesse pela leitura e fortalecer o senso crítico, para que os participantes, e principalmente o aluno não obtenha somente o diploma, mas também o conhecimento de fato, aplicável na vida cotidiana. Além disso, o Clube buscou combater a arrogância intelectual e integrar os que fazem parte da academia, evitando que o estudante se feche para o mundo, pelo contrário: reconheça a importância de todos que o cercam, reconheça suas limitações, aprenda e busque a equidade.

Este trabalho relata a experiência da segunda edição do projeto Clube de Leitura CETEC/UFRB, realizada no período de 15 de março a 14 de dezembro de 2023, no formato híbrido, com reuniões virtuais mensais, e finalizado com um grande evento presencial no mês de dezembro/2023. As reuniões mensais se constituíram em fóruns onde os participantes puderam expressar suas opiniões, gostos, debater os pontos de vista do autor e principalmente descobrir a poética da leitura. O evento presencial, realizado no dia 13 de dezembro de 2023, no formato de ciclo de debates intitulado "Encontro de leitores do Clube de Leitura CETEC" foi o momento para compartilhar as experiências vivenciadas no decorrer da segunda edição do projeto. Vale destacar que o projeto não teve o intuito de realizar uma "análise literária" da obra indicada e não pretendeu discutir artigos, dissertações e teses da área de ciências exatas. A proposta foi de formar leitores, fomentar o prazer pelo gosto de ler e de abrir um livro e descobrir sensações de dimensão afetiva e/ou argumentativa. Acredita-se que assim cumpriu dois grandes objetivos: estimular a leitura junto aos estudantes e criar um ambiente acolhedor e descontraído para que eles continuassem a experimentar a vivência universitária, interagissem com seus pares e mantivessem o contato com os colegas extramuros da sala de aula. O projeto atuou como um mediador entre a literatura e os seus integrantes, de modo a convidar cada um a conhecer mais e partilhar com os demais, de forma a combater a ignorância e instigar a curiosidade, a busca pelo saber e o prazer do conhecimento.

METODOLOGIA A consecução dos objetivos do Clube do Livro CETEC exigiu atuação em três instâncias: produção de conteúdo para divulgação, encontros mensais com leitores, preparação e realização do evento presencial. As duas primeiras ocorreram de forma simultânea no âmbito do projeto Clube do Livro CETEC, a última se deu com o apoio de um edital voltado a eventos acadêmicos:

➲ PRODUÇÃO DE CONTEÚDO PARA DIVULGAÇÃO:

Para envolver e estimular os estudantes e outros membros da comunidade acadêmica a aderir e participar do clube de leitura, foram elaboradas estratégias por meio da produção de conteúdos digitais com um combo semanal de publicações que contribuíram para manter a plataforma ativa durante toda a permanência do projeto.

Ao tornar esse ambiente virtual mais interativo e dinâmico, objetivou-se que os estudantes se sentissem acolhidos e estimulados a criar o hábito diário da leitura e compartilhar suas ideias.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Foram produzidos conteúdo para as seguintes mídias e redes sociais: Instagram, Blogger, Spotify e YouTube, com a participação da equipe do projeto e com a colaboração de convidados.

➲ MONTAGEM DOS ENCONTROS MENSAIS:

Os ciclos de debates mensais, com duração de até 1 hora e 30 minutos, ocorreram na última segunda-feira dos meses de julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 2023. A opção pela plataforma online Google Meet teve o propósito de abranger um público maior, para além dos graduandos do centro de ensino. Os encontros foram registrados no Sistema de Gestão das Atividades Acadêmicas (SIGAA) como atividades de extensão e a divulgação dos encontros foi realizada por meio das redes sociais do clube, com o objetivo de incentivar uma maior participação dos estudantes. Na primeira edição foram apresentados os objetivos do clube, compartilhadas opiniões sobre as obras literárias a serem lidas, e selecionadas as obras que comporiam a primeira enquete para escolha do primeiro livro a ser lido. Nos demais encontros foram apresentadas as resenhas da obra literária do mês, realizadas rodadas de debates sobre a obra e feita curadoria daquelas que participariam da enquete para escolha da próxima leitura. A votação da enquete aconteceu por meio de postagem na rede social Instagram (@clubedeleituracetec), na qual os votantes puderam escolher um dos livros indicados pela curadoria.

➲ MONTAGEM DO CICLO DE DEBATES PRESENCIAL:

Um ciclo de debates de encerramento celebrou as conquistas do clube. O evento foi contemplado com edital de Apoio à realização de Eventos Acadêmicos (Edital nº 13/2023), deste modo para sua consecução foram cumpridas as seguintes etapas: elaboração e submissão da proposta, divulgação, contatos com palestrantes convidados, e por fim realização do evento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES Como resultado principal tem-se a adesão de participantes, participação ativa nos debates, e por fim o evento presencial em 13 de dezembro de 2023, ou seja, a formação efetiva de novos leitores. Entretanto, para que tais objetivos fossem alcançados também foram produzidos conteúdos digitais para difusão do clube.

Os conteúdos digitais funcionaram como plataformas de divulgação das atividades do Clube de Leitura, e mais ainda permitiram que colaboradores externos, expressassem por meio de resenhas e entrevistas suas opiniões sobre obras literárias de vários gêneros. A Figura 1 mostra dois artefatos visuais de divulgação dos conteúdos do clube.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 1 – ARTEFATOS VISUAIS DE DIVULGAÇÃO DO CLUBE DE LEITURA CETEC /FONTE: EACERVO DO PROJETO (2023).

➔ REDE SOCIAL @CLUBEDELEITURACETEC

As redes sociais representam o ambiente de inserção digital mais utilizado para compartilhamento de fotos e vídeos, além de permitirem a publicação de comentários e mensagens diretas, entre os usuários. Assim, foi criado um perfil na rede social Instagram, para postagem das atividades do clube, sugestões dos colaboradores, enquetes, e outros conteúdos. A Figura 2 apresenta as estatísticas de uso da conta no período de atuação do clube, mostrando que foram realizadas 182 publicações.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA2 – ESTATÍSTICA DE USO DO PERFIL @ CLUBEDELEITURACETEC NO INSTAGRAM / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA. (2022)

BLOG "CLUBE DE LEITURA CETEC"

As plataformas de blog (contração dos termos em inglês web e log, ou seja, "diário da rede") permitem que sejam divulgados conteúdos em formatos similares aos sites, e assim são bastante utilizados para escrita e difusão de textos. Assim, utilizou-se a plataforma Blogger para divulgação de textos, ilustrações e resenhas produzidos pela equipe e por voluntários, leitores contumazes, que gentilmente compartilharam suas experiências literárias. Esta iniciativa foi muito importante para divulgação do clube, e acresceu sobremaneira o conteúdo proposto no projeto. Foram realizadas quarenta e cinco postagens, com destaque para as resenhas de livros literários escritas pelas convidadas e convidados externos ao clube, a exemplo das apreciações sobre os livros: "Mulheres que mordem", de Beatriz Leal, escrita por Darlene Bento, integrante do Clube de Leitura Veredas (Brasília – DF) e "Detalhe menor", de Adania Shibli, narrada por Pedro Brito, doutorando na UNICAMP (SP) onde estuda as relações entre ficção, literatura e fotografia. Todos os textos podem ser acessados no link https://clubedeleituracetec2023.blogspot.com/. O site uniu diversos materiais, de sugestões de adaptações de livros até matérias sobre o clube

PODCAST "LEITORES CONECTADOS"

Foram produzidos seis episódios, publicados na plataforma gratuita do serviço digital de streaming de música, podcasts e vídeos digital Spotify. A Tabela 2 apresenta um resumo dos episódios com uma breve descrição e duração dos conteúdos, que estão disponíveis no link https://open.spotify.com/show/4yWDuetDEQmM9kO6KrjRsE.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

TABELA 1 – EPISÓDIOS DO PODCAST "LEITORES CONECTADOS

Episódio	Descrição / Duração
Leitores conectados (Trailer)	Apresentação do podcast aos leitores (29seg).
Livros versus filmes	Versa sobre a adaptação de obras literárias para o audiovisual (14min31seg).
Resenha em áudio: O Caçador de Pipas	Análise em áudio de uma obra tocante, O caçador de pipas (20min19seg).
Resenha em áudio: A Biblioteca da Meia-Noite	Destaca uma obra literária lida no Clube chamada "A biblioteca da meia-noite" (17min43seg).
Resenha em áudio: "Meu corpo virou poesia" de Bruna Vieira	Análise sobre o livro de poesia de Bruna Vieira, "Meu corpo virou poesia" (15min6seg).
Resenha em áudio: "O Avesso da Pele" de Jefferson Tenório	Aspectos da história narrada, tendo como ponto de partida as discussões iniciadas na reunião mensal do grupo (40min18seg).
Não ler custa caro	Sobre as possibilidades de leitura de forma gratuita, tanto no meio físico como digital (11min32seg).

TABELA 1 – EPISÓDIOS DO PODCAST "LEITORES CONECTADOS / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2022).

O podcast tem esse nome devido à iniciativa de ter participação mais ativa nas redes sociais, no segundo momento do projeto. O primeiro episódio, "Livros versus filmes", se tornou um dos quadros mais explorados no blog. O último episódio é o que carrega a essência do projeto: expandir as possibilidades de leitura, mesmo em meio a dificuldades como a vulnerabilidade socioeconômica.

➲ CANAL YOUTUBE "CLUBEDELEITURA CETECUFRB"

Foram postados 16 vídeos com o conteúdo do podcast do Clube e com a produção das artes digitais que compõem a parte visual do projeto. Utilizou-se a plataforma de site e aplicativo YouTube, um dos ambientes mais populares de envio, visualização e compartilhamento de vídeos. O resultado está disponível para visualização no canal https://youtube.com/@clubedeleituracetecufrb. A Tabela 3 contempla o título de todos os vídeos postados.

TÍTULO DO VÍDEO
Nota coberta: evento presencial
Despedida 2023
Vídeo: Encontro de Leitores 2023
Encontro de leitores: palestra com Sandra Roza
Encontro de leitores: palestra com Sarah Roberta
Livros versus filmes
Resenha em áudio: O Caçador de Pipas

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Resenha em áudio: A Biblioteca da Meia-Noite
Resenha em áudio: “Meu corpo virou poesia” de Bruna Vieira
Resenha em áudio: “O Avesso da Pele” de Jefferson Tenório
Não ler custa caro
Resenha em áudio: Querem nos calar
Tudo é rio: resenha em áudio com participação especial de Maria Penha Lírio Almeida
Primeiro episódio: Entrevista com Ruth Moraes
Capa do podcast, episódio 1
Welcome

TABELA 1 – EPISÓDIOS DO PODCAST “LEITORES CONECTADOS / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2021).

➲ CICLOS DE DEBATES MENSAIS

Os debates mensais objetivaram apresentar o livro do mês e estimular a discussão do conteúdo apreendido com a leitura do título proposto. Foram realizadas quatro ações, nos meses de julho/2023 a novembro/2023, todas elas com a seguinte pauta: (1) abertura e apresentação da agenda do encontro; (2) apresentação da Ficha Literária do livro do mês; (3) debate de opinião entre os leitores, com moderação da coordenadora do clube; (4) encaminhamentos para seleção do livro do próximo mês; (5) encerramento. A Tabela 4 apresenta os resultados de cada uma das edições dos debates, com destaque para a coluna dedicada aos livros propostos pela curadoria e a obra literária selecionada na enquete (em negrito), e que foi lida pelos participantes e discutida no encontro mensal. Observa-se nos títulos propostos e escolhidos uma diversidade de gêneros literários, que pode sugerir heterogeneidade do público votante nas cinco edições.

MÊS	ENQUETE	AUTOR	GÊNERO
Julho	**O jardim das borboletas: Nem toda beleza será capturada**	Dot Hutchison	Suspense psicológico
	Despertar os Leões	Ayelet Gundar-Goshen	Ficção literária
	A mística feminina	Betty Friedan	Não ficção
	Entre quatro paredes	B. A. Paris	suspense
Agosto	**O Avesso da Pele**	Jeferson Tenório	ficção literária
	Luanda, Lisboa, Paraíso	Djaimilia P. de Almeida	ficção literária
	O amor nos tempos do cólera	Gabriel García Márquez	Realismo mágico
	Profissões para mulheres e outros ensaios	Virgínia Wolf	ficção literária

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

	Vermelho, branco e sangue azul	Casey McQuiston	romance
Setembro	Uma escritora de matar	Finlay Donovan	suspense
	A Pediatra	Andrea Del Fuego	ficção literária
	Layla	Colleen Hoover	suspense
	A biblioteca da meia-noite	Matt Haig	literatura fantástica
Outubro	Na minha pele	Lázaro Ramos	autobiografia
	A palavra que resta	Stênio Gardel	ficção
	A noite das bruxas	Agatha Christie	ficção policial
	A última livraria de Londres	Madeline Martin	ficção histórica
Novembro	A ciência tem todas as respostas	Sabine Hossenfelder	ficção
	Crime e Castigo	Fiódor Dostoiévski	ficção policial
	Cinco ou seis dias	Danichi H. Mizoguchi	ficção urbana

TABELA 2 – ENCONTROS MENSAIS DO CLUBE DO LIVRO – CETEC – 2023 / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2021).

ENCONTRO DE LEITORES DO CLUBE DE LEITURA CETEC

O encontro de leitores constituiu-se em um fórum para compartilhamento das experiências vivenciadas no decorrer do projeto do Clube de Leitura CETEC, especialmente o engajamento dos leitores com as obras selecionadas, o prazer da leitura, os aprendizados adquiridos e as sensações de dimensão afetiva e/ou argumentativa vivenciados. O evento foi abrilhantado pela presença de duas palestrantes convidadas e frequência de público de quarenta e cinco pessoas. A primeira palestra foi ministrada pela escritora e professora Sandra Roza, que relatou o seu percurso desde a infância, na família numerosa de 22 irmãos, o período de residência no estado de Minas Gerais, e a decisão de tornar-se escritora. A escritora comoveu os presentes com a leitura das suas poesias e deixou a mensagem do quanto é gratificante o hábito da leitura. A segunda palestra foi ministrada pela professora Sarah Carneiro, presidente da academia Cruzalmense de Letras, que mostrou aos participantes alguns dos livros que considera Livros Notáveis, destacando como essenciais: "Grande Sertão Veredas" de Guimarães Rosa, "Viva o Povo Brasileiro" de João Ubaldo Ribeiro e "Os sertões" de Euclides da Cunha. A escritora destacou que livros notáveis são medidos pelo que nos tocam, e citou um "pequeno" livro de Mãe Estela de Oxóssi (Owé) e o livro "Poemas Bordados e Bastidores"' de Maria de Lourdes Nascimento Costa, conhecida carinhosamente como Dona Zinha. O card de chamamento para o evento está reproduzido na Figura 3, que destaca também um dos momentos do encontro.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA3 – ARTEFATOS VISUAIS DE DIVULGAÇÃO DO CLUBE DE LEITURA CETEC /FONTE: EACERVO DO PROJETO (2023).

REVISTA DO CLUBE

A elaboração da Revista do Clube de Leitura CETEC/UFRB, em edição única, foi um marco importante para o encerramento do projeto e oportunizou a consolidação dos aprendizados dos resultados alcançados. Na Figura 4 são mostrados alguns itens do sumário da publicação. O conteúdo completo pode ser acessado no link: https://drive.google.com/file/d/1BJkb1GUYod2n0IMiFRJ9q0u59uGzx9g3/view?pli=1.



FIGURA 4 – RECORTES DO CONTEÚDO DA REVISTA DO CLUBE DE LEITURA CETEC/UFRB /FONTE: EACERVO DO PROJETO (2023).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

CONSIDERAÇÕES FINAIS A experiência do Clube de Leitura CETEC/UFRB reitera a importância fundamental da criação e manutenção de atividades de extensão, especialmente diante do decaimento do hábito de leitura entre os brasileiros. A prática universitária apoiada no tripé pesquisa-ensino-extensão oportuniza ações para redirecionar esta tendência. Ademais, os livros didáticos não devem ser a única fonte de conhecimento, os textos literários precisam estar presentes. O projeto do clube de leitura mostrou-se importante nesta diretriz, ao criar um espaço lúdico de novas perspectivas de aprendizado, de forma prazerosa, sem ruídos e com a participação de cada integrante.

Em face da redução da disposição à leitura de textos densos e extensos, o projeto demonstrou ser uma ferramenta poderosa para fomentar o hábito da leitura nos estudantes, que muitas vezes não o possuem consolidado ao ingressarem na universidade. No cenário atual, muitos universitários entram na academia e priorizam os artigos e trabalhos técnicos realizados em aula, sem dispor de tempo hábil para apreciar obras literárias atemporais. O exercício da leitura promove então, uma prevenção ao esgotamento mental e à solidão, com a criação de vínculos.

O Clube de Leitura contribuiu para o desenvolvimento de habilidades como a interpretação textos, organização de ideias e exposição de opiniões. Afinal como nos ensina Chartier (1998) o texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada.

Os resultados obtidos mostraram que a leitura muda a forma de ver o mundo: a experiência em grupo permite uma visão mais ampla e multifacetada. Além disso, os saberes são distribuídos e novos ângulos são destacados. Em suma como evidenciam Malgarezi e Milaneze (2025) os clubes de leitura são espaços compartilhados de forma igualitária, onde todos estão nas mesmas condições de fala e escuta.

O compartilhamento de experiências e o prazer da leitura foram destacados no encontro final, com palestras que comoveram os presentes e ressaltaram o quão gratificante é o hábito da leitura e como os "livros notáveis" nos emocionam. Portanto, a continuidade e o incentivo a projetos de extensão como este são fundamentais para a formação integral dos estudantes, cultivando não apenas leitores, mas indivíduos mais observadores e comprometidos com o conhecimento e a sociedade.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. A **aventura do livro: do leitor ao nave-gador-conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998. 159 p. il.

MARRA, Laísa; RODRIGUES SOARES DE ALMEIDA, Dayne Kelly; DE LIMA GOMES, Pamela Maria; DE OLIVEIRA SILVA, Francisca Alana. Lendo mulheres do século XIX em Fortaleza: relato de experiência com um clube de leitura. **Revista Leitura,** [S. l.], v. 1, n. 83, p. 632–643, 2024. DOI: 10.28998/2317-9945.202483.632-643. Disponível em: https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/17747. Acesso em: 10 mar. 2026.

Malgarezi, V. A., & Milaneze, C. C. (2025). Nas entrelinhas de um clube de leitura: reflexões sobre encontros literários como possibilidade transformadora. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

18(1), e14846. https://doi.org/10.55905/revconv.18n.1-330.

PROLIVRO, Instituto Pro Livro. **Retratos da Leitura no Brasil**. 2024. 6ª Edição. Disponível em https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf Acessado em 04 jul 2025

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
SAÚDE //

Ensino e extensão: relato de experiência do projeto "NUTRIRSAJ - atendimento ambulatorial de nutrição clínica" na formação do nutricionista

THAIRINE DE CÁSSIA SANTOS SILVA LIMA
VALDIRA DOS SANTOS MARINHO
GEISA MARIA MATOS ANDRADE
DJANE DA ANUNCIAÇÃO ESPÍRITO-SANTO

Teaching and extension: experience report of the project "NUTRIRSAJ - outpatient care of clinical nutrition" in the training of the nutritionist

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Ensino e extensão: relato de experiência do projeto "NUTRIRSAJ - atendimento ambulatorial de nutrição clínica" na formação do nutricionista

Teaching and extension: experience report of the project "NUTRIRSAJ - outpatient care of clinical nutrition" in the training of the nutritionist

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
FORMAÇÃO ACADÊMICA.
AMBULATÓRIO DE NUTRIÇÃO.

RESUMO No contexto da formação em nutrição, a extensão universitária promove uma melhor capacitação profissional, formando nutricionistas mais preparados e comprometidos socialmente. O atendimento ambulatorial em nutrição clínica, inserido nesse cenário, favorece a adoção de hábitos saudáveis e viabiliza a interação dialógica entre estudantes, profissionais e a comunidade. A escuta ativa durante as consultas permite ajustes nas condutas, considerando a realidade sociocultural e econômica dos pacientes. Este relato descreve as vivências das discentes do Projeto de extensão "NUTRIRSAJ - Atendimento Ambulatorial de Nutrição Clínica", da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no processo de formação do nutricionista. Também apresenta as atividades desenvolvidas e suas contribuições para a formação acadêmica e para a comunidade atendida. As ações incluíram triagem, atendimento nutricional, Educação Alimentar e Nutricional, sessões científicas e rodas de conversa. os atendimentos possibilitaram o desenvolvimento do raciocínio crítico e a compreensão da necessidade de adaptar as condutas às especificidades de cada paciente. as atividades educativas e científicas consolidaram o ambulatório como espaço de aprendizado teórico-prático, ampliando conhecimentos e fortalecendo competências essenciais à prática clínica. Assim, o projeto revela-se ferramenta fundamental tanto para a assistência à saúde quanto para o ensino em Nutrição.

KEYWORDS
UNIVERSITY EXTENSION.
ACADEMIC TRAINING.
NUTRITION OUTPATIENT CLINIC.

ABSTRACT In the context of nutrition education, university extension programs promote better professional training, producing more prepared and socially committed nutritionists. Clinical nutrition outpatient care, within this scenario, fosters the adoption of dynamic habits and enables dialogical interaction between students, professionals, and the community. Active listening during consultations allows for adjustments in treatment plans, considering the sociocultural and economic realities of patients. This report describes the experiences of students in the extension project "NUTRIRSAJ - Clinical Nutrition Outpatient Care," at the Federal University of Recôncavo da Bahia, in the nutritionist training process. It also presents the activities developed and their contributions to academic training and the community served. The actions included screening, nutritional care, food and nutrition education, scientific sessions, and discussion groups. The consultations enabled the development of critical thinking and an understanding of the need to adapt treatment plans to the specific needs of each patient. The educational and scientific activities have consolidated the outpatient clinic as a space for theoretical and practical learning, expanding knowledge and strengthening essential skills for clinical practice. Thus, the project proves to be a fundamental tool for both healthcare and nutrition education.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

THAIRINE DE CÁSSIA SANTOS SILVA LIMA *Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)*
E-mail: thaylima27@gmail.com

VALDIRA DOS SANTOS MARINHO
Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal do Recôncavo Bahia (UFRB)
E-mail: valdira.marynho@gmail.com

GEISA MARIA MATOS ANDRADE
Mestre em Recursos Genéticos Vegetais - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
E-mail: geisamariamatos@gmail.com

DJANE DA ANUNCIAÇÃO ESPÍRITO-SANTO *Doutora pelo Programa de pós-graduação em Alimentos , Nutrição e Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA)*
E-mail: nutdjane@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A integração entre ensino e extensão constitui um dos pilares fundamentais da educação superior, proporcionando a formação de profissionais mais capacitados e comprometidos com as demandas sociais (Forproex, 2012). No contexto da formação em Nutrição, essa articulação torna-se ainda mais relevante, uma vez que permite aos acadêmicos o desenvolvimento de competências técnicas e humanísticas essenciais para o exercício profissional, ao mesmo

tempo em que promove ações de impacto direto na comunidade (Boog, 2013).

A extensão universitária, como processo educativo, articula o ensino e a prática profissional e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade (Brasil, 2018). Nesse sentido, os projetos de extensão em Nutrição articulados ao atendimento ambulatorial desempenham papel fundamental na promoção da segurança alimentar e nutricional, contribuindo para a prevenção e tratamento de doenças relacionadas à alimentação inadequada (Pasquim & Recine, 2017). Além disso, se mostra como uma estratégia eficaz para suprir lacunas na assistência à saúde da população, especialmente em regiões com menor disponibilidade de serviços especializados. Essas iniciativas promovem a aproximação entre a universidade e a comunidade, fortalecendo o compromisso social da instituição de ensino superior (Santana, 2021).

De acordo com as diretrizes de extensão estabelecidas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), conforme dispõe a Resolução CONAC nº 57/2022, as ações extensionistas devem partir do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, assegurando que as práticas acadêmicas sejam integradas e articuladas tanto com a produção do conhecimento, quanto com os processos formativos. Adicionalmente, a resolução enfatiza o compromisso com a interdisciplinaridade, o impacto na formação acadêmica dos estudantes e a promoção da transformação social, que é entendida como resultado da atuação crítica, ética e socialmente referenciada da universidade. As etapas descritas no presente trabalho, foram portanto, planejadas e executadas à luz dessas orientações, de modo a garantir que as intervenções realizadas expressem, de forma concreta, o compromisso social e pedagógico que fundamenta a extensão como prática acadêmica transformadora.

Diante disso, o presente relato tem como objetivo descrever as experiências vivenciadas pelas discentes do Projeto de extensão universitária intitulado "NUTRIRSAJ - Atendimento Ambulatorial de Nutrição Clínica" da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no processo de formação do nutricionista. Adicionalmente, apresentar as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto, destacando suas contribuições para a formação acadêmica e os benefícios proporcionados à comunidade assistida.

METODOLOGIA No que se refere ao delineamento metodológico, este trabalho fundamenta-se nas diretrizes de extensão estabelecidas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), conforme dispõe a Resolução CONAC nº 57/2022. Essas diretrizes constituíram o eixo norteador da construção e definição das ações extensionistas desenvolvidas no âmbito deste projeto, entre as quais se destacam as ações de Educação Alimentar e Nutricional (EAN), os atendimentos clínicos e sessões científicas.

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado pelas discentes do curso de Nutrição da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no âmbito do projeto de extensão "NUTRIRSAJ - Atendimento Ambulatorial de Nutrição Clínica". A idéia

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

de construção do projeto surgiu a partir da formação de uma comissão para o restabelecimento do Ambulatório de Nutrição, e após reuniões de planejamento entre Dezembro de 2024 e Janeiro de 2025 o projeto foi consolidado.

Além disso, pretendeu-se criar um ambiente de ensino e extensão para docentes e discentes, promovendo o aperfeiçoamento e formação profissional no âmbito da assistência nutricional.

A equipe de execução do projeto foi composta por duas docentes, nas funções de coordenação e vice-coordenação, duas nutricionistas técnicas na função de equipe de execução e cinco alunas extensionistas (Figura 1). Todas as atividades foram desenvolvidas pelas discentes sob a supervisão das docentes e nutricionistas.As atividades foram divididas em: triagem e atendimento nutricional, ações de Educação Alimentar e Nutricional (EAN), oficinas temáticas, sessão científica e roda de conversa.



FIGURA 1– EQUIPE DE EXECUÇÃO DO PROJETO NUTRIRSAJ / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA 2025

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS DESENVOLVIDAS

TRIAGEM E ATENDIMENTO NUTRICIONAL

Os atendimentos foram conduzidos pela equipe do projeto e aconteciam às quartas no turno da tarde, e às quintas e sextas-feiras, no turno da manhã. Além disso, houve também a participação de discentes dos componentes "Atenção Nutricional nos Ciclos da vida I" com a condução dos atendimentos direcionados às gestantes e crianças de até 2 anos, sob a supervisão da Profª Mª Geisa Matos, e "Atenção Nutricional nos Ciclos da vida II" com atendimento do público adulto e idoso, sob a supervisão da Profª Drª Djane Anunciação.

Inicialmente, os atendimentos nutricionais individuais eram realizados mediante agendamento prévio via aplicativo de mensagens para uso exclusivo do projeto. Nesse momento era realizado o envio de formulário eletrônico, contendo informações básicas como nome, idade, sexo, patologias prévias, peso e altura referida.

No primeiro atendimento foi estabelecido um fluxo de acompanhamento, seguindo protocolo técnico (Figura 2). Na ocasião, era realizada a triagem nutricional, com aplicação de formulário padronizado para identificação prévia do perfil nutricional do paciente, e posterior acompanhamento nutricional.

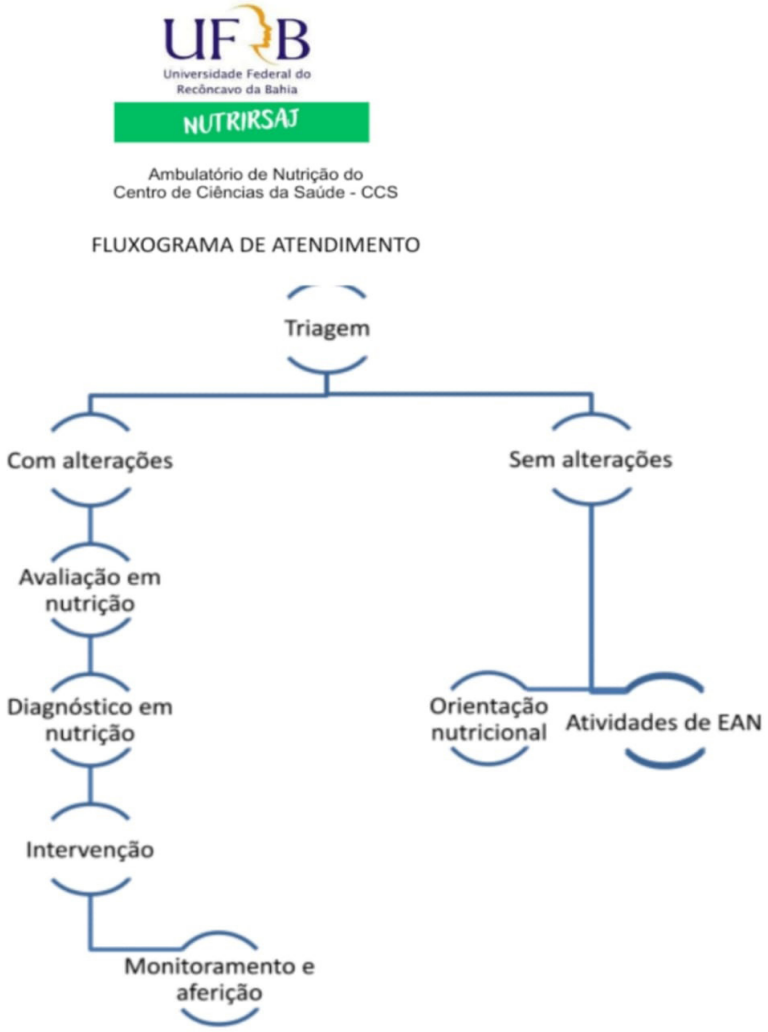


FIGURA 2– FLUXOGRAMA DE ATENDIMENTO / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA 2025

A realização dos atendimentos ocorreu com aplicação de anamnese detalhada, avaliação antropométrica, análise de exames laboratoriais, quando disponíveis, além da identificação de sinais clínicos e sintomas referidos, relacionando-os ao estado nutricional. Ainda assim, eram realizadas avaliações dos hábitos alimentares a partir da aplicação do recordatório alimentar, seguido da definição do diagnóstico nutricional, segundo a ASBRAN (2014) e planejamento alimentar, com orientações nutricionais.

Todos os atendimentos foram registrados em modelo eletrônico de evolução nutricional.

A realização dos atendimentos e a aplicação dos protocolos escolhidos permitiram aos discentes vivenciar, na prática, os diferentes elementos que compõem um atendimento nutricional completo. Além disso, permitiu a compreensão da necessidade de adaptar os instrumentos de avaliação e condução clínica, conforme as especificidades de cada paciente e contexto. Essa interlocução constante entre diferentes formas de saber promoveu um ambiente formativo integrador, no qual o diálogo, a escuta ativa e o reconhecimento das experiências dos sujeitos foram valorizados como pilares na construção de um cuidado em saúde mais qualificado, colaborativo e contextualizado.

SESSÃO CIENTÍFICA E RODA DE CONVERSA

As sessões científicas constituem estratégias pedagógicas fundamentais no contexto dos projetos de extensão universitários, promovendo a integração efetiva entre ensino e extensão através do compartilhamento de conhecimentos e experiências vivenciados por docentes e discentes. As rodas de conversa, por sua vez, configuram-se como metodologias participativas que valorizam e promovem a troca de experiências entre os participantes (Silva, 2014).

Diante disso, o projeto NUTRIRSAJ promoveu a realização de sessões científicas com o objetivo de ampliar e aperfeiçoar o conhecimento dos estudantes extensionistas, bem como aprimorar as práticas de assistência nutricional de toda equipe. Os encontros ocorriam 2 vezes ao mês seguindo programação previamente estruturada em cronograma (Figura 3), com apresentações de diretrizes e discussões dos casos clínicos atendidos.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

PROJETO DE EXTENSÃO - NUTRIRSAJ

AMBULATÓRIO DE NUTRIÇÃO

REUNIÃO CIENTÍFICA – CRONOGRAMA 2025.1

MÊS/DATA		PROGRAMAÇÃO	DOCENTE/ALUNO / NUTRICIONISTA
MAIO	05	**TEMA:** Cuidado em nutrição	ANGÉLICA
	19	**TEMA**: Posicionamento sobre o tratamento nutricional do sobrepeso e da obesidade - Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO), **Capítulos 5.4 até 5.10**	JÚLIA THAIRINE
JUNHO	02	**TEMA**: Manual para alimentação cardioprotetora - Ministério da saúde e hospital do coração	VALDIRA ISABELE
	16	**TEMA**: Diagnóstico de obesidade	GEISA
JULHO	07	**Resolução de pendências**	EQUIPE
	14	**Encerramento e confraternização**	EQUIPE
- ENCONTROS - Segundas às 13h30			

FIGURA 3– CRONOGRAMA DE REUNIÕES CIENTÍFICAS/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA 2025

Cada discente extensionista realizava a exposição dos casos atendidos acompanhados pelas Nutricionistas Técnicas, propiciando o compartilhamento de informações pertinentes acerca de cada caso individualizado e das situações relatadas. Momentos como esses possuem a capacidade de ampliar ainda mais o repertório de atuação das discentes no processo de formação do profissional nutricionista. A orientação das nutricionistas supervisoras garantiu uma condução mais assertiva de cada caso e ampliou o contato das estudantes com o conhecimento prático, proporcionando uma formação mais sólida e contextualizada para o exercício profissional.

Paralelamente, foram promovidos momentos de apresentações sobre linha de cuidado em nutrição, além de diagnóstico e tratamento dietoterápico nas Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs), em especial a obesidade e doenças cardiovasculares. Na ocasião, foram abordados diretrizes e documentos técnicos produzidos pela Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO), Ministério da saúde , e Hospital do Coração (HCOR). Ocorreu também a participação de uma docente convidada para roda de conversa, na qual abordou sobre a temática de transtornos alimentares no contexto do atendimento nutricional. O estímulo ao desenvolvimento do raciocínio crítico a partir das discussões construídas tornou momentos como esses de grande relevância no processo de aprendizado das alunas extensionistas. A Inclusão da ampliação do repertório de atuação clínica e o aprimoramento do manejo de pacientes atendidos no ambulatório, fortaleceram a articulação entre teoria, e prática profissional, evidenciando a importância do desenvolvimento de atividades de extensão em paralelo ao

ensino e pesquisa no âmbito das universidades.

AÇÕES DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL

As ações de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) desenvolvidas no contexto de ambulatórios universitários representam estratégias fundamentais para a promoção da saúde e prevenção de doenças, constituindo-se como espaços privilegiados de integração entre ensino, pesquisa e assistência. Segundo Santos et al. (2018), a EAN configura-se como um campo de conhecimento e prática contínua que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis, sendo essencial sua implementação em serviços de saúde. Cervato-Mancuso et al. (2016) destacam que os ambulatórios universitários oferecem condições ideais para o desenvolvimento de práticas educativas inovadoras, uma vez que permitem a supervisão especializada e a aplicação de metodologias baseadas em evidências científicas.

Ao longo do andamento do projeto, o ambulatório foi utilizado como espaço para a realização de atividades coletivas de EAN, as quais incluíram oficinas culinárias e rodas de conversa voltadas à promoção da alimentação adequada e saudável. Dentre as temáticas abordadas incluiu-se a nova classificação dos alimentos de acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira (2014), rotulagem, higienização correta de alimentos, e preparações culinárias práticas para o dia a dia.

Essas ações foram planejadas a partir de diagnósticos situacionais, considerando as necessidades identificadas durante os atendimentos e a realidade local da comunidade. Grande parte do público inscrito para os atendimentos individuais eram da comunidade interna da UFRB, incluindo discentes de diversos cursos. A partir desse entendimento contextualizado em que os pacientes estão inseridos, considerando poucos recursos, falta de tempo e poucas habilidades culinárias, as alunas extensionista planejaram e executaram as ações descritas a seguir:

A ação de EAN (Figura 4) objetivou auxiliar os participantes a adequar a realidade do seu dia a dia a realização de escolhas alimentares mais seguras e saudáveis. Por meio de práticas relacionadas à higienização, conservação de alimentos e leitura de rótulos, foi incentivado o preparo e consumo de alimentos mais nutritivos. Além disso, na ocasião, os participantes da ação puderam assistir as demonstrações dessas práticas executadas pelas alunas e supervisionada pelas discentes extensionistas e nutricionistas.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 4 – NUTRIRSAJ EM AÇÃO/ FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES (2023).

As oficinas forneceram um espaço no qual os participantes puderam assumir o protagonismo do processo, tornando-se agentes ativos na construção de hábitos alimentares mais adequados e adaptados à sua realidade. Essas ações consolidaram o ambulatório como um cenário privilegiado de aprendizagem prática para os discentes do curso de graduação em Nutrição, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento de competências técnicas essenciais à prática clínica e habilidades no processo de partilha de conhecimento para coletividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A experiência vivenciada no "Projeto NUTRIRSAJ", no âmbito do "Ambulatório de Nutrição da UFRB", evidencia a relevância desse espaço como um elo entre ensino, pesquisa e extensão a serviço da comunidade. As atividades de atendimento nutricional e de EAN desenvolvidas neste período foram muito significativas. Mais do que compartilhar informações técnicas, essas atividades propuseram espaços de troca, nos quais docentes, discentes, nutricionistas e participantes desenvolveram conhecimento de forma conjunta e horizontal.

Para as alunas extensionistas, o contato direto com o público participante das ações foi fonte contínua de aprendizado entre os quais destacam-se: os saberes populares sobre alimentação, os costumes alimentares locais e as estratégias cotidianas de cuidado que enriqueceram

a prática profissional e ampliaram a compreensão sobre a realidade vivida por cada participante. Esse intercâmbio fortaleceu os vínculos entre universidade e comunidade e contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e escuta ativa, essenciais para a atuação na EAN. Além disso, as ações ofereceram não apenas orientações sobre saúde e nutrição, mas também um espaço de valorização das suas próprias vivências e experiências. Assim, ficou evidente que a extensão universitária, se afirma como um encontro genuíno de saberes.

Dessa forma, o ambulatório representa uma estratégia de cuidado nutricional acessível para a comunidade, contribuindo para a promoção da saúde e o manejo de condições clínicas. Do ponto de vista acadêmico, esse espaço se configura como ambiente formativo essencial para os estudantes extensionistas que, sob supervisão docente, vivenciam atendimentos reais que integram teoria e prática.

Iniciativas como esta fortalecem o papel da universidade pública na democratização do conhecimento e no atendimento às necessidades sociais, alinhando-se aos princípios da extensão universitária previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2018) e consolidam o ambulatório como campo de prática capaz de gerar transformações significativas, "tanto na formação do estudante", quanto na qualidade de vida da comunidade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NUTRIÇÃO. **Manual orientativo: sistematização do cuidado de nutrição.** Organização: Marcia Samia Pinheiro Fidelix. São Paulo: Associação Brasileira de Nutrição, 2014. 66 p.

BOOG, M. C. F. **Educação em nutrição: integrando experiências.** Campinas: Komedi, 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Princípios e práticas para educação alimentar e nutricional**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Alimentar para a População Brasileira.** 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

CERVATO-MANCUSO, Ana Maria; VINCHA, Kellem Regina Rosendo; SANTIAGO, Débora Aparecida. Educação Alimentar e Nutricional como prática de intervenção: reflexão e possibilidades de fortalecimento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 225-249, 2016.

CHIARELLA, Tatiana et al. A pedagogia de Paulo Freire e o processo ensino-aprendizagem na educação médica. **Revista brasileira de educação médica**, v. 39, p. 418-425, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Manual de atendimento ambulatorial em nutrição.** Brasília: CFN, 2018.

FORPROEX – FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de**

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Atenção primária de saúde nas Américas: construindo a resposta às necessidades em saúde do século XXI**. Washington, DC: OPAS, 2020. Disponível em: https://www.paho.org/pt/documentos. Acesso em: 30 jul. 2025.

PASQUIM, Elaine Martins; RECINE, Elisabetta. Contribuições da extensão universitária para a construção de conhecimento em segurança alimentar e nutricional. demetra: **Alimentação, Nutrição & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 539–559, 2017. DOI: 10.12957/demetra.2017.28064. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/demetra/article/view/28064.Acesso em: 30 de jul.2025.

PRADO, S. D.; AMPARO-SANTOS, L.; SILVA, L. F. A pesquisa sobre alimentação no Brasil: sustentando a autonomia do campo Alimentação e Nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, p. 107-119, 2016.

SANTANA, Regis Rodrigues et al. Extensão universitária como prática educativa na promoção da saúde. **Educação & Realidade**, v. 46, p. e98702, 2021.

SANTOS, Anderson; RECINE, Elisabetta. **Princípio e prática para educação alimentar e Nutricional**. 2018.

SILVA, Cleilda Terto da. Rodas de conversas utilizadas numa unidade de saúde: uma análise de sua adequação ao ensino em serviço de saúde. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – **Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, 2014.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REC

RELATO
GÊNERO E
SEXUALIDADE//

Escreviver dores e lutas: relato de experiência de oficinas de combate à misoginia e ao feminicídio

RENATA ARGOLO DOS SANTOS
MARTHA ROSA FIGUEIRA QUEIROZ
LIRIEL DO ESPÍRITO SANTO ALMEIDA

Revista Extensão
e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Escreviver pain and struggle: an experience report on workshops to combat misogyny and femicide

RELATO
GÊNERO E SEXUALIDADE//

Escrever dores e lutas: relato de experiência de oficinas de combate à misoginia e ao feminicídio[1]

Escreviver pain and struggle: an experience report on workshops to combat misogyny and femicide

PALAVRAS-CHAVE
ESCREVIVÊNCIA.
ESCRITA CRIATIVA.
VIOLÊNCIA.
RESISTÊNCIAS.

RESUMO O presente texto consiste no relato da oficina "Escrita criativa: mulheres, arte, violações e resistências", desenvolvida pelo Projeto de Combate ao Feminicídio e à Misoginia de Estudantes da UFRB, uma iniciativa da PROPAAE/UFRB com o apoio do Ministério das Mulheres. O objetivo é registrar o processo de concepção, aplicação e avaliação da oficina, que ocorreu em quatro edições, realizadas entre julho de 2024 e junho de 2025. As fontes utilizadas foram os relatórios, debates e materiais produzidos ao longo dessas edições. Destaca-se, na estruturação da oficina, o papel central da categoria Escrevivência, conforme concebida pela escritora Conceição Evaristo. A escrita criativa, enquanto metodologia, em diálogo com a proposição da autora, demonstrou-se potente ao envolver todas/os participantes na tarefa de levantar dados sobre situações de violação e estratégias de resistência. Como resultado, foi produzido um amplo mapa de registros orais, imagéticos e textuais, que revelam as percepções das/os participantes sobre conceitos como misoginia, machismo e correlatos; as percepções das mulheres sobre sua segurança nos espaços de sociabilidade que ocupam; assim como a identificação de alternativas de enfrentamento às violências misóginas, especialmente o feminicídio. A análise dos dados encontra-se em andamento, com indícios promissores de outras contribuições.

KEYWORDS
ESCREVIVÊNCIA [LIVE-WRITING].
CREATIVE WRITING.
VIOLENCE.
RESISTANCES.

ABSTRACT This paper presents a report on the workshop "Creative Writing: Women, Art, Violations and Resistances", developed by the Project to Combat Femicide and Misogyny by UFRB students, an initiative of PROPAAE/UFRB with the support of the Ministry of Women's Affairs. The aim is to document the process of designing, delivering, and evaluating the workshop, which was held in four editions between July 2024 and July 2025. The sources include reports, debates, and materials produced throughout these editions. The concept of Escrevivência [live-writing], as conceived by writer Conceição Evaristo, was central to the structure of the workshop. Creative writing, as a methodological approach in dialogue with Evaristo's propositions, proved to be powerful in engaging all participants in the task of gathering data on experiences of violation and strategies of resistance. As a result, a comprehensive mapping of oral, visual and textual records was produced, revealing participants' perceptions of concepts such as misogyny, male chauvinism and related terms; women's assessments of their own safety in the social spaces they inhabit; as well as the identification of strategies to confront misogynistic violence, particularly femicide. The data analysis is still ongoing, with promising indications of further contributions.

1
Financiamento: Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas (PROPAAE/UFRB) e Ministério das Mulheres.
.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RENATA ARGOLO DOS SANTOS
Mestra em Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: renataargolo@aluno.ufrb.edu.br

MARTHA ROSA FIGUEIRA QUEIROZ
Pós-doutora em Educação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UNIRIO).
E-mail: mrosa@ufrb.edu.br

LIRIEL DO ESPÍRITO SANTO ALMEIDA
Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: lirielalmeida@aluno.ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO O presente relato registra ações desenvolvidas no âmbito do Projeto de Combate ao Feminicídio e à Misoginia de Estudantes da UFRB, com início em abril de 2024, realizado através da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em parceria com o Ministério das Mulheres do Governo Federal. O projeto tem como objetivo promover atividades para o levantamento de dados e proposição de ações no campo de combate ao feminicídio, misoginia e outras violações contra as mulheres na comunidade acadêmica de todos os *campi* da UFRB e nos territórios dos seus entornos. A experiência aqui relatada foi conduzida pela equipe atuante no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), em Santo Amaro.

Cada equipe, composta de maneira geral por uma docente, discentes bolsistas e voluntárias, e uma articuladora de campo, desenvolveu metodologias próprias para o alcance dos objetivos propostos pelo

projeto. A equipe do CECULT elegeu o conceito de Escrevivência, da intelectual Conceição Evaristo, como caminho para estruturar oficinas de escrita criativa para as ações de pesquisa e formação no projeto no campus de Santo Amaro, com uma proposta de oficina nomeada de "Escrita criativa: mulheres, arte, violações e resistências", e neste relato trazemos a experiência de desenvolvimento, aplicação e aprimoramento da mesma.

METODOLOGIA O desenvolvimento da oficina levou em consideração a criação de uma metodologia que dialogasse diretamente com as questões de interesse do CECULT, portanto, evocando linguagens culturais e artísticas, e a necessidade de alcance dos objetivos do projeto. Estes estão relacionados ao levantamento de dados sobre as realidades e compreensões das comunidades acadêmica e externa na cidade de Santo Amaro a respeito do feminicídio e outras violências misóginas, além de realizar registros das ações de resistências, assim como o desenvolvimento de processos de formação e reflexões sobre essas temáticas com as/os participantes.

Nosso primeiro desafio foi articular uma metodologia que pudesse trabalhar com diferentes linguagens, relato oral, desenho, escrita etc., de maneira a engajar a participação e identificação das/os presentes, e resultasse em uma produção de dados que pudesse ser organizada e analisada de forma coerente na pesquisa desenvolvida. Chegamos ao consenso pela realização de uma oficina baseada em métodos de escrita criativa, que nos permitisse trabalhar com diferentes linguagens, aproximar elementos artísticos e que também resultasse em produtos significativos.

De acordo com Luís Roberto Amabile (2020), as definições de "escrita criativa" são muitas vezes nebulosas, associando-a apenas a determinados gêneros como poesia, peças, e principalmente à ideia de que a criação está vinculada de forma mais estrita à ficção. Contudo, "[...] essa definição restringe os limites da Escrita Criativa e a descreve como meramente expressiva, não investigativa, questionadora, complicada, sondada ou complexa (Macvean, 2016. p. 13 *apud* Amabile, 2020, p. 136).

Portanto, é nessa complexidade que evocamos a noção de escrita criativa em nossas oficinas, compreendendo sua relevância no registro de memórias, elementos autobiográficos, relatos, denúncias e proposições. Outra questão levantada por Amabile (2020) é enxergar a escrita criativa como laboratório textual, no qual, mais do que modelos, objetiva-se oferecer instrumentos. Assim, convocamos diversos instrumentos que extrapolam a própria escrita, e avançam em outras linguagens artísticas, para fornecer um local de experimentação para a expressão das reflexões e experiências a respeito da misoginia e do feminicídio em nossos encontros.

Com essa perspectiva firmada, continuamos nossas reflexões coletivas no processo de criação da metodologia das oficinas, e nesse percurso a noção de Escrevivência se configurou como um elemento essencial. Na obra de Evaristo, a Escrevivência surge como um processo associado à vivência de pessoas negras, especialmente à narrativa de vida de mulheres negras, na criação de uma escrita que se baseia na valorização dessas vivências em suas diferentes possibilidades de escrita e na potência dos ensinamentos e reflexões advindos delas.

Escreviver significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Machado; Soares, 2017, p. 206 apud Neves; Heckert, 2021, p.143).

De maneira que, ao escrever suas vivências, as pessoas que participam da oficina nos ajudam a conectá-las com outras vivências, explicitando as experiências pessoais e coletivas envolvidas nesses processos de violações, em diálogo com análises sobre os elementos estruturais de violência de gênero que configuram esses fenômenos. Nas palavras de Conceição Evaristo (Guzzo, 2021), "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos".

Assim, organizamos nossa oficina a partir de três momentos que visam sensibilizar, diagnosticar e produzir, junto com as/os integrantes, dados a respeito das violações contra mulheres.

O primeiro deles, "Momento de Sensibilização", é a etapa responsável por contextualizar a temática abordada e provocar o compartilhamento de opiniões e experiências. Utilizamos uma *playlist* com músicas que abordam as violências contra mulheres e atitudes de resistência às mesmas, assim como compartilhamos entre as/os participantes uma colagem de imagens que apresenta elementos ligados à temática, para que, após esse processo de observação e reflexão, possam produzir de forma livre desenhos, poemas, relatos escritos, frases ou outras linguagens que escolham para expressar suas percepções e opiniões sobre o tema.

Após o compartilhamento das produções, partimos para a nossa segunda etapa, "Momento de Diagnóstico". Nela, além da conceituação de noções relevantes para o projeto, como misoginia e feminicídio, apresentamos alguns dados a respeito desse cenário no Brasil e na Bahia, a fim de contribuir com o objetivo formativo da oficina.

Apesar de não se limitar à definição a seguir, feminicídio pode ser compreendido como "[...] um continuum de violências sofridas pelas mulheres que tem como desfecho trágico a morte violenta destas simplesmente por serem do sexo feminino" (Santos, 2021, p. 43), um conceito bastante utilizado em nossas oficinas e tem sido importante também em diálogos teóricos.

Quanto aos dados, entre 2017 e 2024, a Bahia registrou 790 feminicídios[2], ou seja, a cada três dias uma mulher foi vítima, informação que foi recebida com espanto pelos grupos e se tornou motivo de maior abertura para a exposição de suas vivências com as temáticas propostas. Ademais, apesar de o principal perfil das vítimas de feminicídio no Brasil ser mulheres adultas, negras e não solteiras, esse é um fenômeno que extrapola a dimensão individual ou particular de determinado contexto. Infelizmente, a violência é cada dia mais "democrática", e em nossas oficinas quase todas as participantes têm uma situação para relatar, sejam atingidas direta ou indiretamente, quando a violência vitima mulheres da família, amigas ou conhecidas, o que também se expressa na fala dos participantes homens, mesmo que em menor grau.

Por fim, trabalhamos nessa etapa com o método de Mapa de Palavras, também conhecido como "nuvem de palavras", que tem por objetivo criar uma representação visual da recorrência de palavras ou sentidos em determinados contextos, a fim de facilitar a análise de dados, e na oficina permite a visualização das opiniões das/os participantes acerca de três questionamentos centrais: "O que é violência contra

2
Segundo o "Infográfico de Feminicídios na Bahia 2025", organizado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), em parceria com a Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

mulher?", "O CECULT e/ou Santo Amaro são ambientes seguros para mulheres?" e "Quais são as possíveis estratégias de combate e resistência a essas violências?".

Além de responderem a essas questões com uma palavra ou frase curta, escrita em tiras de papel, também tivemos um momento de escuta sobre o porquê daquelas escolhas. Nesse sentido, o debate sobre a pergunta final é especialmente relevante, já que buscamos elencar nesta pesquisa sugestões e provocações dos/as participantes quanto ao enfrentamento às violências contra mulheres, a fim de compor um de nossos produtos finais, a proposição de ações de combate à misoginia e ao feminicídio para o CECULT e órgãos responsáveis na cidade de Santo Amaro.

Por fim, nossa última etapa é o "Momento de Ressignificação". Diante da consciência de que nossas oficinas lidam com temáticas sensíveis e que, na maioria das vezes, são espaços de desabafo e compartilhamento de relatos de violências, buscamos uma maneira de encerrá-las provocando também sentimentos de esperança e resistência. Portanto, nessa fase utilizamos dinâmicas em que elementos de violência são ressignificados, a exemplo da reescrita de sambas de roda que tenham em suas letras originais elementos misóginos, ou da recriação de textos jornalísticos acerca do feminicídio e outras violações, transformando-os em notícias mais positivas e propositivas para a vida das mulheres.

Além das etapas descritas anteriormente, alguns outros elementos de organização são relevantes para nossa metodologia, como a organização da equipe quanto ao revezamento de funções na aplicação das etapas, registro fotográfico das oficinas e relatoria da atividade, sendo esse último elemento essencial ao nosso trabalho posterior de análise dos dados produzidos nas oficinas.

Ademais, ressaltamos como o desenvolvimento dessa metodologia também pode ser adequado e flexibilizado para cada oportunidade na qual aplicamos as oficinas, tendo em vista a quantidade e a identidade/especificidade das/os participantes, espaço, recursos e tempo disponibilizado. Em condições ideais, a oficina tem duração de cerca de 4 horas, contando também com um intervalo de meia hora entre a primeira e a segunda etapa para um *coffee break*. Os principais materiais utilizados são a colagem, manchetes, dados estatísticos e músicas que são apresentados para a observação das/os participantes, bem como caixa de som, projetor para *slides*, cartolina, fita adesiva, papel ofício branco e colorido, tesoura, lápis e canetas coloridas.

Por fim, destacamos também que nossa oficina está em consonância com política extensionista da UFRB (RESOLUÇÃO CONAC/UFRB Nº 057/2022) e com uma atuação acadêmica pautada na ética, ao se efetivar em pleno diálogo com a comunidade externa à UFRB e ao contribuir na busca por soluções para um problema social de extrema gravidade: as violações contra a humanidade das mulheres, em especial o feminicídio, que infelizmente toma dimensões epidêmicas na atualidade. A articulação com a pesquisa e o ensino esteve presente, considerando a dimensão investigativa e crítica vivenciada no processo de construção e realização da atividade, e sua aplicação em diferentes momentos formativos das graduações da UFRB, inclusive com turmas vinculadas ao PIBID e da educação básica. Assim, a atividade extensionista em questão cumpre importante papel na formação crítica e comprometida socialmente do corpo

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

discente da UFRB.

RESULTADOS E DISCUSSÕES Além da oficina piloto, realizada em julho de 2024, em Cachoeira-BA, primeira experiência de aplicação da nossa metodologia e que nos auxiliou na sua compreensão e nos ajustes necessários para o seu aprimoramento, realizamos até então quatro oficinas na cidade de Santo Amaro, sendo duas com o público interno do CECULT e duas com a comunidade externa, com terreiros de Candomblé da cidade. A primeira experiência com o público acadêmico ocorreu em novembro de 2024, aberta às/aos discentes do CECULT. A segunda, voltada para discentes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto História e Licenciatura Interdisciplinar em Artes.

Nossas duas experiências com o público externo foram realizadas em terreiros de Candomblé da cidade de Santo Amaro, a primeira em julho de 2024, no Ilê Axé Oju Onirê, durante a programação do Festival Oju Elemi, organizado pelas mulheres do terreiro em celebração ao Julho das Pretas, marco simbólico para celebrar a resistência e relevância de mulheres negras no Brasil. A segunda experiência foi no Terreiro Caboclo Mata Virgem, em maio de 2025.

Apesar da proposta de um ambiente aberto para homens e mulheres, nosso público foi majoritariamente composto por mulheres nas quatro experiências realizadas até o presente momento. Atingimos pessoas de 19 a 70 anos, com o predomínio da faixa etária de 25 a 35 anos, com maior faixa etária principalmente nas oficinas com público externo. O público interno foi formado por discentes da UFRB, vinculados ao CECULT e de diferentes cursos. O público externo pode ser caracterizado por membros de comunidades tradicionais afro-religiosas da cidade de Santo Amaro. Houve variação de quantidade de público tanto nas oficinas internas, quantos nas externas, sendo de 8 e 22 participantes nas realizadas com os discentes, e 10 e 20 com o público dos terreiros, de maneira que nas quatro oficinas base para esse texto contamos com 60 participantes no total.,

Organizar e realizar a oficina em questão foi um processo profundo de troca, escuta e atravessamentos. Idealizamos essa proposta com o desejo de criar um espaço onde a escrita não fosse apenas um exercício técnico, mas uma forma de utilizar da arte e da cultura como elementos de denúncia, cura e reexistência. Inspiradas na Escrevivência proposta por Conceição Evaristo, entendemos desde o início que seria necessário mais do que palavras: seria preciso presença, afeto e coragem.

A oficina foi estruturada em três momentos e cada um tem como objetivo orientar as/os participantes em um percurso de reconhecimento das diferentes formas de violências articuladas contra mulheres, e assim possibilitar a produção de dados relevantes aos objetivos do projeto.

No "Momento da Sensibilização", buscamos também conhecer melhor cada participante, mulheres e homens de diferentes vivências e diferentes percepções. Os resultados desse momento causaram algumas inquietações, mulheres choraram, desenharam, outras escreveram. Possivelmente, esse momento se configura em um lugar onde a dor pode ser nomeada sem julgamento, para outras é preferível guardar na memória e preservar o silêncio. Esse é um processo que envolve também saber mediar esses sentimentos, que não atingem apenas às/aos participantes,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

mas também a nós, que mediamos esse espaço e nos expomos a todos esses relatos.

Na fase do Diagnóstico, as perguntas orientadoras sobre o nível de segurança ou insegurança que marcam os ambientes em que as/os participantes vivem são relevantes para a avaliação do que pode ser melhorado ou combatido. Até o momento, uma maioria de mulheres respondeu que existem muitas inseguranças ao circularem pela cidade sozinhas, ou até mesmo dentro do ambiente universitário, em contraponto com alguns homens, que afirmam que era a primeira vez que eles refletiam sobre isso.

Surgiram relatos de silenciamento e medos cotidianos, mostrando como o feminicídio não acontece só no ato extremo da morte, mas começa com pequenas mortes diárias: a perda da autoestima, a negação da voz, o medo constante. Também analisamos o nível de envolvimento e interesse dos homens em falar sobre suas percepções de violência e o quanto esse é um diálogo que ainda está distante para a maioria deles. A presença desses sujeitos tem sido minoritária, mesmo com as chamadas das oficinas não sendo direcionadas apenas às mulheres. Um elemento que escancara, inclusive, uma noção arraigada de que espaços de debate sobre gênero são somente para mulheres, o que gera diferentes processos, do deslocamento à indiferença, do medo de se expressarem à noção de que não teriam um "lugar de fala", ou mesmo da imposição da própria opinião.

Essa mediação da presença dos homens é um elemento relevante e que demanda nossas reflexões e a criação de métodos de gestão desses espaços, visto que esse pode ser um elemento inibidor da fala das mulheres ou gerar certa quebra na criação de um espaço considerado seguro para seus relatos. Contudo, também destacamos que esse é um desafio importante a ser enfrentado, visto que nos interessa a provocação, formação e envolvimento dos homens nesse processo. Reflexão que também é compartilhada por algumas das participantes, que destacam a relevância de uma educação de meninos e homens voltada ao enfrentamento da misoginia.

Algumas pessoas escreveram pela primeira vez na vida sobre a temática, outras reencontraram uma voz que havia sido calada há anos. Cada palavra escrita ou falada é também uma palavra libertada, assim, entendemos com mais profundidade o que Conceição Evaristo queria dizer quando falava de transformar a dor em escrita e a escrita em luta. Ao final da oficina, algo muda nas/os participantes e também em nós, que somos atravessadas pelo conteúdo de cada oficina, que segue uma mesma metodologia, mas não os mesmos desenvolvimentos e resultados. Fomos ouvintes, aprendizes e testemunhas de mulheres que ousaram contar suas histórias e se reerguerem com suas próprias palavras. As oficinas têm reafirmado que a arte salva, que a escrita denúncia, e que quando mulheres se juntam para contarem o que viveram, elas também constroem o que poderão viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Aqui objetivamos apresentar, mesmo que de forma breve, nosso percurso de desenvolvimento e experimentação metodológica, em diálogo com a noção de Escrevivência, na busca por ferramentas que auxiliam na missão do nosso projeto de combate à misoginia e ao feminicídio, a partir do levantamento de dados, ações formativas, acolhimento de relatos e criação coletiva de estratégias de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

combate às violências de gênero e suas intersecções.

O projeto se encontra em andamento, com finalização prevista para novembro de 2025. Nossas oficinas ainda serão realizadas com outros públicos, como servidores técnicos/as e terceirizados/as do CECULT, além de públicos externos, escolas públicas e comunidades quilombolas da cidade de Santo Amaro. Experiências que, sem dúvida, acrescentarão outros resultados e elementos relevantes nesse percurso.

Por fim, ao apresentarmos a sistematização dessa metodologia e nossas experiências na aplicação das oficinas, objetivamos compartilhá-las com o intuito de expandir as possibilidades de uso e adaptação da mesma em outros contextos, contribuindo assim para os campos da pesquisa e extensão, e mais especificamente para o combate às violências que também se estruturam em nossos ambientes universitários.

REFERÊNCIAS

AMABILE, L. R. Do que estamos falando quando falamos de Escrita Criativa. **Revista Criação & Crítica**, v. 28, p. 132-149, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i28p132-149. Acesso em: 5 ago. 2025.

GUZZO, M. **Conceição Evaristo:** a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Portal Catarinas, 2021. Disponível em: https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/. Acesso em: 5 ago. 2025.

SANTOS, É. T. dos. **Morte de mulheres negras:** uma análise interseccional do crime de feminicídio. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2021.

NEVES, G. S.; HECKERT, A. L. C. Escrevivência: uma ferramenta metodológica de análise. **Mnemosine**, v. 17, n. 1, p. 139-162, 2021. DOI: 10.12957/mnemosine.2021.61847.

RESOLUÇÃO CONAC/UFRB Nº 057, DE 23 DE MAIO DE 2022. Disponível em: https://ufrb.edu.br/soc/components/com_chronoforms5/chronoforms/uploads/documento/20220525111544_Resolucao_CONAC_57_2022.pdf. Acesso em: 21 mar. 2026.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REC

RELATO
CULTURA E ARTES//

Agentes quilombolas em curso: turismo comunitário e promoção da igualdade racial

JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO
FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA
LUCIANA ALAÍDE ALVES SANTANA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Quilombola agents in training: community tourism and promotion of racial equality

Agentes quilombolas em curso: turismo comunitário e promoção da igualdade racial[1]

Quilombola agents in training: community tourism and promotion of racial equality

PALAVRAS-CHAVE
TURISMO COMUNITÁRIO.
COMUNIDADES QUILOMBOLAS.
EDUCAÇÃO POPULAR.
IGUALDADE RACIAL.

RESUMO O turismo de base comunitária tem sido reconhecido como estratégia de valorização cultural, fortalecimento territorial e geração de renda em comunidades tradicionais. Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a realização de um curso de formação voltado ao desenvolvimento de iniciativas de turismo comunitário em um território quilombola, no contexto de um projeto de extensão universitária. A formação contou com carga horária total de 200 horas e envolveu 30 participantes provenientes de um complexo de cinco comunidades quilombolas no estado do Rio de Janeiro, entre moradores e agentes locais interessados no desenvolvimento territorial. As atividades foram orientadas pelos princípios da educação popular e incluíram momentos formativos, rodas de diálogo e construção coletiva sobre o potencial turístico do território. Como resultados, destacam-se o fortalecimento do diálogo entre universidade e comunidade, a identificação de potencialidades culturais e ambientais para o turismo comunitário e a elaboração coletiva de propostas iniciais para organização de experiências turísticas no território. A experiência evidenciou que processos formativos participativos podem contribuir para a valorização dos saberes locais e para o fortalecimento de estratégias comunitárias de turismo em territórios quilombolas.

KEYWORDS
COMMUNITY-BASED TOURISM.
QUILOMBO COMMUNITIES.
POPULAR EDUCATION.
RACIAL EQUALITY.

ABSTRACT Community-based tourism has been recognized as a strategy for cultural valorization, territorial strengthening, and income generation in traditional communities. This article presents an experience report on the implementation of a training course aimed at developing community-based tourism initiatives in a quilombola territory, within the context of a university extension project. The course had a total workload of 200 hours and involved 30 participants from a complex of five quilombola communities in the state of Rio de Janeiro, including residents and local actors interested in territorial development. The activities were guided by the principles of popular education and included training sessions, dialogue circles, and collective reflection on the tourism potential of the territory. The results highlight the strengthening of dialogue between the university and the community, the identification of cultural and environmental potentialities for community-based tourism, and the collective development of initial proposals for organizing tourism experiences in the territory. The experience indicates that participatory training processes can contribute to the recognition of local knowledge and to the strengthening of community-based tourism strategies in quilombola territories.

1
O Ministério da Igualdade Racial foi o financiador do projeto que possibilitou o desenvolvimento do Curso de Formação de Agentes de Promoção da Igualdade Racial com foco em Turismo Étnico Quilombola e Cigano.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO
Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: josealmeida@aluno.ufrb.edu.br

FLÁVIA CRISTIANE DA SILVA
Mestre em Saúde da População Negra e Professora Adjunta pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: flaviasilva@ufrb.edu.b

LIRIEL DO ESPÍRITO SANTO ALMEIDA
Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Minho – Portugal, Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia(UFRB).
E-mail: lualaide@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO O turismo de base comunitária tem ganhado notoriedade como alternativa à mercantilização global do turismo. No campo acadêmico, é discutido como estratégia de desenvolvimento territorial que articula geração de renda, valorização cultural e participação local. Diferentemente de modelos convencionais de turismo, centrados em grandes empreendimentos e na lógica de mercado, essa abordagem prioriza a autonomia das comunidades, a preservação dos modos de vida e o uso sustentável dos recursos locais (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009; Boing, 2025).

Nesse sentido, o turismo comunitário favorece a coesão social e a valorização cultural, promovendo qualidade de vida e desenvolvimento local sustentável (Irving, 2009). Nos quilombos, Silva (2014) enfatiza que tanto a organização, quanto a culturalidade e os saberes se configuram como um espaço capaz de despertar curiosidade, atraindo visitantes interessados em experiências diferentes das provenientes do turismo

massivo tradicional.

As comunidades quilombolas são territórios historicamente marcados por resistência, preservação cultural e luta por direitos, fundamentais para compreender desigualdades raciais e territoriais no Brasil (Almeida, 2019; Pereira; Magalhães, 2023). Estudos têm evidenciado que, apesar dos avanços institucionais nas políticas de reconhecimento e titulação de territórios quilombolas, essas comunidades continuam enfrentando desafios estruturais relacionados ao acesso a direitos sociais, infraestrutura e oportunidades de desenvolvimento econômico (Almeida, 2019; Arruti, 2006; Leite, 2008).

Pensando nestes aspectos e considerando as potencialidades desta modalidade de turismo em incentivar o protagonismo comunitário, preservar o patrimônio cultural e ambiental, e construir uma economia mais justa e solidária, nasceu em 2024 o "Curso de Formação de Agentes de Promoção da Igualdade Racial com foco em Turismo Étnico Quilombola e Cigano" sob a coordenação do Observatório Nacional de Inclusão e Diversidade na Educação (DIVERSIFICA) em parceria com o Ministério da Igualdade Racial (MIR) e associado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A iniciativa propôs formar lideranças comunitárias quilombolas e ciganas em diferentes estados brasileiros, com foco no turismo comunitário e na promoção da igualdade racial.

O público-alvo abrangeu cinco comunidades do Complexo Quilombola de Machadinha, em Quissamã (RJ), certificadas pela Fundação Palmares, com forte identidade cultural e atuação pontual no turismo local. Considerando tais aspectos, a proposta do curso buscou ensejar a criação de experiências turísticas, enquanto fortalece a identidade local e gera oportunidades de renda para os moradores.

Por fim, este relato tem por objetivo compartilhar os aprendizados, desafios e potencialidades desse projeto de caráter extensionista, considerando o papel dos mediadores do curso no estímulo ao protagonismo comunitário, bem como os possíveis desdobramentos da consolidação de uma rede de agentes locais comprometidos na construção de roteiros turísticos sustentáveis.

METODOLOGIA A experiência aconteceu entre os meses de setembro de 2024 e abril de 2025 e a metodologia adotada no curso foi fundamentada em princípios da educação popular, da valorização dos saberes comunitários e da pedagogia do diálogo (Freire, 2016). Na educação popular, os participantes deixam de ser entendidos apenas como receptores de conhecimento e passam a assumir papel ativo na produção e na circulação de saberes, contribuindo para processos formativos mais críticos e emancipatórios (Freire, 2016; Gadotti, 2017).

A estrutura deste curso de 200h foi organizada em quatro trilhas de aprendizagem – "Nossos Direitos", "Nossa Comunidade", "Turismo Comunitário" e "Roteirização Turística" – que funcionaram como percursos formativos flexíveis, estimulando o protagonismo e a autonomia dos(as) participantes.

A proposta metodológica combinou momentos síncronos e assíncronos, atividades virtuais remotas e momentos presenciais, que incluíram uma oficina de encerramento do curso. As atividades síncronas foram compostas por encontros virtuais realizados por meio da Plataforma RNP, em que se utilizaram metodologias participativas, como rodas de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

conversa, debates temáticos, atividades reflexivas e dinâmicas em grupo. Nas atividades assíncronas, realizadas por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFRB (AVA-UFRB), os cursistas tiveram acesso a ainda mais materiais pedagógicos complementares, como vídeos, textos, áudios e atividades avaliativas.

A mediação de todo o processo formativo foi realizada por uma equipe composta por um estudante de graduação, responsável pela condução dos encontros síncronos remotos e pela organização das atividades assíncronas. Além de um educador popular, representante de uma das comunidades contempladas, responsável pela organização e condução dos encontros e atividades presenciais, bem como uma docente da UFRB, na coordenação metodológica e pedagógica de todo o processo formativo. Além desta equipe, uma coordenação interdisciplinar acompanhou todo o projeto, colaborando com todas as turmas envolvidas.

Os instrumentos de registro e avaliação do curso abrangeram fotografias e listas de presença dos encontros, além de um relatório descritivo sobre o processo formativo, gravações de alguns encontros remotos e a participação dos cursistas nas atividades propostas. O produto final do curso, um dossiê de turismo das comunidades envolvidas, reuniu todos os conhecimentos abordados ao longo de todas as trilhas formativas do curso e sintetizou em um documento, os principais aspectos que permeiam o desenvolvimento do turismo comunitário nas comunidades participantes, esboçando alguns roteiros turísticos viáveis para serem implementados.

A realização das atividades ocorreu no âmbito de um projeto de extensão universitária, alcançando 30 cursistas das comunidades do complexo. O relato foi construído, sem coleta sistemática de dados, preservando a identidade dos participantes e não apresentando informações sensíveis ou identificáveis. O trabalho não se caracteriza como pesquisa envolvendo seres humanos, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da experiência formativa evidenciou três dimensões centrais: (1) as dinâmicas de participação e engajamento comunitário; (2) a construção coletiva de conhecimentos sobre o território e suas potencialidades turísticas; e (3) os desafios estruturais que atravessaram a implementação da formação.

ENGAJAMENTO E DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

No que se refere à participação e ao engajamento dos cursistas, foi possível observar que, embora a turma apresentasse uma participação expressiva nas atividades, poucos cursistas se sentiam confortáveis para contribuir oralmente durante os momentos de debate, especialmente nos encontros virtuais.

A presença e a participação oral foi mais intensa principalmente durante os momentos presenciais, nos quais os cursistas se mostraram mais à vontade para dialogar, interagir e compartilhar saberes. Esses momentos evidenciaram a importância da interação direta em processos formativos desenvolvidos em contextos comunitários. Esse tipo de dinâmica dialoga com a educação popular e as metodologias participativas, uma vez que, em contextos de formação para territórios tradicionais, o fortalecimento de espaços coletivos de diálogo tende a favorecer

2
Segundo o "Infográfico de Feminicídios na Bahia 2025", organizado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), em parceria com a Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

a construção de vínculos e o reconhecimento das potencialidades locais (Freire, 2016; Demo, 2011).

CONSTRUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTOS E VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

No que diz respeito à construção coletiva de conhecimentos, as atividades do curso possibilitaram o reconhecimento e a sistematização de diversos elementos do território com potencial turístico. Ao longo da formação, os cursistas realizaram levantamentos de atrativos culturais, históricos e naturais presentes nas comunidades, além de produzir materiais audiovisuais e propostas de roteiros turísticos. Esses materiais e todas as informações pertinentes foram reunidos no produto final do curso, um dossiê de turismo comunitário elaborado coletivamente.

Os feedbacks coletados junto aos cursistas apontam que a formação teve um papel relevante na promoção do diálogo entre os membros das comunidades, estimulando o planejamento conjunto de ações voltadas ao desenvolvimento sustentável. Diversos participantes relataram que o curso trouxe novas perspectivas de organização coletiva e de geração de renda por meio do turismo, resgatando um sentimento de pertencimento e de valorização da própria história.

A partir da análise das experiências vivenciadas, foi possível sistematizar alguns impactos observados durante a jornada formativa. Entre os principais efeitos identificados destacam-se: (1) o fortalecimento do diálogo intra e intercomunitário dentro do complexo de comunidades; (2) a ampliação do reconhecimento das potencialidades do território para o turismo comunitário; (3) o desenvolvimento de capacidades locais relacionadas à organização de experiências turísticas; e (4) o fortalecimento do pertencimento e da valorização da identidade quilombola. Esses resultados indicam que processos formativos baseados na educação popular podem contribuir para a mobilização comunitária em torno de projetos coletivos de desenvolvimento territorial.

Foi mencionado que, em anos anteriores, o turismo desempenhava um papel mais expressivo na região, gerando benefícios concretos para a comunidade. Com o passar do tempo, entretanto, as atividades turísticas foram se tornando pontuais e concentradas em festejos e celebrações específicas. Nesse contexto, o curso contribuiu para reabrir o debate sobre o turismo comunitário como uma alternativa para o fortalecimento econômico e cultural local.

Observou-se, ainda, que as comunidades do complexo envolvido apresentam um estágio avançado de organização e infraestrutura, com uma ampla rede de atrativos culturais, históricos e naturais já mapeados. O curso permitiu não apenas reconhecer esse potencial, mas contribuir ativamente a partir da sistematização de informações, da criação de materiais e da construção coletiva de roteiros turísticos. Estudos sobre turismo de base comunitária indicam que processos como este são fundamentais para que iniciativas turísticas estejam alinhadas às realidades e aos interesses das comunidades (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009; Irving, 2009).

DESAFIOS ESTRUTURAIS E LIMITES DA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Apesar dos avanços observados no processo formativo, também foram identificados desafios estruturais que influenciaram o

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

desenvolvimento das atividades. Entre os principais obstáculos encontrados no percurso, destaca-se a dificuldade com o uso de tecnologias digitais por parte de alguns participantes, comprometendo a fluidez e as participação nos encontros virtuais. Arruda e Gonçalves (2020) apontam que iniciativas dessa natureza em comunidades quilombolas frequentemente enfrentam obstáculos relacionados à infraestrutura, ao acesso a tecnologias e às condições socioeconômicas locais, fatores que podem impactar a continuidade e a sustentabilidade dessas propostas.

Essa barreira tecnológica também refletiu na baixa adesão ao AVA, limitando o acesso aos materiais pedagógicos complementares. Apesar dos esforços realizados, como a elaboração de tutoriais e o acompanhamento dos participantes no uso das plataformas, as dificuldades persistiram durante todo o curso.

Outro entrave significativo foi a ausência recorrente de energia elétrica nas comunidades, inviabilizando encontros virtuais. Ademais, a impossibilidade de realizar encontros presenciais semanais, conforme previsto inicialmente, reduziu esses momentos a apenas duas ocasiões. Essa realidade aponta que, apesar dos avanços institucionais no reconhecimento de direitos e na implementação de políticas públicas, muitos territórios quilombolas ainda enfrentam desafios significativos relacionados ao acesso a serviços básicos, infraestrutura e condições adequadas de conectividade (O'Dwyer, 2002; Arruti, 2006; Leite, 2008).

Considerando os benefícios, já citados, dos encontros presenciais, essa limitação representou uma restrição importante para o aproveitamento pleno da proposta pedagógica. Houve ainda, a substituição repentina de dois membros fundamentais da equipe executora: a mediadora cultural e a educadora popular, o que exigiu adaptações e reestruturações emergenciais por parte da equipe geral responsável. Apesar desses desafios, o curso manteve sua proposta e conseguiu desenvolver as atividades centrais previstas, alcançando taxa de conclusão de 90 %, com 27 concluintes. Além disso, como produtos concretos tivemos um plano de turismo construído, além de materiais audiovisuais de divulgação turística.

A experiência também apresentou caminhos para o aprimoramento de iniciativas semelhantes no futuro. Entre as recomendações, destaca-se a importância de ampliar a carga horária presencial e revisar a logística dos encontros virtuais em territórios com limitações estruturais de conectividade digital. Além disso, a persistência de obstáculos relacionados ao uso de ferramentas digitais indica a necessidade de estratégias mais robustas de acessibilidade tecnológica, como oficinas introdutórias presenciais sobre as plataformas, acompanhamento técnico contínuo e a disponibilização de materiais complementares impressos.

Embora marcado por desafios operacionais, o desenvolvimento do curso também reverberou significativamente no percurso formativo e/ou profissional da equipe executora, em especial, no papel de mediador cultural. O processo de execução do curso evidenciou a extensão universitária como um processo educativo, cultural e científico que promove a interação transformadora entre universidade e sociedade (FORPROEX, 2012). Nesse contexto, iniciativas como essa, contribuem para a construção compartilhada de conhecimentos e para o fortalecimento de trajetórias formativas, processos de autonomia social e desenvolvimento territorial (Gadotti, 2017; Demo, 2011).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

A experiência de articular teoria e prática com os participantes, enfrentar desafios institucionais e tecnológicos e construir coletivamente roteiros e produtos turísticos autênticos amplia a percepção sobre o papel da universidade e da graduação interdisciplinar. Mais do que uma atuação extensionista, essa vivência na mediação cultural de um curso com uma comunidade quilombola ímpar pôde reforçar um compromisso com uma formação que promova autonomia e justiça social.

Por fim, reforça-se a importância de manter espaços contínuos de escuta e devolutiva com os cursistas ao longo de todo o processo formativo, permitindo ajustes metodológicos e pedagógicos a partir das necessidades e vivências das comunidades participantes. Tais estratégias contribuem para garantir não apenas a participação ativa dos sujeitos envolvidos, mas também a apropriação crítica dos conteúdos trabalhados, respeitando os saberes e modos de vida presentes nos territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A realização do curso de formação em Turismo de Base Comunitária representou uma ação de fortalecimento das comunidades envolvidas, ao promover o reconhecimento e a valorização dos saberes tradicionais, da memória coletiva e das potencialidades locais. A partir de uma metodologia participativa e dialógica, a formação possibilitou o aprofundamento de temáticas essenciais à organização comunitária, como identidade étnico-racial, economia solidária e sustentabilidade.

Apesar dos desafios estruturais enfrentados, o curso obteve bons índices de participação e engajamento. Os momentos presenciais, em especial, mostraram-se essenciais, reforçando a importância da construção coletiva como pilar fundamental da aprendizagem. A partir da construção de roteiros, do plano de turismo, e de produtos audiovisuais, os cursistas puderam não apenas refletir sobre seu território, mas vislumbrar possibilidades reais de organização e fortalecimento do turismo comunitário como estratégia de geração de renda e sustentabilidade local.

Conclui-se, portanto, que o curso cumpriu com seus objetivos, deixando como legado uma comunidade mais articulada, consciente de suas riquezas e com maior capacidade de planejar e executar ações voltadas ao turismo de base comunitária. Ressalta-se a importância da continuidade de iniciativas como esta, que reconhecem os territórios como espaços vivos de produção de conhecimento e de transformação social.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARRUDA, Dyego de Oliveira; GONÇALVES, Juliano Pessanha. Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de turismo de base comunitária em um território quilombola. **Interações**, Campo Grande, v. 21, n. 1, p. 107–123, 2020.

ARRUTI, José Maurício Andion. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: EDUSC, 2006.

BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de base comunitária:** diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BOING, L. Entre a resistência e a mercantilização: uma análise crítica do turismo em comunidades quilombolas no Brasil. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 507–519, 2025. DOI: https://doi.org/10.34024/rbecotur.2025.v18.19658. Acesso em: 5 ago. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante:** saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livro, 2011.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária:** para quê? São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.

IRVING, M. DE A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108-122.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 965–977, 2008.

PEREIRA, A. DOS S.; MAGALHÃES, L.. A vida no quilombo: trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e210788, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/interface.210788. Acesso em: 5 ago. 2025.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos:** identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
COMUNICAÇÃO //

Estratégias para a divulgação científica: uma experiência extensionista de gestão do Instagram na promoção da ciência

YASMIN CUNHA GUIMARÃES
GUSTAVO HENRIQUE DE ARAÚJO FREIRE
MARCUS VINÍCIUS DE ALBUQUERQUE GUIMARÃES

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Strategies for science communication: an extension experience of instagram management in science promotion

Estratégias para a divulgação científica: uma experiência extensionista de gestão do Instagram na promoção da ciência

Strategies for science communication: an extension experience of instagram management in science promotio

PALAVRAS-CHAVE
COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
PERIÓDICOS ACADÊMICOS.
MÍDIAS SOCIAIS.

RESUMO Este artigo relata a experiência da gestão do perfil do Instagram da Revista Conhecimento em Ação (RCA), vinculada ao projeto de extensão Divulgação Científica no Ciberespaço do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A metodologia baseou-se em uma pesquisa bibliográfica e descritiva, com abordagem qualitativa e de natureza empírica. Adotou-se o planejamento estratégico, execução de conteúdo e monitoramento contínuo de métricas para a gestão da mídia social. Durante 90 dias (18 de abril a 16 de julho), o perfil alcançou 3.887 contas, com aumento de 623,8%, e 17.570 visualizações. Posts no feed foram cruciais para atrair não seguidores, enquanto Reels se destacaram na viralização e Stories no engajamento de seguidores. Conteúdos sobre eventos e datas importantes geraram alto impacto. A experiência demonstra o potencial das mídias sociais na democratização do acesso ao conhecimento e no fortalecimento do vínculo universitário, ressaltando a necessidade de estratégias digitais adaptativas para a comunicação científica.

KEYWORDS
SCIENCE COMMUNICATION.
UNIVERSITY EXTENSION.
SCHOLARLY JOURNALS.
SOCIAL MEDIA.

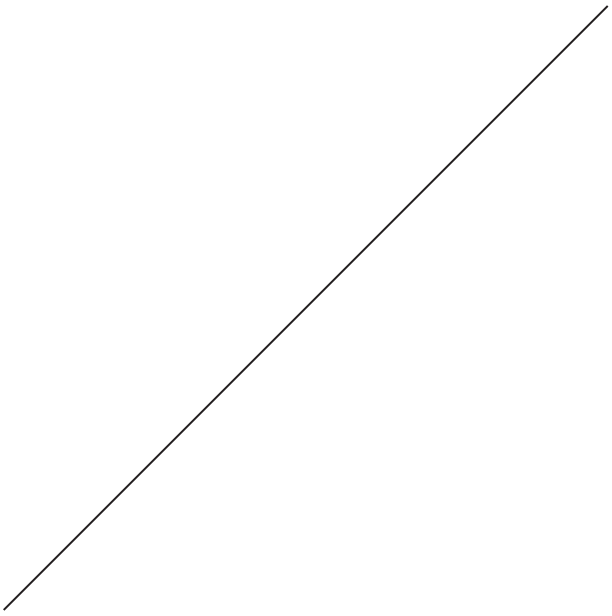
ABSTRACT This article reports on the experience of managing the Instagram profile of the scholarly journal Conhecimento em Ação (RCA), a project integrated into the university extension program "Scientific Dissemination in Cyberspace" within the Library Science and Information Unit Management Course (CBG) at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). The methodology followed a descriptive and bibliographic research design, adopting a qualitative and empirical approach. The social media management strategy encompassed strategic planning, content execution, and continuous metric monitoring. Over a 90-day period (April 18 to July 16), the profile reached 3,887 accounts a 623.8% increase and recorded 17,570 views. Feed posts were instrumental in attracting non-followers, while Reels excelled in virality and Stories proved effective for follower engagement. Content focused on academic events and key commemorative dates achieved high impact. This experience demonstrates the potential of social media in democratizing access to knowledge and strengthening university-society ties, highlighting the importance of adaptive digital strategies for science communication.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

YASMIN CUNHA GUIMARÃES
Graduanda em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: yasmincngm@gmail.com

GUSTAVO HENRIQUE DE ARAÚJO FREIRE
Doutor e Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: gustavofreire@facc.ufrj.br

MARCUS VINÍCIUS DE ALBUQUERQUE GUIMARÃES
Doutorando e Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: marcus.guimaraes@facc.ufrj.br



INTRODUÇÃO No cenário contemporâneo, a comunicação científica transcendeu os limites dos periódicos acadêmicos tradicionais, encontrando nas mídias sociais digitais um terreno fértil para a disseminação do conhecimento e a interação com públicos amplos e diversificados, apresentando formas peculiares de tratar as questões do conhecimento, da comunicação e da informação na relação entre a ciência, a sociedade e o conhecimento social (Gonçalves, 2012). Nesse compartilhamento, ocorre a transformação da forma de comunicação, que passa da informação técnica especializada para a divulgação científica, numa linguagem mais simples de fácil assimilação às pessoas conectadas em rede.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Nesse contexto, além das mídias tradicionais, as redes sociais tornaram-se importantes canais de comunicação entre a sociedade e instituições de produção do conhecimento científico, bem como, diretamente, entre cientistas (Maricato; Mendes, 2020). Plataformas como o Instagram, inicialmente concebidas para o compartilhamento de conteúdo visual, têm se consolidado como ferramentas estratégicas para a divulgação científica, permitindo que universidades, projetos de extensão e revistas acadêmicas alcancem não apenas a comunidade científica, mas também a sociedade em geral.

O Instagram, uma mídia social digital criada em 2010, opera de forma gratuita por acesso via internet à população conectada, e está focada no compartilhamento de fotos e vídeos, além de recursos de interação em comunidade por grupos ou conversas privadas. Sua interface oferta um *Feed* de notícias, com o compartilhamento de conteúdo de forma permanente no perfil de quem realizou a publicação, os *Stories* (ou *Story*), uma modalidade de publicação que possui a duração de vinte e quatro horas, e o *Reels*, que são vídeos geralmente mais curtos. Todos os formatos, posts no *feed*, *stories* ou *reels*, podem ser utilizados para a prática da divulgação científica sendo que o planejamento estratégico adotado poderá contribuir para o êxito no alcance aos usuários.

> "A Internet permitiu que a criatividade publicitária pudesse expandir-se exponencialmente, apresentando ao público estratégias que não eram possíveis de serem efetuadas em meios tradicionais (Oliveira, 2014, p. 3).

Entende-se que essa transição pode refletir uma crescente demanda por informações, por meio dessa mídia social digital, sendo um meio de comunicação da informação digital utilizado por uma comunidade ampla, espaço este que pode ser mais bem empreendido pela comunidade acadêmica e científica para a publicização de pesquisas por meio de uma linguagem acessível, como ações de divulgação científica, em iniciativas de extensão protagonizados pelas universidades.

Assim, os projetos de extensão universitária desempenham um papel fundamental ao conectar a academia com as necessidades sociais, e a utilização estratégica de redes sociais, como o Instagram, torna-se essencial para potencializar essa ponte. No entanto, embora a relevância dessas plataformas seja cada vez mais reconhecida, ainda há uma lacuna na literatura de relatos de experiência práticos e detalhados sobre a gestão de perfis de revistas universitárias em mídias sociais, especificamente o Instagram, e os desafios e sucessos envolvidos nesse processo.

Este artigo objetiva relatar a experiência da coordenação da gestão do perfil do Instagram da Revista Conhecimento em Ação, um periódico vinculado ao projeto de extensão Divulgação Científica no Ciberespaço, do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Serão detalhadas as estratégias de conteúdo e engajamento empregadas em um período de 90 dias, entre 18 de abril e 16 de julho, visando ampliar a visibilidade da revista, o engajamento do público e, consequentemente, o número de submissões de artigos. Além disso, serão analisados os resultados obtidos, destacando o impacto na visibilidade e interação com o público.

De acordo com Gadotti (2017), a extensão universitária deve ser compreendida como um "espaço por excelência da democratização

do saber". Sob essa ótica, a gestão estratégica do Instagram da Revista Conhecimento em Ação deixa de ser uma mera atividade de divulgação para se tornar uma ferramenta de diálogo e democratização, onde o conhecimento acadêmico é traduzido e compartilhado com a sociedade, cumprindo a função social da universidade. Acreditamos que a partilha desta experiência pode fornecer *insights* e diretrizes práticas para outras iniciativas acadêmicas que buscam otimizar sua presença e atuação no ambiente digital.

METODOLOGIA Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, pois visa apresentar alguns dos principais conceitos baseados numa rede conceitual atual. O caráter descritivo é adotado para detalhar os processos que ocorrem no projeto, mediante a atuação extensionista na gestão do Instagram da Revista Conhecimento em Ação. O estudo se concentrou na análise das estratégias de conteúdo e engajamento empregadas, e nos resultados obtidos durante um período de 90 dias, a fim de relatar e analisar a experiência de forma detalhada.

Adota uma abordagem qualitativa para descrever os processos e apontar as contribuições por meio da extensão universitária à ação do projeto. O campo empírico se trata do Instagram da Revista, que é o ambiente onde as ações de divulgação científica em rede são transmitidas. Foram coletados e analisados dados qualitativos (como comentários e interações) e quantitativos (como alcance e engajamento) das ferramentas de '*insights*' da própria plataforma, para uma compreensão aprofundada do impacto das ações na visibilidade e interação com o público.

A operacionalização do projeto contou com a participação de 18 membros extensionistas, cuja organização foi estruturada em grupos de trabalho específicos para garantir a eficiência das entregas. A divisão de tarefas compreendeu quatro frentes principais: o grupo de gestão de mídias do Instagram, responsável pelo planejamento do calendário e monitoramento de métricas; o grupo de curadoria, encarregado de selecionar e adaptar as citações dos artigos da revista para o formato de divulgação; o grupo de criação e design, que desenvolveu a identidade visual e as peças gráficas; e o grupo de TikTok, focado na produção de conteúdos em vídeo vertical. Essa distribuição de papéis permitiu que cada integrante aplicasse competências específicas, desde o tratamento técnico da informação até o design multimídia, assegurando a manutenção de três publicações semanais e a qualidade estética do perfil.

A curadoria de conteúdos e a definição da estratégia de indexação social por meio de hashtags foram norteadas por critérios técnicos estabelecidos durante a fase de planejamento estratégico, visando garantir a coerência com os objetivos da revista. A seleção das pautas baseou-se em uma matriz de relevância estruturada em três eixos principais, sendo a divulgação científica, focada na transposição da linguagem acadêmica para formatos acessíveis a partir de citações do periódico, a utilidade institucional, que priorizou a disseminação de eventos da UFRJ para fortalecer o vínculo com a comunidade acadêmica, e o engajamento temporal, focado em marcos históricos da Ciência e da Biblioteconomia.

Complementarmente, a escolha das *hashtags* seguiu critérios de recuperação da informação e alcance de nicho, utilizando termos de domínio para atrair o público especializado, termos institucionais para conferir visibilidade ao projeto e termos de tendência identificados na

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

análise de perfis similares, assegurando que as publicações fossem inseridas em fluxos de busca estratégicos dentro da mídia social digital.

RESULTADOS E DISCUSSÕES O período de recorte adotado foi entre a data de 18 de abril a 16 de julho. para a análise e a coleta dos dados para apresentação no presente estudo. Durante a execução da atividade de coordenação do Instagram, no período estabelecido, foram adotadas estratégias de planejamento que foram divididas em três fases distintas e sequenciais, visando à otimização da divulgação científica na plataforma.

A primeira fase concentrou-se na definição de objetivos e planejamento estratégico. Este estágio inicial envolveu o estabelecimento de metas precisas para o perfil, incluindo a identificação do público-alvo prioritário, e como define Maia (2021), a partir da identificação do público-alvo, é possível reconhecer as necessidades dos clientes. Este público é composto por discentes, pesquisadores e docentes que fazem parte da comunidade científica, com o intuito de que recebessem as publicações e se interessassem pela revista.

Entre os objetivos estabelecidos, destacavam-se o aumento do número de seguidores, a elevação do engajamento (compreendendo curtidas, comentários, compartilhamentos e salvamentos), a ampliação do alcance das publicações, e a divulgação de eventos e atividades relevantes da área científica e do próprio projeto. As decisões foram embasadas na análise de outros perfis de extensão e projetos universitários, tanto nacionais quanto internacionais, observando-se suas abordagens para alcançar resultados eficazes, garantindo assim uma estratégia fundamentada e alinhada às melhores práticas de divulgação em mídias sociais.

A segunda fase compreendeu a execução das estratégias previamente definidas. Nesta etapa, procedeu-se à produção e publicação de conteúdo, com o propósito primordial de promover o engajamento da audiência e a disseminação eficaz do conhecimento científico. A produção de conteúdo focou principalmente nos formatos carrossel e estático, explorando também as ferramentas de *Stories* e *Reels* quando necessário, utilizando análises de sites como o Mundo RH (2024) para preparar estratégias de postagem de conteúdo.

Os temas divulgados incluíam predominantemente citações de artigos publicados na revista, datas importantes, eventos relevantes da área e dicas práticas sobre o meio científico. A linguagem adotada era acessível e clara, mantendo rigor na correção ortográfica para preservar a credibilidade acadêmica. As postagens eram realizadas três vezes por semana em dias úteis, com cada integrante da categoria de gestão do Instagram dentro do projeto responsabilizando-se por um dia de publicação.

Para incentivar a interação, utilizamos chamadas diretas, pedindo ao público para deixar comentários, curtir as publicações ou fazer perguntas. Enquetes e caixas de perguntas eram também empregados conforme a necessidade. As *hashtags* eram utilizadas estrategicamente para aumentar a visibilidade, empregando palavras-chave específicas voltadas para a nossa área.

Além disso, foi estabelecida uma identidade visual específica e padronizada, com um controle rigoroso de cores, fontes e elementos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

gráficos, para facilitar a leitura, a pesquisa e a identificação do perfil. O controle da interação com o público era realizado continuamente, tanto através dos comentários quanto das mensagens diretas (*DM*). Para amplificar a rede de contato e inspiração, seguimos proativamente diversos perfis da área, como outros projetos de extensão, grupos universitários, outras revistas e iniciativas voltadas para o meio científico.

Por fim, a terceira fase consistiu na avaliação e ajuste dos resultados. Durante este período, monitorávamos as métricas de desempenho do perfil por meio do painel profissional próprio do Instagram, que disponibiliza as ferramentas necessárias para conferir, de forma rápida, indicadores como alcance, impressões, médias de engajamento por publicação, crescimento de seguidores, número de comentários, dentre outros dados relevantes. A partir da análise criteriosa dessas ferramentas e métricas, pudemos observar o impacto positivo e negativo das estratégias que elaboramos. Essa avaliação contínua permitiu identificar a efetividade das ações implementadas, reconhecendo os pontos fortes a serem replicados e as áreas que demandavam aprimoramento. Com base nessa análise, a estratégia era ajustada de forma contínua, visando otimizar o desempenho do perfil e a eficácia da divulgação científica promovida.

Durante o período selecionado para esse estudo, o perfil registrou um total de 17.570 visualizações. Destas, a distribuição entre a base de seguidores e não seguidores foi de 61,2% e 38,8%, respectivamente, indicando que uma parcela significativa das visualizações provém de usuários que ainda não seguem o perfil.

Em termos de alcance, foram alcançadas 3.887 contas, representando um notável crescimento de 623,8% no período analisado. Ao desagregar o alcance por tipo de conteúdo, observou-se que as publicações no feed (Posts) foram as que apresentaram maior alcance, correspondendo a 79,8% do total. Em seguida, os Stories contribuíram com 11,1%, os Reels com 8,6%, e os vídeos com 0,5%.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 1 – DADOS DO PAINEL PROFISSIONAL DO PERFIL DO INSTAGRAM DA RCA/ FONTE: DADOS DE MÉTRICAS DO INSTAGRAM, FORNECIDO AO PERFIL @REVISTARCA PELA PRÓPRIA PLATAFORMA, [2025].

Uma análise mais aprofundada revelou que os *Posts* no *feed* (estáticos ou carrossel) foram particularmente eficazes para alcançar usuários não seguidores, compreendendo 86,7% do alcance total entre essa parcela do público. Entre os seguidores do perfil, o formato de Post também demonstrou superioridade, alcançando 75,4% desse grupo. É relevante notar que, embora os *Posts* tenham dominado o alcance geral, os Reels apresentaram um alcance maior entre não seguidores do que os Stories. Por outro lado, os *Stories* alcançaram mais os seguidores em comparação aos *Reels*. Esse padrão sugere que *Posts* e *Reels* foram instrumentais na atração de novos seguidores, enquanto *Posts* e *Stories* foram mais efetivos na manutenção do engajamento e atenção do público já consolidado no perfil.

Quanto ao desempenho de conteúdos específicos, o *Post* de divulgação da VII Semana de Biblioteconomia (evento da UFRJ) obteve o maior número de visualizações, atingindo 2.182. Em sequência, dois *Posts* referentes a datas importantes (ligadas à ciência e biblioteconomia) e um Post de divulgação de processo seletivo também se destacaram, alcançando 1.191 visualizações cada. O mesmo padrão de sucesso para esse conteúdo foi observado na métrica de contas com engajamento.

No que tange à métrica de contas alcançadas, os *Posts* sobre as datas importantes superaram o *Post* da Semana de Biblioteconomia,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

registrando 907 e 819 contas alcançadas, respectivamente, em comparação com as 798 contas do *Post* do evento. Em relação aos compartilhamentos, o *Post* que divulgava uma citação de artigo acadêmico liderou com 19 compartilhamentos, superando o Post da Semana de Biblioteconomia, que obteve 12.

Esses resultados indicam que a estratégia de conteúdo, focada na divulgação de eventos e datas importantes, gerou um impacto positivo significativo. Por outro lado, foi identificado que os conteúdos de citações e dicas obtiveram menor destaque, sugerindo a necessidade de ajustar a abordagem na divulgação desses formatos para otimizar seu desempenho e engajamento.

Os resultados obtidos, particularmente o significativo aumento no alcance de visualizações no período analisado, demonstram a eficácia das estratégias de gestão do Instagram da revista. A proeminência dos *Posts* no *feed* sugere que este formato é a principal porta de entrada para novos usuários. Isso pode ser atribuído à própria natureza do feed do Instagram, que serve como vitrine para descoberta de conteúdo baseado em interesses, assim como é definido no site oficial do Instagram para Criadores de Conteúdo (2025), conectando o perfil a indivíduos com afinidade por divulgação científica e áreas correlatas. O caráter informativo, chamativo e compartilhável desses *Posts*, focado na transmissão de conhecimento, alinha-se diretamente com o interesse do público-alvo, incentivando o engajamento e a disseminação orgânica.

A análise do desempenho por tipo de conteúdo revela uma distinção estratégica entre *Reels* e *Stories*. Os *Reels* emergiram como ferramentas potentes para a atração de não seguidores, indicando seu potencial viral (Martin, 2025). Estratégias como a concisão, ganchos nos segundos iniciais e uso de *hashtags* foram cruciais para capitalizar a capacidade desses vídeos de reter a atenção e expandir o alcance. Em contraste, os Stories mostraram-se mais eficazes na manutenção do engajamento com os seguidores existentes, reforçando a conexão e a interação direta por meio de ferramentas interativas como enquetes e caixas de perguntas (Go Up Digital, 2024). Isso corrobora a compreensão de que diferentes formatos servem a propósitos distintos na jornada do usuário, seja na descoberta ou na fidelização.

A alta performance na divulgação de eventos e datas importantes ressalta a relevância desses temas para a comunidade acadêmica. O caráter utilitário e a pertinência dessas informações incentivaram o compartilhamento, amplificando o alcance e o impacto da revista. Por outro lado, a baixa performance dos conteúdos de citações e dicas sugere que o desafio não reside necessariamente na relevância do tema, mas sim na sua formatação e apresentação. Isso indica a necessidade de reavaliar o design visual e as chamadas para ação desses tipos de *Posts*, buscando torná-los mais atrativos e adequados às dinâmicas de consumo de conteúdo na plataforma, a fim de otimizar seu engajamento futuro.

A análise dos resultados obtidos revela que a comunicação e a divulgação científica em mídias sociais podem encontrar oportunidades, num meio de comunicação em massa, que pode ser considerado relevante para a democratização do saber, reduzindo a distância entre a produção acadêmica e científica com a sociedade civil.

O impacto na comunidade acadêmica manifesta-se, primeiramente, em uma dimensão pedagógica e formativa para os dezoito membros

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

extensionistas, uma vez que o projeto funciona como um laboratório de prática profissional onde o desafio de adaptar artigos científicos para formatos textuais e visuais, por meio da simplificação à divulgação científica, desenvolve competências críticas de mediação da informação, desde o momento em que o estudante possui contato constante na leitura dos artigos, em sua compreensão, até o momento da sua divulgação em rede, no exercício de adaptá-lo a um contexto em que diversos públicos consigam compreende-lo.

Portanto, a extensão universitária intitulada Divulgação Científica no ciberespaço tanto contribui para a formação dos estudantes enquanto assimiladores do conhecimento especializado, tanto oportuniza a divulgação científica no ambiente das mídias sociais digitais, em que os estudantes também aprendem mais sobre a prática de adaptar o conteúdo especializado para a linguagem adaptada própria às estratégias de comunicação pública da ciência.

Além disso, a extensão pode contribuir igualmente para o letramento midiático dos extensionistas, uma vez em que são realizados treinamentos internos quanto às ferramentas utilizadas no projeto, bem como para a forma em que os extensionistas devem se comunicar e se dirigir ao público que interage com os perfis institucionais da revista, que são gerenciados pelos próprios extensionistas.

Em uma perspectiva social, os estudantes possuem mais contato com a sociedade civil conectada em rede, que direciona dúvidas, sugestões em forma de comentários nas publicações, o que aumenta a interação entre a universidade e a população.

Nesse sentido, observa-se uma dimensão de visibilidade e pertencimento, na qual o alto alcance de postagens sobre eventos institucionais e processos seletivos reforça o papel do perfil como um canal de utilidade pública, promovendo a conexão constante entre discentes e pesquisadores.

Contudo, é fundamental reconhecer as limitações intrínsecas a essa experiência, como a dependência direta das variações algorítmicas das plataformas e o recorte temporal de noventa dias, que pode sofrer influências da sazonalidade do calendário acadêmico. Apesar desses desafios, a prática reafirma o compromisso com uma extensão socialmente referenciada, transformando o fluxo de dados em uma oportunidade de diálogo que fortalece a democratização do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS O presente relato de experiência teve como objetivo descrever a participação extensionista na atividade de gestão do Instagram do perfil da Revista Conhecimento em Ação, um periódico científico de acesso aberto do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A participação ocorre mediante a participação em extensão universitária chamada "Divulgação Científica no ciberespaço" coordenada por docente responsável e com a participação de estudantes em nível superior.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, com abordagem qualitativa e natureza empírica, quer seja, o Instagram da revista supracitada. Foi aplicado um recorte temporal para a coleta e análise dos dados, sendo de 18 de abril a 16 de julho de 2025 o período de seleção.

Os resultados apontam que a experiência na gestão do perfil do Instagram da Revista Conhecimento em Ação demonstrou claramente

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

o potencial das mídias sociais na democratização do acesso ao conhecimento científico e na expansão do alcance extensionista. As estratégias de conteúdo, cuidadosamente alinhadas às características da plataforma (utilizando *Posts* para atrair e *Stories* para engajar), não só ampliaram significativamente o alcance e as visualizações, mas também consolidaram a relevância do conteúdo acadêmico junto a públicos mais amplos.

O sucesso na divulgação de eventos e datas importantes, por exemplo, reforçou a demanda do nosso público por informação útil e relevante. Embora tenhamos identificado a necessidade de otimizar os formatos de "dicas e citações", esse ponto apenas sublinha a importância da constante adaptação e experimentação no ambiente digital.

Para além do êxito quantitativo refletido nas métricas de alcance e engajamento, a experiência revelou impactos significativos nas dimensões formativa e social da extensão. No âmbito pedagógico, a atuação direta na gestão da mídia social proporcionou aos discentes um laboratório de aprendizagem prática sobre a mediação da informação em ambientes digitais, desenvolvendo a capacidade crítica de selecionar, tratar e transpor a informação e o conhecimento para uma linguagem acessível sem a perda do rigor científico. O projeto corrobora, também, para a formação social do futuro profissional da informação, os (as) bibliotecários (as), que desde a sua jornada de aprendizagem técnica aliam o compromisso ético da profissão à responsabilidade social que lhes é designada enquanto facilitadores do acesso à informação em ciência e tecnologia.

Na perspectiva social, a ação funcionou como uma ponte de via dupla, se por um lado a universidade, por meio do projeto de extensão, democratizou o acesso aos seus saberes, por outro, percebeu-se a apropriação do conteúdo por públicos externos, evidenciada pelo compartilhamento das informações por usuários que não pertencem ao nicho acadêmico. Esse retorno comunitário valida a extensão como um instrumento de cidadania, transformando o perfil do periódico científico em um espaço de utilidade pública e reforçando que a eficácia da comunicação científica é observada na capacidade de tornar o conhecimento um bem comum e aplicável à realidade social.

REFERÊNCIAS

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, p. 1-18, 2017. Disponível em: https://eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2023/02/Extensao_Universitaria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 16 mar. 2026.

GO UP. Go Up Digital. **Utilizando Stories para Engajamento Máximo no Instagram.** Disponível em: https://www.goupdigital.com.br/blog/utilizando-stories-para-engajamento-maximo-no-instagram. Acesso em: 17 jul. 2025.

GONÇALVES, Marcio. **Contribuições das mídias sociais digitais na divulgação científica. Múltiplas facetas da comunicação e divulgação científicas: transformações em cinco séculos**, p. 168-185, 2012. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/bitstream/123456789/711/1/M%C3%BAltiplas%20facetas%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

cient%C3%ADficas.pdf#page=169. Acesso em: 17 jul. 2025.

MAIA, Joice Cristina Matildes. **O Instagram como estratégia de comunicação.** 2021. 33 f. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Administrativas, Mariana, 2021. Disponível em: https://monografias.ufop.br/handle/35400000/3598. Acesso em: 03 ago. 2025

MARTIN, Sophia. CreatorsJet. **O que faz Reels viralizarem? Analisamos 200 vídeos virais para descobrir.** Disponível em: https://www.creatorsjet.com/pt-BR/blog/o-que-faz-reels-viralizarem-analisamos-200-videos-virais-para-descobrir. Acesso em: 17 jul. 2025.

MENDES, Marina Muniz; MARICATO, João de Melo. Das apresentações públicas às redes sociais: apontamentos sobre divulgação científica na mídia brasileira. **Comunicação & Informação**, v. 23, p. 1-16, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/ci/article/view/49959. Acesso em: 17 jul. 2025.

META. Instagram For Creators. 2025. **Conecte o seu mundo com criatividade**. Disponível em: https://creators.instagram.com/blog/tips-for-improving-your-reach?locale=pt_BR. Acesso em: 17 jul. 2025.

OLIVEIRA, Yuri Rafael de. **O Instagram como Uma Nova Ferramenta para Estratégias Publicitárias**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16., 2014, João Pessoa. Anais [do] XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa: Intercom, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/30633. Acesso em: 03 ago. 2025

REDAÇÃO MUNDO RH. **Mundo RH**. O Maior Portal de Notícias Para RH. Disponível em: https://www.mundorh.com.br/especialista-lista-12-estrategias-praticas-para-aumentar-o-alcance-dos-seus-posts-no-instagram/ Acesso em: 17 jul. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Educação em diálogo: desafios da modernidade, saberes docentes e construção coletiva no ensino fundamental

ALICE DOS SANTOS SANTANA
CECÍLIA FABIANA SOARES SOUZA
JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO
CAÍQUE SOUZA MACENA
GEISA MARIA AMORIM DE SOUZA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Education in dialogue: challenges of modernity, teachers' knowledge, and collective construction in elementary education

RELATO
EDUCAÇÃO //

Educação em diálogo: desafios da modernidade, saberes docentes e construção coletiva no ensino fundamental

Education in dialogue: challenges of modernity, teachers' knowledge, and collective construction in elementary education

PALAVRAS-CHAVE
RACISMO.
EDUCAÇÃO POPULAR.
ESCUTA ATIVA.
PEDAGOGIA CRÍTICA.

RESUMO Diante de desafios como o uso excessivo de telas, o capacitismo e a violência no ambiente escolar, este relato apresenta a experiência de um projeto desenvolvido por estudantes para criar um espaço de escuta e diálogo entre profissionais da educação em uma escola municipal do interior da Bahia. Fundamentado no Dispositivo de Racialidade, de Sueli Carneiro (2023), e na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (2021), o trabalho discute como o racismo estrutura a sociedade brasileira e impacta a infância e as relações escolares. A iniciativa foi organizada em três encontros dialógicos com professores do Ensino Fundamental, nos quais foram mapeados desafios do cotidiano docente, discutidos estudos de caso e construídas coletivamente estratégias de enfrentamento para temas como capacitismo, violência e uso de tecnologias. As atividades culminaram na elaboração de um material educativo produzido pelos participantes. Os resultados indicam que essas problemáticas ultrapassam o âmbito escolar e envolvem dimensões sociais mais amplas, destacando os impactos do racismo e das desigualdades sociais nas relações educativas.

KEYWORDS
RACISM.
POPULAR EDUCATION.
ACTIVE LISTENING.
CRITICAL PEDAGOGY.

ABSTRACT Faced with challenges such as excessive screen use, ableism, and violence in the school environment, this report presents the experience of a project developed by students to create a space for listening and dialogue among education professionals in a municipal school in the countryside of Bahia, Brazil. Grounded in Sueli Carneiro's Device of Raciality (2023) and Paulo Freire's Pedagogy of the Oppressed (2021), the study discusses how racism structures Brazilian society and affects childhood and school relationships. The initiative consisted of three dialogical meetings with elementary school teachers, in which challenges of daily teaching practice were mapped, case studies discussed, and collective strategies developed to address ableism, violence, and the use of digital technologies. The activities resulted in the collaborative production of an educational material. The results indicate that these challenges extend beyond the school environment and reflect broader social inequalities that affect educational relationships.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ALICE DOS SANTOS SANTANA
Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: alicesantana@aluno.ufrb.edu.br

CECÍLIA FABIANA SOARES SOUZA
Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: ceciliafabiana@aluno.ufrb.edu.br

JOSÉ ALMEIDA DOS SANTOS NETO
Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: josealmeida@aluno.ufrb.edu.br

CAÍQUE SOUZA MACENA
Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: caiquesouza@aluno.ufrb.edu.br

GEISA MARIA AMORIM DE SOUZA
Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: geisaamorim@aluno.ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Diante dos inúmeros desafios que atravessam o ambiente escolar contemporâneo, torna-se cada vez mais urgente e necessário promover espaços de diálogo e escuta qualificada entre os profissionais da educação. A escola, enquanto espaço privilegiado de formação humana, convive diariamente com questões complexas que vão além do currículo formal, exigindo dos educadores um olhar sensível, crítico e articulado com as transformações sociais em curso. Nesse contexto, se insere o presente trabalho, que relata a experiência vivida por um grupo de estudantes no desenvolvimento de um projeto que buscou a criação de um espaço de escuta ativa, diálogo horizontal e troca de experiências entre docentes do ensino fundamental numa escola municipal do interior da Bahia.

O projeto surgiu a partir dos relatos de profissionais que, apesar de comprometidos com o bem-estar dos alunos e com a qualidade do ensino, afirmaram se sentir frequentemente sobrecarregados, isolados ou sem ferramentas adequadas para enfrentar as situações que surgem em sala de aula e nos demais espaços escolares. Entre as questões que emergiram, destacaram-se desafios como o uso excessivo de telas por crianças e adolescentes, as práticas de capacitismo e as mais diversas manifestações de violência que podem ocorrer no cotidiano escolar, afetando as relações interpessoais e interferindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo de todo o processo, buscou-se valorizar os saberes docentes, reconhecer suas experiências como ponto de partida para a construção de conhecimento e promover uma pedagogia crítica, inspirada nos princípios de Paulo Freire e Sueli Carneiro, que defendem uma educação libertadora, antirracista e comprometida com a transformação social. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar não apenas os resultados de uma intervenção pontual, mas a reflexão sobre a importância de espaços formativos contínuos e colaborativos, capazes de fortalecer os vínculos entre os profissionais da educação e de promover mudanças significativas na cultura escolar. Afinal, lidar com os desafios do presente exige, mais do que nunca, escuta, empatia, criticidade e disposição para transformar a realidade a partir do coletivo.

METODOLOGIA Este projeto foi realizado por meio de uma intervenção participativa de caráter extensionista, entre os meses de abril e junho de 2025, com cerca de 30 professores do Ensino Fundamental de uma escola municipal do interior da Bahia. Estruturada em três encontros dialógicos, a iniciativa teve por objetivo promover escuta ativa, reflexão crítica e construção coletiva de estratégias frente aos desafios do cotidiano escolar.

A metodologia adotada teve como base princípios da educação popular de Paulo Freire (2021), priorizando a valorização dos saberes docentes, bem como a horizontalidade nas relações e o estímulo à participação ativa.

O primeiro encontro teve como foco o acolhimento e a escuta inicial dos participantes. A atividade começou com uma breve apresentação individual, seguida de uma roda de conversa sobre os principais desafios enfrentados no contexto escolar, como desinteresse dos alunos, episódios de violência e dificuldades de mediação. Em seguida, utilizou-se a dinâmica dos post-its com três cartazes orientadores, nos quais os professores responderam às perguntas: "O que desejo transformar na minha prática?", "O que me fortalece como educador(a)?" e "O que mais me preocupa na escola atualmente?". Na sequência, os participantes expressaram seu sentimento do momento em palavras escritas, que foram fixadas em uma "árvore simbólica de sentimentos", construída coletivamente.

No segundo encontro, foram apresentados três estudos de caso fictícios, criados com base nas temáticas mais citadas no primeiro encontro: violência escolar, uso excessivo de telas por alunos e práticas capacitistas no ambiente educacional. A leitura e análise dos casos estimularam o debate entre os docentes, que compartilharam experiências semelhantes, estratégias utilizadas e dificuldades encontradas.

O terceiro encontro foi dedicado à criação de estratégias práticas. Os participantes foram divididos em três grupos, conforme o tema de maior interesse: capacitismo, uso de tecnologias e violência escolar. Cada grupo elaborou propostas de enfrentamento ou prevenção, sistematizadas em um mapa mental e apresentadas ao coletivo. As apresentações encerraram o ciclo formativo, seguidas de uma roda de agradecimentos na qual os participantes avaliaram o processo.

Todas as atividades foram mediadas por um grupo de discentes de graduação da área da saúde, com o objetivo de construir, a partir dessa experiência, um material educativo interdisciplinar que pudesse sistematizar as discussões e estratégias desenvolvidas. Os registros das atividades foram realizados por meio de diários de campo, além de registros fotográficos e audiovisuais dos encontros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A partir da escuta dos professores, foi possível perceber que certas questões se impõem nas relações escolares: o uso excessivo de telas pelos alunos, a persistência do capacitismo e a presença constante da violência em suas múltiplas formas. Esses temas refletem mudanças sociais, tecnológicas e culturais que atravessam a escola contemporânea e influenciam os processos educativos (LIBÂNEO, 2012). O presente trabalho elegeu estes temas como centrais nas atividades subsequentes do projeto.

Fundamentados teoricamente pelas reflexões de Sueli Carneiro em *Dispositivo de Racialidade (2023)* e Paulo Freire em *Pedagogia do*

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Oprimido (2021), os resultados indicam que esses fenômenos não são eventos isolados, mas manifestações de estruturas sociais e institucionais que atravessam a vida escolar.

Um ponto fundamental identificado foi a complexa relação dos estudantes com o uso de tecnologias digitais. Os professores expressaram preocupação com o impacto desse uso no desenvolvimento da atenção. À luz da Psicologia do Desenvolvimento, essa preocupação pode ser compreendida a partir das transformações cognitivas e neurobiológicas que marcam a infância e a adolescência. Papalia e Feldman (2013) destacam que o desenvolvimento cognitivo envolve mudanças nas funções executivas, como atenção seletiva, memória de trabalho e controle inibitório, habilidades relacionadas à capacidade de concentração e autorregulação.

A presença intensa das tecnologias digitais no cotidiano infantil e juvenil tem gerado preocupações entre educadores quanto aos seus efeitos sobre atenção, aprendizagem e sociabilidade. Autores da área da educação apontam que a escola enfrenta o desafio de integrar criticamente as tecnologias ao processo pedagógico, evitando tanto a demonização quanto o uso acrítico desses recursos (MORAN, 2015; LIBÂNEO, 2012). Essa ausência de mediação adequada pode reforçar a percepção das telas como inimigas, em vez de recursos pedagógicos. A partir de uma perspectiva crítica da Psicologia Educacional, atribuir às tecnologias a responsabilidade pelo fracasso escolar pode representar um deslocamento do foco estrutural para o indivíduo. Libâneo (1989) argumenta que explicações centradas apenas no aluno tendem a obscurecer os determinantes sociais, pedagógicos e institucionais do processo de ensino-aprendizagem.

No tocante ao capacitismo, apesar dos avanços legais e das políticas de inclusão, ainda persistem práticas excludentes e preconceituosas dentro do ambiente escolar. Professores relataram a dificuldade em lidar com a diversidade de necessidades dos alunos com deficiência, muitas vezes por falta de formação específica e apoio institucional insuficiente. O capacitismo manifesta-se tanto em atitudes explícitas quanto em pequenas omissões e expectativas baixas que prejudicam a inclusão real desses estudantes. Quanto à inclusão, as reflexões dialogam com a pedagogia histórico-crítica de Saviani (2012), ao enfatizar que a escola deve garantir acesso efetivo ao conhecimento sistematizado, superando práticas meramente integrativas. A inclusão exige condições materiais, formação docente continuada e ruptura com expectativas reduzidas em relação aos estudantes com deficiência. Esse cenário reforça a necessidade de formação continuada e de mudanças estruturais que garantam não apenas a presença física, mas o protagonismo desses alunos.

A violência, tema transversal nas reflexões, aparece de forma multifacetada. Os relatos dos professores evidenciaram que ela está profundamente ligada ao contexto social mais amplo em que os alunos estão inseridos. Muitos estudantes vivem em regiões marcadas pela presença de criminalidade e constante exposição à violência urbana. Em alguns casos, os professores relataram episódios em que alunos ameaçaram colegas ou até mesmo docentes, alegando ter parentes envolvidos com o crime. Essas situações, além de gerar medo e insegurança, colocam os profissionais em posição de vulnerabilidade e fragilizam o ambiente de ensino. Esse cenário dialoga com relatórios recentes da UNESCO (2019), que apontam o crescimento de diferentes formas de violência no ambiente educacional, incluindo bullying, discriminação racial e violência

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

verbal contra professores. Tal cenário reforça que a escola não está isolada da sociedade, mas é atravessada por conflitos estruturais que demandam respostas intersetoriais.

Um dos aspectos centrais evidenciados foi o reconhecimento da presença do racismo estrutural na dinâmica escolar, que, conforme Carneiro (2023), se manifesta por meio de práticas e discursos sutis que colocam em dúvida a inteligência e o valor das crianças negras. Essa constatação foi corroborada pelos relatos docentes de situações em que alunos negros são invisibilizados ou desmotivados. Nesse sentido, as falas docentes revelaram uma relação fragilizada com o saber escolar por parte de alguns estudantes, aspecto que pode ser analisado à luz de Bernard Charlot (2000), ao discutir que o fracasso escolar não é ausência de inteligência, mas resultado de uma relação socialmente construída com o conhecimento. Essa compreensão desloca o foco da culpabilização individual para a análise das condições sociais de aprendizagem. Portanto, foi imprescindível reconhecer a relação do racismo com os tópicos levantados, evidenciando como esse fenômeno estrutural não se restringe a incidentes explícitos de discriminação, mas também se manifesta nas práticas pedagógicas e nas expectativas em relação ao desempenho desses estudantes.

Ao mesmo tempo, Freire (2021) inspira uma abordagem que valoriza os saberes e experiências dos alunos e professores como elementos fundantes para a construção do conhecimento. Essa perspectiva, inserida a partir do segundo encontro dialógico, foi essencial para que os docentes percebessem sua própria potência na transformação desse cenário. O processo também possibilitou aos docentes refletirem criticamente sobre o próprio papel na manutenção da segregação desses alunos.

Durante os encontros foram expressas declarações consideradas problemáticas, capacitistas e até racistas como "são todos drogados", "hoje em dia todo mundo é especial", "a gente fica com medo de bater de frente e morrer", "eles não querem nada com a vida". Essas falas levantaram o alerta de que esses profissionais muitas vezes não consideram o contexto social dessas crianças e podem reproduzir preconceitos sem reflexão crítica. Conforme argumenta Pierre Bourdieu (2014), a escola pode atuar como espaço de reprodução das desigualdades por meio da violência simbólica, naturalizando hierarquias sociais e culturais que afetam especialmente estudantes das camadas populares. Nesse sentido, os relatos docentes revelam tensões entre o ideal formativo e as limitações impostas por condições materiais e institucionais adversas. Sendo assim, utilizamos ferramentas críticas de forma horizontal, estimulando reflexões que permitissem aos docentes analisar sua própria prática e reconhecer dimensões estruturais desses problemas.

Outro aspecto notório foi o fortalecimento dos vínculos entre os docentes ao longo dos encontros, em que a construção coletiva das estratégias e o espaço de diálogo contribuíram para o surgimento de um sentimento de pertencimento e de corresponsabilidade. Esta construção coletiva das estratégias e o espaço horizontal de diálogo também dialogam com a perspectiva sócio-histórica discutida por Molon (2002), segundo a qual o desenvolvimento humano ocorre nas relações mediadas socialmente. Nesse sentido, o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre os professores não é apenas um efeito organizacional, mas um processo formativo. Ao refletirem conjuntamente sobre o uso

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

crítico das tecnologias, a inclusão de estudantes com deficiência e o enfrentamento da violência, os docentes produzem novos sentidos sobre sua prática e ampliam sua compreensão do papel social da escola.

Isso revela que, embora os desafios sejam estruturais, a mobilização e o engajamento coletivo podem ser potentes instrumentos de transformação social dentro do espaço escolar. Ao longo dos encontros, foi discutido que não se trata de proibir o uso de telas, mas de orientar a usá-las com criticidade. Que não basta aceitar a presença de estudantes com deficiência, é preciso questionar as barreiras atitudinais e estruturais que os excluem. E que a violência não se enfrenta apenas com regras, mas com vínculos, escuta ativa e envolvimento da comunidade. O resultado foi uma experiência que fortaleceu o olhar crítico dos professores, bem como ampliou o olhar dos mediadores quanto aos desafios inerentes à prática docente.

Durante o processo, emergiram limitações institucionais, como a dificuldade inicial de acesso à gestão da escola e a conciliação dos encontros com a rotina docente, marcada por sobrecarga de trabalho. Apesar dos obstáculos, o engajamento demonstrado pelos professores foi significativo. Muitos relataram que as reflexões e estratégias discutidas já estavam sendo incorporadas à prática pedagógica, evidenciando que a intervenção atuou como catalisador para mudanças no cotidiano escolar e para o fortalecimento da autonomia crítica dos educadores.

Como um dos frutos mais concretos da proposta, foi produzido coletivamente no último encontro dialógico o livreto "Pequeno guia de grandes desafios" (Figura 1), material educativo que reúne alternativas construídas pelos próprios professores para lidar com as três temáticas centrais identificadas na intervenção: capacitismo, violência e uso excessivo de telas. A elaboração conjunta do guia fortaleceu o sentimento de pertencimento dos participantes e resultou em um instrumento de apoio ao enfrentamento desses desafios no cotidiano escolar.



FIGURA 1 – CAPA DO LIVRETO "PEQUENO GUIA DE GRANDES DESAFIOS"/ FONTE: AUTORIA PRÓPRIA (2025).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Os resultados indicam que os desafios vivenciados na escola refletem problemas sociais mais amplos, como racismo estrutural, desigualdades socioeconômicas e preconceitos historicamente reproduzidos. Tais questões exigem ações que transcendam os limites da escola, articulando políticas públicas intersetoriais, formação docente continuada, apoio psicossocial e o fortalecimento de espaços institucionais de escuta e acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A intervenção desenvolvida com docentes do Ensino Fundamental possibilitou a criação de um espaço de escuta, reflexão e construção coletiva. Por meio do diálogo, foi possível identificar desafios do cotidiano escolar e reconhecer caminhos para enfrentá-los de forma crítica e colaborativa. A troca de experiências revelou-se um dos aspectos mais significativos do processo, permitindo que os professores compartilhassem vivências, reconhecessem práticas já em curso e refletissem sobre suas próprias atitudes e formas de atuação na escola.

Essa autorreflexão foi fundamental para que muitos docentes percebessem como, mesmo de forma não intencional, podem reproduzir discursos e práticas que contribuem para a exclusão de determinados grupos de alunos, especialmente aqueles marcados por questões de raça, deficiência ou vulnerabilidade social. O reconhecimento de si como sujeito ativo dentro de uma estrutura que também pode reproduzir desigualdades mostrou-se um passo importante para o reposicionamento ético e pedagógico desses profissionais. À luz das contribuições de Bourdieu (2014), Saviani (2012) e Charlot (2000), compreende-se que os desafios vivenciados na escola não são eventos isolados, mas manifestações de processos históricos e estruturais que atravessam a sociedade brasileira. Nesse sentido, o racismo estrutural discutido por Carneiro (2023), a reprodução simbólica das desigualdades analisada por Bourdieu e Passeron (2014) e a defesa de uma pedagogia crítica presente nas obras de Freire (2021) e Saviani (2012) indicam que a transformação da escola exige mudanças institucionais e processos contínuos de formação e autorreflexão docente.

Reconhecemos que o caráter piloto da iniciativa – com três encontros e um grupo restrito de docentes – impõe limites à abrangência dos resultados, apontando para a necessidade de expansão e avaliação continuada. Ainda assim, a experiência evidencia o potencial de espaços formativos baseados no diálogo, na partilha de experiências e na problematização crítica das práticas escolares, reafirmando a educação como prática libertadora e instrumento de transformação social.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** (edição especial). São Paulo: Paz & Terra, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Psicologia educacional: uma avaliação crítica. In: LANE, Silvia. **Psicologia social: o homem em movimento.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 154-180.

MOLON, Susana. Entrelaçando a psicologia e a educação: uma reflexão sobre a formação continuada de educadores à luz da psicologia sócio-histórica. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 124–143, 2002.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2015.

PAPALIA, Diane E.; FELDMMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 44. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório global. Paris: UNESCO, 2019.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Dialogando sobre inclusão de pessoas surdas: articulação entre a universidade e a Ronda Escolar Portal do Sertão

IRENILSON PATRÍCIO DOS SANTOS
NANCI RODRIGUES ORRICO
AGLAIA MURITIBA CARNEIRO OLIVEIRA
NINA GISELLE MARQUE DE OLIVEIRA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Dialogue on the inclusion of deaf people: cooperation between the university and the ronda escolar portal do sertão

RELATO
EDUCAÇÃO //

Dialogando sobre inclusão de pessoas surdas: articulação entre a universidade e a Ronda Escolar Portal do Sertão

Dialogue on the inclusion of deaf people: cooperation between the university and the Ronda Escolar Portal do Sertão

PALAVRAS-CHAVE
INCLUSÃO.
PESSOAS SURDAS.
ATIVIDADE DE EXTENSÃO.
RONDA ESCOLAR.

RESUMO Trata-se de relato de experiência de ação de extensão desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A atividade alinhou pesquisa acadêmica que vem sendo desenvolvida no âmbito do PPGECID com a área profissional do pesquisador. O mestrando, licenciado em Letras e policial militar da Bahia, atuando na Ronda Escolar Portal do Sertão, em Feira de Santana-BA, está buscando entender os processos de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa escrita, na perspectiva do bilinguismo, para a pessoa Surda. A ação, intitulada "Inclusão de Pessoas Surdas: um olhar sensível com a Ronda Escolar Portal do Sertão", articulou a atividade de labor do discente com a sua formação e a pesquisa. Realizaram-se dois encontros formativos, cujos objetivos consistiram em proporcionar, para esses policiais militares, um aporte teórico sobre a inclusão e a Libras, bem como sensibilizá-los sobre a importância de comunicar-se com pessoas Surdas usando a L1 desses sujeitos e mostrar alguns recursos analógicos e tecnológicos disponíveis para comunicação com Surdos. Ao final, construiu-se um espaço formativo colaborativo, promovendo a sensibilização sobre inclusão e a aproximação entre a pesquisa acadêmica e a prática educativa.

KEYWORDS
INCLUSION.
DEAF PEOPLE.
EXTENSIONACTIVITY.
SCHOOL PATROL.

ABSTRACT This is an experience report on an outreach initiative developed within the Graduate Program in Science Education, Inclusion, and Diversity (PPGECID) at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). The activity aligned academic research underway within PPGECID with the researcher's professional field. The master's student, a graduate in Literature and a military police officer from Bahia, working at the Portal do Sertão School Patrol in Feira de Santana, Bahia, is seeking to understand the processes of teaching and learning written Portuguese from a bilingual perspective for Deaf people. The initiative, titled "Inclusion of Deaf People: A Sensitive Perspective with the Portal do Sertão School Patrol," combined the student's work with his education and research. Two training sessions were held, the objectives of which were to provide these military police officers with theoretical support on inclusion and Libras, as well as to raise awareness of the importance of communicating with Deaf people using their native language and to demonstrate some analog and technological resources available for communication with Deaf people. Finally, a collaborative training space was created, promoting awareness of inclusion and bridging the gap between academic research and educational practice.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

IRENILSON PATRÍCIO DOS SANTOS
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Diversidade e Inclusão – PPGECID/UFRB.
E-mail: patricius_ba@hotmail.com

NANCI RODRIGUES ORRICO
Professor Doutora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Diversidade e Inclusão – PPGECID/UFRB.
E-mail: nanciorrico@ufrb.edu.br

AGLAIA MURITIBA CARNEIRO OLIVEIRA Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Diversidade e Inclusão – PPGECID/UFRB e colaboradora na ação de extensão.
E-mail: aglaia.muritiba@yahoo.com.br

NINA GISELLE MARQUE DE OLIVEIRA Graduada em Direito e no Curso de Formação de Oficiais Policiais Militares pela Academia de Polícia Militar da Bahia. Graduanda em Psicologia. Supervisora da ação de extensão e ex-Comandante da Ronda Escolar Portal do Sertão
E-mail: ninamarques.pmba@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Desenvolver ações de conscientização sobre educação inclusiva requer, antes de tudo, compromisso, cuidado e atenção por parte de todos os envolvidos. Partindo dessa premissa, esta atividade foi planejada para a comunidade, em articulação com uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Nesse sentido, foi realizada uma atividade de extensão vinculada ao componente curricular Estágio de Docência no Ensino Superior em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PGSS061), corroborando com o que diz Pimentel (2018) quando afirma que a educação, na perspectiva da inclusão, é um ato político, visto que espera o movimento de uma sociedade justa e baseada na equidade. Esse momento do percurso acadêmico foi muito relevante por promover uma articulação entre conteúdos teóricos aprendidos e discutidos na academia e a prática da pesquisa. É importante ressaltar que tratar da inclusão de pessoas com deficiências ou transtorno do desenvolvimento global não está restrito apenas ao ambiente escolar. Essas pessoas estão em todos os espaços e frequentam lugares diversos, e nem sempre o outro consegue lidar com eles.

Para construção da atividade, dois pontos foram levados em consideração: i) que a pesquisa que vem sendo desenvolvida versa sobre a Língua Portuguesa escrita, na perspectiva do bilinguismo[1] para a pessoa Surda[2] – Língua Brasileira de Sinais (Libras), como sua primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa escrita, como segunda língua (L2); ii) que o pesquisador que vem desenvolvendo a pesquisa, além de professor com Licenciatura em Letras, também é policial militar concursado e desempenha suas atividades laborais na Ronda Escolar Portal do Sertão, subordinado ao Comando do Policiamento da Região Leste, em Feira de Santana – BA. Logo, a atividade de extensão foi pensada a partir da possibilidade de discutir sobre inclusão em uma perspectiva de articulação entre o Ensino Superior e a comunidade externa.

Nesse contexto, considerando que a Ronda Escolar desenvolve sua atividade fim nas unidades de ensino e no seu entorno, promovendo a

1
Para Capovilla (2000), o bilinguismo tem como objetivo o surdo desenvolver as habilidades na sua primeira língua e a modalidade escrita na sua língua secundária.

2
Optou-se pela escrita com a letra "S" maiúscula por entender que o Surdo é sujeito cultural e político. Assim, a surdez é compreendida como diferença e não como deficiência, (WILCOX, S e WILCOX, P., 2005).

segurança da comunidade escolar, visando abrandar uma possível lacuna comunicacional quando do contato com estudantes Surdos, a ação desenvolvida teve como objetivo apresentar um arcabouço teórico acerca de inclusão, das pessoas Surdas e sobre a Libras, para policiais militares integrantes da Ronda Escolar Portal do Sertão. Vale destacar que esses agentes de segurança pública realizam visitas preventivas e palestras em unidades educacionais e, quando acionados, participam de resoluções de conflitos envolvendo a comunidade escolar. Como desdobramento, os objetivos específicos foram sensibilizar os participantes sobre a importância de comunicar-se com pessoas Surdas usando a L1 desses sujeitos, bem como mostrar alguns recursos analógicos e tecnológicos disponíveis para uma comunicação com Surdos.

Entendemos que a atividade de extensão ganha relevância, pois reconhecemos que a linguagem, numa comunicação ilimitada com o outro, tem função interpessoal, e intrapessoal no que diz respeito à construção do pensamento e conceitos. A ausência de comunicação pode trazer implicações nos desenvolvimentos emocional, social e intelectual da pessoa, como defende Capovilla (2000). Isso foi ratificado por Sacks (2021), ao apontar que muitas vezes a dificuldade de comunicação que as pessoas Surdas enfrentam acontece porque nós, ouvintes, temos o hábito de perceber a pessoa com deficiência a partir apenas da sua biologia (surdez), e não do aspecto social (cidadão).

Nesse sentido, como forma de colocar em prática o proposto como atividade de extensão, foram planejados e realizados dois momentos de oficinas formativas, que contaram com integrantes do policiamento especializado, e membros da comunidade acadêmica do PPGECID/UFRB.

METODOLOGIA O primeiro momento do estágio foi voltado para pensar e refletir sobre uma atividade de extensão que estivesse alinhada à pesquisa que vem desenvolvida no mestrado e ao ambiente de trabalho, neste caso a Ronda Escolar. Dessa forma, foi idealizada em uma ação com a temática "Inclusão de Pessoas Surdas: um olhar sensível com a Ronda Escolar Portal do Sertão". Ressalta-se que no caso específico deste estudo, a intenção é compreender, a partir de metodologia (auto)biográfica[3], através de entrevista narrativa[4], como o estudante Surdo aprende a Língua Portuguesa escrita, como sua segunda língua (L2), refletindo ainda sobre temáticas como inclusão e acessibilidade linguística, dentre outras.

Em seguida, a proposta foi formalizada[5] junto ao PPGECID, através da docente do componente curricular e à instituição parceira, a Ronda Escolar Portal do Sertão, por meio da sua Comandante, à época, a Capitã PM Nina Marques, apresentando a atividade proposta e de como seria a participação dos policiais militares sob o seu comando. A fase seguinte foi a elaboração do roteiro das atividades a serem desenvolvidas, delimitação da temática e forma de abordagem, o planejamento de quando e onde ocorreriam os momentos de sensibilização, e a quantidade de vagas disponibilizadas. Também foi feito o convite à professora de Libras, Aglaia Muritiba, discente do PPGECID, para que essa pudesse contribuir na aplicação da ação.

Para contemplar o efetivo daquela subunidade policial militar, a ação foi planejada para dois dias e o roteiro foi idealizado de maneira que cada encontro contasse com uma parte teórica e legislações sobre

3
Segundo Souza (2007), a (auto)biografia pode garantir, ao colaborador do estudo, a partir da narrativa das suas vivências individuais e coletivas, o papel de protagonista de sua história, enquanto sujeito crítico.

4
Narrativa na pesquisa (auto)biográfica o entrevistador convida o entrevistado a falar de si, numa interação horizontal, fora do esquema pergunta-resposta, mas com questões ou temas relacionados ao que será investigado e contado livremente (Pacha e Moreira, 2022).

5
Conforme estabelecido na Resolução nº 01/2022, de 08 de abril de 2022, do Colegiado do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, que estabelece as normas para o acompanhamento da Prática Profissional Docente, o Plano de Trabalho e todos os documentos obrigatórios foram preenchidos e enviados para apreciação, deliberação e aprovação das partes envolvidas. A ação foi registrada no Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, da UFRB.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

inclusão e pessoas Surdas[6], e outra sobre a importância da comunicação entre ouvintes e Surdos, além de algumas noções sobre a Língua Brasileira de Sinais, ensinadas pela professora de Libras. Definimos a datas 29 de maio e 05 de junho de 2025, das 13h às 18h, com 15 vagas para cada encontro.

Para o local onde pudesse ser realizada a atividade, foi cedido o uso da sala onde funciona o Laboratório de Línguas do Colégio Estadual de Tempo Integral Professora Ana Angélica Vergne de Morais, no bairro Campo Limpo, em Feira de Santana - uma instituição parceira da Ronda Escolar. Para a ação, confeccionamos e enviamos no grupo de *WhatsApp* da Ronda Escolar um *card* com a informação da ação a ser desenvolvida, convidando os policiais militares daquela subunidade para a atividade. Esse mesmo *card* foi publicado e compartilhado nas redes sociais oficiais do PPGECID e da Ronda Escolar Portal do Sertão.

A atividade prática foi proposta da seguinte forma: com a utilização de *datashow*, apresentamos o tema em *slides*, mostrando os objetivos e relevância da temática dentro do contexto em que estamos inseridos. Em seguida, aplicamos a seguinte dinâmica, mas ainda dentro da temática a ser discutida: dividido o público em duplas e trio, um componente de cada grupo recebeu um cartão com informação que deveria ser passada para o outro membro do seu grupo e demais pessoas presentes, sem, contudo, oralizar. E assim se seguiu até que todos os presentes participassem. Passado esse momento, apresentamos alguns documentos legais sobre pessoas com deficiência, inclusão, Surdos, Libras, bilinguismo e outras informações a respeito da comunidade e cultura Surda. Seguimos falando sobre recursos analógicos e tecnológicos que podem intermediar a comunicação entre ouvintes e Surdos, importância da valorização das "vozes visuais" utilizadas por essas pessoas. Como momento prático, foram apresentados e ensinados alguns sinais em Libras, que estão ligados ao cotidiano do policial militar de Ronda Escolar.

Como atividade final, foi disponibilizado um momento para que os participantes expressassem suas considerações e percepções sobre a ação.

6
Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988 (Brasil, 2000, 2002, 2005, 2015, 2021 e 2024, respectivamente).

RESULTADOS E DISCUSSÕES Com a publicação da ação na rede social da Ronda Escolar Portal do Sertão, a 1ª Tenente PM Mônica, então comandante da Ronda Maria da Penha Portal do Sertão, sinalizou interesse da participação do efetivo subordinado ao seu comando. Dessa forma, o convite tornou-se extensivo ao efetivo policial militar pertencente àquele grupamento. Consideramos importante a ampliação do público, já que reconhecemos o quanto as pessoas Surdas têm dificuldades com acesso à prestação de serviços públicos, de um modo geral, por desconhecimento dos servidores públicos não somente sobre a Libras, mas também sobre as singularidades dessas pessoas. Como não há uma formação específica para esses servidores, entendemos a relevância de que mais pessoas que prestam serviço ao público possam passar por formações semelhantes.

Em ambos os dias da ação de extensão, com finalidade lúdica, executamos uma dinâmica com a formação de duplas e trio entre os presentes. Cada membro das duplas e trio recebeu um cartão indicando uma ação para ser apresentada na frente do grupo, mas sem oralização, para que o(s) outro(s) componente(s) da dupla ou trio pudesse(m) descobrir

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

o que estava sendo dito. Todas as duplas e trio se envolveram e participaram. Foi feita também uma contextualização histórica a respeito de como as pessoas com deficiência eram tratadas e, mais especificamente, os Surdos.

Na apresentação teórica, falamos também sobre os períodos de exclusão e segregação das pessoas com deficiência no convívio familiar e social, com base em Galvão Filho (2009), dos primeiros espaços educacionais para pessoas Surdas e o início da língua de sinais pelo mundo (Ramos, 2002). Não deixamos de citar o Congresso de Milão, quando educadores ouvintes planejaram e decidiriam sobre a educação de Surdos, sendo contrários aos pesquisadores Surdos, que defendiam que o aprendizado acontecesse na língua de sinais (Fernandes e Moreira, 2014) e seguimos dialogando acerca de inclusão, pessoas Surdas e Libras com base em documentos legais.

A Língua de Sinais, como instrumento de identidade e pertencimento, representa a pessoa, a comunidade e a cultura Surda. Nesse viés, apresentamos a diferença entre as três situações: pessoa surda - pessoa ou grupo de indivíduos que têm audição, total ou parcial, prejudicada de maneira a impedi-lo de compreender a fala através do ouvido; comunidade Surda - constituída por Surdos, ouvintes, familiares, educadores, intérpretes e demais cidadãos que se identificam com a cultura Surda; cultura Surda – dinâmica e que varia de acordo com a região, é caracterizada como uma maneira de vivenciar o mundo não baseada em sons, mas em experiências visuais e outras sensações, compõe um conjunto de valores, língua (Libras), expressões artísticas, tradições e experiências visuais. Dessa forma, a valorização da identidade Surda permite ao Surdo a sua existência enquanto sujeito participativo, sendo visto para além da deficiência, o que possibilita reconhecê-lo como cidadão essencialmente visual que assimila e produz cultura (Rodrigues-Moura, 2008).

Ainda nesse diapasão, falamos sobre identidades Surdas e também expusemos que a falta de identificação visual dos Surdos e gestos mal interpretados são algumas situações que podem dificultar a abordagem policial com a pessoa Surda. Salientamos a importância de manter contato visual, mesmo que o Surdo não saiba leitura labial. Exibimos alguns recursos analógicos (bloco de notas portáteis e caneta; cartões de comunicação visual, com pictogramas ou palavras-chave indicando ações básicas) e aplicativos tecnológicos (*Hand Talk* e *VLibras*, que traduzem textos digitais escritos ou falados para a Língua de Sinais; e aplicativos que transformam áudio em texto, como o *Transkriptor*), que podem auxiliar na comunicação com Surdos.

Com base nas atividades diárias desenvolvidas pelos agentes de segurança presentes, a professora colaboradora, Aglaia, falou sobre peculiaridades da Libras e ensinou a datilologia e os sinais de algumas palavras/expressões do cotidiano e também relacionadas ao serviço policial militar nas escolas, como: “Bom dia/tarde/noite!”, “Tudo bem?”, “Como é seu nome?”, “Com licença!”, “Obrigado!”, “De nada!”, “Gostei!”, “Pare!”, “Mantenha a calma!”, “Vamos te ajudar!”, “Explique o que houve!”, “policial militar”, “delegacia”, “escola”, “casa”, documentos pessoais e espaços públicos. Em seguida, foi mostrado um pequeno diálogo e alguns voluntários se posicionaram à frente para apresentar em Libras.

Houve bastante participação, com retirada de dúvidas e apresentação de peculiaridades sobre as temáticas apresentadas. E, ao final, como

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

forma de avaliação, as pessoas externaram suas percepções sobre o momento de formação. Houve, inclusive, interesse em aprender a Libras e sugestão de outros encontros formativos sobre a temática. No primeiro encontro, estavam presentes 14 pessoas, sendo dez policiais militares das Ronda Escolar e Maria da Penha Portal do Sertão, e quatro da comunidade acadêmica. Já no segundo momento, participaram sete policiais e duas pessoa da academia.

As percepções externadas pelos participantes ao final dos encontros foram sistematizadas a partir de falas espontâneas, de dúvidas apresentadas ao longo das oficinas e de sugestões de continuidade formativa. A leitura analítica desses registros permitiu identificar três eixos centrais: (i) reconhecimento das barreiras comunicacionais enfrentadas por pessoas Surdas no acesso aos serviços públicos; (ii) ressignificação das práticas de abordagem policial em espaços escolares; e (iii) valorização da formação continuada sobre acessibilidade linguística e inclusão.

No primeiro eixo, observou-se que os participantes passaram a reconhecer que a ausência de estratégias comunicacionais adequadas pode ampliar situações de tensão em abordagens envolvendo estudantes Surdos, sobretudo em momentos de mediação de conflito no ambiente escolar. Um dos participantes destacou que "nunca havia pensado que a abordagem policial poderia gerar tensão quando o estudante não compreende a língua utilizada", evidenciando a necessidade de transição de uma língua oralizada para ou outra viso-espacial (Libras).

No segundo eixo, destacou-se a compreensão de que recursos simples, como contato visual, uso de cartões com pictogramas, escrita mediadora e aplicativos de tradução para Libras, podem favorecer práticas mais humanizadas, seguras e inclusivas durante o serviço policial. Após apresentar alguns recursos tecnológicos que podem diminuir, de forma paliativa, essa barreira comunicativa, alguns policiais militares instalaram em seus aparelhos celulares aplicativos que podem traduzir textos e áudios para Libras. Um policial militar acrescentou: "Eu não sabia. Vou aproveitar para baixar o VLibras e tentar conversar com o irmão da Igreja que congrego, que é Surdo."

O terceiro eixo emergiu do interesse manifestado pelos policiais em ampliar o repertório linguístico em Libras e da sugestão de novos encontros formativos, indicando que a ação extensionista provocou deslocamentos importantes na percepção dos participantes acerca do atendimento à comunidade Surda, inclusive perguntando: "quando será a próxima aula?". Outra policial militar, que também é psicóloga, iniciou o Curso Básico de Libras no semestre seguinte. A Ronda Escolar Portal do Sertão organiza, anualmente, uma semana de atividades voltadas para sua atuação, levando sempre temas variados, a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente, Primeiros Socorros, Inclusão e Acessibilidade, com convidados especialistas em cada área.

Ao tensionar as relações entre linguagem, inclusão e atuação interinstitucional, a experiência extensionista produziu deslocamentos importantes para a pesquisa de mestrado, sobretudo ao evidenciar que o acesso do estudante Surdo ao português escrito como L2 não pode ser compreendido de forma dissociada das condições sociais, comunicacionais e institucionais que atravessam sua trajetória escolar. Nesse sentido, a interlocução com a Ronda Escolar permitiu problematizar a acessibilidade linguística como um princípio que perpassa não apenas a escola,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

mas atores da rede de proteção e cuidado, evidenciando que o debate sobre bilinguismo e inclusão extrapola o campo estritamente pedagógico e alcança dimensões interinstitucionais da escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A realização desta ação de extensão foi uma oportunidade significativa de articular a teoria, vivenciada nas leituras e discussões acadêmicas, com a prática. Também proporcionou aos envolvidos, educadores e agentes de segurança, refletir sobre o quanto é importante estarmos em constante processo de formação, já que lidamos com uma diversidade de educandos, o que evidencia a necessidade de aprofundar reflexões e entendimentos sobre a inclusão.

Através da oficina intitulada "Inclusão de Pessoas Surdas: um olhar sensível com a Ronda Escolar Portal do Sertão", realizada com policiais militares da Ronda Escolar Portal do Sertão e da Ronda Maria da Penha Portal do Sertão, foi possível construir um espaço formativo colaborativo, promovendo a sensibilização sobre a inclusão de pessoas com deficiência, em especial os Surdos.

Além de atender aos objetivos propostos, a atividade também possibilitou a aproximação entre a pesquisa acadêmica e a prática educativa, o aprimoramento de habilidades relacionadas ao planejamento didático, a percepção do outro a respeito da inclusão e diversidade.

Conclui-se, portanto, que a prática contribuiu para os participantes repensarem e refletirem sobre inclusão e a comunicabilidade entre pessoas Surdas e ouvintes. Toda essa experiência serviu de crescimento e amadurecimento dos participantes, em especial do pesquisador que está desenvolvendo a pesquisa sobre o ensino de Língua Portuguesa escrita aos estudantes surdos que utilizam a Libras como língua materna.

Conclui-se, portanto, que a prática contribuiu para que os participantes repensassem estratégias de comunicabilidade com pessoas Surdas, especialmente em situações de abordagem, acolhimento e mediação de conflitos no contexto escolar. Os indícios de transformação puderam ser percebidos no interesse pela continuidade da formação, na apropriação inicial de sinais em Libras relacionados ao cotidiano profissional e na incorporação de recursos analógicos e tecnológicos apresentados durante a oficina, apontando para a possibilidade de repercussões concretas nas práticas futuras da Ronda Escolar Portal do Sertão.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [recurso eletrônico] — Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2024. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoconstituicao/anexo/cf.pdf. Acesso em: 20 mar. 2025.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 20 jul. 2024.

_____. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em 20 jul. 2024.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 20 jul. 2024.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 20 jul. 2024.

_____. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm.Acesso em: 22 jun. 2025.

CAPOVILLA, F. C. **Filosofias educacionais em relação ao surdo:** do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. Rev. bras. educ. espec. [online]. 2000, vol.06, n.01, pp.99-116. ISSN 1413-6538.

CARVALHO, V. F.; CAMPELLO, A. R. S.A **EXISTÊNCIA DE QUATORZE (14) IDENTIDADES SURDAS**. HUMANIDADES & INOVAÇÃO, v. 9, p. 14, 2022. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2792. Acesso em: 10 maio 2025.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. **Políticas de educação bilíngue para surdos:** o contexto brasileiro. EDUCAR EM REVISTA (IMPRESSO), v. 2/2014, p. 51-69, 2014.

GALVÃO FILHO, T.A. **Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva:** apropriação, demanda e perspectivas. 2009. 346p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador-BA, 2009.

PACHA, P.; MOREIRA, L. V. C.. **Entrevista narrativa como técnica de pesquisa**. SYNESIS (ON LINE), v. 14, p. 157-168, 2022.

PIMENTEL, S. C. **A Didática a serviço da inclusão de estudantes com deficiência na escola comum.** Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 66–78, 2018. DOI: 10.12957/riae.2018.29457. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/29457. Acesso em: 27 out. 2024.

RAMOS, C. R..**LIBRAS**: a Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros. In: IPPP. (Org.). Projeto Educação Especial Inclusiva "Módulo Avançado"/ Manual do Aluno. Rio de Janeiro: Setrab/ Secretaria de Estado do Trabalho RJ / IPPP Instituto de Professores Públicos e Particulares, 2002, v. CAP. 4

RODRIGUES-MOURA, Débora. **O uso da LIBRAS no Ensino de Leitura de Português como segunda língua para Surdos**: Um estudo de caso em uma perspectiva bilíngue. São Paulo: s.n., 2008

SACKS, O. **Vendo vozes**: Uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). A**utobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, 372 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). Resolução nº 01/2022, de 08 de abril de 2022. Estabelece normas para o acompanhamento da Prática Profissional Docente para os mestrandos do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade e revoga a Resolução nº 001/2021 PPGECID. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgecid/images/Documentos/Resolucao_de_Estagio_aprovado_em_08042022.pdf. Acesso em: 02 jun. 2025.

WILCOX, P.; WILCOX, S. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Juventude camponesa e permanência universitária: entre desafios e resistências

RAMON SANTANA TEIXEIRA LIMA
IDALINA SOUZA MASCARENHAS BORGHI
THIAGO LEANDRO DA SILVA DIAS

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Peasant youth and university retention: between challenges and resistance

RELATO
EDUCAÇÃO //

Juventude camponesa e permanência universitária: entre desafios e resistências

Peasant youth and university retention: between challenges and resistance

PALAVRAS-CHAVE
EDUCAÇÃO DO CAMPO. ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL. PESQUISA PARTICIPANTE. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

RESUMO O trabalho apresenta uma sistematização das atividades realizadas no Projeto de Extensão "Juventude Camponesa e Permanência universitária: repensar, transgredir e construir", que teve como objetivo criar um espaço de escuta e diálogo para o compartilhamento dos anseios, dificuldades e angústias vivenciados pelos jovens camponeses durante seus percursos formativos acadêmicos na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O planejamento das atividades fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, ancorada nos princípios da pesquisa participante. Para problematizar as discussões, foram realizados dois encontros, tomando como dispositivo de diálogo e escuta os Círculos Dialógicos Formativos, inspirados nos Círculos de cultura Freirianos. A experiência indica que é fundamental existir na universidade um setor responsável pelo acompanhamento da juventude, viabilizando a escuta dos/as jovens e oferecendo suporte para que os/as estudantes possam superar dificuldades pedagógicas, simbólicas e materiais, resistindo a toda forma de invisibilidade e silenciamento.

KEYWORDS
POPULAR RURAL EDUCATION. STUDENT SUPPORT AND RETENTION. PARTICIPATORY RESEARCH. UNIVERSITY OUTREACH.

ABSTRACT The manuscript presents a systematization of the activities carried out within the Extension Project "Peasant Youth and University Retention: Rethinking, Transgressing, and Building," which aimed to create a space for listening and dialogue, allowing the sharing of aspirations, challenges, and anxieties experienced by peasant youth during their academic journeys at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). The planning of activities was based on a qualitative approach grounded in the principles of participatory research. To problematize the discussions, two meetings were held, using Formative Dialogical Circles– inspired by Freirean Culture Circles– as tools for dialogue and listening. The experience indicates the fundamental need for a university sector responsible for supporting youth, enabling attentive listening and providing assistance so that students can overcome pedagogical, symbolic, and material challenges, while resisting all forms of invisibility and silencing.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

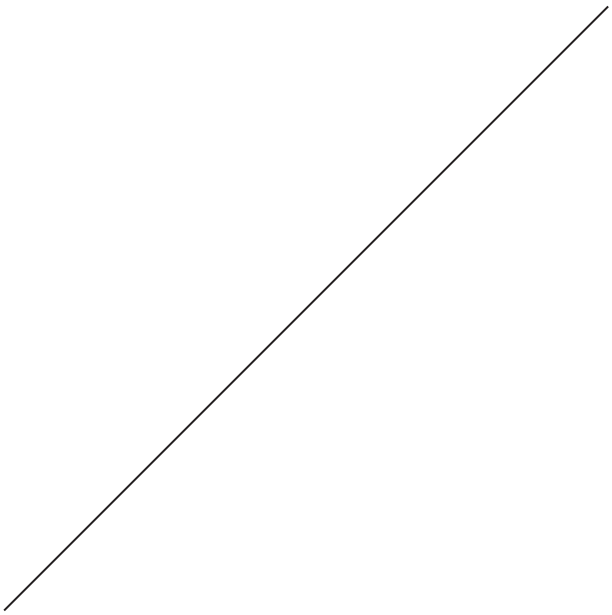
RAMON SANTANA TEIXEIRA LIMA
Mestrando em Educação Cientifica Inclusão e Diversidade (PPGECID/UFRB), participante do grupo de estudos e pesquisas em Educação e Diversidade (GEPED).
E-mail: ramonteixeira@aluno.ufrb.edu.br

IDALINA SOUZA MASCARENHAS BORGHI
Mestra e doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (Ciências da Natureza e Matemática) (UFRB). Professora permanente do Programa (PPGECID), Lider do grupo de estudos e pesquisas em Educação e Diversidade (GEPED).
E-mail: ismborghi@ufrb.edu.br

THIAGO LEANDRO DA SILVA DIAS
Mestre e doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Professor do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (Ciências da Natureza e Matemática) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), vinculado ao NEA Laboratório Vivo.
E-mail: thiagodias@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



INTRODUÇÃO O texto que se apresenta é uma sistematização das atividades realizadas no Projeto de Extensão "Juventude camponesa e permanência universitária: repensar, transgredir e construir", que foi desenvolvido como etapa formativa do componente curricular Prática Profissional Docente, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Científica Inclusão e Diversidade (PPGECID), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A motivação para realizar esse projeto de extensão com jovens camponeses/as universitários/as surge a partir da realidade do primeiro autor, jovem camponês na universidade, com uma trajetória acadêmica marcada pela existência de dilemas que dificultaram a sua permanência na graduação, e ao mesmo tempo, despertou o seu interesse em compreender como estudantes, com realidades semelhantes à sua, estão enfrentando seus dilemas. Para tanto, o objetivo principal desse projeto foi conhecer a trajetória acadêmica dos estudantes camponeses, por meio da criação de um espaço de escuta e diálogo, para o compartilhamento dos anseios, dificuldades e angústias por eles/as encontradas e, nesse relato, refletimos sobre a experiência vivenciada, propondo indicadores de ações, para que os/as estudantes possam superar dificuldades e enfrentar os desafios da permanência simbólica e material.

Além da introdução, este relato está organizado em três seções: na primeira, apresentamos o percurso metodológico sobre o planejamento e construção da proposta; na segunda parte, apresentamos a descrição do primeiro encontro "Diálogos acadêmicos sobre juventudes", na terceira parte abordamos as ações do encontro "Desafios e resistências na permanência universitária". Concluímos com uma síntese acerca do processo formativo, apontando caminhos para que os estudantes não tenham uma trajetória acadêmica marcada por dificuldades materiais e simbólicas.

METODOLOGIA Ao pensarmos em processos metodológicos para realização do projeto de extensão, consideramos uma diversidade de elementos presentes nas discussões sobre juventudes e universidade. Portanto, definimos a abordagem qualitativa como a mais adequada, por

ser direcionada para os valores humanos, histórias e experiências dos participantes (Fazenda, 2008). A inspiração da pesquisa participante nos inseriu no movimento de escuta e interação com os jovens, na diversidade de seus modos de constituir suas identidades juvenis, de ser e estar na Universidade.

Foram realizados dois encontros presenciais no período entre maio e junho de 2025 e, a partir destes encontros, encaminhamos uma proposta de arte-educação, um grafite planejado e construído coletivamente com os participantes do projeto, durante o mês de agosto, no Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS). Com relação aos participantes, tivemos uma média de 23 jovens do campo, oriundos dos munícipios de Antônio Cardoso, Ibipeba, Feira de Santana, Itaguaçu da Bahia, Ipecaetá, Piatã, Água Fria e Irará; todos eles localizados no Estado da Bahia. Os participantes da ação extensionista são estudantes universitários dos cursos de Tecnologia em Alimentos na Educação do Campo, Licenciatura em Educação do Campo nas áreas do conhecimento Ciências da Natureza e Matemática e do Mestrado em Educação Científica Inclusão e Diversidade (PPGECID).

Para o primeiro encontro de Diálogos sobre Juventudes, tomamos como referência, para incentivar a construção do debate, autores como Dayrell (2003), Pais (1990), Weisheimer (2019), Borghi, Orrico e Mendes (2021), refletindo sobre autonomia, independência, papel do jovem na sociedade, juventude camponesa, entre outras questões relacionadas aos percursos formativos e histórias de vida, que surgiram durante os encontros com os participantes. Para o segundo encontro sobre Desafios e resistências na permanência universitária, selecionamos como referências norteadoras a Lei de Cotas, as resoluções e portarias de ações de permanência ofertadas pela UFRB, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e o artigo "Juventudes, pesquisa (auto) biográfica e formação docente: narrativas e implicações insurgentes" (Souza; Borghi; Orrico, 2024), além de recortes de pesquisas com falas de estudantes sobre a forma de ingresso dos jovens camponeses na universidade, as expectativas, os anseios, os dilemas, as condições de permanência material e simbólica, entre outros achados que foram obtidos durante a Revisão de Literatura da Pesquisa de Mestrado do primeiro autor.

Neste relato de experiência, o procedimento que utilizamos foi a descrição das experiências dos participantes relacionadas à permanência universitária, e que foram obtidas nos Círculos Dialógicos, realizados em cada encontro por meio do diálogo problematizador articulado com a práxis pedagógica, epistemológica e política das ações sociais pensadas de forma crítica (Toniolo; Heinz, 2017). Afirmamos que, para preservar a identidade e anonimato dos participantes, utilizaremos nomes fictícios[1].

CONCEPÇÕES DE JUVENTUDES A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

No primeiro momento, foi realizada a apresentação da coordenação, composta pelo primeiro autor (mestrando), a orientadora e o supervisor da Prática Profissional Docente, bem como foi apresentado o objetivo do projeto, a quantidade de encontros e, em seguida, realizamos uma breve rodada de apresentações com os participantes. Após esse momento de apresentações, iniciamos os diálogos sobre juventudes com a provocação sobre o "significado de ser jovem para

1 A ação de extensão está ligada a pesquisa de mestrado Juventude Camponesa e Permanência Universitária: Dilemas e Persistências, aprovada no Comitê de Ética (87603825.4.0000.0056). As falas dos participantes foram gravadas, com autorização prévia, posteriormente foram transcritas utilizando a funcionalidade "transcrição de áudio" do Microsoft Word..

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

cada participante", uma pergunta simples que provocou reflexões profundas e uma das participantes externalizou suas percepções da seguinte forma: "é uma descoberta, a cada dia nós aprendemos coisas novas e aí também. É, cada vez são mais responsabilidade nas costas da gente, então ser jovem é uma mistura de coisas para mim, sabe?" (Júlia, 2025).

A juventude não é somente um momento para experimentação de novas possibilidades e descoberta de valores; para alguns, ela é marcada pela responsabilidade relacionadas a trabalho, estudos e família. Weishemer (2019) acredita que os jovens do campo alcançam a maturidade mais cedo, pois, desde crianças, alguns possuem responsabilidades que são adquiridas nas atividades laborais de subsistência. Portanto, consideramos que a juventude é uma construção social influenciada pelo contexto de vivência e seus fatores. Nesse sentido, conforme Pais (1990), existem diversas juventudes. Para problematizar esse conceito realizamos as seguintes perguntas: "todos os jovens conseguem viver a juventude da mesma forma? Ela é algo homogêneo para todos?". Entre as opiniões dos participantes, destacamos a seguinte:

Então, eu acho que a realidade não é igual para todos, principalmente pela oportunidade, porque não é todo mundo que tem a mesma oportunidade, não é todo mundo que tem um apoio, tipo a família para apoiar, amigos ou tem que trabalhar, tem filhos (Dandara, 2025).

A partir da fala de Dandara, percebemos que ela entende que existe uma diversidade de juventudes e que os fatores sociais como família, trabalho, filhos e outros marcadores sociais influenciam a forma como as pessoas vivenciam essa fase da vida, chegando ao ponto de ter a sua juventude negada. Para aprofundarmos a discussão sobre o conceito de juventudes, utilizamos dois episódios do documentário "Crianças Invisíveis". Em uma visão ampla dos sete episódios, o documentário aborda a ausência da garantia do direito do acesso à educação, segurança, alimentação, brinquedos, brincadeiras e as infâncias que são negadas. O objetivo de exibir o documentário foi fazer analogia entre a existência de diferentes infâncias e o pensamento de que a juventude não é homogênea, ou seja, deve ser pensada na sua pluralidade. Esse momento reforçou o conhecimento que os participantes já possuíam sobre o conceito em discussão, porém com o documentário surgiram novos relatos, tais como:

Eu moro num bairro periférico onde tenho a noção e vejo a olho nu. São pessoas que já vem marginalizadas e acabam tendo seus filhos e isso vai se prolongando. Então tem crianças que já nascem de berço com aquilo. E um jovem desse, como que mora lá no meu bairro, não escapa da criminalidade, não se escapa da droga. Segundo o relato de pessoas que eu via todo dia, uma criança de onze anos foi vítima da criminalidade. Por envolvimento com a criminalidade, sem acesso a projetos sociais, outras coisas e, dias depois, o mesmo irmão, com quinze anos, a mesma família, foi vítima da criminalidade também (Nelson, 2025).

A partir da fala de Nelson, juntamente com as percepções de Arroyo (2015) sobre a nova segregação social, afirmamos que entre os motivos das juventudes serem negadas estão a ausência dos diretos sociais coletivos para as mulheres, povos originários, afrodescendentes, negros, LGBTQIA+, entre outros grupos marginalizados, que historicamente foram colocados em contextos de estratificação

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

social que negam a qualidade de vida humana.

Após esse momento e como última atividade do encontro, realizamos uma vivência sobre empatia, em que os participantes receberam fichas com dilemas vivenciados por jovens de diferentes classes sociais e, organizados em trio, eles receberam a orientação de se colocar no lugar desses jovens e discutir estratégias para superar o dilema indicado na ficha.

O primeiro trio pegou a ficha do personagem jovem indígena, apresentando profunda discordância com uma proposta de educação que não respeita as diversidades culturais. Como estratégia para superar esses dilemas, a equipe ressaltou a valorização e afirmação da sua identidade cultural, expressando suas simbologias, como as pinturas corporais e artefatos culturais. O segundo trio pegou a ficha de uma jovem camponesa, de classe popular em espaço urbano, com dificuldades de acesso à educação e trabalho, com o dilema em deixar o campo em busca de melhores condições de trabalho ou permanecer e buscar mudanças. Compartilhando suas percepções sobre essa situação, o grupo problematizou o êxodo realizado por familiares do campo para a cidade, em busca de melhores condições de trabalho, e as relações patriarcais que definem os papeis dos homens, saindo para trabalhar, e das mulheres cuidando dos filhos no campo.

O terceiro trio pegou a ficha da jovem negra e mulher com o dilema de como conquistar espaço e respeito em ambientes masculinos e predominantemente brancos. Um dos pontos levantados pelo grupo para enfrentar esse dilema foi a coletividade, considerando que, a partir do momento em que me reconheço como mulher negra estigmatizada, a união com outros atores sociais pode contribuir com o fortalecimento e engajamento na luta contra esse tipo de discriminação.

Com essa atividade, finalizamos o nosso primeiro encontro do projeto com foco na discussão das juventudes. Ressaltamos que os encontros não tinham uma estrutura sólida ou roteiro fixo. Nosso objetivo foi discutir sobre a diversidade de juventudes, porém, no decorrer do diálogo, sugiram outras falas referentes à permanência, como a fala de Paula (2025) sobre as dificuldades que encontrou para trabalhar e ter uma renda:

> Porque tem mais dificuldades em questões financeiras, muitos não têm condições de ficar vindo para a universidade. Por exemplo, eu mesma preciso da ajuda dos meus pais. Mas muitos pensam assim: se eu não tenho uma quantia boa aqui, não dá para sobreviver muito tempo; então o que a maioria faz é desistir. Outros procuram outros meios, tipo o curso com bolsa, a gente tenta procurar bolsa, só que muitos não têm bolsa. Então, muitos ficam sem bolsa, por que tem dificuldade e... como trabalhar? Porque a carga horária é muito longa. Então tem vezes que quando a gente termina o curso, a gente procura trabalho de meio período e ganha pouco. Tipo, eu mesma fui trabalhar na Fraga Maia. Eu só ganhava 80 reais a diária e gastava 30 reais com transporte e fiquei apenas com 50; então não vale a pena, porque não tem como me bancar aqui. A universidade, mesmo sendo pública, é para pessoas que tem condições de estar aqui (Paula, 2025).

A fala de Paula antecipou brevemente o conteúdo da discussão do encontro sobre permanência. A partir desse relato, afirmamos que um dos dilemas dos estudantes é a ausência de recursos financeiros para se manter e, quando tentam buscar os meios para obter

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

recursos, enfrentam dificuldades por não conseguirem conciliar o trabalho com os estudos. Portanto, consideramos necessário repensar o acesso e a permanência dos jovens na universidade, lutar pela construção de políticas públicas que atendam às necessidades dos estudantes e garantam condições dignas para a realização do curso.

DESAFIOS E RESISTÊNCIAS NA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Iniciamos o encontro com o acolhimento, realizado por meio da contação da história "O caso do Abacaxi". O objetivo dessa atividade, na abertura, foi provocar nos participantes reflexões sobre a forma como se sentem, sendo jovens na sociedade, do ponto de vista da participação nos espaços sociais, culturais, políticos, nas comunidades, famílias e em outros espaços onde constroem suas existências. Nesse diálogo, as/os jovens se posicionaram afirmando que:

Nessa trajetória que a gente realiza nesse percurso, muitas vezes eu me sinto meio excluída, não me sinto participativa das coisas, não consigo me envolver tanto e, quando a gente não consegue se envolver em algo, a gente se sente excluída... Quando a gente tenta pegar esse conhecimento que a gente adquiriu dentro da academia e levar para nossa comunidade, ela não dá valor a esse conhecimento que a gente leva. Muitas vezes, a gente, por muita tentativa, tenta organizar a comunidade. Mas a comunidade não colabora, não participa. Isso é muito frustrante para a gente porque nós queremos aplicar esse conhecimento dentro da nossa comunidade, porém, não conseguimos avançar (Beatriz, 2025).

Analisando o relato de Beatriz percebemos que, sobre a autonomia e participação nos espaços sociais da sua comunidade, a estudante acaba não conseguindo compartilhar os conhecimentos obtidos dentro do espaço acadêmico, talvez pela falta de confiança das pessoas adultas da comunidade na responsabilidade e potencialidade da jovem. Acrescentamos que essa dificuldade em compartilhar os conhecimentos na comunidade, pode ter origem também na desqualificação do gênero feminino; nessa situação existe a interseccionalidade entre o estigma de jovem e a discriminação de gênero (Crenshaw, 2002). Continuando com a rodada de diálogo, colocamos uma questão motivadora para os participantes, referente aos primeiros semestres do curso, considerando a sensação de estranhamento e não pertencimento ao espaço acadêmico. Um exemplo das percepções compartilhadas foi o seguinte:

O primeiro semestre para a gente foi bem difícil, mas eu acho que os professores entendiam, sempre auxiliavam, talvez por ser Educação do Campo eles entendem que a gente vem de um contexto de educação que é defasado e eles sempre tinham paciência. E a gente ia evoluindo com o tempo, melhorando a leitura, a escrita, a comunicação. Mas sempre com a paciência dos professores e isso eu acho que foi fundamental para a gente não desistir de primeira (Marielle, 2025).

Com a fala dessa participante, percebemos como é importante o apoio pedagógico para a adaptação do estudante, pois isso vai além das condições materiais para a permanência. O acolhimento docente contribui com a construção do sentimento de pertencimento à universidade e, consequentemente, à ocupação do lugar de direito do estudante do campo com o desejo de estar presente na universidade. No que concerne à permanência material, os participantes dialogaram sobre os auxílios ofertados pela universidade, como bolsa

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

permanência, residência e restaurante universitário. Tivemos a seguinte fala nesse sentido:

> É muito difícil a gente trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Eu faço uma trajetória que às vezes parece que minha mente vai explodir [...]. Quando eu vou estudar, a minha mente está tão cansada que eu não consigo absorver os conteúdos. Muitas vezes, até o que o professor fala em sala de aula eu acabo esquecendo. E quando é na hora de fazer as atividades, isso me dá um nó na mente que eu não consigo avançar nas atividades. Então, muitas vezes eu acabo chorando. Eu falo: nossa, eu não estou aguentando, eu não estou suportando, eu venho de uma geração que não é tão tecnológica, eu tenho dificuldade enorme de mexer no notebook. E quando a gente chega aqui na universidade e se depara com as regras da ABNT, formatação de trabalho, algo que a gente não está convivendo no dia a dia para fazer, isso dá um nó na minha mente que eu não consigo avançar. (Bruna, 2025).

Na fala de Bruna, marcada pelo choro diante de uma rotina exaustiva de trabalho e dificuldades em se adaptar às normas do trabalho científico, percebemos que os estudantes que não possuem recursos financeiros enfrentam barreiras materiais e simbólicas para permanecerem no curso. Os jovens das classes populares precisam aprender o ofício de estudante acadêmico e os primeiros anos do curso são os mais turbulentos, por conta da sensação de estranhamento, normas acadêmicas de produção cientifica, linguagem formalizada, cobranças dos professores e ausência de orientação pedagógica na realização das atividades (Coulon, 2017).

Como última atividade do encontro, os participantes se reuniram em dois grupos, para construírem coletivamente, a partir das suas vivências e discussões no encontro, um mapa mental sobre os dilemas da permanência. Por meio dos conceitos colocados, identificamos que, entre os principais dilemas na permanência, estão o acesso a bolsas de auxílio, falta de recursos financeiros, falta de didática contextualizada com suas realidades, ausência de restaurante universitário, falta de escuta dos estudantes e de suas dificuldades, demonstrando a necessidade de construção de um ambiente inclusivo para as diversidades, e que garanta as condições indispensáveis para a permanência no curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Na realização da ação de extensão, tivemos um prazo apertado por conta do calendário académico dos estudantes da Educação do Campo, pois esses cursos são organizados por meio da Pedagogia da Alternância, desenvolvido em dois Tempos formativos: Tempo universidade e Tempo comunidade. Entretanto, mesmo com esse pequeno obstáculo temporal, consideramos que a experiência de uma ação extensionista direcionada para as juventudes foi muito bem-sucedida e alcançamos o objetivo de proporcionar aos estudantes um espaço para que compartilhassem suas experiências, anseios e angústias, vivenciados nas suas trajetórias académicas. As ações realizadas indicaram sinais de que é fundamental a existência de um setor da universidade responsável pelo acompanhamento da juventude universitária, fornecendo suporte para que os estudantes não tenham uma trajetória acadêmica marcada por dificuldades pedagógicas, materiais e toda forma de silenciamento. Isso pode ser feito com ações como rodas de conversa periódicas, formações sobre ferramentas digitais, seminários temáticos, políticas de permanência conectadas com políticas intersetoriais de combate à pobreza e distribuição de renda, implementação do

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

restaurante universitário, entre outras, que contribuirão com a permanência e dignidade de vida acadêmica dos estudantes..

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **O direito à educação e a nova segregação social e racial, tempos insatisfatórios?** Educação em Revista, v. 31, n. 3, p. 15–34, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-469813057. Acesso em: 29 ago. 2025.

BORGHI, Idalina; ORRICO, Nanci; MENDES, Maricleide. **Tecer a vida em tempos de pandemia**: narrativas e aprendizagens de jovens universitários camponeses. Revista Práxis, v. 13, n. 25, p. 1–18, 2021. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/praxis/article/view/12597. Acesso em: 29 ago. 2025.

COULON, Alain. **O ofício de estudante**: a entrada na vida universitária. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1071–1084, out./dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/j/ep/a/zCPSswwGqq6PQ-TxJ7JBd9TG/?lang=pt. Acesso em: 29 ago. 2025. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201710167954.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, set./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?lang=pt. Acesso em: 29 ago. 2025.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Metodologia da pesquisa educacional.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. Análise Social, v. 25, n. 106, p. 949–976, 1990. Disponível em: https://doi.org/10.31447/AS00032573.1990105.07. Acesso em: 29 ago. 2025.

SOUZA, Elizeu; BORGHI, Idalina; ORRICO, Nanci. Juventudes, pesquisa (auto)biográfica e formação docente: narrativas e implicações insurgentes. **Revista @mbienteeducação**, v. 17, n. 00, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.26843/ae.v17i00.1260. Acesso em: 29 ago. 2025.

TONIOLO, Joze; HENZ, Celso. **Paulo Freire no âmbito da pesquisa**: os círculos dialógicos investigativo-formativos como possibilidade de reinvenção dos círculos de cultura e auto(trans)formação permanente com professores. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 398–415, maio/ago. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5216/ia.v42i2.44026. Acesso em: 29 ago. 2025.

WEISHEMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar**. Curitiba: CRV, 2019.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Mediação cultural no Memorial de Ensino Agrícola Superior da Bahia - MEASB: relatos de experiências com diferentes perfis de público visitante

CELESTE DA SILVA SANTOS
GUILHERMINO DOS SANTOS NETO

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Cultural mediation at memorial of higher agricultural education of Bahia - MEASB: reports of experiences with different visitors' profiles

Mediação cultural no memorial de ensino agrícola superior da Bahia - MEASB: relatos de experiências com diferentes perfis de público visitante

Cultural mediation at memorial of higher agricultural education of Bahia - MEASB: reports of experiences with different visitors' profiles

PALAVRAS-CHAVE
MEMÓRIA.
PÚBLICO.
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.
CIDADANIA.
CULTURA.

RESUMO Este texto traz reflexões sobre a prática educativa de Mediação Cultural, por meio de relatos de experiências, observadas e vivenciadas com o público diversificado, visitante do MEASB. Para públicos distintos, há ocorrência de ajustes e adaptações nas abordagens, na forma de comunicar e no conteúdo utilizado, visto que cada indivíduo ou grupo vive e compreende formas e expressões diferentes de interpretar e se relacionar com o mundo. As pessoas frequentam esses espaços não apenas para apreciar as exposições, mas também para aprender, se conectar com a história e a cultura, e participar de atividades que promovem o diálogo e a inclusão. A estrutura ideal de trabalho dos museus inclui educadores, curadores, técnicos e outros profissionais. Considerando a realidade de cada instituição, é essencial criar experiências enriquecedoras e acessíveis a todos. Dessa forma, os museus podem desempenhar um papel social e educativo, refletindo a razão das pessoas frequentarem estes espaços, contribuindo para fortalecer o senso de identidade, promover a cidadania e estimular o pensamento crítico na sociedade.

KEYWORDS
MEMORY.
PUBLIC.
HERITAGE EDUCATION.
CITIZENSHIP.
CULTURE.

ABSTRACT This text reflects on the educational practice of Cultural Mediation, through reports of experiences observed and experienced with the diverse audiences that visit MEASB. For different audiences, adjustments and adaptations are required in approaches, communication methods, and content used, as each individual or group experiences and understands different ways of interpreting and interacting with the world. People visit these spaces not only to enjoy the exhibitions but also to learn, connect with history and culture, and participate in activities that promote dialogue and inclusion. The ideal working structure for museums includes educators, curators, technicians, and other professionals. Considering the specific circumstances of each institution, it is essential to create enriching experiences that are accessible to all. In this way, museums can play a social and educational role, reflecting the reasons people visit these spaces, helping to strengthen a sense of identity, promote citizenship, and stimulate critical thinking in society.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

CELESTE DA SILVA SANTOS
Museóloga e Pedagoga; Técnica Administrativa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: celeste.santos@ufrb.edu.br

GUILHERMINO DOS SANTOS NETO
Estudante de Zootecnia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.
E-mail: gneto046@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A criação do MEASB está diretamente ligada à história do ensino agrícola no Brasil, que remonta à fundação do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura, em 1859, durante o reinado de D. Pedro II.

O Instituto Imperial da Bahia - IIBA, situado em São Francisco do Conde, foi a primeira instituição de ensino agrícola da América Latina, estabelecendo as bases para o desenvolvimento das ciências agrárias no país.

A Escola Agrícola da Bahia, inaugurada em 1877, deu continuidade a essa tradição, formando os primeiros engenheiros agrônomos do Brasil.

Ao longo dos anos, essas instituições enfrentaram desafios, incluindo extinções e reorganizações.

Em 2004, o MEASB foi criado para preservar e dar continuidade ao legado dessas instituições pioneiras, promovendo a reflexão sobre o papel das ciências agrárias na construção do Brasil contemporâneo.

Os museus despertam o interesse das pessoas pelo significado dos objetos dentro do âmbito educativo e contemplativo. Porém, mais do que uma construção física onde são salvaguardados objetos com significado histórico ou valor científico de diversificada tipologia, deve ser considerado que nesses espaços ocorrem a construção de memórias individuais e coletivas. Suas múltiplas atividades, as quais são disponibilizadas a serviço da educação do seu público, estão atreladas aos objetos de suas

coleções, que, quando identificados e inseridos em um contexto, passam a representar um aspecto específico da história, da sociedade ou da cultura. No caso do MEASB, a instituição reúne exemplares de objetos que formam um acervo, onde é materializada a memória do ensino agrícola no Brasil, ao narrar as práticas de ensino, as técnicas de agricultura e o cotidiano da Escola de Agronomia.

O envolvimento conjunto da equipe de um museu, no sentido de proporcionar entretenimentos que atraiam e assegurem ao público a troca e construção de conhecimentos, resultam em ações importantes na preservação da memória de uma sociedade e contribui no compartilhamento de informações, onde acontece a troca de experiências sobre Educação Patrimonial.

A atividade educativa está intrinsecamente ligada à ação cultural, baseada no processo de mediação, permitindo ao visitante a apreensão do bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca. A ação educativa deve promover sempre benefício para a sociedade, garantindo as possibilidades de expressão dos indivíduos, reiterando o papel social do Memorial.

A Mediação Cultural ocorre entre os atores envolvidos, em um processo que, através das diversas contribuições observadas em cada etapa da atividade, culminam em resultados positivos na comunicação e compreensão. A mediação permite uma observação de diferentes comportamentos, considerando as vivências, aprendizados e reflexões com cada público específico, que podem contribuir para análise de diferentes abordagens.

A ação do mediador é focada no diálogo, visando instigar o público para a reflexão e ao estímulo para compartilhamento das diferentes percepções e pontos de vista. Esta atividade no MEASB busca implementar a prática educativa que privilegia a troca de saberes, a construção dos significados por meio dos entendimentos subjetivos e da experiência vivida em tempo real, que levam à construção de conhecimento. Contrastando com a ideia de visita guiada, que é caracterizada por um roteiro delimitado e decorado em que se pressupõe a presença de um público que não sabe, a mediação parte do pressuposto de que o público sabe também, buscando estabelecer vínculos, sustentar alguns conflitos e incitar que o público se aproprie e reformule o significado das visitas aos museus e seus acervos. Na prática de mediação, o visitante não é apenas um repositório de informações externas, mas participante ativo da produção de conhecimento.

Este relato de experiência faz um recorte sobre as atividades de visitação ao Memorial de Ensino Agrícola Superior da Bahia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (MEASB - UFRB), no período de maio a julho de 2025, utilizando a Mediação Cultural como ação significativa para entendimento do processo em andamento, onde os visitantes são estimulados a exercer a participação reflexiva e crítica e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar os patrimônios culturais, propiciando-lhes a possibilidade de analisar e interpretar os objetos como elementos do saber, identificando seus aspectos materiais, históricos e simbólicos.

METODOLOGIA A presente pesquisa adota uma abordagem descritiva, com foco na sistematização e análise de vivências com o

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

público durante atividades de mediação cultural. A metodologia consiste na descrição detalhada e organizada dessas experiências, com o objetivo de compartilhar aprendizados, reflexões e contribuições oriundas da prática. Para isso, são apresentados o contexto das ações, o relato das atividades desenvolvidas e a análise qualitativa dos resultados observados, permitindo compreender os impactos e significados gerados no processo de mediação.

REFERENCIAL TEÓRICO Para Burke (2003), o conhecimento e a informação são termos integrados à economia, à sociedade e à era em que vivemos. O autor justifica que o conhecimento é uma questão política importante que precisa estar atrelada à informação, e que conhecimento e informação, além da evidência em sua aquisição e transmissão, passa também pelo enfoque de seus detentores, pelo maior interesse pela vida, pela participação cotidiana da sociedade e pela atenção devida aos atores participantes.

Valladares, nos idos de 1946, já sugeria que as ações em museus são relevantes, e que estas instituições devem ser tratadas como centros de aprendizagem e divulgação cultural e educacional.

Grunberg (2007) entende a Educação Patrimonial como processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações, e, que, com esse Patrimônio, material e imaterial é que se pode trabalhar num processo constante de conhecimento e descoberta.

Franz (2001) propõe que a mediação em museus precisa considerar a observação de forma que ela seja aproveitada ao máximo. Nesse caso pode-se inferir que a mediação é uma ferramenta fundamental para tornar a experiência dos visitantes mais enriquecedora e significativa. É importante incentivar os visitantes a olharem com atenção, refletirem sobre o que estão vendo e se envolverem de maneira ativa com a atividade. Dessa forma, durante a mediação é interessante estimular essa observação consciente para criar uma conexão mais profunda entre o público e o conteúdo do museu, tornando a visita mais educativa e prazerosa.

Marandino (2008) afirma que os museus foram assumindo cada vez mais e de formas diferenciadas seu papel educativo. A autora relata que os museus vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa e que são identificados como espaços de educação não-formal. Que tal caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O PAPEL DE UM ESPAÇO MUSEOLÓGICO NA SOCIEDADE

A responsabilidade de comunicar, de dar acesso aos bens culturais e naturais de uma determinada sociedade é ação inerente ao museu, visto que precisa estar inserido a um contexto social. Dessa forma o museu deve servir a sociedade, percebendo que os valores de sua cultura devem ser transmitidos. São também espaços de exposição, conservação, ensino, encontro e, às vezes, desencontro entre as propostas institucionais e seus públicos.

As atuais reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

deslocam a escola para outros locais possíveis de ser exercitada a educação. Os centros culturais, em razão de sua capacidade educativa e de suas singularidades, ganharam lugar de destaque nesse processo, cumprindo o papel de educar, facilitar o acesso à cultura, socializar, favorecer a prática da cidadania, formar indivíduos críticos, criativos e autônomos. As Escolas realizam visitas pedagógicas onde o Memorial é usado como ferramenta educacional, buscando aprender sobre história, ciência, cultura, arte ou outros temas relevantes, como complemento ao aprendizado em sala de aula.

O PAPEL DO MEDIADOR NA APROXIMAÇÃO DOS VISITANTES AO ACERVO EXPOSTO

Os mediadores devem assumir o papel de conectores do público à instituição e ao acervo, servindo de intermediário para um entrosamento entre o objeto e o visitante, através de uma comunicação adaptativa, obedecendo ao nível de escolaridade, a idade, o interesse e a dinâmica do público. Cabe observar como ocorre a comunicação, o quanto os visitantes se interessam em interagir com a história e o acervo, que é o "termômetro" que indica o quanto o público contribuirá para o processo de interação, considerando também a motivação da visita ao espaço de memória.

A ARTICULAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ASSERTIVA E O PERFIL DOS VISITANTES

A comunicação deve ser exercida de forma integrada, podendo ser realizada em diversas formas, dependendo da faixa etária, assumindo sempre uma função dialógica e considerando como o público se apropria e interpreta essa interlocução.

Os visitantes do MEASB podem ser classificados em diferentes públicos, cada um com suas motivações, expectativas e interesses específicos. Há os que buscam lazer e entretenimento, outros têm interesse em conhecer sobre a exposição, o processo histórico do museu e outros visitam com fins pedagógicos, buscando conhecimento e aprendizado.

O público infantil (Figura 1) tende a se conectar ao acervo por meio da comunicação lúdica, pois, além da fala em si, o lúdico está na dinâmica da conversa, a exemplo de um público que interage com os objetos quando lhe é atribuído funções ou comparado com um objeto do cotidiano dos mesmos. As crianças são atraídas pelas cores, formas e comparações.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 1–ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA/ FONTE: ACERVO DO MEASB

Os pesquisadores (figura 2) procuram o MEASB para investigação aprofundada em temas específicos para expandir seus conhecimentos acerca do acervo do Memorial e disponibilizar ao público interessado o resultado de sua pesquisa.



FIGURA 2–PESQUISADORAS EM ATIVIDADE NO ACERVO DO MEASB/ FONTE: ACERVO DO MEASB

O público jovem e adulto, por sua vez, se interessa pelo processo histórico e, por curiosidade, busca entender as etapas de criação da instituição e o funcionamento dos objetos.

O público egresso, que teve participação no processo de formação da universidade, algumas vezes chega acompanhado com suas famílias em busca de rememorar momentos, incentivar outros familiares e até mesmo revisitar espaços que, no passado, fizeram parte do seu cotidiano. Esse público se conecta com um olhar contemplativo, pois, pode ser que muitos dos objetos e/ou o espaço museal fizeram parte do seu processo educativo, sendo a memória uma chave para a interação com o acervo.

O público interno é composto principalmente por pessoas que trabalham ou estudam na UFRB (Figura 3). São estudantes, servidores, funcionários, voluntários e pesquisadores. É importante valorizar e apoiar o público interno, pois ele contribui com a promoção de ações para atrair o público externo e a preservação e divulgação do patrimônio, além de entender e se apropriar do processo da instituição a qual é vinculado.



FIGURA 3– VISITA DOS ALUNOS DO CURSO DE AGRONOMIA, DISCIPLINA PAISAGISMO - UFRB/ FONTE: ACERVO DO MEASB

APROXIMAÇÃO DO PÚBLICO AOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS

As ações para alcance do público envolvem formação de bancos de dados incluindo contatos das instituições, ampla divulgação em mídias sociais, envio de carta convite por email e entrega presencial, panfletagem em áreas da universidade e visitas às instituições públicas e particulares.

As visitas ocorrem de forma espontânea e agendada. As visitas agendadas são realizadas por meio de preenchimento e envio de formulário próprio (google forms), disponibilizado ao público em diversos meios de comunicação. Nas respostas recebidas é possível analisar o perfil do público visitante com antecedência, para que a equipe se organize

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

para melhor recebê-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS As visitas realizadas no MEASB vêm proporcionando aprendizados diários para a equipe, além de contribuir com experiências educativas e culturais coletivas e individuais, promovendo a troca de saberes, instigando a curiosidade, além de despertar a valorização do patrimônio. Os visitantes têm contato direto com objetos históricos e artísticos, estimulando a reflexão e a compreensão de diferentes contextos.

A recepção ao público, imediatamente à sua chegada, envolve criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde os visitantes se sintam bem-vindos e valorizados. Isso inclui oferecer atendimento amistoso, informações claras, acessibilidade física e comunicacional, além de programações diversas que atendam aos interesses do público.

É importante já ter conhecimento sobre a diversidade do público visitante (criança, adolescente, jovem, adulto, idosos, nível de formação, PCDs, etc.), no intuito de realizar sempre uma mediação dinâmica e interessante, fugindo de algo engessado e comedido.

As experiências vivenciadas, até o momento, conduzem a equipe do MEASB para um lugar de pesquisa, aprendizado, observação, reflexão e busca de melhores condições para acolher o público, proporcionando-lhes experiências que integrem e interajam com o seu cotidiano.

A equipe do Memorial vem empenhando esforços para alcançar o público em geral e estreitar as relações com a população, a fim de se tornarem assíduos visitantes do MEASB e de outros Centros de Cultura e Memória.

REFERÊNCIAS

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para a compreensão da arte – Museu Victor Meirelles**. Florianópolis: Insular, 2001.

GRUMBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial**. IPHAN. 2007.

MARANDINO, Martha. **Educação em museus: a mediação em foco**. Universidade de São Paulo Faculdade de Educação. 2008.

VALLADARES, José. **Museus para o povo**. Secretaria de Educação e Saúde. Bahia, 1946.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
GÊNERO E
SEXUALIDADE //

Educação sexual na infância: construindo saberes por meio da educação popular

JOAO GABRIEL CONCEICAO SANTOS
RAYNARA MATOS DE JESUS
RODRIGO DE JESUS FRANÇA
CARLOS EDUARDO MATOS DE OLIVEIRA
LUIZ CARLOS PACHECO MAIA SEGUNDO

Revista Extensão
e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Sexual education in childhood: constructing knowledge through popular education

RELATO
GÊNERO E
SEXUALIDADE //

Educação sexual na infância: construindo saberes por meio da educação popular

Sexual education in childhood: constructing knowledge through popular education

PALAVRAS-CHAVE
PEDAGOGIA FREIRIANA.
PROTAGONISMO INFANTIL.
SEXUALIDADE.
PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA.
SAÚDE INTEGRAL.

RESUMO O presente trabalho trata-se de uma prática extensionista sobre educação sexual realizada com alunos do 5º ano, baseada na pedagogia freireana e nos princípios da educação popular em saúde. A metodologia, dividida em quatro etapas, incluiu a imersão diagnóstica na escola e a aplicação de dinâmicas participativas. A primeira oficina focou na criação de vínculos e na investigação do corpo como território, enquanto a segunda utilizou uma caixa de dúvidas anônima para abordar as perguntas reais dos alunos. As atividades, como rodas de conversa e a criação de um mural coletivo, promoveram autonomia das crianças e desmistificaram o tema. Os resultados reforçam a educação sexual como uma ferramenta de proteção e conscientização, destacando a necessidade de políticas públicas e de capacitação de educadores para abordar a vulnerabilidade e a violência.

KEYWORDS
FREIREAN PEDAGOGY.
CHILD PROTAGONISM.
SEXUALITY.
VIOLENCE PREVENTION.
INTEGRAL HEALTH.

ABSTRACT This study describes a pedagogical intervention on sex education carried out with 5th-grade students, based on Freirean pedagogy and the principles of popular health education. The methodology, divided into four stages, included a diagnostic immersion in the school and the use of participatory dynamics. The first workshop focused on building bonds and exploring the body as a territory, while the second used an anonymous question box to address students' real inquiries. The activities, such as round-table discussions and the creation of a collective mural, promoted children's autonomy and demystified the topic. The results reinforce sex education as a tool for protection and awareness, highlighting the need for public policies and teacher training to address vulnerability and violence.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

JOÃO GABRIEL CONCEICAO SANTOS
Graduando em Bacharel em saúde UFRB e Graduando em Medicina - UFRB.
E-mail: joaogabrielconceicaosantos@gmail.com

RAYNARA MATOS DE JESUS
Graduando em Bacharel em saúde UFRB e Graduando em Medicina - UFRB.
E-mail: raynaramatos33@gmail.com

RODRIGO DE JESUS FRANÇA
Bacharel em Direito UFBA, Graduando em Bacharel em saúde UFRB e Graduando em Medicina -UFRB.
E-mail: rjf.med@aluno.ufrb.edu.br

CARLOS EDUARDO MATOS DE OLIVEIRA
Graduando em Bacharel em saúde UFRB e Graduando em Medicina - UFRB.
E-mail: cadu1852@aluno.ufrb.edu.br

LUIZ CARLOS PACHECO MAIA SEGUNDO
Graduando em Bacharel em saúde UFRB e Graduando em Medicina - UFRB.
E-mail: luizsegundo@aluno.ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Esse estudo relata a experiência de extensão de estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, promovida a partir de um componente curricular do quinto semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: "Comunicação em Saúde". A proposta do trabalho era de aproximar a universidade do território, na perspectiva da educação popular em saúde, inspirada e fundamentada na pedagogia de Paulo Freire. Nesse contexto, as ações foram desenvolvidas em uma escola municipal em Santo Antônio de Jesus, com uma turma do 5º ano.

O processo de aproximação com o território demonstrou a relevância e urgência de abordar o tema da educação sexual com crianças e adolescentes. Sob esse viés, a sexualidade integra o desenvolvimento humano desde a infância, mas sua abordagem na escola ainda enfrenta resistências marcadas por moralismos e silenciamentos. Nesse sentido, enfatizamos que a criança é um sujeito de direitos, e essa compreensão é essencial para formulação de práticas pedagógicas que promovam saúde, respeito e prevenção da violência (Oliveira et al., 2018; Santos; Ippolito, 2016).

Articulada à pedagogia freireana e à interculturalidade, essa experiência extensionista teve como objetivo contribuir para a construção de espaços inclusivos e emancipadores, fortalecendo a autonomia dos sujeitos e o papel da escola como uma rede de proteção à infância e à adolescência.

METODOLOGIA As ações ocorreram entre maio e junho de 2025, sendo pensadas e desenvolvidas a partir dos ensinamentos construídos mediante leitura e socialização de conteúdos pautados nos pressupostos da educação popular em saúde. Por se tratar de atividade de extensão com caráter exclusivamente educativo, sem coleta de dados pessoais identificáveis e sem intervenções que envolvessem riscos à integridade dos participantes, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

As atividades foram organizadas em quatro etapas integradas e, ao final de cada uma delas, o grupo se reunia com o intuito de revisar o que havia sido realizado até então e planejar as ações futuras. O primeiro

momento foi dedicado ao resgate dos postulados teóricos e metodológicos das práticas pedagógicas freirianas, visando romper com o modelo tradicional de educação bancária e favorecer o protagonismo das pessoas que participaram das intervenções (Freire, 1987). Além disso, realizou-se a escolha do local onde as ações aconteceriam, com base na observação da ligação territorial e simbólica entre o espaço e a universidade.

No segundo momento, foi realizada uma imersão diagnóstica na instituição de ensino escolhida, com o objetivo de investigar as demandas que emergiam no cotidiano daquele ambiente e que poderiam subsidiar a construção das ações. Nesse processo, ocorreram conversas com a direção, a coordenação e a equipe pedagógica nas quais foram elencados temas como alimentação balanceada, perigos da internet, transformações corporais na puberdade, manifestações de afetividade entre estudantes, gravidez na adolescência, higiene pessoal e respeito à diversidade. A partir da escuta qualificada desses profissionais e da observação das dinâmicas da instituição, definiu-se, de forma dialogada, que os alunos do 5º ano – crianças e adolescentes entre 11 e 13 anos – seriam o público-alvo, tendo a sexualidade como tema norteador. Tal escolha, portanto, não se constituiu como uma decisão prévia, mas como resultado desse movimento de escuta e leitura da realidade, em consonância com a perspectiva freiriana, compreendendo-a como um tema gerador potente por abarcar uma quantidade maior de subtemas, articular conhecimento e experiência, favorecer o diálogo e valorizar as diferenças.

A terceira etapa correspondeu ao primeiro encontro presencial entre a equipe e os alunos participantes. As dinâmicas propostas para esse momento foram delineadas previamente a partir da articulação entre a revisão da literatura sobre metodologias participativas em educação em saúde e os processos criativos vivenciados pelos membros da equipe, considerando as especificidades da faixa etária e do contexto do grupo. Foram realizadas três dinâmicas educativas. A primeira teve como objetivo fomentar a criação de vínculos entre a equipe e os alunos, a partir da exposição de dois fatos – um real e outro fictício – sobre a vida de cada participante, estratégia que favoreceu a aproximação e a construção de um ambiente de confiança. A segunda dinâmica, denominada "*Meu corpo, meu território*", buscou explorar temas relacionados à identificação das partes íntimas e às mudanças corporais decorrentes do processo natural de desenvolvimento. Já a terceira atividade consistiu na caixa de dúvidas "*O que eu queria saber e tenho vergonha de perguntar?*", na qual os alunos, de forma anônima, escreveram seus questionamentos sobre sexualidade. Essa proposta possibilitou investigar o repertório vocabular do grupo e identificar os principais temas que geravam inquietações.

A quarta e última etapa, ocorrida no segundo encontro entre alunos e equipe, teve como base as questões levantadas na caixa de dúvidas. A partir delas, foi possível identificar os subtemas dentro do campo da sexualidade que mereciam maior atenção. Esse momento foi dividido em duas partes: a primeira foi destinada ao esclarecimento das dúvidas mais recorrentes, e a segunda à construção do mural coletivo "*Corpo, Emoções e Respeito: Desvendando a Sexualidade*". Nesse mural, os próprios alunos, a partir dos conhecimentos construídos e dos materiais disponibilizados, expuseram seus entendimentos sobre o tema. As oficinas adotaram abordagens participativas, como rodas de conversa, colagens, desenhos e vídeos educativos, todos voltados à faixa etária do público-alvo.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira oficina, realizada no dia 9 de junho de 2025, teve como principal finalidade o estabelecimento de vínculos afetivos e relacionais com as crianças, de modo a favorecer um ambiente acolhedor e propício à participação ativa e espontânea. Diferente de atividades expositivas tradicionais, este encontro privilegiou o protagonismo, a autonomia e a valorização das experiências de vida, alinhando-se aos pressupostos freireanos de que o processo educativo deve partir da realidade concreta e dos interesses dos sujeitos envolvidos (Freire, 1987).

Para viabilizar a aproximação com as experiências corporais das crianças de forma reflexiva e sensível, fez-se uso de estratégias pedagógicas intencionalmente pensadas para esse fim. Dentre elas, a dinâmica "Meu corpo, meu território" cuja aplicação se mostrou fundamental para acessar as representações subjetivas que as crianças elaboram sobre seus próprios corpos, bem como para identificar as noções prévias que possuíam acerca de respeito, limites e consentimento.

Nesse sentido, a atividade oportunizou não apenas a problematização das mudanças corporais típicas do desenvolvimento infantil, mas também contribuiu significativamente para o desenvolvimento de uma percepção crítica e cuidadosa sobre o próprio corpo. Tal perspectiva está em consonância com os pressupostos da educação sexual emancipatória, em que deve ser orientada por uma ética de liberdade visando construir nas escolas sujeitos que possam refletir sobre sua autonomia, respeito e consciência dos direitos corporais desde a infância (Altmann; Martins, 2009).

Complementando essa abordagem, a disponibilização da caixa anônima intitulada: "O que eu quero saber, mas tenho vergonha de perguntar?", apresentada na figura 1, permitiu às crianças, registrar dúvidas e curiosidades relacionadas à temática da sexualidade. Desse modo, a estratégia de garantir o sigilo das autorias revelou-se eficaz para a criação de um ambiente seguro e acolhedor, favorecendo a expressão livre de questões que, por seu caráter íntimo ou delicado, dificilmente seriam verbalizadas em contextos expositivos. Essa escuta anônima e atenta foi essencial para identificar as demandas reais do grupo e orientar, com maior precisão e sensibilidade, os encaminhamentos pedagógicos subsequentes.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

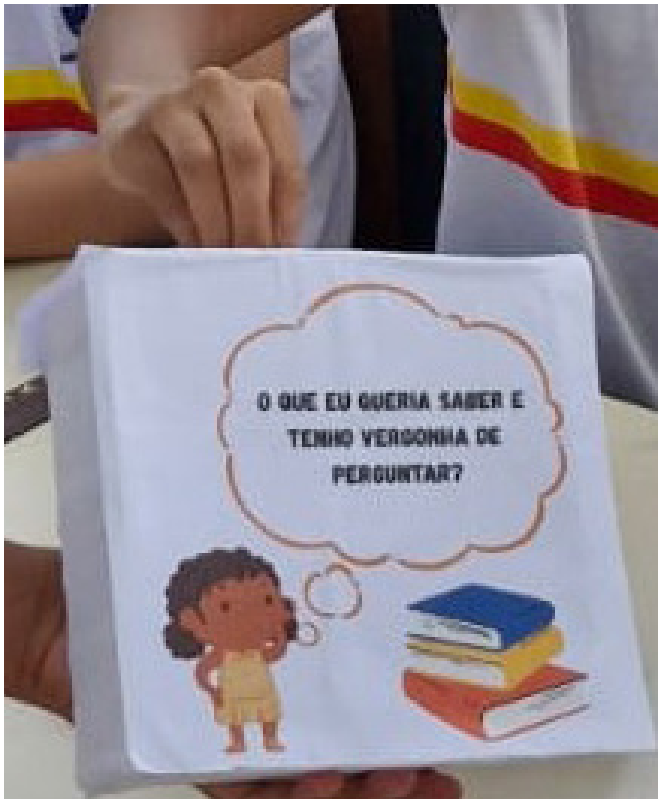


FIGURA 1– CAIXA ANÔNIMA "O QUE EU QUERIA SABER E TENHO VERGONHA DE PERGUNTAR?"/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

Dessa forma, foi perceptível que a referida oficina se mostrou particularmente significativa no que diz respeito ao reconhecimento vocabular e às experiências culturais que compõem o cotidiano das crianças. A partir de uma escuta atenta e situada, foi possível acessar os conhecimentos prévios que elas já possuíam sobre o tema proposto, revelando percepções moldadas por suas trajetórias, contextos familiares e socioculturais. Tal perspectiva dialoga com a concepção de educação problematizadora defendida por (Freire, 1987), ao reconhecer os saberes construídos na vivência como ponto de partida para a aprendizagem significativa.

A experiência também revelou a recorrência de situações de violência e vulnerabilidade vivenciadas pelos alunos no contexto escolar, especialmente relacionadas às questões de sexualidade. Esse achado reforça a compreensão da escola não apenas como espaço de aprendizagem formal, mas também como ambiente de socialização onde conflitos, preconceitos e desigualdades estruturais se manifestam. À luz da perspectiva freireana, a educação deve constituir-se como prática de liberdade, fundamentada no diálogo, na escuta e na problematização da realidade concreta dos sujeitos (Freire, 1987). Nesse sentido, a invisibilização ou o silenciamento das vivências dos estudantes compromete o potencial emancipatório do processo educativo. A frequência desses relatos aponta para fragilidades no preparo institucional para lidar com as múltiplas dimensões da sexualidade e com a diversidade das faixas etárias presentes na instituição.

Nessa perspectiva, o segundo dia de visita, realizado em 16 de junho de 2025 foi cuidadosamente delineado a partir das perguntas recolhidas anonimamente na caixa de dúvidas durante o primeiro encontro. Tais questões foram analisadas e categorizadas conforme

os eixos temáticos relativos à sexualidade, possibilitando a organização dos conteúdos abordados de forma coerente para a construção de um espaço de conhecimento pautado nas reais demandas expressas pelas crianças. A sistematização desse processo está representada na Tabela 1.

PESSOA	PERGUNTA	EIXO DA SEXUALIDADE
Pessoa 1	É errado uma pessoa chegar perto demais de mim ou ficar me encarando?	Relações de poder e consentimento
Pessoa 2	O que é sexo e sexualidade?	Identidade/Expressão Sexual/Corporal, Reprodutivo e Afetivo
Pessoa 3	Pode meter o pênis na vagina?	Reprodutivo e Corporal
Pessoa 4	Tenho vergonha de contar para uma pessoa que gosto dela e gostaria de perguntar	Afetivo e Identitário
Pessoa 5	Criança do segundo ano pode namorar?	Etapas do desenvolvimento
Pessoa 6	É errado sentir vontade de ser um menino?	Identidade de gênero
Pessoa 7	O que é esperma?	Corporal e Reprodutivo
Pessoa 8	Por que existe sexo LGBT?	Diversidade Sexual
Pessoa 9	Parte íntima do corpo não pode tocar?	Consentimento e Proteção
Pessoa 10	Como os bebês nascem e como o bebê é formado na barriga?	Reprodutivo e Corporal
Pessoa 11	Por que será que tem muitos homens ruins no mundo?	Relações de poder / Violência
Pessoa 12	Por que a gente não pode fazer amor?	Afetivo e Sexual
Pessoa 13	Sexualidade para mim é pôr o pênis na bunda	Corporal e Reprodutivo
Pessoa 14	A sexualidade é entre uma mulher e um homem	Normatividade Sexual
Pessoa 15	Com quantos anos um homem começa a produzir esperma?	Corporal e Puberdade
Pessoa 16	Quando a pessoa namora, beija na boca?	Afetivo / Expressão do afeto
Pessoa 17	Quando uma menina me abraça, tenho medo de tocar sem querer...	Consentimento / Corpo e Toque

TABELA 1 – PERGUNTAS E EIXOS DA SEXUALIDADE/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

Ao trabalhar a partir das dúvidas e curiosidades expressas pelos próprios participantes, observou-se maior engajamento e uma postura ativa nas discussões, fenômeno também identificado em experiências extensionistas voltadas a comunidades tradicionais (Rivera; Scarcelli, 2021). Tal escolha contribuiu para que o conteúdo fosse construído de forma dialógica, evitando a reprodução de modelos educativos verticais.

A divisão em grupos foi outro elemento que favoreceu a participação integral, pois permitiu atenção individualizada e a expressão de diferentes vozes, inclusive daquelas que tendem a se silenciar em espaços coletivos amplos. Essa organização viabilizou a inserção plena das crianças, que puderam articular suas contribuições a partir de um universo vocabular construído no cotidiano escolar e comunitário, processo essencial para a construção de significados compartilhados (Medeiros, 2019). O momento de socialização, em que cada

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

grupo apresentou aos demais o resultado de suas discussões, desempenhou papel central na circulação e validação coletiva do conhecimento. Esse intercâmbio de saberes, aliado à escuta ativa entre pares, fortaleceu o sentimento de pertencimento e estimulou a valorização das diferentes formas de expressão, aproximando-se de práticas interdisciplinares em educação popular (Rivera; Scarcelli, 2021).

Os materiais produzidos coletivamente foram expostos nas paredes da sala, seguindo o acordo estabelecido no encontro anterior. Essa ação atendeu a dois objetivos: garantir a visibilidade permanente do trabalho e ampliar seu alcance, possibilitando que outros membros da comunidade escolar se apropriassem dos conteúdos construídos. A estratégia dialoga com abordagens que defendem a ocupação de espaços escolares como território de memória e reflexão contínua (Eleutério Mundim et al., 2021). Assim como observado em iniciativas semelhantes descritas na literatura, o protagonismo dos participantes e a adaptação da metodologia às demandas locais mostraram-se fundamentais para o êxito da ação. Quando o processo educativo incorpora a experiência e o saber prévio dos sujeitos, há maior potencial de transformação social, pois as aprendizagens são percebidas como significativas e aplicáveis à realidade (Freire, 1987; Medeiros, 2019). Os produtos finais seguem apresentados nas imagens 2, 3 e 4.

Portanto, o segundo encontro não apenas consolidou os objetivos previstos, como também reforçou a importância de estratégias participativas, horizontais e dialógicas para promover o engajamento genuíno dos envolvidos, favorecendo o desenvolvimento de competências críticas, colaborativas e comunicativas, aspectos essenciais para a formação cidadã e para a promoção de saúde e bem-estar nos espaços educativos.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878



FIGURA 2 – MATERIAL EDUCATIVO SOBRE GÊNERO, DIVERSIDADE E MÚLTIPLAS FAMÍLIAS / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

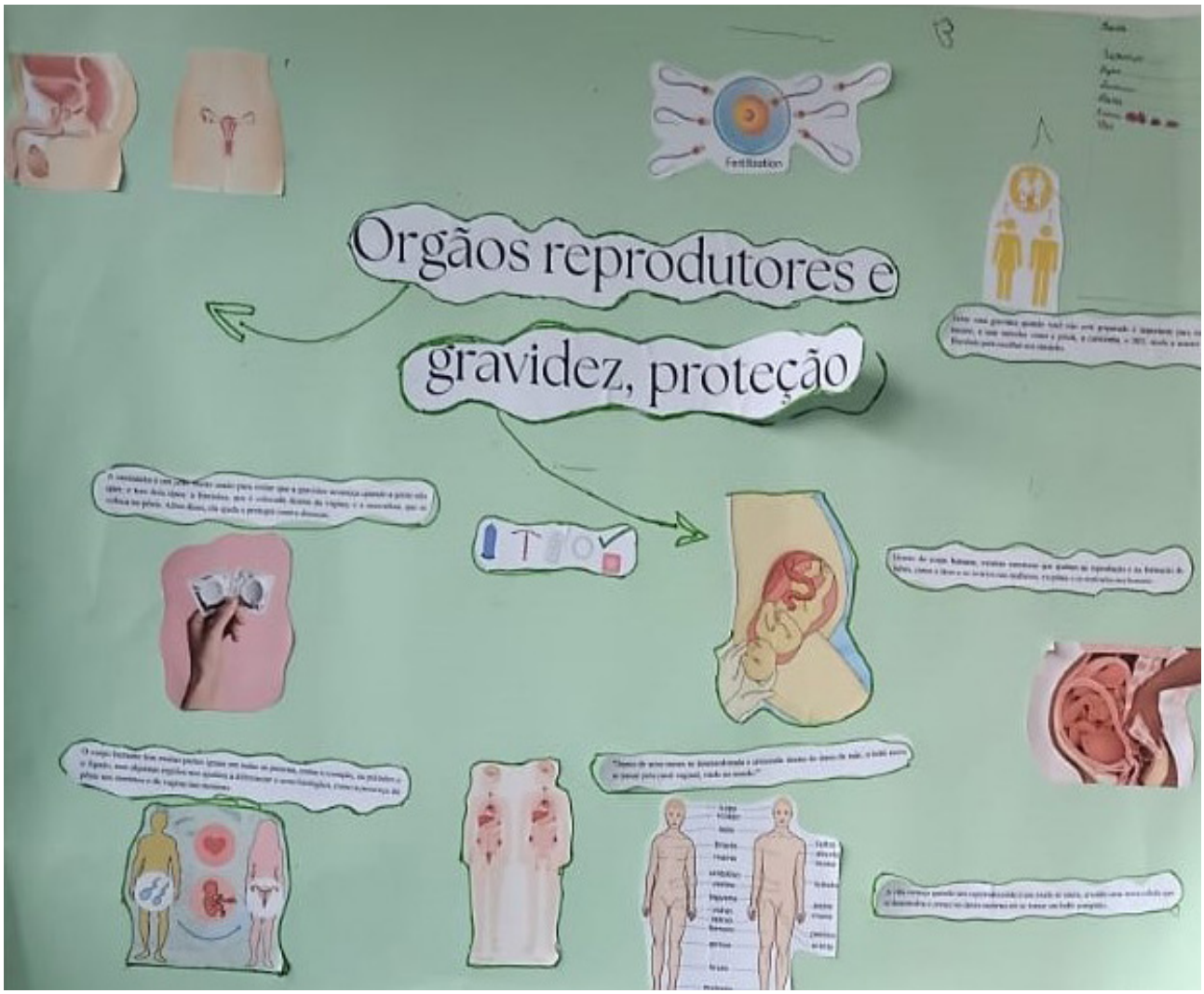


FIGURA 3 – MATERIAL EDUCATIVO SOBRE ÓRGÃOS REPRODUTORES, GRAVIDEZ E PROTEÇÃO/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

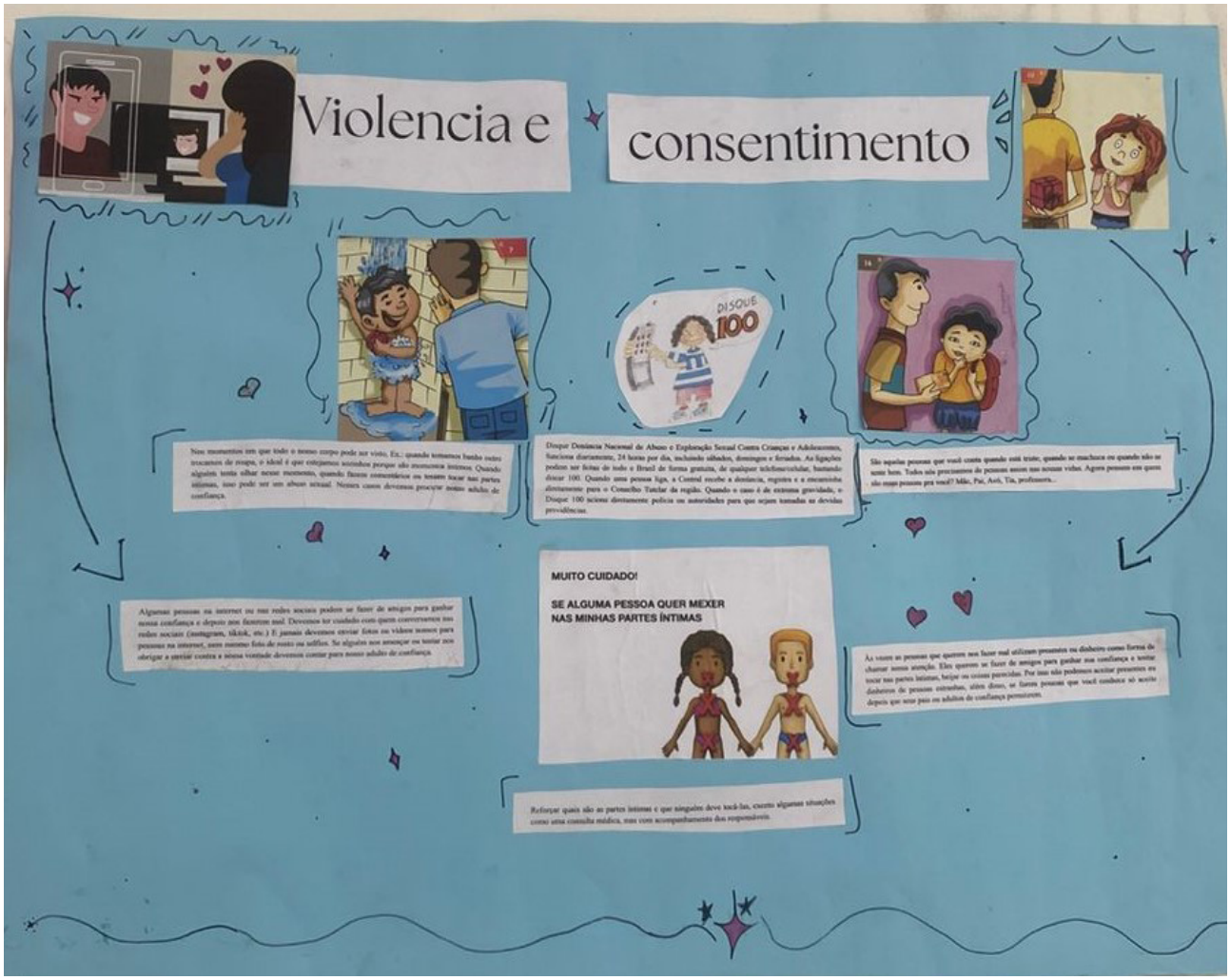


FIGURA 4 – MATERIAL EDUCATIVO SOBRE VIOLÊNCIA E CONSENTIMENTO/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS Durante as ações realizadas, foi evidenciado a importância da educação sexual como ferramenta de proteção e conscientização, contribuindo para a saúde integral bem como o desenvolvimento crítico e a construção de um projeto de vida mais consciente por parte dos jovens. Ao oferecer um espaço seguro para o diálogo, essas iniciativas capacitam os jovens a identificar e prevenir situações de abuso e vulnerabilidade, fortalecendo a rede de proteção social.

Por fim, se destacaram como limitações da atividade, a delicadeza do tema, que exige sensibilidade e preparo técnico para abordar um tema rodeado de mitos e tabus, além da necessidade de adaptar a linguagem e metodologia para trabalhar com os alunos de forma clara e didática. Além disso, houve também a limitação temporal do projeto, uma vez que o curto período disponível dificultou o aprofundamento de temas tão amplos e complexos. Diante disso, recomenda-se o fortalecimento de políticas públicas voltadas à formação continuada de educadores sobre educação sexual, assim como suporte psicológico e pedagógico necessário para lidar com situações de vulnerabilidade, além da inclusão permanente da temática no currículo escolar de forma interdisciplinar e acessível.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; MARTINS, Carlos José. Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 63–80, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/LwmhPjksPdYrwjkM4NdRXCw/. Acesso em: 06 ago. 2025.

ELEUTÉRIO MUNDIM, M. L.; POLIZELLI LEITE DE SOUZA, M.; GAMA, V. C. Transformação da percepção da menstruação entre gerações. **Tensões Mundiais**, v. 17, n. 33, p. 229-247, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/3435. Acesso em: 06 ago. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 06 ago. 2025.

MEDEIROS, L. F. de. A inter-relação entre transtornos mentais comuns, gênero e velhice: uma reflexão teórica. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 27, n. 4, p. 448–454, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadsc/a/cMhBSTyr6qcRFJfwNZQKH3M/. Acesso em: 06 ago. 2025.

OLIVEIRA, I. A. de; TEIXEIRA, H. T. G. C. L.; SANTOS, T. R. L. dos. Educação popular freireana e práticas educacionais interculturais: sexualidade como tema gerador. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 4, p.1309–1333.

RIVERA, M. F. de A.; SCARCELLI, I. R. Contribuições feministas e questões de gênero nas práticas de saúde da atenção básica do SUS. **Saúde em Debate**, v. 45, n. spe1, p. 39–50, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sdeb/a/3rVJfxZrLVvdtVHSMTWX3Sd/. Acesso em: 06 ago. 2025.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual**. São Paulo: Childhood - Instituto WCF-Brasil; Prefeitura da Cidade de São Paulo. Secretaria de Educação, 2016. Disponível em:https://www.childhood.org.br/app/uploads/2022/12/guia-de-referencia-redes-de-protecao-na-educacao-construindo-uma-cultura-escolar-de-prevencao-a-violencia-sexual-atualizado-2016.pdf. Acesso em: 06 ago. 2025.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
SAÚDE //

Tem criança na cozinha: um relato de experiência em educação alimentar e nutricional na infância

PATRÍCIA ARAÚJO DAMASCENO

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Children in the kitchen: an experience report on food and nutritional education in childhood

Tem criança na cozinha: um relato de experiência em educação alimentar e nutricional na infância

Children in the kitchen: an experience report on food and nutritional education in childhood

PALAVRAS-CHAVE
ALIMENTAÇÃO.
SAÚDE.
EDUCAÇÃO.
LÚDICO.
PRÉ-ESCOLAR.

RESUMO A promoção da educação alimentar e nutricional infantil, por meio da ludicidade, constitui-se em uma tarefa árdua, haja vista a complexa trama que liga o lúdico ao desenvolvimento humano e os inúmeros fatores que estão associados à formação dos hábitos alimentares, bem como a influência que estes podem exercer sobre a saúde dos indivíduos. O presente Relato de Experiência tem como objetivo trazer visibilidade às atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Educar e Nutrir, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, realizadas junto a pré-escolares pertencentes a famílias de baixa renda, da cidade de Santo Antônio de Jesus–BA. As atividades tiveram o lúdico como estratégia pedagógica, foram realizadas por uma equipe multidisciplinar e tecidas com base na abordagem sócio construtivista. Para a avaliação da legitimidade das estratégias, utilizou-se uma avaliação qualitativa observacional. Foi observada a diminuição do consumo de alimentos industrializados, paralelamente, ao aumento do consumo de frutas in natura e iogurte, foi notório o interesse demonstrado pelas crianças em participar de forma ativa da construção de novos saberes. A utilização do lúdico enquanto estratégia metodológica para a promoção das boas práticas alimentares e de higiene mostrou-se de grande utilidade, potencializando o aprendizado e a adoção de hábitos saudáveis.

KEYWORDS
FOOD.
HEALTH.
EDUCATION.
PLAYFUL.
PRESCHOOL.

ABSTRACT Promoting children's food and nutrition education through play is an arduous task, given the complex interplay between play and human development, and the numerous factors associated with the formation of eating habits, as well as the influence these habits can have on individuals' health. This Experience Report aims to highlight the activities developed by the "Educate and Nourish" Extension Project of the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, carried out with preschool children from low-income families in the city of Santo Antônio de Jesus, Bahia. The activities used play as a pedagogical strategy, were conducted by a multidisciplinary team, and were based on a socio-constructivist approach. A qualitative observational evaluation was used to assess the legitimacy of the strategies. A decrease in the consumption of processed foods was observed, along with an increase in the consumption of fresh fruits and yogurt; the children's interest in actively participating in the construction of new knowledge was notable. The use of play as a methodological strategy for promoting good eating and hygiene practices has proven to be very useful, enhancing learning and the adoption of healthy habits.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PATRÍCIA ARAÚJO DAMASCENO
Bacharela em Nutrição pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento (PPGCS) da UFRB.
E-mail: patriciadamasceo.nutri@gmail.com

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A prática de uma alimentação saudável e adequada é indispensável para a manutenção e recuperação da saúde em todas as fases da vida (BOOG, 1999; SILVA, 2015), sendo que na infância, esta funciona ainda como subsídio para que o organismo humano possa se desenvolver de forma plena, atingindo todo o seu potencial biológico, fisiológico e cognitivo. Em contrapartida, uma má alimentação encontra-se associada ao desenvolvimento da obesidade, diabetes mellitus, hipertensão, hipercolesterolemia, dislipidemias, desnutrição e carências micronutricionais, comprometendo não só a qualidade de vida do indivíduo como também a sua longevidade (BOOG, 1999).

Assim, destaca-se a necessidade de promover as práticas de educação alimentar e nutricional junto ao público infantil, uma vez que é nessa fase da vida que muitos hábitos alimentares são fixados. Já estes, uma vez estabelecidos, contribuem diretamente para o desenvolvimento de determinadas patologias.

Corroborando com esse pensamento, Canesque e Garcia (2005), afirmam que as sensações provocadas pelos alimentos através das percepções táteis, olfativas e gustativas contribuem, desde a infância, para a formação das escolhas alimentares. É sabido ainda que as preferências alimentares são esculpidas com base no potencial genético do indivíduo, em suas condições socioeconômicas e em estímulos externos (VITOLO E RAUBER, 2015).

Diante das características peculiares do universo infantil e reconhecendo o lúdico como sendo a forma da criança se comunicar com o mundo, construindo e reconstruindo os seus conhecimentos de forma natural e prazerosa, é que se ousou lançar mão do lúdico enquanto

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

estratégia pedagógica na promoção das boas práticas alimentares. Tal perspectiva ratifica-se no pensamento de Oliver (2009), para quem, o brincar apresenta uma relevância especial, seja para a psicologia do desenvolvimento ou para a educação, uma vez que em suas múltiplas ramificações e justaposições se constitui em condição indispensável a múltiplos processos, dentre os quais destacamos a construção da reflexão, da autonomia, da criatividade e da sociabilidade. Constituindo-se por excelência na ferramenta que a criança dispõe para aprender a viver.

Uma vez admitida a importância da utilização do lúdico enquanto instrumento facilitador do processo ensino/aprendizagem, bem como da promoção de práticas alimentares saudáveis, apresento aqui como relato de experiência, um pequeno recorte, das atividades desenvolvidas pela equipe do Projeto de Extensão Educar e Nutrir, nos anos de 2013 e 2014, no Município de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

METODOLOGIA O presente trabalho busca expor e discutir algumas das atividades desenvolvidas ao longo da execução do Projeto de Extensão Educar e Nutrir, aprovado pelo Conselho do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e inscrito na Pró-reitoria de Extensão sob o número 21402/2012. O projeto foi executado em parceria com a Creche Escola Lápis Mágico, estabelecimento situado nas imediações do CCS, destinado ao atendimento de crianças de ambos os sexos, de dois a nove anos, oriundas tanto do Bairro do Cajueiro, local onde a instituição encontra-se estabelecida, bem como de bairros circunvizinhos. A escolha da instituição, que atua com recursos próprios desde a sua fundação, a aproximadamente seis anos, foi feita por conveniência, considerando principalmente a sua proximidade ao campus da universidade referida. Das 31 crianças matriculadas na instituição, apenas 26 receberam autorização dos seus responsáveis legais para participar do projeto, assim como licença de uso de imagem; tais autorizações foram concedidas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Autorização de Uso de Imagem.

As atividades desenvolvidas tinham como objetivo promover a importância de uma alimentação saudável e dos bons hábitos de higiene entre crianças pertencentes a famílias de baixa renda, da cidade de Santo Antônio de Jesus–BA, e foram realizadas, quinzenalmente, no decorrer dos anos de 2013 e 2014. Vale ressaltar que o projeto, tecido com base na abordagem sócio construtivista, foi realizado sob a coordenação da Professora Doutora Liliane de Jesus Bittecourt, contando ainda com uma equipe multidisciplinar, composta por graduandas do curso de Nutrição, Enfermagem e Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), e adotou o lúdico como estratégia pedagógica a ser utilizada, visando uma maior participação e interação por parte do público alvo.

O planejamento e elaboração das atividades lúdicas aplicadas foram precedidas por duas visitas, onde os membros do projeto puderam, por meio da observação, perceber quais os alimentos mais consumidos pelas crianças, analisar a rotina destas na instituição, bem como conhecer a estrutura física da creche/escola, seus funcionários e o público atendido. Essa estratégia possibilitou à equipe identificar possíveis problemas a serem trabalhados, como por exemplo, o elevado consumo de alimentos industrializados, ricos em sódio, conservantes, carboidrato simples

e lipídio e o baixo consumo de frutas, no horário do lanche, permitindo, assim, que a equipe pudesse atuar de forma precisa sobre os pontos diagnosticados, aumentando consequentemente as chances de se obter um bom resultado a partir das práticas desenvolvidas.

Os resultados foram obtidos através de avaliações observacionais realizadas durante as atividades desenvolvidas e no transcorrer da execução de todo projeto, para avaliação da legitimidade das estratégias utilizadas neste trabalho foi realizada uma avaliação qualitativa observacional.

RELATO DA EXPERIÊNCIA Faz-se importante salientar que muito embora as intervenções tenham sido realizadas com crianças em idade pré-escolar e escolar, neste trabalho nos deteremos apenas às atividades desenvolvidas com o público pré-escolar, que abordaram unicamente a importância do consumo de alimentos saudáveis e que possibilitaram o contato direto das crianças com os alimentos. Encontrando-se abaixo, listadas todas as atividades selecionadas, atendendo a ordem em que foram realizadas.

Atividade 1: Oficina Culinária (saladas e pizza de frutas). Objetivo: Promover a aceitação de preparações e/ou alimentos comumente rejeitados pelo público infantil, através da utilização de novas formas de apresentação destes, bem como promover a participação das crianças no momento do preparo.

Desenvolvimento: Foram formados dois grupos de três e cinco crianças, respectivamente, para a montagem de três saladas em forma de árvore e cinco saladas em forma de pizza; cada criança contou com o auxílio de uma mediadora durante toda a montagem das preparações. Ao iniciar a atividade, na área correspondente ao refeitório da Creche Lápis Mágico, os selecionados foram levados para a lavagem das mãos e receberam toucas para os cabelos, em paralelo, as demais crianças relembraram o passo a passo de como deve ser realizada a lavagem das mãos corretamente, em seguida todos foram esclarecidos sobre a importância de se utilizar touca durante o preparo dos alimentos, bem como de se lavar as mãos. Os alimentos utilizados foram dispostos em uma mesa grande e cada criança tinha a seu dispor uma bandeja para montagem da salada, ao final, todas as crianças degustaram as saladas.

As instrutoras apresentaram a receita a ser montada, enfatizando que não se tratava de uma salada qualquer, que as crianças prepariam uma salada em formato de árvore e pizza, contendo frutas e hortaliças variadas e muito saborosas. Para a salada em formato de pizza, foi explicado para as crianças que a melancia corresponderia à massa da pizza, devendo as demais frutas serem distribuídas sobre esta conforme a vontade do participante. Vale ressaltar que todos os alimentos utilizados foram previamente higienizados.

Ao final da oficina se pode notar que permitir a participação das crianças no preparo de alguns alimentos, desde que este processo não lhe ofereça qualquer tipo de risco, bem como a utilização de novas formas de apresentação de pratos geralmente pouco aceitos por esse público, foi uma estratégia que contribuiu positivamente para a aceitação destes alimentos e preparações.

Durante o preparo das saladas, uma das crianças se sentiu à vontade para degustar uma uva-passa, afirmando em seguida que até

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

então desconhecia o alimento e que este por sua vez era muito saboroso; outra criança afirmou, ao apontar para os alimentos, que não gostava de pepino, alface e tomate. De uma forma geral foi observado uma grande euforia por parte das crianças durante toda a atividade e especialmente na degustação, onde se constatou que todas as preparações ofertadas tiveram uma boa aceitação, quase não sendo observada a presença de sobras, exceto pela pequena rejeição sofrida pela alface.

Atividade 2: Oficina de Sucos e picolé com pedaços de frutas. Objetivo: Promover o consumo de sucos de frutas associados a hortaliças, alimentos geralmente rejeitados pelo público infantil, bem como o consumo de frutas.

Desenvolvimento: Todas as frutas, hortaliças e utensílios utilizados haviam sido higienizados previamente. Inicialmente foi explicado aos participantes que já se encontravam no refeitório da Creche Lápis Mágico, local onde seria realizada a oficina, como ocorreriam as atividades, quais eram as preparações e quais alimentos seriam utilizados, sendo indagado aos participantes se eles conheciam estes alimentos e se gostavam de consumi-los.

Foram selecionadas inicialmente duas crianças que se mostraram interessadas em preparar o suco. Enquanto estas foram encaminhadas para a lavagem das mãos e recebimento das toucas, uma das preceptoras relembrou com os demais infantes o passo a passo para uma lavagem adequada das mãos e explicou a importância da utilização das toucas no cabelo durante o preparo dos alimentos. Os participantes deram início ao preparo do 1º tipo de suco (abacaxi com hortelã), com o auxílio dos mediadores, sendo que à medida que os infantes selecionavam um ingrediente da preparação para adicionar ao liquidificador, era falado o nome do alimento elegido e exposto à visualização por parte do público. Após o preparo, o suco foi servido para que todas as crianças pudessem degustar a preparação. Para a realização do segundo tipo de suco (laranja com cenoura e beterraba) foram escolhidos dois novos voluntários, tendo sido realizado o mesmo procedimento descrito anteriormente.

Em sua maioria, as crianças demonstraram maior aceitação do suco de abacaxi com hortelã em detrimento do suco de laranja com cenoura e beterraba. Presume-se que a rejeição, ainda que pequena, da 2ª preparação se deve ao sabor marcante da beterraba.

No decorrer da atividade, nos chamou a atenção a postura apresentada por dois voluntários, a primeira criança se destacou ao pegar para comer um pedaço de cenoura *in natura* (higienizada e sem cascas), demonstrando ainda por meio das frases seguintes "eu gosto" "eu como cenoura assim", sua preferência por essa hortaliça, já o segundo participante, após provar o suco de laranja com cenoura e beterraba, segredou ao amigo: "Você gostou do suco?! Eu não gostei, não!". Muito embora o colega não tenha respondido à pergunta, acreditamos que este tenha gostado da preparação, uma vez que bebeu seu suco de forma bem prazerosa.

No que tange a preparação do picolé de frutas naturais, em virtude de um atraso no início das atividades programadas para este dia, restou pouco tempo para a realização desta atividade. Boa parte dos responsáveis já havia ido buscar as crianças, mas um menino de dois anos, que ainda aguardava pelos pais, dirigiu-se a uma das preceptoras e manifestou seu desejo de participar da atividade, através da frase: "Tia eu

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

também quero brincar". Considerando o interesse da criança, a extensionista encaminhou-o para a lavagem das mãos e demonstrou em seguida como montar a preparação, orientando-o a escolher, dentre as frutas disponibilizadas, as que mais lhe agradavam, dispondo-as em um copo descartável, em seguida a criança foi orientada a fixar um palito de picolé entre os pedaços das frutas e acrescentar o suco de laranja, na sequência foi explicado que a preparação deveria ficar no congelador por 12 horas e só então estaria pronto para comer. Durante a explicação, outra criança, de aproximadamente 6 anos, se aproximou e montou um picolé, no entanto, esta criança não chegou a adicionar o suco, nem tão pouco levar a preparação ao congelador. Após o fim da explicação, esta perguntou se poderia comer as frutas que havia colocado no copo, ficando feliz com o consentimento recebido.

RESULTADOS E DISCUSSÕES O interesse em participar das atividades, a euforia, a forma como interagiam com os coleguinhas e com as mediadoras durante a realização das atividades, associada à necessidade que algumas crianças demonstravam de serem vistas pelos membros do projeto consumindo frutas, a perceptível diminuição do consumo de salgadinhos, biscoito recheado e batata frita, paralelamente ao aumento do consumo de frutas e iogurte no horário destinado à realização dos lanches, comentários realizados pelos pais afirmando que depois do início das atividades do projeto, as crianças passaram a lhes solicitar a compra de frutas, demonstram o quão bem sucedidas foram as atividades desenvolvidas.

Visando justificar os resultados obtidos, eis que buscamos respaldo científico em diversos autores, o que permitiu discorrer, ainda que brevemente, sobre as peculiaridades de cada uma das atividades desenvolvidas e ratificar os achados apresentados neste artigo.

No que se refere aos resultados positivos obtidos através das oficinas culinárias realizadas junto às crianças, Castro (2007) afirma ser esta uma atividade educativa e lúdica factível no tocante às políticas públicas de promoção da alimentação saudável. Já Capobiango (2014) salienta que o sucesso deste tipo de atividade está intrinsecamente associado à oferta de receitas saborosas, bem apresentadas e nutricionalmente adequadas.

Segundo Castro (2007) esse tipo de vivência, ao permitir um contato concreto com o tema alimentação e consequentemente com os alimentos, viabiliza uma participação dinâmica e ativa por parte dos envolvidos, propiciando aos participantes, consequentemente, uma maior interação, reflexão, estímulo ao desenvolvimento de atividades culinárias, liberdade de criação e instrumentalização para as escolhas de práticas alimentares.

Ratificando esse pensamento Diez-Garcia e Castro (2011) alegam que tais atividades possibilitam uma aproximação e familiaridade com os alimentos disponibilizados para uso, sendo o processo de manipulação e degustação dos alimentos muito mais favorável para sua incorporação na alimentação do indivíduo que a transmissão de informação verbal ou escrita.

Se faz importante salientar que a equipe responsável por realizar as oficinas culinárias deve considerar que a curiosidade não se manifesta apenas através das perguntas, estando também implícita no desejo de ajudar a fazer a preparação, participar da atividade, enfiar o dedo

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

na melancia e depois levá-lo à boca, cheirar, provar e apertar os alimentos também se configuram em formas de aprendizagem (PARRA E BONATO, 2014).

Considerando o posicionamento dos autores supracitados, bem como as observações realizadas durante a atividade promovida, considera-se que o maior aprendizado possibilitado às crianças através das oficinas foi a oportunidade de experimentar novos alimentos, conhecer novos sabores e texturas, bem como possibilitar uma nova percepção de alimentos comumente rejeitados, pelos participantes, através de formas diferentes de apresentação dos pratos, o que proporcionou assim uma maior aceitação destes.

No que tange às principais dificuldades enfrentadas durante a confecção (preparo das atividades) e realização, destacaram-se a falta de financiamento (auxílio) por parte da Universidade, fator que levou a própria equipe do projeto a custear todas as atividades; o pequeno número de extensionistas responsáveis por planejar, confeccionar e executar as atividades, principalmente quando comparado ao número das crianças participantes, o que dificultou por muitas vezes a manutenção da organização durante os encontros; a dificuldade para se transportar materiais utilizados nas atividades, que por muitas vezes contribuiu para o atraso no início das mesmas, acarretando na diminuição do tempo para a execução; e, principalmente, a complexidade que envolve a realização de atividades educativas com crianças em idade pré-escolar, sendo indispensável para tal feito um conhecimento prévio acerca das metodologias pedagógicas e das fases do desenvolvimento cognitivo e aprendizagem humanas. Em consonância com o último ponto aqui abordado, Nazimo (2008) afirma ser a promoção da educação em saúde entre pré-escolares uma tarefa desafiadora, em virtude da dificuldade de se estabelecer uma comunicação realmente efetiva com este grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A procura dos pais por maiores informações acerca do trabalho que vinha sendo desenvolvido na instituição, devido à troca dos novos conhecimentos adquiridos pelas crianças com seus familiares, demonstra que as atividades realizadas ultrapassaram os limites físicos do estabelecimento de ensino, chegando até as famílias dos discentes. Esse achado demonstra que as crianças são multiplicadoras de conhecimento em potencial.

A perceptível mudança nos hábitos alimentares dos participantes, bem como a adesão dos bons hábitos de higiene, o constante interesse em participar das atividades desenvolvidas, bem como a euforia com a qual participavam e a ansiedade com a qual aguardavam o próximo encontro com a equipe do Educar e Nutrir, demonstram a viabilidade da utilização do lúdico enquanto estratégia para promoção de boas práticas alimentares e de higiene.

Não se pode deixar de considerar ainda o fator tempo (período de duração do projeto) e sua relação direta com os resultados encontrados, uma vez que o processo de interação dos participantes, criação de vínculos, aprendizagem e mudança de hábitos é gradual e lento. Logo, embora as observações relatadas aqui demonstrem a boa aceitação e o saldo positivo da realização de oficinas culinárias junto a crianças, a robustez dos resultados apresentados aqui refletem uma gama de outras atividades lúdicas realizadas ao longo de toda a vigência do projeto.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Cabe ressaltar a necessidade da realização de trabalhos que se aprofundem em discutir possíveis metodologias a serem utilizadas na promoção da Educação Alimentar e Nutricional, contribuindo assim diretamente nas práticas educativas realizadas pelo Nutricionista, seja como respaldo científico ou inspiração.

REFERÊNCIAS

BOOG, M. C. F. Educação nutricional em serviços públicos de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.15, p. 139-147, 1999.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R.M.D. Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação. In:_____. **(Org.). Antropologia e nutrição: Um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p. 9 - 19.

CAPOBIANGO, M.; et al. Oficinas culinárias como estratégia para a promoção de práticas alimentares saudáveis. **Percurso Acadêmico**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 253-267, jul./dez. 2014.

CASTRO, I. R. R.; et al. A culinária na promoção da alimentação saudável: delineamento e experimentação de método educativo dirigido a adolescentes e a profissionais das redes de saúde e de educação. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.20, n.6, p. 571-588, nov./dez. 2007.

DIEZ-GARCIA, R. W.; CASTRO, I. R. R. A culinária como objeto de estudo e de intervenção no campo da Alimentação e Nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.1, p.91-98, 2011.

OLIVER, G. G. F. Lúdico e escola: entre a obrigação e o prazer. In: MARCELINO, N. C. (Org.). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, 3ed., 2009, p. 33-42.

NAZIMA, T. J.; et al. Orientação em saúde por meio do teatro: relato de experiência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre (RS) , v. 29, n. 1, p. 147-151, mar. 2008.

PARRA, J.A. Q.; BONATO, J.A.S. Aconselhamento Alimentar para crianças. In: GALISA, M.; et.al. **Educação Alimentar e Nutricional da Teoria à prática**. São Paulo: Editora ROCA, 2014. p. 65- 84.

SILVA, K. C. W. **Insegurança Alimentar e Nutricional: estratégias utilizadas por moradores da Serra do Navio no contexto do Direito Humano à Alimentação Adequada**. 2015, 186 f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Macapá, 2015.

VITOLO, M.R; ROUBER, F. Nutrição do pré-escolar e do escolar. In:___ (Org.). **Nutrição da gestação ao envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rúbio, 2015.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
EDUCAÇÃO //

Inclusão e ensino colaborativo: a superação do trabalho paralelo

WALESKA SANTOS CORDEIRO DE LIMA
NELMA DE CÁSSIA S. SANDES GALVÃO

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Inclusion and collaborative teaching: overcoming parallel work

RELATO
EDUCAÇÃO //

Inclusão e ensino colaborativo: a superação do trabalho paralelo

Inclusion and collaborative teaching: overcoming parallel work

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
FORMAÇÃO DOCENTE.
EDUCAÇÃO INCLUSIVA.
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO.

RESUMO O presente relato tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas durante o minicurso Inclusão e Ensino Colaborativo: a superação do trabalho paralelo, oferecido no contexto do componente Prática Profissional Docente, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade – PPGECID. O minicurso representa uma ação de extensão universitária direcionado a professores do Ensino Médio e profissionais da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) do Instituto de Educação em Tempo Integral Gastão Guimarães, em Feira de Santana - Bahia, durante os horários de Atividade Complementar (AC), organizados por área do conhecimento. A proposta está diretamente relacionada à temática da pesquisa de mestrado, que discute o ensino colaborativo como estratégia eficaz para promover práticas pedagógicas inclusivas, fortalecendo a articulação entre o ensino comum e o atendimento educacional especializado (AEE). O minicurso oportunizou momentos de reflexão e trocas de experiências entre os professores, sobretudo reforçou a relevância das formações na área de educação inclusiva, a necessidade do trabalho conjunto, além de um maior aprofundamento sobre o tema.

KEYWORDS
TEACHER TRAINING.
INCLUSIVE EDUCATION.
SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICES.

ABSTRACT This report aims to describe the activities developed during the short course "Inclusion and Collaborative Teaching: Overcoming Parallel Work," offered as part of the Professional Teaching Practice component of the Graduate Program in Science Education, Inclusion, and Diversity (PPGECID). The short course represents a university outreach initiative aimed at high school teachers and professionals from the Multifunctional Resource Room (SRM) of the Gastão Guimarães Institute of Full-Time Education in Feira de Santana, Bahia, during Complementary Activity (CA) hours, organized by area of knowledge. The proposal is directly related to the theme of the master's research, which discusses collaborative teaching as an effective strategy to promote inclusive pedagogical practices, strengthening the link between regular education and specialized educational services (AEE). The short course provided opportunities for reflection and exchange of experiences among teachers, especially reinforcing the relevance of training in the area of inclusive education, the need for joint work, as well as a greater depth on the topic.

WALESKA SANTOS CORDEIRO DE LIMA
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB.
E-mail: waleska_cordeiro@yahoo.com.br

NELMA DE CÁSSIA S. SANDES GALVÃO
Profa. Dra. do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade-CETENS, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB.
E-mail: nelma.galvao@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO A educação inclusiva, pilar essencial para construção de uma sociedade mais acessível e empática, ainda carece de atenção especialmente no tocante a formação do professor. De acordo com Mantoan (2003, p.33) é necessário "formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor, para que tenha condições e estímulo para ensinar a turma toda, sem exclusões e exceções." Embora pareça algo evidente e uma prática já consolidada em teoria, na prática a realidade mostra-se diferente.

No contexto do Ensino Médio Integral, a garantia da inclusão de estudantes com deficiência exige a construção de práticas pedagógicas que promovam o acesso ao conhecimento e a participação ativa desses alunos no ambiente escolar. Dessa forma, a articulação entre a sala de aula regular e a Sala de Recurso Multifuncional (SRM), além de uma orientação legal é também uma estratégia essencial para potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Mendes et al. (2014) aponta que a inclusão escolar impõe desafios significativos ao professor da educação regular, o que torna necessário o apoio de profissionais da Educação Especial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas no contexto da sala de aula.

A literatura recente tem reforçado a relevância do ensino colaborativo como estratégia para superar práticas fragmentadas no processo

de inclusão escolar, especialmente no Ensino Médio. Nesse sentido, o estudo de Garcia e Paim (2024) discute o ensino colaborativo como uma alternativa concreta para promover a inclusão, destacando a importância do planejamento conjunto entre professores da sala de aula regular e da educação especial. As autoras evidenciam que a articulação entre esses profissionais contribui para romper com a lógica do trabalho paralelo, historicamente presente nas escolas, favorecendo a construção de práticas pedagógicas mais integradas e centradas nas necessidades dos estudantes.

Nesse contexto, o ensino colaborativo é compreendido não apenas como uma estratégia metodológica, mas como uma mudança na organização do trabalho pedagógico, que exige diálogo, corresponsabilidade e compartilhamento de saberes entre os docentes. De forma complementar, a pesquisa de Lourenço (2022) aprofunda a discussão ao analisar as interfaces colaborativas na inclusão de estudantes atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) no Ensino Médio. A autora afirma que a consolidação de uma cultura inclusiva na escola depende da construção de relações colaborativas entre professores, equipe pedagógica e serviços de apoio, destacando que o ensino colaborativo favorece a reflexão coletiva sobre as práticas pedagógicas e amplia as possibilidades de participação e aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial.

Diante da proposta da prática profissional docente que visa oportunizar o intercâmbio entre o programa de mestrado e a realidade das instituições, preferencialmente, as de educação básica, foi planejado e executado o minicurso Inclusão e Ensino Colaborativo: a superação do trabalho paralelo. Numa perspectiva de apoio à formação continuada para docentes, a atividade abordou o ensino colaborativo como alternativa para superação do trabalho paralelo entre os professores da sala de aula e dos professores das salas de recursos, de modo a incentivar a construção de um planejamento pedagógico compartilhado, favorecendo o desenvolvimento de estratégias adaptadas às necessidades dos estudantes.

O minicurso foi direcionado aos professores do Ensino Médio e profissionais da Sala de Recursos Multifuncional (SRM) do Instituto de Educação em Tempo Integral Gastão Guimarães. Ocorreu durante os horários de Atividade Complementar (AC), organizados por área do conhecimento.

O propósito foi o fortalecimento e promoção da cultura do respeito à diversidade, de modo a garantir que todos os alunos tenham oportunidades equitativas de aprendizagem, conforme está preconizado no art. 28 da LBI nº 13.146, de 6 de julho de 2015. O que está diretamente entrelaçado com a temática da minha pesquisa do mestrado, que tem como pilares a educação inclusiva, as práticas formativas docentes no Ensino Médio e o atendimento educacional especializado. Ressalto que a pesquisa foi submetida e aprovada em comitê de ética com o parecer de número 7.766.036.

METODOLOGIA A proposta metodológica do curso envolveu uma exposição dialogada inspirada na Pedagogia Freiriana, com uma breve apresentação de conceitos e fundamentos sobre inclusão e ensino colaborativo, considerando os saberes e experiências prévias dos

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

participantes. De acordo com Freire (1987), o diálogo é condição essencial para o processo educativo, educador e educando aprendem juntos em uma relação horizontal e crítica. Foram desenvolvidas também atividades práticas e simulações com intuito de promover a reflexão sobre o papel do professor da sala de aula regular e da SRM, oportunizando a troca de experiências entre os participantes.

O primeiro passo foi a elaboração de um detalhado Plano de Trabalho, que foi devidamente avaliado e validado pela professora orientadora e pela professora responsável pelo componente curricular em questão. Em seguida, realizou-se uma visita à escola com o objetivo de apresentar de forma detalhada a proposta do minicurso de formação à equipe pedagógica, além de solicitar a autorização da equipe gestora para a sua implementação no ambiente escolar. Na ocasião, ficou acordado quem seria a coordenadora responsável pela supervisão do estágio, bem como o alinhamento das datas de sua realização, as quais foram ajustadas em relação à proposta inicial, conforme conveniência e demanda da escola.

Os aspectos éticos deste relato de experiência foram conduzidos em conformidade com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, especialmente com as orientações da Resolução nº 01/2022 do Colegiado do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID), que regulamenta a Prática Profissional Docente como atividade formativa vinculada ao desenvolvimento da pesquisa e à articulação entre a pós-graduação. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas no minicurso foram realizadas no âmbito da prática profissional vinculada ao projeto de pesquisa do mestrado, respeitando os princípios de ética na produção do conhecimento, preservando a identidade dos participantes e garantindo que as informações utilizadas no relato tenham caráter formativo e reflexivo sobre a prática pedagógica.

O minicurso foi organizado em quatro etapas básicas: apresentação dos participantes e proposta do curso, levantamento de conhecimentos prévios, apresentação da temática (fundamentação teórica) e aplicação prática através de dinâmica com estudos de caso. Cada etapa teve por finalidade atender os objetivos propostos, promovendo a reflexão crítica, a troca de experiências e a compreensão prática dos conceitos trabalhados. Além disso, foi realizada uma avaliação final com os participantes.

A divulgação do minicurso para comunidade escolar ocorreu através de cartaz de divulgação por meio digital. O minicurso aconteceu em três dias consecutivos, no período de 03 a 05 de junho de 2025, no turno matutino, em horário destinado a atividade complementar dos professores por área do conhecimento.

Na primeira etapa do curso, os professores foram recepcionados com um cartão de boas-vindas e um chocolate como forma de acolhimento e reafirmação da importância de estarem presentes. Após a chegada e acomodação dos participantes foi iniciada a atividade com um momento de apresentação da ministrante e dos participantes, de modo reforçar o acolhimento, o reconhecimento das diferentes áreas de atuação e a criação de um ambiente colaborativo. Esse momento foi importante para estimular o engajamento e contextualizar a diversidade de experiências presentes no grupo. Ainda nessa primeira etapa, foi apresentada a ementa, os objetivos e a proposta metodológica do curso.

Em um segundo momento foi realizada uma roda de conversa para

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

o levantamento dos conhecimentos prévios sobre inclusão, ensino colaborativo e o papel do AEE no contexto escolar. Essa atividade buscou identificar percepções iniciais, experiências já vivenciadas e desafios enfrentados na prática pedagógica inclusiva.

A terceira etapa consistiu na exposição dialogada dos principais conceitos e fundamentos teóricos sobre: Inclusão escolar e a legislação vigente (Lei Brasileira de Inclusão – LBI); a função das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) na construção de uma escola inclusiva; o ensino colaborativo e seus modelos (coensino, planejamento conjunto e corresponsabilidade pedagógica); como acontece o coensino na prática e quais as condições ideais para o coensino. A apresentação foi realizada por meio de slides, com linguagem clara, exemplos práticos e espaço para dúvidas e comentários ao longo da explanação.

Na quarta e última etapa do minicurso os professores foram convidados a participar de uma atividade prática baseada em jogo que simulava desafios inclusivos enfrentados no cotidiano escolar. A proposta do jogo foi criar situações-problema que exigiam a aplicação dos conceitos abordados no minicurso, tais como: planejamento conjunto entre professor da sala regular e profissional da SRM; adaptação de atividades para alunos com deficiência visual ou auditiva; estratégias colaborativas para superação de barreiras atitudinais e físicas.

Passo a passo do Jogo da Colaboração – Missão Inclusiva:

Objetivo: Sensibilizar e envolver professores na reflexão sobre os princípios da educação inclusiva e o papel do ensino colaborativo, por meio de uma experiência interativa.

Duração: 30 a 40 minutos

Materiais: Cartões com "desafios inclusivos", "estratégias colaborativas" e dado temático.

Desenvolvimento:

1. Formação de grupos: os participantes foram divididos em grupos de 3 a 5 professores. Cada grupo representando a "equipe pedagógica" de uma escola fictícia.

2. Apresentação do desafio: cada equipe precisa passar por situações desafiadoras em uma escola inclusiva, e deverá cooperar para encontrar soluções, pensando sempre no trabalho conjunto e na inclusão real.

3. Cada grupo joga o dado e sorteia um Cartão Desafio.

4. Em seguida devem escolher um ou mais Cartões com Estratégia Colaborativa para responder ao desafio, justificando como aquela solução se baseia em práticas inclusivas e colaborativas.

As estratégias possíveis podem incluir: coensino entre professor da disciplina e professor de AEE; adaptação curricular mediada em grupo; uso de recursos de acessibilidade; envolvimento da família e da gestão escolar; apoio entre pares (alunos tutores); planejamento conjunto interdisciplinar.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Para encerrar foi aplicado um formulário de avaliação considerando o conteúdo do curso, a atuação da ministrante e o envolvimento dos participantes. Avaliaram com notas de 1 a 5, considerando 1 como menor grau de satisfação e 5 como maior grau de satisfação.

A sistematização das experiências vivenciadas no minicurso foi realizada com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Holliday (2006), que compreende a sistematização como um processo de organização, reconstrução e análise crítica das práticas educativas, permitindo compreender seus significados e aprendizagens. As informações foram registradas por meio de anotações das falas e interações dos professores participantes, de observações durante os momentos de exposição dialogada, das propostas de intervenção dos grupos durante o "Jogo da Colaboração", além do formulário de avaliação do minicurso.

Os registros foram organizados e classificados em eixos temáticos, construídos a partir das recorrências presentes nos relatos, destacando-se: concepções docentes sobre inclusão escolar, desafios institucionais para sua efetivação, necessidade de formação continuada e potencialidades do ensino colaborativo. A análise foi orientada pelos princípios do diálogo, da problematização e da construção coletiva do conhecimento, inspirados na pedagogia de Paulo Freire (2005).

RESULTADOS E DISCUSSÕES Participaram do minicurso um total de 60 professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Na terça-feira, dia 03/06, foram contemplados 16 (dezesseis) professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na quarta-feira, dia 04/06, foram contemplados 24 professores da área de Linguagens e suas Tecnologias, e na quinta-feira, dia 05/06, foram contemplados 20 professores da área de Matemática, Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Além professores da sala de aula regular, o curso contou com a participação da coordenadora pedagógica que atente a educação especial e inclusiva, dos professores da sala de recursos multifuncionais e professores de apoio.

De modo geral, os professores demonstraram possuir conhecimento sobre a temática da inclusão, sendo que todos relataram já ter tido ou ainda possuir, em suas turmas, estudantes neurodivergentes ou com algum tipo de deficiência.

Durante as discussões, houve relatos acerca do sistema educacional não disponibilizar as condições necessárias para que a inclusão ocorra de fato. Além disso, a insuficiência de profissionais de apoio, a exemplo de intérpretes de Libras, e a escassez na oferta de cursos de formação continuada na área da Educação Especial e Inclusiva. Relevante destacar relatos sobre a dificuldade dos professores do AEE em atender à diversidade de deficiências presentes no contexto escolar, a necessidade de tempo destinado ao planejamento conjunto com os docentes do ensino regular e a relevância da parceria entre a escola e as famílias para a promoção da educação inclusiva.

A atividade prática envolvendo o Jogo da Colaboração com desafios inclusivos resultou em um rico momento de socialização e debate. Foi possível perceber, através dos relatos, que alguns professores já desenvolvem práticas educacionais inclusivas alinhadas aos princípios do ensino colaborativo, mesmo que de forma não intencional. As discussões revelaram a necessidade do planejamento pedagógico compartilhado, bem

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

como as limitações da atuação docente individualizada e independente.

A partir da sistematização das vivências, foi possível ampliar a compreensão acerca dos desafios da inclusão no cotidiano escolar e reconhecer a relevância do ensino colaborativo como estratégia para fortalecer práticas pedagógicas inclusivas, além de desenvolver conhecimentos, habilidades e competências relacionadas à mediação de processos formativos dialógicos, à escuta sensível, à articulação entre teoria e prática e à valorização do trabalho coletivo entre profissionais da educação como elemento fundamental para a construção de uma escola mais inclusiva.

A atividade proposta, portanto, favoreceu a reflexão coletiva, estimulou a criatividade e fortaleceu a empatia entre os participantes, além de evidenciar a importância de uma atuação integrada entre os diversos profissionais da educação no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS O minicurso alcançou seus objetivos ao promover a formação continuada dos docentes e profissionais do AEE, proporcionando momentos de reflexão, fundamentação teórica e vivência prática sobre inclusão escolar e ensino colaborativo. Conforme os dados e os depoimentos registrados no formulário de avaliação, os professores sentiram-se contemplados e anseiam por outros momentos de formação.

Alguns depoimentos incluem como pontos fortes e oportunidades o contato com profissionais com maior experiência na educação inclusiva, o compartilhamento de experiências entre os pares, a oportunidade de refletir e ressignificar a prática pedagógica. Os participantes demonstraram grande interesse e envolvimento, especialmente durante a dinâmica final, que permitiu aplicar de forma lúdica e crítica os conhecimentos trabalhados.

A atividade também evidenciou que alguns profissionais já realizaram práticas de ensino colaborativo, mas ainda há necessidade de ampliar os espaços de diálogo e planejamento conjunto na escola, superando práticas isoladas e fortalecendo a corresponsabilidade na construção de uma educação inclusiva e acessível para todos.

O minicurso contribuiu significativamente para a familiarização com o locus da pesquisa do mestrado em curso e reafirmou a importância da articulação entre teoria, prática e formação docente contínua no campo da inclusão.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei Federal nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: https://www.gov.br/mec. Acesso em: 31 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 31 maio 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, Rosane Cardoso; PAIM, Marilane Maria Wolff. Ensino colaborativo, uma alternativa para inclusão escolar no ensino médio. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 79–98, 2024. DOI: 10.31512/19819250.2024.25.01.79-98. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/revistadech/article/view/4597. Acesso em: 10 set. 2025.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: https://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf. Acesso em: 9 mar. 2026.

LOURENÇO, Clézia Aparecida. A **Inclusão de Estudantes do Atendimento Educacional Especializado do Ensino Médio: Interfaces Colaborativas e a Construção da Cultura Inclusiva Escolar**. Orientadora: Prof.ª Drª Aparecida Meire Calegari-Falco, 2022. 128f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá – Paraná, 2022

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves; VILARONGA, Carla Ariela Rios; ZERBATO, Ana Paula. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). **Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID). Resolução nº 01/2022, de 08 de abril de 2022**. Dispõe sobre a Prática Profissional Docente no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade. Cruz das Almas: UFRB, 2022. Disponível em: https://www1.ufrb.edu.br/ppgecid/images/Documentos/Resolu%C3%A7%C3%A3o_de_Est%C3%A1gio_aprovado_em_08042022.pdf. Acesso em: 9 mar. 2026.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REC

RELATO
EDUCAÇÃO //

Educação alimentar e nutricional e autismo: vivências de um estágio docente de mestrado na educação infantil

GABRIELA DE OLIVEIRA MARTINS
KARINA ZANOTI FONSECA
NELMA DE CASSIA SILVA SANDES GALVÃO

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Food and nutritional education and autism: experiences from a master's teaching internship in early childhood education

RELATO
EDUCAÇÃO //

Educação alimentar e nutricional e autismo: vivências de um estágio docente de mestrado na educação infantil

Food and nutritional education and autism: experiences from a master's teaching internship in early childhood education

PALAVRAS-CHAVE
ALIMENTAÇÃO.
CRIANÇA.
DOCÊNCIA.
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

RESUMO O presente relato de experiência descreve um projeto de extensão envolvendo o estágio em docência, componente obrigatório de um mestrado profissional, com o objetivo de concretizar a identidade docente do mestrando, por possibilitar momento de articulação entre conhecimentos teóricos obtidos no percurso acadêmico e a prática pedagógica em cenários reais da educação. O projeto de extensão está atrelado ao projeto de pesquisa da mestranda, que tem uma abordagem qualitativa e envolveu uma pesquisa bibliográfica acerca da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista na escola e a utilização da Educação Alimentar e Nutricional como uma estratégia pedagógica aliada ao processo de aprendizagem na Educação Infantil. A ação favoreceu o diálogo entre a comunidade escolar, a família e a comunidade científica, representada por docente e discentes da UFRB e por profissional da área de saúde externo à escola, impactando em ações mais assertivas para o desenvolvimento das crianças envolvidas, para além do espaço escolar.
Teoria e prática foram articuladas aprofundando reflexões sobre a importância da Educação Alimentar e Nutricional na Educação Infantil como estratégia pedagógica na promoção de uma educação mais inclusiva.

KEYWORDS
FOOD.
CHILD.
TEACHING.
AUTISM SPECTRUM DISORDER.

ABSTRACT This experience report describes an extension project involving a teaching internship, a mandatory component of a professional master's degree, with the aim of realizing the master's student's teaching identity, by enabling a moment of articulation between theoretical knowledge obtained during the academic career and pedagogical practice in real educational scenarios. The extension project is linked to the master's student's research project, which has a qualitative approach and involved bibliographical research on the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder at school and the use of Food and Nutritional Education as a pedagogical strategy combined with the learning process in Early Childhood Education. The action favored dialogue between the school community, the family and the scientific community, represented by teacher and students from UFRB and health professional external to the school, impacting on more assertive actions for the development of the children involved, beyond the school space. Theory and practice were articulated, deepening reflections on the importance of Food and Nutrition Education in Early Childhood Education as a pedagogical strategy in promoting a more inclusive education.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

GABRIELA DE OLIVEIRA MARTINS
Mestranda em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID – UFRB).
E-mail: gabriela.omartins@ufrb.edu.br

KARINA ZANOTI FONSECA
Professora Dra. no Centro de Ciências da Saúde (UFRB) e Coorientadora no Mestrado em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID – UFRB).
E-mail: karinaufrb@ufrb.edu.br

NELMA DE CASSIA SILVA SANDES GALVÃO
Professora Dra. e Orientadora no Mestrado em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID – UFRB).
E-mail: nelma.galvao@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO O presente relato de experiência descreve um projeto de extensão envolvendo atividades realizadas durante o Estágio em Docência, componente obrigatório do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, etapa que visa concretizar a identidade docente do mestrando, por possibilitar momento de articulação entre conhecimentos teóricos obtidos no percurso acadêmico e a prática pedagógica em cenários reais da educação.

De acordo com a Resolução nº 01/2022 do referido Mestrado, o estágio tem dentre os objetivos: aperfeiçoar a formação dos mestrandos, oportunizar a incorporação de conhecimentos construídos no curso a sua prática profissional, bem como propiciar o intercâmbio entre o ensino de pós-graduação stricto sensu e a realidade das instituições nas quais os mestrandos desenvolvem as suas práticas profissionais (UFRB, 2022a).

A proposta apresentada foi desenvolvida com professoras da Educação Infantil (EI), considerando a relevância social e educacional de fortalecer práticas inclusivas desde o primeiro nível de ensino. Quanto

às atividades desenvolvidas, consistiu na realização de uma palestra intitulada "Educação Alimentar e Nutricional para crianças com Transtorno do Espectro Autista: vamos encarar este desafio?" e uma roda de conversa com o tema "Alimentando-se bem, aprende bem!". Ambas ações buscaram ampliar o conhecimento dos participantes a respeito da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e da Educação Alimentar e Nutricional (EAN).

O TEA é uma condição que afeta as habilidades sociais, comportamentais e comunicativas, manifestando-se prematuramente na vida de uma criança. Por ser um transtorno complexo e variável, estas características podem gerar comprometimentos no desenvolvimento pessoal, social, acadêmico e profissional no decorrer da vida. No contexto educacional, dificuldades relacionadas à aprendizagem podem ocorrer com estudantes com TEA ou não, mas devido à maneira incomum como eles aprendem e interagem estes obstáculos podem ser maiores, de modo que uma intervenção pedagógica apropriada, como a utilização da EAN, pode ser eficaz para a vinculação do estudante com TEA ao ambiente escolar.

Dentre as características do TEA, estão os déficits persistentes na comunicação recíproca e interação social, bem como padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades, sendo que estes sinais devem estar presentes desde o início da infância e limitar ou prejudicar o funcionamento diário (APA, 2014). As manifestações do transtorno se refletem também no ato de se alimentar, levando as crianças com TEA a apresentar, por exemplo, a seletividade alimentar que Hubbard et al., (2014) descreve como a recusa ou ingestão restrita de alimentos, frequentemente relacionada a cores, formas e texturas. Castro (2023) corrobora que os alimentos possuem muitas características sensoriais e crianças com dificuldade de processamento sensorial, como é o caso de crianças com TEA, podem apresentar maior grau de recusa alimentar.

Destarte, o papel da EAN na promoção da saúde dos escolares com TEA deve ser considerado, já que a nutrição é um elemento crucial para a saúde e para o desenvolvimento. Uma nutrição adequada está relacionada à saúde materna e infantil melhorada, sistemas imunológicos mais eficientes, gravidez e parto mais seguros, menor risco de doenças não transmissíveis (como diabetes e doenças cardiovasculares) e longevidade. Crianças saudáveis aprendem melhor (OMS, 2024).

Assim, o Marco de Referência da EAN a define como um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional para promover a prática autônoma de hábitos alimentares saudáveis e envolver abordagens/recursos educacionais problematizadores e ativos para o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, em todas as fases da vida e interações que compõem o comportamento alimentar (Brasil, 2012a).

Percebe-se que a EAN são saberes e práticas que se complementam de forma dialógica, não se tratando apenas de ações esporádicas, desarticuladas, sem planejamento, antes são processos educativos para se apropriar com uma análise crítica e fundamentada da realidade do indivíduo ou do grupo em que serão aplicadas. As atividades desenvolvidas neste projeto de extensão tiveram esse propósito.

Este relato está disposto em quatro seções. A primeira seção, a introdução, descreve a proposta de estágio, seu objetivo, base legal e

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

importância temática; a segunda seção apresenta a metodologia deste estudo; a terceira seção trará os resultados e as discussões, as quais serão relatadas as atividades realizadas e seus impactos; e, a quarta seção trata-se da conclusão que traz reflexões acerca da experiência vivenciada, das aprendizagens construídas e dos desafios enfrentados

METODOLOGIA Este projeto de extensão está atrelado ao projeto de pesquisa da mestranda, de abordagem qualitativa, envolvendo uma pesquisa bibliográfica da temática acerca da inclusão de estudantes com TEA na escola e a utilização de estratégias pedagógicas que respeitem e potencializem suas singularidades, neste caso, uma intervenção educacional de EAN aliada ao processo de aprendizagem na Educação Infantil.

A comunidade escolar participou diretamente da ação, trazendo através das falas das professoras, auxiliares de classe, coordenadora pedagógica, diretora e família presente no momento da atividade, as diferentes demandas sobre as questões nutricionais das crianças com TEA incluídas na escola. As perspectivas diversas, os desafios que cada pessoa enfrenta para lidar com a seletividade alimentar da criança com TEA, as ações criativas que apresentavam ao relatar como buscavam inserir as crianças em um cotidiano alimentar mais saudável, demarcaram os caminhos teóricos e práticos, bem como os conteúdos, a serem abordados durante a atividade. Este movimento de coconstrução do conhecimento foi central para a realização da palestra e da roda de conversa, ou seja, a interação entre comunidade escolar e comunidade externa a escola, o pilar que sustentou este trabalho.

Para a realização deste projeto seguiu-se as etapas: elaboração das ações com diálogo entre a universidade e a gestão da escola; definição dos conteúdos ouvindo as demandas da comunidade escolar; construção da metodologia e recursos com base na revisão bibliográfica e nas sugestões da comunidade escolar; e, realização das ações em dois momentos, palestra e roda de conversa. Tal proposta extensionista esteve de acordo com o regulamento do programa do mestrado, que dentre as atividades deste componente, inclui desenvolver cursos de extensão em conjunto com docentes da UFRB ou externos, desde que a atividade esteja relacionada com o tema de pesquisa e/ou desenvolvimento do produto (UFRB, 2022a).

Como a atividade estava diretamente relacionada com a pesquisa da proponente, aprovada pelo Comitê de Ética da UFRB, sob o Parecer Nº 7.809.369, de acordo com os termos das Resoluções do CNS Nº 466/2012 (Brasil, 2012b) e N° 510/2016 (Brasil, 2016), bem como do CONAC Nº 57/2022 (UFRB, 2022b), as ações realizadas no âmbito da escola estavam dentro dos rigores éticos necessários para o tipo de atividade e por não se tratar de um projeto de alta complexidade não necessitou de apreciação do CONEP, conforme o próprio Parecer informa. Com a formalização da proposta junto à coordenação do programa e à instituição parceira, atendeu-se a todos os documentos obrigatórios, incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme estabelecido pelo seu regulamento (UFRB, 2022a) bem como das resoluções acima supracitadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A mestranda dedicou-se ao planejamento e estruturação do projeto de extensão levando em conta as demandas do público-alvo, professores da Educação Infantil que tivessem

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

estudantes com TEA. A escolha do lócus da pesquisa atendeu à uma demanda social, a convite de uma vice-diretora de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Feira de Santana, Bahia, com cerca de 240 estudantes entre 03 a 05 anos de idade, sendo 15 estudantes com TEA. Após visita à escola e o aceite da proposta pela diretora, ficou definido não somente o lócus para a realização da pesquisa, como também o local deste projeto de extensão, ressaltando assim a relevância social de ambos.

O plano de trabalho foi elaborado em etapas, de modo a contemplar desde os momentos preparatórios até a avaliação final das ações. A primeira etapa, a do planejamento inicial, envolveu todo o processo necessário à execução da proposta, a organização dos documentos de formalização, compreensão da resolução vigente, estudo do aporte teórico para as ações, definição dos objetivos, escuta prévia da comunidade do CMEI, convite da palestrante, organização de materiais e elaboração do questionário para os participantes avaliarem as atividades desenvolvidas.

Em seguida, para a organização da palestra, foram definidos os temas a serem abordados, seleção e aprofundamento teórico a serem apresentados, preparação de slides, impressão de pôster para convite da comunidade escolar, impressão de folders, preparação de lembrancinhas e o cadastramento da atividade como curso de extensão na UFRB para a entrega de certificação aos participantes. Posteriormente, houve a organização da roda de conversa, que incluiu visita prévia ao CMEI para convidar as professoras e organizar os detalhes logísticos para o encontro presencial, preparação de slides para dirimir o diálogo e envolver a participação de todos, e elaboração de card para divulgação desta atividade.

A seguir, foi prevista a etapa da execução: a palestra "Educação Alimentar e Nutricional para crianças com TEA: vamos encarar este desafio?" e a roda de conversa "Alimentando-se bem, aprende bem!". Para concluir as etapas do projeto, planejou-se um momento avaliativo com os participantes, estimulando-os com questões disparadoras sobre a EAN, buscando-se ampliar as reflexões sobre os impactos desta prática para o desenvolvimento das crianças. Nesta etapa a proponente do projeto teve a oportunidade de avaliar as suas ações, revendo as estratégias e efetividade da palestra e roda dialógica no ambiente escolar da EI.

Todo este processo de planejamento foi de suma importância para que as atividades do estágio se desenvolvessem de forma ordeira, tranquila e fundamentada, com a premissa de atingir os objetivos do estágio quanto ao compromisso com uma formação docente capaz de refletir na prática as temáticas da inclusão e da diversidade no cotidiano escolar, como é o foco do programa de mestrado. Dentre os impactos desta ação pode-se destacar: a oportunidade criada pela atividade para trazer para o centro das discussões a criança com TEA e sua família; a socialização de dúvidas e mitos sobre a EAN, com esclarecimentos científicos e embasados em experiência real das profissionais que ministraram a palestra e a roda dialógica; a aproximação entre a família e a escola, com estreitamento de laços que se estendem para além das atividades propostas, aproximação que também se dá entre a UFRB e a escola parceira.

Sobre os desafios enfrentados para a concretização das atividades do estágio, menciona-se a dificuldade de definição de data e horário das atividades para conciliar agenda da escola, professoras, palestrante e orientadora. Quanto à realização da roda de conversa, por coincidir com programações de festejos juninos, a escolha da data e a atividade

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

propriamente dita tiveram intercorrências quanto a disponibilidade das professoras.

O momento da palestra, intitulada "Educação Alimentar e Nutricional para crianças com TEA: vamos encarar este desafio?", foi realizada de forma presencial, com a duração planejada e contou com a presença de 19 participantes, entre eles, professoras, auxiliares de classes, mãe de estudante com TEA, auxiliar administrativa, vice-diretora e diretora. Embora o público-alvo da pesquisa fosse professores de estudantes com TEA, decidiu-se estender o convite haja vista ampliar o compartilhamento de conhecimento acerca da temática e envolver a todos, já que a inclusão diz respeito a toda comunidade escolar.

A palestra teve um convite amigável para os presentes se expressarem quando se sentissem à vontade, tornando também um momento de escuta sobre a rotina da escola e a dinâmica de seus estudantes com TEA. A atividade teve como principal objetivo introduzir conceitos fundamentais sobre a EAN e inclusão de estudantes com TEA, para provocar reflexões acerca da sua aplicabilidade no cotidiano escolar, considerando os desafios e possibilidades de uma prática pedagógica inclusiva.

A mestranda iniciou a palestra trazendo os conceitos do TEA, graus de suporte, principais legislações, e posteriormente, trouxe os conceitos de EAN, sugestões de atividades a serem trabalhadas como estratégia pedagógica e explicou como a alimentação pode impactar no aprendizado dos estudantes. Na sequência, a palestrante convidada, nutricionista especialista em Nutrição Funcional e Terapia Alimentar no Autismo e TDAH e terapeuta alimentar numa clínica especializada em diagnóstico e tratamento do TEA em Feira de Santana - BA, apresentou as estratégias nutricionais utilizadas no atendimento de crianças com TEA e também deu sugestões práticas para engajar a EAN na prática pedagógica. Ambas as apresentações tiveram o auxílio de slides para melhor visualização e assimilação das informações.

Durante a palestra, houve interação das palestrantes com os participantes, os quais expressaram suas opiniões, comentaram fatos ocorridos, fizeram perguntas e anotações, tornando o momento da atividade um espaço de compartilhamento de conhecimentos e experiências, que enriqueceram ainda mais a atividade e certamente promoveram acolhimento e engajamento, permitindo identificar percepções em suas práticas docentes, no caso das professoras.

No fim da palestra foram entregues um folder contendo informações sobre os 10 passos para uma alimentação adequada e saudável. Incentivou-se os participantes a colocar em prática tais conceitos e compartilhar com outros, como também, no caso das professoras, a usar o conteúdo nas atividades sugeridas durante a palestra para serem trabalhadas com as crianças. Junto com o folder foi entregue uma lembrancinha deste evento com um card e balas de ágar-ágar (um extrato de algas marinhas semelhante à gelatina, rico em sais minerais e fibras) para incentivar o consumo de alimentos saudáveis mesmo quando se tratar de guloseimas.

Essa primeira atividade permitiu verificar a assimilação dos conceitos discutidos e promover uma prévia das práticas por parte das professoras que se expressaram, de modo que foi fundamental para introduzir o tema da EAN e TEA, possibilitando que elas se sentissem motivadas a participar posteriormente da pesquisa.

A segunda atividade, a roda de conversa com o título "Alimentando-se bem, aprende bem" aconteceu também de forma presencial. Desta vez, a participação foi somente com as professoras e contou com um público menor, 10 participantes. A atividade teve como propósito coletar as impressões das professoras que estiveram na palestra sobre a temática EAN e TEA, ao mesmo tempo motivar a reflexão e a contextualização da prática docente destas participantes. Aproveitou-se o momento também para apresentar o tema e propósito da pesquisa do projeto da mestranda.

A roda de conversa iniciou-se com um momento de escuta, após apresentar os pontos principais da palestra como uma forma de recapitular o assunto que foi abordado. Em seguida, as participantes foram convidadas a compartilhar suas vivências, desafios e percepções sobre a inclusão de estudantes com TEA em suas realidades escolares. Esse momento visava fortalecer vínculos, promover um espaço de diálogo e valorizar os saberes docentes, criando um ambiente de confiança e colaboração.

No entanto, esta segunda atividade não foi tão produtiva quanta a primeira, visto que aconteceu no mesmo dia em que a escola promovia as comemorações juninas com estudantes e familiares destes estudantes, de forma que o momento foi marcado por interrupções e a participação das professoras não ocorreu de forma plena. Este momento revela uma realidade possível na prática docente cotidiana, visto que intercorrências e imprevistos podem acontecer e se faz necessário ser flexível e razoável quanto a se adequar à realidade do que foi planejado.

Realizou-se ao final desta atividade, a entrega dos certificados de participação da primeira atividade, a palestra. Logo após, teve o momento avaliativo em que as participantes receberam o link do questionário de avaliação da palestra e foram incentivadas a responderem. O questionário foi elaborado e disponibilizado através de formulário do Google Forms, contendo dez questões sobre a palestra. Desta forma, as participantes puderam relatar suas impressões, destacaram os aspectos mais relevantes da palestra e sugeriram outras ações com a temática. As respostas servirão como subsídio para ações subsequentes junto ao CMEI.

Deste modo, essa segunda atividade, apesar de intercorrências, ainda assim foi marcada por interação, por engajamento e pela valorização da experiência docente das participantes, consolidando-se como um espaço potente de ampliação de conhecimentos voltado à construção de práticas pedagógicas inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A realização deste projeto de extensão no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, configurou-se uma excelente oportunidade de articular teoria e prática, aprofundando reflexões sobre a importância da EAN como estratégia pedagógica na promoção de uma educação mais inclusiva de estudantes com TEA. Esta experiência relatada é um exemplo concreto da indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão existentes nas Universidades. A pesquisadora ao aproximar-se do campo de pesquisa, de forma ética e com respeito à realidade da comunidade escolar do CMEI, garantiu uma escuta qualificada que pôde de fato trazer um retorno real aos desafios enfrentados por esta comunidade. Um movimento circunscrito pelo saber científico produzido até o momento e para além dele, ampliando os estudos e pesquisas com as novas contribuições para o campo da Educação Infantil inclusiva. Além

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

disso, como o produto educacional desenvolvido no Mestrado foi um jogo educativo de EAN, a mestranda continuará o acompanhamento dos resultados da utilização do jogo junto às professoras do CMEI, mesmo após a finalização da pesquisa.

Por meio da palestra "Educação Alimentar e Nutricional para crianças com TEA: vamos encarar este desafio?" e a roda de conversa "Alimentando-se bem, aprende bem!" foi possível construir um espaço de conhecimento colaborativo, no qual os conhecimentos prévios das participantes dialogaram com os conteúdos teóricos propostos, favorecendo a ampliação do repertório pedagógico relacionado à temática abordada. Entre os conhecimentos mais significativos decorrentes dessa experiência, evidenciam-se a relevância da escuta atenta dos sujeitos implicados neste processo educacional, a sensibilização e o fortalecimento do trabalho docente quanto ao uso de novas estratégias pedagógicas, a possibilidade de promover acessibilidade nas práticas pedagógicas e a importância da formação continuada como instrumento de aprimoramento e consolidação da prática docente.

Conclui-se que o estágio da prática profissional docente foi uma etapa essencial para a consolidação da formação docente crítica, reflexiva e comprometida com uma educação inclusiva que respeita a diversidade, possibilitando a vivência direta em contextos educacionais reais e o fortalecimento das ações extensionistas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorder** (DSM-V). Washington, DC: American Psychiatric Association, 2014.

BRASIL (2012a). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas**. Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012.

BRASIL (2012b). Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: < https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em: 02 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução N° 510, de 7 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 44, 24 maio 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

CASTRO, T. (coord.). S**implificando o Autismo: para pais, familiares e profissionais.** São Paulo, SP: Literare Books Internacional, 2023.

HUBBARD, K. L. et al. A **Comparison of Food Refusal Related to Characteristics of Food in Children with Autism Spectrum Disorder and Typically Developing Children.** Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics, v. 114, n. 12, p. 1981–1987, 1 dez.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

2014. Disponível em: < https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24928779/>. Acesso em: 02 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Tópicos de Saúde. **Nutrição**. Genebra, 2024. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/nutrition#tab =tab_1>. Acesso em: 02 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (2022a). **Resolução nº 01/2022 do Colegiado do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade de 01/2022, de 08 de abril de 2022**. Estabelece normas para o acompanhamento da Prática Profissional Docente para os mestrandos do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade e revoga a Resolução 001/2021 PPGECID. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgecid/im ages/Documentos/Resolu%C3%A7%C3%A3o_de_Est%C3%A1gio_aprovado_em_08042022.pdf. Acesso em: 02 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (2022b). Conselho Acadêmico. **Resolução CONAC/UFRB Nº 057, de 23 de maio de 2022**. Cruz das Almas: UFRB, 2022. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/proexc/images/2022 0525111544 _Resolucao_CONAC_57_2022.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2026.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
SAÚDE //

Educação, descolonização e extensão popular no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: um relato de experiência

SILIER ANDRADE CARDOSO BORGES
HELENA AYLA MONTEIRO GAMA
JOICE SILVA SANTOS
NUBIA DOS REIS PINTO

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Education, decolonization and popular extension in the Interdisciplinary Bachelor degree in health: an experience report

RELATO
SAÚDE //

Educação, descolonização e extensão popular no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: um relato de experiência

Education, decolonization and popular extension in the Interdisciplinary Bachelor degree in health: an experience report

PALAVRAS-CHAVE
EDUCAÇÃO EM SAÚDE.
ENSINO SUPERIOR.
AÇÃO COMUNITÁRIA.
FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE.
SAÚDE COLETIVA.

RESUMO Se entendemos que há inviabilidade do enfrentamento às injustiças produzidas pela modernidade sem que se conceba a educação como transgressão, encontramos na Educação Popular as bases para uma educação que resiste à colonialidade. Neste trabalho, buscamos compartilhar as experiências de docentes e monitoras envolvidas no conjunto das ações extensionistas em Comunicação e Educação em Saúde desenvolvidas no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, refletindo sobre a atualidade e as contribuições da educação e da extensão popular, bem como seus desafios para uma educação superior que opere na produção de desaprendizagens coloniais. Adotamos a proposta metodológica de sistematização de experiências de educação popular, partindo da prática dos discentes e docentes envolvidos nas ações de extensão entre os meses de março de 2024 e julho de 2025 junto às comunidades periféricas de Santo Antônio de Jesus, Bahia. As ações extensionistas foram construídas a partir do levantamento de temas geradores que emergiram a partir do diálogo com os diferentes atores sociais do território, por meio da escuta dos sujeitos e de suas necessidades sociais. As oficinas e círculos de cultura desenvolvidos nos territórios periféricos, longe de transmitirem conteúdos, tiveram por finalidade estimular a consciência coletiva do vivido por meio da aproximação do processo formativo em saúde das realidades negligenciadas. Percebemos a atualidade da Educação Popular em evidenciar a impossibilidade de reduzir a educação à técnica, requerendo nossa insistência político-formativa em questionar, sonhar e transformar.

KEYWORDS
RACISM.
POPULAR EDUCATION.
ACTIVE LISTENING.
CRITICAL PEDAGOGY.

ABSTRACT We understand the impossibility of confronting the injustices produced by modernity without conceiving of education as transgression, and therefore we find in Popular Education the basis for an education that resists coloniality. In this work, we seek to share the experiences of teachers and monitors involved in the set of extension activities in Communication and Health Education developed in the Interdisciplinary Bachelor's Degree in Health at the Federal University of Recôncavo da Bahia, reflecting on the current relevance and contributions of popular education and extension, as well as its challenges for a higher education that operates in the production of new learning. We adopted the methodological proposal of systematizing experiences of popular education, starting from the practice of students and teachers involved in extension activities between March 2024 and July 2025 with the peripheral communities of Santo Antônio de Jesus, Bahia. The extension activities were constructed from the identification of generating themes that emerged from the dialogue with the different social actors in the territory, through listening to the subjects and their social needs. The workshops and cultural circles developed in peripheral territories, far from simply transmitting content, aimed to stimulate collective awareness by bringing health education closer to neglected realities. We perceive the relevance of Popular Education today in highlighting the impossibility of reducing education to mere technique, requiring our political and formative insistence on questioning, dreaming, and transforming.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

SILIER ANDRADE CARDOSO BORGES
Doutor em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, Professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: silier@ufrb.edu.br

HELENA AYLA MONTEIRO GAMA
Bacharela em Saúde e discente em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: helenaayla@aluno.ufrb.edu.br

JOICE SILVA SANTOS
Bacharela em Saúde e discente em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
E-mail: joicessantos@aluno.ufrb.edu.br

NUBIA DOS REIS PINTO
Doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.
E-mail: nrpinto@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO As sociedades contemporâneas, submetidas à égide do capital financeiro, ao mesmo tempo em que promovem a celebração de valores morais como individualismo, auto-regulação e competitividade, reproduzem as condições para a miséria de populações inteiras (Castel, 2013).

Divididos entre "vencedores" e "perdedores", os indivíduos são encarados como emancipados e responsáveis por si próprios, sem que essas exigências de individuação sejam viabilizadas, apagando o horizonte dos destinos coletivos (Soulet, 2005).

Pensando a situação brasileira, a pobreza é parte de um projeto racista que condena majoritariamente a população negra. Somado às expectativas negativas e à inferiorização social dos subalternizados, produz como efeito de poder a justificação e a naturalização das desigualdades mantidas por sistemas de opressão. Nesse sentido, a educação tende a se constituir enquanto dispositivo que objetiva a manutenção das estratégias históricas de assujeitamento. Por meio das injustiças cognitivas produzidas pelo epistemicídio, interdita-se o reconhecimento de pessoas negras como sujeitos do conhecimento através de sua inferiorização intelectual. As sucessivas barreiras às oportunidades no espaço público evidenciam como o acesso à educação objetivou sustentar a hierarquia racial (Carneiro, 2023). Sobre isso, nos afirma Luiz Rufino (2021):

> A colonização não se faz sem que haja um plano de ensino e um currículo que institua a aprendizagem do ser colonizado via violência e esquecimento de si para sua transformação em algo permanentemente em desvio e submisso. [...] Essa desaprendizagem, entoo como em um canto corrido, é ato político e poético que toca nas múltiplas camadas de nossas existências a questão do esquecimento (Rufino, 2021, p. 22).

Logo, entendemos que há "inviabilidade do enfrentamento às injustiças produzidas pela modernidade/colonialidade sem que se conceba a educação como espaço de transgressão e de construção de barricadas no mercado das trocas afetivas" (Borges, 2023, p. 3).

Encontramos na Educação Popular as bases epistêmicas, políticas e éticas para uma educação como transgressão ao assombro colonial. Sendo a leitura do mundo predecessora da leitura da palavra, a educação

como prática da liberdade possibilita que a teoria possa emergir da experiência vivida coletiva (Freire, 2001). Não é porque falamos de amorosidade como princípio que não caiba na educação a definição de força vibrante e indignada, dialógica, inventiva e, sobretudo, não apaziguadora do conflito em um mundo regido por contratos de dominação (Rufino, 2021).

Estas são os dilemas históricos, políticos e sociais em que estão situados o ensino do campo da Comunicação e Educação em Saúde no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), curso que se propõe oferecer uma formação geral em cultura humanística, artística, política, ética e científica articulada a saberes diversos situados no campo da saúde, em um território marcado pela pobreza, desassistência e fragilização dos serviços públicos.

O componente curricular Comunicação e Educação em Saúde, de natureza extensionista, se insere na curricularização da extensão do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, situando a extensão enquanto estratégia principal de ensino e aprendizagem e considerando sua pertinência social articulada ao território, conforme previsto nas Diretrizes da Extensão Universitária (Brasil, 2012). Longe de atribuir à universidade e à extensão uma pretensa capacidade redentora, o que expressaria anseios próprios ao salvacionismo colonial, entendemos a extensão popular como um compromisso ético com uma universidade irredutível aos interesses de mercado. A extensão popular, sendo uma maneira de se aproximar de realidades negligenciadas, evita apartar a universidade dos problemas sociais de seu entorno, por meio da interação dialógica e do compromisso com a construção conjunta do conhecimento (Benincá; Campos, 2017).

Neste trabalho, buscamos compartilhar as experiências de docentes e monitoras envolvidas(os) no conjunto das ações desenvolvidas no contexto do componente curricular teórico-prático "Comunicação e Educação em Saúde", vinculado ao Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB, refletindo sobre a atualidade e as contribuições da educação e da extensão popular, bem como seus desafios para uma educação superior que opere na produção de justiças cognitivas e desaprendizagens coloniais (cf. Rufino, 2021).

METODOLOGIA Este artigo consiste em um relato de experiência de discentes e docentes vinculadas(os) às ações de extensão desenvolvidas no componente "Comunicação e Educação em Saúde", entre os meses de março de 2024 e julho de 2025, correspondente aos semestres 2024.1, 2024.2 e 2025.1. As ações aqui descritas foram desenvolvidas junto às comunidades periféricas de Santo Antônio de Jesus, Bahia, município que sedia o Centro de Ciências da Saúde da UFRB.

Seguimos a proposta metodológica de sistematização das experiências de educação popular formulada por Oscar Holiday (2006). Partimos da própria prática daquelas(es) que tomaram parte dela, fundamento do processo de sistematização. Em seguida, situamos a experiência no tempo e lugar, empreendendo a recuperação do processo vivido, seguido da reflexão de fundo na qual, em articulação ao contexto teórico, nos debruçamos em realizar a interpretação crítica.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RESULTADOS E DISCUSSÕES O componente teórico-prático "Comunicação e Educação em Saúde" vem sendo espaço de travessia, onde discentes dos cursos de saúde podem ensaiar outras maneiras de fazer educação não conformadora, comprometida com a dúvida. No decorrer do componente, são planejadas e realizadas pelas discentes ações extensionistas supervisionadas nos diferentes territórios periféricos que circundam a Universidade: escolas públicas, UBS, USF, CAPSi, CRAS, ONGs, centros culturais, centros de convivência, grupos de pessoas idosas, associações de moradores etc.

Essas práticas educativas foram orientadas pela metodologia educativo-problematizadora (Dantas; Linhares, 2014), o que exigiu das discentes abertura ao método dos círculos de cultura, envolvendo momentos dedicados à investigação do universo vocabular, tematização e problematização, evitando recair em modelos de educação transmissionais.

A investigação do universo vocabular convocou os discentes a exercer a escuta dos sujeitos e suas necessidades sociais, como momento preliminar do planejamento. Assim, as ações são construídas a partir do levantamento de temas geradores que emergem a partir do diálogo com os diferentes atores e atrizes sociais do território, e não previamente a esse encontro.

As oficinas desenvolvidas nos territórios, longe de transmitir conteúdos, tiveram por finalidade estimular a consciência coletiva do vivido. Do encontro de experiências individuais alcançamos o significado social, buscando a ampliação do conhecimento da realidade, o que chamamos de Tematização (Dantas; Linhares, 2014). Isso se dá por meio do processo de codificação e decodificação das palavras geradoras, possibilitando a "leitura da leitura de mundo", isto é, uma nova maneira de apreender a realidade e uma nova forma de se relacionar com a experiência.

A Problematização é o momento decisivo no qual se busca superar a visão ingênua por uma perspectiva crítica, capaz de transformar o contexto vivido (Dantas; Linhares, 2014). Ocorre que a problematização não é unidirecional e tampouco algo que se faça pelo outro, mas práxis que só se efetua na arte do encontro: discentes, professores e atores sociais a empreendem juntos. Exige de quem a realiza entender que

> [...] não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (Freire, 2001, p. 259).

Se no método tradicional a leitura da palavra precede a leitura do mundo, no método problematizador procedemos com a subversão desse modelo, no qual a leitura do mundo é sucedida pela leitura da palavra que, em circularidade, viabiliza uma nova apreensão do mundo (a "leitura da leitura do mundo"). Isso quer dizer que se a leitura do mundo não se basta, tampouco deve ser inferiorizada (Freire, 2001).

Das ações no território derivaram a construção de "materiais educativos" como manuais, guias, álbuns seriados, podcasts, jogos de tabuleiro, fotonovelas, almanaques e revistas em quadrinhos, considerando a segmentação de audiência e desenvolvidas no transcorrer das oficinas, construídas com e não para as pessoas como parte do projeto de fomento

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

à autonomização dos sujeitos. Não sendo um fim em si mesmo, mas elemento constituinte do processo educativo em ato, a elaboração coletiva dos materiais educativos aponta para a emancipação como processo social e para a construção compartilhada do conhecimento crítico, como proposto pela Política Nacional de Educação Popular em Saúde (Brasil, 2013).

As ações de educação em saúde desenvolvidas pelas equipes de aprendizagem foram apresentadas ao final de cada semestre na Mostra de Práxis em Educação, Comunicação e Saúde (MIECS), no formato de apresentações orais ou pôsteres acadêmicos e publicadas em cadernos de resumos, compartilhados com a comunidade acadêmica. A MIECS vem se revelando uma potente experiência formativa pautada em acolhimento, afetividade, dialogicidade, horizontalidade e reconhecimento aos saberes diversos entre as turmas a cada semestre. Para discentes e docentes envolvidos(as) na experiência, a MIECS exalta o lugar da Educação Popular e da Comunicação e Saúde como eixos articuladores da formação em saúde.

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA DISCENTE

Nossa experiência, irredutível à dimensão técnica, significou travessia pessoal e afetiva. A participação enquanto monitoras nos colocou diante da responsabilidade de acompanhar descobertas e, ao mesmo tempo, descobrir o sentido da prática educativa comprometida com a transformação pelo diálogo.

Sentimos a diferença nos encontros mediados por metodologias ativas, provocando inquietações, deslocamentos e desacomodações. Logo nas primeiras aulas, percebemos que a mediação de processos pedagógicos exigia estarmos inteiras às trocas, às afetações e ao inesperado.

Aprendemos que a potência do comunicar tem algo a ver escutar, verbos que indicam abertura à compreensão. Não foram raras as vezes em que percebemos que o que bloqueia o entendimento não é a fala da comunidade, mas nossa escuta enviesada por nossos referenciais, vieses e ou nossas urgências.

A monitoria nos permitiu a situação paradoxal de mediar processos pedagógicos de estudantes ao mesmo tempo em que compartilhamos desta condição. Por vezes, em sala ou extraclasse, nos sentíamos mais aprendendo do que mediando. Viver esse lugar nos ensinou que a Educação Popular é, antes de tudo, humildade, que, diferentemente de submissão, implica no reconhecimento de que o saber está em muitos lugares e se manifesta de muitas maneiras, inclusive durante o aprender. Humildade de mão dupla, necessária para entender que "pobres, moradoras da periferia são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade" (Valla, 1996, p. 178).

Enquanto estudantes, pudemos vivenciar pela primeira vez contextos pedagógicos que partem da dialogicidade, amorosidade, horizontalidade e problematização como dimensões cruciais no processo de construção do conhecimento.

Aprendemos como monitoras de que os temas geradores não nascem da cabeça do educador, mas das dores e vivências do grupo social. Aprendemos a ouvir o não-dito, a valorizar relatos espontâneos e os

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

modos de vida. Assim, os materiais educativos foram assumindo contornos próprios a cada território, considerados não como público-alvo genérico, mas reconhecidos como sujeitos imbuídos de voz e história.

Pudemos acompanhar estudantes que, como nós, acreditavam que o conhecimento precisava ser transmitido. Havia boniteza no momento em que percebiam que o conhecimento precisava, na verdade, ser construído junto. Cada dúvida que surgia nos fazia perceber que ensinar também é revisitar nossos próprios aprendizados.

Apesar disso, enfrentamos também desafios, pois uma parcela da turma demonstrava desinteresse com a proposta, recusavam realizar leituras e não participavam dos debates, declarando a preferência pelo ensino bancário. Ao final de cada aula, na supervisão semanal, pudemos enfrentar nossas angústias, entendendo que não é nosso papel do docente ou das monitoras se transformar em "animadores de plateia" e tampouco buscar manter estudantes entretidos, mas convocá-los à responsabilidade ética, sobretudo, com os territórios onde as práticas se desenvolveram.

O afeto atravessou todas essas experiências. O afeto como base para qualquer prática que queira transformar e não apenas informar.

DA AMOROSIDADE À REVOLTA NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS INSUBMISSOS

Quando as filosofias africanas nos ensinam que Exú, Orixá da Comunicação, matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje, percebemos que ainda falta muito para as práticas educativas aprenderem a subverter a relação linear, monocultural e colonizadora na relação com os territórios.

A potência e atualidade da Educação Popular não se restringe ao horizonte filosófico, ético ou ontológico. Seus princípios, muito mais anunciados do que empreendidos, apontam para caminhos metodológicos para práticas compromissadas com a produção de subjetividades insatisfeitas, inquietas e questionadoras, que não tomam a realidade apenas em sua dimensão fática, sem requer nossa capacidade de questionar, sonhar e transformar, enquanto seres inconclusos.

Não somente a MIECS, mas as nossas atividades didático-pedagógicas enfrentam o desafio de lidar com adversidades próprias à formação em saúde no cenário contemporâneo: reivindicar a experiência e a abertura afetiva, como aspectos necessários à educação na saúde; posicionar-se abertamente contra o produtivismo academicista que massifica a (de) formação profissional na medida que abre mão da crítica, reduzindo o espaço didático-pedagógico enquanto mercado financeiro onde o diploma é o único ativo de interesse; e demarcar a todo o instante o compromisso de co-produzir, na Universidade e fora dela, sujeitos insubmissos, altivos e reivindicativos.

Se com Freire (2013) aprendemos sobre a amorosidade como dimensão transformativa da sociedade, também necessitamos reconhecer que a revolta pode ser canalizada e transformada em experiência de resistência e luta das pessoas subalternizadas (Lorde, 2019). Que nossos afetos, da amorosidade à indignação, sejam como forças motrizes que nos impulsionam para mudanças societárias duradouras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Duvidar é radicalizar nossa compreensão de "saber popular" é reconhecer sua multiplicidade. São saberes

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

populares que, mais do que "do povo" que o termo "popular" insinua, exige entendê-la como epistemologias ancestrais, seculares, rigorosas e sistemáticas ao seu próprio modo.

Se não existe saber maior ou menor, mas saberes diferentes, então não há possibilidade de aprender sem abertura à passagem dos afetos, sem problematizar os desafios concretos, sem rigor teórico-metodológico, sem engajamento ético-político no enfrentamento às iniquidades.

Por meio da dúvida, as nossas experiências de extensão popular nos ensinou a certeza de que a educação não pode ser reduzida à formação técnica para o mundo. Se esse mundo se coloca em guerra e define a educação como apaziguamento do conflito, nós assumimos nosso papel político diante da produção histórica de subordinação e extermínio.

Desejamos que as(os) estudantes que se fizeram abertas à travessia prossigam costurando desvios em seus itinerários formativos. Por uma educação que, desinteressada em produzir "sujeitos sabidos", espante as injustiças cognitivas, reconhecendo as pessoas que vivem no território como sujeitos do conhecimento, autoras(es) da História que sobrevivem a quem lhes rejeitam reconhecer sua humanidade.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BENINCÁ, Dirceu; CAMPOS, Fernando Silva. Extensão Popular: uma proposta transformadora para a educação superior. **Dialogia**, p. 145-156, 2017. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/7247

BORGES, Silier Andrade Cardoso et al. Notas preliminares para a descolonização da educação em saúde no brasil. **Práticas e Cuidado:** Revista de Saúde Coletiva, v. 4, n.e18947,p.1-20, 2023. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/18947/12975

BRASIL. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. FORPROEX, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013**. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Diário Oficial da União, 19 Nov. 2013.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: BÓGUS, Lucia; YAZBEK, Maria Carmelita; BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela (Org). **Desigualdade e a questão social**. 4 ed. São Paulo: EDUC, 2013. p. 27-60.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Angela Maria Bessa. Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. p. 74-77.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados,** v. 15, p. 259-268, 2001. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/article/view/9805/11377

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SOULET, Marc-Henry. La vulnérabilité comme catégorie de l'action publique. **Pensée plurielle**, n. 2, p. 49-59, 2005.

VALLA, Victor Vincent. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação & Realidade**, v. 21, n. 2, 1996. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71626

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
TRABALHO //

Aprender fazendo: o programa de jovens agentes de comercialização

ELIENE GOMES DOS ANJOS
MARIA LUCIA DA SILVA SODRE
LUDMILA MEIRA

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Learning by doing: the youth commercialization agents program

RELATO
TRABALHO //

Aprender fazendo: o programa de jovens agentes de comercialização[1]

Learning by doing: the youth commercialization agents program

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
AGRICULTURA FAMILIAR.
POLÍTICAS PÚBLICAS.

RESUMO O presente relato apresenta a experiência do Programa Jovens Agentes de Comercialização (PJAC), executado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) entre 2017 e 2021, no âmbito do projeto Mais Mercado. A proposta articulou ensino, pesquisa e extensão como estratégia formativa para estudantes de diferentes cursos, com foco no fortalecimento da agricultura familiar baiana e sua inserção no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). A metodologia adotada fundamentou-se na abordagem qualitativa, por meio da pesquisa participante, análise documental e observação direta. As ações envolveram oficinas, atividades de campo, levantamento e análise de dados sobre oferta e demanda da produção familiar em 39 municípios dos territórios Portal do Sertão, Recôncavo e Sisal. Com a pandemia de COVID-19, as estratégias foram adaptadas ao formato remoto, com desenvolvimento de materiais formativos digitais. O PJAC resultou na produção de conhecimento aplicado, contribuiu para a formação técnica dos estudantes e fomentou reflexões sobre a função social da universidade na construção de políticas públicas e da soberania alimentar.

KEYWORDS
UNIVERSITY EXTENSION.
FAMILY FARMING.
PUBLIC POLICY.

ABSTRACT This report presents the experience of the Young Marketing Agents Program (PJAC), implemented by the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB) between 2017 and 2021, within the scope of the Mais Mercado project. The proposal articulated teaching, research, and extension as a formative strategy for students from different courses, focusing on strengthening family farming in Bahia and its inclusion in the National School Feeding Program (PNAE). The methodology adopted was based on a qualitative approach, through participatory research, document analysis, and direct observation. The actions involved workshops, field activities, data collection and analysis on the supply and demand of family production in 39 municipalities in the Portal do Sertão, Recôncavo, and Sisal territories. With the COVID-19 pandemic, the strategies were adapted to a remote format, with the development of digital training materials. The PJAC resulted in the production of applied knowledge, contributed to the technical training of students, and fostered reflections on the social function of the university in the construction of public policies and food sovereignty.

1
O Projeto Mais Mercado: Articulação entre a oferta da Agricultura Familiar e a demanda do PNAE na Bahia foi financiado pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

ELIENE GOMES DOS ANJOS
Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Pós-doutora em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.
E-mail: elieneanjos@ufrb.edu.br

MARIA LUCIA DA SILVA SODRE
Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Doutora em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
E-mail: mlsodre@ufrb.edu.br

LUDMILA MEIRA
Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Doutora em Administração na Universidade Federal da Bahia.
E-mail: ludmilameira@ufrb.edu.br

INTRODUÇÃO O Programa Jovens Agentes de Comercialização (PJAC), criado em 2016 no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), representa uma ação estruturante de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, voltada ao fortalecimento da agricultura familiar na Bahia. Vinculado ao projeto Mais Mercado, concebido como uma estratégia de articulação entre a oferta da agricultura familiar e a demanda do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o PJAC integrou um conjunto de ações estruturadas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB, 2016). Embora concebido como política formativa de longo prazo, sua institucionalização foi limitada por

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

entraves orçamentários, apesar de seu impacto político e pedagógico.

Esse contexto insere-se em um cenário no qual a agricultura familiar desempenha papel central na produção de alimentos no país, respondendo por parcela significativa dos estabelecimentos rurais brasileiros, conforme evidenciado pelos dados do Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2019).

A experiência do PJAC dialoga com evidências recentes da literatura que apontam os principais desafios enfrentados por agricultores familiares no acesso a mercados. Estudo conduzido com cooperativas da agricultura familiar no estado da Bahia demonstra que os mercados institucionais, como o PNAE, permanecem como canais estratégicos de comercialização, especialmente em contextos de crise, como a pandemia. (Lopes et al., 2024).

Os desafios para a inserção dos produtos da agricultura familiar no PNAE revelam-se complexos e multidimensionais, envolvendo entraves de natureza estrutural e institucional, tanto pelo lado dos ofertantes quanto dos demandantes. Pesquisa realizada no Território de Identidade do Recôncavo evidenciou que a ausência de documentação das organizações, as dificuldades para obtenção de registros sanitários de produtos processados, a presença de intermediários no processo de comercialização, a revenda de produtos oriundos da Central de Abastecimento da Bahia (CEASA), bem como o atraso nos pagamentos e a aquisição parcial dos quantitativos previstos nas chamadas públicas, comprometem a efetividade do acesso da agricultura familiar ao PNAE (Rocha; Anjos; Watanabe, 2023).

Diante disto, o PJAC adotou a multidisciplinaridade como princípio metodológico, reunindo estudantes de seis cursos de graduação distribuídos em quatro centros da UFRB, com prioridade para jovens oriundos do meio rural. Foram realizadas duas seleções de bolsistas: a primeira, em 2017, contemplou 40 selecionados entre 217 inscritos; a segunda, em 2019, previa a incorporação de mais 40 bolsistas, dentre 129 candidatos, totalizando inicialmente 80 participantes. Contudo, a pandemia da Covid-19, associada a restrições orçamentárias, inviabilizou a incorporação da segunda turma e impôs limites à continuidade das formações previstas. Diante desse cenário, em 2020, procedeu-se à redução do número de bolsistas ativos de 40 para 20, selecionados entre os integrantes da primeira turma, que permaneceram no programa, dessa forma, totalizando a formação de 40 graduandos bolsistas.

Este relato apresenta uma reflexão crítica sobre os efeitos formativos do PJAC a partir das ações implementadas no Mais Mercado. Estrutura-se em cinco seções, incluindo esta introdução, seguidas por análises dos momentos formativos presenciais, das ações práticas nos territórios, das ações remotas realizadas durante a pandemia e, por fim, das considerações sobre os legados da integração entre universidade e campo.

METODOLOGIA O percurso metodológico caracteriza-se como qualitativo e descritivo, fundamentando-se na análise documental e na observação participante. A sistematização dos dados orientou-se pela pesquisa participante, entendida como um processo investigativo no qual os sujeitos envolvidos no fenômeno analisado assumem papel ativo na produção do conhecimento, em interação dialógica com o pesquisador (Triviños, 1987).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

As ações envolveram oficinas, atividades de campo, levantamento e análise de dados sobre oferta e demanda da produção familiar em 39 municípios dos territórios Portal do Sertão, Recôncavo e Sisal.

PORTAL DO SERTÃO (16)	RECÔNCAVO (11)	SISAL (12)
Coração de Maria	Cachoeira	Serrinha
Anguera	Dom Macedo Costa	Candeal
Antônio Cardoso	São Felipe	Tucano
Santanópolis	Santo Antônio de Jesus	Cansanção
Amélia Rodrigues	Maragogipe	Biritinga
Santo Estevão	Muritiba	Quijingue
Ipecaetá	Santo Amaro	Barrocas
Conceição da Feira	Governador Mangabeira	Ichú
Conceição do Jacuípe	São Félix	Itiúba
Irará	Cabaceiras do Paraguaçu	Nordestina
Santa Bárbara	Salinas da Margarida	Monte Santo
São Gonçalo dos Campos		Queimadas
Teodoro Sampaio		
Tanquinho		
Água Fria		
Terra Nova		

TABELA 1 – MUNICÍPIOS ENVOLVIDOS NO PROJETO MAIS MERCADO/UFRB/ FONTE: DADOS DA PESQUISA

Foram sistematizadas informações documentais com base no projeto, súmulas de reuniões e relatórios do Projeto Mais Mercado e Programa Agente Jovem de Comercialização ao longo de 2017 e 2021. Com a pandemia do COVID-19, as estratégias foram adaptadas ao formato remoto, com desenvolvimento de materiais formativos digitais.

Por fim, considerando que o trabalho relatado se insere no escopo de uma ação de extensão com fins educativos e não de uma pesquisa científica com intervenção clínica ou experimental, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

APRENDER PARA VIVENCIAR: O PROCESSO FORMATIVO

A integração entre ensino, pesquisa e extensão deve proporcionar ao educando uma formação integral, multidisciplinar, onde este seja capaz de interpretar, construir e trocar experiências. Na formação dos estudantes universitários deve estar presente uma sólida formação humanística e cultural, como caminho para que eles possam enfrentar o mundo e contribuir para a transformação das realidades sociais (UFRB, 2016).

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

A formação dos 40 graduandos bolsistas do Programa Jovens Agentes de Comercialização (PJAC), no âmbito do projeto Mais Mercado, foi estruturada com base em oficinas, cursos e metodologias participativas, orientadas por uma perspectiva freiriana de educação como prática transformadora (Freire, 2011).

Em 2017, foram realizadas três oficinas formativas, cada uma com carga horária de 24 horas. Na primeira oficina, foi apresentado o projeto Mais Mercado e a metodologia de atuação territorial aos Jovens Agentes de Comercialização (JACs), além de promover formação técnica e política sobre o PNAE, seus atores envolvidos e as expectativas da sociedade civil quanto à ampliação da comercialização da agricultura familiar nesse programa.

Na segunda oficina formativa, em junho de 2017, apresentaram-se as concepções sobre o desenvolvimento territorial e o contexto das políticas territoriais na área de abrangência do Mais Mercado. Além disso, houve a capacitação dos JACs para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados primários da oferta dos agricultores familiares, e suas organizações, e da demanda no que tange aos executores do PNAE nos municípios.

Na terceira oficina formativa, realizada em setembro de 2017, além de contar com JACs e a equipe técnica, esteve presente o técnico que acompanhava as ações do Mais Mercado na Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD). Neste momento, buscou-se assegurar formação técnica sobre a chamada pública para a aquisição dos produtos da Agricultura Familiar no PNAE, destacando as etapas que compõem todo o processo e os diversos atores envolvidos. Ademais, realizou-se uma análise preliminar da oferta da agricultura familiar, no que tange as Declarações de Aptidão ao Pronaf (DAPs) físicas e jurídicas, e da demanda dos gestores municipais com base nos dados coletados no Recôncavo e Portal do Sertão para dimensionar os desafios que deveriam ser priorizados nos planos de ação.

Como a terceira oficina seria a última prevista para a primeira turma do PJAC, garantiu-se uma avaliação do programa, com o intuito de avaliar todo o processo de sua implementação, desde o processo de divulgação do edital de seleção à atuação dos bolsistas em campo, que será objeto na próxima seção. É importante destacar, sumariamente, alguns avanços e dificuldades vivenciados. Os avanços apontados pelos graduandos referem-se à formação interdisciplinar adquirida e a integração assegurada pelo convívio com discentes de diversos centros e áreas de conhecimento variadas, além do contato presencial com as organizações dos agricultores familiares. Os limites dizem respeito ao planejamento das atividades do Mais Mercado no qual não tiveram participação mais efetiva e a incompatibilidade de agenda por parte de inúmeros gestores municipais com as ações previstas.

A proposta de institucionalização do PJAC via Programa de Permanência Qualificada (PPQ) foi inviabilizada diante dos cortes orçamentários sofridos em 2018. A costura intra-institucional com a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAE), responsável pelo PPQ, iniciou em 2017, porém tornou-se um desafio diante da falta de recurso. Este Programa com financiamento federal, busca dentre outros objetivos, garantir uma permanência qualificada dos estudantes

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

de baixa renda vinculando a concessão de auxílio à participação deles em projetos institucionais.

Em 2018, as restrições orçamentárias e a ausência do repasse da segunda parcela acordada com o agente financiador impediram a seleção da segunda turma do projeto Mais Mercado, que tinha como previsão a participação de mais 40 graduandos. Como alternativa para não interromper o levantamento de dados primários nos territórios, optou-se pela prorrogação das bolsas de 20 JACs, selecionados a partir de critérios relacionados ao percurso formativo e ao desempenho em campo. Nessa etapa, os participantes foram capacitados para a inserção e sistematização dos dados coletados em bases que permitiram análises quantitativas da oferta e da demanda dos municípios pesquisados. Ressalta-se aqui o caráter formativo desta etapa que aguçou a faceta de pesquisadores nestes jovens.

Em março de 2020, com a crise sanitária provocada pelo Covid-19, seguindo o protocolo de distanciamento social determinado pela UFRB, o projeto suspendeu suas atividades por um período de aproximadamente sete meses, o que também resultou na suspensão das bolsas de extensão dos JACs. Depois desse período, as atividades vinculadas ao PJAC foram retomadas, e, as oficinas temáticas virtuais foram realizadas com os 20 graduandos que haviam sido contratos no início de 2020. Esses momentos objetivaram contextualizar o novo cenário de compras da agricultura familiar no PNAE, com a suspensão do ano letivo em todos os territórios da Bahia, em tempos de pandemia.

O PJAC também proporcionou aos JACs um momento formativo complementar por meio da participação em dois cursos ofertados na modalidade de Ensino à Distância pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2020: o curso Mercados Institucionais, com carga horária de 160 horas, e o curso Governança da Segurança Alimentar, com carga horária de 30 horas. A inserção desses cursos contribuiu para o aprofundamento conceitual dos participantes sobre políticas públicas de comercialização e sobre os arranjos institucionais relacionados à segurança alimentar e nutricional.

Outra atividade importante para formação e desenvolvimento de habilidades foi a produção e apresentação de um vídeo sobre cardápio e plano de SAN pelos JACs. Essa atividade tornou-se uma grande referência, pois, mesmo sem saberem que passaríamos pelas restrições impostas pela pandemia do coronavírus, os JACs tiveram seu primeiro momento de construção de material didático, com a utilização das mídias digitais.

VIVENCIAR PARA APRENDER: TRANSPONDO AS CERCAS DA UNIVERSIDADE

Concomitante à formação teórica nas oficinas formativas, os JACs foram inseridos em todas as atividades programadas pelo Mais Mercado, seja com as associações e cooperativas, seja com os executores municipais do PNAE e, também, com as entidades representativas da sociedade civil e do poder público do âmbito estadual que convergem em relação às reivindicações dos agricultores familiares.

Já em fevereiro de 2017, na primeira turma com 40 JACs, houve um planejamento que os subdividiu em 3 subgrupos, acompanhados pelos membros da equipe técnica, com atividades especificas para serem asseguradas na jornada de 20 horas obrigatórias de dedicação ao projeto. As

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ações planejadas para cada subgrupo foram: i) sistematização dos dados secundários sobre a agricultura familiar e suas organizações econômicas; ii) mobilização das organizações econômicas da agricultura familiar e suas representações para se inserirem no projeto; iii) contribuição com os encontros de adesão dos municípios ao projeto.

Após a oficina de abril de 2017, foram identificadas dificuldades na mobilização dos gestores municipais. Em resposta, 15 JACs vinculados ao Centro de Ciências da Saúde (CCS) foram designados para participar ativamente das reuniões de pactuação institucional com a UFRB. Os outros 25 bolsistas foram distribuídos entre os territórios do Portal do Sertão e Recôncavo: 10 focaram na mobilização municipal e 15 iniciaram o planejamento dos levantamentos de oferta e demanda, para os quais haviam sido previamente capacitados. Com a adesão das prefeituras formalizada, em junho de 2017 a coleta de dados se estendeu aos demais territórios, incluindo o Sisal. A atuação dos JACs foi decisiva para a elaboração, em 2018, do diagnóstico da oferta da agricultura familiar e da demanda dos executores do PNAE nos três territórios de abrangência.

Mesmo diante de atrasos nos repasses financeiros, os graduandos demonstraram forte compromisso, ajustando suas agendas acadêmicas para cumprir as atividades em campo. O engajamento incluiu deslocamentos extensos, contato com diretores de associações e cooperativas, lideranças locais e gestores públicos. Essas experiências práticas proporcionaram aos JACs um entendimento crítico do funcionamento do PNAE e de seus principais entraves: o número reduzido de agricultores inseridos em empreendimentos coletivos, a fragilidade organizativa das associações e cooperativas e a distância entre os cardápios escolares e a oferta dos produtos locais. Além disso, os estudantes identificaram como as práticas de clientelismo e paternalismo, ainda presentes, interferem na execução da política pública, contrastando com as normativas técnicas estabelecidas.

Outro ponto relevante da metodologia do PJAC foi o estímulo à autonomia e à autogestão dos estudantes. Desde o início, os graduandos foram incentivados a investigar criticamente o contexto em que atuavam e a produzir conhecimento a partir das experiências vividas. Essa postura se refletiu na continuidade do engajamento de muitos estudantes mesmo após o encerramento de suas bolsas.

Inspirados por essa vivência, alguns JACs definiram seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) a partir da experiência no Mais Mercado. Foram elaborados, ao menos 06 TCCs e 01 artigos. Esses resultados demonstram que os objetivos formativos do PJAC foram superados por parte dos estudantes, que se apropriaram criticamente do processo, tornando-se sujeitos autônomos e conscientes do papel que podem desempenhar para transformar realidades socioeconômicas desiguais.

RESISTIR PARA EXISTIR: A ATUAÇÃO DOS JACS NA PANDEMIA

Com o objetivo de compreender os impactos da pandemia na execução do PNAE e na comercialização da agricultura familiar, foi elaborado um instrumento de coleta de dados pelas professoras do projeto, o qual foi apresentado e discutido com toda a equipe técnica e os Jovens Agentes de Comercialização (JACs). A participação dos JACs foi essencial nesse processo, pois ficaram responsáveis pela aplicação direta do questionário nos territórios. A apropriação crítica do instrumento e

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

dos objetivos de cada questão permitiu que a coleta fosse contextualizada à realidade empírica observada pelos próprios estudantes em campo, agregando consistência analítica aos dados e contribuindo para a leitura crítica dos resultados obtidos.

Sumariamente, as ações dos jovens agentes de comercialização consistiram em: i) atualizar os contatos das associações, cooperativas e executores do PNAE nos municípios; ii) aplicar o instrumento de coleta de dados da nova pesquisa; iii) contribuir com a sistematização dos dados coletados no *Statistical Packages for the Social Sciences (SPSS)*.

A elaboração dos planos de ação voltados aos gestores municipais e às organizações da agricultura familiar nos territórios de abrangência do projeto teve de ser adaptada ao contexto pandêmico, afastando-se do modelo presencial inicialmente proposto. A partir de uma planilha modelo elaborada pela equipe técnica, com apoio dos JACs, foram sistematizadas 39 propostas, uma para cada município participante, contendo o diagnóstico do problema, ações sugeridas, cronograma e responsabilidades.

A construção desses planos envolveu três encontros virtuais com a participação de representantes do PNAE e de cooperativas e associações locais. Embora os planos tenham se tornado importante referência para nortear ações em um contexto de crise sanitária e econômica, as restrições da pandemia e o encerramento do projeto Mais Mercado impediram o acompanhamento sistemático da implementação das ações propostas pelos JACs junto aos municípios e organizações.

É importante destacar que o impedimento do acompanhamento presencial dos JACs nas localidades não impediu que produzissem materiais para subsidiar o aperfeiçoamento do programa nos territórios. Sob a coordenação da equipe técnica, confeccionaram duas cartilhas com orientação para os agricultores familiares e nutricionistas; Podcast com cinco séries (chamada pública, Conselho de Alimentação Escolar, Organização Social, Merendeiras e Composição dos Kits); Vídeos-aula (Problemáticas dos territórios, Passo-a-passo do PNAE e Orientação para nutricionistas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS O Programa Jovens Agentes de Comercialização no projeto Mais Mercado reafirmou a importância das ações formativas que integram ensino, pesquisa e extensão para além dos aspectos pedagógicos, pois introduz uma ruptura na dualidade forjada entre teoria e prática. O programa, ainda que tenha enfrentado limites que não permitiram à institucionalização na Universidade, além de não ter sido possível à implementação dos planos de ação com a atuação dos JACs na sua execução, devido à crise provocada pela Covid-19, foi decisivo na formação de egressos com capacitação técnica, em áreas diversas, para fortalecer a agricultura familiar e suas organizações econômicas e aproximar os executores municipais do PNAE das possibilidades da alimentação escolar baseada na produção familiar. Ademais, contribuir para ampliar a participação da agricultura familiar no PNAE, converge com as lutas históricas das minorias sociais e suas organizações de fomento para que o direito à segurança alimentar e nutricional seja um fato e se distancie do devir no cotidiano dos todos os escolares, estejam eles em comunidades rurais ou urbanas.

Neste sentido, cabe destacar a Resolução do Plano Nacional de

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

Educação (PNE), - nº 7 MEC/CNE/CES – em relação à regulamentação da curricularização da extensão, como um instrumento de formação do estudante e como estratégia para oportunizá-los à sua participação em ações de extensão, que não estão dissociadas do ensino e da pesquisa. Essa Resolução coaduna com as ações descritas neste capítulo, pois reconhece a extensão universitária como método formativo que ampliará as competências e habilidades dos graduandos, mas, também, conclama à Universidade a dialogar com outros saberes que promovem reflexões que impactam na construção de sujeitos conscientes da práxis. Essa perspectiva dialoga com as diretrizes institucionais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, expressas em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, ao reconhecer a extensão universitária como eixo estratégico da formação acadêmica e da relação da universidade com a sociedade (UFRB, 2016).

Por fim, destaca-se que a análise apresentada neste estudo sobre o PJAC representa uma abordagem de acordo com a perspectiva das autoras. Mas, para além de possíveis caminhos que poderiam ser trilhados, ressalta-se o compromisso, de todos que atuaram no programa, de construir uma Universidade inclusiva, para que outra sociedade seja possível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece diretrizes para a extensão na educação superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação –PNE 2014-2024 e dá outras providências. 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=-com. Acesso em: 10 jun. 2021. Acesso em: 4 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017. Acesso em: 4 mar. 2026.

LOPES, Márcio Rodrigo Caetano de Azevedo. et al. Os mercados das cooperativas da agricultura familiar no estado da Bahia: desafios ao enfrentamento da pandemia. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 14, p. 741–766, 2024.

ROCHA, Ana Georgina Peixoto; ANJOS, Eliene; WATANABE, Kassia; **Desafios institucionais para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) no recôncavo da Bahia**. In: SILVA, C. C. da; ROSSI, R. A.; CRUZ, D. U. da; BUTI, R. P. (Org.). Terra, territórios e territorialidades (Coleção Mundo Rural Contemporâneo na Bahia). 1ed.Salvador: Aruá Edições, 2023, v. 04, p. 311-333.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UFRB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Projeto Técnico Mais Mercado:** Articulação entre a oferta da Agricultura Familiar e a demanda do PNAE na Bahia. Cruz das Almas: Bahia, 2016.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

UFRB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **PDI Plano de Desenvolvimento Institucional (2015-2019)**. Cruz das Almas, 2016. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/soc/images/PDI/PDI_2_ETAPA_28_07_2016.pdf. Acesso em: 4 mar. 2026.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

RELATO
CULTURA E ARTES //

Casa do Duca: espaço de partilhamento culturais, ancestrais e artísticos

EDILANA BARRETO DA SILVA
ALESSANDRA GOMES

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

Casa do Duca: a space for sharing cultural, ancestral and artistic history

RELATO
CULTURA E ARTES //

Casa do Duca: espaço de partilhamento culturais, ancestrais e artísticos

Casa do Duca: a space for sharing cultural, ancestral and artistic history

PALAVRAS-CHAVE
ARTE.
EDUCAÇÃO.
COMUNICAÇÃO.

RESUMO Este relato de experiência visa sistematizar as experiências vivenciadas na CAsA do DUCA entre o período de julho de 2024 a janeiro de 2025, na cidade de Amargosa/Bahia. Por conseguinte, atuar enquanto extensionista voluntária possibilitou articular dimensões teóricas e práticas que contribuíram efetivamente para um espaço de partilhamentos, saberes, cultura e arte. Neste sentido, construímos coletivamente abordagens que atendessem e dialogassem tanto com a comunidade externa, quanto a comunidade interna da UFRB, por meios de ações voltadas aos saberes populares, à ancestralidade e a arte como instrumento de transformação social. Em face disso, os projetos realizados integraram atividades como oficinas artísticas, exibições de cineclube, rodas de conversas, apresentações culturais e entre outros, proporcionando práticas pedagógicas para além do currículo sistemático e tradicional. Portanto, compreende-se que a CAsA do DUCA viabiliza uma formação que ultrapassa os muros da universidade e realiza o encontro entre saberes acadêmicos e populares evidenciando sua importância e significado. Por fim, atuar neste espaço artístico e cultural garantiu a reafirmação com a arte, comunicação e cultura, trazendo possibilidades de aprendizado pessoais e acadêmicos.

KEYWORDS
ART.
EDUCATION.
COMMUNICATION.

ABSTRACT This experience report aims to systematize the experiences of DUCA's CAsA between July 2024 and January 2025, in the city of Amargosa, Bahia. Therefore, working as a volunteer extensionist allowed me to articulate theoretical and practical dimensions that effectively contributed to a space for sharing knowledge, culture, and art. In this sense, we collectively developed approaches that served and engaged with both the external community and the internal community of UFRB, through actions focused on popular knowledge, ancestral heritage, and art as an instrument of social transformation. Therefore, the projects implemented integrated activities such as art workshops, film club screenings, discussion groups, cultural presentations, and others, providing pedagogical practices beyond the systematic and traditional curriculum. Therefore, it is understood that DUCA's CAsA facilitates training that transcends the university walls and brings together academic and popular knowledge, highlighting their importance and significance. Finally, working in this artistic and cultural space guaranteed reaffirmation with art, communication and culture, bringing possibilities for personal and academic learning.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

EDILANA BARRETO DA SILVA
Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB.
E-mail: edlanabarreto56@gmail.com

ALESSANDRA GOMES
Doutora em Educação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB.
E-mail: alessandragomes@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Em um mundo constituído e marcado por atravessamentos históricos e culturais desiguais, que perpetuaram negativamente para a marginalização de diferentes grupos da sociedade, torna-se indiscutivelmente a criação de espaços que viabilizem ações culturais, tais como música, arte e literatura, objetivando a articulação entre os saberes sociais, culturais e ancestrais. Neste sentido, a CAsA do DUCA, emerge enquanto um espaço de diversidade, universidade, cultura e ancestralidade, que busca integrar os saberes acadêmicos, com os saberes populares, garantindo o intercâmbio e partilhamento de vivenciais.

É um projeto de extensão vinculada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em específico no Centro de Formação de Professores (CFP) na cidade de Amargosa-BA. Entende-se que a CAsA do DUCA surge da necessidade de proporcionar um centro cultural envolvido e comprometido com a pluralidade de artes, cultura e manifestações populares, que estrutura-se em sete eixos essenciais, como diversidade cultural, artes, ancestralidade, memória, cultura urbana e juvenil, cultura popular, corpo e diversidade. Importa destacar que a CAsA do DUCA constitui-se também como um espaço político, marcado por rodas de conversas, cineclube e palestras.

Partindo dessa premissa, é neste momento que o projeto *"Artes e culturas na CAsA do DUCA- Educar para um mundo igualitário, sensível e belo"* propõe por meio de diversas atividades culturais, viabilizar ações

que busquem ampliar conhecimentos artísticos, culturais e estéticos, mas sobretudo construir caminhos de emancipação social. A proposta busca construir coletivamente uma educação sensível que contribua para possibilidades transformadoras sociais, culturais e artísticas.

Sublinha-se uma reflexão sobre sensibilidade, sobre beleza e mais importante sobre como mesmo diante das urgências do nosso tempo, ainda se há arte para ser apreciada e vista. Neste espaço, a arte, a literatura e as diversas formas de expressões culturais é compreendida simbolicamente e politicamente como memória viva, memória herdada, que constitui a identidade de um povo, promovendo possibilidades de vivências e sobrevivências. Ao reunir artistas, pesquisadores, estudantes, professores, mestres de saberes e agentes culturais, o projeto visa garantir cultura, arte, e ancestralidade.

Sob esta ótica, ao fomentar atividades formativas, intercâmbios entre instituições externas e internas, atendendo um público diversos, como crianças, jovens, adultos e idosos, de zonas urbanas e rurais, e ao dialogar com os desafios e as potências de seu território, o projeto reafirma o papel da extensão universitária como ponte viva entre a universidade e a sociedade. Em sua essência, "Artes e Culturas na CASA do DUCA" é um exercício coletivo de esperança, beleza e transformação.

METODOLOGIA A metodologia utilizada no projeto "*Artes e Culturas na CASA do DUCA – Educar para um mundo igualitário, sensível e belo*" parte da compreensão de que a educação estética, cultural e social não pode ser pensada de forma fragmentada, contudo deve ser construída com base no diálogo, na escuta e na valorização dos saberes que emergem dos diversos contextos. Assim, opta-se por uma abordagem metodológica fundamentada na extensão crítica, ancorada no tripé ensino-pesquisa-extensão, que compreende a cultura como elemento estruturante da formação humana e a arte como caminho potente de transformação social.

A proposta metodológica se deu por meio de oficinas de músicas, de literatura, artes visuais e outras diversas expressões culturais, que surgem deste lugar de vivências e experiências compartilhadas aos sujeitos que compõem este espaço cultural da CASA do DUCA. Neste movimento de articulação teórica e prática, os saberes so construídos e é proporcionado tanto para a comunidade externa e interna, momentos de partilha cultural. Não obstante, reconhece-se que os saberes vão além dos livros acadêmicos, está presente nas falas, nos corpos, nas experiências populares e no nosso dia a dia. Por isso, as ações do projeto são construídas coletivamente, considerando a memória, as histórias locais, e as diversas formas de ser e viver no mundo, enquanto sujeitos subjetivos e históricos.

Em vista disso, o projeto constitui-se em atividades participativas e colaborativas, em que os sujeitos envolvidos, como artísticas, extensionistas, agentes culturais, professores e alunos, são compreendidos como produtores ativos de cultura e conhecimento. Cada ação proposta é pensada a partir de demandas concretas, escutas sensíveis e observação do espaço vivido. A escuta e observação, são os primeiros passos de toda atividade, por meio dela, são planejadas oficinas, rodas de conversa, apresentações culturais, formações, vivências e cineclubes que visam possibilitar o diálogo entre tradição e contemporaneidade.

É importante destacar, o intercâmbio de saberes, que ocorre por

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

relações de diferentes realidades e contextos, promovendo encontros entre o saber acadêmico com os saberes populares e ancestrais, entre jovens e idosos, rural e urbano e entre outros. As atividades não seguem um formato rígido ou fechado, mas são flexíveis e adaptadas conforme as especificidades de cada público, respeitando os contextos e valorizando a diversidade de expressões culturais.

Do ponto de vista da organização, as ações são planejadas em equipe, em reuniões periódicas entre bolsistas, voluntários, coordenadores da CASA do DUCA. Neste processo são considerados critérios como acessibilidade, faixa etária, interesse da comunidade e disponibilidade de recursos, buscando sempre formas de manter o caráter formativo e participativo das atividades. A avaliação é contínua, feita por meio de rodas de diálogo, registros reflexivos e escuta ativa dos participantes, o foco da avaliação é acompanhar os processos e reconhecer os caminhos construídos.

Assim, a CASA do DUCA, enquanto espaço cultural e político, torna-se campo de atuação e formação, os encontros, sejam oficinas de grafite, saraus, de leitura, projeção de filmes ou ações formativas, são também espaços de convivência, no qual se cultiva a ancestralidade, se experimenta a liberdade criativa e se fortalece o pertencimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES Partindo da premissa apresentada, os resultados alcançados ao longo da realização do projeto *"Artes e Culturas na CASA do DUCA – Educar para um mundo igualitário, sensível e belo"* refletem o compromisso com a construção de uma educação mais sensível, estética, política e transformadora. As atividades desenvolvidas possibilitaram o fortalecimento de laços entre a universidade e a comunidade, a ampliação do acesso à arte e à cultura, a valorização dos saberes populares e a constituição de espaços de escuta, convivência e pertencimento.

Entre os principais resultados observados, destaca-se o engajamento da comunidade local, especialmente de crianças, adolescentes e jovens e estudantes que participaram das oficinas de música, literatura, cineclubes, arte e rodas de conversa. Esses encontros promoveram um ambiente de acolhimento, escuta e valorização da identidade de cada sujeito. As oficinas não se limitaram à prática técnica, mas se constituíram como espaços de expressão livre, partilha de histórias, fortalecimento da autoestima e construção coletiva de saberes. Foram vivências que despertaram o olhar sensível para o cotidiano, para a nossa realidade e para a arte enquanto direito e linguagem de existência.

Também é importante destacar os efeitos formativos do projeto sobre os próprios extensionistas bolsistas e voluntários, participar das ações proporcionou um intenso processo de crescimento pessoal, acadêmico e político, enquanto estudante em formação que busca vivenciar espaços formais e não formais, a CASA do DUCA é uma escola viva, que ensina através da prática, da troca e do afeto, aprendemos a planejar, desenvolver e observar para além dos espaços convencionais .

Os momentos de avaliação coletiva, realizados em rodas de conversa e registros reflexivos, apontaram o quanto as atividades desenvolvidas impactaram positivamente os sujeitos envolvidos, nota-se que muitos disseram que nunca tinham tido acesso a oficinas de arte ou espaços para falar sobre suas experiências de vida. Outros mencionaram que

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

encontraram na CASA do DUCA um lugar de acolhimento. Esses relatos reforçam o caráter humanizador e transformador do projeto.

Por fim, os resultados alcançados não se encerram em números ou produtos finais, estes se manifestam na emoção de quem participa, no brilho nos olhos de uma criança ao ver pela primeira vez um grupo de musical, no silêncio respeitoso durante uma roda de conversa, no riso compartilhado ao final de uma oficina, no cuidado com o outro, no retorno da comunidade, na presença contínua e voluntária de quem se sente parte. O projeto fez brotar beleza onde muitas vezes só havia pressa e ausência. Fez nascer vínculos e provocou reflexões profundas sobre o papel da arte e da cultura em nossas vidas.

Portanto, os resultados do projeto apontam para a certeza de que é possível construir uma extensão universitária viva, crítica, estética e transformadora. Uma extensão que reconhece a potência das vivências, que respeita os saberes populares e que acredita, radicalmente, na arte como caminho para um mundo mais justo, sensível e belo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Chegar ao final deste percurso vivido no projeto "*Artes e Culturas na CASA do DUCA – Educar para um mundo igualitário, sensível e belo*" é reconhecer que a extensão universitária, quando feita com compromisso, escuta e sensibilidade, transforma não apenas os territórios por onde passa, como também os sujeitos que a constroem. Este projeto não foi apenas um conjunto de atividades, ele foi, e continua sendo, um processo vivo de formação, de troca e de afeto. Um espaço onde a arte, a cultura e os saberes ancestrais encontraram terreno fértil para florescer, mesmo diante das ausências e das urgências do nosso tempo.

As vivências proporcionadas pela CASA do DUCA me ensinaram que fazer extensão é, antes de tudo, estar disposta a escutar as pessoas, as histórias, os silêncios e as urgências. Foi na escuta atenta às vozes da comunidade que percebi que há saberes que não cabem em livros e que pulsam no olhar de uma criança, na fala de uma senhora que relembra sua infância e no som de um tambor. Compreendi que a educação não se limita aos muros da escola ou aos textos da universidade, ela está presente nos encontros, nas danças, nas rodas, nas canções, nas trocas que fazem do cotidiano uma experiência pedagógica e política.

As oficinas realizadas durante o projeto, os momentos de planejamento coletivo, as rodas de conversa e os encontros formativos não foram ações isoladas e sim partes de um todo que reafirma a importância de uma universidade pública comprometida com seu povo. Vivenciar a CASA do DUCA é estar em contato direto com o Brasil profundo, com a juventude negra, com as culturas populares, com as infâncias silenciadas e com as memórias que resistem. É entender que fazer extensão é sair do lugar de conforto e caminhar com os pés no chão da comunidade, reconhecendo que só há transformação possível quando há diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes da vida.

As considerações que aqui apresento não encerram o que foi vivido, pois os efeitos do projeto seguem ecoando em mim e nas pessoas com quem compartilhei essa caminhada. A CASA do DUCA deixa marcas profundas de pertencimento, de luta e de esperança, nos mostra que é possível fazer educação com beleza, com afeto e com potência.

Por tudo isso, reafirmo que este projeto não é ponto final é

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

continuidade. Um convite permanente a manter viva a chama da arte, da cultura e da ancestralidade nos espaços educativos. Que cada criança que participou de uma oficina, cada jovem que tocou um instrumento ou desenhou um mural, cada morador que compartilhou sua história, siga acreditando que sua voz importa, que sua cultura tem valor e que seus saberes merecem ser respeitados. E que nós, enquanto educadoras em formação, sigamos com o compromisso ético de cuidar desses encontros, dessas histórias e dessas memórias.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

Os espaços de cultura como articuladores sociais educacionais e afetivos. **Colloquium Socialis**. ISSN: 2526-7035, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 25–37, 2022. Disponível em: https://journal.unoeste.br/index.php/cs/article/view/4210. Acesso em: 4 jun. 2025.

PROJETO. **Artes e Culturas na CAsA do DUCA- Educar para um mundo igualitário, sensível e belo**. UFRB: 2022.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REC

RELATO
EDUCAÇÃO //

“Se eu fizer errado, vai ter problema?”: relato de experiência em uma oficina de literatura de cordel

LEONARDO SANTOS DE JESUS
MICHELE MARCELO SILVA BORTOLAI

Revista Extensão e Cultura da UFRB

27ª edição

VOL. 01

“If i do it wrong, will there be a problem?”: experience report of a literature of cordel workshop

RELATO
EDUCAÇÃO //

“Se eu fizer errado, vai ter problema?”: relato de experiência em uma oficina de literatura de cordel

“If i do it wrong, will there be a problem?”: experience report of a literature of cordel workshop

PALAVRAS-CHAVE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.
INICIAÇÃO CIENTÍFICA.

RESUMO Este relato de experiência apresenta a oficina “Cordel com Ciência: rimando vivências e saberes”, realizada na UFRB durante um evento extensionista, com a participação de quatro estudantes de Enfermagem e Psicologia. A atividade, vinculada a um projeto de Iniciação Científica, teve como objetivo integrar saberes científicos e populares por meio da literatura de cordel, promovendo uma formação mais crítica, sensível e criativa. A oficina foi estruturada em cinco etapas (acolhimento, diálogo inicial, contextualização teórica, produção dos cordéis e reflexão coletiva), utilizando como principal instrumento de coleta o diário de bordo do pesquisador, com análise baseada na Teoria das Representações Sociais e na abordagem sócio-interacionista. Os resultados revelaram a insegurança das participantes diante do desafio criativo. No entanto, o ambiente acolhedor deu lugar à expressão subjetiva, à colaboração e à ressignificação da ciência no cotidiano. Concluímos que o uso do cordel como recurso pedagógico potencializa a escuta, a criação e o pertencimento, promovendo aprendizagens mais significativas. A experiência reforça o papel da Iniciação Científica na formação de profissionais críticos e engajados com práticas educativas humanizadas.

KEYWORDS
UNIVERSITY EXTENSION.
SOCIAL REPRESENTATIONS.
UNDERGRADUATE RESEARCH.

ABSTRACT This experience report presents the workshop “Cordel with Science: Rhyming Experiences and Knowledge,” held at UFRB during an outreach event, with the participation of four Nursing and Psychology students. The activity, part of a Scientific Initiation project, aimed to integrate scientific and popular knowledge through cordel literature, fostering a more critical, sensitive, and creative educational experience. The workshop was structured in five stages (welcoming, initial dialogue, theoretical contextualization, cordel production, and collective reflection), using the researcher’s field journal as the main data collection tool. The analysis was based on Social Representations Theory and the socio-interactionist approach. The results revealed participants’ initial insecurity in facing the creative challenge. However, the welcoming environment gradually gave way to subjective expression, collaboration, and a redefinition of science in everyday life. We conclude that the use of cordel as a pedagogical tool enhances listening, creativity, and a sense of belonging, fostering more meaningful learning experiences. The experience reinforces the role of Scientific Initiation in the training of critical professionals engaged with humanized educational practices.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

LEONARDO SANTOS DE JESUS
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Graduando em Psicologia.
E-mail: jesusleonardosantosde012@gmail.com

MICHELE MARCELO SILVA BORTOLAI
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Doutora em Ciências.
E-mail: michelemsb@ufrb.edu.br

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

INTRODUÇÃO Este relato, elaborado por um estudante de Psicologia bolsista PIBIC-Af/CNPq, tem como objetivo destacar a relevância da literatura de cordel como uma abordagem integradora da extensão na pesquisa acadêmica, ao articular saberes culturais e cotidianos de profissionais da saúde em formação. Nesse contexto, busca-se promover processos reflexivos que valorizem tanto os conhecimentos científicos quanto os saberes populares, desafiando os modelos tradicionais de ensino.

Para muitos estudantes, a iniciação científica (IC) representa a primeira vivência prática em pesquisa. Trata-se de uma etapa importante na formação acadêmica, pois promove o desenvolvimento da criatividade, da reflexão crítica e da capacidade de enfrentar desafios, ao mesmo tempo em que reforça competências como trabalho em grupo, comunicação e compreensão do processo investigativo (Beraldo; Neto, 2017). Quando aliada a ações afirmativas, a IC pode ir além da formação técnica, configurando-se como uma experiência de fortalecimento subjetivo, político e intelectual.

De forma a corroborar a compreensão de Beraldo e Neto (2017), realizamos uma oficina durante o evento extensionista "Reencôncavo Saúde e Semana Acadêmica 2025.1", promovido entre os dias 10 e 12 de março de 2025, no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). As ações extensionistas têm papel relevante na formação profissional, pois promovem a interação com

diferentes territórios, culturas e saberes, fortalecendo o compromisso social e ampliação da atuação cidadã e ética dos indivíduos em formação.

A extensão universitária, compreendida como um processo educativo, cultural e científico articulado ao ensino e à pesquisa, contribui diretamente para a formação crítica e transformadora dos futuros profissionais (FORPROEX, 2012). Nesse sentido, a realização da oficina "Cordel com Ciência: rimando vivências e saberes" reafirma o poder transformador da articulação entre ensino, pesquisa e extensão na universidade pública, sobretudo quando sustentada por políticas de inclusão e valorização da diversidade.

O cordel, expressão da cultura popular nordestina, promove uma conexão mais sensível e próxima da realidade das pessoas (Oliveira, 2014). Por meio de sua tradição oral e linguagem acessível, representa um elo entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos culturais, tornando a experiência da oficina mais acolhedora e significativa para os participantes. Ao realizarmos a oficina utilizando o cordel como recurso pedagógico e cultural, buscamos romper com o modelo tradicional de ensino, frequentemente marcado por rigidez e verticalidade. Em seu lugar, propusemos uma abordagem mais aberta e horizontal, que valorizou a escuta ativa, dialogando com diferentes formas de saber e promovendo um ambiente formativo mais democrático, criativo e conectado com a realidade (Carmo; Gouveia, 2020).

Para embasar teoricamente a proposta da oficina, realizamos um estudo prévio sobre a literatura de cordel, especialmente em seus aspectos históricos, políticos e sociais (Oliveira, 2014). A fundamentação se deu com base na Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Moscovici (2003) e aprofundada por Jodelet (2001), que permitiu compreender como os saberes são construídos socialmente. Também foram considerados os aportes de Vygotsky (1991), cujos conceitos sobre desenvolvimento social e cultural ajudaram a orientar a construção de uma experiência formativa que reconhece a importância das interações e do contexto sociocultural no processo de ensino e aprendizagem que valoriza o conhecimento científico, as experiências e vivências culturais como parte fundamental do processo educativo.

METODOLOGIA A oficina "Cordel com Ciência: rimando vivências e saberes" integrou um projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRB, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sob parecer CAAE: 30741120.6.0000.0056. Sua realização ocorreu em 10 de março de 2025. Ao todo, participaram quatro estudantes dos cursos de Enfermagem e Psicologia, com idades entre 25 e 34 anos, residentes nos municípios de Santo Antônio de Jesus e Feira de Santana. A diversidade de origens e trajetórias contribuiu para enriquecer a atividade, ao reunir diferentes experiências formativas e culturais.

A oficina foi estruturada em cinco etapas, sendo: (1) recepção das participantes, promovendo um primeiro contato com o grupo e com a literatura de cordel, de forma a facilitar a ambientação. Nessa fase, também foi realizada a entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo confidencialidade, voluntariedade e anonimato, assegurado pela utilização de nomes fictícios. (2) diálogo inicial, com o objetivo de reconhecer os saberes e experiências prévias

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

das participantes em relação à literatura de cordel; (3) contextualização teórica sobre os aspectos culturais, políticos, históricos e pedagógicos do cordel, ampliando a compreensão sobre sua relevância social e educacional; (4) produção dos cordéis, guiada pela pergunta norteadora: "De que maneira, ao longo de suas atividades cotidianas, vocês reconhecem a presença da química, e como ela se revela nas mais diversas práticas e interações diárias que experimentam?"; (5) apresentação das produções e realização de uma reflexão coletiva, possibilitando o compartilhamento de vivências e valorização dos saberes construídos ao longo da oficina.

Para a etapa de produção, foram disponibilizados materiais de apoio, como exemplos de cordéis relacionados à área da saúde, papéis, canetas e recursos visuais que auxiliavam na compreensão dos elementos estruturais do cordel, como métrica e rima. Por meio do diálogo com o mediador da oficina, as participantes foram incentivadas a criar seus cordéis em um ambiente acolhedor, marcado pela escuta, pela troca de experiências e pela ausência de julgamentos, valorizando as vivências individuais como parte essencial do processo criativo.

As observações do pesquisador foram registradas em um diário de bordo ao longo da realização da oficina, com o objetivo de subsidiar análises posteriores. Os registros concentraram-se especialmente nas impressões sobre os sentimentos expressos e nas interações interpessoais observadas durante a atividade. Para a análise dos dados, adotou-se uma leitura sensível das anotações, em diálogo com a bibliografia que fundamenta o projeto de pesquisa. Essa abordagem possibilitou uma compreensão mais significativa e aprofundada das experiências vividas e dos sentidos produzidos ao longo do encontro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES A oficina de cordel revelou-se um espaço importante de compartilhamento de experiências vividas, ao promover uma mudança nas práticas educativas tradicionais para uma abordagem mais sensível, inclusiva e criativa. Desde o início, observamos entre as participantes um desconforto marcado pela insegurança em relação ao processo criativo. A linguagem rimada do cordel, pouco familiar e associada a experiências escolares negativas, gerou bloqueios que revelaram o impacto das práticas pedagógicas baseadas na punição e na avaliação normativa.

Esse estranhamento inicial, evidenciado em expressões como "Não sei o que escrever", "Gente, eu nem sei rimar, e ainda é para falar de química?" e "Se eu fizer errado, vai ter problema?", ilustra o enraizamento de representações sociais construídas em contextos escolares rígidos, baseados em "métodos punitivos e disciplinares que afetam a subjetividade dos indivíduos" (Nascimento, 2022, p. 2), revelando o medo da exposição criativa e a sensação de ainda estarem sendo avaliadas. Identificamos, com isso, que a dificuldade em se desprender de um modelo avaliativo tradicional pautado na busca pelo "acerto" gerou um conflito entre a proposta da oficina, que estimulava a expressão livre acerca da química no cotidiano, e os modos de subjetivação cristalizados ao longo da trajetória escolar.

Essas acepções, muitas vezes, moldam o que faz sentido, o que tem valor e como isso tudo se manifesta no cotidiano da aprendizagem. Como nos lembra Jodelet (2001), as representações se constituem nas interações sociais e refletem as ideologias dominantes que atravessam os

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

sujeitos, moldando a forma como compreendem o que é saber, errar ou acertar. Isto porque o representado se constrói justamente na interdependência entre o pensar e as condições sociais em que esse pensamento se exerce. No contexto escolar, essas representações ganham força e se materializam em cobranças, punições e em uma forte vigilância sobre o comportamento dos alunos. Essa lógica reforça o medo de errar e produz uma rigidez que muitas vezes paralisa a criatividade. Contudo, a produção dos cordéis tornou visível o processo de ressignificação dessa experiência. Quando houve a explicação da proposta, que sugeria a criação de cordéis sobre a química do dia a dia, uma participante comentou: "Quando vocês trouxeram essa pergunta difícil, eu pensei que era para falar sobre a química que tinha na escola. Eu comecei a pensar nas fórmulas e não conseguia relacionar nada disso no meu dia a dia".

O cordel de Luciana (Figura 1) apresenta flores em desabrochar, um caule robusto e o sol ao fundo. Os elementos visuais podem ser interpretados como metáforas do processo vivido: dúvidas iniciais, construção da confiança e liberdade criativa. Na parte verbal, expressa insegurança em reconhecer a química no cotidiano, mas menciona indícios como água, pasta, papel, café, jardim, céu, ar, letras e o termo elementos (estes últimos sugerindo referência à Tabela Periódica). Como observa Oliveira (2014), os signos, ao serem socialmente construídos, só ganham sentido na leitura e na decodificação simbólica do sujeito. Nesse caso, a criação do cordel se mostrou como instrumento de expressão e amadurecimento subjetivo.

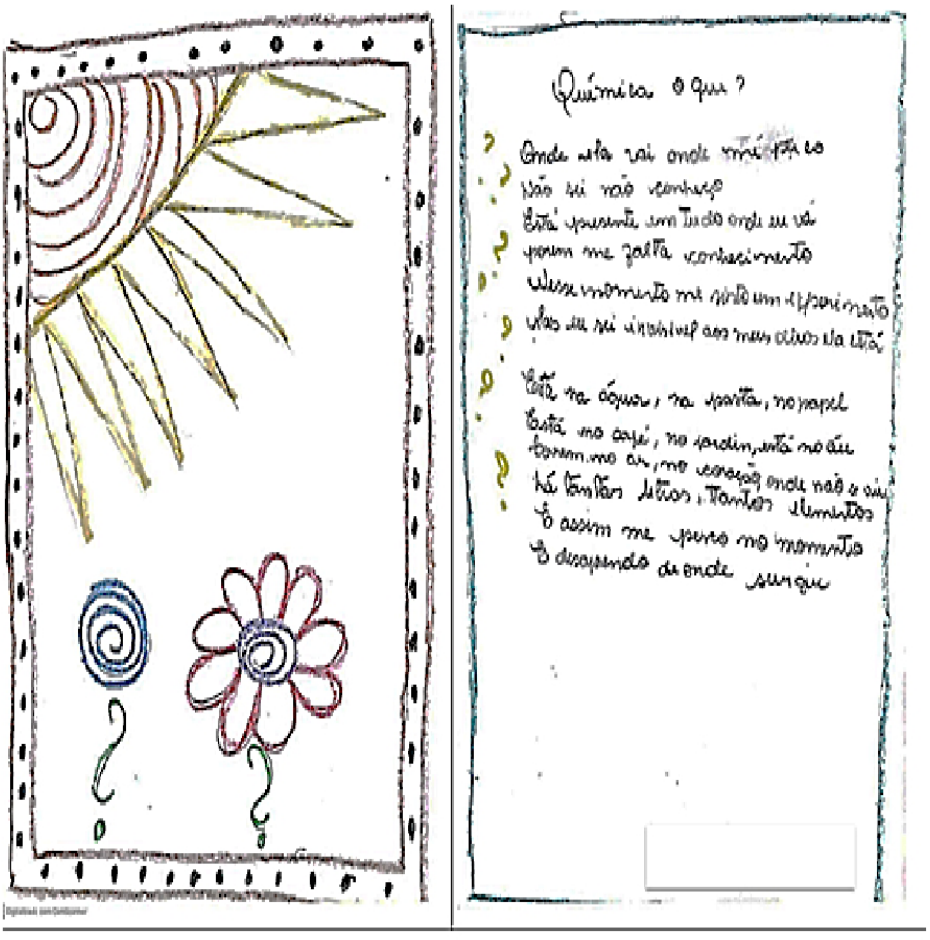


FIGURA 1 – CORDEL DE LUCIANA/FONTE: DADOS DA PESQUISA (2025)

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

De maneira semelhante, o cordel de Jamile (Figura 2) apresenta elementos visuais que remetem a um coração e a imagens do cotidiano, traduzindo afetivamente sua tentativa de aproximar os saberes acadêmicos às experiências pessoais. A participante expressou que sua criação refletia "a química das relações" em expressões como: "química dos abraços" ou "química do sentir", o que denota uma ampliação do conceito científico para além do conteúdo escolar. Essa ressignificação está em consonância com a proposta da oficina de reconhecer a ciência como parte das práticas sociais e culturais. Vygotsky (1988) reforça que o conhecimento se constrói na interação social, em que os sujeitos, ao partilharem experiências, superam limitações e desenvolvem novos comportamentos, expandindo suas fronteiras de aprendizado.

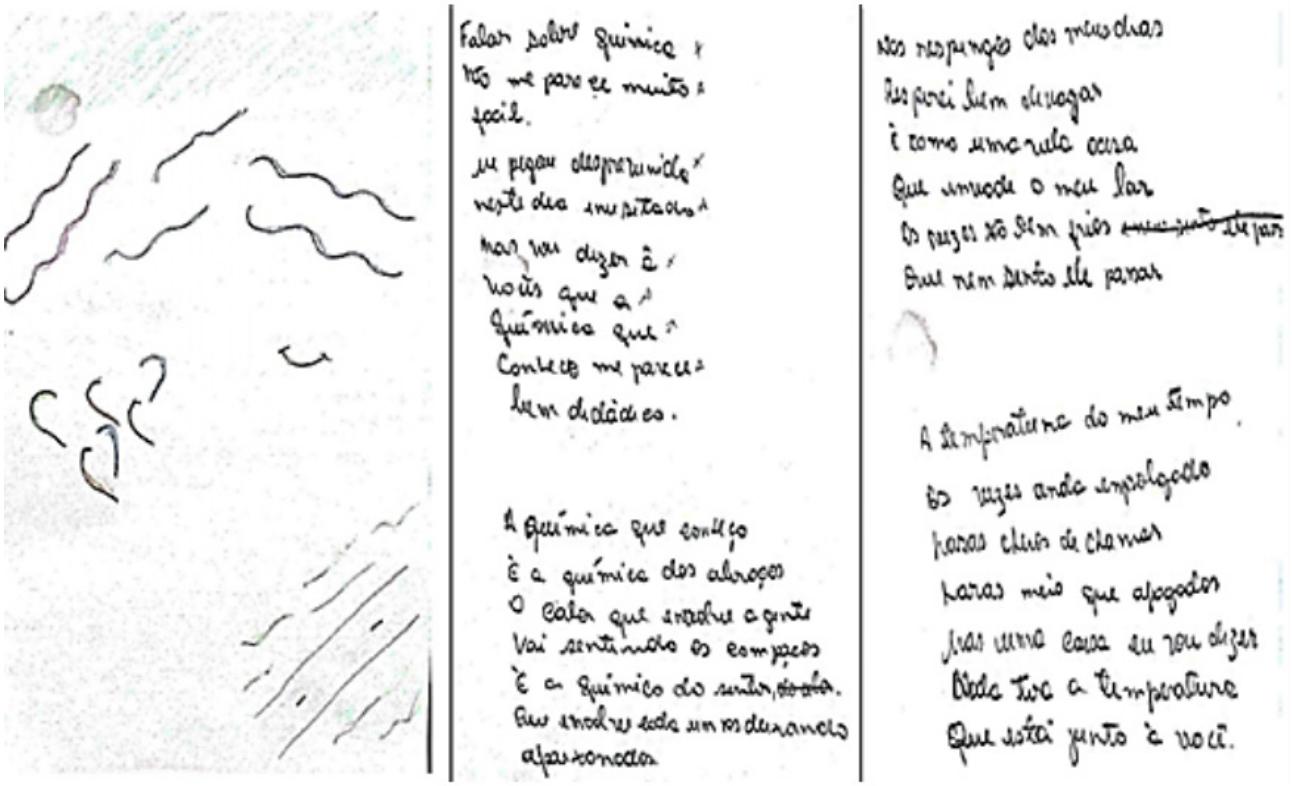


FIGURA 2 – CORDEL DE JAMILE/FONTE: DADOS DA PESQUISA (2025)

A insegurança diante da criação foi superada, em grande medida, pelo apoio mútuo e pelas trocas entre as participantes. Frases como "Vou roubar tua ideia, viu?" e "Podemos falar sobre o que vivemos, né?" marcaram o momento em que o grupo começou a se reconhecer como coletivo produtor de conhecimento. Essa dimensão intersubjetiva foi essencial para a transformação da oficina em um espaço formativo transformador. Como discute Nascimento (2022), as relações escolares que privilegiam a obediência e o controle normativo geram subjetividades marcadas pelo medo do julgamento. Ao subverter essa lógica, a oficina permitiu que as participantes se posicionassem de forma ativa, fortalecendo sua autonomia criativa.

O cordel de Ana (Figura 3) associa elementos da natureza e a

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

culinária à química como forma de aproximação familiar, evocando lembranças afetivas e saberes cotidianos. Em sua fala, menciona alimentos e quem os preparava como expressão da "química da alegria [...] em nossos lares", valorizando memórias como parte de uma ciência vivida. Essa abordagem dialoga com a teoria das representações sociais (Moscovici, 2003), ao revelar o entrelaçamento entre saberes populares e acadêmicos na construção do conhecimento.

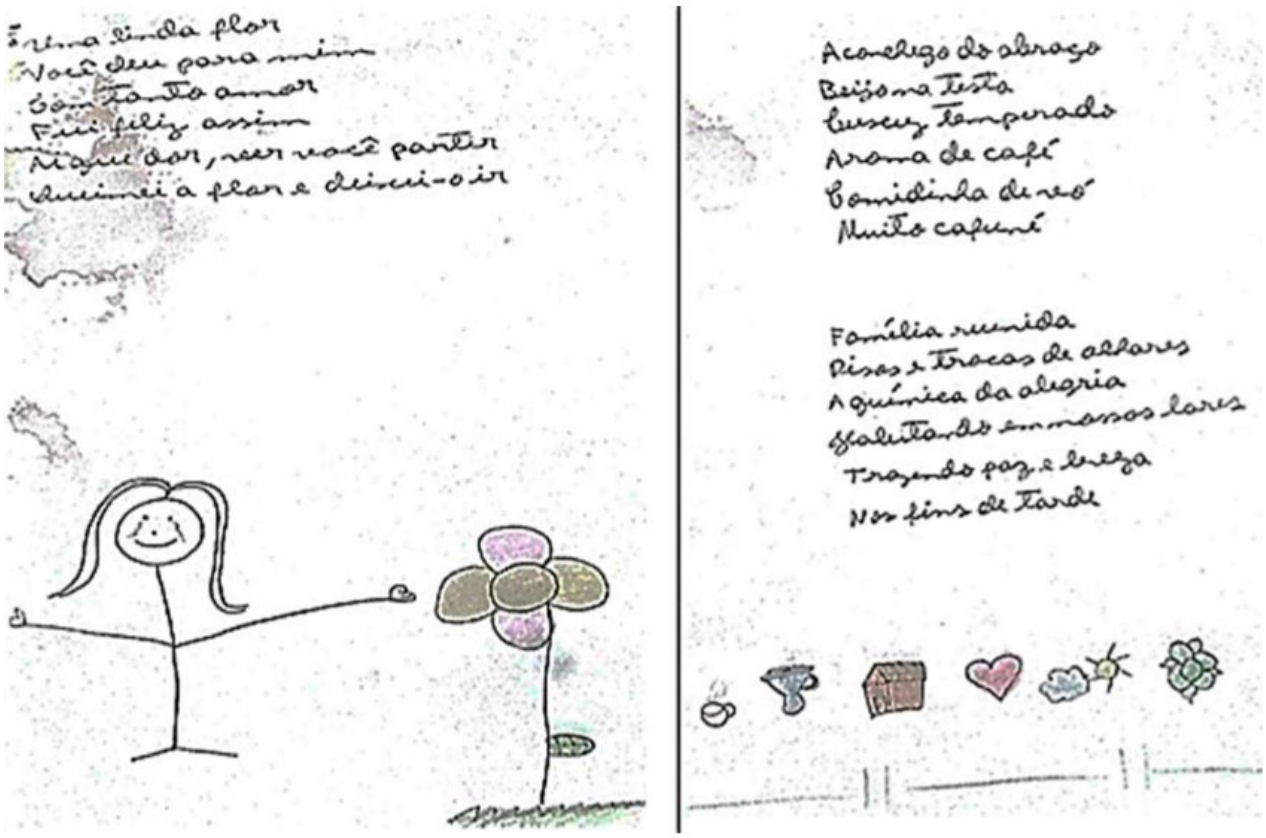


FIGURA 3– CORDEL DE ANA/ FONTE: DADOS DA PESQUISA (2025)

Já o cordel de Lidiane (Figura 4) trouxe a representação visual de cactos no sertão, com espinhos e sol intenso, simbolizando a dureza das vivências escolares. A participante, em sua representação verbal, fez menção à "o amor é uma química e a mistura de sentimentos". Inferimos que a metáfora pode expressar o sofrimento, mas também a resistência diante das normas escolares internalizadas.

A obra de Lidiane evidencia esse embate e, ao mesmo tempo, a possibilidade de reinventar-se em um ambiente que acolhe a expressão individual. Esse conflito reflete a tensão entre razão e emoção, dúvida e descoberta, que Goffman (1985) descreve entre o eu humano, espontâneo e vulnerável, e o eu socializado, o que impacta diretamente na construção da subjetividade, limitando a autonomia e a expressão dos sujeitos em ambientes educativos. Percebemos que a linguagem expressa nos cordéis deixou de ser apenas um código fechado para se transformarem num encontro, onde signos e afetos se entrelaçaram, contrapondo as expectativas sobre o processo de aprendizagem. Esses exemplos ilustram como a linguagem do cordel, ao transitar entre o simbólico, o afetivo e

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

o cognitivo, tornou-se ferramenta pedagógica potente para promover a articulação entre ciência e cultura.



FIGURA 4– CORDEL DE LIDIANE/FONTE: DADOS DA PESQUISA (2025)

Ao permitir que os sujeitos atribuíssem sentidos próprios à experiência, a oficina não apenas desestabilizou as formas hegemônicas de ensinar e aprender, como também fortaleceu o pertencimento e a produção coletiva de saberes. Como lembra Jodelet (2001, p. 15), "o partilhar serve à afirmação simbólica de uma unidade e de um pertencimento", e foi justamente na partilha que os cordéis se transformaram em expressão viva de subjetividades que resistem, se reinventam e criam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS A oficina evidenciou que o processo de aprendizagem vai além do cumprimento de regras, pois envolve aprender, sentir, estranhar, hesitar e construir conhecimento a partir das experiências significativas. Com sua linguagem acessível, o cordel proporcionou um ambiente formativo no qual as participantes se permitiram romper silêncios, ausências e a rigidez de um modelo educacional centrado na repetição e na conformidade.

Os signos presentes nas produções representaram dúvidas, inquietações e transformações vivenciadas durante a experiência, materializando afetos e sentidos, evidenciando que a aprendizagem se constrói na escuta sensível, na partilha de vivências e no reconhecimento das trajetórias de cada indivíduo. Nesse contexto, destaca-se a relevância da Iniciação Científica como espaço formativo do futuro profissional, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades como a persistência,

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

a escuta ativa e a responsabilidade, mobilizadas ao longo das etapas da oficina. A experiência reforça, assim, a importância de ambientes educativos que promovam a investigação comprometida com o diálogo, que valorizem narrativas plurais e acolham subjetividades. Torna-se imprescindível fomentar práticas acadêmicas e pedagógicas que respeitem os ritmos individuais e façam da ciência um território de escuta, compreensão e reinvenção.

ISSN 2236-6784 E-ISSN 2764-5878

REFERÊNCIAS

BERALDO, G. S; NETO, J. L. F. Iniciação científica na formação em psicologia: uma revisão de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 1034-1050, dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000300015. Acesso em: 1 de jul. 2025.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: Forproex, 2012. Disponível em: https://www.forproex.ufscar.br/documentos/politica-nacional-de-extensao. Acesso em: 15 jul. 2025.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1995.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.

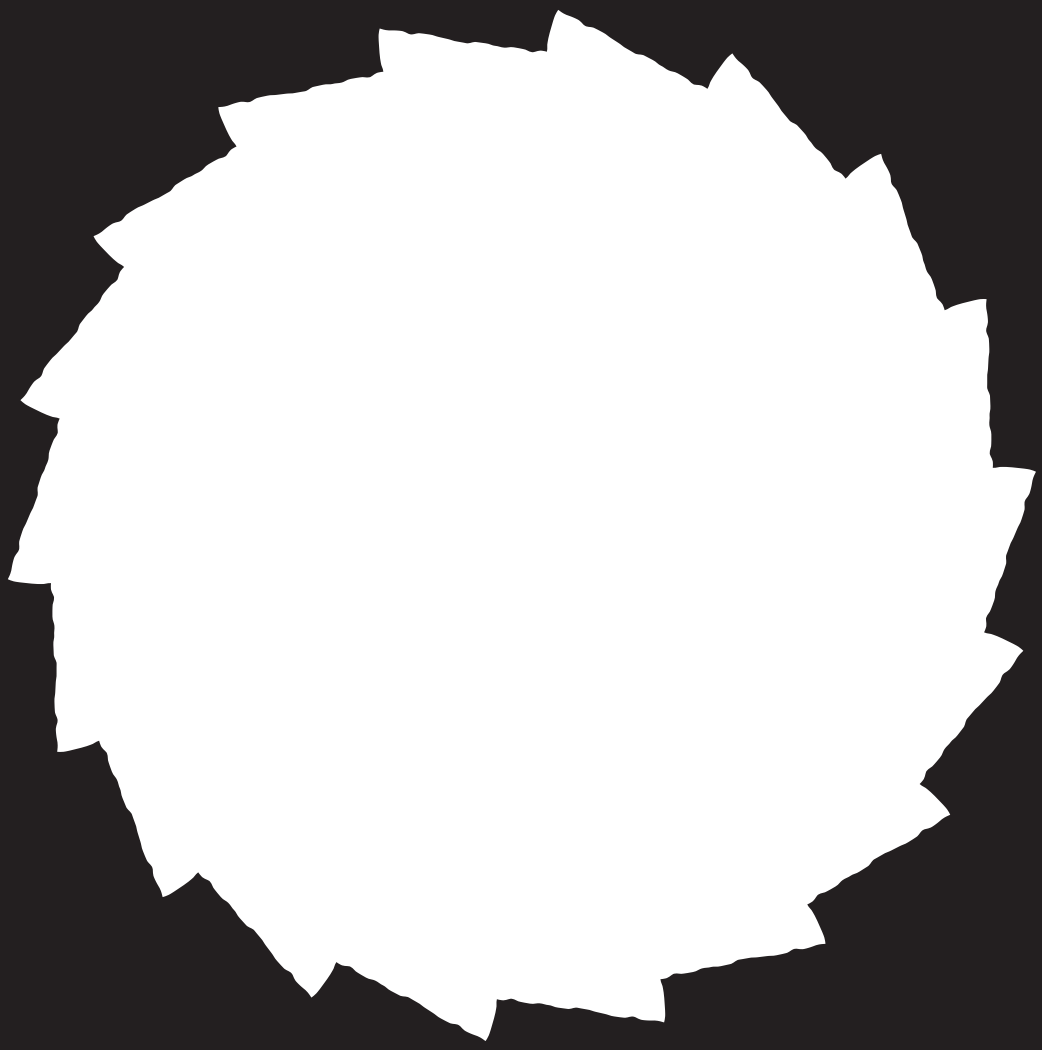
MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, A. C. P. A construção de subjetividades no ambiente escolar: relações de poder e contribuições da psicologia. **Revista Humanidades e Inovação** - ISSN 2358-8322 - Palmas - TO - v.9, n.08. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1913. Acesso em 25 de jul. 2025.

OLIVEIRA, C. I. C. **Imagens na educação em ciências**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 240 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.



CAMPUS UNIVERSITÁRIO
DE CRUZ DAS ALMAS, 710
CEP 44.380.000
Cruz das Almas BA

75 3621 4315
75 99978 1101

WWW.UFRB.EDU.BR/PROEXC
@proexc_ufrb